**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**
**FACULDADE DE LETRAS**
**PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LITERÁRIOS**

**Priscilla Adriane Ferreira Almeida**

# OS GAULESES EM CÉSAR, TITO LÍVIO E PLÍNIO, O VELHO:

SOBRE A RETÓRICA DA REPRESENTAÇÃO DO OUTRO E A CONSTRUÇÃO DO SI

**Belo Horizonte**
**2018**

PRISCILLA ADRIANE FERREIRA ALMEIDA

# OS GAULESES EM CÉSAR, TITO LÍVIO E PLÍNIO, O VELHO:
## SOBRE A RETÓRICA DA REPRESENTAÇÃO DO OUTRO E A CONSTRUÇÃO DO SI

Trabalho apresentado ao Programa de Pós Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor. O presente trabalho foi realizado com apoio da CAPES, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil.
Área de concentração: Literaturas Clássicas e Medievais.

Orientadora: Profª Drª Sandra Maria Gualberto Braga Bianchet

Belo Horizonte
2018

# AGRADECIMENTOS

Ao meu pai, Elvécio, e à minha saudosa mãe Sandra. Aos meus irmãos Karla e Juninho pelo companheirismo.

Ao Flávio, amor e luz dos meus dias.

Às irmãs Juliana, Nanda, Priscilla e Marina, pela amizade e carinho.

À Sandra que, muito mais que uma boa orientadora, representa verdadeiro oásis no meio acadêmico. Obrigada pela confiança e por ter topado fazer essa jornada comigo!

Aos professores doutores Jacyntho José Lins Brandão, Rafael Scopacasa, Fábio da Silva Fortes e Artur Costrino, que compuseram a banca e fizeram comentários muito relevantes para o enriquecimento deste trabalho.

Aos meus professores da Letras e da História da UFMG.

Agradeço a própria FALE, ao POSLIT, CAPES, Bibliothèque Nationale de France e a Fondation Hardt (paraíso dos classicistas!), pela oportunidade de concretizar este trabalho.

*Tu regere imperio populos, Romane, memento*
*(hae tibi erunt artes) pacique imponere morem,*
*parcere subiectis et debellare superbos.*

Tu, romano, lembra-te de comandar os povos com tua autoridade
(essas serão tuas artes); impor a lei em benefício da paz,
poupar os vencidos e dominar os soberbos.
(Virgílio, *Eneida*, VI, 851 a 853)

## RESUMO

Sabemos que os gauleses não deixaram nenhum material escrito, e sua cultura e história nos são conhecidas apenas por relatos de terceiros ou por estudos arqueológicos. Por isso, o tema das representações dos gauleses em César, Tito Lívio e Plínio, que compreende o período entre o século I a.C. a I d.C., é o foco principal desta pesquisa, já que corresponde ao momento em que a Gália é definivamente conquistada pelos romanos e transformada em província.

Propomos, no começo deste trabalho, uma reflexão sobre o próprio étimo "bárbaro", além de abordamos o conceito de barbárie – e de civilidade – entre gregos e romanos. Em seguida, falaremos sobre a expansão do domínio de Roma e como foi o contato entre romanos e gauleses. Após essa investigação, nos propomos a estudar a fundo algumas passagens latinas sobre os gauleses, cujas fontes são: o *De bello Gallico* (Sobre a guerra da Gália), de César; o *Ab urbe condita* (Da fundação da Cidade), de Tito Lívio; e a *Historia naturalis* (História natural), de Plínio, o Velho. Nessa análise dos trechos latinos veremos como se estrutura a retórica de representação dos gauleses e de como se operava essa construção da imagem de *bárbaro*, por eles exemplificada, e faremos considerações sobre o que era considerado ser bárbaro (ou civilizado) pelos romanos do século I a.C. a I d.C. Igualmente, realizaremos um estudo dos elementos retóricos empregados por César, Lívio e Plínio para caracterizar os gauleses, bem como analisaremos o tipo de vocabulário utilizado e as recorrentes figuras representativas empregadas para essas descrições. Por fim, encerraremos este trabalho com algumas considerações sobre o que se sabe hoje dos gauleses através de pesquisas historiográficas e arqueológicas.



**Palavras-chave**: Gauleses; César; Tito Lívio; Plínio, o Velho; Retórica; Alteridade.

# ABSTRACT

We know that the Gauls didn't leave any written material and their culture and history are known today by third-part reports and by archeological studies. Therefore, the theme of Gauls' representations in Caesar, Livy and Pliny the Elder, as it comprehends the temporal period from the I Century B.C. to I A.C., is the main objective of this academic paper, as it coincides with the moment in wich Gaul was conquered and transformed into a Roman province.

In the beginning of this paper we offer a reflection about the word "barbarian" itself; besides we focus on the concept of barbarity – and civilization – among Greeks and Romans. Thereafter we talk about the expansion of Rome's domain and how was the contact between Romans and Gauls. In addition we put forward to research some Latin passages about the Gauls, and the sources are: *De bello Gallico* (The Gallic War), of Caesar, *Ab urbe condita* (The History of Rome), of Livy, and in the *Historia naturalis* (Natural History), of Pliny, the Elder. In this analysis of the Latin passages we will be able to realize how the rhetoric of Gauls' representations is structured and how the construction of the image of the barbarian worked. We will also make some considerations about what was by the Romans from the I Century B.C. to I A.C. considered as barbarian (or civilized). Furthermore we make a research of the rhetoric elements used by Caesar, Livy and Pliny to distinguish the Gauls, as well to analyze the type of vocabulary and representative figures applied in these descriptions. Finally we close this academic paper by bringing some facts of what is know today by the Gauls through historiographical and archeological researches.



**Keywords**: Gauls; Caesar; Livy; Pliny, the Elder; Rhetoric; Alterity.

# SUMÁRIO

Introdução ..... 9
Do tema de pesquisa ..... 16
Da tradução e estudo ..... 21

Capítulo 1 – Gregos, romanos e celtas ..... 29
1.1 – Considerações sobre alguns termos fundamentais: *barbarus*, *hostis*, *humanitas*, *romanitas* ..... 29
1.2 – Os celtas vistos pelos gregos e romanos do século III e II a.C. ..... 42
1.2.1 – Políbio ..... 46
1.2.2 – Catão, o Censor ..... 58
1.3 – Os celtas vistos pelas fontes greco-romanas do século I a.C. a I d.C. ..... 63
1.3.1 – Posidônio ..... 63
1.3.2 – Cícero e a presença dos gauleses em seu discurso *Pro Fonteio* ..... 66
1.3.2.1 Cícero e o papel da historiografia latina ..... 76
1.3.3 – Diodoro Sículo ..... 80
1.3.4 – Estrabão ..... 84

Capítulo 2 – César e a Gália ..... 89
2.1 – Imperialismo romano: período de expansão do século II a.C. a I a.C. ..... 89
2.1.1 – O exército romano ..... 90
2.1.2 – O romano como o povo-rei e a justificativa ideológica da expansão imperialista ..... 92
2.1.3 – Política de conquista: a cidadania romana ..... 97
2.2 – A conquista da Gália ..... 100
2.2.1 – Algumas considerações sobre a questão da romanização na Europa Ocidental ..... 106
2.2.2 – Biografia concisa de César ..... 110
2.3 – *De bello Gallico*: aspectos gerais da obra de César ..... 112
2.3.1 – Discussão sobre gênero literário e aspectos formais nos comentários de César ..... 113
2.3.2 – O estilo do *De bello Gallico* e discussões sobre sua composição ..... 116
2.3.3 – Alguns conceitos romanos fundamentais em César ..... 121
2.4 – Estudo de trechos selecionados do *De bello Gallico* ..... 128

Capítulo 3 – Retratos e relatos sobre os celtas ..... 148
3.1 – A ascensão de Otávio e o surgimento do império romano ..... 148
3.2 – A política externa durante o governo de Augusto e a situação da Gália ..... 151

3.3 – Breve biografia de Tito Lívio e descrição do *Ab urbe condita* ..... 153
3.4 – Aspectos gerais de *Ab urbe condita* ..... 154
3.4.1 – Lívio e a concepção historiográfica ciceroniana ..... 157
3.4.2 – A ideologia política em Lívio ..... 159
3.5 – Estudo de trechos selecionados do *Ab urbe condita* ..... 162
3.6 – Plínio, o Velho ..... 195
3.6.1 – Biografia e breve resumo da *Historia naturalis* ..... 195
3.6.2 – A enciclopédia como gênero literário e instrumento de poder ..... 196
3.6.3 – Aspectos gerais e análise de trechos da *Historia naturalis* ..... 199

Capítulo 4 – "Nós e os outros": a retórica de representação do celta ..... 218
4.1 – As fontes: de onde vieram as imagens dos gauleses? ..... 218
4.2 – Mecanismos retóricos ..... 221
4.2.1 – Mecanismo retórico 1: assimilação x alienação ..... 223
4.2.2 – Mecanismo retórico 2: o papel da genealogia ..... 230
4.2.3 – Mecanismo retórico 3: a geografia ..... 231
4.3 – Os *tópoi* retóricos da alteridade ..... 235
4.3.1 – Considerações sobre vocabulário ..... 235
4.3.2 – Considerações sobre figuras de linguagem ..... 238
4.4 – Os antigos celtas: o que a arqueologia diz ..... 243

Considerações finais ..... 250

Referências bibliográficas ..... 255
Edições e traduções de textos antigos ..... 255
Dicionários ..... 259
Bibliografia geral ..... 260

Anexo – antologia de autores ..... 271
1 – César ..... 271
2 – Tito Lívio ..... 280
3 – Plínio, o Velho ..... 304

# Introdução

Consideramos importante iniciar este trabalho ressaltando o caráter da historiografia antiga, já que as obras que serão objeto de estudo e de referência para essa pesquisa pertencem, em sua maioria, a esse gênero. A história só passa a ser considerada "ciência", com metodologia e sistematização próprias, após o século XIX.[1] O historiador antigo não era um pesquisador, mas sim um escritor. Isso não quer dizer que ele jamais se preocupava com a realidade dos fatos. Entretanto, as suas ferramentas de pesquisa historiográfica eram amiúde, mas não só, os relatos de autores anteriores, a persistência de uma sólida tradição oral (mitos, lendas etc.) e a verossimilhança dos atos e personagens (MARTIN; GAILLARD, 1981, p. 108).

Quanto ao uso de fontes documentais, como Marincola ressalta (In: ERSKINE, 2009, p.19), os historiadores antigos não faziam uso dos mesmos da forma que os pesquisadores passaram a fazer a partir do século XIX – ou seja, tendo por método o uso de documentos como uma base confiável para um relato histórico. Isso acontecia na Antiguidade por várias razões: a primeira é a de que as evidências documentais não eram guardadas sistematicamente e não eram facilmente acessíveis; segundo, os historiadores tinham o costume de inquirir testemunhas oculares e participantes dos fatos; terceiro, o foco em grandes indivíduos e em grandes batalhas – em suma, em uma grande história – tornava os documentos irrelevantes para tais tipos de narrativa; por fim, os antigos não viam os documentos como testemunhas imparciais, mas apenas como um outro meio de testemunho que poderia ou não ser confiável (MARINCOLA, In: ERSKINE, 2009, p. 19).[2] O historiador antigo, portanto, preocupava-se primeiramente em recontar os fatos não cientificamente, mas artisticamente; o historiador atual preocupa-se com a análise dos acontecimentos (MARTIN; GAILLARD, 1981, p. 108). Como Nicolai (In: MARINCOLA, 2007, p. 14) descreve, o objetivo da historiografia antiga estava relacionado à criação de paradigmas, sobretudo os de cunho político-militar ou éticos; todos esses paradigmas da historiografia tinham, em certo sentido, uma finalidade política: a de formar uma classe governante, oferecendo modelos de análise e exemplos de comportamento (como em Tucídides); dar

[1] Guarinello, no capítulo "Uma morfologia da História", de sua tese de livre docência (2014, p. 53 a 74), faz uma reflexão sobre a História enquanto ciência, bem como sobre as questões metodológicas e campo de estudo da mesma.

[2] Marincola, no capítulo 2, intitulado "Historiography", (In: ERSKINE, 2009, p. 13 a 22), detalha de forma profunda a questão da escrita historiográfica na Antiguidade, bem como realiza um debate sobre os pressupostos dos historiadores antigos quanto à sua maneira de escrever o gênero história.

destaque a grandes personalidades – de modo positivo ou negativo – a título de exemplos de evolução moral (como em Salústio), ou ainda cumprir o objetivo de construir memória e identidade coletiva, como nas historiografias locais e *ktiseis*, relacionadas às origens e fundações. Evidentemente, o *corpus* de autores de historiografia antiga é bastante heterogêneo, com características muito diferentes entre si – sendo que o denominador comum a todos eles é o fato de terem escrito uma narração de evento, ou eventos (NICOLAI, In: MARINCOLA, 2007, p. 14). Além disso, embora o gênero historiográfico pressupusesse a imparcialidade e a auto-anulação do autor, evidentemente uma escrita completamente imparcial era algo inviável: a história, escrita por um indivíduo, não deixa de ser um texto como qualquer outro e, como tal, ele passa em maior ou menor grau a visão de mundo de seu autor. Como Fornara (1983, p. 169) lembra, comumente um poeta desejava expressar a si mesmo em sua obra (mesmo que fosse seu eu lírico); um historiador, por sua vez, optava por se esconder por trás dos sentimentos dos personagens da narrativa (sobretudo por meio dos seus discursos), ou poderia ser vagamente percebido na forma como ele descrevia os eventos.[3]

Sobre a definição da história, Veyne (1998, p. 18) pontua: "a história é uma narrativa de eventos: todo o resto resulta disso. Já que é, de fato, uma narrativa, ela não faz reviver esses eventos, assim como tampouco o faz o romance; o vivido, tal como ressai das mãos do historiador, não é o dos atores; é uma narração (...)". Veyne faz, nessa citação, uma referência importante que relaciona a história ao romance, já que ambos são narrativas em prosa. Brandão, em seu livro *A invenção do romance*, esclarece, de forma didática e acessível, como os antigos (sobretudo Platão e Aristóteles) definiam os gêneros narrativos, nos capítulos "O estatuto da narrativa: *diégesis* e *mímesis*" e seguintes.[4]

Focaremos, aqui, de forma resumida, na relação entre a história e o romance. Como Brandão (2005, p. 50) lembra, "(...) a história enquadra-se na modalidade da

[3] Para maior aprofundamento sobre a composição historiográfica e em que medida o ponto de vista do autor antigo pode ser contestado, cf. JOLY (2007, p. 7-9).

[4] Como Brandão (2005, p. 40 e ss.) destaca, para Platão a narrativa poderia ser classificada em narrativa simples (*haplè diégesis*), cujo exemplo é o ditirambo; narrativa mimética (*mímesis*), cujo maior exemplo é o drama; e a narrativa mista (*diégesis* e *mímesis*), que tem como exemplo a epopeia. Aristóteles segue o modelo de Platão, mas efetua em sua classificação uma enorme modificação: ele faz da mimese (e não da narrativa) o núcleo central. Para Platão, tudo quanto dizem prosadores e poetas é *diégesis*. Para Aristóteles, todas as narrativas (de prosadores e poetas), bem como a escultura, a música e a pintura, é *mímesis*. Para Aristóteles, a mimese se dá: às vezes narrando; tornando-se em algo outro (como faz Homero); como si mesmo e não mudando; ou com todos mimetizados, agindo e atuando.

narrativa mista, já que comporta a fala do narrador e discursos diretos de personagens (pelo menos em relação à maioria dos historiadores antigos) (...)". Essa definição de narrativa mista também se aplica ao romance, ainda que esse gênero de composição tenha surgido em período posterior às definições de narrativa descritas por Platão e Aristóteles.

Brandão (2005, p. 51 e 52) resume essa questão:

> Assim, três características separam a narrativa literária da narrativa histórica: a primeira refere-se ao universal, ocupando-se do que poderia acontecer, enquanto a segunda se volta para o particular e visa ao acontecido; a primeira organiza-se segundo os critérios da verossimilhança e da necessidade, enquanto a segunda, conforme as ações tenham acontecido num determinado tempo, guardando umas com as outras um nexo puramente casual; finalmente, a primeira, por suas características formais, tem como objetivo produzir prazer (*poieî... hedonén*). Embora Aristóteles não esclareça os objetivos da história, é lugar comum admitir que ela visa ao útil.

Dessa forma, o foco da narração será percebido por duas vias: a da utilidade ou da não utilidade (ou seja, o divertimento) e, por consequência, pela via da verdade (*alétheia*) ou da ficção (*pseûdos*) (BRANDÃO, 2005, p. 56). O historiador antigo, todavia, não possuía essa concepção de "verdade histórica" tal como se tem hoje; de acordo com Martin e Gaillard (1981, p. 109), o historiador antigo presumia que seus predecessores tinham dito a verdade e, se acontecesse de ele suprimir um ou outro detalhe que lhe parecesse inverossímil, em essência ele considerava a tradição como conferidora da autoridade; a partir do momento em que o relato fornecido era racional e coerente, era aceitável.

No contexto romano, já existiam relatos rudimentares dos fatos – desde meados de 300 a.C. o pontífice máximo escrevia em uma tábula branca os eventos cotidianos, conflitos bélicos, bem como o calendário religioso e prodígios diversos, e essa placa era afixada no fórum (ANDRÉ; HUS, 1974, p. 10). Além disso, tinham-se registros de leis, tratados diplomáticos, anais religiosos e os registros das grandes famílias patrícias.

Quanto à literatura latina em si – e evidentemente a historiografia – tem-se uma grande influência dos gregos, a partir do contato entre essas duas culturas, sobretudo a partir de meados do século II a.C., quando Roma conquistou várias cidades helênicas. O próprio termo grego ἱστορία, do qual vem o vocábulo latino *historia*, a princípio significava "pesquisa". Com o tempo, ἱστορία passou a designar conhecimento obtido ou informação e, por fim, tornou-se sinônimo de narrativa sobre fatos e/ou feitos de alguém (LIDDELL; SCOTT; JONES, 1996, p. 842). Em latim esse tipo de narrativa de

realizações pessoais é conhecido como *res gestae* (fatos realizados) – sendo as *Res Gestae* do imperador Otávio Augusto o exemplo mais conhecido.[5]

Quanto à origem de narrativas historiográficas em Roma, já em 220 a.C. Névio escreveu uma epopeia de cunho historiográfico intitulada *Bellum Punicum* (Da guerra púnica), da qual existem poucos fragmentos. Essa obra tratava dos primórdios de Roma e das suas origens troianas. Ênio, contemporâneo de Catão, o Velho, escreveu os *Annales* (Anais), entre 180 e 169 a.C., em hexâmetros datílicos. A obra possuía 18 livros, que tratavam desde os primórdios de Roma até a Guerra da Ístria, entre 178 e 177 a.C. Depois de Ênio as obras historiográficas latinas passam a ser escritas exclusivamente em prosa. O grande florescimento do gênero em Roma ocorreu, especialmente, no período entre o século I a.C. ao século II d.C., com autores como César, Salústio, Tito Lívio e Tácito.

Como Martin e Gaillard (1981, p. 109 e 110) afirmam, episódios dramáticos, momentos épicos, discursos e perigos constituíam parte da matéria historiográfica antiga – o esforço de racionalismo e análise política nunca estavam ausentes; de fato, o saber histórico era indispensável à clarividência política, pois a historiografia latina era endereçada ao homem de estado, ao homem de ação, e deveria ter uma finalidade útil.[6] Escrever história na Antiguidade, portanto, consistia na preocupação de conservar, para a posteridade, a lembrança dos atos e feitos dos ancestrais (...) e a iniciativa de fazer um relato literário do passado (MARTIN; GAILLARD, 1981, p. 110). A historiografia antiga era um gênero que abarcava vários subgêneros, como o *commentarius* (utilizado por César), e os *annales* (utilizado por Tito Lívio).[7]

[5] Também conhecido pelo nome de *Monumentum Ancyranum* – Monumento de Ancira), já que a inscrição dos feitos de Otávio se encontra em uma estela na atual cidade de Ancara.

[6] Abordaremos mais adiante, no subcapítulo 1.3.2 referente a Cícero, a concepção da historiografia latina e a sua utilidade, sobretudo como ferramenta política ao orador.

[7] O *commentarius* (comentário), do antecedente grego *hypomnema* (memória), consistia em narrativas provenientes de materiais sem acabamento, como anotações, relatórios etc., e era bastante utilizado por magistrados e chefes militares para informar o governo sobre suas atividades, ou ainda como rascunho para depois ser melhor desenvolvido. Os maiores exemplos desse tipo de composição são os dois textos de César. Cícero também escreveu um comentário sobre seu consulado, mas não foi publicado (CONTE, 1999, p.226). Os *annales* (anais) formam um gênero de escrita no qual os acontecimentos são narrados ano a ano e foram o primeiro modelo historiográfico utilizado pelos romanos. Segundo Conte (1999, p. 368), a obra de Lívio, *Ab urbe condita*, teria uma subdivisão de livros por décadas. Além de Tito Lívio, outro exemplo desse gênero são os *Annales* de Tácito. Todavia, Lívio, pelo fato de contar a história de Roma desde a sua fundação até os dias que lhe eram contemporâneos, também se encaixa no subgênero da história universal. Para explicação mais detalhada sobre os subgêneros da historiografia latina, cf. ANDRÉ; HUS, 1974, p. 9-14.

Sobre a evolução da historiografia romana sob influência helenística e o seu desenvolvimento ao longo do tempo, Lintott (In: BOARDMAN et al., 1986, p. 641) afirma:

> In the late second century a distinction was drawn between *annales*, in the strict sense of a chronicle of events year by year, and *historiae*, which involved casual analysis. In due course the term 'historiae' was to be used by Sallust and Tacitus for works about their own lifetime, while 'annales' tended to mean ancient history. Cato had been the pioneer in turning history into a political weapon; by 100 BC politicians were writing memoirs to set the record right about themselves. This trend led in time to Caesar's commentaries and Augustus' *Res Gestae*. (…) However, side by side with contemporary history antiquarian history flourished as never before. The material in the earlier annals was expanded by material culled from a variety of documents, whether genuine or forged, and supplemented by frequently stereotyped inventions, such as led Livy to wonder how the Volscians and Aequians had enough men to be slaughtered so often by the Romans.(grifos do autor) [8]

A respeito da própria história de Roma, desde o seu início a cidade sempre se envolveu em guerras e conquistas, em grande contato com povos estrangeiros. De acordo com relatos literários que bebiam na fonte das narrativas lendárias, o herói primordial, Eneias, fugiu de Troia e partiu em busca da Itália para ali estabelecer o novo povo romano e a nova pátria. Virgílio narra esse episódio nos primeiros versos do livro I da *Aeneis* (Eneida), e, também nesse livro está a passagem em que Eneias chega a Cartago. Nesse lugar, o herói troiano conta para Dido, nos livros II e III, sobre a queda de Troia e também sobre suas andanças e aventuras em busca da costa da Itália. Eneias deixa Cartago e Dido suicida-se (livro IV); temos em seguida a narração da viagem dos troianos até a Itália (livro V) e a ida de Eneias ao inferno, onde ele tem uma visão do futuro grandioso de Roma (livro VI). Eneias finalmente chega à península Itálica e encontra-se com o rei Latino; a guerra entre itálicos e troianos se inicia quando o rei Latino oferece a mão da sua filha Lavínia a Eneias, sendo que a mesma já tinha sido prometida ao príncipe Turno (livro VII). Virgílio conta sobre os confrontos entre os exércitos de Turno e Eneias, entre os cantos VIII e XI. A guerra entre troianos e rútulos apenas se encerra quando, em um duelo, Eneias vence Turno, no livro XII da *Aeneis*.

[8] "No final do segundo século uma distinção foi feita entre *annales* (anais), no sentido estrito de uma crônica de eventos ano a ano, e *historiae* (histórias), que envolviam análise dos fatos. Mais tarde, o termo 'historiae' era usado por Salústio e Tácito para trabalhos sobre o seu próprio tempo, enquanto 'annales' tendia a designar história antiga. Catão foi o pioneiro em transformar a história em uma arma política; já em 100 a.C. políticos escreviam memórias para um registro correto sobre eles mesmos. Essa tendência levou no futuro aos comentários de César e *Res Gestae* (feitos) de Augusto. (...) Todavia, lado a lado com a história contemporânea, a história antiga floresceu como nunca antes. O teor dos antigos anais foi expandido por materiais selecionados a partir de uma variedade de documentos, tanto genuínos quanto forjados, e acrescidos de frequentes invenções estereotipadas, como as que levaram Lívio a duvidar como volscos e équos pudessem possuir homens suficientes para serem mortos frequentemente pelos romanos."

Muitos outros exemplos de conflitos com outros povos podem ser encontrados na história mítica de Roma, como as lendas que envolvem Horácio Cocles, Múcio Cévola, Régulo...[9]

No campo historiográfico, já no século V a.C., Roma iniciou a conquista de outros povos itálicos, como os équos, os volscos e os sabinos. Em 390 a.C., Roma (exceto o Capitólio), foi tomada pelos gauleses e obrigada a pagar um pesado tributo para recuperar a cidade.[10] Posteriormente, Roma e Cartago se envolveram em violentas disputas pela hegemonia do mar mediterrâneo, que resultaram nas Guerras Púnicas. A primeira dessas guerras ocorreu entre 264 e 241 a.C., a segunda entre 218 e 201 a.C., e a terceira entre 149 e 146 a.C. Entrementes, Roma entrou em conflito contra a Hispânia de 218 a 206 a.C. e, no período entre 201 e 175 a.C., Roma conseguiu a submissão definitiva da Gália Cisalpina.[11] Novamente temos confrontos entre romanos e gauleses. Entre 105 e 101 a.C., o general Mário aniquilou os cimbros e os teutões em Aix, na Gália (102 a.C.), e em Vercelas, na Itália (101 a.C.). Posteriormente, Júlio César conquistou a Gália definitivamente, entre os anos 58 e 51 a.C.[12]

Cabe aqui fazer um esclarecimento sobre os termos *celta* e *gaulês*, nas palavras do próprio César, no começo de sua obra *De bello Gallico* (I,1), em tradução nossa: *Gallia est omnis diuisa in partes tres, quarum unam incolunt Belgae, aliam Aquitani, tertiam qui ipsorum lingua Celtae, nostra Galli appellantur*. "Toda a Gália é dividida em três partes, das quais os belgas habitam uma, os aquitanos a outra, e a terceira habitam aqueles que, em sua própria língua, são chamados 'celtas', na nossa 'gauleses'." Ora, para os romanos havia distinção entre os celtas e outros povos que habitavam a Gália. Neste trabalho, ao conjunto dos povos da Gália (belgas, aquitanos e celtas), vamos nos referir a todos eles indistintamente como gauleses, galos e celtas.[13]

[9] Pereira faz uma rápida antologia sobre os heróis míticos de Roma (1993, p. 11 a 32).
[10] Tito Lívio narra o episódio no livro V (48 a 51) de *Ab urbe condita*. Schmidt (2010) narra todos os enfrentamentos entre gauleses e romanos desde o século IV a.C. até o fim do império romano no século V d.C.
[11] Para mais detalhes sobre a conquista da Gália Cisalpina, ver SCHMIDT (2010, p. 105 e 106).
[12] Para todas as datas citadas nesse trecho, e também as datas mencionadas anteriormente, sobre acontecimentos entre 264 e 175 a.C., usamos a cronologia de Bornecque e Mornet (2002, p. 6 a 12).
[13] O termo *celta* era um atributo étnico, usado primeiramente pelos gregos para se referir aos povos que viviam ao norte da colônia de Marselha. Possivelmente tem ligação com a raiz *kel*, tendo o obscuro significado de *exaltado* ou *combativo*. O termo gaulês, por sua vez, já era usado pelos romanos para se referir ao povo que veio do norte e saqueou a cidade no começo do século IV a.C. e, posteriormente, para se referir a todos os povos que possuíam linguagem e cultura célticas (RANKIN, 1996, p. 1 e 2).

Tais incursões romanas eram motivadas por vários aspectos políticos, econômicos e sociais. No plano político, Goudineau (2007, p. 324) resume a nova posição de Roma ao conquistar a Gália, ao afirmar:

> La conquête césarienne a modifié de fond en comble l'équilibre du monde romain, jusqu'alors centré sur la Méditerranée (à l'exception, tout juste, du Pont-Euxin). En superficie, les "nouveaux territoires" représentent environ 30% de ce monde, Italie exclue – ce qui est énorme. (...) La guerre des Gaules a radicalement et définitivement transformé les données géo-politiques du monde antique. Inversement, l'histoire des Gaules tient en grande partie à leur environnement, aux nouvelles données stratégiques (les frontières germaniques, la proximité de la Bretagne) qui eurent de conséquences à la fois sociales et économiques.[14]

Quanto ao aspecto econômico, Roma passou a ter maior mão de obra escrava para os grandes latifúndios, receita maior com tributos pagos pelos povos vencidos, e também maior número de soldados, já que as províncias deveriam fornecer tropas auxiliares (DELAPLACE; FRANCE, 2011, p. 53). Além disso, Roma aumentou a zona de comércio e circulação de mercadorias, e explorou minas de ouro e prata na Gália Transalpina (GOUDINEAU, 2007, p. 340).

No campo social Roma, em seus domínios, tornou-se mais versátil em termos culturais. Ao contrário dos gregos, que jamais concederam a cidadania aos povos estrangeiros, em Roma esse processo foi diferente. Após a conquista definitiva da Gália empreendida por César, o território passou a ser romanizado, e as elites locais foram mantidas. Delaplace e France (2011, p. 53) afirmam o seguinte sobre esse fenômeno:

> En effet, les aristocraties locales profitent, quant à elles, de la romanisation qui, même si elle s`accompagne de mesures contraignantes, leur apporte le soutien de Rome pour renforcer leur domination sociale et leur permet de bénéficier de privilèges liés à l'obtention de la citoyenneté romaine. Dès ce moment, plusieurs de ces notables gaulois bénéficient en effet de l'octroi de la *ciuitas*.(grifo do autor)[15]

[14] "A conquista cesariana modificou completamente o equilíbrio do mundo romano, agora centrado no Mediterrâneo (com exceção, talvez, do Ponto Euxino). Em superfície, os "novos territórios" representam cerca de 30% desse mundo, excluída a Itália - o que é enorme. (...) A guerra das Gálias transformou de forma radical e definitiva os domínios geopolíticos do mundo antigo. Inversamente, a história das Gálias se deve em grande parte ao seu ambiente e aos novos domínios estratégicos (as fronteiras germânicas, a proximidade da Bretanha) que acarretaram consequências tanto sociais quanto econômicas."

[15] "De fato, as aristocracias locais desfrutavam, elas mesmas, da romanização que, mesmo se acompanhada de medidas restritivas, lhes concedia o suporte de Roma para reforçar a sua dominação social e lhes permitia se favorecer dos privilégios relacionados à obtenção da cidadania romana. A partir desse momento, muitos desses notáveis gauleses passaram a se beneficiar da concessão da *ciuitas*".

Dessa maneira, ao longo do século I a.C. e do século I d.C., temos a conquista de territórios da Europa ocidental, e esses lugares permanecerão, de certa forma, sob influência definitiva da romanização, mesmo após a queda do império romano, com o predomínio das línguas latinas (BASSETTO, 2005, p. 99 e 100).

Os romanos tiveram um contato muito grande com os ditos *bárbaros*, já que lutaram contra eles durante quase a totalidade de sua história, ampliando e defendendo suas fronteiras. Todavia, esse processo de conquistas não foi unilateral: apesar de os romanos terem dominado povos diferentes, eles também adquiriram muitos dos hábitos estrangeiros – como o culto persa a Mitra, o culto a deuses egípcios e a grande influência cultural dos gregos sobre Roma, dentre outros exemplos. Quanto aos povos conquistados, Roma possuía uma dupla forma de tratar com os vencidos. Os estrangeiros que eram inimigos da cidade e que resistiam à conquista, quando derrotados, eram subjugados e obrigados a pagar altos tributos. Todavia, alguns povos se aliavam a Roma de maneira diplomática. O grande aspecto que diferenciava Roma dos outros povos antigos, contudo, era a manutenção das elites locais dos territórios conquistados pacificamente, e até mesmo a concessão de cidadania, plena ou parcial, a essas elites. Esse fenômeno visava tanto a diminuir revoltas contra Roma quanto coibir alianças entre os inimigos do império (GUARINELLO, 2014, p. 296).[16] Roma, que desde as suas origens já se relacionava com outros povos, tornou-se, então, um domínio multicultural.[17]

Do tema de pesquisa

Vimos que Roma ampliou seus territórios através das conquistas, obtendo terras e mão de obra para os latifúndios, além de receitas com tributos e aumento do seu território.[18] Sobre esses escravos obtidos em conquistas militares, já Bloch e Cousin (1964, p. 123) afirmaram que "(...) Lúculo, Murena, Servílio, Pompeio vão enviar do Oriente verdadeiros carregamentos de homens entre os anos 80 e 63; César passa por ter

[16] Mencionamos anteriormente várias conquistas que foram realizadas durante o período da República romana. Ao falar de império, estamos considerando aqui o sentido de conquista e dominação dos romanos perante outros povos, e não a forma de governo iniciada por Otávio Augusto.

[17] No capítulo 2 deste trabalho voltaremos ao tema da conquista romana, bem como ao processo de romanização, de forma mais profunda.

[18] A discussão sobre os motivos que impulsionaram as conquistas de Roma não se esgota apenas nessa justificativa econômica; aprofundaremos mais esse assunto adiante, no subcapítulo 2.1.2, intitulado "o romano como o povo-rei e a justificativa ideológica da expansão imperialista".

trazido das suas campanhas, consoante os autores, 150.000, 400.000 e mesmo um milhão de prisioneiros: este recrutamento contínuo de 'gado' humano desafia todo o numeramento." Também sobre o genocídio dos gauleses, Canfora (2002, p. 157) afirma que "a Gália, o mundo céltico, foi dessa forma, com a violência e o genocídio, mergulhada no circuito da 'civilização' romana." Muito se fala sobre a expansão do império romano, mas ao ler as citações anteriores temos uma ideia de quão violento esse processo foi.

No tocante aos gauleses, diferem os discursos e escritos, tanto os antigos quanto os contemporâneos. Além da miscelânea de fontes antigas, temos ainda o preconceito de estudiosos da área, que às vezes valorizam a supremacia greco-romana em detrimento de outras culturas. Sobre esse aspecto, temos um exemplo neste trecho escrito por Anderson (1982, p. 67):

> A Espanha e a Gália, e mais tarde a Nórica, a Rétia e a Bretanha, eram terras remotas e primitivas povoadas por comunidades tribais celtas, muitas delas sem qualquer contacto histórico com o mundo clássico. A sua integração neste levantou problemas de ordem completamente diversa dos da helenização do Próximo Oriente. Tratava-se não somente de povos social e culturalmente atrasados, mas de regiões interiores, de um tipo que a Antiguidade clássica fora até então incapaz de organizar economicamente.

O autor afirma acima que os povos bárbaros eram "social e culturalmente atrasados". De acordo com outros pesquisadores, na verdade, os gauleses não seriam tão atrasados como Anderson escreveu. No livro *Roma e o seu destino*, por exemplo, Bloch e Cousin (1964, p. 234) afirmam o seguinte sobre os gauleses na época da conquista romana:

> Os gauleses conhecem, com efeito, os processos de herança e de estremas, a venda em leilão, o dote da mulher, uma espécie de vassalidade comparável à clientela romana, até mesmo a escravidão, o arrendamento da cobrança de impostos, taxas, pesagens e postagens; os seus sistemas económicos e sociais, que eram os que tinham servido de base aos Celtas de Hallstatt e de La Tène, servirão aos Romanos conquistadores para estabelecer sobre uma aristocracia fundiária, já em contacto com as civilizações danubiana, renana, oceânica e mediterrânea em resultado das migrações e das osmoses, o seu poder e a sua propaganda.

Desde a Antiguidade era comum que esses povos fossem por vezes retratados como oriundos de uma categoria civilizacional "inferior" à dos romanos. A palavra *bárbaro*, que para os gregos e romanos designava os povos estrangeiros, depois se

tornou sinônimo de falta de civilização, selvageria, crueldade. Os pesquisadores Delaplace e France (2011, p. 43), a esse respeito, escrevem:

> De même, l'image ethnique du Gaulois se nourrissait plus volontiers de clichés que de connaissances positives. Le Gaulois était un Barbare, quelqu'un qu'on ne comprend pas et qui est étranger aux bienfaits comme aux exigences de la civilisation. Les Romains, comme les Grecs, n'avaient sans doute pas de préjugés raciaux, mais leurs *a priori* culturels étaient exclusifs. Cette infériorité culturelle conditionnait l'infériorité morale du Barbare, sa cruauté, sa sauvagerie et le caractère primitif de ses structures économiques, sociales et politiques. Ce peu de considération pour le monde barbare en général explique l'absence de scrupules et l'arrogance dont les Romains faisaient preuve à l'égard des provinciaux. (...) Cette attitude était héritée des *topoi* de l'ethnographie grecque depuis Hérodote, mais elle doit être nuancée et évolua certainement au contact des realités, et à cause du nombre de plus en plus important de non-Romains dans l'Empire. On ne trouve pas chez César ou chez Tacite la même véhémence et le même mépris vis-à-vis des Gaulois, voire des Germains. Ils leur reconnaissent des qualités et la capacité de s'adapter aux modèles culturels de Rome. César estime d'ailleurs qu'il pouvait y avoir des degrés dans la barbarie, comme ceux qu'il établit entre Gaulois, Belges et Germains.[19]

O que nos propomos a fazer nesta pesquisa é justamente estudar a fundo alguns registros antigos sobre os gauleses, como eles eram representados e de como se operava essa construção da imagem de *bárbaro*, por eles exemplificada, nos autores romanos do *corpus* escolhido, imagem essa que poderia ser bastante complexa, já que nem sempre os bárbaros eram retratados como os "vilões". Empregaremos as seguintes fontes para a análise da representação do gaulês em nossa pesquisa: o *De bello Gallico* (Sobre a guerra da Gália), de César; o *Ab urbe condita* (Da fundação da Cidade), de Tito Lívio; e a *Historia naturalis* (História natural), de Plínio, o Velho.[20]

---

[19] "Do mesmo modo, a imagem étnica do gaulês se sustentava mais com clichês do que com conhecimentos positivos. O gaulês era um bárbaro, alguém que não era compreendido e que era alheio aos benefícios como requisitos da civilização. Os romanos, assim como os gregos, sem dúvida não possuíam preconceitos raciais, mas, *a priori*, esses preconceitos eram exclusivamente culturais. Essa inferioridade cultural constituía a inferioridade moral do bárbaro, sua crueldade, sua selvageria e o caráter primitivo de suas estruturas econômicas, sociais e políticas. Essa consideração sobre o mundo bárbaro em geral explica a ausência de escrúpulos e a arrogância dos romanos perante os provincianos. (...) Essa atitude é herdeira dos *tópoi* da etnografia grega desde Heródoto, mas ela foi atenuada e certamente evoluiu em contato com as realidades, e também devido ao número cada vez mais importante de não romanos dentro do império. Não se encontrou em César ou em Tácito a mesma veemência e desprezo perante os gauleses, até mesmo os germanos. Eles reconheceram as qualidades deles e a sua capacidade de se adaptar aos modelos culturais de Roma. César, além disso, considerou que poderia haver gradações dentro da barbárie, como aquelas que ele estabeleceu entre gauleses, belgas e germanos".

[20] Do trabalho de César, temos no Brasil pesquisas recentes mais concentradas no *De bello ciuili* do que no *De bello Gallico*. Desse último, temos uma tradução do século XIX feita pelo maranhense Francisco Sotero dos Reis. Sobre o tema relacionado à Gália, temos também a dissertação de mestrado de Diego Verissimo Oliveira, sobre o perfil de Vercingetórige em César, do ano de 2008. Quanto a Tito Lívio, os estudos atuais concentram-se mais em aspectos políticos ou historiográficos romanos. Temos, por exemplo, a tese de doutorado de Juliana Bastos Marques, sobre renovação da identidade romana em Lívio e Tácito (2007); de Marco Antonio Collares, há um livro sobre representações do senado romano em

Escolhemos César porque, em se tratando de gauleses, sua obra é fundamental para esse estudo.[21] Durante seus nove anos de campanha na Gália, ele penetrou em um território alheio, em um universo até então desconhecido e temido pelos romanos. César aprendeu a conhecer os diferentes graus de *ferocitas*, a diversidade de povos célticos e de tribos germânicas, e observou a instabilidade política e social dos gauleses, e também sua cultura e sua bravura (DAUGE, 1981, p. 93). Apesar de autores gregos, como Políbio,[22] já terem escrito sobre os celtas, na verdade é de César que temos um relato mais detalhado (o primeiro em língua latina) e mais aprofundado.[23] Alguns autores gregos já escreveram sobre os gauleses antes de César, mas nunca tiveram contato duradouro com esse povo. Nas palavras de Gruen (2011a, p. 141) temos:

> That corpus offers an invaluable entrance to a critical subject: the mode of representing to a Roman readership a foe with a long history of hostility and one that had recently claimed many Roman lives while straining the manpower and resources of the nation for several bloody years.[24]

Sobre Tito Lívio, um traço essencial de sua obra *Ab urbe condita*, também conhecida por *História romana*, é a preocupação em retratar o romano como um povo que vence os bárbaros ao longo de vários séculos de luta. A esse respeito, Dauge (1981, p. 170) afirma que "les 142 livres de cette véritable épopée en prose, dont la richesse s'ordonne en structures rigoureuses, étaient destinés à illustrer le génie romain, et à retracer les luttes du 'premier peuple du monde' contre la barbarie au cours des

---

Lívio (2010). A respeito de Plínio, as pesquisas realizadas no Brasil atualmente concentram-se em aspectos biológicos da *Historia naturalis*. Destacamos aqui, dentre outros trabalhos, o artigo de Roberto de Andrade Martins, sobre descrição das aves em Aristóteles e Plínio (2006), e ainda o artigo de Ana Thereza Basilio Vieira, que trata do conceito de natureza em Plínio (2010).

[21] Todavia, em maior ou menor grau, os comentários de César possuem distorções históricas com a finalidade de propaganda para a sua ascensão ao poder. Falaremos mais sobre essa questão no capítulo 2 deste trabalho.

[22] Desde o século IV a.C. temos relatos gregos sobre os povos da Gália, sobretudo de Massalia (hoje Marselha). Momigliano (1991, p. 57 a 60) faz um levantamento de todos os autores gregos (antes do domínio de Roma) que mencionaram os gauleses.

[23] De fato, Catão o Censor já tivera contato com os celtiberos em 195 a.C., quando se dirigiu para a Hispânia, a fim de estabelecer a administração romana durante seu consulado. Momigliano (1991, p. 63) resume de forma exemplar a experiência de Catão com os celtiberos e afirma que ele foi o primeiro romano a demonstrar maior interesse sobre os gauleses. Infelizmente, de toda a obra de Catão, atualmente possuímos apenas fragmentos e pouco pode ser depreendido desse material.

[24] "Esse corpus oferece uma inestimável entrada para um assunto crítico: o modo de representar ao leitor romano um inimigo com uma longa história de hostilidade e que até recentemente reivindicou muitas vidas romanas enquanto constringia a mão-de-obra e recursos da nação por muitos anos sangrentos."

siècles."[25] No livro V, por exemplo, Lívio narrou os primeiros contatos entre romanos e gauleses e também o saque de Roma por estes últimos.

Quanto a Plínio, em sua vasta obra enciclopédica o autor mencionou uma enorme quantidade de povos, das mais variadas regiões. O autor também se preocupou em retratar a *ferocitas* (ferocidade) bárbara, mas foi além: descreveu os hábitos culturais, a diversidade dos costumes, alguns aspectos de alimentação, a constituição física dos indivíduos e a vida social desses povos (dentre eles, os gauleses). Consideramos, portanto, que esse relato bastante heterogêneo seja de grande interesse para o tema de nossa pesquisa, já que mostra um ponto de vista diferente do gaulês retratado em histórias de campanhas militares e guerras. Um exemplo que temos desse ponto de vista diverso é que Plínio chegou a elogiar a forma como os gauleses fiavam a lã, em *Historia naturalis*, VIII, 73. César (*BGall.*, VII, 22) também fez uma descrição menos estereotipada dos gauleses, e elogiou a forma como eles se defendiam do assédio dos romanos, ao dizer:

> *Singulari militum nostrorum uirtuti consilia cuiusque modi Gallorum occurrebant, ut est summae genus sollertiae atque ad omnia imitanda et efficienda quae ab quoque traduntur aptissimum. Nam et laqueis falces auertebant, quas, cum destinauerant, tormentis introrsus reducebant, et aggerem cuniculis subtrahebant, eo scientius quod apud eos magnae sunt ferrariae atque omne genus cuniculorum notum atque usitatum est. Totum autem murum ex omni parte turribus contabulauerant atque has coriis intexerant. Tum crebris diurnis nocturnisque eruptionibus aut aggeri ignem inferebant aut milites occupatos in opere adoriebantur et nostrarum turrium altitudinem, quantum has cotidianus agger expresserat, commissis suarum turrium malis adaequabant et apertos cuniculos praeusta et praeacuta materia et pice feruefacta et maximi ponderis saxis morabantur moenibusque adpropinquare prohibebant.*
>
> Ao singular valor dos nossos soldados opunham-se os projetos de todo tipo dos gauleses, pois são um povo de enorme habilidade e muito apto a imitar e praticar as invenções alheias. Na verdade, não só desviavam as foices com laços, mas, como as prendessem, de novo impeliam-nas para dentro com máquinas; eles também muito habilmente destruíam o talude[26] através de cavas, porque eles dispunham de grandes jazidas de ferro e todo tipo de escavações é conhecido e utilizado por eles. Além disso, de todos os lados os gauleses guarneceram o muro com torres de tábuas, e as cobriram com peles. Depois, com frequentes saídas, de dia ou de noite, ora incendiavam o talude,

[25] "Os 142 livros dessa verdadeira epopeia em prosa, da qual a riqueza se ordena em estruturas rigorosas, eram destinados a ilustrar o gênio romano, e a retratar as lutas do "primeiro povo do mundo" contra a barbárie ao longo dos séculos."

[26] O talude (*agger*) consistia em um caminho elevado criado a partir da terra retirada do fosso. Em cercos, como na situação descrita nesse trecho, o talude era um aterro feito para tentar invadir uma fortificação: em sua extremidade os romanos construíam torres móveis de madeira, para facilitar a passagem das muralhas. As cavas (*cunniculi*) eram passagens subterrâneas feitas sob o talude, que permitiam minar a base do muro inimigo. Para mais detalhes sobre engenharia militar, cf. Bornecque e Mornet (2002, p. 119 a 123). Também sobre esse assunto, o *Compêndio da arte militar*, de Vegécio, fornece detalhes preciosos.

> ora atacavam os soldados ocupados nas manobras; também eles igualavam a altura das nossas torres, juntando os postes das suas, quanto o talude a cada dia as elevara. Eles fechavam as cavas abertas com madeira queimada e pontuda, pez fervente e pedras de enorme peso, e impediam-nos a aproximação das muralhas.

Evidentemente, ao longo de toda a literatura latina os galos apareceram em vários textos historiográficos e de outros gêneros de composição. Em nossa pesquisa, achamos menção aos celtas e gauleses em autores como: Catulo (poemas 37 e 39); Salústio (*Bellum Iugurthinum*, 114); Valério Máximo (*Facta et dicta memorabilia*, II, 6 e III, 2); Virgílio (*Aeneis*, VIII, 656); Ovídio (*Amores*, I, 15 e *Fasti*, IV, 361); Lucano (*Bellum ciuile*, IV, 10); Amiano Marcelino (*Rerum gestarum*, XV, 12, 1), dentre outros. Restringimos nosso *corpus* a César, Tito Lívio e Plínio, o Velho, devido ao recorte temporal do século I a.C. a I d.C., que coincide com a conquista da Gália e o estabelecimento de províncias romanas nesse território. Além disso, nos concentramos nesses três autores pois os consideramos inseridos no gênero historiográfico – embora Plínio seja considerado por muitos como enciclopedista, julgamos que a *Historia naturalis* possa ser incluída na historiografia, pois Plínio a escreveu com finalidades de pesquisa e compilação de conhecimento.

## Da tradução e estudo

Foram os gregos, em nossa zona de cultura, os primeiros a desenvolverem o conceito de *bárbaro*. Para eles, *bárbaro* simbolizava tudo aquilo que não fosse grego, existindo assim uma oposição étnica, cultural e linguística.[27] Com o tempo, esse conceito passou a ser revestido de julgamentos de valor, nos quais os bárbaros eram considerados inferiores aos helênicos. Gruen (2011a, p. 2) resume bem esse conceito:

> The line of reasoning has had a potent impact on scholarship regarding antiquity. Negative images, misrepresentations, and stereotypes permitted ancients to invent the "Other", thereby justifying marginalization, subordination, and exclusion. Creation of the opposite served as a mean to establish identity, distinctiveness, and superiority.[28]

[27] Dauge, na introdução de seu livro *Le Barbare* (1991, p. 10 e 11), aborda de forma abrangente a experiência grega com o estrangeiro ao longo de sua história.

[28] "A linha de raciocínio teve um potente impacto no estudo sobre a antiguidade. Imagens negativas, deturpações e estereótipos permitiram aos antigos inventar o 'Outro', dessa forma justificando a marginalização, a subordinação e a exclusão. A criação do antagônico serviu como meio para estabelecer a identidade, a distinção e a superioridade."

Gruen (2011a, p. 344 e 345) destaca que os romanos não possuíam tradições que preconizavam uma pureza de linhagem, nem sequer tinham um étimo específico para designar o não romano – de fato, eles buscaram no grego a noção de estrangeiro inserida no termo *bárbaro*. A identidade helênica se definia em fundamentos étnicos, culturais e genealógicos; a identidade romana, por sua vez, se estabelecia especialmente em pressupostos culturais e políticos, como veremos a seguir. Contudo, a experiência romana com os estrangeiros foi diferente da vivência que os gregos tiveram com outros povos.

Roma, desde os primórdios e durante toda a sua história, teve contato com outros povos e os conquistou, seja no Ocidente europeu, seja no Oriente. Roma lutou contra esses estrangeiros e, durante muito tempo, conseguiu sustentar as fronteiras de um vasto império, até que no século V d.C. as invasões dos povos germânicos puseram fim à civilização romana ocidental. Dessa forma, o contato dos romanos com povos considerados bárbaros foi mais duradouro e profundo do que o contato que os gregos tiveram com os povos externos. Dauge (1981, p. 18 e 19) assim falou sobre a experiência do romano perante o estrangeiro:

> (...) le concept de barbarie ne concerne pas uniquement l'extérieur, les *gentes* ou *nationes exterae*, mais se trouve étroitement mêlé à son activité – politique, social, éthique, religieux, artistique, etc. Ayant dû combat pour maîtriser la violence et la démesure inhérentes à son tempérament, ayant longuement réfléchi sur l'essence de la civilisation, et constamment lutté pour éviter le reproche de barbarie et se rendre digne d'être reconnu comme le civilisateur, il a bénéficié d'une expérience personnelle authentique de la nature de la barbarie et de ses dangers. Aussi dépasse-t-il aisément le point de vue strictement ethnique ou national qui fut celui des Grecs, pour élargir la notion de barbarie aux dimensions de l'*universel*. (grifos do autor) [29]

Nesta tese, pretendemos aprofundar o estudo do conceito de *bárbaro*, e de como se operava a dicotomia romano/bárbaro na Antiguidade latina nos relatos historiográficos. Esse tema será tratado no capítulo 1, bem como falaremos das fontes greco-latinas que abordaram os galos entre os séculos III e I d.C. Temos também por objetivo estudar a representação do povo gaulês à luz dos escritos de César, Tito Lívio e

[29] "(...) o conceito de barbárie não se aplica unicamente ao exterior, às *gentes* ou às *nationes exterae*, mas se encontra ligado estreitamente à sua atividade – política, social, ética, religiosa, artística, etc. Tendo o combate para controlar a violência e o excesso inerentes ao seu temperamento, tendo longamente pensado sobre a essência da civilização, constantemente lutado para evitar a degradação da barbárie e se tornar digno de ser reconhecido como o civilizador, que se beneficiou de uma experiência pessoal autêntica sobre a natureza da barbárie e os seus perigos. Também isso facilmente ultrapassa o ponto de vista estritamente étnico ou nacional que foi o dos gregos, para alargar a noção de barbárie às dimensões do *universal*."

Plínio, o Velho. Concentraremos nosso estudo nos gauleses, já que a seu respeito possuímos fontes antigas mais bem documentadas do que, por exemplo, sobre os povos da Ibéria. Além disso, os gauleses foram um dos povos que mais resistiram à conquista romana, e só foram subjugados após várias tentativas e confrontos sangrentos, podendo, desse modo, exemplificar com excelência o contato com a alteridade. Quanto aos trechos específicos dos autores latinos que compõem o *corpus* deste trabalho, têm-se estas passagens:

*De bello Gallico*, de César:

- Livro I – 1 (descrição da Gália), 31 (Divicíaco se queixa do assédio do germano Ariovisto), 33 (César, ao perceber o perigo dos germanos, promete socorrer os gauleses).
- Livro II – 4 (descrição da origem dos belgas), 15 (César se prepara para lutar com os nérvios).
- Livro IV – 5 (César desconfia dos gauleses, que são inconstantes), 12 (os germanos atacam a cavalaria de César, morte do aquitano Pisão).
- Livro VI – 11, 13, 14, 15, 16, 18, 19 (passagem de maior interesse, conhecida como "etnografia", descrição dos costumes dos gauleses), 21, 22 (costumes dos germanos), 24 (o valor dos gauleses passou para os germanos).
- Livro VII – 22 (defesa dos gauleses, sitiados pelos romanos), 42 (os éduos massacram os romanos).

*Ab urbe condita*, de Tito Lívio:

- Livro V – 34, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 42, 48 (passagem de grande interesse, pois narra os primeiros contatos entre romanos e gauleses e o saque de Roma, em 390 a.C.).
- Livro VII – 10 (guerra entre gauleses e romanos, confronto entre Tito Mânlio e um gaulês), 26 (guerra entre gauleses e romanos, confronto entre Marco Valério e um gaulês).

- Livro XXIII – 24 (os gauleses preparam armadilhas contra Roma, que sofre derrota para os gauleses, ao optar por se dedicar mais à guerra contra Cartago).
- Livro XXXVIII – 17 (migração dos gauleses para a Ásia Menor e o surgimento da Galácia; vitória dos romanos sobre os gálatas)

*Historia naturalis*, de Plínio, o Velho:

- Livro III – 5 (descrição geográfica da Gália Narbonense), 6 (elogio da Itália e o papel de Roma governante do mundo).
- Livro IV – 31, 32, 33 (descrições geográficas da Gália Bélgica, da Gália Lugdunense e da Gália Aquitânia).
- Livro VIII – 73 (Plínio admira o jeito como os gauleses fazem a lã).
- Livro XXX – 4 (descrição dos druidas das províncias gaulesas).
- Livro XXXIII – 5 (a respeito de como os gauleses utilizavam o ouro como ornamento).

Para todos esses trechos empregaremos os textos latinos estabelecidos pela Société d'Édition Les Belles Lettres e faremos a tradução de todo o *corpus* para nos debruçarmos sobre os originais. Além disso, todas as demais citações de textos latinos complementares deste trabalho também terão traduções nossas, salvo quando vierem com referência de outro tradutor. Visamos, em nossa transposição, ao leitor que não conhece a língua ou a literatura latina. Manteremos a tradução em prosa e procuraremos sempre nos manter o mais próximo possível do sentido dos trechos originais. Todavia, são necessárias certas adaptações, para que a tradução em português possa manter o sentido e transmitir mais claramente a mensagem do texto latino. Para Rónai (1981, p. 78), todo texto é alguma coisa mais do que simples soma das palavras que o compõem. O que devemos traduzir é sempre algo mais, isto é, a mensagem. Faremos também o uso das notas de rodapé, para pontuar aspectos que não poderiam ser facilmente inseridos na própria tradução, ou ainda para esclarecer quanto a elementos históricos, estilísticos etc. Sobre a abreviatura dos nomes de obras gregas e latinas, seguiremos os parâmetros dos dicionários *A Greek-English Lexicon* (LIDDEL, SCOTT, JONES, 1996) e *Oxford Latin Dictionary* (GLARE, 1982), respectivamente.

Nessa análise das passagens latinas veremos como se estrutura a retórica de representação do gaulês em cada um desses autores latinos. Hartog, em seu livro *O espelho de Heródoto*, define bem certos mecanismos retóricos de identificação do outro e também de si mesmo.[30] Embora analise as *Histórias*, sua pesquisa sobre a retórica de alteridade também poderia estender-se a outros autores que não Heródoto. Destacamos aqui o seguinte trecho, no qual Hartog (1999, p.229) afirma:

> Dizer o *outro* é enunciá-lo como diferente - é enunciar que há dois termos, *a* e *b*, e que *a* não é *b*. Por exemplo: existem gregos e não-gregos. Mas a diferença não se torna interessante senão a partir do momento em que *a* e *b* entram num mesmo sistema. Não se tinha antes senão uma pura e simples não-coincidência. Daí para a frente, encontramos desvios, portanto uma diferença possível de ser assinalada e significativa entre os dois termos. Por exemplo: existem gregos e bárbaros. Desde quando a diferença é dita ou transcrita, torna-se significativa, já que é captada nos sistemas da língua e da escrita. Começa então esse trabalho, incessante e indefinido como os das ondas quebrando na praia, que consiste em levar do outro ao próprio. (grifos do autor)

Como citado na nota acima, Hartog afirma que "dizer o *outro* é enunciá-lo como diferente". É justamente essa maneira de se referir ao outro, no caso, o gaulês, que será objeto de estudo desse trabalho. César será o objeto principal de nossa pesquisa, pela extensão e importância da obra sobre a guerra da Gália, e por ter sido o primeiro a ter contato direto com os gauleses.[31] Por conseguinte, o capítulo 2 será dedicado a César e ao *De bello Gallico*; igualmente, nesse capítulo trataremos do contexto histórico em que se deu a conquista da Gália, além de uma discussão sobre questões de romanização e subjugação de um novo território. De fato, o *De bello Gallico*, além de interessar pelo tipo de composição feita por César,[32] encerra ainda várias informações importantes, como a passagem etnográfica do livro VI, que detalha os costumes dos gauleses. Veremos quais as fontes empregadas por César para compor essa obra, e também como

[30] Também sobre esse tema, recomendamos o livro de Hall, *Ethnic identity in Greek antiquity* (1997).

[31] Já mencionamos o contato de Catão o Censor com os celtiberos na nota n.22 (p. 19), mas dele temos apenas fragmentos. Por isso, consideramos César o primeiro a ter contato direto com os gauleses, já que seu relato foi mais bem preservado.

[32] César levou o *commentarius* (usado apenas como anotações rápidas que depois seriam refinadas) a outro patamar. A esse respeito, Conte (1999, p.226) afirma: "Both Cicero (*Brutus* 262) and Hirtius in the preface to the eighth book of the *De bello Gallico* speak of Caesar's *Commentarii* as a work written to offer to other historians the material out of which to construct their own narrative. (…) Cicero and Hirtius himself emphasize that no one would have dared to attempt to rewrite what Caesar had already said with incomparable simplicity. In fact Caesar's attitude may have concealed a certain trickery: beneath the humble clothing, the *commentarius* as he conceived and practiced it probably came close to *historia*".

a retórica e a ideologia influenciam, em razoável medida, o *De bello Gallico*.[33] Ao final do capítulo 2 traremos o estudo dos trechos específicos de César, levando em consideração os argumentos e o vocabulário empregado por ele para as suas representações dos galos, destacando alguns dos frequentes adjetivos usados para descrevê-los, como *ferox*, *hostilis*, *barbarus* etc. Examinaremos ainda as recorrentes figuras representativas, como, por exemplo, o cliché de retratar os gauleses como homens altos, fortes e corajosos, porém não muito inteligentes ou confiáveis (DAUGE, 1981, p. 20); o interesse dos celtas por cultura e erudição, através do papel dos druidas, a prática dos sacrifícios humanos, dentre outros aspectos culturais. A seguir, no capítulo 3, falaremos sobre o momento histórico da ascensão de Augusto e enfocaremos Tito Lívio e Plínio, o Velho, bem como trataremos dos aspectos literários de *Ab urbe condita* e *Historia naturalis*. Ao final do subcapítulo dedicado a Lívio traremos os trechos de sua obra, e do mesmo modo assim o faremos com Plínio, sendo cada passagem analisada em termos literários e retóricos. O foco, por conseguinte, será a análise desses discursos, visando a uma discussão dos argumentos, vocabulário e figuras de linguagem empregados pelos autores César, Lívio e Plínio para descrever os gauleses. No capítulo 4 retomaremos alguns dos trechos já citados ao longo dos capítulos 2 e 3 para realizar o estudo comparativo entre César, Lívio e Plínio e os seus gêneros de composição, destacando os mecanismos retóricos da representação dos gauleses entre os gêneros de composição do comentário (César), história (Lívio) e erudição (Plínio). Cabe aqui fazer algumas considerações sobre a retórica, já que ela é tratada ao longo de todo este trabalho.

Entendemos aqui a retórica clássica em um sentido amplo de uma disciplina que buscava um estudo unificado dos discursos (fossem eles pronunciados ou escritos), que regulava a sua produção e delimitava limites sobre os gêneros de composição. Além disso, como destaca Rezende (2009, p. 16), a retórica possui "especial ênfase na sua função de gerar um efeito prático, imediato, mas previamente estabelecido e esperado sobre aquele a quem se destina um discurso produzido." Para se obter esse efeito específico em um público-alvo, o discurso era regido por regras e normas de conduta com finalidades específicas. Aristóteles, em sua *Retórica*, estabeleceu esses gêneros discursivos, que posteriormente foram seguidos por Cícero e Quintiliano, os grandes

[33] De fato, César escreve seu *commentarius* sobre a guerra gaulesa não apenas para descrever seus feitos, mas especialmente como forma de propaganda de sua figura, para rivalizar com o seu grande oponente, Pompeu Magno (CONTE, 1999, p. 229).

nomes desse tema em Roma. Segundo o Estagirita, havia três gêneros do discurso: o deliberativo (projetava uma ação futura; tem função de aconselhar ou dissuadir o público para uma deliberação); o jurídico (sua motivação era um fato passado; lidava com acusação ou defesa); e o epidíctico (também conhecido por demonstrativo; seu tema era localizado especialmente no presente, e consistia em fazer elogio ou censura).[34] Cada gênero, portanto, era dirigido a um público específico; dessa maneira cada um possuía traços próprios para se alcançar os objetivos propostos. Segundo Tringali (1988, p. 19), o ponto crucial da retórica, que a diferenciava das outras disciplinas, era a implicação na existência de um emissor (orador ou autor), um receptor (audiência ou leitor), e um discurso que apresentava uma questão provável elaborada de modo a persuadir o receptor sobre certa ideia ou conceito.[35] Por essa importância em contexto político e judiciário, o estudo da retórica era parte essencial da formação (*paideia*) do cidadão grego e, posteriormente, do cidadão romano também.[36]

A retórica clássica, em contexto romano, era dividida em cinco partes: *inuentio* (invenção), *dispositio* (disposição), *elocutio* (enunciação),[37] *memoria* (memória) e *actio* (ação). Essas cinco partes formavam a ferramenta com a qual o emissor do discurso estruturava sua composição.[38] Como destaca Rezende (2009, p. 25), "é na prática da *elocutio* que, por exemplo, o orador conformará o seu estilo, a sua identidade oratória."

---

[34] Cf. *Retórica*, 1358b. Na mesma passagem, Aristóteles destaca que a própria retórica era fundamentada em três elementos essenciais: aquele que profere o discurso; aquele que recebe esse discurso; e o próprio discurso.

[35] Tringali (1988, p. 20 e ss.) aprofunda a questão da persuasão na retórica antiga, sobretudo em Aristóteles, e também sobre os mecanismos formais (persuasão pela lógica, pela afeição ou pela estética) e os mecanismos materiais (sofística, analítica e dialética) utilizados para esse fim.

[36] Os autores greco-romanos, de fato, como parte de uma elite letrada, não eram apenas testemunhas dos fatos históricos, mas muitas vezes eram os próprios agentes dos acontecimentos. Para maior aprofundamento sobre esse tema, cf. Marincola (In: ERSKINE, 2009, p. 13). A paideia era importante ferramenta na formação moral, oratória e literária desses indivíduos, como afirmou o próprio Cícero (cf. subcapítulo 1.3.2.1). De todas as personalidades que citamos neste trabalho, Tucídides, Xenofonte, Políbio, Catão, Cícero, César e Plínio desempenharam carreiras públicas importantes. A exceção é Lívio, que não ocupou nenhum cargo público. Para mais detalhes sobre o papel da retórica tanto na vida literária quanto na vida política na tradição helênica e latina, cf. o capítulo "History and rhetoric", de Graham (In: BUGH, 2006, p. 113-135).

[37] Como discute Rezende (2009, p. 22), o vocábulo *elocução*, embora muito utilizado, não traduziria completamente o étimo *elocutio*; por isso, assim como o professor, também adotamos a tradução desse termo por *enunciação* (ou seja, a expressão da palavra), que se aproxima mais do sentido original latino.

[38] Sobre cada uma dessas partes, tem-se: a invenção (coleta ou seleção do material que constituirá o conteúdo do texto); a disposição (colocação de cada elemento do discurso em seu devido lugar, ou seja, a organização do discurso); a enunciação (ou elocução, que em uma definição simplista consistia no ato de compor o discurso, escolha de vocabulário, enfim, o estilo); a memória (o equilíbrio entre decorar e memorizar um discurso, sobretudo em contexto de linguagem oral) e, por fim, a ação (também em contexto de transmissão oral de um enunciado, consistia na forma como o orador proferia o seu discurso para a audiência). Não nos aprofundamos muito nesta nota sobre o termo elocução, já que ele será tratado mais detalhadamente no corpo do texto deste trabalho. Para esse resumo utilizamos Tringali (1988, p. 62 e ss.), que discutiu essas cinco partes de forma bastante abrangente.

Por conseguinte a *elocutio*, no campo da literatura, torna o discurso retórico mais eficiente ao assimilar as qualidades do texto literário, constituindo-se "num poderoso mecanismo de acesso e consolidação de uma cultura geral" (REZENDE, 2009, p. 25). Dessa maneira, é através da *elocutio* que as ideias são expressas por meio de palavras, levando a figuras de linguagem, conceitos e *tópoi* literários e culturais. Por essa razão, nosso objetivo aqui será tratar, sobretudo, da *elocutio*, já que é a parte que consideramos como essencial para desenvolver as análises sobre a figura do gaulês nos escritos de César, Lívio e Plínio, o Velho. Como destaca Rezende (2009, p. 30), a civilização romana fez da retórica "um poderoso instrumento de ação social." Embora a *elocutio* seja o objetivo principal, também levaremos em conta nas análises a *inuentio*, já que a seleção do material empregado por César, Lívio e Plínio foi obtida a partir de fontes literárias que também são parte importante desta tese, e também porque, de acordo com a *Retória a Herênio*, a própria narração é parte da *inuentio*.[39] Também levaremos em conta a *dispositio*, uma vez que a ordem em que os argumentos foram empregados dentro dessas obras é igualmente relevante.

Através desse estudo, também no capítulo 4, perceberemos como foi se modificando a imagem do gaulês ao longo dos séculos I a.C. a I d.C. – e também a própria mentalidade latina, já que esses discursos eram especialmente dirigidos a um público-alvo romano. Veremos, nesse mesmo capítulo, como as imagens figurativas do gaulês surgiram e foram reelaboradas pelas fontes greco-romanas e por César, Lívio e Pínio, o Velho. Além dos autores antigos, pesquisaremos também a bibliografia histórica e arqueológica atual, para resgatar o que se sabe hoje a respeito dos gauleses, da organização de suas sociedades e quais eram seus hábitos e costumes. Ao fim do trabalho traremos uma antologia bilíngue dos trechos traduzidos do *De bello Gallico*, *Ab urbe condita* e *Historia naturalis* para maior facilitação da leitura e do estudo comparativo do *corpus*.

[39] Cf. I,3,4.

# Capítulo 1 – Gregos, romanos e celtas

## 1.1 – Considerações sobre alguns termos fundamentais: *barbarus*, *hostis*, *humanitas*, *romanitas*

Como o termo *bárbaro* é parte importante deste trabalho, faz-se necessária uma apresentação do que significava esse termo para os antigos gregos e romanos.

O termo *bárbaro* é de origem grega. Esse étimo, com a repetição de *barbar*, seria uma onomatopeia que designaria quem tem dificuldade de elocução, de pronunciação, que gagueja ou tem uma fala entrecortada (BEEKES, 2010, p. 201).

As primeiras descrições que os gregos fizeram sobre outros povos e regiões eram apenas relatos dos navegadores (*periploi*) e relatos crédulos de maravilhas de terras distantes, até que no século VI a.C. temos narrativas de pesquisas etnográficas em Heródoto, com suas *Histórias* (VASALY, 1993, p. 146). Segundo Gauthier, até então o termo ξένος era mais utilizado no período arcaico para designar, na Grécia, o estrangeiro, e também o hóspede, como podemos ver nas relações de hospitalidade representadas nos poemas homéricos. Gauthier (1973, p. 5), porém, ressalta:

> Comme on sait, l'opposition entre Grecs et non-Grecs n'est nette ni chez Homère ni à la période archaïque, elle apparaît peut-être au VIème siècle dans l'oeuvre d'Hécatée, et devient courante seulement au début du Vème siècle. Aux périodes reculées, l'aire d'extension de la ξενία et de l'étranger-ξένος est donc, elle aussi, assez indécise; on en aperçoit néanmoins quelques contours. Chez Homère, il faudrait distinguer, autant que faire se peut, le monde mythique du monde réel. Dans le monde mythique, la ξενία est pratiquée par tous les peuples «civilisés», elle est absente chez les autres, appelés ἄγριοι: ainsi les Cyclopes, les Lestrygons.[40]

Já em Heródoto, ξένος passou a designar, no contexto helênico, o próprio grego, que habitava em outra cidade, mas que compartilhava os mesmos deuses, costumes e idioma (GAUTHIER, 1973, p. 7). Já o termo βάρβαρος era usado para designar o não grego, que não partilhava da mesma cultura e língua, sem conotação pejorativa.[41] A esse

[40] "Como é sabido, a oposição entre gregos e não gregos não é clara nem em Homero nem no período arcaico; ela aparece talvez no século VI a.C., na obra de Hecateu, e torna-se corrente somente no começo do século V. Quanto aos períodos remotos, a área de extensão da ξενία e do estrangeiro é então, ela mesma, bastante imprecisa; contudo, pode-se perceber alguns contornos. Em Homero, é necessário distinguir, tanto quanto possível, o mundo mítico do mundo real. No mundo mítico, a ξενία é praticada por todos os povos "civilizados"; ela é inexistente para os outros, chamados ἄγριοι, como os ciclopes e os lestrigões."

[41] Gruen, no capítulo "Greeks and non-Greeks" (In: BUGH, 2006, p. 296), lembra que em Heródoto a divisão entre gregos e não gregos é sutil e complexa. Gruen ressalta que Heródoto demonstrou

respeito, Hartog (2014, p. 108) afirma que "em todo caso, é entre o sexto e o quinto século a.C. que 'bárbaro', no sentido de não grego, forma, associado a 'grego', um conceito antônimo/assimétrico, acoplando um nome próprio, *Héllenes*, e uma designação genérica, *bárbaroi*." Até então na literatura arcaica, *bárbaro* simplesmente assinalava o estrangeiro, sem qualquer conotação negativa ou inferior, e sem o valor de distinguir entre categorias ou subgrupos.[42] Como Rochette ressalta (1997, p. 37), as populações que não falam a língua do país serão reagrupadas sob a genérica denominação de bárbaro: para os egípcios, os que não falavam a língua egípcia; para os romanos, os que ignoravam o latim, etc.[43]

Para se pensar em uma identidade cultural própria, geralmente é necessário definir esse conceito levando em consideração a relação – e o contraste – com o outro. Com as Guerras Médicas, no século V a.C., o bárbaro, para o grego, assumiu o rosto do persa. Como Herring lembra (In: ERSKINE, 2009, p. 129), a identidade grega gradualmente tornou-se definida em termos de diferença (e superioridade) perante o bárbaro – especialmente o oriental; essa nova identidade contrastante condenou o outro como sendo decadente, sacrílego e subserviente, tudo o que os gregos (a seus próprios olhos) não eram. Dessa maneira, se ser grego tornou-se sinônimo de ser civilizado, o contrário também valia, pois o bárbaro tinha a característica oposta – era o primitivo. Com os conflitos dos gregos contra os persas também surgiu uma visão política da diferenciação entre gregos e bárbaros, já que os gregos conheciam a *pólis*, enquanto os bárbaros, ignorando-a, não podiam viver senão submetidos a reis.[44] Segundo Hartog (2014, p. 111), o grego era "político", isto é, livre; e o bárbaro era "real", submisso a um senhor (*déspotes*). Os bárbaros não escapavam – ou não escapavam de forma duradoura – da realeza. O termo *bárbaro* também passou a ter uma concepção marginalizada: segundo Champion (2004, p. 34), é com a vitória grega sobre os persas que os atenienses fomentaram a autoconfiança de terem vencido tão forte inimigo e, por

imparcialidade e, – até mesmo em certas passagens – admiração pelas peculiaridades, características e realizações de povos não gregos, especialmente os egípcios, persas e fenícios.

[42] Gruen, no mesmo capítulo citado na nota cima (p. 297 e ss.), aprofunda mais a questão das nuances da utilização do termo bárbaro (ora pejorativo, ora respeitoso) por parte de vários autores gregos do período clássico até o contexto de dominação romana.

[43] Rochette (1997, p. 38 e ss.) detalha o uso do termo bárbaro desde Homero e autores arcaicos, passando também pela filosofia e tragédia, até o período helenístico.

[44] Nesse contexto de diferenciar o aspecto político e cultural entre gregos e bárbaros, estamos considerando aqui, como referencial, os gregos de Atenas.

conseguinte, adotaram a noção cultural de que os gregos eram superiores aos outros povos.[45]

De fato, durante o período clássico (século V a.C.), as cidades gregas possuíam poucos laços que as ligavam umas às outras, sobretudo porque eram cidades-Estado independentes. As relações eram mais estreitas entre as famílias e os indivíduos. Embora as semelhanças linguísticas, os ritos religiosos, os deuses e a produção literária fossem compartilhados, as cidades-Estado, como Champion (2004, p. 33) ressalta, possuíam organização variada, padrões próprios de pesos e medidas e calendário. O sentimento de pan-Helenismo era reforçado sobretudo em períodos de guerra contra inimigos externos em comum – como os próprios persas – ou crise política – como a guerra do Peloponeso, que motivou a mobilização das cidades-estado em alianças capitaneadas por Atenas e Esparta, respectivamente (GAUTHIER, 1973, p. 14).[46]

Com os séculos quarto e terceiro antes de Cristo, se o par antônimo gregos/bárbaros permaneceu em operação para classificar e distinguir os gregos dos outros povos, sua definição foi-se modificando: com aspecto menos político, acentuou-se claramente o lado cultural. Com os reinos helenísticos, o contato entre gregos e bárbaros aumentou consideravelmente, e estereótipos puderam ser contestados, mas também muitos laços culturais do que era ser grego puderam ser reforçados; o processo de assimilação dos bárbaros começou, mas de forma alguma acabou com essa distinção cultural; pelo contrário, ser grego talvez passou a ser mais importante nessa época do que nunca, de acordo com Herring (In: ERSKINE, 2009, p. 130).

Desde Heródoto a identidade grega estava circunscrita por um conjunto de traços culturais (ao lado da comunidade de sangue),[47] mas como sublinha Hartog (2014, p.127), essa *grecidade* apresentava-se como algo que pode ser adquirido através da educação: "há mestres nessa matéria. (…) O que tais propósitos anunciam é o universo cultural da época helenística". A *paideia*, que primeiramente significava a criação ou a

[45] Resumimos aqui a questão do tratamento do bárbaro em contexto grego já que esse não é o foco deste trabalho. Para estudo mais abrangente sobre o bárbaro na literatura grega recomendamos o livro de Dejardin (2010).

[46] Para discussão mais profunda sobre a questão do que era ser grego para os próprios helenos, recomendamos o subcapítulo "Identity in the Greek World", escrito por Herring (In: ERSKINE, 2009, p. 126 a 130). Também nesse mesmo livro Harrison aprofunda o tema da evolução do conceito de grego frente ao bárbaro ao longo do período histórico que vai desde as Guerras Médicas até o período helenístico, no seu capítulo "The Greeks" (In: ERSKINE, 2009, p. 213 a 221).

[47] Em Heródoto (*Histórias*, VIII, 144), os atenienses, em resposta aos espartanos, deixaram claro que não se aliariam aos persas, uma vez que eles partilhavam dos mesmos laços culturais de Esparta: ambas as cidades-Estado cultuavam os mesmo deuses e possuíam os mesmos ritos; tinham a mesma identidade linguística e racial; e possuíam hábitos e costumes similares.

educação de uma criança, já no século V a.C. tornou-se sinônimo de cultura, sobretudo a partir de Isócrates: a diferença entre o grego e o bárbaro era, antes de tudo, um problema não de natureza, mas de cultura. Assim Isócrates disse no discurso *Panegírico* (50):

> τοσοῦτον δ᾽ ἀπολέλοιπεν ἡ πόλις ἡμῶν περὶ τὸ φρονεῖν καὶ λέγειν τοὺς ἄλλους ἀνθρώπους, ὥσθ᾽ οἱ ταύτης μαθηταὶ τῶν ἄλλων διδάσκαλοι γεγόνασι, καὶ τὸ τῶν Ἑλλήνων ὄνομα πεποίηκε μηκέτι τοῦ γένους ἀλλὰ τῆς διανοίας δοκεῖν εἶναι, καὶ μᾶλλον Ἕλληνας καλεῖσθαι τοὺς τῆς παιδεύσεως τῆς ἡμετέρας ἢ τοὺς τῆς κοινῆς φύσεως μετέχοντας.
>
> Nuestra ciudad aventajó tanto a los demás hombres en el pensamiento y oratoria que sus discípulos han llegado a ser maestros de otros, y ha conseguido que el nombre de griegos se aplique no a la raza, sino a la inteligencia, y que se llame griegos más a los partícipes de nuestra educación que a los de nuestra misma sangre.[48]

O termo grego, portanto, se aplicava mais para designar uma mentalidade do que a uma questão de raça ou nação. Como Gruen frisa (In: BUGH, 2006, p. 296), essa afirmação de Isócrates indicava que a obtenção da grecidade era viável aos não gregos, mas que poucos poderiam alcançá-la; Isócrates, escrevendo em apoio à cruzada pan-helênica contra os persas, manteve forte essa distinção.

O traço característico do bárbaro, além de cultural, também era explicado por questões geográficas. Com Hipócrates e seus preceitos de medicina abordados na obra *Sobre o ar, águas e lugares*, do século V a.C., entrou em voga a teoria geográfica na qual o ambiente de algum modo determinava a constituição física e o caráter das pessoas que habitavam em áreas específicas do mundo conhecido até então. De acordo com essa teoria, fatores como a temperatura local, a qualidade da água e a topografia da região determinariam as forças e fraquezas de grupos que habitavam lugares diferentes; dessa forma, pessoas de áreas quentes tenderiam a ser moles e lentas; por outro lado, pessoas de áreas frias seriam fortes e corajosas, porém estúpidas.[49] Como Vasaly (1993, p. 133) ressalta, para cada cultura o mundo fora do território natal era visto como uma série de círculos concêntricos nos quais o centro era o lugar mais civilizado e, por conseguinte, as fronteiras distantes menos civilizadas. Acreditava-se que no "centro" do

[48] "Nossa cidade superou tanto os demais homens no pensamento e na oratória que seus discípulos se tornaram mestres dos outros, e conseguiu que o nome dos gregos se aplicasse não à raça, mas sim à inteligência, e que se chame de gregos mais aos que participam da nossa educação do que aos do nosso próprio sangue." Esse trecho foi retirado de Isócrates (1979, v. 1, p. 212 e 213).

[49] O livro de Borca (2003) detalha de forma profunda esses conceitos em Hipócrates e outros autores da Antiguidade greco-romana. Abordaremos mais sobre como a teoria geográfica caracteriza o bárbaro no capítulo 4: "Nós e os outros": a retórica de representação do celta.

mundo o clima não era tão quente nem tão frio, e isso era uma condição favorável para um povo ser mais civilizado – no caso helênico do período clássico (século V a.C.), os gregos estariam no centro do mundo.

Através de toda essa tradição helênica para a etnografia – que chegou a Roma sobretudo via Políbio e Posidônio – tal ideia também passou a ser parte do contexto romano. Certamente os contemporâneos de Cícero consideravam habitar o centro do mundo (VASALY, 1993, p. 133).[50] Ainda de acordo com Vasaly (1993, p. 144), a importância da obra *Sobre o ar, águas e lugares* consistia no fato de a conexão crucial entre *ethos* e *locus*, ou seja, o jeito como a pessoa é, e seu caráter, ser definido de acordo com seu ambiente físico. Esse tipo de relação entre *ethos* e *locus* posteriormente tornou-se parte dos *tópoi* de representação do bárbaro.

Até então, no período clássico grego (século V a.C.), a cultura helênica ficara geograficamente concentrada na Grécia. Com o Helenismo, através das conquistas de Alexandre, o Grande no século IV a.C., a cultura grega se espalhou e fez contato com outras civilizações (PERNOT, 2005, p. 57). Os ideais gregos, e o *tò Hellenikón*, tornaram-se patrimônio literário que se compartilhava e que se ensinava (HARTOG, 2014, p. 141). Durante o Helenismo, o pensamento grego, a filosofia, a retórica e a literatura se espalharam pelo mundo helenizado.

Posteriormente ao Helenismo, sob o contexto da ascensão romana, esse pensamento helênico se difundiu por todo o mundo romanizado. Sabemos que desde os primórdios Roma já tivera contato com os gregos. Pereira (1993, p. 38) lembra que já se conhecem duzentos e três vasos gregos dos anos 530 a 500 a.C., que confirmam relações comerciais entre os dois povos. Esse contato tornou-se regular quando, no século III a.C., os romanos ampliaram seu domínio geográfico para o sul da Itália, região conhecida até então como Magna Grécia. Em 272 a.C., com a tomada de Tarento, Lívio Andronico foi levado a Roma e, até onde foi possível saber pelo que nos restou da literatura dessa época, foi considerado como o fundador da literatura latina, com sua tradução da *Odisseia*. Posteriormente, com o círculo dos Cipiões, no século II a.C., as altas esferas da sociedade romana passaram a ter ainda mais contato com a cultura helênica, o que acarretou em uma profunda *contaminatio* entre as literaturas e

[50] Falaremos mais sobre Cícero e a representação de um povo bárbaro, no caso, o gaulês, mais adiante, no subcapítulo 1.3.2.

costumes desses dois povos.[51] Depois disso, os romanos ampliaram cada vez mais seu domínio em direção à Grécia e, em 146 a.C., ela foi completamente subjugada. Essa aproximação, e o contato mais profundo entre romanos e gregos, consolidou a própria civilização romana, que se distanciava da barbárie.[52] Oliveira fala em helenizações para definir esse fenômeno de contato cultural entre romanos e gregos – de fato, não houve um movimento contínuo e geral de adoção dos costumes gregos (In: BRANDÃO; OLIVEIRA, 2015, p. 265). Os primeiros contatos foram muito antigos, desde os primórdios de Roma, como a arqueologia evidenciou. Oliveira também lembra que "desde as mais remotas origens Roma abria-se à influência grega de forma direta e indireta, e isso é visível de forma particular na religião", como a própria adoção de deuses gregos no panteão romano (In: BRANDÃO; OLIVEIRA, 2015, p. 268 e 269).[53] Pernot chega a usar o termo *globalização* no seu livro *Rhetoric in Antiquity* para falar desse fenômeno. Segundo o autor (2005, p.58), o termo "globalização", palavra muito em voga hoje, resume os avanços e contato cultural daquela época em que a retórica se tornou um sistema global, pelo menos dentro do mundo greco-romano. Apesar do livro *Rhetoric in Antiquity* se referir à retórica, esse conceito de globalização defendido por Pernot pode ser aplicado à literatura e também ao próprio conceito de *bárbaro* e o que era considerado civilizado ou não pelos romanos.

Em Roma, o contexto de contato entre povos bárbaros diferiu bastante da realidade grega. Embora Roma partilhasse certos aspectos com outras cidades do Lácio (língua, religião, costumes), existiu no período arcaico o domínio dos etruscos, a invasão dos gauleses em Roma no ano de 390 a.C., além de outros inimigos que habitavam do outro lado dos Alpes, como os germanos. Sobre o contato dos romanos com os povos do ocidente, Gauthier (1973, p. 14) afirma: "Rome est en contact très tôt

[51] Consideramos aqui a *contaminatio* no amplo sentido de que a cultura grega exerceu forte influência na literatura latina, levando esta última a composições de temas e gêneros narrativos comuns aos helênicos.

[52] Para análise mais profunda do conceito de um romano ser considerado bárbaro, cf. Gouvêa Júnior (2012, p. 5 a 27).

[53] Oliveira fala que, na verdade, Roma controlava a influência que vinha dos helenos, tanto é que alguns elementos da cultura grega só vieram a ter alcance em Roma já no século I a.C. a I d.C., com Catulo, Horácio e Ovídio. O autor defende que "A originalidade de Roma é, pois, a capacidade de sintetizar outras culturas sem perda de identidade, e foi isso o que a urbe aprendeu a fazer desde as origens (...). A postura psicológica dos romanos perante as culturas estrangeiras é, pois, seletiva e pragmática (...)" (In: BRANDÃO; OLIVEIRA, 2015, p. 268 e 269). Oliveira então define que os romanos possuíam três mecanismos para lidar com uma cultura estrangeira: a *interpretatio*, como por exemplo, nas comédias de Plauto, que possuíam certos elementos próprios; a *imitatio*, postura de veneração ao modelo; e a *emulatio*, que era o desejo de rivalizar e fazer melhor do que o modelo (In: BRANDÃO; OLIVEIRA, 2015, p. 270 e ss.).

avec «l'étranger culturel», étranger qu'elle subit, qu'elle combat, et auquel elle emprunte beaucoup." [54]

No período arcaico, o termo latino usado para designar o estrangeiro era *hostis*. Isso já foi atestado na Lei das Doze Tábuas (tábuas II e III), de meados do século V a.C. Como lembra Gauthier (1973, p. 15), entre os pesquisadores há consenso de que os *hostes* citados na Lei das Doze Tábuas eram os estrangeiros que possuíam em Roma certos direitos – essa relação de proximidade/igualdade se pareceria com o grego ξένος. Assim, todos os que não eram romanos, nessa época, eram chamados de *hostes*, não importava a sua origem. Varrão, já no século I a.C., notara a mudança de significado de *hostis*, que passou a designar inimigo – daí temos em português o termo "hostil".[55] Assim Varrão escreveu (*De lingua latina*, V, 1, 3):

> *Quae ideo sunt obscuriora, quod neque omnis impositio verborum exstat, quod vetustas quasdam delevit, nec quae exstat sine mendo omnis imposita, nec quae recte est imposita, cuncta manet (multa enim verba litteris commutatis sunt interpolata), neque omnis origo est nostrae linguae e vernaculis verbis, et multa verba aliud nunc ostendunt, aliud ante significabant, ut hostis: nam tum eo verbo dicebant peregrinum qui suis legibus uteretur, nunc dicunt eum quem tum dicebant perduellem.*
>
> Assim, essas coisas são obscuras, pois nem toda imposição de palavras se mantém, já que o tempo apaga algumas; nem toda palavra imposta perdura sem erro, nem a que foi posta corretamente permanece íntegra (na verdade, muitas palavras foram mudadas com a troca de letras); nem toda origem está na nossa língua ou nas palavras vernáculas; muitas palavras agora designam uma coisa, mas antes significavam outra, como *inimigo*: de fato, com esse termo chamavam o peregrino que utilizasse as suas leis; agora, assim o chamam aquele que antes nomeavam *inimigo*. (tradução e grifos nossos)

No trecho acima, Varrão fez distinção entre *hostis* (que antes servia para se referir ao peregrino, mas que na sua época já designava o inimigo) e *perduellem* (nom. *perduellis*), étimo usado com o significado de inimigo, e depois suplantado pelos termos *hostis* e *inimicus* no latim clássico (FARIA, 2003, p. 723). Ainda sobre esses vocábulos, como atestado no dicionário de Faria (2003, p. 456), durante a República romana o termo *hostis* nomeava o inimigo público, enquanto *inimicus* era o inimigo particular; já durante o período imperial, *hostis* passou a significar inimigo em geral, assim como *inimicus* se tornou sinônimo de *hostilis*. O fato de vários termos latinos que antes designavam o adversário depois se resumirem a *hostis* ou *inimicus*, sobretudo a partir do

[54] "Roma desde muito cedo esteve com contato com o 'estrangeiro cultural', estrangeiro que ela sujeita, combate e do qual muito incorpora."
[55] Gauthier descreve de forma aprofundada a evolução do termo *hostis* e a relação desse termo com o étimo *hospes* (1973, p. 14 a 19).

século I a.C., denota a própria mudança cultural pela qual Roma passava. Simultaneamente às suas inúmeras conquistas militares nesse período, a Urbe passou a reconhecer indivíduos e nações em amigos ou rivais. Gauthier (1973, p. 19 a 21) resume bem essa questão:

> En grec, un seul terme, ξένος, désigne à la fois l'étranger grec, avec lequel entente et méfiance sont également ou tour à tour possibles, et l'hôte, lié par des obligations réciproques. (...) Au contraire, en latin, *hostis* désigne l'étranger proche, reconnu comme partenaire de droit, accueilli et protégé au sein de la communauté, tandis q'un terme composé, *hospes*, désigne l'hôte personnel ou familial. (...) Encore utilisé avec le sens d'«étranger» au milieu du Vème siècle, *hostis* serait devenu, un siècle plus tard, l'«ennemi». (...) En dernière analyse, l'etude de la notion d'étranger renvoie, elle aussi, à la opposition classique entre les cités grecques, d'autant moins ouvertes aux étrangers que la notion d'État y est moins développée, et la cité romaine, plus disciplinée et plus ouverte. Les guerres entre cités grecques entretiennent les particularismes, elles ne sauraient aboutir à l'assimilation ou à la conquête. Le ξένος n'est pas où n'est guère protégé, mais les communautés de ξένοι ne sont pas de proies. A Rome, on protège ses voisins, puis on les absorbe. L'étranger devient un ennemi, ou il devient Romain.[56]

Quanto aos estrangeiros, Roma lutou contra eles e, durante muito tempo, conseguiu sustentar as fronteiras de um vasto império, até que no século V d.C. as invasões dos povos germânicos puseram fim à civilização romana ocidental. Como vimos na introdução deste trabalho, Roma teve relações mais profundas de contato cultural com os bárbaros.

Os gregos possivelmente foram os primeiros a estudar os costumes e cultura dos estrangeiros, através de relatos de mercadores ou colonizadores. De fato, desde tempos muito antigos os gregos empreenderam viagens pelo Mediterrâneo, estabelecendo colônias e tendo contato com outros povos (JARDÉ, 1977, p. 5). Por volta do século VI a.C., temos já algumas obras de pesquisa etnográfica, ou *historia* (no sentido de pesquisa). Desse século temos as *Histórias*, de Heródoto, que conta sobre povos que habitavam em terras distantes: os citas, os persas, os egípcios, dentre outros. Apesar

[56] "Em grego, um só termo, ξένος, designa tanto o estrangeiro grego, com o qual tanto a compreensão quanto a desconfiança são igualmente possíveis, quanto o hóspede, ligado por obrigações recíprocas. (...) Ao contrário, no latim, *hostis* designa o estrangeiro próximo, reconhecido como parceiro por direito, acolhido e protegido no seio da comunidade, enquanto um termo composto, *hospes*, designa o hóspede pessoal ou familiar. (...) Ainda utilizado com o sentido de "estrangeiro" durante o século V a.C., *hostis* se tornaria, um século depois, o "inimigo". (...) Em última análise, o estudo da noção de estrangeiro remete, ela mesma, à oposição clássica entre as cidades gregas – embora menos abertas ao estrangeiro, pois a noção de Estado é menos desenvolvida – e à cidade romana, mais disciplinada e mais aberta. As guerras entre as cidades gregas mantêm suas particularidades, elas não podem conduzir à assimilação ou à conquista. O ξένος não costuma ser protegido, mas as comunidades de ξένοι não são vítimas. Em Roma, já se protege os vizinhos e também os absorve. O estrangeiro ou deve se tornar inimigo, ou deve se tornar romano."

desse interesse etnográfico, os gregos não se aprofundaram no contato com os estrangeiros ou se preocuparam em civilizá-los de maneira sistemática (DAUGE, 1981, p. 12).

Até o século III a.C. Roma era principalmente considerada como um território bárbaro para os próprios gregos. O contato direto entre essas duas civilizações, contudo, trouxe grandes mudanças. Em 280 a.C., na costa de Tarento, pela primeira vez os exércitos grego e romano se encontraram. Os gregos, então, possuíam duas formas de abordar o estrangeiro: a assimilação (ou analogia), em que um povo teria sua origem relacionada aos gregos; e a alienação, em que o povo considerado bárbaro seria mantido alheio à "civilização" (HARTOG, 2014, p. 211). A partir dos séculos III a I a.C., portanto, essas duas abordagens em relação aos romanos foram contraditórias: eles foram considerados análogos ou alienados perante os gregos, de acordo com as grandes transformações políticas e as relações, ora amistosas ora adversas, entre esses dois povos. A esse respeito, Champion (2004, p. 46) afirma: "ancient Hellenism, like any ethnic-cultural identity formation, was an adaptable and negotiable cultural tool that was deployed for political purposes".[57]

Desde a literatura grega arcaica já temos alguns registros que, posteriormente, foram usados como "ganchos" para definir a origem grega dos romanos. Um exemplo disso pode ser encontrado em Hesíodo, que disse que Latino era filho de Odisseu e Circe.[58] Como Herring pontua (In: ERSKINE, 2009, p. 130), o orgulho grego tornava mais fácil ver os romanos como *gregos*, e não *outros*. Dentre outros modelos desse fato, um dos mais significativos é o de Dionísio de Halicarnasso, autor grego do século I a.C., que justificou a origem helênica dos romanos pela genealogia, dizendo que os primeiros habitantes do Lácio eram gregos que tinham migrado da Arcádia para a Itália, antes da Guerra de Troia, e também pelo fato dos próprios troianos terem origens gregas. Segundo Dionísio, Dárdano, antecedente dos troianos, seria neto de Atlas, o primeiro rei da Arcádia. Teucro, então rei da região onde depois seria fundada Troia, deu a Dárdano a terra para ele fundar a cidade. Teucro também seria grego, pois sua origem era da Ática. Teucro então se aliou ao grego Dárdano contra os bárbaros que ali habitavam, para que a futura cidade de Troia não sucumbisse. Dárdano se casou com a

[57] "o helenismo antigo, como qualquer formação de identidade étnico-cultural, era uma ferramenta cultural adaptável e negociável que foi usada para propósitos políticos".

[58] Na *Teogonia* (2003, v. 1011 a 1016) Hesíodo assim escreveu: "Circe, filha de Sol Hiperionida, amada por Odisseu de sofrida prudência, gerou Ágrio, Latino irrepreensível e poderoso, e pariu Telégono, graças à áurea Afrodite. Bem longe, no interior de ilhas sagradas, e eles reinam sobre os ínclitos tirrenos." Esse trecho foi retirado da tradução de Torrano (HESÍODO, 2003).

filha de Teucro, e da sua linhagem nasceria Eneias, dessa forma descendente de arcádios.[59]

Essa assimilação dos romanos por parte de alguns gregos não foi, contudo, uma via de mão única, já que os próprios romanos também escreveram sobre suas origens estrangeiras, o que resultou em diversas lendas com várias conexões que "borraram" as fronteiras entre gregos e romanos. Citamos o exemplo de Fábio Pictor (século III a.C.), um dos primeiros a escrever história latina, que abordou a origem helênica dos romanos, pois escreveu sobre a passagem de Héracles pela Itália e o arcádio Evandro, que teria estabelecido uma colônia na colina do Palatino.[60] Gruen (2011a, p. 244), a esse respeito, afirma: "The Roman historian, stepped in Hellenic lore, unequivocally embraced legends that postulated Greek ancestry for Rome, indeed acknowledged that cultural underpinnings went back to the Phoenicians. Far from shunning alien associations, he proudly proclaimed them."[61]

Paralelamente à tradição da origem helênica dos romanos, têm-se ainda relatos mitológicos – como na *Ilíada* de Homero – que serviram de "gancho" para autores posteriores relacionarem o surgimento de Roma com os gregos. Na *Ilíada* o herói troiano Eneias simplesmente é mencionado como o precursor de uma nova raça. Assim, temos a fala de Posêidon a Hera (XX, 293 a 308):

> ‘ὢ πόποι ἦ μοι ἄχος μεγαλήτορος Αἰνείαο,
> ὃς τάχα Πηλεΐωνι δαμεὶς Ἄϊδος δὲ κάτεισι
> πειθόμενος μύθοισιν Ἀπόλλωνος ἑκάτοιο
> νήπιος, οὐδέ τί οἱ χραισμήσει λυγρὸν ὄλεθρον.
> ἀλλὰ τί ἢ νῦν οὗτος ἀναίτιος ἄλγεα πάσχει
> μὰψ ἕνεκ᾽ ἀλλοτρίων ἀχέων, κεχαρισμένα δ᾽ αἰεὶ
> δῶρα θεοῖσι δίδωσι τοὶ οὐρανὸν εὐρὺν ἔχουσιν;
> ἀλλ᾽ ἄγεθ᾽ ἡμεῖς πέρ μιν ὑπὲκ θανάτου ἀγάγωμεν,
> μή πως καὶ Κρονίδης κεχολώσεται, αἴ κεν Ἀχιλλεὺς
> τόνδε κατακτείνῃ: μόριμον δέ οἱ ἐστ᾽ ἀλέασθαι,
> ὄφρα μὴ ἄσπερμος γενεὴ καὶ ἄφαντος ὄληται
> Δαρδάνου, ὃν Κρονίδης περὶ πάντων φίλατο παίδων
> οἳ ἔθεν ἐξεγένοντο γυναικῶν τε θνητάων.
> ἤδη γὰρ Πριάμου γενεὴν ἔχθηρε Κρονίων:

[59] Resumimos aqui a história narrada por Dionísio de Halicarnasso em sua obra *Antiguidades romanas*, livro II, 1 e 2. Existiam ainda várias outras lendas sobre as origens helênicas dos romanos, as quais citamos rapidamente à guisa de exemplo, como Gruen (In: BOUGH, 2006, p. 300 a 302) pontua: as variantes nas quais Odisseu e seus descendentes desempenharam papel importante na fundação de Roma; as narrativas sobre os arcádios (como Enotro e Evandro); e também Héracles, que teria percorrido a Itália, se relacionado com a filha de Evandro e ali deixado seus filhos, Palante e Latino – esse último, ao ser adotado pelo rei dos aborígenes Fauno, depois se tornaria sogro de Eneias.

[60] Pictor, fragmentos 1–2 (In: BECK; WALTER, 2005, v.1).

[61] "O historiador romano, mergulhado na tradição grega, sem dúvida abraçou as lendas que postulavam a ancestralidade grega de Roma, de fato reconhecendo que os fundamentos culturais remontavam aos fenícios. Longe de evitar associações estrangeiras, ele orgulhosamente as proclamava."

νῦν δὲ δὴ Αἰνείαο βίη Τρώεσσιν ἀνάξει
καὶ παίδων παῖδες, τοί κεν μετόπισθε γένωνται.

"Ah, que sofrimento o meu pelo magnânimo Eneias!
Ele que rapidamente subjugado pelo Pelida descerá ao Hades,
por se ter deixado convencer por Apolo que atinge de longe,
estulto!, pois o deus não afastará dele a funesta desgraça.
Mas por que razão deve ele, homem sem culpa, sofrer dores
em vão por causa de sofrimentos que são de outros, ele que sempre
ofereceu dons aos deuses que o vasto céu detêm?
Conduzamo-lo então nós para longe da morte,
para que se não enfureça o Crónida, se Aquiles
o matar. Pois está fadado que ele sobreviva à guerra,
para que desprovida de esperma não pereça a raça de Dárdano,
a quem o Crónida amou mais do que todos os filhos,
que lhe foram gerados por mulheres mortais.
Entretanto o Crónida pôs-se a odiar a raça de Príamo,
e agora será a Força de Eneias a reger os Troianos,
assim como os filhos de seus filhos, que de futuro nascerão."[62]

Na *Eneida* temos o maior exemplo latino da origem troiana dos romanos. Virgílio, seguindo a narrativa mitológica que já fora abordada por Homero, utilizou essa profecia que apareceu na *Ilíada* – de que Eneias estava destinado a fundar uma nova raça – para justificar a origem mítica dos romanos em seu poema.[63] Na *Eneida* (IV), quando Eneias se encontra em Cartago, ele é lembrado por Hermes do destino que deveria cumprir; o troiano, então, deixa Dido e parte em direção à Itália.[64] No canto VII, Eneias finalmente chega ao Lácio e se encontra com o rei Latino que, por recomendação dos deuses, oferece-lhe a mão de sua filha Lavínia.[65] Eneias, em algumas narrativas lendárias, é considerado o antecessor de Rômulo e Remo e, por conseguinte, se deve a ele a origem mítica dos romanos.

Não deixa de ser curioso o fato de que não temos registros de uma possível resistência por parte dos romanos em remontar suas origens em povos indígenas ou em raízes no Lácio, como Gruen lembra (2011a, p. 244): "But we have no sign of Roman resistance to foreign roots or insistence on native beginnings. The reverse holds.

[62] Tradução citada de Lourenço (HOMERO, 2005).

[63] Virgílio escreveu a *Eneida* a pedido de Augusto. Primeiro imperador romano, Otávio Augusto queria um poema épico à altura de Homero para exaltar as glórias e façanhas do incipiente império através de suas origens lendárias. Virgílio encontrou no troiano Eneias tanto o herói de sua epopeia, como também o elo mítico que ligou a *Ilíada* à *Eneida*. Além disso, Eneias era considerado por César e por Augusto o mítico fundador da *gens* Julia – da qual faziam parte – remontando a origem da família até a deusa Vênus (MARTIN; GAILLARD, 1981, p. 33-36).

[64] Na narrativa de Virgílio Dido era a rainha da cidade de Cartago, e acolheu Eneias quando ele chegou a sua terra. Abandonada pelo herói, ela suicidou-se, desesperada de paixão; esse seria o motivo mitológico que provocou as Guerras Púnicas.

[65] Todavia, o viés de Dionísio era o de considerar os próprios troianos, em sua origem, como sendo gregos. Dessa maneira, o encontro de Latino e Eneias – segundo Dionísio – seria novamente a confluência de descendentes de gregos em uma nova terra, da mesma maneira que ele narrou a respeito dos troianos (cf. nota 59).

Historians and poets welcomed that association with the Easter Mediterranean, reshaped and perpetuated it."[66] Gruen (2011a, p. 247 e 248) ainda reforça:

> Greek authors converted the sagas of Troy to bring Romans within the matrix of Hellenic traditions. And Romans in turn spun those stories to their own taste, embracing a Trojan lineage that gave them a character distinct from that of Greeks but solidly within the Greek construct. This was no linear development but an intricate overlapping in which Romans defined themselves as a constituent element in a broader cultural network.[67]

Falamos aqui sobre a assimilação dos romanos quanto a suas possíveis origens gregas. Mais adiante, no subcapítulo 1.2.1, referente a Políbio, abordaremos a questão da alienação dos romanos por parte dos gregos, em um fenômeno no qual os romanos eram considerados bárbaros.

Os gregos consideravam que uma forma de deixar a condição bárbara era através da *paideia*, como vimos anteriormente. Em Roma, temos um termo que se aproximaria desse conceito helênico: é a *humanitas*, palavra que deriva de *homo* (homem) e *humus* (terra). Desse étimo temos em português a palavra "humanidade", derivada de "humano". Em contexto romano, no período arcaico, *humanitas* designava a natureza e o sentimento dos homens; posteriormente, a partir do século II a.C., *humanitas* adquiriu o significado de *civilidade*, que se opunha à crueldade primitiva (*ferocitas*).[68] *Humanitas*, grosso modo, significava a pertença ao gênero humano e tudo que lhe estava relacionado: a cultura, os aspectos literário, filosófico e religioso. Terêncio resumiu esse conceito, ao escrever o seguinte verso na peça *Heautontimorumenos* (ato I, v.25): "*homo sum: humani nihil a me alienum puto*".[69] Segundo Veyne (1992, p. 283), *humanitas* se referia à cultura literária, virtude de humanidade e estado de civilização. Para Pereira (1993, p. 421), os termos *paideia* e *humanitas* se aproximaram durante o tempo dos Cipiões. Inicialmente, o termo *humanitas* serviu para traduzir a palavra grega *paideia*, e a *humanitas*, assim como aconteceu com a *paideia* em contexto grego, tornou-se mais um mérito do que uma característica universal, um instrumento através

[66] "Não temos sinal de resistência romana frente às raízes estrangeiras ou insistência em primórdios nativos; pelo contrário. Historiadores e poetas receberam bem a associação com o oriente mediterrâneo, remoldando-a e perpetuando-a".

[67] "Autores gregos converteram as sagas de Troia para inserir os romanos na matriz das tradições helênicas. Os romanos, por sua vez, adaptaram essas histórias ao seu próprio gosto, abraçando a linhagem troiana que deu a eles um caráter distinto do dos gregos, mas solidamente inserido na construção grega. Esse não foi um desenvolvimento linear, mas sim uma intrincada sobreposição na qual os romanos definiram a si mesmos como elemento constituinte de uma rede cultural mais ampla."

[68] Pereira (1993, p. 415 a 421) detalha mais o surgimento do termo *humanitas*, bem como a evolução do seu sentido. A autora também aborda, sobretudo, os escritos de Cícero a respeito de *humanitas*.

[69] "sou homem: penso que nada que é humano me é estranho", em tradução nossa.

do qual um indivíduo, ou povo, poderia se afastar da barbárie. A *humanitas* poderia ser conquistada ou alcançada, e ensinada aos povos considerados primitivos.

Em César, por exemplo, temos, em algumas passagens, a denominação dos germanos como sendo "bárbaros e ferozes" (por exemplo, em *BGall.*, I, 31 e 33) e dos gauleses (no caso, os belgas) descritos como "homens ferozes e de grande virtude" (*BGall*., II, 15). Nesse sentido, o bárbaro diferia do romano porque ele não tinha os valores relacionados à *humanitas* (a civilidade que se opõe à crueldade primitiva – a *ferocitas*).[70] A esse respeito, Dauge (1981, p. 19 e 20) explica:

> Il est bien entendu que, pour le Romain, le barbare ne constitue pas une espèce différente, mais un *état* inférieur – soit collectif, soit individuel – de l`homme, une manière d`être défectueuse, inachevée, incomplète, - non pas définitive, mais variable. Le barbare, comme d`ailleurs le civilisé, est sujet à mutation et peut toujours évoluer: l`accès à l`*humanitas* est toujours possible, de même que la chute, ou rechute, dans la barbarie. Du reste, le Romain sait bien qu`aux deux extrémités du cycle évolutif se trouvent deux formes complémentaires de la barbarie, et qu`il est très difficile, dans la mobilité du réel, d`être et de rester civilisé. Le tout est de contrôler l`évolution pour atteindre le point d`équilibre et s`y maintenir – en associant à cet effort le plus possible d`individus, ce qui a été l`idéal romain proprement dit.[71]

Especificamente em relação aos celtas, embora Roma desde muito cedo fora ameaçada por eles, e inclusive saqueada no início do século IV a.C., o conhecimento que se tinha desse povo, pelo menos em termos literários, era muito escasso e vinha sobretudo de fontes gregas, como veremos a seguir. Roma tinha mais conhecimento dos povos orientais, considerados decadentes e paradigma de luxo excessivo. Após a conquista da Gália de forma definitiva sob Júlio César, o conhecimento dos povos ocidentais se aprofundou. O romano, até então considerado bárbaro pelo homem grego, passou a tratar como bárbaro o homem gaulês, considerado rude e ignorante (VEYNE, In: GIARDINA, 1992, p. 295). Com o alargamento das fronteiras do império e com a romanização, o termo *humanitas* deu lugar ao termo *romanitas*: o modo de vida dos romanos passa a ser, gradualmente, o modelo de vida dos povos conquistados –

[70] Pereira (1993, p. 317 a 428), além da *humanitas*, analisa outros conceitos morais e políticos dos romanos, como a *fides*, a *clementia*, o *mos maiorum* etc.

[71] "Está bem entendido que, para o romano, o bárbaro não constitui uma espécie diferente, mas um estado inferior - seja coletivo, seja individual - do homem, uma maneira de ser defeituosa, inacabada, incompleta, - não definitiva, mas variável. De qualquer maneira o bárbaro, como o civilizado, está sujeito à mudança e pode sempre evoluir: o acesso à *humanitas* é sempre possível, bem como a queda, ou a recaída, na barbárie. De resto, o romano sabe bem que nas duas extremidades do ciclo evolutivo se encontram duas formas complementares de barbárie, e que é muito difícil, dentro da mobilidade do real, ser e se manter civilizado. Tudo se resume a controlar a evolução para atingir o ponto de equilíbrio e aí se manter - acrescentando a esse esforço o máximo possível de indivíduos, o que foi o ideal romano propriamente dito."

sobretudo na Europa ocidental. Todavia, esse foi um processo lento e de amálgama cultural entre conquistadores e conquistados, como Guarinello (2014, p. 297) define:

> Os historiadores mais antigos, da primeira metade do século XX, descreviam a aparente homogeneidade cultural do Império através dos conceitos de romanização e helenização, como se as populações conquistadas tivessem acolhido de braços abertos as benesses de civilizações superiores: romana no ocidente, grega no oriente. São ideias ultrapassadas. A própria criação de uma identidade romana foi um processo complexo, acelerado no século final da república e à época de Augusto.[72]

Nesse período de rápida expansão entre os séculos III a.C. a I a.C., a própria Roma não tinha uma identidade definida. Como Guarinello (2014, p. 297) ressalta, a urbe era formada por um complexo conjunto de romanos, italianos, estrangeiros, escravos e libertos, vindos de várias partes do mundo até então conhecido. Com a ascensão de Otávio Augusto, a identidade romana teve que ser recriada para servir de parâmetro para o Império; contudo, ela nunca foi baseada em uma identificação étnica, nem monolítica, nem mesmo imune à ação do tempo (GUARINELLO, 2014, p. 297).[73]

Dessa forma, a partir do século I a.C., o termo *bárbaro* não designava mais o estrangeiro, qualquer que fosse ele. Esse termo passou a definir o primitivo, o rude e violento, que constantemente ameaçava as fronteiras do Império, como Veyne (In: GIARDINA, 1992, p. 300 e 301) afirma:

> As palavras «romano», «latino» ou «peregrino» indicavam um estatuto, não uma origem étnica; e não se estabelecia nenhuma diferença entre os cidadãos romanos de origem itálica e de origem provinciana. As diferenças étnicas contavam tão pouco para os Romanos que no final da Antiguidade não tiveram nenhuma repugnância em recrutar os seus soldados e generais entre os Germanos.

## 1.2 – Os celtas vistos pelos gregos e romanos do século III e II a.C.

Os gregos desde muito cedo já escreviam obras de cunho etnográfico, devido ao fato de eles terem estabelecido colônias fora da Grécia (já na época arcaica) e entrado em contato com outras nações – sendo também o contato com os celtas muito antigo. Vasaly (1993, p. 144) lembra que os primeiros textos etnográficos de outros povos e

[72] Aprofundaremos nossa discussão sobre o conceito de romanização no subcapítulo 2.2.1 "algumas considerações sobre a questão da romanização na Europa Ocidental".
[73] Discutiremos de forma aprofundada o estabelecimento da identidade romana a partir do principado de Augusto no capítulo 3 deste trabalho.

regiões eram apenas relatos superficiais dos primeiros navegadores e narrações de maravilhas e fatos fantásticos relacionados a terras distantes e desconhecidas. O próprio Heródoto, nas suas *Histórias*, herda esse traço da narrativa etnográfica, ao escrever sobre aspectos assombrosos de outros povos.[74] Posteriormente, a etnografia voltou a entrar em voga no período helenístico com a expansão dos territórios helenizados e contato entre populações diferentes e, com a expansão romana, as digressões etnográficas também se tornaram comuns em autores latinos. Como Dihle (apud VASALY, 1993, p. 146) ressalta, "(...) the Hellenistic material was strongly influenced by the inclination to ascertain the rational causes of observed phenomena".[75] Abordaremos mais a fundo, no subcapítulo sobre Políbio, essa questão sobre a análise racional das causas de fenômenos e eventos.

A respeito de Marselha, uma das mais importantes colônias gregas, Tucídides contou que a cidade foi fundada por emigrantes da Foceia que, ao fugirem dos persas, se estabeleceram no sul da França.[76] Marselha, de acordo com fontes antigas e com pesquisas arqueológicas atuais, teria sido fundada no século VI a.C.[77] A cidade mantinha-se em constante vigilância contra os seus vizinhos celtas. Momigliano (1991, p. 53) ressalta:

> Em seu comércio, Massilia era sem dúvida auxiliada pelas outras colônias gregas ao longo das costas da França e da Espanha, que, se não pela origem, ao menos de fato eram as suas próprias subsidiárias: Nicaea, Antípolis, Rodes, Emporiae, Mainace etc. Mas é difícil avaliar o esforço de coordenação militar e social que tais postos avançados isolados devem ter exigido: tanto eram um risco quanto um auxílio.[78]

O alfabeto grego, usado pelos celtas, se deveu à influência dos massaliotas, entre os séculos III e II a.C., de acordo com inscrições celtas e também com o relato do

[74] Segundo Fornara (1983, p. 12 e ss.), a etnografia não constituía um gênero literário em si, e os antigos textos escritos pelos gregos nesse formato geralmente eram designados pelo nome do povo a que se referiam: *Lydiaka*, *Babyloniaka*, etc. Essa espécie de "subgênero" de composição foi bastante popular ao longo dos séculos, desde primórdios do século V a.C. até o período tardio do império romano, já que sempre se recorria à etnografia para a descrição de outros povos, sua cultura e costumes. Já em Homero e Hesíodo temos trechos de cunho etnográfico, mas foi sobretudo a partir de Heródoto que a etnografia passa a ser comumente escrita em digressões dentro de obras de cunho historiográfico.

[75] "O material helenístico foi fortemente influenciado pela inclinação para averiguar as causas racionais de fenômenos observados."

[76] Cf. Tucídides, I, 13, 6 (1990, p. 149).

[77] De acordo com Esbarranch, em nota à sua tradução do texto de Tucídides, a datação da fundação da cidade situa-se no século VI a.C. O tradutor cita outras fontes, além de Tucídides, como Heródoto e Aristóteles, bem como pesquisadores do assunto (TUCÍDIDES, 1990, p. 149).

[78] Para maiores informações acerca dos contatos entre os celtas e Massilia, e de como os gregos influenciaram essa nação, vide Momigliano (1991, p. 53 e ss.).

próprio César. Sabemos que os gauleses não deixaram nada escrito a respeito de si mesmos, e sua história e cultura desse período apenas são conhecidas no campo literário através de relatos de terceiros. A respeito da falta de escrita, por parte dos gauleses, e do uso do alfabeto grego, César escreveu, no *De bello Gallico* (VI, 14):

> *Magnum ibi numerum uersuum ediscere dicuntur. Itaque annos non nulli XX in disciplina permanent. Neque fas esse existimant ea litteris mandare, cum in reliquis fere rebus, publicis priuatisque rationibus, graecis litteris utantur. Id mihi duabus de causis instituisse uidentur, quod neque in uulgum disciplinam efferri uelint, neque eos qui discunt litteris confisos minus memoriae studere; quod fere plerisque accidit, ut praesidio litterarum diligentiam in perdiscendo ac memoriam remittant.*
>
> Diz-se que, aí, eles decoram um grande número de versos. Assim, alguns permanecem vinte anos educando-se. Eles não consideram lícito confiar tais preceitos à escrita – como geralmente, nos demais assuntos – e, quanto aos registros públicos e privados, utilizam-se das letras gregas. Parecem-me tê-lo assim determinado por dois motivos: por não querer que seu saber passe ao vulgo, nem que aqueles que aprendem, confiando nas letras, se dediquem menos a memorizar; isso de ordinário sucede à maioria, de modo que, com o respaldo da escrita, afrouxem-se a dedicação e a memória no processo de aprendizado.

Momigliano ainda ressalta que *Massilia* (Marselha), buscando manter-se helênica e aristocrática, nunca se preocupou em explorar o interior da Gália ou transmitiu aos outros gregos qualquer conhecimento sobre os costumes dos galos. O autor (1991, p. 57) afirma:

> Até o século II a.C. os gregos sabiam deploravelmente pouco sobre o mundo celta – e a França em particular. (...) As primeiras autoridades sobre os celtas que encontramos, Éforo e Timeu, eram típicos historiadores de gabinete. Foram pioneiros, simplesmente porque os massaliotas nunca fizeram qualquer esforço para conhecer os seus vizinhos. Éforo, que escreveu os primeiros livros em torno de 350 a.C., incluiu os celtas em sua descrição de mundo.[79]

Sobre esses dois historiadores gregos temos pouco material além de fragmentos. Éforo e Timeu viveram no século IV a.C. Éforo de Cumas (405 – 330 a.C.) era conhecido por ter sido aluno de Isócrates; de acordo com Oswyn Murray (In: BOARDMAN et al., 1986, p. 198), por esse motivo Éforo teria começado a perigosa relação entre história e retórica, com a tendência de se sacrificar a verdade em prol do efeito. O autor escreveu uma obra chamada *História*, que teria 30 livros, que tratavam

[79] Tem-se notícia de que Hecateu de Mileto, geógrafo que viveu no final do século VI a.C., já escrevera sobre os celtas. Contudo, como há pouquíssimos fragmentos de sua obra, consideramos Éforo e Timeu como os mais antigos que deixaram um registro que nos chegou mais consistente.

da história grega dos primórdios até o seu tempo, dedicando um livro a cada região da Hélade (OLIVER, in: BUGH, 2006, p. 117). Políbio (*Hist*., V, 33, 2) considerava que foi Éforo o primeiro a escrever história de caráter universal. Ele também redigiu uma obra sobre a história de Cumas e tratados sobre invenção e sobre estilo. Muito do que se sabe sobre a perdida obra de Éforo depende de Diodoro Sículo, que o teria usado como fonte. De acordo com Hartog (2014, p. 130), Éforo "pertence já a essa categoria de intelectuais polígrafos, historiadores sim, mas que trabalham a partir dos textos dos outros: compiladores. Diodoro da Sicília atribui-lhe expressamente a opinião de que os bárbaros eram mais antigos que os gregos."[80]

Quanto a Timeu, era de Taormina, na Sicília, e viveu no começo do século IV a.C. Sua *História* teria sido composta em 38 livros, e abordava sobretudo a Sicília e eventos de lugares próximos, como a Líbia e a Itália. Sua importância se deveu ao fato dele ter servido de fonte para Políbio, como veremos mais detalhadamente adiante.[81]

Além de Éforo e Timeu, que falaram sobre os celtas no século IV e III a.C., Momigliano (1991, p. 58) afirma:

> Aristóteles, por certo, deve tê-los incluído em sua obra perdida sobre os costumes dos bárbaros. Em *Política* ele soube interpretar as instituições celtas no contexto da sua classificação. Embora fossem um povo guerreiro, os celtas, ao contrário dos espartanos, não eram dominados pelas mulheres, porque tendiam ao homossexualismo; mas, assim como os espartanos, educavam os filhos austeramente. Para além da política, Aristóteles contém mistura costumeira de informações curiosas – por exemplo que determinadas regiões da terra celta são frias para que os burros procriem (*De gener. anim.* 2.8.748a.) Ele não parece ter pesquisado muito a respeito dos celtas. Mais tarde, porém, se descobriu que mesmo Éforo e Timeu eram informantes superficiais sobre eles.

Antes que os romanos passassem a expandir seu território para a Europa ocidental, os próprios gregos sabiam muito pouco sobre os celtas.[82] *Massilia* (Marselha), que poderia ter servido como ponto de exploração do território celta, acabou se concentrando em explorar o litoral. Todavia, os celtas não passaram despercebidos,

[80] Para maior detalhamento sobre Éforo e sua produção historiográfica recomendamos o subcapítulo "Ephorus", de Marincola (2007, v.1, p. 172 a 174).

[81] Para estudo mais profundo de Éforo e Timeu, bem como de outros historiadores gregos do século IV e III a.C., recomendamos o capítulo "Polybius and his predecessors" (USHER, 2001).

[82] Sobre o que os gregos do século IV a.C. escreveram sobre os celtas, cf. o capítulo "Notices in some fourth century BC authors" (in: RANKIN, 1996, p. 45-48).

sobretudo após o saque de Roma em 390 a.C.[83] Já durante o governo de Alexandre, o Grande, os celtas assediavam as fronteiras macedônias. Chegaram a capturar Delfos, em 278 a.C., por um curto espaço de tempo, e posteriormente se instalaram na Ásia Menor, na região conhecida como Galácia.[84] Os próprios celtas, segundo Momigliano, teriam servido como estopim para que certas cidades se organizassem de forma efetiva e, por consequência, se tornassem fortes impérios. Momigliano (1991, p. 59 e 60) ainda acrescenta:

> Cada uma dessas intervenções dos celtas provava a sua importância ao produzir importantes desenvolvimentos nos sistemas políticos que atacavam. Por volta de 350 a.C. Roma surgiu como a maior potência na Itália quando os latinos, por temor aos celtas, renunciaram à sua independência. O novo reino da Macedônia, sob a autoridade firme de Antígono Gônatas, foi o resultado direto da invasão celta da Macedônia e da Grécia. A vitória sobre os gálatas consolidou o estado de Pérgamo e provavelmente forneceu a Átalo I a oportunidade certa para se declarar rei. Por fim, foi a vitória de Gnaeus Manlius Vulso sobre os gálatas em 189 a.C. que justificou a intervenção dos romanos na Ásia Menor e lhes forneceu os clientes de que necessitavam para controlar as ambições de Pérgamo. Inúteis nos ataques contra estados defendidos por falange ou legião, os celtas tinham a superioridade numérica, a coragem e a rapidez do saqueador completo.

### 1.2.1 – Políbio

Os gregos, durante a expansão do império romano, passaram a escrever sobre os celtas a serviço da elite romana. O primeiro grande nome de que temos notícia que tratou mais profundamente sobre os celtas – e também sobre os romanos – foi Políbio. Políbio era filho de Lycortas, um importante cidadão de Megalópolis na Arcádia – com isso, teve uma educação refinada. Quando Políbio nasceu, Roma já tinha vencido a Segunda Guerra Púnica, obtendo a hegemonia no Mediterrâneo, e começava a avançar em direção à Grécia. Os romanos, em conflitos com os monarcas helenísticos Filipe V, Perseu da Macedônia e Antíoco da Síria, passaram também a se envolver em disputas com a Liga Aqueia e Etólia. Depois que venceram Perseu em 168 a.C. em Pidna, os romanos acusaram os aqueus de fomentar revoltas e exigiram mil reféns de famílias

[83] Ogilvie (1965, p. 629) detalha o motivo da confusão de datas entre a cronologia romana e a grega, afirmando que o saque se deu provavelmente em 387 ou 386 a.C. Para todos os efeitos, consideramos a tradicional data de 390 a.C.

[84] A questão da assimilação cultural também foi empregada pelos gregos para se referir aos celtas. Como destaca Rankin (1996, p. 81), a Galácia, na concepção helênica, teria recebido esse nome devido a Gálato (filho do Ciclope e de Galateia); outra variável, registrada por Timeu (FHG 1.200, edição Müller), dizia que eles eram descendentes de um gigante chamado Keltos; e também há a variável de que Héracles, quando esteve no oeste, teve um breve relacionamento com a princesa Celta e se tornou o ascendente dessa nação (Diodoro Sículo, V, 24).

proeminentes. Dessa forma Políbio chegou a Roma, onde permaneceu entre 167 e 150 a.C., depois retornando à sua terra natal.[85]

Políbio mostrou aos seus captores que não tinha envolvimento nas revoltas e conseguiu a liberdade concedida aos estrangeiros livres. Sobretudo por sua amizade com o jovem Cipião Emiliano, da proeminente família dos Cipiões e filho de Emílio Paulo, vencedor de Pidna, Políbio decidiu permanecer em Roma. Na cidade, ele se dedicou a escrever sobre as fontes literárias e documentais que Roma estava obtendo com suas conquistas. Cipião Emiliano, à frente dos exércitos da República, liderou campanhas militares na Hispânia e Políbio estava com ele em Cartago em 146 a.C., quando na Terceira Guerra Púnica a cidade caiu de forma definitiva. Quando Corinto foi conquistada, também em 146, Políbio voltou para a Grécia para interceder a favor dos seus conterrâneos, conseguindo acordos favoráveis, e aí viveu até sua morte. Além dessas viagens militares, Políbio, acompanhando Cipião, ainda fez viagens exploratórias, visitando as colunas de Hércules (estreito de Gibraltar), navegando pela costa da Ibéria e da África, e refazendo a rota dos cartagineses pelos Alpes.

As viagens empreendidas por Políbio forneceram material para as suas *Histórias*, obra que infelizmente nos chegou bem fragmentada. Originalmente composta em 40 livros, as *Histórias* cobririam os fatos desde a Segunda Guerra Púnica até a queda de Corinto. Os cinco primeiros livros chegaram mais ou menos intactos, enquanto os outros estão incompletos. Políbio foi o primeiro grego de que temos notícia a percorrer a Hispânia, onde provavelmente foi por duas vezes, entre 151 e 134 a.C., e visitou também a Gália e o norte da África, como ele mesmo afirma em sua obra (*Histórias*, III, 59, 5 a 8):

> δέον ἂν εἴη καὶ βέλτιον γινώσκειν καὶ ἀληθινώτερον ὑπὲρ τῶν πρότερον ἀγνοουμένων. ὅπερ ἡμεῖς αὐτοί τε πειρασόμεθα ποιεῖν, λαβόντες ἁρμόζοντα τόπον ἐν τῇ πραγματείᾳ τῷ μέρει τούτῳ, τούς τε φιλοπευστοῦντας ὁλοσχερέστερον βουλησόμεθα συνεπιστῆσαι περὶ τῶν προειρημένων, ἐπειδὴ καὶ τὸ πλεῖον τούτου χάριν ὑπεδεξάμεθα τοὺς κινδύνους [καὶ τὰς κακοπαθείας] τοὺς συμβάντας ἡμῖν ἐν πλάνῃ τῇ κατὰ Λιβύην καὶ κατ᾽ Ἰβηρίαν, ἔτι δὲ Γαλατίαν καὶ τὴν ἔξωθεν ταύταις ταῖς χώραις συγκυροῦσαν θάλατταν, ἵνα διορθωσάμενοι τὴν τῶν προγεγονότων ἄγνοιαν ἐν τούτοις γνώριμα ποιήσωμεν τοῖς Ἕλλησι καὶ ταῦτα τὰ μέρη τῆς οἰκουμένης.
>
> Sería conveniente y necesario un conocimiento más real de lo que antes se ignoraba. Esto es lo que intentaremos hacer cuando encontremos en nuestra Historia un lugar adecuado. Querríamos que los que quieren saber por curiosidad participaran de un conocimiento más completo de lo enunciado.

[85] Para a biografia de Políbio, bem como os outros eventos históricos narrados nos próximos dois parágrafos, utilizamos como referência o livro de Usher (2001, p. 105 a 107).

> Fue principalmente por esto por lo que afrontamos los peligros y las penalidades que nos ocurrieron en un viaje por Africa, por España, por la Galia y por el Mar Exterior que cierra estos países, para proporcionar a los griegos el conocimiento de estas partes del universo, y corregir la ignorancia de nuestros antepasados sobre estos temas.[86]

A primeira vez que os gauleses foram mencionados na obra de Políbio foi em *Histórias*, I, 6, 2 a 4, em que ele narra rapidamente o saque de Roma no século IV a.C. Sobre a Gália Cisalpina, temos uma descrição geográfica da região no livro II das *Histórias*, entre os capítulos 14 e 17. Políbio (II, 17, 9 a 12) assim descreveu alguns costumes dos gauleses:

> ᾤκουν δὲ κατὰ κώμας ἀτειχίστους, τῆς λοιπῆς κατασκευῆς ἄμοιροι καθεστῶτες. διὰ γὰρ τὸ στιβαδοκοιτεῖν καὶ κρεαφαγεῖν, ἔτι δὲ μηδὲν ἄλλο πλὴν τὰ πολεμικὰ καὶ τὰ κατὰ γεωργίαν: ἀσκεῖν ἁπλοῦς εἶχον τοὺς βίους, οὔτ᾽ ἐπιστήμης ἄλλης οὔτε τέχνης παρ᾽ αὐτοῖς τὸ παράπαν γινωσκομένης. ὕπαρξίς γε μὴν ἑκάστοις ἦν θρέμματα καὶ χρυσὸς διὰ τὸ μόνα ταῦτα κατὰ τὰς περιστάσεις ῥᾳδίως δύνασθαι πανταχῇ περιαγαγεῖν καὶ μεθιστάναι κατὰ τὰς αὑτῶν προαιρέσεις. περὶ δὲ τὰς ἑταιρείας μεγίστην σπουδὴν ἐποιοῦντο διὰ τὸ καὶ φοβερώτατον καὶ δυνατώτατον εἶναι παρ᾽ αὐτοῖς τοῦτον ὃς ἂν πλείστους ἔχειν δοκῇ τοὺς θεραπεύοντας καὶ συμπεριφερομένους αὐτῷ.
>
> Habitaban aldeas no amuralladas, y no usaban de más ajuar que el estrictamente necesario. Dormían en lechos de hojarasca, comían carne y sólo practicaban la agricultura o la guerra, por lo cual su vida era muy simple. Entre elles, artes y ciencias eran algo desconocido. Sus únicos bienes eran el ganado y el oro, ya que, dado su género de vida, era lo único que podían llevarse fácilmente a todas partes y trasladarlo según sus preferencias. Ponían su máximo empeño en formar clanes, porque entre ellos se consideraba el más poderoso y el más temible el que diera la impresión de tener el máximo número de clientes y de asociados.[87]

No trecho acima Políbio ressaltou o caráter bruto dos gauleses, que não possuíam qualquer tipo de instrução formal ou organização social e se dedicavam apenas a satisfazer suas necessidades básicas. Políbio, que conviveu com os romanos e

[86] "Seria conveniente e necessário um conhecimento mais real do que antes se ignorava. É isso que tentaremos fazer quando encontrarmos em nossa história um lugar adequado. Queríamos que os que querem saber por curiosidade participem de um conhecimento mais completo do enunciado. Foi principalmente por isso que afrontamos os perigos e as penalidades que nos ocorreram em uma viagem pela África, pela Espanha, pela Gália e pelo Mar Exterior que cerra esses países, para proporcionar aos gregos o conhecimento dessas partes do universo, e corrigir a ignorância de nossos antepassados sobre esses temas." Essa citação de Políbio, bem como as citações nas próximas notas (87, 89 e 90), foi retirada da tradução feita por Recort (POLIBIO, 1981).

[87] "Habitavam aldeias sem muros e não usavam de mais objetos do que o estritamente necessário. Dormiam em leitos de folhas, comiam carne e só praticavam a agricultura ou a guerra, pelo que sua vida era muito simples. Entre eles, as artes e as ciências eram algo desconhecido. Seus únicos bens eram o gado e o ouro já que, dado seu tipo de vida, era o que se podia transportar facilmente a todas as partes e mudá-los segundo suas preferências. Colocavam seu máximo empenho em formar clãs, porque entre eles se considerava o mais poderoso e o mais temível o que dava a impressão de ter o maior número de clientes e associados."

viu seus conflitos com os gauleses, escreveu sobre esse povo de forma ora cortês, ora temerosa. A esse respeito Gruen (2011a, p. 142) lembra: "Celts had a general reputation for greed and untrustworthiness, so the historian maintains, perfectly capable of appropriating the property of neighbors or allies".[88] Um dos aspectos negativos mencionado por Políbio é a falta de compromisso dos gauleses com juramentos e promessas. Um exemplo dessa falta de credibilidade está na seguinte passagem, na qual Políbio escreveu que os romanos receavam fazer acordo com os gauleses. Assim temos (*Histórias*, II, 32, 8): τὰ δὲ συλλογισάμενοι τήν τε Γαλατικὴν ἀθεσίαν καὶ διότι πρὸς ὁμοφύλους τῶν προσλαμβανομένων μέλλουσι ποιεῖσθαι τὸν κίνδυνον, εὐλαβοῦντο τοιούτοις ἀνδράσιν τοιούτου καιροῦ καὶ πράγματος κοινωνεῖν ("Sin embargo, les preocupaba la posible deslealtad de aquellas gentes que iban a entrar en combate con hombres de linaje afín").[89] Eckstein (1995, p. 123) lembra que, em Políbio, o grande número dos bárbaros, a sua violência, deslealdade, ganância e comportamento insano compunham um retrato de terrível desordem; de fato, o conceito de bárbaro conduzia o indivíduo para uma vida indisciplinada. Contudo, Políbio fez também descrições que louvavam algumas características dos celtas, como em II,15,7: τό γε μὴν πλῆθος τῶν ἀνδρῶν καὶ τὸ μέγεθος καὶ κάλλος τῶν σωμάτων, ἔτι δὲ τὴν ἐν τοῖς πολέμοις τόλμαν ἐξ αὐτῶν τῶν πράξεων σαφῶς ἔσται καταμαθεῖν ("Las acciones bélicas explicarán por sí mismas el gran número de hombres, su estatura y prestancia corporales, e incluso su audacia en la guerra.")[90] Como lembra Gruen (2011a, p. 142), "Polybius sketches those qualities that made Gauls worthy adversaries for Rome".[91]

Sobre a influência de Timeu na obra de Políbio, Usher (2001, p. 104) afirma que Políbio começou sua obra historiográfica a partir do ponto em que Timeu parou, e ainda dedicou boa parte do livro XII a criticar os métodos de Timeu. De fato, Políbio buscou escrever história de forma metódica, sempre justificando aos leitores seus propósitos e intenções. Momigliano (1991, p. 64) afirma:

> Políbio foi o primeiro a fazer um relato de primeira mão do interior da Espanha. Descreveu a Gália – ou ao menos a Gália meridional – de uma forma que representou uma novidade para o público grego (3.59.7). Podemos ver como utilizou o seu conhecimento para os capítulos sobre Aníbal na

[88] "Os celtas tinham a reputação comum de serem gananciosos e não confiáveis, assim sustentava o historiador, perfeitamente capazes de se apoderar da propriedade dos vizinhos ou aliados."
[89] "No entanto, os preocupava a possível deslealdade daquelas gentes que iam entrar em combate com homens de linhagem afim."
[90] "As ações bélicas explicaram por si mesmas o grande número de homens, sua estatura e estrutura corporal, inclusive sua audácia na guerra."
[91] "Políbio esboça essas qualidades que tornaram os gauleses adversários difíceis para Roma."

> Gália do livro 3 de suas histórias, mas o livro 24 em que resumia as suas descobertas se perdeu. Quando afirmou no livro 12 que, ao contrário de Timeu, se dera ao trabalho de visitar as terras dos lígures e dos gauleses, estava sendo fiel aos fatos. Mas pelo menos no livro 3 e no livro 12 se esqueceu de dizer que as suas explorações foram possibilitadas pelos romanos e beneficiaram os romanos.

Políbio, por conseguinte, especialmente criticava em Timeu a metodologia desse último – pois Políbio não só escreveu sobre os fatos, mas também testemunhou vários acontecimentos, bem como teve uma carreira política de prestígio. Já Timeu, por ter escrito história sem ter tido uma participação direta na vida pública, deveria ser – na crítica de Políbio – menos digno de autoridade.[92]

De toda a obra de Políbio, o livro mais estudado é o VI (embora fragmentado), pois nele Políbio escreveu uma análise dos romanos, do seu sistema político e militar, e de como eles obtiveram a hegemonia no Mediterrâneo; Eckstein (In: CARTLEDGE et al., 1997, p. 190) afirma:

> The point of the spectacular funeral-processions, of the wax *imagines* of the ancestors, of the telling of traditional stories about the great Roman heroes, was – Polybius insisted – to create a fierce desire in the new generation to emulate the virtues of their predecessors (6.53.10, 54.3, 55.d). (…) Thus it was not *physis* but *nomos* that made the Romans great; and it is precisely because the Romans are but men to Polybius that he spends so much time in Book 6 analyzing the social *systems* that created Roman success.[93]

Políbio, entretanto, também teve um tom pessimista ao longo de sua obra, já que, para ele, após a derrota de Aníbal e do grande fluxo de riqueza, o *nomos* (cultura) romano, mais fácil de ser corrompido do que a *physis* (natureza), se perdeu com o grande fluxo de luxo e riqueza, a partir dos espólios de Siracusa, em 211 a.C.[94] Usher

---

[92] Oliver, no seu capítulo "History and rhetoric" (In: BUGH, 2006, p. 120 a 122), detalha mais a crítica de Políbio a Timeu – bem como a outros historiadores. Oliver também ressalta que, embora o trabalho de Timeu não tenha sobrevivido, ele gozava de grande popularidade entre gregos e romanos, e que o fato de Políbio o ter criticado denota a importância que esse historiador teve (In: BUGH, 2006, p. 122).

[93] "O ponto dos espetaculares funerais-procissões, das imagens de cera dos ancestrais, de se contar histórias tradicionais sobre os grandes heróis romanos era – Políbio insistia – para criar na nova geração um forte desejo de emular as virtudes dos predecessores (VI,53,10; VI,54,3; VI,55,2.). (...) Assim, não foi a *physis* mas sim *nomos* que tornou os romanos grandes; e é precisamente porque os romanos eram apenas homens para Políbio que ele gastou bastante tempo no livro VI analisando os sistemas sociais que criaram o sucesso romano."

[94] Para maior detalhamento sobre esse pessimismo em Políbio, e também das constatações parecidas que Catão o Censor faz a esse respeito, recomendamos o artigo de Eckstein, "Physis and Nomos: Polybius, the Romans, and Cato the Elder" (In: CARTLEDGE et al., 1997, p. 191 e ss). Eckstein, nesse mesmo artigo (p. 192 e ss.), questiona o suposto pragmatismo de Políbio, e afirma que Políbio e Catão, considerado moralista, na verdade partilhariam muito a visão de mundo romano que tinham, especialmente a respeito do que eles consideravam como a causa da decadência romana – isto é, as riquezas obtidas com as conquistas.

(2001, p. 108) ressalta que a grande inovação de Políbio consistiu no fato de um autor grego ter usado Roma como seu principal foco, e buscado a escrita de uma genuína história universal não centrada na Grécia, como os antecessores Éforo e Timeu buscaram fazer. Usher também afirma (2001, p. 109):

> Polybius describes his conception of history as 'pragmatic', by which he means that the factual material should consist primarily of events which directly affect the political situation, and their interpretation should likewise be concerned primarily with political implications. This rule out everything that is merely marvellous, terrifying, or amusing: history is to be a serious subject, if it is to provide instruction for men of state, as he intends it should.[95]

Políbio visou a escrever história de forma pragmática, realçando aspectos políticos e militares, que teriam um valor prático para o seu leitor, tanto por causa das explicações e motivações por trás dos eventos, quanto porque também julgava criticamente o espírito dos homens como exemplos para uma conduta futura (LINTOTT, In: BOARDMAN et al., 1986, p. 639). Lintott também afirma (In: BOARDMAN et al., 1986, p. 639):

> Because the whole history of the Mediterranean had become united through Roman power, he believed it was possible to write a universal history which was at the same time coherent and had an explanatory value. Polybius' work was thus the culmination of Hellenistic historiography, in that politico-military history, traditionally focused on the city-state, was given the breadth of a universal chronicle. His narrative, chronologically based on Olympiads and their constituent years, dealt successively with the different regions of the world known to the Greeks, cross-cutting in order to keep parallel stories in step with one another and stressing their interrelation and convergence. At the same time he transformed the Greek historiography because his central theme was the rise of an alien empire.[96]

Como Strasburger (1965, p. 46) destaca, o grande objetivo de Políbio era descrever e explicar o fenômeno da ascensão de Roma em um período relativamente

[95] "Políbio descreveu sua concepção de história como "pragmática", pelo que ele entendia que o material factual deveria consistir primeiramente nos eventos que diretamente afetavam uma situação política, e a sua interpretação deveria, do mesmo modo, se ater primeiramente às implicações políticas. Essa regra excluiu tudo que é meramente maravilhoso, aterrorizante ou divertido: a história deveria ser um assunto sério, se for para prover instrução aos homens de Estado, como ele acredita que deva ser."

[96] "Como toda a história do Mediterrâneo se uniu através do poder romano, ele acreditou que era possível escrever uma história universal, que seria ao mesmo tempo coerente e de valor explanatório. O trabalho de Políbio, então, foi o apogeu da historiografia helenística, nessa história político-militar, tradicionalmente focada em cidade-estado, a qual foi dada a abrangência de uma crônica universal. Sua narrativa, cronologicamente baseada nas Olimpíadas e seus anos constituintes, lidou sucessivamente com as diferentes regiões do mundo conhecido pelos gregos, fazendo um corte para manter histórias paralelas no mesmo ponto uma com a outra e acentuando sua inter-relação e convergência. Ao mesmo tempo ele transformou a historiografia grega porque seu tema central era a ascensão de um império estrangeiro."

curto de tempo, bem como esclarecer as origens da superioridade romana e os fatores políticos, militares e morais que proporcionaram essa supremacia.[97] Dessa forma Políbio escreveu no começo de suas *Histórias* (I,1,5):

> τίς γὰρ οὕτως ὑπάρχει φαῦλος ἢ ῥᾴθυμος ἀνθρώπων ὃς οὐκ ἂν βούλοιτο γνῶναι πῶς καὶ τίνι γένει πολιτείας ἐπικρατηθέντα σχεδὸν ἅπαντα τὰ κατὰ τὴν οἰκουμένην οὐχ ὅλοις πεντήκοντα καὶ τρισὶν ἔτεσιν ὑπὸ μίαν ἀρχὴν ἔπεσε τὴν Ῥωμαίων, ὃ πρότερον οὐχ εὑρίσκεται γεγονός.
>
> En efecto, ¿puede haber algún hombre tan necio y negligente que no se interese en conocer cómo y por qué género de constituición política fue derrotado casi todo el universo en ciquenta y tres años no cumplidos, y cayó bajo el imperio indisputado de los romanos? Se puede comprobar que antes esto no había ocurrido nunca.[98]

Todavia, Políbio não buscou justificar o fenômeno do poderio romano, mas apenas admirava a dominação de um grande poder – da mesma forma que o fará Catão o Censor (BARONOWSKI, 2011, p.61). Também de acordo com Dubuisson (1985, p. 227), Políbio buscava compreender, e não julgar, o sucesso dos romanos; ele buscava apreciar esse sucesso em termos de eficácia e não de valor moral; não se encontram em Políbio – como mais tarde se encontrará em Posidônio – as tentativas de cunho estoico de se justificar a dominação dos romanos devido a suas eminentes qualidades.

Em suas *Histórias* Políbio também apresentou retratos de grandes personalidades, como Aníbal e o próprio Cipião Emiliano. Ele buscou uma escrita neutra, narrando os acontecimentos de forma clara e precisa, pois condenava os usos da retórica, da épica e da tragédia na historiografia escrita por autores que foram seus contemporâneos (como a longa crítica a Timeu), e Políbio teve Tucídides como modelo de escrita (USHER, 2001, p. 109 e ss.): assim como Tucídides, ele foi um historiador com consciência de seus princípios e metodologia de seu trabalho, e sua prioridade máxima era procurar a verdade através das mais autênticas evidências possíveis (LINTOTT, In: BOARDMAN et al., 1986, p. 639).

Ao ser o primeiro grego de que temos notícia que foi a Roma, viu e conheceu a cidade – e sobretudo escreveu sobre a sua história – é importante notar que Políbio algumas vezes se referiu aos próprios romanos como bárbaros. Esse é um ponto

[97] Para maior detalhamento sobre o estilo de escrita de Políbio recomendamos o capítulo "Políbio", de Marques (in: JOLY, 2007, p. 45 a 63).

[98] "Com efeito, pode haver algum homem tão néscio e negligente que não se interesse em conhecer como e por que gênero de constituição política foi derrotado quase todo o universo em cinquenta e três anos incompletos, e caiu sob o império incontestável dos romanos? Pode-se comprovar que antes isso nunca tinha ocorrido." Essa citação também foi retirada de Polibio (1981, p. 56).

polêmico, pois alguns pesquisadores, como Hartog (2014, p.214), consideram que Políbio, o grego, passou a se identificar com os romanos e, ao fazer parte desse grupo, ele não se referia aos romanos como bárbaros. Champion, em seu artigo "Romans as βάρβαροι: three Polybian speeches and the politics of cultural indeterminacy", discorda dessa opinião e afirma que Políbio chamou os romanos indiretamente de bárbaros em três discursos mencionados em sua obra.

De acordo com Champion, em apenas uma passagem das suas *Histórias* Políbio falou da sua própria boca que os romanos eram bárbaros. No trecho que Champion destaca, Políbio está criticando Timeu. No livro XII, Políbio acusou o erro de Timeu na descrição de um ritual religioso chamado "cavalo de outubro". Nessa cerimônia, de acordo com Timeu, os romanos sacrificavam um cavalo no campo de Marte em um dia específico para relembrar o desastre da guerra de Troia, por causa do famoso cavalo de madeira que levou à queda da cidade – Timeu considerava os romanos descendentes dos troianos (CHAMPION, 2000, p.431). Ao criticar essa explicação de Timeu, Políbio afirmou que essa prática romana era um costume rotineiro entre quase todos os povos bárbaros. Ele disse que, se fosse seguir o argumento de Timeu, então todos os bárbaros seriam descendentes dos troianos. Políbio acusou Timeu de falta de experiência e conhecimento superficial ao relacionar o sacrifício do cavalo em Roma com o mito das origens troianas dos romanos. Champion (2000, p. 432) assim explica:

> In this instance, Polybius takes exception to both Timaeus' linking of Rome to the Homeric tradition and his implication that the original Romans were refugees from the civilized city of Troy. Greater learning and diligence, Polybius maintains, would have led Timaeus to realize that the answer was much simpler: horse sacrifice is nearly universal among βάρβαροι. Romans, as barbarians, act according to a widespread barbarian custom. If Timaeus had realized this, he would not have relayed the silly story of the Trojan horse in this context.[99]

Quanto aos discursos nos quais Políbio chamou os romanos de bárbaros de forma indireta, temos três passagens. A primeira delas é a fala do embaixador etólio Agelau, no final do livro V das *Histórias*, no contexto da conferência de paz realizada

[99] "Dessa forma, Políbio faz objeção tanto ao fato de Timeu ligar Roma à tradição homérica quanto a sua implicação de que os romanos originais eram refugiados da civilizada cidade de Troia. Maior estudo e diligência, Políbio sustenta, teriam levado Timeu a perceber que a resposta era muito mais simples: o sacrifício do cavalo é quase universal entre os bárbaros. Os romanos, como bárbaros, agem de acordo com um costume bárbaro muito difundido. Se Timeu tivesse percebido isso, ele não teria confiado na boba história do cavalo troiano nesse contexto."

em *Naupactus* (atual Lepanto), em 217 a.C.[100] Agelau afirmou que seria melhor que os gregos, ao invés de lutarem entre si, se unissem contra os invasores bárbaros que assediavam as suas cidades: para ele, qualquer lado que fosse o vencedor da guerra entre Roma e Cartago invadiria a Grécia e teria um comportamento exacerbado para com os vencidos. Assim Políbio escreveu o discurso de Agelau (*Hist*., V, 104, 1-7):

> ὃς ἔφη δεῖν μάλιστα μὲν μηδέποτε πολεμεῖν τοὺς Ἕλληνας ἀλλήλοις, ἀλλὰ μεγάλην χάριν ἔχειν τοῖς θεοῖς, εἰ λέγοντες ἓν καὶ ταὐτὸ πάντες καὶ συμπλέκοντες τὰς χεῖρας, καθάπερ οἱ τοὺς ποταμοὺς διαβαίνοντες, δύναιντο τὰς τῶν βαρβάρων ἐφόδους ἀποτριβόμενοι συσσῴζειν σφᾶς αὐτοὺς καὶ τὰς πόλεις. οὐ μὴν ἀλλ᾽ εἰ τὸ παράπαν τοῦτο μὴ δυνατόν, κατά γε τὸ παρὸν ἠξίου συμφρονεῖν καὶ φυλάττεσθαι, προϊδομένους τὸ βάρος τῶν στρατοπέδων καὶ τὸ μέγεθος τοῦ συνεστῶτος πρὸς ταῖς δύσεσι πολέμου: δῆλον γὰρ εἶναι παντὶ τῷ καὶ μετρίως περὶ τὰ κοινὰ σπουδάζοντι καὶ νῦν, ὡς ἐάν τε Καρχηδόνιοι Ῥωμαίων ἐάν τε Ῥωμαῖοι Καρχηδονίων περιγένωνται τῷ πολέμῳ, διότι κατ᾽ οὐδένα τρόπον εἰκός ἐστι τοὺς κρατήσαντας ἐπὶ ταῖς Ἰταλιωτῶν καὶ Σικελιωτῶν μεῖναι δυναστείαις, ἥξειν δὲ καὶ διατείνειν τὰς ἐπιβολὰς καὶ δυνάμεις αὐτῶν πέρα τοῦ δέοντος. διόπερ ἠξίου πάντας μὲν φυλάξασθαι τὸν καιρόν, μάλιστα δὲ Φίλιππον. εἶναι δὲ φυλακήν, ἐὰν ἀφέμενος τοῦ καταφθείρειν τοὺς Ἕλληνας καὶ ποιεῖν εὐχειρώτους τοῖς ἐπιβαλλομένοις κατὰ τοὐναντίον ὡς ὑπὲρ ἰδίου σώματος βουλεύηται, καὶ καθόλου πάντων. τῶν τῆς Ἑλλάδος μερῶν ὡς οἰκείων καὶ προσηκόντων αὐτῷ ποιῆται πρόνοιαν: τοῦτον γὰρ τὸν τρόπον χρωμένου τοῖς πράγμασι τοὺς μὲν Ἕλληνας εὔνους ὑπάρχειν αὐτῷ καὶ βεβαίους συναγωνιστὰς πρὸς τὰς ἐπιβολάς, τοὺς δ᾽ ἔξωθεν ἧττον ἐπιβουλεύσειν αὐτοῦ τῇ δυναστείᾳ, καταπεπληγμένους τὴν τῶν Ἑλλήνων πρὸς αὐτὸν πίστιν. εἰ δὲ πραγμάτων ὀρέγεται, πρὸς τὰς δύσεις βλέπειν αὐτὸν ἠξίου καὶ τοῖς ἐν Ἰταλίᾳ συνεστῶσι πολέμοις προσέχειν τὸν νοῦν, ἵνα γενόμενος ἔφεδρος ἔμφρων πειραθῇ σὺν καιρῷ τῆς τῶν ὅλων ἀντιποιήσασθαι δυναστείας.
>
> Declaró que lo más necesario era que los griegos no se hicieran nunca la guerra mutuamente: debían dar muchas gracias a los dioses si lograban decir todos la misma cosa y estar de acuerdo, dándose las manos como los que cruzan un río; con ello, rechazarían las incursiones de los *bárbaros*, se salvarían ellos mismos y sus ciudades. En el caso, con todo, de que ello no fuera totalmente posible, pidió que al menos en aquel momento se pusieran de acuerdo y se precavieran: era preciso tener en cuenta los formidables ejércitos y la magnitud de la guerra que se desarrollaba en occidente. Porque es evidente, incluso al que ahora no está muy metido en política, que en esta guerra da lo mismo que los romanos venzan a los cartagineses o que éstos triunfen de los romanos, ya que, mírese como se mire, lo lógico es que los vencedores no se den por satisfechos con la posesión de Italia y de Sicilia: *acudirán aquí y ampliarán sus operaciones y desplegarán sus fuerzas más allá de lo que es justo*. (grifos nossos) [101]

[100] Trata-se da negociação de paz entre os etólios e Filipe da Macedônia. Políbio narrou esse acontecimento em V, 103 e 104.

[101] "Declarou que o mais importante era que os gregos nunca travaram guerra mutuamente: deviam dar muitas graças aos deuses se conseguissem dizer todos a mesma coisa e estar de acordo, dando-se as mãos como os que cruzam um rio; com isso, rechaçariam as incursões dos bárbaros, salvariam a eles mesmos e as suas cidades. No caso, contudo, de que isso não fosse totalmente possível, pediu que ao menos naquele momento entrassem em acordo e se preparassem: era preciso ter em conta os formidáveis exércitos e a magnitude da guerra que se desenrolava no ocidente. Porque é evidente, inclusive ao que agora não está muito metido em política, que nessa guerra dá no mesmo os romanos vencerem os cartagineses ou que estes vencedores triunfem sobre os romanos, já que, de uma forma ou de outra, o lógico é que os

No original grego, Agelau disse: τὰς τῶν βαρβάρων ἐφόδους (as incursões dos bárbaros), para se referir aos romanos ou aos cartagineses – que haveriam de invadir a Grécia, não se contentando apenas com a Itália ou a Sicília. O comportamento bárbaro também consistia em usar a força *mais do que necessário*.

O segundo discurso é o de Licisco, no livro IX, 32 a 40. Licisco, embaixador arcádio, foi a Esparta em nome dos macedônios para formar uma aliança contra Roma e os seus aliados etólios. Sua fala enfatizou os grandes serviços que os macedônios prestaram aos gregos ao ajudar a combater os bárbaros no norte, e que uma nova aliança deveria ser feita para rechaçar os romanos, que são comparados com os persas. Políbio dessa forma escreveu o discurso de Licisco (*Hist*., IX, 37, 5-8) em que ele se dirigiu aos etólios:

> τίσι δὲ νῦν κοινωνεῖτε τῶν ἐλπίδων, ἢ πρὸς ποίαν παρακαλεῖτε τούτους συμμαχίαν; ἆρ᾽ οὐ πρὸς τὴν τῶν βαρβάρων; ὅμοιά γε δοκεῖ τὰ πράγμαθ᾽ ὑμῖν ὑπάρχειν νῦν καὶ πρότερον, ἀλλ᾽ οὐ τἀναντία: τότε μὲν γὰρ ὑπὲρ ἡγεμονίας καὶ δόξης ἐφιλοτιμεῖσθε πρὸς Ἀχαιοὺς καὶ Μακεδόνας ὁμοφύλους καὶ τὸν τούτων ἡγεμόνα Φίλιππον: νῦν δὲ περὶ δουλείας ἐνίσταται πόλεμος τοῖς Ἕλλησι πρὸς ἀλλοφύλους ἀνθρώπους,οὓς ὑμεῖς δοκεῖτε μὲν ἐπισπᾶσθαι κατὰ Φιλίππου, λελήθατε δὲ κατὰ σφῶν αὐτῶν ἐπεσπασμένοι καὶ κατὰ πάσης Ἑλλάδος.
>
> Y ahora, ¿con quién compartís los ideales? ¿Con quién exigís de éstos que hagan una alianza? ¿No es con *los bárbaros*? ¿Y os parece que las cosas están como antes? ¿No es exactamente lo contrario? Antes disputabais la hegemonía y el prestigio a aqueos y a macedonios, que son linaje vuestro, concretamente a su caudillo, Filipo, pero en la guerra de ahora *unos hombres bárbaros, extranjeros, pretenden esclavizar a Grecia entera*.(grifos nossos) [102]

Licisco acusou abertamente os etólios de estarem fazendo uma aliança com um povo bárbaro – no original grego temos ἆρ᾽ οὐ πρὸς τὴν τῶν βαρβάρων. Vemos novamente a ameaça de os romanos escravizarem toda a Grécia – em grego, os homens estrangeiros (πρὸς ἀλλοφύλους ἀνθρώπους).

---

vencedores não se deem por satisfeitos com a possessão da Itália e da Sicília: chegarão até aqui, ampliarão suas operações e usarão das suas forças muito além do que é justo." (POLIBIO, 1981, p. 138 e 139).

[102] "E agora, com quem compartilhais os ideais? O que exigis desses com quem fazem uma aliança? Não é com os bárbaros? Parece-vos que as coisas estão como antes? Não é exatamente o contrário? Antes disputáveis a hegemonia e o prestígio com aqueus e macedônios, que são uma linhagem sua, concretamente ao seu líder, Filipe; mas na guerra de agora os homens bárbaros, estrangeiros, pretendem escravizar a Grécia inteira." (POLIBIO, 1981, p. 338 e 339).

O último discurso é atribuído de maneira incerta a Trasícrates,[103] que estaria na embaixada grega aliada aos macedônicos. Em 207 a.C. essa delegação se dirigiu à Confederação Etólia (aliada dos romanos) para negociar um tratado. Esse discurso apareceu no livro XI, 4-7 das *Histórias*, e o legado destacou aos etólios que todos os gregos corriam o risco de serem arruinados pelos romanos, na descrição de Políbio (XI, 5, 1-6):

> φατὲ μὲν γὰρ πολεμεῖν ὑπὲρ τῶν Ἑλλήνων πρὸς Φίλιππον, ἵνα σῳζόμενοι μὴ ποιῶσι τούτῳ τὸ προσταττόμενον, πολεμεῖτε δ᾽ ἐπ᾽ ἐξανδραποδισμῷ καὶ καταφθορᾷ τῆς Ἑλλάδος. ταῦτα γὰρ αἱ συνθῆκαι λέγουσιν ὑμῶν αἱ πρὸς Ῥωμαίους, αἳ πρότερον μὲν ἐν τοῖς γράμμασιν ὑπῆρχον, νῦν δ᾽ ἐν τοῖς πράγμασι θεωροῦνται γινόμεναι. καὶ τότε μὲν αὐτὰ τὰ γράμματα τὴν αἰσχύνην ὑμῖν ἐπέφερε, νῦν δὲ διὰ τῶν ἔργων ὑπὸ τὴν ὄψιν τοῦτο γίνεται πᾶσι καταφανές. λοιπὸν ὁ μὲν Φίλιππος ὄνομα γίνεται καὶ πρόσχημα τοῦ πολέμου: πάσχει γὰρ οὐδὲν δεινόν: τούτῳ δὲ συμμάχων ὑπαρχόντων Πελοποννησίων τῶν πλείστων, Βοιωτῶν, Εὐβοέων, Φωκέων, Λοκρῶν, Θετταλῶν, Ἠπειρωτῶν, κατὰ τούτων πεποίησθε τὰς συνθήκας ἐφ᾽ ᾧ τὰ μὲν σώματα καὶ τἄπιπλα Ῥωμαίων ὑπάρχειν, τὰς δὲ πόλεις καὶ τὴν χώραν Αἰτωλῶν. καὶ κυριεύσαντες μὲν αὐτοὶ πόλεως οὔτ᾽ ἂν ὑβρίζειν ὑπομείναιτε τοὺς ἐλευθέρους οὔτ᾽ ἐμπιπράναι τὰς πόλεις, νομίζοντες ὠμὸν εἶναι τὸ τοιοῦτο καὶ βαρβαρικόν.
>
> Afirmáis que lucháis contra Filipo en pro de Grecia entera, la cual, una vez liberada, no deberá obedecer las órdenes de aquél. La verdad es, sin embargo, que combatís para *arruinar y esclavizar a todos los griegos*. Esto es lo que dice vuestro pacto con los romanos, establecido primero en la letra, pero que ahora vemos trasladado a la realidad. Y a entonces lo escrito os llenó de oprobio, pero ahora los hechos lo han hecho perceptible a todos. Filipo es sólo un pretexto nominal para la guerra. Él no corre riesgo. Se ha aliado con la mayoría de peloponesios, con los beocios, los eubeos, los focenses, los locros, los tesalios y los epirotas, y es contra todos estos últimos que vosotros habéis pactado en los términos que siguen: 'las personas y los ajuares corresponderán a los romanos, las tierras y las ciudades, a los etolios'. Si fuerais vosotros los que tomarais las ciudades no toleraríais que sus habitantes fueran maltratados ni que se pegara fuego a las poblaciones. En efecto, estáis convencidos de que *esto es cruel y salvaje*.(grifos nossos) [104]

No discurso acima, o comportamento dos romanos é tido como cruel e selvagem – em grego Políbio escreveu νομίζοντες ὠμὸν εἶναι τὸ τοιοῦτο καὶ βαρβαρικόν. Nos três

[103] Políbio não especificou quem pronunciou esse discurso, mas mencionou apenas que essa foi a fala de um embaixador. Em nota de rodapé da sua tradução das *Histórias*, Recort (POLIBIO, 1981, p. 422, nota 14) afirma que, de acordo com Tito Lívio, quem fez esse discurso foi Trasícrates de Rodes.

[104] "Afirmastes que lutais contra Filipe em prol de toda a Grécia, a qual, uma vez libertada, não deverá obedecer às ordens daquele. A verdade é, porém, que combateis para arruinar e escravizar a todos os gregos. É isso que diz o vosso pacto com os romanos, estabelecido primeiro na letra, mas que agora o vemos transformado em realidade. Já então o escrito os encheu de vergonha, mas agora os feitos o tornou perceptível a todos. Felipe é só um pretexto nominal para a guerra. Ele não corre risco. Se aliou com a maioria dos peloponesos, com os beócios, os eubeus, os focenses, os locros, os tessálios e os epirotas, e é contra todos esses últimos que vós fizestes o pacto nos termos que se seguem: 'as pessoas e os bens corresponderiam aos romanos, as terras e as cidades, aos etólios'. Se fôsseis vós os que tomásseis as cidades, não toleraríeis que seus habitantes fossem maltratados nem que se ateasse fogo às populações. De fato, estais convencidos de que isso é cruel e selvagem." (POLÍBIO, 1981, p. 424).

trechos mencionados anteriormente, os romanos foram retratados como bárbaros que ameaçavam a liberdade grega. Champion (2000, p. 437) afirma que Políbio teve certo cuidado ao escrever esses discursos: "Polybius, then, has faithfully reported historical speeches with the degree of accuracy that his historiographical conventions allowed, but the conditions in which he worked entailed a good deal of what we should call authorial license."[105] Para Políbio, o uso desses discursos – e desse recurso retórico – tinha a finalidade de causar certo efeito de ressaltar as ações dos indivíduos, seu caráter ou personalidade – ou no caso dos discursos das embaixadas, ressaltar a posição de certos grupos como, por exemplo, os etólios (OLIVER, In: BUGH, 2006, p. 124). Champion (2000, p. 438), a respeito da crítica aos romanos nos discursos acima mencionados, ameniza o tom dessas passagens, ao afirmar que esses discursos – e o retrato dos romanos como bárbaros – devem ser lidos dentro do contexto das interações da política aqueia com os romanos, e como o patriota Políbio, que era originário da Aqueia, via o domínio romano. Finalizando essa discussão, Champion (2000, p. 441 e 442) resume:

> Polybius clearly admired many qualities in the Romans, but the Achaean patriot was also able to assert his independence in giving voice to the negative aspects of Roman behavior. His representations of Romans as both "honorary Greeks" and as barbarians leave the Romans in an indeterminate cultural position.[106]

Na primeira metade do século III a.C. as opiniões dos gregos em relação aos romanos eram bastante contraditórias: ora os romanos eram os descendentes dos troianos (povo considerado ora civilizado, ora bárbaro), ora bárbaros. Champion (2000, p. 427), a esse respeito, afirma:

> As early as the mid-fourth century, Plato's pupil Heraclides of Pontica referred to Rome as a Greek city. Timaeus, writing c. 280, incorporated Rome into the Hellenic-Homeric tradition when he maintained that the Romans were descendants of the Trojans. (…) Clearly, then, the Greeks were willing to think of Romans as part of the civilized world insofar as they lived in an impressively organized city. But Greek attitudes towards Rome in the late third and second centuries were for the most part instrumental: when Romans acted in Greek interests, as in the case of the Acarnanians, Greeks engaged what I have called a politics of cultural assimilation, treating

[105] "Políbio, então, fielmente reportou os discursos históricos com o grau de acuidade que suas convenções historiográficas lhe permitiram, mas as condições nas quais trabalhou implicaram em um bom acordo do que nós chamaríamos de licença autoral."

[106] "Políbio claramente admirava muitas qualidades dos romanos, mas o aqueu patriota também era capaz de afirmar sua independência ao dar voz aos aspectos negativos do comportamento romano. As suas representações dos romanos tanto como 'gregos honorários' quanto bárbaros deixam os romanos em uma posição cultural indeterminada."

> Romans as "honorary Greeks"; when they acted in brutal fashion in Greek lands, the Romans became βάρβαροι through a Greek politics of cultural alienation. [107]

Políbio, ao falar dos conflitos entre gauleses e romanos, retratou os romanos como civilizados (*Histórias,* I a V). Para o autor grego, o termo *bárbaro* era essencialmente negativo e só faria sentido se oposto ao Helenismo: esse termo servia para designar a falta de temperança, moderação e razão, consideradas como as balizas da sociedade helênica civilizada. Assim como Isócrates, Políbio também achava que a *paideia* era uma ferramenta para combater a barbárie (CHAMPION, 2000, p.431).

Políbio, profundamente pragmático, defendia o ensino e a escrita da História como sendo algo positivo aos homens. Ele ressaltou que o historiador deveria conhecer os locais dos quais fala, utilizar as fontes disponíveis, buscar a exatidão em sua obra e ser imparcial. O historiador também deveria buscar as causas dos eventos e narrar as tradições, costumes, e instituições das nações ou povos mencionados (JARDÉ, 1977, p. 85 e 86).

### 1.2.2 – Catão, o Censor

O contato dos romanos com os gauleses foi bem diferente da experiência que os gregos tiveram. Desde os primórdios de sua história os romanos sofriam com as ameaças dos povos que estavam próximos, o que resultou no saque de Roma, e, posteriormente, durante a consolidação do império romano, com inúmeras batalhas contra povos estrangeiros, como vimos na introdução deste trabalho. Os romanos, embora mais próximos dos celtas, todavia recorriam aos escritores gregos para tratados de etnografia, já que esse tipo de composição não era o foco dos romanos – pelo menos, não há fontes latinas que tratam de etnografia que nos chegaram. Do material que há disponível, Catão se destacou como o primeiro nome romano que escreveu a respeito dos gauleses, já no século II a.C.

---

[107] "Já em meados do século quarto, o pupilo de Platão, Heráclides de Pôntica, referiu-se a Roma como uma cidade grega. Timeu, escrevendo por volta do ano 280, incorporou Roma na tradição helênica-homérica quando afirmou que os romanos eram descendentes dos troianos (...). Claramente, então, os gregos ansiavam por considerar os romanos como parte do mundo civilizado, já que eles viviam em uma cidade impressionantemente organizada. Mas as atitudes dos gregos perante Roma no fim do século III e no século II a.C. foram, na maior parte, instrumentais: quando os romanos agiam de acordo com os interesses gregos, como no caso dos acarnânios, os gregos aderiram ao que chamei de política de assimilação cultural, tratando os romanos como "gregos honorários"; quando eles agiam de maneira brutal nas terras gregas, os romanos se tornaram bárbaros através da política grega de alienação cultural."

Catão, o Censor, também conhecido como Catão, o Velho, viveu durante o período da Segunda Guerra Púnica. Nasceu em Túsculo em 234 a.C., oriundo de uma próspera família plebeia de fazendeiros, e obteve várias magistraturas. Em 204 a.C. Catão, então questor, acompanhou Cipião até a Sicília e à África. Em 198 a.C. foi pretor no governo da Sardenha e, em 195 a.C., obteve o consulado, exercido por ele e por Valério Flaco.[108] Dois anos antes, em 197 a.C., a província da Hispânia fora dividida em Citerior e Ulterior, para facilitar o domínio romano sobre esse território, que se rebelara tanto com o jugo de Cartago quanto com o jugo de Roma. Catão, após ter sido eleito cônsul, recebeu o governo da Hispânia em 195 a.C. para colocar fim a essa revolta (CONTE, 1999, p. 85). Em 184 a.C. Catão tornou-se censor e combateu com rigor o luxo excessivo dos romanos, causado sobretudo pelas riquezas que afluíram para Roma através das vitórias obtidas em Siracusa (211 a.C.) e, posteriormente, em Pidna (168 a.C.). Rawson (In: BOARDMAN et al., 1986, p. 361) destaca que Catão tentou criar taxas para coibir esse luxo excessivo, mas que falhou nesse propósito. Em 155 a.C., tentando combater a corrupção dos valores romanos perante a cultura grega, que fazia sucesso entre a elite da Cidade, Catão se manifestou contra uma embaixada de filósofos enviados por Atenas, expulsando-os de Roma.[109] Apesar das tentativas de coibir a crescente influência grega, os romanos passaram, cada vez mais, a considerar que a educação helênica era sinônimo de refinamento: os filhos da elite eram criados com pedagogos e educadores helênicos, muitas vezes trazidos a Roma na condição de escravos, e depois esses jovens iam completar seus estudos em cidades gregas. Em 153 a.C. Catão, ao visitar Cartago – que ressurgia após a Segunda Guerra Púnica – manifestou a ideia de que essa cidade devia ser destruída; após uma prolífica vida pública, ele faleceu em 149 a.C.[110] Pela sua produção literária, Catão é considerado em alguns compêndios de literatura – como no próprio livro de Conte (1999, p. 86) – como o fundador da prosa latina, pela sua obra que nos chegou quase completa, o *De*

[108] Durante a República romana o consulado – mais alto degrau das magistraturas – era exercido por dois indivíduos, que tinham as seguintes atribuições: convocar e presidir o Senado e os comícios; fazer executar as decisões do Senado e do povo; recrutar e comandar exércitos (BORNECQUE; MORNET, 2002, p. 91).

[109] Gruen, no capítulo "Cato and Hellenism" (1992, p. 52 a 83), questiona a tão bem estabelecida antipatia de Catão com os gregos, discutindo certos aspectos filohelênicos por parte de Catão, bem como sobre sua educação e conhecimento da cultura grega.

[110] Utilizamos como referência bibliográfica para a biografia de Catão o livro de Conte (1999, p. 85 e 86).

*agricultura* (Sobre a agricultura), com conselhos sobre a vida no campo.[111] Dos discursos que proferiu no senado, temos apenas fragmentos.

Outra obra bastante conhecida de Catão é *Origines* (Origens), em sete livros, escrita por ele quando já estava em idade avançada (CONTE, 1999, p. 86). O primeiro livro era dedicado à fundação de Roma, o segundo e terceiro livros falavam sobre as origens das cidades italianas. O quarto livro era sobre a Primeira Guerra Púnica; o quinto, sobre a Segunda Guerra Púnica, e os dois últimos livros narravam os eventos romanos até a pretura de Sérvio Sulpício Galba, em 152 a.C. (CONTE, 1999, p. 87). *Origines* é considerada a primeira obra latina em prosa dedicada à história de que temos notícia.[112]

Os romanos Fábio Pictor e Cíncio Alimento (que nasceram alguns anos antes de Catão) escreveram sobre a história latina em prosa, mas em língua grega – dos quais temos apenas poucos fragmentos (ASTIN, 1978, p. 221). Pelo que nos é possível conhecer, Fábio Pictor e Cíncio Alimento foram os primeiros historiadores a escrever exclusivamente sobre a história romana.[113] Como Lintott (In: BOARDMAN et al., 1986, p. 637) ressalta, ambos viveram no período da Segunda Guerra Púnica e ocuparam cargos públicos; além disso, eles também escreveram suas obras históricas desde os primórdios de Roma. Deve-se levar em conta que Fábio Pictor e Cíncio Alimento, evidentemente, ao escrever sua obra histórica em grego, tinham em mente o público helênico, tanto o da Magna Grécia e da Sicília como também o da própria Grécia. De acordo com Emilio Gabba (2000, p. 66), "questo interessamento per un pubblico greco (...) voleva presentare Roma nel quadro della storia greca per garantirne, in certo senso, la legittimità non solo della presenza, ma anche dell'egemonia che andava conquistando".[114] Conhecido por seu caráter anti-helênico, Catão escreveu suas obras em latim, como citamos acima sobre as *Origines*, para impor a língua latina como veículo de tratados em prosa.

[111] Em português temos a tradução do *De agricultura* feita por Trevizam (2016).

[112] Para maior aprofundamento sobre as *Origens*, e do que pode ser entendido a seu respeito a partir de seus fragmentos e de fontes sobre essa obra, recomendamos Astin (1978).

[113] Beck escreve de forma mais aprofundada sobre Fábio Pictor e sua obra, no capítulo "The early Roman tradition" (In: MARINCOLA, 2007, v. 1, p. 259 e 260). Nesse mesmo capítulo (p. 263 e ss.) Beck também fala sobre outros autores de história latina, como Lúcio Calpúrnio Pisão Frugi, Lúcio Cássio Hemina, entre outros, cujo trabalho nos chegou de forma bastante fragmentada.

[114] "Esse interesse por um público grego (...) visava a apresentar Roma no quadro da história grega para garantir, em certo sentido, a legitimidade não só da presença, mas também da hegemonia que ela andava conquistando."

Ênio, imigrante de origem messápia que foi trazido a Roma por Catão, compôs um poema épico em latim sobre a história de Roma desde a queda de Troia até a época que lhe era contemporânea. Pelo fato de a narrativa desenrolar-se ano a ano, a obra recebeu o nome de *Annales* (Anais). Além da inovação de uma obra historiográfica em latim ter sido escrita em versos, outro fator até então inédito foi o fato de a história de Roma ter sido escrita por alguém que não era da elite da urbe (BECK, In: MARINCOLA, 2007, v. 1, p. 262). Em 184 a.C. Ênio conseguiu a cidadania romana.

Essa premissa de autores latinos de escrever em grego para um público helênico – que durou até metade do século II a.C. – cessou com a hegemonia de Roma no Mediterrâneo, ao vencer Cartago e conquistar a Grécia; a necessidade de se justificar ou de convencer os outros povos do poderio romano se encerrou (GABBA, 2000, p. 66 e 67). Gabba (2000, p. 67) afirma:

> Catone aveva già reagito alla tendenza e alle finalità della storiografia in greco con le sue *Origines*, nelle quali, pur accanto al riconoscimento di presenze greche nella fase protostorica di Roma, si insisteva piuttosto sulle connessioni italiche di Roma e della sua storia. Catone si rivolgeva ad un pubblico romano-italico, e per questo inseriva nel suo texto anche alcune importanti orazioni politiche da lui pronunciate.[115]

A escolha de Catão por escrever em latim também se justificava pelo seu notável repúdio à influência da cultura grega em Roma. Ao contrário dos autores analistas, isto é, que escreviam a história ano a ano, Catão escolheu escrever sua história por temas e acontecimentos. Pimentel (1997, p. 53) ressalta outro aspecto interessante dessa obra:

> Catão inovou também porque entendeu a história não só em função de Roma mas sim de toda a Itália e dos povos que a habitavam e porque, sobretudo nos quatro últimos livros, encarou a gesta de Roma sob o prisma de todos os conflitos em que se envolveu, onde quer que se dessem. Tudo que viu e viveu durante a segunda Guerra Púnica, na Hispânia, na Sicília ou na Grécia, serviu-lhe obviamente como factor enriquecedor das *Origines*. Assim, os fragmentos que chegaram até nós respiram o contacto próximo com terras, gentes, lendas, em informações pormenorizadas e amiúde pitorescas que nos revelam o militar, o administrador, o político, mas também o homem curioso e interessado que Catão era. Assim sabemos que os Lígures eram mentirosos e ignorantes, que a maior parte dos gauleses tinha como ideal de vida falar bem e combater muito, ou ouvimos Catão evocar a riqueza da Península Ibérica, com os seus rios cheios de peixe e ouro, as suas minas de ferro e prata.

[115] "Catão já havia reagido contra a tendência e a finalidade da historiografia em grego com suas *Origens*, nas quais, por questão do reconhecimento da presença grega na fase proto-histórica de Roma, ele insistia sobretudo nas conexões itálicas de Roma e da sua história. Catão se dirigia a um público romano-itálico, e por isso inseria no seu texto também alguns importantes discursos políticos pronunciados por ele."

Como Conte (1999, p. 87) relembra, essa abordagem histórica de Catão – considerando sua escrita não só sobre Roma, mas também sobre os outros povos itálicos que contribuíram para a grandeza de Roma – se justificaria pelo fato de o próprio Catão ser um *homo nouus* que não era originário da urbe. Além dos povos da Itália, ele escreveu sobre os gauleses que habitavam ao norte da península itálica. Catão também acrescentou à narrativa digressões e relatos maravilhosos, como Heródoto já fizera antes, e também algumas versões dos seus discursos (LINTOTT, In: BOARDMAN et al., 1986, p. 639).

Por ter viajado por várias províncias e territórios, Catão também abordou os povos estrangeiros em *Origines,* sobretudo costumes dos hispanos e africanos, já que ele teve maior contato com esses povos (CONTE, 1999, p. 87). Quanto aos gauleses, desde jovem Catão já tivera contato com eles, pois lutara na batalha de Metauro contra o líder cartaginês Asdrúbal, que tinha o apoio dos celtas, durante a Segunda Guerra Púnica. Até então, no período do século III a II a.C., os gregos demonstraram interesse maior sobre os celtas do que autores latinos. Catão, que viveu no mesmo período que Políbio, parece ter sido o único romano que se interessou por escrever sobre os gauleses, pelo que temos notícia. Sobre a curiosidade que Catão tinha por outros povos, Momigliano (1991, p. 63) esclarece:

> Catão tinha um interesse instintivo e talvez respeito pelas populações vencidas da Itália e das províncias. Observou os celtas com atenção e parece ter sido o primeiro a considerá-los argutos: "pleraque Gallia duas res industriosissime persequitur, rem militarem et argute loqui"(fr. 34 Peter). (...) Os celtas assomavam enormes em *Origines* de Catão. Ele tentou ser claro quanto a lugares e nomes. Encontrou um ramo dos perigosos cenomanes entre os volcas, não distante de Marselha. Provavelmente foi o primeiro a incluir os gauleses em uma história da Itália, embora Fábio Pictor que em 225 a.C. lutou contra eles estivesse fadado a dizer algo sobre as suas características. Enquanto Catão ainda estava vivo, a classe governante romana fez um esforço deliberado para começar a conhecer melhor os celtas.

Infelizmente, o único fragmento que nos chegou de Catão que menciona os celtas é o que foi citado acima por Momigliano. Temos: "*pleraque Gallia duas res industriosissime persequitur, rem militarem et argute loqui*".[116] Esse fragmento é do livro II das *Origens*, e diz que "a maior parte da Gália busca duas coisas com muita dedicação: a prática militar e o falar argutamente". Erich Gruen considera que, embora breve, este fragmento possui relevância para percebermos que Catão não se referia de

[116] Fragmento número 34 retirado de Cato (In: PETER, 1914, v.1).

maneira pejorativa aos gauleses. Nas palavras de Gruen (2011a, p. 146): "the comment, brief though it be, evidently represents a general judgment, and by no means a hostile one."[117]

## 1.3 – Os celtas vistos pelas fontes greco-romanas do século I a.C. a I d.C.

Depois de Políbio, o próximo nome relevante da Grécia que tratou dos galos foi o historiador Posidônio.

### 1.3.1 – Posidônio

Nascido em Apameia, na atual Síria, permaneceu por muito tempo em Rodes – daí ser conhecido tanto por Posidônio de Apameia ou de Rodes. Viveu provavelmente entre os anos 135 a 51 a.C. Momigliano (1991, p. 65), a respeito de Posidônio, diz:

> Podemos ser mais categóricos a respeito de Artemidoro de Éfeso e Posidônio de Rodes a quem Estrabão tratou como suas fontes mais autorizadas para a Espanha e a Gália. Ambos eram embaixadores em Roma de suas próprias cidades – ou seja, eram muito bem-vindos pela classe dirigente de Roma. (...) É evidente que Artemidoro e Posidônio viajaram pela Espanha e pela Gália com o apoio das autoridades romanas.

Posidônio foi discípulo do filósofo Panécio, responsável pela difusão do Estoicismo em Roma. Sobre Posidônio, Pereira (1993, p. 97) diz: "(...) o seu gosto pela observação tanto o levava a descrever costumes de povos, como a estudar o fluxo das marés ou os fenômenos de vulcanismo". De acordo com Strasburger (1965, p. 40), Posidônio participou de uma grande viagem exploratória por Marselha e sudeste da Gália, pela Hispânia e sua costa atlântica e por algumas ilhas a oeste do Mediterrâneo. Entre o inverno de 87 e 86 a.C. ele foi a Roma como embaixador e fez uma visita a Mário, então bastante doente. A obra *Histórias* de Posidônio era um trabalho monumental, muito usada e citada por autores posteriores, e era composta de aproximadamente 52 livros que narravam acontecimentos a partir do ano 146 a.C. – dando continuidade à *História* de Políbio – até provavelmente os anos 80 do primeiro século antes de Cristo. Kidd (1999, p. 25) assim afirma sobre a obra histórica de

[117] "O comentário, embora breve, evidentemente representa um julgamento generalista e de modo algum hostil."

Posidônio: "its range and scope was formidable, covering the whole of Mediterranean centred world from Asia Minor to Spain, Egypt and Africa to Gaul and the northern peoples to Jutland, and of course, at the centre, the Roman and Greek worlds".[118]

Por sua formação filosófica – o Estoicismo focava, sobretudo, na questão social do homem e seu aprimoramento – Posidônio escrevia história de um ponto de vista moralista e se preocupava com a razão de ser da natureza, da vida e dos acontecimentos humanos. [119] Segundo Bringmann (In CARTLEDGE et al., 1997, p. 145), "as a philosopher, he held a particular theory on the origins of man's actions and regarded history as a source of material to support his views on the psychological causes of human error".[120] Isso justifica o tamanho monumental de sua obra histórica, e através dela Posidônio alcançou grande prestígio entre os romanos, a ponto de Cícero pedir a ele para compor uma história sobre seu consulado com base em suas anotações – ou *comentarii* (HAHM, In: HAASE, 1989, p.1326).

Posidônio – também de acordo com a filosofia estoica – defendia o bom tratamento dos povos subjugados como um dever moral e necessidade prática dos Estados imperialistas (BARONOWSKI, 2011, p. 59). Para Posidônio, essa postura justa e comedida em relação às nações conquistadas era o critério pelo qual se justificava o domínio imperialista; por conseguinte, sua doutrina então incorpora a abordagem utilitária de Tucídides, que acreditava que a dominação imperialista poderia ser um instrumento de progresso e civilização, mas que também tão grande poder oferecia perigo, caso se degenerasse em busca do próprio interesse egoísta (BARONOWSKI, 2011, p. 60). Essa questão do dever moral do romano de bem tratar os vencidos depois aparecerá em autores latinos e gregos, como Filodemo, Cícero, Salústio, Diodoro, Nicolau de Damasco, Dionísio de Halicarnasso, Pompeu Trogo e Tito Lívio; essa doutrina, ainda de acordo com Baronowski (2011, p. 59), atinge seu ápice nos memoráveis versos de Virgílio nos quais ele defende que a vocação do romano é subjugar os vencidos e tratá-los com paz, justiça e clemência.[121]

---

[118] "seu alcance e escopo eram formidáveis, cobrindo todo o mundo centrado no Mediterrâneo desde a Ásia Menor até a Espanha; Egito e África até a Gália, e os povos do norte até a terra dos jutas e, claro, no centro, os mundos romano e grego."

[119] Para maior aprofundamento sobre Posidônio e sua teoria de causas históricas, recomendamos Hahm, (In: HAASE, 1989, p. 1325 a 1361).

[120] "Como filósofo, ele acreditava em uma teoria particular sobre as origens das ações dos homens e considerava a história como fonte de material para embasar seus pontos de vista sobre as causas psicológicas do erro humano."

[121] *tu regere imperio populos, Romane, memento (hae tibi erunt artes), pacique imponere morem, parcere subiectis et debellare superbos.* "Tu, romano, lembra-te de comandar os povos com tua

Posidônio era sistemático em suas descrições etnográficas e tinha talento para narrar as singularidades dos povos retratados, e também se concentrava em etnografia para, de acordo com sua teoria de causa e efeito, identificar os aspectos característicos de indivíduos e nações e relacionar esses aspectos com o sucesso ou fracasso que obtinham (HAHM, In: HAASE, 1989, p.1342).[122] Hahm (In: HAASE, 1989, p.1344 e 1345) ainda acrescenta:

> The character traits of nations and social groups, which for Posidonius made the actions and fortunes of these groups intelligible, could be discovered in their constitutions, laws, and customs. This is presumably the reason that Posidonius pays so much attention to ethnology in both his 'History' and 'On the Ocean'. The best example in the surviving fragments of the 'History' is his discussion of the customs of the Celts. This probably came as a prelude to his account of the war between the Romans and the Celtic tribes who lived in the foothills of the Alps in southeastern France, namely the *Allobroges* and the *Averni*. The war culminated in decisive victories for the Romans in 121 and 120 B.C. In introducing the Celts Posidonius described in great detail their customs, their diet and eating habits, their wines and drinking customs, their protocol and entertainment at banquets, their status symbols, and their competitions for honor.[123]

Posidônio apreciava a estrutura hierárquica dos celtas porque, além de sua organização, era também uma sociedade extravagante (MOMIGLIANO, 1991, p. 66). De acordo com Momigliano (1991, p. 67), "Posidônio confessou que a princípio se perturbara com o espetáculo de cabeças humanas cravadas na entrada das casas aristocráticas celtas, porém mais tarde «habituando-se a isso, ele podia tolerá-lo com serenidade» (Estrabão, IV.4.5)". Posidônio descreveu isso no fragmento 274 (F55 Jac), do qual temos o seguinte registro em Estrabão (IV, 4, 5):

> πρόσεστι δὲ τῇ ἀνοίᾳ καὶ τὸ βάρβαρον καὶ τὸ ἔκφυλον, ὃ τοῖς προσβόρροις ἔθνεσι παρακολουθεῖ πλεῖστον, τὸ ἀπὸ τῆς μάχης ἀπιόντας τὰς κεφαλὰς τῶν πολεμίων ἐξάπτειν ἐκ τῶν αὐχένων τῶν ἵππων, κομίσαντας δὲ

autoridade (essas serão tuas artes); impor a lei em benefício da paz, poupar os vencidos e dominar os soberbos" (Virgílio, *Eneida*, VI, 851 a 853, tradução nossa).

[122] Sobre a relação da escrita da história com o estoicismo praticado por Posidônio, recomendamos o capítulo de Hahm (In: HAASE, 1989, p. 1357 a 1361).

[123] "Os traços característicos das nações e grupos sociais, que para Posidônio tornaram inteligíveis as ações e destinos desses grupos, poderiam ser descobertos em suas estruturas, leis e costumes. Essa é a razão provável pela qual Posidônio presta muita atenção na etnologia tanto na sua 'História' quanto no 'Sobre o oceano'. O melhor exemplo dos fragmentos supérstites da 'História' é a sua discussão sobre os costumes dos celtas. Isso provavelmente seria um prelúdio para seu relato sobre a guerra entre romanos e as tribos celtas que viviam ao pé dos Alpes no sudeste da França, chamados de alóbroges e de avernos. A guerra culminou em decisivas vitórias dos romanos em 121 e em 120 a.C. Ao introduzir os celtas, Posidônio descreveu em grandes detalhes seus costumes, dieta e hábitos alimentares, seus vinhos e costumes ao beber, seu protocolo e divertimento nos banquetes, seus símbolos de status e suas competições pela honra."

> προσπατταλεύειν τοῖς προπυλαίοις. φησὶ γοῦν Ποσειδώνιος αὐτὸς ἰδεῖν ταύτην τὴν θέαν πολλαχοῦ, καὶ τὸ μὲν πρῶτον ἀηθίζεσθαι, μετὰ δὲ ταῦτα φέρειν πρᾴως διὰ τὴν συνήθειαν.
>
> Again, in addition to their witlessness, there is also that custom, barbarous and exotic, which attends most of the northern tribes — mean the fact that when they depart from the battle they hang the heads of their enemies from the necks of their horses, and, when they have brought them home, nail the spectacle to the entrances of their homes. At any rate, Poseidonius says that he himself saw this spectacle in many places, and that, although at first he loathed it, afterwards, through his familiarity with it, he could bear it calmly.[124]

O fato de os gauleses colecionarem as cabeças dos inimigos era um *tópos* de representação da selvageria bárbara que também se referia a outros povos, como os citas.[125] Posidônio ainda serviu de fonte para César, que provavelmente o usou como referência para as suas digressões etnográficas no *De bello Gallico*, e teve trechos citados por Estrabão, Plutarco e Ateneu (HAHM, In: HAASE, 1989, p.1326). Momigliano (1991, p. 67) também afirma:

> Foi Posidônio quem definiu o lugar dos druidas, dos vates e dos bardos na sociedade celta. Toda a tradição posterior praticamente depende dele. (...) Mas a sua simpatia pelos druidas, vates e bardos significa um reconhecimento autêntico da função que desempenhavam no mundo celta. Para Posidônio, os druidas eram mais importantes do que os outros dois grupos porque proporcionavam liderança, conceitos morais e religiosos e justiça.

Infelizmente, também a obra de Posidônio nos chegou excessivamente fragmentada, e muito do que se sabe a respeito de seu trabalho veio através da obra de Estrabão, sobre o qual falaremos mais à frente.[126]

### 1.3.2 – Cícero e a presença dos gauleses em seu discurso *Pro Fonteio*

Nascido em 106 a.C. em Arpino, em uma próspera família equestre, Cícero concluiu com sucesso seus estudos em Roma. Em 89 a.C. participou da Guerra Social

[124] "Mais uma vez, além da sua falta de discernimento, existe também aquele costume, bárbaro e exótico, que é comum entre muitas das tribos do Norte – que é o fato de eles, ao deixarem a batalha, pendurarem as cabeças dos inimigos nos pescoços dos seus cavalos e, quando as trazem para casa, as exibem como espetáculo na entrada de suas moradias. De qualquer forma, Posidônio diz que ele mesmo viu esse espetáculo em muitos lugares e que, apesar de primeiramente ter abominado isso mais tarde, ao se familiarizar com esse costume, ele pode tolerá-lo calmamente." Trecho retirado da tradução de James (STRABO, 1954, v. 2, p.249).
[125] Cf. Heródoto (IV, 64).
[126] Muitos fragmentos de Posidônio também podem ser encontrados em Ateneu, que escreveu no final do século II d.C., e abordavam sobretudo hábitos alimentares.

sob comando de Pompeu Estrabão, pai de Pompeu Magno. Entre 79 e 77 a.C., Cícero fez uma longa viagem pela Grécia, onde estudou filosofia e retórica; essa viagem também foi um pretexto para Cícero escapar dos inimigos que fez entre os membros do regime de Sila. Foi questor na Sicília e considerado um governador honesto e cuidadoso. Por esse motivo, em 70 a.C., Cícero aceitou o pedido dos sicilianos de acusar Verres – ex governador da Sicília – de má administração e corrupção. Seu triunfo sobre Verres trouxe-lhe a reputação de ser o maior orador de Roma. O auge de sua carreira política foi em 63 a.C., quando foi cônsul e desbaratou a conjuração de Catilina. Cícero partiu para o exílio em 58 a.C., ao ser acusado de excessos no julgamento dos cúmplices de Catilina (que foram condenados à morte), mas já em 57 a.C. retornou a Roma. Durante a Guerra Civil precipitada por César e Pompeu em 49 a.C., Cícero ficou do lado deste último. Após a morte de César, Cícero fez os discursos intitulados *Filípicas*, contra Marco Antônio. Com o triunvirato firmado entre Marco Antônio, Otávio e Lépido, Cícero tornou-se proscrito e foi assassinado por cúmplices de Antônio em 43 a.C.[127]

Cícero era grande admirador de Catão, o Censor, mas ao contrário deste último, abordou de maneira superficial os celtas em suas obras. Em seu discurso *Pro Fonteio* (A favor de Fonteio), do ano 69 a.C., Cícero defendeu Fonteio, que era propretor na Gália, das acusações dos celtas de que ele governava mal. Momigliano (1991, p. 68) ressalta:

> Pelo que sabemos, posteriormente Cícero jamais voltou a tratar sério do tema da sociedade celta – nem sequer no discurso a César *De provinciis consularibus*. Os livros, e existem tantos, sobre o pensamento político de Cícero podiam ao menos mencionar a temerária imprecisão das suas noções sobre os provincianos, que no caso dos gauleses equivalia ao desprezo.

Apesar da posição de Momigliano, a retórica da representação do outro em Cícero não era tão simples assim. É importante ter em mente que, no contexto jurídico, Cícero, através da descrição de povos e seu caráter (*ethos*), tinha um objetivo em sua fala ao tribunal, que era acusar ou tentar defender alguém. Como Vasaly (1993, p. 131) afirma, a imagem que Cícero apresentava à sua audiência era, em essência, uma construção verbal que ele tinha liberdade para manipular do melhor jeito que lhe aprouvesse. Para ser bem sucedido, ele deveria levar em conta dois aspectos: um, que as

[127] Utilizamos como referência bibliográfica para a biografia de Cícero o livro de Conte (1999, p. 175 e 176).

imagens de mundo criadas por ele deveriam ser de acordo com seus objetivos, e dois, que essas imagens parecessem uma acurada reflexão da realidade para a sua audiência: não importava se essas imagens eram reais ou falsas; o que importava era se essas imagens parecessem reais (VASALY, 1993, p. 132). Sobre povos estrangeiros que reportavam abusos de governadores romanos em suas províncias, a estratégia mais comum era a defesa tentar impugnar o caráter de toda a raça à qual esse povo pertencia, e geralmente essas reclamações vinham das províncias que tinham sido submetidas à força (VASALY, 1993, p. 191).

Voltamos agora a nossa atenção ao *Pro Fonteio*. Esse discurso trata da defesa que Cícero fez de Marco Fonteio, acusado de má administração durante sua pretura na Gália Transalpina. O *Pro Fonteio* nos chegou fragmentado e não se sabe qual foi a decisão dos juízes sobre o processo (VASALY, 1993, p. 193). A província da Gália Transalpina foi organizada após as vitórias romanas de 121 a.C., se estendia pelo mar Mediterrâneo e ligava a Itália à Hispânia, onde hoje está localizada Provença, na França. Essa região também era conhecida como Gália Narbonense, por causa da capital, *Narbo Martius* (atual Narbonne, fundada em 118 a.C.), ou *Gallia Bracata*, devido ao costume gaulês de se usar calças (*bracae*). O governador da província, tendo a magistratura de pretor, propretor ou proconsul, tinha o comando militar do território, fixava as requisições e tarefas, estabelecia as taxas e exercia sobre os povos indígenas uma jurisdição sem apelação.[128]

Por volta do ano 70 a.C. os antigos administrados de Fonteio decidiram entrar com uma ação contra o mesmo, encorajados pelo processo movido pelos sicilianos contra a má gestão do governador Verres – acusação essa feita pelo próprio Cícero, que tinha relações de amizade com os sicilianos por ter sido governador da região. Os gauleses enviaram a Roma uma delegação dirigida por Indutiomaro, chefe da nação dos alóbroges, para denunciar os abusos de Fonteio. Com exceção dos romanos estabelecidos na Gália Transalpina, e das cidades de *Narbo Martius* (Narbonne) e *Massilia* (Marselha), aliadas de Roma, a província inteira acusava o propretor. Fonteio, cliente de Cícero, não foi citado em outras fontes que não nesse discurso.[129] Ele pertencia a uma família de Túsculo, antiga e honrada, mas plebeia, como o próprio Cícero afirmou em seu discurso (*Pro Fonteio*, 41).

[128] Usamos como referência para esse parágrafo o prefácio do *Pro Fonteio* da edição da Les Belles Lettres, p. 7 e 8.
[129] Novamente utilizamos como referência para esse parágrafo o prefácio do *Pro Fonteio* da edição da Les Belles Lettres, p. 9.

Cícero defendeu seu cliente fundamentando sua argumentação na ideia de que os gauleses não eram confiáveis devido ao seu caráter e de que não havia contra Fonteio quaisquer acusações vindas de outros romanos ou aliados. Ele assim disse (*Pro Fonteio*, 15):

> *Quoniam igitur uidetis qui oppugnatum M. Fonteium, cognostis qui defensum uelint, statuite nunc quid uestra aequitas, quid populi Romani dignitas postulet, utrum colonis uestris, negotiatoribus uestris, amicissimis atque antiquissimis sociis et credere et consulere malitis, an iis, quibus neque propter iracundiam fidem, neque propter infidelitatem honorem habere debetis.*
>
> Portanto, porque vedes os que atacam M. Fonteio, e conheceis os que querem sua defesa, decidis agora o que reclamam a vossa justiça e a dignidade do povo romano; se acaso preferis acreditar e consultar os vossos colonos e os vossos negociantes, amicíssimos e antiquíssimos aliados; ou acaso acreditar naqueles os quais não deveis ter em nenhuma consideração por causa de seu caráter irascível e sua deslealdade.[130]

Cícero ainda reforçou essa ideia, ao dizer (*Pro Fonteio*, 21):

> *Potest igitur testibus iudex non credere? Cupidis et iratis et coniuratis et ab religione remotis non solum potest sed etiam debet*.
>
> Pode então um juiz não acreditar nas testemunhas? Se as testemunhas forem passionais, iradas, conjuradas e distantes da religião, não só pode, mas também deve.

De acordo com Cícero, as queixas dos gauleses não deveriam ser levadas a sério, pois eles eram incapazes de fornecer evidências confiáveis, já que não tinham noção da responsabilidade de dar um testemunho em juramento. Esse fato, para Cícero, não causaria espanto, uma vez que os gauleses eram um povo distinto dos outros, não sentindo temor nem respeito pelo juramento ou pelos deuses imortais. Cícero assim fundamentou esse argumento (*Pro Fonteio*, 30):

> *An uero istas nationes religione iuris iurandi ac metu deorum immortalium in testimoniis dicendis commoueri arbitramini, quae tantum a ceterarum gentium more ac natura dissentiunt? Quod ceterae pro religionibus suis bella suscipiunt, istae contra omnium religiones; illae in bellis gerendis ab dis immortalibus pacem ac ueniam petunt, istae cum ipsis dis immortalibus bella gesserunt. Hae sunt nationes quae quondam tam longe ab suis sedibus Delphos usque ad Apollinem Pythium atque ad oraculum orbis terrae uexandum ac spoliandum profectae sunt. Ab isdem gentibus sanctis et in*

[130] Todos os trechos citados do *Pro Fonteio* ao longo do trabalho, bem como outras passagens de Cícero aqui mencionadas, são de nossa tradução.

> *testimonio religiosis obsessum Capitolium est atque ille Iuppiter cuius nomine maiores nostri uinctam testimoniorum fidem esse uoluerunt.*
>
> Por ventura de fato credes essas *nações*, ao pronunciarem seus testemunhos, serem comovidas pela moralidade do juramento ou por medo dos deuses imortais? *Essas naçõezinhas* que estão tão afastadas dos costumes e da índole dos outros povos? Pois os outros empreendem guerras a favor de suas religiões, esses fazem guerras contra as religiões de todos; aqueles, ao fazerem guerras, suplicam aos deuses imortais paz e graça; esses contra os próprios deuses imortais travaram guerras. Essas são as *nações* que outrora partiram tão ao longe de suas moradas até Delfos, para atacar e pilhar Apolo Pítio e o oráculo de toda a terra. Por essas mesmas *naçõezinhas, santas e pias em testemunho*, foi sitiado o Capitólio e aquele Júpiter, que através do seu nome os maiores dos nossos quiseram ter a boa-fé dos testemunhos. (grifos nossos)

No trecho acima, colocamos o termo nações em itálico, e também utilizamos o diminutivo "naçõezinhas", para reforçar, na nossa tradução, a ironia com que Cícero trata os gauleses, referindo-se várias vezes a esse povo como *istae nationes*. O uso do pronome *istae* denota o desprezo com que os gauleses são tratados no *Pro Fonteio*, bem como também o sarcasmo de Cícero, ao dizer que as comunidades gaulesas, embora "santas e pias no testemunho", na prática eram primitivas e saqueadoras de cidades e templos.

Alguns anos depois da defesa de Fonteio, Cícero volta a empregar o pronome *iste* para desqualificar um adversário; no caso, o acusado era Catilina, que em 63 a.C. tentara dar um golpe de Estado em Roma e fracassara. Cícero, então cônsul e sabendo da trama conspiratória, se colocou como defensor da República e assumiu o papel de acusar Catilina no Senado. A primeira *Catilinária* se destaca pelo tom forte, ameaçador e repleto de *pathos*. Cícero, que pela lei não podia desterrar ou condenar Catilina, por ele ser um cidadão romano, apela para o patético para conseguir a condenação deste. Citamos aqui alguns exemplos, como o famoso exórdio (*Cat.*, I, 1), no qual Cícero já abre o seu discurso atacando Catilina e a sua insolência:

> *Quo usque tandem abutere, Catilina, patientia nostra? Quam diu etiam furor iste tuus nos eludet?*
>
> Até quando enfim, Catilina, abusarás de nossa paciência? Por quanto tempo *esse teu furor* zombará de nós? (grifos nossos)

Pode-se perceber, no trecho acima, que Cícero denota ironia ao se referir a Catilina e ao seu "furor" – na argumentação retórica, e aparece como o hábil cônsul que percebeu os planos nefastos de Catilina e o humilhou perante o Senado. Um pouco mais à frente, Cícero diz (*Cat*., I, 3):

> *(...) Fuit, fuit ista quondam in hac re publica uirtus, ut uiri fortes acrioribus suppliciis ciuem perniciosum quam acerbissimum hostem coercerent. Habemus senatus consultum in te, Catilina, uehemens et graue (...).*
>
> Existiu, existiu outrora *esta virtude* nesta república, a de que os homens valorosos reprimissem o cidadão perigoso com castigos mais violentos do que se fosse ao mais cruel inimigo. Temos um decreto do senado contra ti, Catilina, um decreto severo e grave. (grifos nossos)

Cícero usou o pronome *ista uirtus* para destacar que a virtude dos homens valorosos, presente na República romana em um passado glorioso, na época do orador já tinha desaparecido; com isso Cícero destacou que no período que lhe era contemporâneo os cidadãos romanos – outrora honrados – eram capazes de tudo para colocar os próprios interesses à frente da Pátria e da moralidade; assim, Cícero mais uma vez ressaltou a postura temerária e ilegal de Catilina, desrespeitador de qualquer virtude ou qualidade.

Voltando ao discurso de defesa de Fonteio, outro ponto que ressaltava a barbárie dos gauleses consistia no seu costume de fazer sacrifícios humanos (*Pro Fonteio*, 31):

> *Postremo his quicquam sanctum ac religiosum uideri potest qui, etiam si quando aliquo metu adducti deos placandos esse arbitrantur, humanis hostiis eorum aras ac templa funestant, ut ne religionem quidem colere possint, nisi eam ipsam prius scelere uiolarint? Quis enim ignorat eos usque ad hanc diem retinere illam immanem ac barbaram consuetudinem hominum immolandorum? Quam ob rem quali fide, quali pietate existimatis esse eos qui etiam deos immortalis arbitrentur hominum scelere et sanguine facillime posse placari? Cum his uos testibus uestram religionem coniungetis? Ab his quicquam sancte aut moderate dictum putabitis?*
>
> Finalmente, pode algo parecer santo e venerado a esses que, embora levados por algum medo e decidam que os deuses devam ser agradados, desonram os seus altares e templos com vítimas humanas? Como podem ao menos cultuar a religião, se antes essa mesma tenham violado, criminalmente, com abominação? Quem de fato ignora que eles, até estes dias, mantiveram aquele costume desumano e bárbaro de imolar homens? Em vista de quê vós considerais que eles tenham alguma fé, alguma piedade, eles que também pensam que podem agradar facilmente os deuses imortais com crime de homens e sangue? Com eles vós ajuntareis a vossa religião? Considerareis algum dito deles como honrado ou moderado?

Cícero também salienta a rivalidade entre gauleses e romanos ao construir no seu discurso a imagem de "nós contra eles", ressaltando vários *tópoi* de caracterização negativa do gaulês (*Pro Fonteio*, 32):

> *Potestis igitur ignotos notis, iniquos aequis, alienigenas domesticis, cupidos moderatis, mercennarios gratuitis, impios religiosis, inimicissimos huic imperio ac nomini bonis ac fidelibus et sociis et ciuibus anteferre?*

> Podeis então preferir os desconhecidos aos conhecidos, os parciais aos imparciais, os estrangeiros aos compatriotas, os cúpidos aos moderados, os mercenários aos voluntários, os ímpios aos piedosos, os maiores inimigos deste império e desta reputação aos bons e fiéis aliados e cidadãos?

Cícero ainda afirmou que Fonteio teria várias características positivas, já que era o tipo de cidadão romano de que Roma precisava, como forma de desqualificar a ação judicial movida pelos gauleses (*Pro Fonteio*, 41):

> *Videte igitur utrum sit aequius hominem honestissimum, uirum fortissimum, ciuem optimum dedi inimicissimis atque immanissimis nationibus an reddi amicis, praesertim cum tot res sint quae uestris animis pro huius innocentis salute supplicent (...)*
>
> Vede então o que é mais justo: um homem honestíssimo, indivíduo fortíssimo e ótimo cidadão ser dado aos inimicíssimos e crudelíssimos povos, ou ele ser restituído aos amigos, sobretudo quando existem tantas razões que impelem os vossos ânimos a favor da salvação deste inocente (...).

Cícero também afirmou algo parecido na seguinte passagem (*Pro Fonteio*, 43):

> *Quae si diligenter attendetis, profecto, iudices, uirum ad labores belli impigrum, ad pericula fortem, ad usum ac disciplinam peritum, ad consilia prudentem, ad casum fortunamque felicem domi uobis ac liberis uestris retinere quam inimicissimis populo Romano nationibus et crudelissimis tradere et condonare maletis.*
>
> Se vedes com atenção, juízes, certamente o homem infatigável para os esforços da guerra, forte frente aos perigos, perito na prática e ciência militar, prudente para as deliberações, favorável ao acaso e fortuna, vós preferireis mantê-lo na pátria, entre vós e vossos filhos, a entregá-lo às nações inimicíssimas e crudelíssimas ao povo romano.

Por fim, Cícero recorreu até ao tipo de vestimenta dos gauleses (saiotes e calças) para desmoralizá-los (*Pro Fonteio*, 33):

> *Sic existimatis eos hic sagatos bracatosque uersari, animo demisso atque humili, ut solent ii qui adfecti iniuriis ad opem iudicum supplices infirioresque confugiunt? Nihil uero minus. Hi contra uagantur laeti atque erecti passim toto foro cum quibusdam minis et barbaro atque immani terrore uerborum (...)*
>
> Assim considerais esses aqui, trajados com saiotes e calças, com postura tímida e humilde, como fazem aqueles que, oprimidos por injúrias, recorrem ao poder dos juízes, súplices e submissos? Nada é menos verdadeiro. Eles, pelo contrário, vagam desordenadamente por todo o foro, felizes e arrogantes, com várias ameaças e com o terror bárbaro e desumano da sua língua (...).

Pelos trechos citados acima Cícero caracterizou os gauleses com vários termos pejorativos: temos a repetição dos adjetivos *cupidus* (21 e 32), além de outros termos, dentre os quais *ignotus*, *iniquus*, *mercennarius* e *impius* – que aparecem no parágrafo 32. Cícero ainda acentuou o (mau) caráter dos gauleses pela distância que esse povo mantinha da civilização, tanto geográfica quanto moral, ao dizer que eles estavam longe da religião (21: *ab religione remotis*) e afastados dos costumes e da índole dos outros povos (30: *a ceterarum gentium more ac natura dissentiunt*).[131] Cícero também considerava os gauleses como sendo os piores inimigos de Roma, e faz essa caracterização através do uso de superlativos: *inimicissimis atque immanissimis nationibus* (41) e *inimicissimis populo Romano nationibus et crudelissimis* (43). Pelos trechos do *Pro Fonteio* destacados acima, podemos ver que Cícero utiliza a oposição entre gauleses e romanos para reforçar seus argumentos a fim de defender Fonteio. Todo esse discurso baseia-se na representação do gaulês como exemplo máximo de antítese ao romano: o gaulês é primitivo, o romano é civilizado; o gaulês é desleal e mentiroso, enquanto o romano é confiável e correto; e assim por diante. Todos esses argumentos citados do *Pro Fonteio* reforçavam a imagem do gaulês como sendo a de uma nação cruel e ameaçadora, que não era intimidada nem por homens ou deuses, que não respeitava a religião ou os juramentos, e que era consumida por um desejo de vingança contra seus conquistadores. Vasaly (1993, p. 253 e 254) resume:

> (...) Cicero appended to his descriptions of the world a variety of explanations for the characteristics imputed to the people: racial mixing and degeneration explain the character of the Sardinians in the *Pro Scauro*; in the *Pro Flacco* Cicero implies that exposure to the decadent and slavish cultures of the East is the reason for the cultural and moral debasement of the Asian Greeks as compared with the European Greeks (...). Only in the *Pro Fonteio* does the orator rely on an appeal to negative prejudice unsupported by any arguments as to the grounds for that prejudice.[132]

Como Gruen (2011a, p. 147) destaca, o medo dos gauleses (*metus gallicus*) era um conveniente recurso empregado na literatura latina, mas os próprios romanos da época de Cícero não consideravam seriamente uma segunda invasão dos gauleses;

[131] Já abordamos anteriormente – ainda que de forma resumida – a questão da teoria hipocrática de que o centro seria o lugar mais civilizado, enquanto as nações mais distantes seriam consideradas mais selvagens, nas páginas 32 e 33 deste trabalho.

[132] "(...) Cícero acrescentou às suas descrições de mundo uma variedade de explicações para as características imputadas aos povos: a mistura racial e a degeneração explicam o caráter dos sardenhos no *Pro Scauro*; no *Pro Flacco* Cícero afirma que a exposição às culturas decadentes e escravocratas do oriente é a razão do declínio cultural e moral dos gregos asiáticos comparados com os gregos europeus (...) Apenas no *Pro Fonteio* o orador se fundamenta no recurso do preconceito negativo, embasado por nenhum argumento que não as razões do próprio preconceito."

Cícero distorceu a figura dos gauleses, utilizando-se de antigos estereótipos com fins puramente jurídicos. No caso desse processo contra Fonteio, também era desfavorável aos gauleses o interesse do Estado romano, que buscava o estabelecimento do comércio e da circulação de mercadorias da província até Roma. Como Vasaly afirma (1993, p. 194), dos romanos que moravam na Gália, nenhum testemunhou contra Fonteio; com isso Cícero pode retratar o caso como sendo uma batalha entre todos aqueles que eram leais ao estado e às hordas bárbaras. Como pontua Vasaly (1993, p. 137), o etnocentrismo cultural provia ao orador da Roma antiga – e de qualquer outra cultura – o tópos comum do "eles e nós"; ao explorar o lado negativo desse tópos, o orador poderia facilmente convencer sua audiência romana de que os povos distantes eram bárbaros, monstruosos, inimigos implacáveis e moralmente inferiores. Os "nossos" interesses, cruciais para a preservação de todo o império, portanto, vinham antes dos interesses "deles".

Sobre Marco Fonteio, não sabemos qual foi o resultado do julgamento; de toda forma seu nome, após 69 a.C., não apareceu mais nas listas das magistraturas romanas.[133] Nem sempre, contudo, o discurso jurídico de Cícero era contrário aos povos estrangeiros. Temos como exemplo o já mencionado processo contra Verres, no qual Cícero defendeu os sicilianos dos abusos cometidos pelo então pretor enviado por Roma. O retrato que Cícero fez de Verres – e seus partidários – o mostrou como um tirano ansioso por bens e ao mesmo tempo como uma figura dissoluta que descansava languidamente em sua liteira, sempre cheirando um buquê de rosas (CONTE, 1999, p. 180). Cícero assim escreveu sobre Verres (*Verrinas*, II, 5, 27):

> *Nam, ut mos fuit Bithyniae regibus, lectica octophoro ferebatur, in qua puluinus erat perlucidus Melitensis rosa fartus; ipse autem coronam habebat unam in capite, alteram in collo, reticulumque ad naris sibi admouebat tenuissimo lino, minutis maculis, plenum rosae.*
>
> De fato, tal como fora o costume dos reis da Bitínia, ele era conduzido em uma liteira levada por oito homens, na qual havia uma almofada translúcida de Malta repleta de rosas; ele mesmo tinha uma coroa na cabeça, outra no pescoço, e aproximava ao seu nariz um saquinho de linho finíssimo, de malhas diminutas, cheio de rosas.

Cícero, no *Pro Fonteio*, usou de todos os recursos retóricos para rebaixar a queixa dos gauleses. Como Gruen (2011a, p. 147) lembra sobre Cícero, o orador

[133] Utilizamos como referência para esse parágrafo o prefácio do *Pro Fonteio* da edição da Les Belles Lettres, p. 16.

romano não poupou acusações para desqualificar as testemunhas gaulesas, sobretudo o líder Indutiomaro; nesse processo Cícero levou a difamação a um nível mais grave, ao dizer que o mais distinto dos gauleses não poderia ser comparado ao pior dos romanos. Ainda nas palavras de Gruen (2011a, p. 147), "as is notorious, the same Allobroges whom Cicero defames as faithless witnesses here, he employs only a few years later as trustworthy witnesses against the Catilinarians, and they were generously rewarded for their testimony by the Senate (Cic. *Cat*, 3.4.5)."[134] Durante a conspiração de Catilina, por volta do ano 63 a.C., um grupo dos alóbroges estava em Roma, para queixar-se ao senado contra os desmandos de Lúcio Murena, então governador da província da Gália Narbonense. Lêntulo, aliado de Catilina, entrou em contato com os alóbroges para fazer uma aliança: em troca do apoio romano, os alóbroges cederiam tropas para Catilina. Os alóbroges se aconselharam com o senador Quinto Fábio Sanga, que imediatamente contou tudo a Cícero. Cícero aconselhou os alóbroges, junto a um certo Tito Voltúrcio, a fingirem o tratado com os conspiradores, e conseguiu provas da conjuração; após a prisão dos envolvidos, o senado decretou ações de graças pelo ocorrido.[135] Assim Cícero descreveu esses acontecimentos (*Cat*., III, IV, 5): "*(...) maximeque quod meo nomine supplicationem decrevistis, qui honos togato habitus ante me est nemini; postremo hesterno die praemia legatis Allobrogum Titoque Volturcio dedistis amplissima.*" (Principalmente, vós decretastes ações de graças em meu nome, honra que antes de mim nunca fora concedida a ninguém trajando toga; por fim, ontem vós concedestes vastíssimas recompensas aos legados dos alóbroges e a Tito Voltúrcio).

Quanto aos gauleses, as suas representações durante o período final da República romana eram complexas, refletindo reações mistas de curiosidade, desconfiança e admiração que gregos e romanos tinham em relação a eles – como nos relatos de Diodoro Sículo, Cícero e César (GRUEN, 2011a, p. 146). É significativo que, embora Cícero tenha se referido aos gauleses de forma tão preconceituosa no *Pro Fonteio* – e tenha sido ajudado pelos mesmos alóbroges para desbaratar a conjuração de Catilina – ele na verdade teve relações de amizade com Divicíaco, um eminente druida,

[134] "Como é notório, os mesmos alóbroges que aqui Cícero difamou como testemunhas não confiáveis, apenas alguns anos depois ele as empregou como testemunhas confiáveis contra os catilinários, e eles foram generosamente recompensados pelo senado por causa do seu testemunho (Cic. *Cat*., 4.5, 4.10)."

[135] Todas as informações sobre o falso pacto entre alóbroges e os conspiradores aliados de Catilina foram retiradas do prefácio de Pinho à sua tradução das *Catilinárias* (CÍCERO, 1990, p. 21 e 22).

que é mencionado na obra *De diuinatione* (Sobre a adivinhação).[136] Divicíaco foi retratado como um amante dos estudos e capaz de predizer o futuro com uma combinação de augúrios e conjecturas (GRUEN, 2011a, p. 146). Cícero assim escreveu sobre o druida (*De Diuinatione*, I, 90):

> *Eaque diuinationum ratio ne in barbaris quidem gentibus neglecta est, siquidem et in Gallia Druidae sunt, e quibus ipse Diuitiacum Haeduum, hospitem tuum laudatoremque cognoui, qui et naturae rationem, quam physiologiam Graeci appellant, notam esse sibi profitebatur et partim auguriis, partim coniectura, quae essent futura dicebat* (...)
>
> Esse interesse por adivinhações não foi indiferente sequer aos povos bárbaros, visto que até mesmo na Gália existem os druidas, dentre os quais eu mesmo conheci o éduo Divicíaco, teu hóspede e admirador, o qual afirmava ter compreensão da natureza – que os gregos chamam de fisiologia – conhecida por ele em parte através de augúrios, em parte através de conjecturas que anunciavam o que seria o futuro (…)

### 1.3.2.1 Cícero e o papel da historiografia latina

Cícero preocupou-se em trazer para Roma não só a filosofia e a retórica grega, mas também a historiografia. Não pretendemos aprofundar muito nesse aspecto, apenas falar de forma introdutória sobre a concepção de história ciceroniana, já que isso servirá de influência para os autores posteriores, sobretudo Tito Lívio. André e Hus (1974, p. 15) consideram que antes de Cícero não existia em Roma o gênero literário *história*. Antes dele, existia apenas a história poética – nas epopeias de Névio e Ênio, a narrativa analítica e o comentário.

Cícero, além de político e orador de sucesso, também foi o primeiro romano de que temos notícia a teorizar sobre a ciência de se escrever história, tema que abordou, sobretudo, em suas obras *De oratore* (Do orador) (especialmente no livro II, entre os capítulos 51 e 64) e *Orator* (O orador). Destacamos o seguinte trecho (*De Or*., II, 36):

> *Historia vero testis temporum, lux veritatis, vita memoriae, magistra uitae, nuntia vetustatis, qua voce alia nisi oratoris immortalitati commendatur?*
>
> De fato, a História, que é testemunha dos tempos, luz da verdade, vida da memória, mestra da vida, mensageira da antiguidade – através de qual outra voz, que não a do orador, é transformada em imortalidade?

[136] Segundo César (*BGall*, I, 31) o gaulês Divicíaco, irmão de Dumnorige e chefe dos éduos, viera a Roma para requerer auxílio ao Senado contra os séquanos e contra Ariovisto, rei dos germanos, que invadira o seu território. Provavelmente foi nessa ocasião que Cícero pode conhecê-lo, em 61 a.C.

Cícero considerava que o dever de se escrever história deveria ser assumido pelo orador, pois apenas ele teria conhecimento, capacidade técnica e refinamento retórico para compor esse tipo de obra. O próprio termo *orador* tinha concepções múltiplas para Cícero. Orador, no sentido estrito, era o homem que sabe falar bem em público graças a seus dons naturais e ao estudo da retórica. Para Cícero, o orador também seria o perfil ideal do escritor, já que a retórica também servia bem à escrita; ele também era o homem de estado, já que a palavra era, por excelência, o meio de governar (MARTIN; GAILLARD, 1981, p. 114-115). Daí Cícero centrar o orador no papel de escritor da história.[137] André e Hus (1974, p. 16) lembram:

> Il faut notamment distinguer les textes où il parle de l'*antiquitas*, des *rerum gestarum monumenta*, etc., de ceux où figure le mot *historia*. Les premiers s'appliquent aux conaissances historiques nécessaires à l'orateur et à l'homme d'Etat; les seconds au genre littéraire dont la composition est revendiquée pour l'*orator*-écrivain.[138]

A ideia de Cícero era a de que o orador deveria ter um vasto conhecimento da cultura geral, além de conhecer a dialética, a filosofia, a retórica, o direito civil e a história (*De Or.*, I, 201). A história, então, seria a base de conhecimento do passado fundamental para o orador ter conhecimento do presente, bem como o meio privilegiado pelo qual o homem pode aperfeiçoar sua conduta e se situar no mundo. A filosofia também teria esse papel; Cícero, contudo, acreditava que a história seria mais efetiva do que a filosofia já que, no contexto latino, os romanos eram mais sensíveis aos *exempla* do que às palavras que resultavam do pensamento especulativo.[139] Além disso, uma obra de cunho histórico requereria menos trabalho para ser escrita do que uma obra filosófica. Como Brunt (1993, p. 196 e 197) ressalta, "both law and philosophy were recognized as hard disciplines only to be mastered by prolonged application. By contrast, the collation or investigation of historical evidence, though time-consuming,

[137] Para maior discussão sobre esse tema, bem como maior aprofundamento, recomendamos o capítulo "Cicero and Historiography" (in: BRUNT, 1993). Sobre os trechos em que Cícero fez essas afirmações, cf. *De oratore*, I,18 e I,159.

[138] "Deve-se especialmente distinguir os textos onde ele usa os termos *antiquitas*, *rerum gestarum monumenta*, etc., dos que trazem o termo *historia*. Os primeiros se aplicam aos conhecimentos históricos necessários ao orador e ao homem de Estado; o segundo, ao gênero literário cuja composição é reivindicada pelo orador escritor."

[139] Cf. *Pro Archia*, §14-16.

required no technical preparation."[140] Por conseguinte, assim temos no *Orador* (cap. 120):

> *Cognoscat etiam rerum gestarum et memoriae ueteris ordinem, maxime scilicet nostrae ciuitatis, sed etiam imperiosorum populorum et regum inlustrium; quem laborem nobis Attici nostri leuauit labor, qui conseruatis notatisque temporibus, nihil cum inlustre praetermitteret, annorum septingentorum memoriam uno libro conligauit. Nescire autem quid ante quam natus sis acciderit, id est semper esse puerum. (...) Commemoratio autem antiquitatis exemplorumque prolatio summa cum delectatione et auctoritatem orationi adfert et fidem.*
>
> Conheça também a sucessão dos fatos acontecidos e de memória antiga; evidentemente, a história da nossa cidade, e ainda a dos povos poderosos e dos reinos ilustres; o trabalho do nosso Ático nos poupou o esforço, pois ele reuniu, em um único livro, a memória de setecentos anos, com as épocas preservadas e demarcadas, sem se esquecer de nada importante. De fato, desconhecer o que tenha acontecido antes de nascer, é como permanecer sempre criança. (...) A recordação da antiguidade e a citação de exemplos, como causa grande deleite, também confere ao discurso autoridade e confiança.

Pelo trecho acima, vemos a importância que a história tem, tanto como aspecto científico – com a memória dos feitos do passado, de forma a instruir os cidadãos, como também o aspecto literário, que provoca prazer na audiência. Percebe-se também que o trabalho prático de juntar informações, embora dificultoso, não requeria grande habilidade técnica – Cícero demonstra que Ático fizera o trabalho por ele. Além disso, o fato de um orador fazer história levanta a profunda questão das implicações políticas, já que o próprio orador dedicava-se à vida pública. Dessa maneira, para o orador o critério da composição historiográfica não é mais a única preocupação em narrar os eventos que aconteceram, mas sim escolher esses eventos e manipulá-los (até mesmo distorcendo-os), com o único propósito de convencer a audiência de algum ponto de vista (FORNARA, 1983, p. 170). Por conseguinte, é a necessidade da situação que condiciona a escrita da obra, e pelos exemplos supracitados do *Pro Fonteio*, foi exatamente isso que Cícero fez, ao retratar os gauleses como os típicos vilões com a finalidade de absolver Fonteio.

Para Cícero, a filosofia e a história eram matérias importantes; contudo, cada uma tinha um enfoque diferente. A filosofia, ao tratar de temas e conceitos abstratos, visava a provocar uma reflexão subjetiva no público-alvo. A história, na concepção

[140] "Tanto o direito quanto a filosofia eram reconhecidos como disciplinas duras que apenas seriam dominadas através de longa dedicação. Por contraste, a verificação ou investigação de evidência histórica, apesar de consumir tempo, não requereria preparação técnica."

ciceroniana, tinha um objetivo concreto, de ser fonte de exemplos práticos, para guiar a conduta dos cidadãos em situações parecidas com as narradas nas obras historiográficas (ANDRÉ; HUS, 1974, p. 18). Esse conceito da história não é inovação de Cícero; de fato, Aristóteles (*Retórica*, 1360a) também destacou o caráter útil da história que era escrita sobre as ações dos homens, de modo a fornecer exemplos de como agir frente a problemas ou situações semelhantes aos narrados em tal gênero. Apesar da grande importância que Cícero deu ao papel da história, ele mesmo não escreveu nenhuma obra histórica, já que preferiu compor tratados filosóficos.[141] Dessa maneira, Cícero concentrou-se mais em escrever sobre a teoria da historiografia; suas considerações a respeito das implicações teóricas desse ramo do conhecimento foram inéditas, influenciando autores posteriores, sobretudo Tito Lívio (PEREIRA, 1993, p. 139).

Cícero considerava que a história deveria ser escrita de maneira verídica e imparcial, levando-se em conta a ordem cronológica dos fatos, bem como enunciar suas causas e consequências. Além disso, o historiador teria que fazer a descrição dos locais, a biografia das personalidades importantes seguindo essa tradição da cronologia dos eventos (*De Or*., II, 62 a 64). O orador também deveria ter cuidado com o estilo e o aspecto formal da composição, e a obra deveria ser agradável de ser lida (PEREIRA, 1993, p. 139). Destacamos aqui as palavras de André e Hus (1974, p. 22) a esse respeito:

> (...) l'histoire doit être composée dans le loisir et la sérénité. Aux antipodes de la véhémence judiciaire, mais proche du calme des sophistes «qui ne son pas faits pour le combat», il est le style d'un genre littéraire de cabinet, produit, non de l'*orator*-avocat, mais de l'*orator*-écrivain qui se penche sereinement sur les vicissitudes humaines en s'aidant de son expérience d'homme d'État.[142]

Cícero defendia a concepção da história como *historia ornata*, ou história ornada, que é escrita de forma bela, com o compromisso da verdade. Daí tem-se a exigência da qualidade do estilo – em se tratando de Cícero, um estilo abundante, sem desacordos, sem paixão, mas que evidenciava as belezas da história (MARTIN; GAILLARD, 1981, p. 115). Cícero também ressaltava não só o caráter pragmático da

[141] De fato, Cícero chegou a escrever comentários sobre o seu consulado, em 63 a.C. O orador romano chegou a pedir a Posidônio que usasse esse material para escrever uma obra historiográfica, ao que o historiador e filósofo grego recusou (cf. p. 64).

[142] "(...) a história deve ser escrita no lazer e na serenidade. Aos rompantes da veemência judiciária, mas próximo da calma dos sofistas «que não são feitos para o combate», esse é o estilo de gênero literário de escritório, produzido não pelo orador advogado, mas pelo orador escritor, que aborda serenamente as vicissitudes humanas com o auxílio de sua experiência de homem de Estado."

história, mas também a sua importância quanto ao seu papel moral, de modo a fornecer exemplos de virtude para as gerações vindouras. Além disso, Cícero preferia que a história que lhe era contemporânea servisse de material aos autores, pois as histórias dos tempos passados estavam envolvidas em brumas contraditórias, e na sua época havia muitos exemplos de acontecimentos e fatos que tiveram importância capital para Roma (MARTIN; GAILLARD, 1981, p. 115). Sobre essa concepção historiográfica de Cícero, pode-se compará-la com duas obras de capital importância na literatura latina que representam esse ideal: as monografias de Salústio, por abordarem temas contemporâneos ou recém acontecidos, mas de estilo breve que recusava a abundância oratória; e Tito Lívio, que praticava o estilo ornado e de frases amplas, tal como preconizava Cícero, mas que, por outro lado, adotava a metodologia de composição em anais e cuja amplitude, com contornos trágicos, era até mesmo criticada pelo orador (MARTIN; GAILLARD, 1981, p. 115).[143]

### 1.3.3 – Diodoro Sículo

Desde Políbio, no século II a.C., os romanos já dispunham de tratados e relatos etnográficos sobre os celtas. Foi no século I a.C., contudo, que Roma conquistou os povos da Europa ocidental (celtas, hispanos e iberos) de forma definitiva, consolidando seu domínio e ampliando cada vez mais seu território. Desse período entre os séculos I a.C. e I d.C. temos mais dois autores gregos que se destacaram ao escreverem sobre os celtas: Diodoro Sículo e Estrabão.

Diodoro Sículo nasceu provavelmente em 90 a.C. em *Agirium*, hoje Agira, na Sicília, daí o cognome Sículo. Foi contemporâneo de César e sua morte teria sido em 30 a.C.[144] Diodoro Sículo, com sua *Biblioteca* (ou *Bibliotheca historica*), é uma fonte importante, tanto por sua tentativa de superar Éforo, ao colocar todas as civilizações em destaque na sua obra historiográfica e não só a Grécia, quanto por tentar cobrir o período desde as origens da criação até o ano de 59 a.C. (quando César obteve seu primeiro consulado). Por essa abordagem abrangente sua obra é considerada universal. A catalogação de autores e obras estava na moda na Roma do século I a.C.; Diodoro, influenciado pelo período que passou em Alexandria, compôs sua *Biblioteca* com base

[143] Abordaremos Tito Lívio e sua obra de forma mais aprofundada no capítulo 3 deste trabalho.

[144] Para essa pequena biografia de Diodoro Sículo tomamos como referência a introdução escrita por Alasà (DIODORO DE SICILIA, 2001, p. 8-9).

em uma grande coleção, com várias citações de outros historiadores, sem nomear necessariamente toda fonte que empregou em sua obra (SACKS, 1990, p. 77). Diodoro, dessa forma, fez uma sucessão de resumos dos trabalhos e obras de outros autores, muito deles hoje perdidos, o que justificava o título de seu livro, *Biblioteca* (MURRAY In: BOARDMAN et al., 1986, p. 201). Diodoro, de fato, era mais um intelectual curioso que compilou textos de caráter etnográfico, geográfico, mitológico, historiográfico, dentre outros ramos do saber, para refletir a cultura no âmbito da tradição greco-latina.[145] A longa obra de Diodoro seria composta de quarenta livros, dos quais temos apenas os livros I-V e XI-XX; do restante temos apenas fragmentos.[146]

Diodoro se interessou de forma significativa pela etnografia celta, dedicando sete capítulos de sua obra a esse povo (*Biblioteca*, V, 26 a 32). Ele descreveu o clima da região, geografia, recursos naturais, além de aspectos culturais dos gauleses, como vestuário, hábitos, crenças etc. Assim como outros autores já citados, Diodoro também relacionou o clima de uma região com o tipo físico e saúde do povo que a habitava (VASALY, 1993, p. 147). Diodoro dessa forma escreveu (*Bib.*, III, 34, 8): διόπερ τῆς διαφορᾶς τῆς τῶν ἀέρων ἐν ὀλίγῳ διαστήματι μεγάλης οὔσης οὐδὲν παράδοξον καὶ τὴν δίαιταν καὶ τοὺς βίους, ἔτι δὲ τὰ σώματα πολὺ διαλλάττειν τῶν παρ᾽ ἡμῖν ("por tanto, siendo grande la diferencia de climas en poco intervalo, no es nada asombroso que no sólo la dieta, sino también los modos de vida e incluso los cuerpos cambien mucho de los nuestros.")[147] Como Gruen (2011a, p. 143) lembra sobre essa obra, "Comments are generally bland and descriptive. But they give a sense of the impressions of Gauls that circulated among Greek writers contemporaneous with Caesar".[148] Assim como Políbio, Diodoro também mencionou a grande estatura dos gauleses (V, 28, 1): οἱ δὲ Γαλάται τοῖς μὲν σώμασίν εἰσιν εὐμήκεις, ταῖς δὲ σαρξὶ κάθυγροι καὶ λευκοί, ταῖς δὲ κόμαις οὐ μόνον ἐκ φύσεως ξανθοί, ἀλλὰ καὶ διὰ τῆς κατασκευῆς ἐπιτηδεύουσιν αὔξειν τὴν φυσικὴν τῆς χρόας ἰδιότητα ("Los galos tienen una considerable estatura, músculos

[145] Citação também retirada da introdução de Alasà citada acima (2001, p. 10).
[146] Informação retirada do prefácio de Oldfather da sua tradução de Diodorus of Sicily (1952, v.1, p. XV).
[147] "Portanto, sendo grande a diferença de climas em pouco intervalo, não é nada assombroso que não só a dieta, mas também os modos de vida e inclusive os corpos sejam tão diferentes dos nossos." (DIODORO DE SICÍLIA, 2001, p. 470).
[148] "Os comentários são geralmente brandos e descritivos. Eles, contudo, dão uma percepção das impressões dos gauleses que circulavam entre os escritores gregos contemporâneos de César."

flácidos, piel blanca, cabellos rubios no sólo por naturaleza, sino también porque, por medios artificiales, se dedican a acentuar su propio color natural.")[149]

No geral, Diodoro narrou sobre os costumes dos gauleses de forma mais imparcial do que preconceituosa ou crítica, com várias curiosidades e diferenças de costumes (GRUEN, 2011a, p. 145). Destacamos aqui uma passagem em que Diodoro compara um costume gaulês – o de oferecer os melhores cortes de carne aos homens mais bravos – a alguns versos da *Ilíada*. Lê-se em *Biblioteca*, V, 28, 4:

> δειπνοῦσι δὲ καθήμενοι πάντες οὐκ ἐπὶ θρόνων, ἀλλ᾽ ἐπὶ τῆς γῆς, ὑποστρώμασι χρώμενοι λύκων ἢ κυνῶν δέρμασι. διακονοῦνται δ᾽ ὑπὸ τῶν νεωτάτων παίδων ἐχόντων ἡλικίαν, ἀρρένων τε καὶ θηλειῶν. πλησίον δ᾽ αὐτῶν ἐσχάραι κεῖνται γέμουσαι πυρὸς καὶ λέβητας ἔχουσαι καὶ ὀβελοὺς πλήρεις κρεῶν ὁλομερῶν. τοὺς δ᾽ ἀγαθοὺς ἄνδρας ταῖς καλλίσταις τῶν κρεῶν μοίραις γεραίρουσι, καθάπερ καὶ ὁ ποιητὴς τὸν Αἴαντα παρεισάγει τιμώμενον ὑπὸ τῶν ἀριστέων, ὅτε πρὸς Ἕκτορα μονομαχήσας ἐνίκησε,νώτοισιν δ᾽ Αἴαντα διηνεκέεσσι γέραιρε.
>
> Todos comen sentados, no en asientos sino en el suelo, utilizando como almohadas pieles de lobos o de perros. De servir en las comidas se ocupan los más jóvenes, tanto los varones como las hembras, que tienen la edad adecuada. Cerca de ellos hay chimeneas llenas de fuego, con calderas y asadores repletos de piezas enteras de carne. Recompensan a los hombres valerosos dándoles los mejores trozos de carne, de la misma manera que ocurre cuando el poeta presenta a Ayante honrado por los jefes una vez que resultó vencedor en el combate singular con Héctor: *recompensó a Ayante con el ancho lomo*. (grifo do tradutor) [150]

O verso da passagem acima, colocado em itálico pelo tradutor Esbarranch, refere-se ao canto VII da *Ilíada*. Diodoro mencionou os seguintes versos de Homero em sua comparação com o hábito dos gauleses (*Ilíada*, VII, v. 319 a 322):

> αὐτὰρ ἐπεὶ παύσαντο πόνου τετύκοντό τε δαῖτα,
> δαίνυντ᾽, οὐδέ τι θυμὸς ἐδεύετο δαιτὸς ἐΐσης:
> νώτοισιν δ᾽ Αἴαντα διηνεκέεσσι γέραιρεν
> ἥρως Ἀτρεΐδης εὐρὺ κρείων Ἀγαμέμνων.
>
> Quando puseram termo ao esforço de preparar o jantar,
> comeram e nada lhes faltou naquele festim compartilhado.
> A Ájax honrou com o lombo contínuo do boi

[149] "Os gauleses têm uma estatura considerável, músculos flácidos, pele branca, cabelos ruivos não só por natureza, mas também porque, por meios artificiais, se dedicam a acentuar sua própria cor natural." Esse trecho foi retirado da tradução de Esbarranch para a obra de Diodoro (2004, p. 270 e 271).

[150] "Todos comem sentados, não em assentos, mas no chão, utilizando como almofadas peles de lobos ou cães. Os mais jovens se ocupam de servir a comida, tanto os rapazes quanto as moças que tenham a idade adequada. Perto deles há lareiras cheias de fogo, com caldeiras e grelhas repletas de peças inteiras de carne. Recompensam os homens dando-lhes os melhores nacos de carne, da mesma maneira que acontece quando o poeta presenteia Ájax, honrado por seus chefes uma vez que ele saiu vencedor do combate individual com Heitor: *recompensou Ájax com o lombo do boi*." (DIODORO DE SICÍLIA, 2004, p. 270).

o herói, filho de Atreu, Agamémnon de vasto poder.[151]

Os banquetes eram uma importante característica em sociedades indoeuropeias, como os celtas e os próprios gregos, e serviam para estreitar os laços entre os membros desses grupos, sobretudo dos líderes para com os guerreiros.[152] Diodoro, em sua descrição etnográfica dos celtas, os descreveu não só como sendo corajosos e fortes, mas também possuidores de erudição – representada na figura dos bardos e dos druidas, chamados por Diodoro de filósofos, e também dos adivinhos (vates), que realizavam sacrifícios humanos. Assim ele narrou (*Biblioteca*, V, 31, 2 a 4):

> εἰσὶ δὲ παρ᾽ αὐτοῖς καὶ ποιηταὶ μελῶν, οὓς βάρδους ὀνομάζουσιν. οὗτοι δὲ μετ᾽ ὀργάνων ταῖς λύραις ὁμοίων ᾄδοντες οὓς μὲν ὑμνοῦσιν, οὓς δὲ βλασφημοῦσι. φιλόσοφοί τέ τινές εἰσι καὶ θεολόγοι περιττῶς τιμώμενοι, οὓς δρουίδας ὀνομάζουσι. χρῶνται δὲ καὶ μάντεσιν, ἀποδοχῆς μεγάλης ἀξιοῦντες αὐτούς: οὗτοι δὲ διά τε τῆς οἰωνοσκοπίας καὶ διὰ τῆς τῶν ἱερείων θυσίας τὰ μέλλοντα προλέγουσι, καὶ πᾶν τὸ πλῆθος ἔχουσιν ὑπήκοον. μάλιστα δ᾽ ὅταν περί τινων μεγάλων ἐπισκέπτωνται, παράδοξον καὶ ἄπιστον ἔχουσι νόμιμον: ἄνθρωπον γὰρ κατασπείσαντες τύπτουσι μαχαίρᾳ κατὰ τὸν ὑπὲρ τὸ διάφραγμα τόπον, καὶ πεσόντος τοῦ πληγέντος ἐκ τῆς πτώσεως καὶ τοῦ σπαραγμοῦ τῶν μελῶν, ἔτι δὲ τῆς τοῦ αἵματος ῥύσεως τὸ μέλλον νοοῦσι, παλαιᾷ τινι καὶ πολυχρονίῳ παρατηρήσει περὶ τούτων πεπιστευκότες. ἔθος δ᾽ αὐτοῖς ἐστι μηδένα θυσίαν ποιεῖν ἄνευ φιλοσόφου: διὰ γὰρ τῶν ἐμπείρων τῆς θείας φύσεως ὡσπερεί τινων ὁμοφώνων τὰ χαριστήρια τοῖς θεοῖς φασι δεῖν προσφέρειν, καὶ διὰ τούτων οἴονται δεῖν τἀγαθὰ αἰτεῖσθαι.
>
> Entre ellos se encuentran asimismo poetas líricos que ellos llaman bardos. Estos poetas cantan con el acompañamiento de instrumentos semejantes a la lira; celebran a unos personajes e infaman a otros. También hay unos filósofos y teólogos que son objeto de honores extraordinarios y reciben el nombre de druidas. Los galos asimismo recurren a adivinos, a los que consideran merecedores de gran reconocimiento; estos adivinos predicen el futuro mediante la observación del vuelo de los pájaros y el sacrificio de las víctimas, y todo el pueblo está atento a sus dictados. Observan una costumbre extraña e increíble, sobre todo cuando deben indagar respecto a algunos asuntos de importancia; en estos casos, en efecto, ofrecen en sacrificio la vida de un hombre, al que apuñalan con una daga en un lugar situado encima del diafragma, y cuando cae el hombre acuchillado, a partir de la observación de la caída, de la convulsión de los miembros, y también de la efusión de la sangre, los adivinos comprenden el futuro, fieles a una antigua práctica de observación de estos hechos usada durante muchos años. Es costumbre entre los galos no realizar ningún sacrificio sin la presencia de un filósofo; dicen, en efecto, que es preciso ofrecer sacrificios de agradecimiento a los dioses por medio de personas expertas en la naturaleza divina, que hablen, por

[151] Novamente usamos a tradução feita por Lourenço.

[152] Destaca-se no Brasil o professor Teodoro Rennó Assunção, por sua pesquisa sobre os banquetes em Homero, com várias publicações e palestras proferidas sobre esse tema. Dentre as suas publicações mais recentes a esse respeito, destacamos: ASSUNÇÃO, T. R. O banquete e as narrativas na Odisseia. *Romanitas*, v. 2, p. 100-115, 2013; _____. Boa comida em banquetes como razão para arriscar a vida: o discurso de Sarpédon a Glauco (Ilíada XII 310-328). *Nuntius Antiquus*, v. 1, p. 1-17, 2008; _____. Os banquetes transgressivos dos pretendentes na Odisséia. In: Martinho, Marcos. (Org.). *1° Simpósio de Estudos Clássicos da USP*. São Paulo: Humanitas, 2006, p. 35-56.

> decirlo así, la misma lengua de los dioses; por medio de estos hombres piensan que ha de pedirse el favor divino.[153]

Gruen (2011a, p. 144) lembra que a prática do sacrifício humano por parte dos gauleses não é mencionada por Políbio. Esse tema, acima narrado por Diodoro, impressionou o autor grego. Embora considere os sacrifícios como sendo costume estranho e incrível, Diodoro de forma alguma ofendeu os gauleses ou seus hábitos em sua descrição.

### 1.3.4 – Estrabão

Estrabão nasceu em Amásia, no Ponto, por volta de 63 a.C., e viajou por várias regiões da Ásia Menor, da Itália e do Egito. Historiador, ele escreveu uma obra histórica, hoje perdida, a partir do ponto em que Políbio parou. Como geógrafo, compôs um tratado universal em dezessete livros que foram preservados, conhecidos como *Geografia*. A data de sua morte é desconhecida, tendo ocorrido certamente depois do ano 23 d.C., já que Estrabão citou em sua obra o rei Juba II, que faleceu nesse ano.[154]

Como afirma Hartog (2014, p. 243), "esse *quadro geográfico* do mundo habitado, escrito por um grego da Ásia, acostumado com a corte em Roma, pretende ser declaradamente uma geografia política, sobretudo para uso dos governantes, destinada a dar conta do estado do mundo (...)". Esse caráter universalista era comum aos escritores do período helenístico, como já vimos em Políbio e depois com Diodoro Sículo. Estrabão usou Posidônio como fonte, dentre outros autores. Segundo Momigliano

[153] "Entre eles também se encontram poetas líricos que eles chamam de bardos. Esses poetas cantam com acompanhamento de instrumentos semelhantes à lira; celebram uns personagens e difamam outros. Também há alguns filósofos e teólogos que são objeto de honras extraordinárias e que recebem o nome de druidas. Os galos também recorrem a adivinhos, aos quais consideram merecedores de grande reconhecimento; esses adivinhos predizem o futuro mediante a observação do voo dos pássaros e o sacrifício das vítimas, e todo o povo está atento aos seus ditos. Observam um costume estranho e incrível, sobretudo quando devem perguntar a respeito de alguns assuntos de importância; nesses casos, de fato, oferecem como sacrifício a vida de um homem, que apunhalam com uma adaga em um lugar situado acima do diafragma e, quando o homem esfaqueado cai, a partir da observação da queda, da convulsão dos membros, e também da efusão de sangue, os adivinhos compreendem o futuro, fiéis a uma antiga prática de observação desses feitos durante muitos anos. É também costume entre os gauleses não realizar nenhum sacrifício sem a presença de um filósofo; dizem, de fato, que é preciso oferecer sacrifícios de agradecimento aos deuses por meio de pessoas peritas na natureza divina e que falem, por assim dizer, a mesma língua dos deuses; por meio desses homens eles pensam que há de se pedir o favorecimento divino." (DIODORO DE SICÍLIA, 2004, p. 275e 276).

[154] Usamos como referência bibliográfica para esse resumo da vida de Estrabão a introdução do livro de ESTRABÓN (1991, p. 7 a 13).

(1991, p. 66), ele "estava inteirado das muitas fontes da época de César e Augusto, e até cita os *commentarii* de César".

Se os gregos, e posteriormente os romanos, consideravam habitar o centro do mundo, o que estava localizado nas esferas mais distantes causava estranhamento e era considerado diferente (VASALY, 1993, p. 136). Nas palavras do próprio Estrabão (*Geografia*, I, 2, 29), ἄλλως τε τῶν παρ᾽ ἑκάστοις ἰδίων ταῦτ᾽ ἐστὶ γνωριμώτατα, ἃ καὶ παραδοξίαν ἔχει τινά, καὶ ἐν τῷ φανερῷ πᾶσίν ἐστι ("Por lo demás, de las peculiaridades de cada pueblo son con mucho las más llamativas aquellas que producen cierta sorpresa y son a todos evidentes)".[155] Embora as grandes diferenças entre povos fossem as mais notadas pelos gregos e romanos, para Estrabão as particularidades de cada gente eram mais resultado de circunstâncias culturais, econômicas e geográficas do que devido a traços natos de um povo (VASALY, 1993, p. 148). Da mesma forma que Políbio e Diodoro Sículo, Estrabão (IV, 4, 2) também citou o recorrente *tópos* de representação do gaulês como sendo alto e forte, dizendo: τῆς δὲ βίας τὸ μὲν ἐκ τῶν σωμάτων ἐστὶ μεγάλων ὄντων, τὸ δ᾽ ἐκ τοῦ πλήθους ("Su fuerza procede tanto de su elevada estatura como de su gran número.")[156]

Assim como Diodoro, Estrabão evitou fazer julgamentos de valor ou críticas em relação aos hábitos dos gauleses, contentando-se apenas em narrar seus costumes culturais (GRUEN, 2011a, p. 145). A única passagem que Estrabão se referiu a um costume gaulês como sendo bárbaro e exótico foi ao descrever o modo como os gauleses guardavam as cabeças dos inimigos na entrada de suas casas – ao que ele citou diretamente Posidônio.[157] Estrabão (*Geografia*, IV, 4, 5) também falou da prática celta de sacrificar humanos:

> τὰς δὲ τῶν ἐνδόξων κεφαλὰς κεδροῦντες ἐπεδείκνυον τοῖς ξένοις, καὶ οὐδὲ πρὸς ἰσοστάσιον χρυσὸν ἀπολυτροῦν ἠξίουν. καὶ τούτων δ᾽ ἔπαυσαν αὐτοὺς Ῥωμαῖοι καὶ τῶν κατὰ τὰς θυσίας καὶ μαντείας ὑπεναντίων τοῖς παρ᾽ ἡμῖν νομίμοις. ἄνθρωπον γὰρ κατεσπεισμένον παίσαντες εἰς νῶτον μαχαίρᾳ ἐμαντεύοντο ἐκ τοῦ σφαδασμοῦ. ἔθυον δὲ οὐκ ἄνευ δρυϊδῶν. καὶ ἄλλα δὲ ἀνθρωποθυσιῶν εἴδη λέγεται: καὶ γὰρ κατετόξευόν τινας καὶ ἀνεσταύρουν ἐν τοῖς ἱεροῖς καὶ κατασκευάσαντες κολοσσὸν χόρτου καὶ ξύλων, ἐμβαλόντες εἰς τοῦτον βοσκήματα καὶ θηρία παντοῖα καὶ ἀνθρώπους, ὠλοκαύτουν.
>
> Muestran a los extranjeros las cabezas de los enemigos famosos embalsamadas con aceite de cedro, y ni siquiera a cambio de su peso en oro

[155] "Além disso, das peculiaridades de cada povo são muito mais significativas aquelas que produzem certa surpresa e são evidentes a todos". Tradução de Ramón e Blanco (in: ESTRABÓN, 1991, p. 301).
[156] "Sua força procede tanto de sua elevada estatura como de seu grande número." Utilizamos aqui a tradução de Meana e Piñero (in: ESTRABÓN, 1992, p. 178).
[157] Já mencionamos essa passagem no subcapítulo referente a Posidônio; conferir p. 65 e 66.

> se avienen a devolverlas. Los romanos les hicieron terminar con esas prácticas, y con las referentes a los sacrificios y a la adivinación que eran contrarias a nuestros usos. Golpeaban, por ejemplo, en la espalda con una espada a un hombre elegido ritualmente como víctima y practicaban la adivinación a partir de sus convulsiones. No sacrificaban, sin embargo, jamás sin la presencia de un druida. He oído hablar también de otras formas de sacrificios humanos, como por ejemplo la práctica de matar a flechazos a algunos, o la de crucificarlos en los templos, o la de fabricar un enorme muñeco de paja y madera en el que metían algunas cabezas de ganado, bichos de todo tipo, y hombres, y hacer con él un holocausto.[158]

Quanto a essa prática celta de guardar as cabeças dos inimigos, Estrabão mencionou Posidônio, dizendo que esse hábito, a princípio chocante, depois foi aceito com tranquilidade pelo autor grego. Vasaly (1993, p. 148), a respeito desses hábitos selvagens dos estrangeiros e da sua condição de bárbaro, também ressalta:

> Although it is true that Strabo often has recourse to stereotypical descriptions of ethnic groups – the Iberians, for example, are dour and malicious; the Celts, passionate and fickle; and the Western barbarians in general are cruel – he implies that the passage from savagery to civilization may be made by all. This passage is initiated through contact with Greco-Roman city-states and leads, in places where geography has been suitable, to the creation of stable agriculture, private property, law, and, the ultimate sign of civilized life, large urban centers. Where land was not suitable for settled agriculture, however, the inhabitants were apparently doomed to a life of savagery.[159]

Sobre a descrição de Estrabão "de fabricar un enorme muñeco de paja y madera en el que metían algunas cabezas de ganado, bichos de todo tipo, y hombres, y hacer con él un holocausto", como mencionado acima, ele certamente retirou esse fato de César, que assim disse (*De bello Gallico*, VI, 16):

> *(...) pro uita hominis nisi hominis uita reddatur, non posse deorum immortalium numen placari arbitrantur, publiceque eiusdem generis habent*

---

[158] "Eles mostram aos estrangeiros as cabeças dos inimigos famosos embalsamadas com óleo de cedro, e nem sequer em troca do seu peso de ouro cogitam devolvê-las. Os romanos os fizeram terminar com essas práticas, e com as práticas referentes aos sacrifícios e a adivinhação que eram contrários aos nossos usos. Golpeavam, por exemplo, nas costas com uma espada a um homem escolhido ritualmente como vítima e praticavam a adivinhação a partir de suas convulsões. Não sacrificavam jamais, porém, sem a presença de um druida. Ouvi falar também de outras formas de sacrifícios humanos, como por exemplo a prática de matar a flechas a alguns, ou de crucificá-los nos templos, ou de fabricar um enorme boneco de palha e madeira no qual enfiavam algumas cabeças de gado, bichos de todo o tipo, e homens, e fazer com ele um holocausto." (ESTRABÓN, 1992, p. 181 e 182).

[159] "Apesar de ser verdade que Estrabão geralmente recorreu a descrições estereotipadas de grupos étnicos - os ibérios, por exemplo, são severos e maliciosos; os celtas, passionais e inconstantes; e os bárbaros ocidentais em geral são cruéis – ele dá a entender que a passagem da selvageria para a civilização pode ser feita por todos. Essa passagem se inicia através do contato com cidades-Estado greco-romanas e leva, em locais onde a geografia é propícia, à criação de agricultura estável, propriedade privada, direito e ao último sinal da vida civilizada: grandes centros urbanos. Onde a terra não era propícia para o estabelecimento da agricultura, porém, os habitantes eram aparentemente condenados a uma vida de selvageria."

> *instituta sacrificia. Alii immani magnitudine simulacra habent, quorum contexta uiminibus membra uiuis hominibus complent; quibus succensis circumuenti flamma exanimantur homines.*
>
> (...) na verdade, se a vida de um homem não for paga com a vida de outro homem, eles pensam que o poder dos deuses imortais não pode ser aplacado, e dispõem de sacrifícios do mesmo gênero, publicamente instituídos. Outros possuem efígies de enorme grandeza, cujos membros, entrelaçados com vimes, preenchem de homens vivos; incendiados esses membros, morrem os homens envoltos pelas chamas.[160]

Gruen também lembra que as imagens dos gauleses como altos e fortes, além de belicosos, eram bastante recorrentes nos escritos etnográficos mais antigos, como já citamos em Políbio etc.; o que é mais significativo de nota seria o interesse dos gauleses pela educação e literatura, um ponto que aparece tanto em Diodoro quanto em Estrabão (GRUEN, 2011a, p. 146). Políbio, por sua vez, não se interessou em abordar a cultura poética ou filosófica dos celtas; de fato, ele estava mais interessado no caráter militar e guerreiro desse povo e como ele se opunha aos romanos. Sobre a educação dos gauleses e o papel de Marselha como centro de instrução, Estrabão disse (IV, 1, 5):

> ἐξημερουμένων δ᾽ ἀεὶ τῶν ὑπερκειμένων βαρβάρων καὶ ἀντὶ τοῦ πολεμεῖν τετραμμένων ἤδη πρὸς πολιτείας καὶ γεωργίας διὰ τὴν τῶν Ῥωμαίων ἐπικράτειαν, οὐδ᾽ αὐτοῖς ἔτι τούτοις συμβαίνοι ἂν περὶ τὰ λεχθέντα τοσαύτη σπουδή. δηλοῖ δὲ τὰ καθεστηκότα νυνί: πάντες γὰρ οἱ χαρίεντες πρὸς τὸ λέγειν τρέπονται καὶ φιλοσοφεῖν, ὥσθ᾽ ἡ πόλις μικρὸν μὲν πρότερον τοῖς βαρβάροις ἀνεῖτο παιδευτήριον, καὶ φιλέλληνας κατεσκεύαζε τοὺς Γαλάτας ὥστε καὶ τὰ συμβόλαια ἑλληνιστὶ γράφειν, ἐν δὲ τῷ παρόντι καὶ τοὺς γνωριμωτάτους Ῥωμαίων πέπεικεν ἀντὶ τῆς εἰς Ἀθήνας ἀποδημίας ἐκεῖσε φοιτᾶν φιλομαθεῖς ὄντας.
>
> Y como por influencia de los romanos los bárbaros del interior se iban civilizando y apartando de la guerra concentrándose en ocupaciones urbanas y agrícolas, tampoco ellos tenían ya por qué poner demasiado empeño en las actividades citadas, como se ve por lo que ocurre hoy día. En efecto, todos los ciudadanos de posición desahogada se han dedicado a la oratoria y a la filosofía, de forma que hasta no hace mucho su ciudad ha servido como escuela para los bárbaros, convirtiendo a los galos en filohelenos, de tal modo que los contratos se redactan en griego. Actualmente, Masalia ha persuadido a los romanos más ilustres que desean instruirse para que vengan a estudiar aquí en lugar de hacer el viaje a Atenas.[161]

[160] Sherwin-White, sobre esse tema, escreveu um capítulo inteiro: "The Northern Barbarians in Strabo and Caesar" (1967, p. 1-32).

[161] "E como por influência dos romanos os bárbaros do interior iam se civilizando e se afastando da guerra, concentrando-se em ocupações urbanas e agrícolas, tampouco eles tinham que por demasiado empenho nas atividades citadas, como se vê pelo que ocorre hoje em dia. De fato, todos os cidadãos de posição elevada se dedicaram à oratória e à filosofia, de forma que até há pouco sua cidade serviu como escola para os bárbaros, convertendo os galos em filo-helenos, já que os contratos são redigidos em grego. Atualmente Marselha persuadiu os romanos mais ilustres que desejam se instruir para que venham estudar aqui ao invés de fazer viagem até Atenas." (ESTRABÓN, 1992, p. 151).

Com Estrabão, encerram-se os relatos de autores gregos sobre os gauleses – ao menos é o que podemos entender a partir das fontes que nos chegaram. Já no século I a.C. toda a Europa ocidental tinha sido conquistada pelos romanos, que passaram a ter contato direto com outros povos. Assim, ao invés de gregos escrevendo etnografia e narrativas sobre outras nações, vimos surgir em autores latinos obras desse contexto.

De fato, com César temos o maior expoente romano que tratou da figura do gaulês. Quanto aos historiadores latinos do período de governo de Otávio Augusto, o mesmo Estrabão (III, 4, 19) escreveu que os romanos apenas imitavam os autores gregos quanto aos tratados etnográficos:

> οἱ δὲ τῶν Ῥωμαίων συγγραφεῖς μιμοῦνται μὲν τοὺς Ἕλληνας, ἀλλ᾽ οὐκ ἐπὶ πολύ: καὶ γὰρ ἃ λέγουσι παρὰ τῶν Ἑλλήνων μεταφέρουσιν, ἐξ ἑαυτῶν δ᾽ οὐ πολὺ μὲν προσφέρονται τὸ φιλείδημον ὥσθ᾽, ὁπόταν ἔλλειψις γένηται παρ᾽ ἐκείνων, οὐκ ἔστι πολὺ τὸ ἀναπληρούμενον ὑπὸ τῶν ἑτέρων, ἄλλως τε καὶ τῶν ὀνομάτων, ὅσα ἐνδοξότατα, τῶν πλείστων ὄντων Ἑλληνικῶν.
>
> Los historiadores romanos imitan a los griegos, pero no llevan muy lejos su imitación, pues lo que dicen lo traducen de los griegos sin aportar de sí una gran avidez de conocimientos, de forma que, cada vez que hay un vacío de información por parte de aquéllos, no es mucho lo que completan los otros, y ocurre esto especialmente en la cuestión de los nombres más conocidos, que son griegos en su mayoría.[162]

A partir do século I d.C. também não há mais relatos de autores gregos e romanos a respeito dos gauleses; se de fato existiram, esses textos se perderam ao longo do tempo. Sobre narrativas etnográficas em geral, apenas no final do século I d.C. teremos novos textos em contexto latino: com Plínio, o Velho, cuja *Historia naturalis* possui trechos de cunho etnográfico, e também a sua obra, hoje perdida, sobre os germanos. Tácito, contemporâneo de Plínio, o Velho, com base no texto perdido desse último, dedicou um livro inteiro a um povo estrangeiro – a *Germania* – que se tornou o maior exemplo de obra etnográfica essencialmente latina.

[162] "Os historiadores romanos imitam aos gregos, mas não levam muito longe sua imitação, pois o que dizem, o traduzem dos gregos sem fornecer por si uma grande avidez de conhecimentos, de forma que, cada vez que há um vazio de informação por parte daqueles, não é muito que completam os outros, e ocorre isso especialmente na questão dos nomes mais conhecidos, que são gregos em sua maioria." (ESTRABÓN, 1992, p. 112).

# Capítulo 2 – César e a Gália

No contexto do nosso tema de pesquisa, enfocamos nosso trabalho nos escritos de Júlio César, Tito Lívio e Plínio, o Velho. Concentramos nos autores do século I a.C. a II d.C., sobretudo porque esse foi um período de grandes conquistas e de grandes transformações no seio da sociedade romana. Antes, porém, de aprofundar sobre esses autores e suas respectivas obras, faz-se necessário realizar algumas considerações sobre o contexto histórico em que se deu a expansão imperialista de Roma. Sobre o próprio termo imperialismo, destacamos aqui a consideração feita por Guarinello (2014, p. 118):

> Primeiro, uma distinção: Império e imperialismo são termos próximos, mas se referem, na verdade, a realidades bem distintas. Imperialismo é uma ação, política ou econômica, de expansão ou dominação de um estado sobre outros. Império é um estado, por vezes o resultado da ação imperialista, mas que não se confunde com esta. No mundo antigo, ao contrário do mundo contemporâneo, podemos acompanhar, na longa duração, a transformação de uma ação imperialista em um grande Império.[163]

Dessa forma, neste capítulo nos concentraremos nas conquistas imperialistas empreendidas por Roma, especialmente entre o século I a.C. e I d.C., que depois irão culminar com a origem do principado – o governo imperial, que se inicia com Otávio, na segunda metade do século I a.C.[164]

## 2.1 – Imperialismo romano: período de expansão do século II a.C. a I a.C.

Como já explicamos na introdução deste trabalho, desde o século III a.C. Roma já tinha conquistado vários territórios, começando pela própria península Itálica e depois avançando para a Europa Ocidental, o norte da África e o Oriente próximo. Quando da conquista da Península Itálica, as cidades eram aliadas de Roma, não pagavam tributos e apenas forneciam homens para ajudar a aumentar as legiões. Por volta de 90 a.C., essas cidades – que buscavam maior participação nos despojos de guerra, que aumentaram consideravelmente com as recentes batalhas no Oriente – se rebelaram contra Roma. Não deixa de ser curioso ainda notar que as cidades italianas também exigiam a

[163] Para discussão mais aprofundada sobre imperialismo na Antiguidade e questões metodológicas relacionadas a esse tema, recomendamos Nicolet (2011, p. 883 e ss.).
[164] Sobre o contexto de surgimento do principado, abordaremos mais sobre esse assunto no próximo capítulo.

cidadania romana. Essa revolta resultou na Guerra Social ou Guerra dos Sócios (91 a 87 a.C.) e, de acordo com Guarinello (2014, p. 291): "os aliados representaram a maior ameaça doméstica à hegemonia romana em séculos. A Itália se tornou o palco de grandes batalhas entre os que haviam sido, até então, soldados de um mesmo exército." Depois desse atrito – que não teve um vencedor definido, mas na verdade resultou em um acordo – todas as cidades ao sul do rio Pó (que então era o limite do território itálico) receberam a cidadania, o que levou à unificação política da península já em uma fase avançada da história romana. Essa junção das cidades itálicas com Roma consolidou ainda mais o aspecto imperialista da urbe; os sócios, isentos de tributos, contribuíam com os próprios homens para os exércitos de Roma e também partilhavam do butim de guerra. Dessa maneira a expansão romana, tendo por base essa grande aliança entre cidades, envolveu vários interesses comuns: dos povos das planícies contra os montanheses, dos habitantes da Itália contra os gauleses, de gregos e etruscos contra Cartago, das aristocracias da Itália central contra as plebes urbanas e rurais (GUARINELLO, 2014, p. 126).

Entrementes, após a Segunda Guerra Púnica, Roma ocupou a Sicília definitivamente, em 241 a.C.; a ilha tornou-se a primeira província romana: como tal, o território conquistado era explorado como butim de guerra e forçado a pagar taxas a Roma. Como Guarinello lembra (2014, p. 284), "A expansão subsequente favoreceria as elites, que disputavam o comando das guerras e o prestígio e riquezas que obtinham com elas, bem como os camponeses médios, que formavam o grosso do exército itálico."

### 2.1.1 – O exército romano

Roma teve a formação de um exército a partir do século VI a.C., e ao longo do tempo as suas fileiras ficaram cada vez maiores e com técnicas militares mais eficazes – sendo um dos fatores para o aumento do exército o próprio recrutamento de tropas entre as cidades aliadas de Roma, como abordamos no subitem anterior. Desde seu princípio o exército romano era composto, sobretudo, pelos cidadãos da urbe. Com a consolidação de Roma na Península Itálica, aumentou-se a participação dos aliados (sócios). Grande parte do sucesso de Roma se deveu a uma organização militar única: a legião, que surgiu no século V a.C. Cada legião era composta por cerca de 4 a 6 mil homens, divididos em centúrias (cem soldados) e manípulos (duas centúrias). Como

Schmidt (2004, p. 20) ressalta, essa hierarquia permitiu ao exército romano uma grande flexibilidade de movimentações táticas; além disso, as legiões eram acompanhadas pela cavalaria, responsável pela proteção das tropas e também por ajudar a semear o pânico entre os inimigos. De toda forma, essas tropas não eram permanentes; em sua maior parte os soldados eram, na verdade, camponeses, que depois das batalhas eram dispensados do dever militar. O exército, até o século I a.C., era formado pela cavalaria – composta pelos cidadãos de elite, que podiam arcar com os elevados custos de se manter um cavalo; e pela infantaria, formada pelos camponeses; a ocupação militar era obrigatória. O sucesso das legiões romanas estava principalmente na sua sofisticação, com o emprego de máquinas de guerra elaboradas e versáteis táticas bélicas.

Durante os séculos derradeiros do período republicano, Roma conquistou vastos territórios, acumulando grandes riquezas. O sistema político republicano não se sustentava mais nos novos moldes do imenso território multicultural. Esses vários êxitos militares acentuaram profundas dissensões no seio de Roma. Os constantes recrutamentos dos cidadãos romanos enfraqueceram a população, e a desigualdade social aumentou bastante. Os veteranos, tendo deixado o exército, exigiam distribuição de terras e do lucro obtido com os saques, mas a oligarquia senatorial nada fazia de relevante para recompensar os soldados que ajudaram na expansão do domínio romano (GUARINELLO, 2014, p. 290-291).

Dessa forma, as tropas começaram a obedecer mais à autoridade dos generais – já que eles passaram a distribuir o butim de guerra entre suas legiões – do que ao próprio Senado. A relação dos soldados com seus superiores criou uma ligação poderosa de troca de vantagens: os legionários conseguiam compensação financeira por seus serviços militares, e os chefes dispunham da fidelidade de suas tropas, através das quais tinham respaldo para concretizar suas ambições políticas (GUARINELLO, 2014, p. 113-114). Esse processo começou a se formar a partir da segunda Guerra Púnica, já que aumentou a necessidade de comandos prolongados, com duradouro contato direto entre os líderes e as próprias tropas, e também desses com as populações e elites locais, que em alguns casos tornaram-se clientes desses generais. Esses líderes carismáticos, como Públio Cornélio Cipião e outros que surgiram depois, como Mário, Sila, Pompeu e César, levaram a um reforço das lideranças pessoais que abriu portas para concentração de poder político nas figuras dos generais (OLIVEIRA, in: BRANDÃO; OLIVEIRA, 2015, p. 258 e 259). Esse processo se acentuou, sobretudo, depois da reforma militar de Mário, em 107 a.C.: os soldados passaram a ser alistados como

voluntários, e a exigência de se possuir bens para participar do exército foi abolida.[165] Além disso, foi nessa reforma que ficou estabelecida a legião composta por 6 mil homens, sendo cada legião designada por um número e uma águia. Com o recrutamento contínuo entre os cidadãos as fileiras do exército mantinham-se constantemente estáveis (BORNECQUE; MORNET, 2002, p. 115).[166] Os legionários viam uma boa chance de melhorar de vida através do dever militar, graças às pilhagens e presentes por parte dos generais e também por conseguirem uma porção de terra quando eram dispensados; por conseguinte, a carreira militar tornou-se, de fato, uma profissão (GUARINELLO, 2014, p. 128). As tropas, que outrora respondiam ao comando do Senado, transformaram-se em verdadeiros exércitos particulares dos grandes generais. Isso, dentre outros fatores – como as transformações sócio-econômicas, o empobrecimento da Itália (cada vez mais dependente das províncias), e as mudanças culturais e de costumes – levou às crises políticas que culminaram no fim da República e no surgimento do poder centralizado na figura de um único indivíduo.[167]

### 2.1.2 – O romano como o povo-rei e a justificativa ideológica da expansão imperialista

Durante a República, até meados do século II a.C., a diplomacia romana era baseada em princípios religiosos e morais que norteavam a convivência de Roma com os outros povos. Esses princípios implicavam uma relação recíproca, na qual os vencedores deveriam ser clementes, protetores e moderados para com os vencidos (MENDES, 1988, p. 46). Evidentemente, essas relações, embora recíprocas, não eram igualitárias; como Veyne (in: GIARDINA, 1992, p. 296) afirma:

> (...) o povo romano é um povo-rei, as suas relações com os súditos ou com os estrangeiros são um *patrocinium*; não são relações com parceiros iguais,

[165] Como destaca Gabba (1977, p. 52), até então, tanto para gregos quanto para romanos, era forte a crença de que aos cidadãos pobres não deveria ser permitido o alistamento militar, já que a elite temia armar uma população que poderia se revoltar contra ela. Em Roma, com a inovadora mudança feita por Mário no exército, os mais pobres passaram a ser aceitos (inclusive não cidadãos), e eles passaram a se identificar com a causa imperialista romana: mais que uma questão de patriotismo, servir ao exército tornou-se um meio de conseguir ganhos financeiros e até a cidadania.

[166] Para estudo profundo sobre o exército romano, bem como sua evolução desde a Roma arcaica até o período de Justiniano, recomendamos o livro de Erdkamp (2007).

[167] Não iremos nos aprofundar sobre os detalhes de fatos históricos que levaram ao fim da República romana, já que eles foram muitos e de natureza cultural, política e social. Para maior estudo sobre o tema do final da República romana, e as grandes mudanças sociais e políticas que ocorreram, recomendamos, para uma leitura inicial, Boardman et al. (1986) e Mendes (1988). Sobre uma bibliografia mais recente e que aborda a historiografia de forma mais detalhada, destacamos as obras de Guarinello (2014) e Brandão e Oliveira (2015, v. 1)

> segundo regras formais, mas relações pessoais, desiguais e informais: não se atribui uma norma a um rei, os súditos devem entregar-se com confiança à sua boa-fé e à sua humanidade.

Dessa forma, esse tipo de relacionamento entre romanos e nações vencidas aproximava-se da clientela, fundamental no relacionamento entre os membros da sociedade romana.[168] Todavia, ao invés da correlação de confiança da esfera privada – isto é, da boa fé que o cidadão romano tinha para com seu cliente – temos essa correlação na esfera pública, que implicava na boa fé do Estado para com o conquistado. O cliente, seja ele um indivíduo ou um povo, deveria ser leal ao seu patrono; caso contrário, ele deveria ser duramente punido por sua insubordinação. De acordo com Veyne (in: GIARDINA, 1992, p. 295), nesse período republicano, a justificativa ideológica para o domínio romano não se baseava em uma noção de que eles eram de uma civilização superior às outras, mas sim o direito de comandar se justificava pelo próprio sucesso militar de Roma e, sobretudo, a honestidade com a qual a urbe exercia esse controle, que deveria ser feito com moderação.[169] Por conseguinte, os romanos não travavam guerras para impor a sua religião, cultura ou língua: desde que os povos e nações clientes aceitassem o domínio, eles poderiam manter suas próprias instituições políticas, língua e cultura (LE BOHEC, 2009, p. 30).[170] Segundo Mendes (1988, p. 46), sobre a postura de Roma para com os seus os aliados, com o tempo passou a ser reforçada a noção de uma guerra justa, fundamentada na justificativa jurídica da ação militar romana em defesa dos seus sócios e reinos aliados.[171] Como o

[168] Desde tempos arcaicos existia em Roma a clientela. Às famílias patrícias ligavam-se os clientes, que eram homens livres que participavam do culto familiar, mas não possuíam direitos políticos. O cliente era protegido pelo *pater familias* (patrono), que era a autoridade suprema no contexto doméstico; o cliente poderia adotar o nome gentílico e ser sepultado no túmulo da *gens* (espécie de clã). Por sua vez, ele devia completa obediência a seu patrono, o qual poderia dispor de seus bens. A clientela era hereditária e, a partir do regime imperial, cada vez mais cidadãos ricos acumulavam uma larga clientela de pobres miseráveis, que recebiam auxílio financeiro. Famílias eminentes chegavam a possuir comunidades inteiras como clientes. Para esse pequeno resumo sobre a clientela, tomamos por referência Bornecque e Mornet (2002, p. 84).

[169] Cf. o famoso trecho de Virgílio, na nota 121, p. 64 e 65.

[170] Falaremos sobre esse tema de forma mais detalhada no subcapítulo 2.2.1 (algumas considerações sobre a questão da romanização na Europa Ocidental).

[171] Harris (1979) questionou esse "dever" dos romanos de serem imperialistas por questões de sobrevivência ou de proteção de si mesmos ou aliados. O autor defendeu a teoria de que os romanos foram imperialistas intencionalmente, que todas as ações da oligarquia senatorial visavam aos ganhos com butins, terras e escravos e que essa elite sempre buscava confrontos para esse fim. Sherwin-White (1980) questionou essa ideia defendida por Harris, afirmando que nem sempre os romanos foram envolvidos em guerras com outros povos única e exclusivamente visando aos lucros da atividade imperialista – às vezes os romanos travavam batalhas com fins de proteção; um exemplo, dentre os vários citados por Sherwin-White, foi o fato de terem acontecido poucas guerras na segunda metade do século II a.C. Concordamos que essa questão deva ser analisada em um ponto de meio-termo, não considerando que os romanos fizeram tudo de caso pensado para fins imperialistas, mas também de que essas

próprio Políbio escreveu (*Hist*., I, 3, 10); ἀλλ᾽ ἐκ τούτων τῶν βύβλων καὶ τῆς ἐν ταύταις προκατασκευῆς δῆλον ᾗ τοῖς ἐντυγχάνουσιν ὅτι καὶ λίαν εὐλόγοις ἀφορμαῖς χρησάμενοι πρός τε τὴν ἐπίνοιαν ὥρμησαν καὶ πρὸς τὴν συντέλειαν ἐξίκοντο τῆς τῶν ὅλων ἀρχῆς καὶ δυναστείας, "(…) los que usen estos dos libros y la introducción que contienen, verán muy claro que los romanos se arrojaron a tales empresas con medios sumamente razonables, y que por ello lograron el imperio y el gobierno de todo el mundo."[172]

Sobre esse "direito" de guerra, na sua obra *De officiis* (Sobre os deveres) Cícero assim escreveu (I, 38):

> *Cum uero de imperio decertatur belloque quaeritur gloria, causas omnino subesse tamen oportet easdem, quas dixi paulo ante iustas causas esse bellorum. Sed ea bella, quibus imperii proposita gloria est, minus acerbe gerenda sunt. Ut enim cum ciui aliter contendimus, si est inimicus, aliter si competitor (cum altero certamen honoris et dignitatis est, cum altero capitis et famae) sic cum Celtiberis, cum Cimbris bellum ut cum inimicis gerebatur, uter esset, non uter imperaret, cum Latinis, Sabinis, Samnitibus, Poenis, Pyrrho de imperio dimicabatur.*
>
> De fato, como se combate pela supremacia e se busque a glória através da guerra, então convém inteiramente que essas causas, as mesmas as quais mencionei pouco antes, sejam as causas justas das guerras. Mas essas guerras, para as quais se realiza a glória da supremacia, devem ser feitas da forma menos cruel. Com efeito, quando rivalizamos com um cidadão, agimos de uma maneira se é inimigo, ou de outra, se é concorrente (com o primeiro a disputa é por sobrevivência e glória, com o segundo é por honra e prestígio); assim, contra os celtiberos e os cimbros, a guerra foi empreendida como contra inimigos, não para que um dos dois lados vencesse, mas sim para que sobrevivesse; contra os latinos, sabinos, samnitas, púnicos e Pirro, a guerra foi travada por supremacia.[173]

Cícero, ainda no *De officiis*, escrito por ele no período final da República, ressaltou que os romanos passaram a exercer mal o "direito de guerra justa". Ele criticou César não pelas guerras gaulesas, mas sim pela guerra civil. Assim temos (*De officiis*, II, 8):

---

conquistas não foram apenas improvisadas. Como Mendes (2007, p. 28) destaca, "a ação imperialista romana manifestou-se através do estabelecimento de uma relação de poder obtida, inicialmente, por meio de alianças razoavelmente igualitárias, protetorados, formação de zonas de influência e até a submissão total pela guerra do adversário e anexação de seu território."

[172] "(...) aqueles que usam estes dois livros e a introdução que contêm, verão muito claro que os romanos se lançaram a tais empresas com meios extremamente razoáveis, e que por isso lograram o império e o governo de todo o mundo." Nessa passagem, dentre outras que podem ser encontradas ao longo das *Histórias*, Políbio reforçou o direito de Roma governar o mundo, justificando as ações imperialistas da urbe como "guerra justa" e "destino" de Roma. Mais uma vez utilizamos a tradução de Políbio feita por Recort (1981).

[173] Salústio também afirmou algo parecido no final de sua obra *Bellum Iugurthinum* (capítulo CXIV), ao dizer que contra os gauleses a luta não era por glória, mas sim pela sobrevivência de Roma.

> *Verum tamen, quam diu imperium populi Romani beneficiis tenebatur, non iniuriis, bella ut pro sociis aut de imperio gerebantur, exitus erant bellorum aut mites aut necessarii, regum, populorum, nationum portus erat et refugium senatus, nostri autem magistratus imperatoresque ex hac una re maximam laudem capere studebant, si prouincias, si socios aequitate et fide defendissent; itaque illud patrocinium orbis terrae uerius quam imperium poterat nominari. Sensim hanc consuetudinem et disciplinam iam antea minuebamus, post uero Sullae uictoriam penitus amisimus; desitum est enim uideri quicquam in socios iniquum, cum exstitisset in ciues tanta crudelitas. (...) Secutus est, qui in causa impia, uictoria etiam foediore, non singulorum ciuium bona publicaret, sed uniuersas prouincias regionesque uno calamitatis iure comprehenderet.*
>
> Na verdade, por muito tempo a soberania do povo romano foi mantida por meio de benefícios, e não por injustiças, de modo que as guerras eram travadas a favor dos aliados ou sobre essa soberania; os termos das guerras eram ou indulgentes ou, ao menos, indispensáveis, e o senado era um porto e refúgio dos reinos, povos e nações; ora, nossos magistrados e comandantes, a partir disso, se esforçavam para alcançar a mais alta honra, uma vez que defendessem as províncias ou aliados com justiça e fidelidade; assim, isso poderia mais justamente ser chamado de proteção do mundo todo do que desmando. Antes já perdíamos esse costume e princípio de forma gradual, mas, na verdade, foi após a vitória de Sila que o abandonamos completamente; de fato, não é mais possível considerar algo de injusto contra os aliados, uma vez que passou a existir contra os próprios cidadãos tamanha crueldade. (...) O que veio de depois de Sila, com uma causa ímpia, não só confiscou os bens dos próprios cidadãos com uma vitória vergonhosa, mas também envolveu todas as províncias e regiões em um só estado de calamidade.

No trecho acima, Cícero constatou que o fim da mentalidade do povo romano como protetor dos aliados começou a partir de Sila, que travou contra Mário a primeira guerra civil da história romana e tornou-se ditador e governante absoluto.[174] Para Cícero, essa ideologia acabou de fato a partir de César – o qual o orador designou como o que "veio depois de Sila"; a grande crítica de Cícero, portanto, consistia na falta de honestidade de César, capaz de lutar contra seus próprios concidadãos e aliados de longa data, demonstrando que pouco se importava com a legitimidade ou justiça de suas ações.

Como Cícero mesmo afirmou acima, a mentalidade da boa fé do domínio romano foi mudando lentamente, à medida que o território conquistado crescia e aumentava o número de províncias e nações aliadas. A ideia da missão de Roma, que se considerava predestinada a formar um império universal, transformava-se, pois a urbe

[174] A ditadura consistia em uma magistratura extraordinária que substituía o consulado e era dotada de poderes excepcionais. O Senado decidia quando se devia recorrer a um ditador, sendo esse recurso usado apenas em momentos de grande perigo ou gravidade para Roma. O ditador escolhia o *magister equitum* (mestre, ou comandante, da cavalaria), que era o seu braço direito. A ditatura tinha a duração de seis meses, mas o ideal era que ela terminasse antes desse prazo. No caso de Sila, ele tornou-se ditador ao vencer a guerra civil contra Mário, obtendo o controle total da Cidade através do seu exército. Para mais detalhes sobre a ditadura em Roma, cf. Canfora (2002, p. 486).

dependia cada vez mais dos recursos vindos de lugares exteriores à Itália. Já durante o perído final da República é possível ver uma mudança nos argumentos que apoiavam as conquistas; a noção de uma guerra preventiva passa a prevalecer, já que Roma não poderia ter como vizinho um povo ou estado militarmente forte que pudesse ameaçar sua hegemonia (MENDES, 1988, p. 46).

Dessa maneira, é possível notar que os romanos também eram motivados a conquistar outros territórios por razões psicológicas: o medo (*metus*) do outro impulsionava essas guerras preventivas, além da própria noção de segurança que não pode ser desconsiderada: de fato, caso fossem derrotados, os perdedores sofreriam nas mãos dos vencedores (LE BOHEC, 2009, p. 30). Nas palavras de Riggsby (2006, p. 21), um aspecto fundamental dessa ideologia imperialista de Roma era um território pacificado em seu interior, frente ao perigoso exterior. Destacamos, como exemplo desse processo, o posicionamento de Roma a partir do século III a.C., que buscava se defender do assédio de macedônicos e sírios (que almejavam expandir seus domínios). Houve vários conflitos, que se iniciaram em 214 a.C. – quando começou a Primeira Guerra dos romanos contra Felipe da Macedônia – tendo ainda combates entre romanos e sírios entre 192 a 188 a.C., até o período entre 172 a 168 a.C., quando os romanos venceram a Terceira Guerra da Macedônia. Roma, nesse momento, até então se portava como a protetora de cidades gregas e pequenos Estados helenísticos (MENDES, 1988, p. 46); esse protetorado, regido por relações de obediência e sujeição a Roma, acabou fomentando várias revoltas dessas cidades. Por conseguinte, a urbe novamente optou por guerras que levaram à criação da província da Macedônia (em 149 a.C.), a destruição de Corinto e a submissão de toda a Grécia (146 a.C.). De acordo com Mendes (1988, p. 47), "Roma passou a ser guiada pela doutrina segundo a qual os reis ou os povos livres, independentes e amigos de Roma, deviam esta situação à vontade do povo romano". Essa mudança de mentalidade, formada no século III a.C., no século I a.C. justificou a sede de conquista de Roma, levando às grandes anexações de terras e estabelecimento de novas províncias.

Outro fator que contribuiu bastante para a ampliação do domínio romano foi a própria ambição dos grandes generais (sobretudo no período final da República). Como destaca le Bohec (2009, p. 29 e 30), para fazer carreira política, um aristocrata romano devia servir à urbe tanto no campo civil quanto no militar, demonstrando ser um bom administrador e um bom general, apresentando sua capacidade tanto na guerra quanto na paz. De fato, em Roma as esferas política e militar sempre estiveram juntas, uma vez

que várias magistraturas possuíam o *imperium*.[175] Assim, por todos esses motivos acima elencados, Roma, portanto, ultrapassou os limites geográficos da cidade e tornou-se, de fato, todo o território conquistado.

### 2.1.3 – Política de conquista: a cidadania romana

Durante a expansão da urbe, grandes nações, como os púnicos, gregos, hispanos e gauleses, dentre outros, sucumbiram ao poderio do exército romano. Com as guerras, teve-se o aumento considerável da mão-de-obra escrava em Roma, mão-de-obra essa que trabalhava sobretudo nos grandes latifúndios, mas também nas cidades, como servos, professores, etc. Como eram tratados esses povos conquistados em Roma? Os povos vencidos recebiam tratamento muito diversificado, de acordo com sua posição em relação aos romanos, ao seu poderio, se resistiram bravamente à conquista ou se submeteram a ela pacificamente... A elite dos povos que tranquilamente se aliavam recebia a cidadania romana, plena ou parcial.[176] Os que resistiam, quando subjugados, tornavam-se escravos, e as nações rebeldes eram submetidas a pesados tributos e impostos. Sobre o método de conquista romana, Guarinello (2014, p. 112-113) afirma:

> A expansão da estado-cidade de Roma sobre as península criará novos problemas. A expansão romana foi, na verdade, a de uma aliança de estados-cidades, todas contribuindo para o esforço militar e todas pleiteando e obtendo, em graus diferentes e em momentos distintos, participação na cidadania romana: direito a matrimônio, direito ao comércio e por fim, direito à participação política. Comparando-se a cidadania romana com seus congêneres gregos, está sempre foi, de certo modo, mais aberta: os próprios escravos, ao adquirirem a liberdade por alforria, tornavam-se cidadãos. Por outro lado, no curso de sua expansão pela península, Roma fundou cerca de quarenta outras cidades, cujos habitantes preservaram, em graus diferentes, seu direito à cidadania romana. Além disso, no território das cidades conquistadas, Roma assentou parte de sua população mais pobre, ora como colonos, ora como proprietários individuais de modo que, no curso do século III a.C., Roma tendia a desterritorializar a noção da cidadania, ampliando-a para os habitantes das colônias e, ao menos, para aselites das cidades conquistadas. Aos poucos, Roma deixa de ser uma estado-cidade típica e se torna um Estado imperial.

Roma, surgida de uma união de povos, sabia conviver com as diferenças e engenhosamente adotava essa estratégia de concessão da cidadania, sendo essa tática

[175] Possuíam o *imperium* os cônsules, pretores, procônsules, propretores, ditador e comandante da cavalaria. O *imperium* consistia no direito de comando superior, militar e jurisdicional, além de, entre outras prerrogativas, o direito de recrutar e comandar o exército, convocar o povo para comícios, etc.

[176] Mendes (2007) detalha mais as maneiras como as elites das nações conquistadas cooperavam com Roma, bem como as diferenças legais entre os estatutos das províncias e cidades sob o domínio romano.

eficaz para evitar a oposição dos inimigos e cooptar possíveis aliados. Ao se conceder cidadania às nações derrotadas e manter as elites locais no poder, Roma adotava uma postura muito oposta da que os gregos tinham em relação aos povos subjugados, como pode-se ler no trecho acima. Nas cidades-Estado helênicas, os povos vencidos eram obrigados a fornecer somente dinheiro para o erário, enquanto que Roma, além de impostos, exigia fornecimento de tropas, estreitando os vínculos entre conquistadores e conquistados. Outro estatuto que o estrangeiro poderia obter em Atenas seria o de meteco.[177] Quanto aos estrangeiros em Esparta, eles eram reduzidos às categorias de hilotas ou escravos.[178] Ao se comparar o modo com que estrangeiros eram tratados em Roma, em Atenas e em Esparta, percebe-se que Roma sempre foi, de certo modo, mais aberta a esses forasteiros, pois até mesmo escravos tornavam-se cidadãos ao receberem a alforria de seus proprietários (GUARINELLO, 2014, p. 112). Como Veyne ressalta (In: GIARDINA, 1992, P. 300), "Os romanos são uns empíricos que não se comportam como ideólogos convictos; naturalizam o estrangeiro e o liberto mais facilmente do que os gregos, que se mantinham fiéis aos seus princípios restritos". Todavia, em relação aos devedores e insubordinados, Roma mantinha uma postura extremamente rigorosa. Esse tipo de dominação por parte de Roma, inédito até então, mostrava-se eficaz para conter possíveis revoltas ou alianças entre os inimigos da Cidade. Roma, desde a sua origem, já tinha a presença muito forte do estrangeiro, que depois foi assimilado e incorporado à cultura latina.[179] Esse rápido crescimento de Roma se deveu a inúmeros fatores, como a capacidade de integração e acolhimento de outras nações (inclusive pobres, fugitivos, escravos); rápido aumento demográfico (pela guerra, ao conseguir coaptar aliados e derrotar os inimigos) e, por fim, pela capacidade em se absorver

[177] Os estrangeiros que se estabeleciam na Ática, conhecidos como metecos, gozavam de um estatuto melhor do que os hilotas espartanos. Embora também não gozassem de direitos na cidade, pagavam uma taxa e deviam ter como responsável um cidadão ateniense. Entretanto, os metecos participavam da vida pública da cidade, prestavam serviço militar, assistiam às festas religiosas. Em virtude de trabalhos prestados, poderiam obter a igualdade de direitos (JARDÉ, 1977, p. 170).

[178] Os hilotas eram servos subordinados em Esparta. Junto suas famílias, moravam em terras que pertenciam a um cidadão espartano e eram obrigados a cultivá-las, geração após geração. Os hilotas não podiam ser expulsos dessa terra, e pagavam ao proprietário uma taxa anual fixa. O hilota poderia participar do exército, em caso de necessidade; contudo, ele não gozava de cidadania e nem era protegido pelas leis (JARDÉ, 1977, p. 163). Fisher (In: KINZL, 2006, p.339) lembra que o estrangeiro era comumente tratado de duas formas diferentes nas cidades-Estado gregas. Em um extremo, em Esparta e algumas poucas cidades, era adotada uma política cautelosa e restritiva perante os estrangeiros, que não eram normalmente bem vindos, o que ocasionalmente acarretava em expulsões. Por outro lado, em Atenas – e provavelmente em muitas cidades – desenvolveram-se gradualmente arranjos para o registro e organização dos metecos (FISHER, In: KINZL, 2006, p. 339). Para discussão mais profunda do status do estrangeiro na Grécia no período clássico recomendamos o capítulo "Citizens, foreigners and slaves in Greek society", de Fisher (in: KINZL, 2006, p. 327 a 349).

[179] Já abordamos rapidamente esse assunto na p. 16.

elementos externos, como imigrantes, povos vencidos, ritos religiosos, etc. (LEÃO; BRANDÃO, In: BRANDÃO; OLIVEIRA, 2015, p. 28 e 29).

Com a concessão da cidadania romana aos povos dominados, criou-se também uma complexidade maior na organização social de Roma e de seus territórios. Os aliados, que contribuíam no esforço de conquista, pleiteavam e obtinham, em momentos e graus distintos, a cidadania romana – com direito ao matrimônio, ao comércio e até mesmo à participação política (GUARINELLO, 2014, p. 112). Além disso, Roma assentou nas províncias parte da sua população mais pobre, a fim de colonizar as terras. A cidadania romana (que adquiriu mais nuances entre os direitos do cidadão pleno ou parcial) gradualmente começou a se desvincular do território da própria urbe: Roma passou a ser não só a cidade, mas também as regiões ocupadas nas quais havia cidadãos romanos – mesmo que nas províncias essa cidadania fosse concedida apenas às elites locais.[180] Ainda segundo Guarinello (2014, p. 113), "Roma deixa de ser uma estado-cidade típica e se torna um Estado imperial".

Todavia, grandes penas eram infligidas aos povos que resistiam aos romanos. A romanização se deu com mais força na Europa ocidental: disso até hoje temos o predomínio das línguas latinas, dos hábitos e costumes herdados dos romanos.[181] Sobre esse processo de romanização, Rawson (In: BOARDMAN et al., 1986, p. 363) ressalta que os romanos acreditavam que não tinham muito o que aprender com os ocidentais – embora um tratado isolado de Cartago sobre agricultura tenha sido traduzido para o latim.[182] Os romanos tampouco se interessaram em aprender as línguas ocidentais e, para as elites locais, embora o domínio fosse a princípio odiado, com o tempo passou a ser considerado como um avanço civilizacional (RAWSON, in: BOARDMAN et al., 1986, p. 363). O comércio e o fluxo de mercadorias também ajudaram no processo de romanização.[183]

---

[180] Na verdade, a partir do século I a.C. a noção de cidadania romana esvazia-se gradualmente, já que o poder, de fato, encontrava-se cada vez mais concentrado nas mãos dos generais ditadores (como Pompeu e César) e, posteriormente, nas mãos do imperador. Em 212 d.C. Caracala, através de um édito, concedeu a todos os habitantes livres do Império a cidadania romana (GUARINELLO, 2014, p. 312). Sobre o conceito da cidadania romana e sua evolução dos tempos da República até o baixo Império, recomendamos o capítulo "A cidadania antiga" (In: GUARINELLO, 2014).

[181] Para aprofundamento sobre o tema da conquista romana na Europa Ocidental, recomendados o livro de le Bohec (2009).

[182] Esse tratado, escrito por Mago (que viveu provavelmente entre os séculos III e II a.C.), foi traduzido para o latim por ordem oficial, sendo depois citado por Varrão e Columela; hoje temos apenas fragmentos dessa obra (CONTE, 1999, p. 499).

[183] Falaremos mais desse assunto adiante, na p. 107-108.

Outro fator que ajudou na consolidação cultural de Roma no Ocidente foi o fato de que, embora houvesse preconceito cultural, o preconceito motivado simplesmente por questões raciais era pequeno. Se os bárbaros estivessem dispostos a abandonar seus hábitos selvagens, eles poderiam deixar a condição de barbárie.[184] Rawson (In: BOARDMAN et al., 1986, p. 360) destaca como exemplo emblemático o fato de Lúcio Cornélio Balbo, proeminente cidadão romano nascido na Bética (onde hoje é o sul da Espanha), ter chegado ao cargo de cônsul em 40 a.C. – o primeiro cidadão não itálico da história a ocupar o maior posto da República romana.[185]

Se no Ocidente o processo de romanização foi mais profundo, já no mundo helenístico a conquista foi bem diferente. Roma hesitou mais, preferindo o bloqueio comercial e alianças por meio de clientelas do que a invasão direta e domínio ostensivo. As civilizações orientais, como os próprios gregos e os egípcios, já eram muito avançadas, com cultura e literatura desenvolvidas; nunca houve, por parte dos vencidos, uma tentativa de se adotar a cultura ou costumes romanos. A fronteira linguística serve como testemunho disso, já que esses povos mantiveram o uso de seus idiomas e percebe-se que o latim de forma alguma foi a língua predominante (GUARINELLO, 2014, p. 127).

## 2.2 – A conquista da Gália

A partir do século V a.C. Roma iniciou o processo de expansão na Península Itálica – processo esse que teve seu auge no século III a.C. e que se consolidou de forma definitiva após a Guerra Social, no século I a.C. Até então Roma nunca tivera sido ameaçada por algum inimigo de forma drástica ou implacável; dessa forma, a invasão dos gauleses na urbe no começo do século IV a.C., nas palavras de Faversani e Joly (In: BRANDÃO; OLIVEIRA, 2015, p. 118), "foi como uma tempestade caindo de um céu claro". Esse evento, de grande magnitude, chegou a ser noticiado por fontes gregas do século IV a.C.[186] Os celtas se estabeleceram na Europa Ocidental especialmente na

[184] Cf. nota 71, na p. 41 deste trabalho.
[185] No discurso *Pro Balbo* (A favor de Balbo) Cícero defende a concessão da cidadania romana a Balbo perante o Senado.
[186] Plutarco, em sua obra *Vidas paralelas*, na biografia de Camilo (XXII,4), menciona que Aristóteles sem dúvida tivera conhecimento sobre a ocupação de Roma pelos celtas (In: PLUTARCO, 2008, tomo II, p. 372). Plínio, o Velho (*HN*., III, 9,57), menciona que Teopompo (historiador e retórico da época de Alexandre) também disse que os gauleses tinham conquistado a Cidade (In: PLINIO EL VIEJO, 1998, p.37).

segunda metade do século V a.C., quando deixaram as terras do norte da Alemanha e áreas próximas (onde hoje é a Dinamarca, às margens do mar Báltico e do rio Elba) e migraram para o sul, em busca de clima mais ameno e terras férteis; essas nações, assim, estabeleceram-se onde hoje é a França, a Catalunha (dando origem aos celtiberos), a Bélgica, a Suíça, estendendo-se até o rio Danúbio, e também na Inglaterra e norte da Itália (SCHMIDT, 2004, p. 11 a 14). A nação celta dos sênones, que tinha seu território onde hoje está situada a cidade de Sens, na França, era bastante populosa e sofria com escassez de terras; por conseguinte, parte desse povo cruzou os Alpes em 400 a.C. e se estabeleceu na região entre Ravena e Ancona, depois de expulsarem os úmbrios, e foram eles os responsáveis pelo saque de Roma (SCHMIDT, 2004, p. 15). Entrementes os romanos, ainda em luta contra os etruscos, a princípio consideraram ter com os celtas uma neutralidade mútua, embora esse povo estivesse muito próximo, já que em 396 a.C. romanos e celtas fizeram uma aliança contra os etruscos na tomada de Veios, sob o comando do então ditador Camilo; em 390 a.C. Camilo, acusado de distribuição desonesta do butim de Veios, foi obrigado a se exilar em Ardea (SCHMIDT, 2004, p. 21). Assim Roma ficou sem uma liderança forte que permitisse que ela se defendesse da invasão iminente dos gauleses.[187]

Ainda restam algumas dúvidas sobre as razões dos celtas terem invadido Roma; de acordo com Faversani e Joly (In: BRANDÃO; OLIVEIRA, 2015, p. 120), o deslocamento dos gauleses era mais motivado por ganhos imediatos advindos de butins do que pela conquista de novas terras. Por conseguinte, embora tenha sido uma grande humilhação para os romanos, o saque da cidade não deixou uma grande devastação; ainda segundo Faversani e Joly (In: BRANDÃO; OLIVEIRA, 2015, p. 121), a própria recuperação de Roma após a invasão, de forma rápida e efetiva, é indício de que a destruição não foi tão grande assim. Esse acontecimento, contudo, ficou definitivamente gravado na memória dos romanos como sendo a maior catástrofe que ocorreu à urbe.

Apesar de abalada com esse assalto, Roma voltou a colocar em prática sua política expansionista na Península Itálica.[188] Entre 343 e 290 a.C. aconteceram as Três Guerras Samnitas; primeiramente derrotada, Roma depois conseguiu vencer os samnitas e seus aliados (etruscos e gauleses) e se consolidou na Itália central. Os celtas, depois da

[187] Tito Lívio, no livro V da *Ab urbe condita*, escreveu sobre as migrações dos celtas para a Itália bem como sobre os eventos que culminaram no saque da urbe e nos seus desdobramentos. No capítulo 3 deste trabalho abordaremos mais a obra de Lívio e o que ele registrou entre os capítulos 34 e 48 de *Ab urbe condita*.

[188] Para a cronologia dos eventos aqui narrados até o fim deste subcapítulo, utilizamos como referência Schmidt (2004, passim).

derrota nas Guerras Samnitas, deixaram de exercer pressão nas fronteiras do domínio romano na Itália e preferiram dirigir-se às terras dos Bálcãs, instalando-se na Macedônia e na Trácia, chegando inclusive a saquear Delfos em 278 a.C.[189]

Os gauleses voltam a aparecer na história romana de forma mais expressiva apenas durante as Guerras Púnicas, uma vez que Cartago recrutou mercenários para ajudar em suas fileiras. Com a derrota de Cartago, os gauleses passaram cada vez menos a opor resistência na Gália Cisalpina (onde hoje é o norte da Itália); a partir do século III a.C., e antes da região ter se tornado província romana, já existiam assentamentos romanos diversos. Segundo Yavetz (2004, p. 77), *Placentia* (Placencia) e Cremona (218 a.C.), *Bononia* (Bolonha, 189 a.C.) e Aquileia (181 a.C.) eram colônias latinas e como tais gozavam do *ius Latii*, mas não possuíam cidadania plena; Parma e *Mutina* (Módena) desde 183 a.C. eram colônias romanas. Além disso, existiam também povoados que possuíam mercados, como *Forum Popilii* (Forlimpopoli), *Forum Liuii* (Forli), *Forum Cornelii* (Ímola), e do século II a.C. os postos avançados de *Dertona* (Tortona) e *Eporedia* (Ivrea).

Novos conflitos surgem ao longo do século II a.C., especialmente na Hispânia, e nesse meio tempo os gauleses voltam a atravessar os Alpes em 179 a.C. Paulo Emílio, então cônsul, combate os lígures no norte da Itália e indiretamente enfrenta os gauleses, até que uma aliança é feita entre romanos e lígures.

Quanto à Hispânia, em 150 a.C. Roma venceu o conflito e dominou os celtiberos. Alguns anos depois, em 125 a.C., Marselha pediu ajuda aos romanos contra os gauleses, e em 122 a.C. é fundada *Aquae Sextiae* (atual Aix-en-Provence), a primeira fortificação romana em território gaulês além dos Alpes. Dessa maneira, Roma possuía vastos domínios de terra contínuos na Hispânia, passando pela Gália Narbonense (sul da França) até a Península Itálica.[190]

Em 115 a.C. uma grande invasão dos cimbros e dos teutões (nações germânicas) passou a deixar os limites do território romano próximos à Gália instáveis; os romanos, inclusive, foram derrotados em algumas batalhas contra essas nações. Nesse contexto se inseriu Mário, que conseguiu rechaçar os germanos para o norte da Gália e obteve um

[189] Já mencionamos esse acontecimento na página 46.
[190] Abordamos a Gália Narbonense, bem como seu processo de transformação em província romana, na p. 68.

breve período de paz na Gália transalpina.[191] Em 80 a.C. Sertório, nomeado pretor na Hispânia e aproveitando-se da guerra civil entre Mário e Sila, aliou-se aos celtiberos e por várias vezes lutou contra as legiões romanas, inclusive derrotando Pompeu Magno entre 77 e 75 a.C. Sertório por fim foi assassinado por seu lugar-tenente Perrena no ano 72 a.C. Enquanto isso, mais uma vez os germanos (dessa vez liderados por Ariovisto, rei dos suevos) voltaram a fazer pressão sobre os gauleses, entre os anos de 71 e 70 a.C.[192] Devido ao avanço de Ariovisto, em 58 a.C. uma grande migração dos helvécios se desenrola a partir de onde hoje é a Suíça.[193] A partir desse momento histórico a figura de César se tornará proeminente, quando o general romano partir para a Gália com a alegação de defender os interesses da República e ajudar os gauleses contra Ariovisto e seus conterrâneos. Sobre esses acontecimentos, César escreveu (*BGall.*, I, 31):

> *Eo concilio dimisso idem principes ciuitatum qui ante fuerant ad Caesarem reuerterunt petieruntque uti sibi secreto in occulto de sua omniumque salute cum eo agere liceret. Ea re impetrata sese omnes flentes Caesari ad pedes proiecerunt (...) Locutus est pro his Diuiciacus Haeduus: Galliae totius factiones esse duas: harum alterius principatum tenere Haeduos, alterius Aruernos. Hi cum tantopere de potentatu inter se multos annos contenderent, factum esse uti ab Aruernis Sequanisque Germani mercede arcesserentur. Horum primo circiter milia XV Rhenum transisse; posteaquam agros et cultum et copias Gallorum homines feri ac barbari adamassent, traductos plures: nunc esse in Gallia ad centum et XX milium numerum. Cum his Haeduos eorumque clientes semel atque iterum armis contendisse; magnam calamitatem pulsos accepisse, omnem nobilitatem, omnem senatum, omnem equitatum amisisse. Quibus proeliis calamitatibusque fractos, qui et sua uirtute et populi Romani hospitio atque amicitia plurimum ante in Gallia potuissent, coactos esse Sequanis obsides dare nobilissimos ciuitatis et iure iurando ciuitatem obstringere, sese neque obsides repetituros neque auxilium a populo Romano inploraturos neque recusaturos quo minus perpetuo sub illorum dicione atque imperio essent. Unum se esse ex omni ciuitate Haeduorum qui adduci non potuerit ut iuraret aut liberos suos obsides daret. Ob eam rem se ex ciuitate profugisse et Romam ad senatum uenisse auxilium postulatum, quod solus neque iure iurando neque obsidibus teneretur. Sed peius uictoribus Sequanis quam Haeduis uictis accidisse, propterea quod Ariouistus, rex Germanorum, in eorum finibus consedisset tertiamque partem agri Sequani, qui esset optimus totius Galliae, occupauisset et nunc de altera parte tertia Sequanos decedere iuberet, propterea quod paucis mensibus ante Harudum milia hominum XXIV ad eum uenissent, quibus locus ac sedes pararentur. Futurum esse paucis annis uti omnes ex Galliae finibus pellerentur atque omnes Germani Rhenum transirent; neque enim conferendum esse gallicum cum Germanorum agro, neque hanc consuetudinem uictus cum illa comparandam. Ariouistum autem, ut semel Gallorum copias proelio uicerit, quod proelium factum sit Admagetobrigae, superbe et crudeliter imperare, obsides nobilissimi cuiusque liberos poscere*

[191] Fizemos uma listagem das batalhas travadas por Mário na Gália, na p. 14 deste trabalho. Para detalhes dos confrontos entre romanos contra nações gaulesas e germanas ao longo do século I a.C. (e conflitos posteriores a esse período), cf. Rankin (1993, p. 107 e ss.).

[192] César faz seu relato da Guerra da Gália a partir do momento em que Ariovisto ampliou sua movimentação na Gália. Falaremos novamente sobre isso um pouco mais à frente.

[193] Para maiores detalhes das tensões sociais na Gália recomendamos Canfora (2002, p. 136 e ss.).

*et in eos omnia exempla cruciatusque edere, si qua res non ad nutum aut ad uoluntatem eius facta sit. Hominem esse barbarum, iracundum, temerarium; non posse eius imperia diutius sustinere. Nisi si quid in Caesare populoque Romano sit auxilii, omnibus Gallis idem esse faciendum quod Heluetii fecerint, ut domo emigrent, aliud domicilium, alias sedes, remotas a Germanis, petant fortunamque, quaecumque accidat, experiantur. Haec si enuntiata Ariouisto sint, non dubitare quin de omnibus obsidibus qui apud eum sint grauissimum supplicium sumat. Caesarem uel auctoritate sua atque exercitus uel recenti uictoria uel nomine populi Romani deterrere posse ne maior multitudo Germanorum Rhenum traducatur, Galliamque omnem ab Ariouisti iniuria posse defendere.*

Despedido esse conselho, os mesmos chefes das comunidades, que anteriormente foram até César, retornaram e pediram-lhe que lhes fosse permitido dirigir-se a ele em um lugar reservado e sem testemunhas a respeito da sua salvação e da salvação de todos. Obtida a permissão, todos se lançaram chorosos aos pés de César (...) O éduo Divicíaco falou por eles: "Em toda a Gália existiam duas facções: os éduos tinham a liderança de uma delas, e os arvernos da outra. Como eles duramente lutassem entre si por causa do poder, durante muitos anos, aconteceu que pelos arvernos e pelos séquanos mercenários germanos fossem chamados. Primeiramente cerca de quinze mil deles atravessaram o Reno: como tais *homens ferozes e bárbaros* começassem a gostar das terras, do modo de vida e das riquezas dos gauleses, muitos mais atravessaram: agora, estavam na Gália aproximadamente cento e vinte mil. Contra esses, os éduos e os seus clientes simultaneamente opuseram as armas uma ou duas vezes; sendo eles batidos, sofreram grande calamidade, perderam toda a nobreza, todo o senado e toda a cavalaria. Alquebrados por tais combates e calamidades, eles, que anteriormente tiveram enorme poder na Gália, tanto por sua virtude quanto pela hospitalidade e amizade dos romanos, foram coagidos a entregar aos séquanos, como reféns, os mais nobres de seu povo, e a comprometê-lo por meio de um juramento de que não os pediriam de volta, não implorariam socorro aos romanos nem recusariam estar para sempre sob o mando e o poder dos séquanos. Ele, Divicíaco, era o único de toda a comunidade dos éduos que não pudera ser levado a jurar ou a dar seus filhos como reféns. Por tal motivo, fugira da comunidade e viera a Roma, ao senado, pedir auxílio, pois apenas ele não era impedido nem por um juramento nem por reféns. Contudo, sucedera algo pior aos séquanos vencedores do que aos éduos vencidos, porque Ariovisto, rei dos germanos, tinha-se estabelecido no território daqueles e ocupara um terço das terras séquanas, as melhores de toda a Gália. Agora, Ariovisto ordenava que os séquanos se retirassem da outra terça parte, pois, poucos meses antes, juntaram-se a ele vinte e quatro mil homens dos harudos, para os quais território e morada eram providenciados. Sucederia, em poucos anos, que todos fossem expulsos do território da Gália e todos os germanos atravessassem o Reno, não, com efeito, eram as terras dos germanos comparáveis às terras gaulesas, nem aquele modo de vida podia ser cotejado com este. Por outro lado, como Ariovisto vencera uma vez em combate as tropas dos gauleses – combate este que se travou em Admagetóbriga – comandava com soberba e crueldade, exigia como reféns os filhos de cada um dos mais nobres gauleses e a eles infligia todas as torturas, a título de exemplo, se algo não fosse feito ao primeiro aceno ou vontade sua. Ele era *um homem bárbaro, irascível e temerário; eles não podiam suportar por mais tempo seu comando*. A não ser que houvesse algum auxílio em César e no povo romano, o mesmo que os helvécios fizeram deveria ser feito por todos os gauleses: sair da pátria e procurar outro domicílio, outras moradas, distantes dos germanos, e por à prova a fortuna, qualquer que fosse. Se essas coisas fossem divulgadas a Ariovisto, não duvidava que ele infligiria o mais duro suplício a todos os reféns que estavam sob seu poder. *Que César, quer por sua autoridade e pela do exército, quer pela recente vitória, ou quer pelo nome do povo romano,*

> *podia impedir que maior multidão de germanos atravessasse o Reno, e poderia defender a Gália inteira dos abusos de Ariovisto*.[194] (grifos nossos)

No trecho acima, César justifica sua intervenção da Gália argumentando que os próprios gauleses (na figura do éduo Divicíaco) lhe pediram ajuda, além do fato de os germanos terem cruzado o rio Reno e penetrado na Gália. César destacou o caráter selvagem dos germanos, chamando-os de *homines feri ac barbari* (homens ferozes e bárbaros), sendo esses germanos liderados por Ariovisto, retratado no trecho como exemplo maior da maldade, sendo denominado como *hominem barbarum, iracundum, temerarium* (homem bárbaro, irascível e temerário).[195] Vemos que César finalizou o capítulo dizendo que ele mesmo (representando o Estado romano) poderia impedir o avanço germânico e "defender a Gália inteira dos abusos de Ariovisto". Como Schmidt (2004, p. 180) ressalta, a conquista da Gália é tanto uma necessidade estratégica para Roma quanto um imperativo político para César, que desejava desfrutar de fama tamanha a ponto de rivalizar com Pompeu, o grande conquistador do Oriente próximo e que colocou fim à pirataria no mar Mediterrâneo. Schmidt (2004, p. 189) considera que provavelmente o senado romano se absteria de intervir na Gália em uma questão que não a afetava diretamente, já que essas migrações ocorriam fora de sua zona de influência, mas que César, ávido de glória militar, buscou os argumentos mais falaciosos para intervir militarmente na Gália. Todavia, acreditamos que Roma dificilmente deixaria a Gália desocupada, até pelas províncias na Espanha e norte da Itália, os gauleses e germanos estariam muito próximos, como de fato ocorreu, já que Ariovisto estava cada vez mais tomando terreno e se aproximando dos limites da província romana.[196] Mesmo com o exagero de César, também não podemos ignorar que os gauleses (especialmente os que habitavam às margens do Reno, do Ródano e do Saône) de fato se sentiam ameaçados com os germanos e buscaram em Roma o auxílio de que necessitavam, fato comprovado pela visita de Divicíaco a Roma para solicitar ajuda. É também possível perceber nessa justificativa de César a explicação baseada no

[194] Cf. nota 136 na p.76, na qual abordamos o pedido de ajuda aos romanos feito por Divicíaco, emissário dos éduos, uma das nações celtas amigas dos romanos.

[195] Rambaud (2011, p. 112-113) chama essa caracterização de Ariovisto de *captatio maleuolentiae*; ou seja, César exagerou essas características do líder germano para conquistar o público e convencê-lo de que a intervenção romana na Gália era necessária para se evitar o mal maior dos germanos, que não respeitavam fronteiras e eram um possível risco para Roma. Ariovisto representava o arquétipo máximo do bárbaro feroz e terrível e, de certa forma, serviu como paradigma em uma escala de barbárie dentro do *De bello Gallico*, representando o pólo mais primitivo.

[196] Essa província, que vai ser citada por César várias vezes no *De bello Gallico*, era a Gália Transalpina (ou Narbonense).

"direito justo" dos romanos intervirem em outras nações e territórios, já que os éduos (aliados dos romanos) sofriam por parte de Ariovisto e dos germanos uma injúria: para evitar o perigo e desgraça, era necessária uma manobra de "auto-defesa" (RIGGSBY, 2006, p. 18). Todavia, como Schmidt (2004, p. 270) destaca, mesmo com a conquista definitiva da Gália, a "paz romana" nunca será, de fato, uma realidade, pois as revoltas nunca cessaram ao longo do domínio romano. Embora as elites tenham obtido a cidadania romana, e embora a vida citadina tenha sido mais facilmente romanizada e tenha sido uma assimilação cultural no âmbito urbano, no âmbito rural os descendentes dos antigos povos celtas mantiveram-se irredutíveis em sua revolta (SCHMIDT, 2004, p. 273).

### 2.2.1 – Algumas considerações sobre a questão da romanização na Europa Ocidental

Anteriormente neste trabalho abordamos a forma como Roma teria ampliado seus domínios e conquistado diversos povos e regiões através de várias conquistas militares ao longo de alguns séculos. Todavia, a ideia de um império tal qual conhecemos hoje não se aplica ao que pensamos do império romano. Nas palavras de Guarinello (2014, p. 119), "Talvez a principal diferença entre o Império e um estado nacional resida no fato de que o poder não se repartia homogeneamente sobre o território do Império, dada a grande heterogeneidade de estatutos entre sua população e a ausência de uma sociedade civil claramente identificada". Assim, o império romano abrigava uma grande variedade de nações e sociedades diversas, que mantinham seus costumes e suas formas de governo próprias, além de grande diversidade cultural e social. Como Guarinello lembra (2014, p. 119), no domínio romano inseriam-se antigos impérios orientais, como o egípcio-helenístico, que mantiveram suas instituições sociais próprias até o período imperial tardio. Essa diversidade justificava-se pela postura de Roma ter sido aberta ao estrangeiro desde seus primórdios e também pelo fato da urbe ter feito largo uso de artífices de outros povos, chegando, inclusive, a melhorá-los.[197]

Se no lado oriental Roma teve uma postura menos intervencionista no modo de vida e costumes dos povos dessas regiões, no ocidente o processo de romanização foi

[197] De fato, desde o início mítico de Roma, constava nas narrativas que Rômulo acolheu os fora-da-lei estrangeiros para aumentar a população da Urbe que acabara de fundar, bem como o rapto das sabinas (uma nação que vivia nas vizinhanças) para obter mulheres para a cidade (NICOLET, 2011, p. 887). Das fontes latinas que falaram sobre esse episódio, destacamos: Tito Lívio (*Ab urbe cond.*, I, 8); Ovídio (*Fasti*, III, 432-734); Lucano (*Bellum ciuile*, I, 96-99 e VII, 437-439) e Plínio, o Velho (*HN.*, XVI, 5).

mais profundo.[198] Hoje discute-se bastante sobre o quão profundo ou extenso foi esse processo. Pesquisadores mais antigos, como Bloch e Cousin, e também mais recentes, como Canfora, definiram que a romanização na Europa ocidental foi um processo cruel e que se deu com total violência e arbitrariedade por parte dos romanos.[199] Hoje em dia vários estudiosos acreditam que esse processo não foi tão intenso ou tão opressivo assim. Nesse sentido, temos as palavras do próprio Guarinello (2014, p. 119 a 125):

> Organizações sociais pré-urbanas permaneceram majoritárias em vastas regiões da Gália, da Bretanha e das províncias fronteiriças centrais. Durante séculos, povos montanheses mantiveram-se arredios à influência romana, no próprio coração do Império. Todas essas eram, contudo, formas de organização social dominadas, formadas por populações submetidas. A força, com efeito, encontrava-se em outro lugar: nas cidades. O Império Romano representou uma vitória das cidades mediterrâneas sobre essas sociedades. E o imperialismo romano foi, antes o resultado das deficiências estruturais dessas cidades, do que o efeito de uma supremacia singular do povo conquistador. (...) Como vimos, apenas algumas poucas cidades, as de maior porte, conseguem minimizar os conflitos internos através da expansão militar, que fornece ocupação para a população mais pobre e carreia terras e riquezas para o centro. As demais cidades só alcançam uma situação de estabilidade pela imposição de um poder superior, externo, capaz de dirimir os conflitos e regular as relações entre os grupos de cada comunidade. A expansão de Roma se dá precisamente nesse quadro.

Em um primeiro momento, temos as conquistas militares e muitas vezes a imposição da ordem pela força; ao longo do tempo, com o estabelecimento das províncias e a consolidação de um amplo território imperial, a paz passou a predominar (GUARINELLO, 2014, p. 127). Todavia, o papel do exército na expansão e consolidação do poderio romano não se restringiu apenas ao uso da força: ele também foi agente importante da difusão da cultura de Roma nas áreas submetidas, através da integração econômica (já que a manutenção das legiões estimulava a engrenagem de produção de mercadorias e comércio) e também da interação social, com o recrutamento de tropas e pelos matrimônios com os locais (GUARINELLO, 2014, p. 128). Além disso, como destaca Le Bohec (2009, p. 31), um bom comandante sabia que era importante ganhar a simpatia dos civis do povo vencido, uma vez que nenhum exército conseguiria se impor indefinidamente usando apenas a força. Os domínios romanos eram notadamente multiculturais; o latim e grego, únicas línguas usadas em contexto oficial, aprendidas pelas elites locais e também como veículo literário, a princípio não se impuseram como os únicos idiomas. Como lembra Guarinello (2014, p. 127), por

[198] Sobre a romanização mais pesada no ocidente e não no oriente, ver p.100.
[199] Cf. p. 16-17 deste trabalho.

muito tempo as populações locais continuavam se expressando em seus idiomas de origem, como o celta na Gália, o púnico no norte da África, o aramaico na Palestina etc. Do ponto de vista da cultura e dos hábitos, os povos conquistados mantiveram suas tradições e modo de vida. Com o passar do tempo, o mundo foi sendo paulatinamente transformado; a elite dessas nações, buscando conquistar a cidadania, adotou os costumes romanos e aprendeu o latim; especialmente nas cidades, a mescla entre romanos e conquistados se deu mais rapidamente. No contexto da Europa ocidental o fenômeno de fusão entre romanos e provincianos aconteceu em tal profundidade que hoje temos, na região, o predomínio das línguas românicas derivadas do latim; o que se sabe dos costumes e línguas pré-românicas nos é conhecido, sobretudo, por meio da arqueologia e da linguística histórica.

Os resquícios de línguas ou de religiões que nos chegaram mesmo séculos após as conquistas romanas, nas palavras de Wallace-Hadrill (2008, p. 7), sugerem que a produção de uma fusão rápida e homogênea após a conquista não pode ser tomada como certa, se é que de fato isso alguma vez ocorreu dessa forma. Ainda de acordo com o autor (2008, p. 10), o mais interessante no estudo entre os romanos e os outros povos é perceber como se opera a dialética de apropriação, pela qual bens e peculiaridades do poder conquistador são adotados pelos conquistados para fins específicos, e pode-se ainda adicionar a essa dialética a reciprocidade com a qual o poder conquistador adota traços do conquistado para consolidar a sua ocupação. Assim, ao longo deste trabalho veremos como se deu o contato dos romanos com gauleses e como essa dialética justificou a construção cultural que os romanos fizeram dos gauleses.

O termo romanização, por si só, já é considerado problemático no campo atual de pesquisa em estudos clássicos, já que até meados do século XX esse termo englobava a noção de que os romanos impuseram sua cultura aos povos vencidos, em um processo unilateral e arbitrário. Ora, como mencionamos acima, vimos que na verdade a romanização ocorreu em várias esferas sociais (e não em um movimento de cima para baixo, em que a elite romana impunha seu *status quo*) e que os povos ditos conquistados mantiveram muitos dos seus costumes, instituições políticas e sociais e até seus idiomas. Como Veyne (In: GIARDINA, 1992, p. 299) pontua, "(...) os habitantes das províncias romanizavam-se espontaneamente. O poder central aplaudia e dava a sua sanção jurídica à formação de novas cidades." Dentre os vários pesquisadores que contestam esse conceito defasado de romanização, destacamos aqui Hingley (2005), que

abandona o termo romanização (exceto quando estritamente necessário) e adota em seu lugar o termo globalização.[200]

Devemos também ter em mente que muitos estudos sobre o conceito de romanização e imperialismo romano foram embasados em obras da elite letrada de Roma; de fato, muitas vezes as fontes antigas eram tratadas ora como relatos literários, ora como fontes historiográficas, especialmente até meados do século XX. Hingley (apud FUNARI, GARRAFONI, 2016, p. 34) lembra que embora os textos antigos sejam importantes, atualmente com a arqueologia é possível perceber outros aspectos da sociedade e cultura antigas que nem sempre eram retratados nessas obras, que muitas vezes visavam à exaltação da glória de Roma e aspectos específicos como vitórias em guerras e conquistas militares. Isso também contribuiu para flexibilizar a noção de romanização. O termo romanização ainda hoje é bastante usado por estudiosos da área, inclusive nós mesmos, que utilizamos aqui o vocábulo com essa nova acepção mais flexível, levando em consideração que tanto os vencedores quanto os vencidos contribuíram para criar uma nova forma de cultura heterogênea nas províncias, com interpretações mais livres que levam em conta a grande variação desses processos que ocorreram no império.[201] Assim, entendemos que o processo de romanização se deu em um contexto de grande dinâmica social; por um lado, pela assimilação da cultura romana pelas elites conquistadas; por outro, através da resistência aos valores romanos por parte da população, sobretudo a do campo, o que levou a novas estruturas culturais.

[200] Hingley argumenta que esse conceito antigo de romanização passou a ser muito usado no contexto do pós-colonialismo europeu ocidental, entre o século XIX e primeira metade do século XX, e focava no eurocentrismo e na oposição entre civilização e barbárie. O autor considera que essa antiga teoria de romanização é extremamente simplista e focada apenas na elite do império. Assim, a partir da segunda metade do século XX a própria definição de romanização evoluiu largamente. Para discussão mais profunda sobre esse tema da romanização, surgimento desse conceito e de como ele foi usado para ajudar a formar a mentalidade da Europa ao longo dos séculos, e dos problemas que surgem a partir dos usos (e abusos) dessa concepção, recomendamos o capítulo "Changing concepts of Roman identity and social change" (In: HINGLEY, 2005, p.14 a 48). Mendes (2007, p. 27), ao se referir ao processo complexo de romanização, prefere adotar o termo *mundialização* no lugar de *globalização*, já que mundialização acentua a heterogeneidade cultural entre conquistadores e conquistados, enquanto que globalização transmite uma ideia de homogeneidade que não daria conta de explicar o complexo contexto em que se deu a romanização. Outros estudiosos também adotam o termo *mundialização*, como Laplantine e Nouss (2001).

[201] Hingley (2005, p. 47 a 49) aborda mais a questão complexa da romanização e sobre os papéis desempenhados por conquistadores e conquistados ao construir uma nova ordem social, do que simplesmente os gauleses terem sido absorvidos em uma ordem social pré existente. Ele também aborda de forma profunda essa questão do imperialismo e cultura no capítulo "Roman inperialism and culture" (2005, p. 49 a 71).

2.2.2 – Biografia concisa de César

Nesse contexto histórico de grandes expansões romanas temos Caio Júlio César, que teria nascido em Roma, provavelmente em 100 a.C., de uma família patrícia. Pelo fato de sua tia Júlia ter sido esposa de Mário, ele chegou a ser perseguido durante o regime de Sila. Durante esse período, serviu no exército na Ásia. Em 78 a.C., com o fim do regime silano, César retornou a Roma e passou a se dedicar à carreira política, tendo sido questor (68 a.C.), edil (65 a.C.), e pretor na Hispânia (61 a.C.), dentre outros cargos. Em 60 a.C., formou um pacto, junto com Pompeu e Crasso, que foi chamado erroneamente de primeiro triunvirato, já que não foi estabelecido por uma lei, para dividir o poder entre os três. Em 59, César foi cônsul pela primeira vez e, para aumentar sua popularidade, fez votar duas leis agrárias semelhantes às que os irmãos Graco tentaram promover em seu tempo: uma dessas leis facilitava a concessão de terra aos soldados veteranos, enquanto a outra ajudava a população mais pobre de Roma (SCHMIDT, 2004, p. 178). No ano seguinte, ele tornou-se procônsul da Ilíria e das Gálias romanizadas – a Cisalpina e a Narbonense, que se tornaram províncias consulares em 60 a.C., em face ao avanço do germano Ariovisto nessa região. Com o pretexto de violações das fronteiras romanas por parte dos celtas, César decidiu conquistar e submeter toda a Gália ao poderio romano. Como Brandão afirma (In: BRANDÃO; OLIVEIRA, 2015, p.395) "César geriu o proconsulado da Gália muitas vezes contra o parecer do senado, tendo em conta a sua promoção pessoal e a preservação da sua *dignitas*". Como pretexto para ampliar territórios romanos – expansão essa que não estava incluída nos planos do senado para seu proconsulado – César aproveitou-se sobretudo de conflitos internos dos gauleses e do estabelecimento do germano Ariovisto a oeste do Reno em 60 a.C. (BRANDÃO, In: BRANDÃO; OLIVEIRA, 2015, p. 396). Após seis anos (58 a 52 a.C.), César finalmente converteu a Gália em uma província romana, e com isso passou a ter maior popularidade, conquistou fortunas e alargou a base do seu poder pessoal, ao contar com vastas clientelas provincianas.[202] Nesse ínterim, em 54 a.C., morreu a filha de César, Júlia, que era casada com Pompeu, e no ano seguinte faleceu Crasso, que lutava no oriente contra os partos; esses acontecimentos levaram ao fim do triunvirato e acentuou a rivalidade entre César e Pompeu. César, que visava a um segundo consulado após a conquista da

[202] Canfora (2002, p. 124 e ss.) detalha mais os vários motivos de César ter optado pela conquista da Gália.

Gália, foi impedido legalmente de disputar as eleições. Dessa forma, ele decidiu por invadir a Itália com seu exército, em 49 a.C., dando início a uma nova guerra civil. Em 48 a.C., César venceu Pompeu na batalha de Farsália e este, ao fugir para o Egito, foi assassinado. Sobre a guerra civil, Grimal (1993, p. 46) afirma:

> (...) o velho mundo está a desfazer-se um pouco por toda a parte, as instituições tradicionais já não podem suportar o enorme peso do Império e, apesar das oscilações que, momentaneamente, parecem conter a evolução, o lento trabalho prossegue obscura e irreversivelmente até que a máquina se revele adaptada a todas as novas necessidades.

Após novas batalhas na África (46 a.C.) e na Hispânia (45 a.C.), César saiu vencedor do conflito e tornou-se o chefe supremo de Roma. Em fevereiro de 44 a.C. César foi declarado ditador perpétuo – e aproveitou-se disso para ampliar a base política do poder, favorecendo os populares, cavaleiros e "homens novos" (recém admitidos no Senado). Yavetz (2004, p. 204) diz que César fez atos inéditos até então na política romana: foi o primeiro a conceder o direito de cidadania a uma província inteira (a Gália Cisalpina), a recrutar uma legião completa de provincianos, e a nomear um provinciano para o Senado – o hispaniense Balbo.[203] Evidentemente, todas essas medidas serviram para aumentar ainda mais o receio e ódio dos opositores de César, que viam o ditador aumentar o seu poder pessoal. César acumulou tanto poder e honras que alarmou os outros aristocratas, que julgaram que ele queria tornar-se rei. Nos idos de março, César foi assassinado por um grupo de senadores em uma sessão do senado.[204]

Acreditava-se que, com a morte de César, a República voltaria a ser como antes. Seu assassinato, contudo, não fez com que a necessidade de reformas fosse abandonada. Como Guarinello escreveu no prefácio da obra de Canfora (2002, p. 14 e 15), o período do século II a I a.C. foi marcado por grandes transformações sociais e crises profundas, como a fracassada reforma proposta pelos irmãos Graco e os golpes de Estado de Mário e Sila; a cidadania dividira-se em partes, em facções organizadas como vastas clientelas, que lutavam por seus interesses particulares, sem conseguir um meio-termo que atendesse a todos, populares e poderosos. As estruturas e instituições políticas romanas já estavam falidas, e ficava clara a necessidade de um novo sistema de governo que centralizasse o poder nas mãos de um único indivíduo, como forma de minimizar as disputas e trazer a paz e estabilidade à comunidade romana. Essa mudança se

[203] Citamos Balbo na p. 100 deste trabalho.
[204] Para esta breve biografia de César, utilizamos como referência o livro de Conte (1999, p. 225).

consolidará com a ascensão de Otávio (sobrinho-neto de César, por ele adotado como seu herdeiro em seu testamento), e o principado se tornará, enfim, o sistema político que acompanhará a nova sociedade imperialista que surgia.

## 2.3 – *De bello Gallico*: aspectos gerais da obra de César

César teve uma relevante produção literária; dos seus escritos que chegaram aos nossos dias temos apenas o *De bello Gallico* (Sobre a Guerra da Gália) e o *De bello ciuili* (Sobre a Guerra Civil). César também compôs um epigrama (fragmento 9 em *Fragmenta Poetarum Latinorum*, de Morel) sobre Terêncio. O resto da obra de César (discursos, o tratado *De analogia*[205] – sobre a pureza de linguagem e o fazer literário – e o *Anticato*, contra Catão de Útica) se perdeu. Também fazem parte do corpo cesariano, do período final da guerra civil, as obras *Bellum Alexandrinum*, *Bellum Africum* e *Bellum Hispaniense*, que relatam, respectivamente, as campanhas militares de César em Alexandria (Egito, 48 a.C.), Tapso (norte da África, 46 a.C.) e Munda (Espanha, 45 a.C.).[206]

O *De bello Gallico*, também conhecido em português como *Relato da Guerra da Gália*, foi composto por César em sete livros, nos quais se desenrola a narrativa de confrontos entre romanos e gauleses, além da geografia, costumes e cultura das tribos que habitavam essas regiões.[207] César dedicou cada livro do *De bello Gallico* a um ano de campanha militar. Temos, no livro I, a descrição da Gália e a narrativa das batalhas ocorridas em 58 a.C. contra os helvécios e contra Ariovisto, rei dos suevos; o livro II é sobre a campanha contra os belgas, no ano 57 a.C.; o livro III conta a campanha de César contra as cidades armoricanas (57 a.C.) e possui ainda um comentário da presença de Crasso na Aquitânia (56 a.C.). No livro IV, temos a campanha de César contra os germanos e a primeira ida de César à Britânia (55 a.C.). O livro V concentra-se na segunda ida de César à Britânia e nova campanha contra os belgas, em 54 a.C. O livro

[205] Provavelmente escrito por César enquanto era procônsul durante uma travessia dos Alpes (CONSTANS, 1964, p. XVII)

[206] Áulo Hírcio, tenente de César, foi o provável autor do livro VIII do *De bello Gallico* – o objetivo era de dar continuidade à narrativa cesariana de modo que a obra, abrangendo os acontecimentos do ano 51 e 50 a.C., tivesse ligação com o começo do *De bello ciuili*; o *Bellum Alexandrinum* também seria de Hírcio (CONTE, 1999, p. 230). Quanto ao *Bellum Africum* e o *Bellum Hispaniense*, não se sabe da autoria dessas obras; provavelmente foram escritas por algum militar ligado a César.

[207] Além do que o próprio César ditou para seus secretários e que virou o texto final do *De bello Gallico*, também foram utilizados como fontes os relatórios dos membros do Estado-maior de César, que informavam ao general do que acontecia em outros campos de batalha e das ações as quais César não tomou parte diretamente.

VI, além de narrar confrontos de César contra gauleses e germanos, possui uma descrição dos costumes de ambos os povos (53 a.C.). Essa descrição é conhecida como a célebre "narração etnográfica" de César. O livro VII trata do levante da Gália liderado por Vercingetórige, a tomada de Lutécia, cerco e capitulação de Alésia e a rendição de Vercingetórige a César, no ano 52 a.C.[208]

César, em sua narrativa, contou as suas campanhas militares na Gália e a expansão do poderio romano nesse território. Sobre essa obra, Lintott lembra (In: BOARDMAN et al., 1986, p. 642):

> Caesar tells us of the expansion of Roman power in a successful war, enlivening the story with digressions on geography and the characteristics of foreign races, and explains its significance by comments in the first person and by speeches in which both he and his opponents justify their conduct. The whole work is a testimony to Roman virtue, not only that Caesar himself, but of his troops, whose abilities are rarely portrayed so effectively elsewhere. There is a political message too. Although Caesar was radical and violent in his own political career, when discussing the Gallic communities he exalts established power and conservatism.[209]

No *De bello Gallico* César seguiu o modelo de historiografia helenística – que também apareceu em Diodoro Sículo, e depois em Estrabão – que fornecia informações etnográficas, sobre os costumes, a geografia, a economia e nível de civilização dos povos narrados. Esse tipo de conteúdo era escasso em Roma, e as digressões em César serviam para explicar algumas situações, justificar certas decisões, e davam à obra uma aparência de objetividade científica, respondendo à curiosidade do leitor (ANDRÉ; HUS, 1974, p. 33).

### 2.3.1 – Discussão sobre gênero literário e aspectos formais nos comentários de César

Quanto ao gênero narrativo dos comentários, há certa discordância se as obras de César podem ser encaixadas no gênero da historiografia. Os pesquisadores André e Hus (1974) defendem que César é memorialista, e não historiador – apesar de as obras de

[208] Este resumo da obra de César foi baseado em Conte (1999, p. 227 e 228).

[209] "César nos conta sobre a expansão do poder romano em uma guerra bem sucedida, dando vida à história com digressões sobre a geografia e as características das raças estrangeiras, e explica seus significados através de comentários em primeira pessoa e por meio de discursos nos quais tanto ele quanto seus oponentes justificam sua conduta. Todo o trabalho é um testemunho da virtude romana, não apenas a de César, mas também a de suas tropas, cuja habilidade foi raramente retratada de forma tão efetiva em outros lugares. Há também uma mensagem política. Embora César fosse radical e violento em sua própria carreira política, quando discutindo sobre as comunidades gaulesas ele exalta o poder estabelecido e conservadorismo."

César seguirem a tradição analística. De acordo com ambos, César era uma figura política de destaque, que visava ao poder que ele conquistou de forma ilegal, e ele só escreveu os eventos que lhe foram contemporâneos com a finalidade de justificar suas ações passadas e de preparar sua ação futura de se tornar líder supremo de Roma (ANDRÉ; HUS, 1974, p. 27). Ainda segundo André e Hus (1974, p. 29), os comentários de César eram mera exposição de fatos precisos e sem ornamentos literários, sendo o contrário do que os gregos ou Cícero entendiam por história. Assim, até hoje muitos estudiosos entendem que esse estilo não pode ser considerado *historia* pela própria natureza do *commentarius* – que preconizava a clareza, a precisão, o tom objetivo e essencial, com poucos discursos e sem introduções pretensiosas e descrições intermináveis, e sem retratos de personalidades ou considerações morais ou filosóficas.[210] Consideramos as obras de César não como comentários, mas sim como *história*, uma vez que elas se encaixam na definição aristotélica desse gênero – ou seja, elas são narrativas sobre fatos acontecidos.[211]

Lintott, contudo, prefere inserir essa atividade literária de César dentro da tradição historiográfica. Embora os comentários de César fossem tendenciosos e visassem a auto-glorificação, esses vícios não eram exclusivos da autobiografia (LINTOTT, In: BOARDMAN et al., 1986, p. 532). Por conseguinte, devemos considerar os relatos de autores antigos, não só de César, como discursos inseridos em uma longa tradição literária, que possuíam público-alvo específico, além de também propagandearem conceitos sociais e visões de mundo (FUNARI, GARRAFFONI, 2016, p. 35). Além disso, apesar de carecer de ornamentos estilísticos e ter tom austero, os assuntos tratados nos comentários de César – como a virtude romana não só de César, mas também de suas fiéis legiões, além da exaltação de uma guerra bem sucedida – são típicos da historiografia latina madura (LINTOTT, in: BOARDMAN et al., 1986, p. 532).[212] Independentemente de César ter escrito historiografia, autobiografia ou memória, de toda forma os comentários sobre a conquista da Gália ficaram como único

[210] Fornara (1983, p. 184) aprofunda essa discussão de gênero de composição do *De bello Gallico*, destacando que essa obra de César possui características tanto de história, quanto de comentário e memória.
[211] Cf. *Poética*, 1451b.
[212] Lintott também destacou o caráter político do *De bello Gallico*: "embora César fosse radical e violento em sua própria carreira política, em se tratando da Gália, ele exaltou as comunidades e suas características de organização. Apesar da ironia disso, César pode ter escrito isso com certa sinceridade, pois Roma tradicionalmente se sentia no dever de socorrer seus aliados para assegurar seu próprio império" (In: BOARDMAN et al., 1986, p. 532). Abordamos a questão do dever moral de Roma defender seus aliados no subcapítulo 2.1.2.

documento escrito por um protagonista dos próprios fatos e que nos chegou de forma satisfatória. Ele também tinha pressa em divulgar suas obras, e escolheu justamente o estilo do comentário, já que esse tipo de composição era mais livre, do que escrever *historia*, que seria um processo mais demorado. De acordo com Usher (2001, p. 138), como os comentários foram escritos para publicação imediata e com claros propósitos políticos, pode-se deduzir que César considerou a sua forma literária satisfatória. Como destaca Guillaumin (in: RATTI, 2009, p. 19), é certo que o propósito de César ao escrever os comentários não foi unicamente – nem mesmo prioritário – a preocupação literária, mas sim poder escrever e divulgar rapidamente suas obras com fins propagandísticos (*De bello Gallico*) e apologéticos (*De bello ciuili*).

De todos os instrumentos usados por César para alcançar poder e prestígio, os comentários de certo eram os mais sofisticados, "em um tempo em que as rivalidades políticas eram expressas em panfletos vulgares e calúnias de todo tipo" (MARTIN; GAILLARD, 1981 p. 119). Sobre o *De bello Gallico*, Conte também lembra que Cícero (*Brutus* 262) e Hírcio (no prefácio do livro VIII do *De bello Gallico*) afirmaram que, embora César tenha adotado o estilo *comentário*, que serviria de possível fonte para historiadores de tempos vindouros, na verdade ninguém se atreveria a tentar reescrever o que César já tinha narrado com incomparável simplicidade. De fato, a atitude de César possivelmente teria escondido um "truque": sob a humilde capa, o *commentarius*, como ele escreveu, se aproximou da *historia* (CONTE, 1999, p. 226).

Sobre a forma em que a obra foi escrita, existem algumas discordâncias entre os pesquisadores. Como Conte ressalta (1999, p. 227), alguns estudiosos acreditam que César compôs o *De bello Gallico* ano a ano, durante os invernos, quando o exército ficava aquartelado e as operações militares eram suspensas. Essa última teoria é favorecida pela existência de certas contradições dentro do trabalho de César, o que seria difícil de explicar se a obra tivesse sido composta de uma só vez (CONTE, 1999, p. 227). Por sua vez, a teoria de que César compôs sua obra de uma vez só, entre o inverno de 52 a 51 a.C., também possui um fundamento favorável: a obra tem uma perceptível evolução estilística que pode ser detectada. Sobre essa evolução estilística, Conte (1999, p. 227) afirma:

> Such an evolution seems to advance from the bare, unadorned style of the true *commentarius* towards a style that increasingly allows the typical ornaments of *historia*; thus in the second half of the work one finds more

> frequent use of direct discourse and recourse to a greater variety of synonyms, which denotes a certain expansion of the traditional vocabulary.[213]

Seja de uma ou de outra maneira, a narrativa de César sobre suas campanhas militares na Gália foi publicada provavelmente em 51 a.C. Sem dúvida, César escreveu o *De bello Gallico* com fins propagandísticos, pois ele mostrava-se como o comandante justo e valoroso, disposto a defender os romanos e seus ideais. Por outro lado, pode-se pensar que o *De bello Gallico* também tenha sido direcionado à elite gaulesa recém conquistada. Os romanos, de acordo com César, seriam os responsáveis por trazer ordem e paz nessa província, que sofrera tanto por ataques dos germanos como por ataques internos de outras nações gaulesas. Nas palavras de Gouvêa Júnior (2012, p. 12), "César, com os *exempla* de suas vitórias, oferecia à aristocracia gaulesa aculturada e predisposta a fornecer-lhe apoio político, a proteção contra os chefes da rebelião, caracterizados como facínoras em busca da instauração de um regime tirânico".

### 2.3.2 – O estilo do *De bello Gallico* e discussões sobre sua composição

O *De bello Gallico* tem estilo claro, simples e elegante, sem grande variação no tom ou no vocabulário. É possível que César tenha usado um vocabulário bastante simples como forma de alcançar o maior número de leitores possíveis. Evidentemente, César (que escreveu o *De analogia*)[214] adotou as normas do aticismo – como escolha cuidadosa do vocabulário, sem recorrer a palavras raras ou desusadas, e o uso de analogia em oposição à anomalia (asianismo). O texto é ágil, conciso e essencial; não há introdução nos comentários de César, até mesmo por questão de estilo. César também adotou o uso da 3ª pessoa para se referir a si mesmo – sendo esse recurso empregado para destacar o protagonista – já que o próprio César se coloca como personagem autônomo.[215] É comum ainda o emprego do discurso indireto, o que elimina a dramaticidade e dá amplificação retórica ao texto, embora alguns episódios decisivos

[213] "Tal evolução parece avançar do estilo nu e sem adornos do verdadeiro comentário em direção a um estilo que cada vez mais permite os típicos ornamentos da história; consequentemente na segunda metade do trabalho é possível encontrar usos mais frequentes do discurso direto e recurso de maior variedade de sinônimos, o que denota uma certa expansão do vocabulário tradicional."
[214] Como já citado na p. 112.
[215] César tomou da *Anábase* de Xenofonte esse aspecto de se referir a sim mesmo na 3ª pessoa (ANDRÉ; HUS, 1974, p. 30 a 32).

possuam carga dramática.[216] Depois de Tucídides, toda obra historiográfica passou a conter discursos, e César fez uso de discursos (sendo o direto bem raro), e sempre em momentos estratégicos, mas sem banalizações ou dramatizações excessivas da narrativa. Esses discursos, fictícios, eram um recurso literário empregado pelo autor para ajudar na caracterização de um personagem, ou para explicar uma situação, etc. (ANDRÉ; HUS, 1974, p. 32). Riggsby (2006, p. 142) lembra que geralmente as falas na historiografia são de personagens importantes (como generais) para dar contexto à narrativa ou fornecer uma análise da situação ou caracterização do personagem em si; em César, como exemplo, temos o apelo do eminente Divicíaco em que ele pede ajuda ao general contra os germanos.[217] Todavia, em várias vezes os discursos são pronunciados por personagens menores, desconhecidos até, que servem como uma quebra na narrativa e que enriquecem o texto, explicando alguns fatos que ocorreram (ou ocorrerão) na narrativa. Como exemplo, destacamos o trecho IV, 7, em que os germanos enviam embaixadores a César; eles sequer foram nomeados:

> *A quibus cum paucorum dierum iter abesset, legati ab iis uenerunt, quorum haec fuit oratio: Germanos neque priores populo Romano bellum inferre neque tamen recusare, si lacessantur, quin armis contendant, quod Germanorum consuetudo [haec] sit a maioribus tradita, Quicumque bellum inferant, resistere neque deprecari. Haec tamen dicere uenisse inuitos, eiectos domo; si suam gratiam Romani uelint, posse iis utiles esse amicos; uel sibi agros attribuant uel patiantur eos tenere quos armis possederint: sese unis Suebis concedere, quibus ne di quidem immortales pares esse possint; reliquum quidem in terris esse neminem quem non superare possint.*
>
> (...) Como distasse destes um caminho de poucos dias, vieram embaixadores da parte daqueles, cujo discurso foi este: "que os germanos não eram os primeiros que levavam a guerra ao povo romano, nem, todavia, a recusavam, se eram provocados a que lutassem com as armas, porque era este o costume dos germanos, transmitido pelo seus antepassados – resistir a todos aqueles que lhes levassem guerra, e não fazer súplicas. Todavia, dizem estas coisas: que eles tinham vindo constrangidos e tinham sido expulsos da pátria; se os romanos queriam a sua amizade, podiam ser para eles amigos úteis: ou lhes concedam campos, ou consitam que eles ocupem aqueles que tinham possuído pelas armas. Que eles cediam só aos suebos, aos quais nem sequer os deuses imortais podiam ser iguais: que ninguém certamente havia na terra, o qual não pudesse vencer."[218]

[216] Como na descrição da resistência dos gauleses frente aos romanos (cf. *BGall*., VII, 22, p. 20-21) e na morte de Pisão Aquitano, a ser abordada na p. 125 e ss.deste trabalho.
[217] *BGall*., I, 31, p. 103-105. Dentre outros discursos diretos, citamos: a resposta de Ariovisto, rei dos germanos, a César, em I, 36; a fala do próprio César aos seus soldados, em I, 40; e o discurso de Vercingetórige exortando os gauleses, em VII, 29.
[218] Tradução de Firmino (CÉSAR, 1946). Outro exemplo desse tipo de discurso também pode ser encontado em *BGall.*, VII, 21.

Ainda de acordo com os preceitos da analogia, no *De bello Gallico* há uma precisão relativa ao tempo, lugares, pessoas e coisas, com repetição dos termos e vocabulário técnico (ANDRÉ; HUS, 1974, p. 30). Essa repetição de termos ou expressões ajudava a gravar uma ideia no consciente do leitor e, de acordo com Rambaud (2011, p. 186), esse é um recurso usado em propagandas para convencer o público. A *breuitas* (concisão) no texto cesariano dá a impressão de que o comentário é desprovido de artifícios retóricos, o que contribui enormemente para conferir ao relato seu caráter objetivo e dar um verniz de veracidade. De acordo com Constans (1964, p. XVII), no prefácio de sua tradução do *De bello Gallico*, esse estilo cru e sem ornamentos combinava bastante com a imagem seca de um comunicador. Provavelmente César escreveu dessa forma também como um modo de que seu texto denotasse a expressão de uma inteligência precisa e lúcida unida a um temperamento de homem de ação (CONSTANS, 1964, p. XVII). Não será possível saber exatamente, mas o fato é que César, como homem culto e com fins políticos claros, escreveu seus comentários de forma pensada, e seus textos fizeram bastante sucesso.[219] Segundo Conte (1999, p. 229), esse estilo sem ornamentos de César e a rejeição dos artifícios retóricos para embelezar a narrativa contribuem para dar ao texto uma aura de aparente objetividade e tom impassível e distante ao narrador.[220] Pode-se notar que, sob essa "impassividade" e "distanciamento", há muito tempo os estudiosos perceberam interpretações tendenciosas e distorções de eventos para fins de propaganda política que não podem ser desconsideradas. De toda forma, Conte (1999, p. 229) pontua que essa distorção histórica pode ser percebida em maior escala no *De bello ciuili*, provavelmente porque essa obra foi escrita para dar suporte à candidatura de César para o seu segundo consulado. Para Conte (1999, p. 229), "in any event, the presence of distortions in both works is undeniable. It is never a matter of large-scale falsifications, but of omissions of greater or lesser importance, a certain way of presenting the relations between events".[221] Evidentemente, César possuía seus detratores, como ele

[219] De acordo com Conte (1999, p. 231 e 232), César foi levado a sério pelos seus contemporâneos não só como homem de Estado, mas também como escritor – como já mencionamos os elogios feitos por Cícero e Hírcio a César, na página 115 deste trabalho. Posteriormente, autores de historiografia, como Lívio, Nicolau de Damasco, Plutarco, Tácito e outros, apreciaram suas qualidades e utilizaram eventualmente seu material como fonte.

[220] Riggsby (2006, p. 150 a 155) aprofunda a discussão sobre o papel de César narrador e César personagem no *De bello Gallico*.

[221] "em qualquer evento, a presença de distorções em ambos os trabalhos é inegável. Nunca é um caso de falsificação em larga escala, mas sim omissões de maior ou menor importância, uma certa maneira de apresentar as relações entre os eventos".

mesmo mencionou no *De bello Gallico*.[222] Ora, César não precisava distorcer grandemente seus feitos para melhorar sua reputação: caso assim o fizesse, seria facilmente desmentido (OGILVIE, In: KENNEY, 1989, p. 316).

Há até hoje uma grande discussão sobre a veracidade dos fatos em César – discussão essa que talvez nunca chegue a um consenso. Já na Antiguidade Suetônio (*Caesar*, 56, 4) relatou que Asínio Polião acusava César de inexatidão (embora Polião se referisse ao relato da guerra civil, já que ele não estava com César durante o proconsulado desse último na Gália).[223]Alguns pesquisadores consideram César um memorialista sincero que foi inexato por questões involuntárias, enquanto outros estudiosos julgam que César foi um mero propagandista sem escrúpulos, como Barwick e Rambaud (ANDRÉ; HUS, 1974, p. 33). Rambaud (2011), de fato, dedicou um livro inteiro a esse assunto.[224]

Constans (1964, p. XIII) lembra que, para apreciar as informações em César, é necessário observar as fontes que ele utilizou, que são de três naturezas: relatórios ao Senado depois de cada campanha; relatos dos seus lugares-tenentes; e memórias pessoais ditadas pelo próprio César a seus auxiliares. Evidentemente os relatos de César o favoreciam; os dos tenentes também possuíam falhas e imprecisões, como exageros ou inexatidão sobre informações dos inimigos. Qual a consequência dessas imprecisões? Para Constans, o *De bello Gallico* seria comparável ao relato sobre a guerra da Gália escrito por outros autores.[225] De toda forma, o *corpus* cesariano sofreu grandes modificações, uma vez que Otávio determinou com mão de ferro o que devia ser mantido e o que devia ser escondido do público. De César temos o relato "oficial" dos comentários e, além dele, algumas outras poucas fontes, citadas sobretudo por Suetônio. Guillaumin (In: RATTI, 2009, p. 19) destaca que, no caso específico do *De bello Gallico*, essa obra não possui outras fontes que possam demonstrar as distorções

[222] No *BGall.* (I, 44), César disse que o germano Ariovisto fora informado por vários nobres cidadãos romanos que, se matasse César, ele obteria reconhecimento desses mesmos romanos.

[223] O desaparecimento da obra de Asínio Polião, que escreveu depois da batalha de Ácio (31 a.C.), representa uma grande perda para a literatura latina. Seu relato contrapunha César enquanto os acontecimentos ainda estavam bem recentes (CANFORA, 2002, p. 405). Ainda de acordo com Canfora (2002, p. 406), "As *Histórias* de Asínio eram um sério atentado à 'vulgata' cesariana, ou melhor, à verdade posta em circulação pelos *commentarii*". Otávio censurava as obras que contradissessem César, e com Polião não foi diferente. Além de os escritos de Polião se oporem a César, Otávio também lhe nutria profunda antipatia, já que Polião era aliado de Antônio.

[224] Sobre deformações históricas em César, a obra de Rambaud é definitiva e analisa de forma profunda todo o conteúdo dos comentários de César. Por conseguinte, não aprofundaremos aqui sobre essa questão de distorção histórica, salvo quando necessário em discussão de passagens específicas do *De bello Gallico* a serem citadas mais adiante neste trabalho.

[225] Constans (1964, p. XIII) lembra que muitos autores simplesmente repetiram o que foi escrito por César, com exceção de Suetônio, Plutarco e Apiano, que parecem mais independentes.

históricas de César – o mesmo não pode ser dito do *De bello ciuili*, mais facilmente desmentido por outras fontes sobre a guerra civil, como o próprio Cícero, dentre outros.

Ainda de acordo com Constans (1964, p. XIII e XIV), a escrita do *De bello Gallico* foi rápida,[226] e o uso das fontes por parte dele também comprometeu a qualidade do trabalho; Constans afirma que as fontes históricas de César eram boas, mas as geográficas eram medíocres. As indicações de César sobre a localização de diferentes partes da Gália e da Britânia foram equivocadas; ele se utilizou de mapas errôneos e ele próprio não se preocupou em corrigir esse tipo de falha (CONSTANS, 1964, p. XIV). Justamente por essas omissões, deformações e exageros, a obra carece de um completo valor histórico. Em certa medida, as obras de César foram improvisadas e escritas em circunstâncias bem específicas, e não se pode deixar de ter isso em mente ao se estudar os comentários (CONSTANS, 1964, p. XV). [227] De acordo com André e Hus (1974, p. 36), podemos admirar o César escritor e, na falta de outras fontes importantes dos acontecimentos que ele narra, não dá para simplesmente ignorar sua obra, apenas ter cuidado com essas distorções.

Quanto à sua própria imagem, César se mostrou no *De bello Gallico* como um cérebro que pensa nas batalhas, um general dotado de surpreendente conhecimento da arte da guerra, uma vez que a organização de uma campanha é um jogo intelectual e inteligente. Canfora (2002, p. 126) lembra que as lendas de César como comandante militar se consolidaram pouco a pouco, e que essas lendas eram provavelmente baseadas em fatos reais: era famosa a resistência física de César, sua camaradagem e sua capacidade de suportar a dureza diária da vida militar; apesar de ele ter sido um homem aristocrático e culto, "se submetia com agilidade e obstinação à mais áspera e perigosa das disciplinas" (CANFORA, 2002, p. 127). Ele conhecia os países e homens que combatia, e apreciava nos chefes gauleses a sua grandeza de alma, a energia, a coragem, o espírito de decisão que suplanta a inferioridade técnica e a desunião (ANDRÉ; HUS, 1974, p. 35). César também aparece no *De bello Gallico* como um general que sempre agiu dentro da lei, um político moderado do qual não se deveria esperar arroubos revolucionários.

Embora se mostrasse como general habilidoso, César, contudo, não criou em torno de si uma aura de carisma; o próprio tom do comentário, e o distanciamento

[226] Como mencionamos na p. 115, César precisava se justificar perante Roma, daí a pressa para divulgar seus comentários.
[227] Sobre interpolações de cunho geográfico em César, ver Constans (1964, p. XIV).

causado pelo uso da 3ª pessoa, justificam esse fato e, além disso, o general romano buscava a sutileza ao se auto vangloriar em suas obras.[228] Sobre o *De bello Gallico*, Conte considera que essa obra não pode ser lida apenas como uma glorificação de uma conquista militar; segundo ele (1999, p. 230), já era um costume estabelecido do imperialismo romano apresentar as guerras de conquista como sendo necessárias para a proteção do Estado romano e seus aliados contra os perigos que se levantavam no estrangeiro. Além disso, César se dirige à aristocracia gaulesa, assegurando-lhes de sua proteção contra os homens sem lei que, por trás de ideais de independência, ocultavam sua aspiração à tirania (CONTE, 1999, p. 230).

### 2.3.3 – Alguns conceitos romanos fundamentais em César

Na introdução deste trabalho abordamos a questão da *humanitas*. Alguns outros conceitos fundamentais para os romanos também aparecem em César e em Tito Lívio, sendo elementos-chave dentro dos textos em termos de estabelecer algumas questões culturais; por esse motivo, discutiremos um pouco mais sobre eles nas próximas linhas. O primeiro desses importantes elementos de que falaremos é a sorte (*fortuna*), porém ela não é representada como uma divindade (CONTE, 1999, p. 230). Ainda segundo Conte (1999, p. 230), a fortuna é:

> (...) a concept that serves to explain sudden changes in a situation, an imponderable factor that sometimes aids Caesar's enemies too; it is, above all, what lies beyond man's abilities of foresight and rational control. Caesar attempts to explain events trough human and natural causes, to grasp clearly their inner logic, and he practically never has recourse to divine intervention.[229]

O papel da sorte e do acaso na historiografia latina se deve a Políbio; "Políbio também será uma das fontes de inspiração da noção de papel decisivo do acaso (*tykhé*, *fortuna*, em latim), divindade que explica tanto as improbabilidades, como a sorte, aquilo que aparecerá em diversas narrativas historiográficas latinas como *felicitas* (o bafejo da sorte)" (FUNARI, GARRAFFONI, 2016, p. 34). Citamos alguns exemplo,

[228] Cf. Riggsby (2006, p. 150 a 155) sobre a 3ª pessoa em César e a questão do César narrador e do César personagem.

[229] "(...) um conceito que serve para explicar mudanças repentinas em uma situação, um fator imponderável que ora auxilia também os inimigos de César; é, acima de tudo, o que está além das habilidades de previsão de controle racional do homem. César tenta explicar os eventos através de causas humanas e naturais, compreender claramente a sua lógica interna, e ele praticamente nunca recorre à intervenção divina."

como em (*BGall.*, I, 53), em que César mencionou que seu amigo Caio Valério Procilo, prisioneiro de Ariovisto, foi resgatado incólume graças à fortuna:

> *Quae quidem res Caesari non minorem quam ipsa uictoria uoluptatem attulit, quod hominem honestissimum prouinciae Galliae, suum familiarem et hospitem, ereptum ex manibus hostium sibi restitutum uidebat neque eius calamitate de tanta uoluptate et gratulatione quicquam fortuna deminuerat. Is se praesente de se ter sortibus consultum dicebat, utrum igni statim necaretur an in aliud tempus reseruaretur: sortium beneficio se esse incolumem. Item M. Metius repertus et ad eum reductus est.*
>
> Este fato na verdade não trouxe a César uma alegria menor do que a própria vitória, porque via que o homem mais honesto da província da Gália, seu amigo e hóspede, lhe fora restituído, salvo das mãos dos inimigos; nem com a morte deste a fortuna diminuíra coisa alguma de tamanho prazer e felicitação. Este, estando ele presente, dizia que consultara três vezes as sortes acerca daquele, se porventura seria imediatamente morto no fogo, ou se estaria guardado para outro tempo: que ele estava incólume por benefício das sortes.[230]

No livro II, 20 a 22, César, surpreendido por um ataque dos nérvios, mal tem tempo de dispor o exército para a batalha; por causa dessa improvisação, ele disse: i*taque in tanta rerum iniquitate fortunae quoque euentus uarii sequebantur* "por isso, em tamanha desigualdade de vantagens também deviam seguir-se variados os sucessos da fortuna".[231] No *De bello Gallico* (VII, 89), César escreveu que Vercingetórige se rendeu, visto que devia ceder à fortuna, já que ele não conseguira derrotar os romanos:

> *Postero die Vercingetorix concilio conuocato id bellum se suscepisse non suarum necessitatium, sed communis libertatis causa demonstrat, et quoniam sit fortunae cedendum, ad utramque rem se illis offerre, seu morte sua Romanis satisfacere seu uiuum tradere uelint. Mittuntur de his rebus ad Caesarem legati.*
>
> No dia seguinte Vercingetórige, convocada uma assembleia, demonstra que ele empreendera esta guerra não por causa das suas necessidades, mas por causa da liberdade comum, e, visto que se deve ceder à fortuna, oferece-se àqueles para uma e outra coisa, quer desejem satisfazer aos romanos com a sua morte, quer entregá-lo vivo. Acerca destas coisas são enviados embaixadores a César.[232]

Outro conceito que teve destaque em César foi a clemência (*clementia*). Ainda no século I a.C., Roma já enfrentara uma sangrenta guerra civil entre Mário e Sila e, menos de um século depois, uma outra guerra civil entre César e Pompeu. Depois desse conflito entre esses generais, muitos esperavam novas proscrições e banhos de sangue.

[230] Utilizamos aqui a tradução de Firmino (CÉSAR, 1946).
[231] *BGall.*, II, 22, em tradução de Firmino (CÉSAR, 1946).
[232] Em tradução de Firmino (CÉSAR, 1946).

César, contudo, sempre se mostrou publicamente como um general clemente, e foi justamente essa sua característica que contribuiu para a sua ruína. Ora, essa característica também foi usada habilmente por César em seus escritos. Em suas obras César mostrou justamente sua clemência com os derrotados, em contraste com a crueldade dos seus inimigos, conquistando, assim, a opinião pública.[233] Pereira (1984, p. 358) afirma que a *clementia* é um "termo político especialmente adequado a finalidades de propaganda, goza de uma aura extraordinária no tempo das guerras civis e fica particularmente ligado à figura de César, a quem o Senado honra com um templo dedicado à *Clementia Caesaris* (...)." César, embora buscasse o poder individual, colocou em prática uma forma de governar original: ele buscava mobilizar, mesmo entre seus inimigos, as melhores forças e, além disso, não exercia qualquer tipo de censura cultural ou sobre trabalhos intelectuais (CANFORA, 2002, p. 421). O sucessor de César, Otávio, não adotará essa prática; pelo contrário, ele exercerá a censura com mão de ferro, "(...) que no plano político simulará uma 'restauração' republicana e no plano cultural praticará um 'intervencionismo' destinado a se tornar modelo para experiências sinistras" (CANFORA, 2002, p. 421). Como exemplo emblemático da clemência de César temos o episódio em que ele confiou a Varrão (ex partidário de Pompeu) a tarefa de abrir uma biblioteca pública greco-latina em Roma, e de receber a maior quantidade possível de obras e colocar esse material à disposição do público. Otávio, por outro lado, ditava ordens precisas ao bibliotecário Pompeu Macro, especificando quais obras poderiam ser públicas e quais não (CANFORA, 2002, p. 423). César buscava a aprovação do povo para essa sua postura, mas seu grande erro, contudo, foi ter tido clemência para com seus mais determinados inimigos, que o

[233] É importante lembrar que a clemência de César se dirigia apenas a seus concidadãos, seus pares e iguais, mas ele foi extremamente cruel com os povos vencidos, como os gauleses. Todavia, Rambaud (2011, p. 283) questiona a tão famosa clemência cesariana, lembrando de vários exemplos de vingança praticados pelo general, como o episódio em que ele se vingou cruelmente dos piratas que o sequestraram, além de ter se envolvido em obscuras mortes de seus rivais, como Lúcio César, Fausto etc. Por outro lado, Veyne (In: GIARDINA, 1992, p. 293 e 294) destaca que, em relação aos gauleses, César só foi impiedoso com os bárbaros rebeldes que teimavam em desafiar o poder de Roma, a fim de dar um exemplo aos outros possíveis revoltosos, como em *BGall.*, II, 33, em que os romanos arrasaram com os aduáticos, que tinham preparado uma cilada noturna para César. Quanto aos nérvios, que tentaram resistir mas não conseguiram vencer as legiões romanas, César poupou os vencidos e não saqueou suas aldeias, a fim de mostrar a todos os gauleses que ele era misericordioso com os "infelizes e suplicantes" (*BGall.*, II, 28). Quanto ao uso da clemência de César para fins propagandísticos e justificatórios para a conquista da Gália, cf. Rambaud (2011, p. 272 a 275).

assassinaram.[234] Nesse aspecto, e com a sua juventude, Otávio tomou uma decisão mais acertada politicamente, se tornando um dos governantes com mais longevo comando.

A *uirtus* também é um conceito de destaque no *De bello Gallico*. O termo *uirtus* está relacionado a *uir* (homem), e como destaca Pereira (1993, p. 407), *uir* significaria "ser homem" no sentido de "ser homem direito". *Virtus*, comumente traduzida por virtude, significava "valentia" ou "coragem", em princípio em sentido militar e, posteriormente, designando também a virtude de caráter (PEREIRA, 1993, p. 407). Pelo contexto do *De bello Gallico*, o étimo *uirtus* aparece várias vezes para designar momentos de coragem dos romanos e, o mais surpreendente, designar também a valentia dos gauleses. César se preocupou em deixar registrado o elogio à *uirtus* dos seus próprios soldados, um dos fatores decisivos de sua vitória não só na guerra da Gália, mas também na guerra civil. Para Conte (1999, p. 229), não se pode separar esse enaltecimento dos soldados da política cesariana de inserir *homines noui* (homens novos) de origem militar no Senado; além disso, César tinha uma preocupação com a posteridade, ao preservar nomes de centuriões e soldados que se distinguiram em atos de heroísmo.[235] Quanto ao termo *uirtus* em si, Gruen (2011a, p. 150) detalha que esse étimo foi usado 31 vezes para descrever os gauleses, 28 vezes para falar dos romanos, e 5 vezes para os germanos. Constatamos que César usou desse conceito para descrever os gauleses como valentes e bravos de forma a aumentar ainda mais seu mérito (e de seus soldados), que foram capazes de vencer tão forte inimigo. Já no primeiro capítulo do *De bello Gallico* César (I, 1) assim escreveu sobre os helvécios:

> *(...) Qua de causa Heluetii quoque reliquos Gallos uirtute praecedunt, quod fere cotidianis proeliis cum Germanis contendunt, cum aut suis finibus eos prohibent, aut ipsi in eorum finibus bellum gerunt. (...)*
>
> Pelo mesmo motivo, os helvécios também superam os gauleses restantes em coragem, já que lutam em combates quase diários contra os germanos – quer quando os afastam de suas fronteiras, quer quando levam por si a guerra aos territórios daqueles.

[234] Como Konstan (2005, p. 337) destaca, os contemporâneos de César da aristocracia percebiam a clemência cesariana não como virtude, mas sim como uma manifestação de seu poder tirânico, já que era um gesto de complacência do superior para com o inferior; a aristocracia senatorial se considerava em pé de igualdade com César, e ficou ressentida de ser tratada por ele como se fosse alvo de uma caridade condescendente. Cícero, em carta a Ático (XIV, 22,1), falou que foi justamente a clemência de César que permitiu o seu assassinato e que, embora a clemência fosse um gesto louvável, ela devia ser evitada em tempos difíceis, como o da guerra civil. Konstan (2005) aprofunda mais a discussão sobre a clemência, tanto a de César quanto a tratada por Sêneca no *De clementia*.

[235] O que justifica o registro de discursos dos personagens anônimos ou pouco importantes em César (cf. p. 117).

Gruen (2011a, p. 150) afirma que César usou essa denominação latina para os gauleses, para demonstrar que esses possuíam características semelhantes aos romanos (as mesmas aspirações e qualidades) e, por conseguinte, para unir as nações em um nível profundo. César também recorreu a termos latinos para descrever os gauleses de modo a facilitar a compreensão do seu público sobre uma sociedade tão diferente dos romanos. Assim, tem um grande destaque na narrativa o episódio de Pisão, o aquitano (*BGall.*, IV, 12):

> *At hostes ubi primum nostros equites conspexerunt, quorum erat V milium numerus, cum ipsi non amplius octingentos equites haberent, quod ii qui frumentandi causa ierant trans Mosam nondum redierant, nihil timentibus nostris, quod legati eorum paulo ante a Caesare discesserant atque is dies indutiis erat ab his petitus, impetu facto celeriter nostros perturbauerunt; rursus his resistentibus consuetudine sua ad pedes desiluerunt, subfossis equis conpluribusque nostris deiectis reliquos in fugam coniecerunt atque ita perterritos egerunt, ut non prius fuga desisterent quam in conspectum agminis nostri uenissent. In eo proelio ex equitibus nostris interficiuntur quattuor et septuaginta, in his uir fortissimus, Piso Aquitanus, amplissimo genere natus, cuius auus in ciuitate sua regnum obtinuerat amicus ab senatu nostro appellatus. Hic cum fratri intercluso ab hostibus auxilium ferret, illum ex periculo eripuit, ipse equo uulnerato deiectus quoad potuit fortissime restitit: cum circumuentus multis uulneribus acceptis cecidisset atque id frater, qui iam proelio excesserat, procul animaduertisset, incitato equo se hostibus obtulit atque interfectus est.*
>
> Os inimigos, logo ao verem nossos cavaleiros, cujo número era de cinco mil (não dispondo eles mesmos de mais de oitocentos cavaleiros, pois os que atravessaram o Mosa para adquirir trigo ainda não tinham retornado), em nada temendo os nossos, porque os embaixadores deles, pouco antes, tinham-se despedido de César e aquele era o dia de trégua solicitado por eles, rapidamente nos desordenaram com um ataque. Novamente resistindo os nossos, saltaram eles de pé conforme seu costume, matando os cavalos montados e derrubando, em maior número, os nossos; puseram em fuga os restantes e de tal modo os aterrorizaram que eles não cessaram de fugir até virem à presença de nossa tropa. Nesse combate são mortos setenta e quatro dos nossos cavaleiros, entre eles um homem fortíssimo, Pisão Aquitano, nascido de importantíssima família, cujo avô obtivera o comando em sua cidade e que fora chamado 'amigo' por nosso senado. Levando ele auxílio ao irmão, cercado por inimigos, livrou-o do perigo; ele mesmo, derrubado de seu cavalo ferido, resistiu muito bravamente enquanto pode; rodeado, tombou ao receber vários ferimentos. Notando-o de longe o irmão, que já deixara a batalha, esporeou seu cavalo, lançou-se contra os inimigos e foi morto.

Nesse episódio temos o contexto do ataque empreendido pelos usipetes e tencteros (nações germânicas, no trecho acima designadas por "inimigos") à cavalaria gaulesa de César, sendo que esses mesmos povos tinham solicitado uma trégua a César, que eles mesmos desrespeitaram. Esse trecho dedicado a narrar a ação heroica de um gaulês a serviço de Roma é significativo. Devemos sempre ter em mente que César não apenas se preocupou em narrar os acontecimentos, mas a forma como o fez também é

muito importante: tudo nos comentários foi escrito com propósitos bem específicos, como autopropaganda e finalidade política. Assim, o relato da morte de Pisão Aquitano está revestido de significados. A traição por parte dos germanos justifica o posterior massacre que eles sofrem de César; além disso, esse fato valorizava os gauleses que estavam do lado dos romanos, mostrando que eles eram reconhecidos. Como Brown (2014, p. 392) destaca, nos comentários é comum essas descrições de mortes de indivíduos em atos heroicos em batalhas – sobretudo as que foram perdidas por César – como se essas narrativas servissem para compensar a derrota e aliviar o fracasso. A caracterização de Pisão é feita com contornos épicos: antes de ter seu nome citado, ele foi descrito como *uir fortissimus* (homem fortíssimo); além disso, ele era de família importante (*amplissimo genere natus*), e seu avô fora um proeminente líder de sua cidade, considerado amigo dos romanos e, muito provavelmente, cidadão romano ele próprio (*cuius auus in ciuitate sua regnum obtinuerat amicus ab senatu nostro appellatus*). Apesar de não diretamente especificado, pode-se considerar Pisão piedoso (*pius*), pelo fato de ele ter se sacrificado para salvar o irmão; ato que o próprio irmão retribui, ao se sacrificar também por Pisão (BROWN, 2014, p. 393).[236] Em uma análise ingênua, pode-se acreditar que César narrou esse episódio porque genuinamente admirou a atitude de Pisão, mas, como Brown pontua (2014, p. 393), César provavelmente quis dar contornos nobres e épicos a um episódio bastante controverso, o do massacre dos germanos. A morte do nobre e valoroso Pisão também acentua a própria falta de caráter e perfídia dos usipetes e tencteros, que desrespeitaram a trégua e atacaram a cavalaria gaulesa (LEE, 1969, apud BROWN, 2014, p. 395). Além disso, percebe-se que os gauleses, muito corajosos, todavia entravam em pânico quando percebiam que a luta estava perdida; nas palavras de César, os germanos aterrorizaram os gauleses: *reliquos in fugam coniecerunt atque ita perterritos egerunt, ut non prius fuga desisterent quam in conspectum agminis nostri uenissent* (puseram em fuga os restantes e de tal modo os aterrorizaram que eles não cessaram de fugir até virem à presença de nossa tropa).[237] O ato de coragem de Pisão também redime a falta de

[236] A *pietas*, um dos valores romanos, consistia em um sentimento de devoção e lealdade para com a família e, em sentido mais amplo, para com o Estado (PEREIRA, 1993, p. 320 e ss.). Quanto a outros episódios de narrativas épicas envolvendo a morte de irmãos em batalhas, cf. Brown (2014, p. 394).

[237] A imagem do gaulês, corajoso a princípio e depois se acovardando, é um clichê recorrente. César mencionou sobre a falta de coragem dos gauleses, em *De bello Gallico*, III, 19: *Nam ut ad bella suscipienda Gallorum alacer ac promptus est animus, sic mollis ac minime resistens ad calamitates ferendas mens eorum est.* (De fato, assim como o ânimo dos gauleses é impetuoso e pronto para empreender guerras, também o espírito deles é fraco e muito pouco resistente para suportar os desastres.), em tradução nossa. Esse tema aparece também em Políbio (*Hist*., II, 35,6).

coragem dos gauleses frente a uma luta perdida, e ainda acentua o papel da cooperação gaulesa em lutar com os romanos contra a barbárie germana: com seu nome romano e seus valores de *uirtus* e *pietas*, Pisão se aproximava dos romanos e era colocado em um pólo diferente dos bárbaros.

Ainda sobre essa descrição, nas palavras de Brown (2014, p. 396):

> It is striking, however, and in my view deliberate, that Caesar devotes the first battle obituary in the *Gallic War* to a warrior of Gallic origin, whose Gallo-Roman identity resonates with a context that anticipates in several ways the ethnographic comparison of Gauls and Germans in Book Six.[238]

De fato, percebe-se já nesse trecho que os gauleses estavam mais abertos ao contato com os romanos, enquanto que os belgas germanos eram mais ferozes e não seriam abarcados pela romanização.[239] A tendência comum dos germanos à perfídia não era meramente um sinal de criminalidade, mas também era um sinal de sua total separação da civilização humana (RIGGSBY, 2006, p. 61). Ao mostrar esse feito heroico de um membro importante da sociedade aquitana, César também demonstrou que à elite conquistada estava aberta a via para o estabelecimento de um mútuo relacionamento com Roma, possibilitando trocas comerciais e culturais.[240] Como Canfora (2002, p. 150) lembra:

> Há em César o ânimo do grande colonizador: impiedade, paternalismo, astúcia, mas também grande disposição para compreender e estudar os sujeitos-vítimas de sua ação. Não é puro acaso, por exemplo, que o grande *excursus* sobre os costumes e a religião dos celtas e dos germanos – que ocupa grande parte do livro sexto – figure exatamente aí, como a explicar, através da análise etnográfica e sociológica, as razões da derrota daqueles povos, no momento em que se punha a caminho sua grande e infausta rebelião. Como grande colonizador, estudou seriamente os povos com os quais iria ter de lidar e coabitar e sobre os quais tão longamente iria governar.

[238] "É marcante e contudo, a meu ver, é deliberado, que César tenha dedicado o primeiro obituário de uma batalha na Guerra da Gália a um soldado de origem gaulesa, cuja identidade galo-romana ressoa em um contexto que antecipa de várias formas a comparação etnográfica entre gauleses e germanos no livro sexto."

[239] Cf. o trecho de *De bello Gallico*, VI, 24, nas páginas 128, e também *BGall.*, I, 1, p. 124.

[240] Rambaud (2011, p. 275) destaca também que, como César ocupou o proconsulado da Gália Narbonense depois de Fonteio, ele tinha certa preocupação em conseguir o apoio dos provincianos, dessa forma o general louvou a coragem dos gauleses (na figura de Pisão) e também no fato de César justificar a guerra dizendo que os éduos lhe pediram ajuda (*BGall.*, I, 30), dentre outros exemplos.

## 2.4 – Estudo de trechos selecionados do *De bello Gallico*

Quanto ao que César escreveu sobre gauleses e germanos, a imagem que o general romano criou sobre esses povos foi bastante complexa. Um dos motivos para os gregos (e depois os romanos) considerarem o bárbaro como sendo inferior se devia à sua inferioridade cultural, como já explicamos na introdução deste trabalho.[241] Dessa maneira, o bárbaro – regido não pelos valores relacionados à *humanitas*, mas sim à *ferocitas* – era considerado inferior aos romanos, mas ao bárbaro o acesso à *humanitas* era possível.[242] Além disso, havia entre os pólos civilização-barbárie degraus intermediários, e o civilizado também não estava imune de se tornar bárbaro, assim como o bárbaro poderia se civilizar. Assim, temos em César (*BGall*., VI, 24):

> *Ac fuit antea tempus cum Germanos Galli uirtute superarent, ultro bella inferrent, propter hominum multitudinem agrique inopiam trans Rhenum colonias mitterent. Itaque ea quae fertilissima Germaniae sunt loca circum Hercyniam siluam, quam Eratostheni et quibusdam Graecis fama notam esse uideo, quam illi Orcyniam appellant, Volcae Tectosages occupauerunt atque ibi consederunt: quae gens ad hoc tempus his sedibus sese continet summamque habet iustitiae et bellicae laudis opinionem. Nunc, quod in eadem inopia, egestate patientiaque Germani permanent, eodem uictu et cultu corporis utuntur, Gallis autem prouinciarum propinquitas et transmarinarum rerum notitia multa ad copiam atque usus largitur, paulatim adsuefacti superari multisque uicti proeliis ne se quidem ipsi cum illis uirtute comparant.*
>
> Houve antes um tempo em que os gauleses superavam os germanos em virtude, levavam-lhes por si as guerras espontaneamente e, por causa da multidão de homens e da falta de terra, enviavam colônias ao outro lado do Reno. Assim, os volcos tectósagos ocuparam aqueles lugares que são os mais férteis da Germânia, ao redor da floresta Hercínia – a qual vejo que é conhecida de Eratóstenes e de alguns gregos pela fama, eles que a chamavam de "Orcínia", e aí eles se estabeleceram. Esses povos, até nosso tempo, mantêm-se nessas paragens e detêm a mais elevada reputação de justiça e de glória bélica. Atualmente, como os germanos se conservam na mesma pobreza, privação e sofrimento, eles fazem uso dos mesmos víveres e dos mesmos trajes; por outro lado, a proximidade das províncias e o conhecimento dos itens de além mar propiciam aos gauleses muitos meios para a fartura e a comodidade e, aos poucos acostumados a serem superados e vencidos em muitos combates, sequer se comparam eles próprios aos germanos em bravura.

Se por um lado ao bárbaro fosse possível o acesso à civilização, não deixa de ser curioso notar que, para César, esse mesmo contato com a civilização enfraquecia o bárbaro, como ele deixou claro no trecho acima, ao dizer que os gauleses perderam sua força e bravura por causa da proximidade com Roma; de fato, foi-se a época em que os

[241] Cf. p. 30-32.
[242] Cf. p. 40 e ss.

gauleses excediam os germanos em virtude. Nesse contexto, *uirtus* designa algo além da mera coragem em batalha: César usou o termo para se referir a uma ferocidade bárbara primitiva. O comércio e fluxo de mercadorias foram ferramentas importantes no processo de romanização e de submissão do gaulês, como o próprio César mencionou no *De bello Gallico*, ao dizer que os gauleses se civilizaram pelo contato com os romanos.[243]

O traço característico da ferocidade do bárbaro, além de cultural, também era explicado por questões geográficas.[244] Sobre a questão da geografia como sendo determinante na questão da barbárie, retomamos o que César escreveu (*BGall.*, I, 1):

> *Gallia est omnis diuisa in partes tres, quarum unam incolunt Belgae, aliam Aquitani, tertiam qui ipsorum lingua Celtae, nostra Galli appellantur. Hi omnes lingua, intitutis, legibus inter se differunt. Gallos ab Aquitanis Garumna flumen, a Belgis Matrona et Sequana diuidit. Horum omnium fortissimi sunt Belgae, propterea quod a cultu atque humanitate prouinciae longissime absunt, minimeque ad eos mercatores saepe commeant atque ea quae ad effeminandos animos pertinent inportant, proximique sunt Germanis, qui trans Rhenum incolunt, quibuscum continenter bellum gerunt.*
>
> Toda a Gália é dividida em três partes, das quais os belgas habitam uma, os aquitanos a outra, e a terceira habitam aqueles que, em sua própria língua, são chamados "celtas", na nossa "gauleses". Todos esses diferem entre si pela língua, pelos costumes e pelas leis. O rio Garona separa os gauleses dos aquitanos; dos belgas, os rios Marne e Sena. De todos esses, os mais corajosos são os belgas, pois estão muito distantes da civilização e urbanidade da província, raramente os mercadores vão até eles e importam aquelas coisas que servem para enfraquecer os espíritos, e porque estão próximos dos germanos, que habitam o outro lado do Reno, e com esses travam guerra constantemente.

No trecho acima, César escreveu: "toda a Gália é dividida em três partes" (*Gallia est omnis diuisa in partes tres*); ou seja, embora César tenha feito uma divisão por áreas e nações, a Gália foi retratada como um todo – como se observa pelo vocábulo *omnis*. Nota-se que o rio Reno também servia para delimitar a Gália e separar gauleses de germanos.[245] Tratar a Gália como unidade era importante para César: ele queria mostrar que, ao contrário dos seus antecessores, ele iria conquistar todo esse território

[243] Já é possível notar mudança na sociedade gaulesa, do período de Políbio até César. Como escreveu Políbio, os gauleses habitavam em aldeias, tinham um modo de vida bastante simples, praticavam apenas a agricultura e/ou a guerra e eram nômades (cf. nota 87, p. 48); nesse mesmo trecho de Políbio, também é possível perceber que os gauleses não possuíam artes ou ciências, e também não há menção aos druidas. Já em César, como pudemos ver, os gauleses passaram a ter contato com os romanos, acesso a bens e mercadorias mais refinados e deixaram de ser nômades.

[244] Abordamos essa questão, bem como a teoria hipocrática de que a geografia explicaria o temperamento e constituição física dos indivíduos na p. 32 e 33.

[245] Cf. a fala de Divicíaco (I, 31), nas páginas 103-105 deste trabalho.

de forma definitiva, o que ressaltava sua importância para seu público em Roma; de fato, a urbe concedia a glória do triunfo aos generais que não apenas venceram batalhas importantes, mas que também subjugaram os inimigos completamente (RIGGSBY, 2006, p. 68).[246] Outro fato que ajuda a corroborar essa teoria foi que César, ao invés de ter mantido a separação entre as nações gaulesas se assim o quisesse, na verdade celebrou a conquista da Gália em um único triunfo, no ano de 46 a.C. (RIGGSBY, 2006, p. 144).

Além disso, César deixou claro que os belgas só eram mais fortes porque estavam distantes da província romana (fator civilizatório e, de certa forma, causador de enfraquecimento de um povo) e próximos dos germanos, com os quais lutavam frequentemente. A *humanitas* era fator de enfraquecimento, e no trecho acima César escreveu: "*ad effeminandos animos*" – literalmente, a tradução seria "para afeminar os ânimos". Ora, o uso desse termo *effeminandos* não é mero acaso, e forma um paralelo diametralmente oposto ao conceito de *uirtus*, ligado em sua essência ao termo *uir* (homem) e que depois passou a significar, dentre outras ideias, a virtude.[247] Dessa maneira, tanto a proximidade da província quanto a própria *humanitas* facilitavam a submissão dos bárbaros ao poderio de Roma.[248]

Por conseguinte, a proximidade com os germanos aumentava a *uirtus*; já a proximidade com a província romana diminuía a *uirtus*. Por esse raciocínio, podemos pensar que há uma gradação da *uirtus*, sendo os germanos o pólo mais forte e feroz, e os romanos o mais fraco; todavia, no relato de César essa gradação esconde um truque: embora aparentemente tivessem uma *uirtus* menos elevada, os romanos conseguiram vencer não só os gauleses, mas também os germanos (RIGGSBY, 2006, p. 84). Ainda sobre a força dos belgas, César foi informado de que eles eram de origem germânica. Assim temos no *De bello Gallico*, II, 4:

> *Cum ab his quaereret quae ciuitates quantaeque in armis essent et quid in bello possent, sic reperiebat: plerosque Belgas esse ortos ab Germanis*

[246] O triunfo consistia na entrada solene do general vitorioso e de suas tropas em Roma, com as maiores glórias militares. O triunfo era autorizado pelo Senado, e as ruas e edifícios deviam ser ornados com toda a pompa. O cortejo se organizava no Campo de Marte e o desfile seguia até o templo de Júpiter Capitolino, e era acompanhado por todos os senadores, magistrados e cidadãos importantes. Para mais detalhes sobre como era o triunfo, cf. Canfora (2002, p. 494).

[247] Já falamos mais detalhadamente do termo *uirtus* na p. 124 e ss.

[248] Seguindo esse paradigma entre distância da província e nível de barbárie/civilidade, é possível perceber como os éduos e os aquitanos, até pela proximidade desses territórios com a urbe, eram mais abertos a Roma e considerados aliados (cf. o trecho do *BGall.*, I, 31, citado entre as páginas 103-105 deste trabalho).

> *Rhenumque antiquitus traductos propter loci fertilitatem ibi consedisse Gallosque qui ea loca incolerent expulisse, solosque esse qui patrum nostrorum memoria omni Gallia uexata Teutonos Cimbrosque intra fines suos ingredi prohibuerint; qua ex re fieri uti earum rerum memoria magnam sibi auctoritatem magnosque spiritus in re militari sumerent.*
>
> Como César lhes perguntasse quais comunidades e quantas pegaram em armas, bem como seu poder na guerra, descobria isto: a maior parte dos belgas descendia dos germanos; eles há muito tempo atravessaram o Reno por causa da fertilidade do lugar e ali se estabeleceram, tendo expulsado os Gauleses que habitavam tais paragens. Eram os únicos que, pela lembrança dos nossos pais, dilapidando-se toda a Gália, impediram os teutões e os cimbros de adentrar em seu território; disso resultava que, pela lembrança de tais feitos, atribuíssem para si grande autoridade e grande confiança na arte militar.

Nota-se também no trecho acima que César mencionou a invasão dos cimbros e teutões, aproximando assim seus próprios feitos aos de Mário, que foi seu "padrinho" político.[249] Mais à frente no *De bello Gallico*, César também escreveu sobre a própria discrepância entre os belgas, tidos como os mais corajosos dos gauleses, e dentro do grupo dos belgas a nação dos nérvios era a mais brava – designada, no trecho abaixo, por *homines feros* (homens ferozes) e *magnaeque uirtutis* (de grande virtude) (*BGall.*, II,15):

> *(...) quorum de natura moribusque Caesar cum quaereret, sic reperiebat: Nullum aditum esse ad eos mercatoribus; nihil pati uini reliquarumque rerum ad luxuriam pertinentium inferri, quod iis rebus relanguescere animos eorum et remitti uirtutem existimarent: esse homines feros magnaeque uirtutis, increpitare atque incusare reliquos Belgas, qui se populo Romano dedidissent patriamque uirtutem proiecissent; confirmare sese neque legatos missuros neque ullam condicionem pacis accepturos.*
>
> (...) Como César indagasse a respeito da natureza e dos costumes deles (os nérvios), descobriu isto: que os mercadores não tinham acesso algum até eles; não permitiam que se importasse nada de vinho e dos demais itens de luxo, porque consideravam, com tais coisas, que se enfraqueciam seus espíritos e minguava seu *valor*; eram *homens ferozes* e de grande *virtude*, censuravam e acusavam os belgas restantes, que se tinham rendido ao povo romano e abandonado os *valores* pátrios; e afirmavam que não haveriam de enviar embaixadores nem de aceitar condição de paz alguma. (grifos nossos)

O vinho – fruto da cultura grega e disseminada pelos romanos – sempre serviu como símbolo máximo de civilização; assim, o fato de os belgas rejeitarem o vinho (e outros itens luxuosos) significava negar a própria civilização e manter intacto o seu valor (*uirtus*).[250] Outro tópico que destacamos e que apareceu nos dois trechos acima foi

[249] Já mencionamos a vitória obtida por Mário contra cimbros e teutões na p. 102-103 deste trabalho.
[250] Riggsby (2006, p. 15 a 19) aprofunda essa discussão da questão do vinho entre os gauleses, bem como o fato de algumas nações celtas tomarem vinho puro (também considerado ato transgressor da civilidade).

o papel desempenhado pelos mercadores junto às nações ditas bárbaras.[251] Como André (2001, p. 5) pontua, os romanos recorreram aos mercadores, em maior ou menor medida, para obter informações sobre as terras desconhecidas da Gália, sendo essa uma contribuição valiosa: com esses relatos era possível aos romanos compreender em que grau de civilização (ou barbárie) se encontravam as nações estrangeiras, de acordo com a receptividade delas ao comércio; além disso, se os gauleses se utilizavam dos mercadores para conhecer as novidades da província, os romanos obtinham deles os detalhes da natureza e costumes dos gauleses. Todavia, os gauleses muitas vezes acreditavam em boatos dos mercadores e viajantes, como César registrou (*BGall.*, IV, 5):

> *His de rebus Caesar certior factus et infirmitatem Gallorum ueritus, quod sunt in consiliis capiendis mobiles et nouis plerumque rebus student, nihil his committendum existimauit. Est enim hoc Gallicae consuetudinis, uti et uiatores etiam inuitos consistere cogant et quid quisque eorum de quaque re audierit aut cognouerit quaerant et mercatores in oppidis uulgus circumsistat quibusque ex regionibus ueniant quasque ibi res cognouerint pronuntiare cogat; his rebus atque auditionibus permoti de summis saepe rebus consilia ieunt, quorum eos in uestigio paenitere necesse est, cum incertis rumoribus seruiant et plerique ad uoluntatem eorum ficta respondeant*.
>
> César, informado sobre tais assuntos e receando a leviandade dos gauleses, que são volúveis para decidir e muitas vezes se interessam por sedições, considerou que nada devia ser confiado a eles. De fato, isto é do costume gaulês, não só obrigar constrangidos viajantes a parar, mas também procurar saber aquilo que cada um deles ouviu ou soube sobre cada coisa, e o povo nas cidades, rodear os mercadores e forçá-los a falar de quais regiões provêm e o que ali conheceram; movidos por tais feitos e boatos, muitas vezes os gauleses tomam decisões sobre os mais importantes assuntos, das quais é forçoso que logo se arrependam, pois confiam em rumores incertos e a maior parte mente ao responder, segundo a vontade deles.

No trecho acima, César recorreu ao famoso estereótipo do gaulês leviano que por vezes era feito de tolo. Todavia, às vezes os gauleses, baseados em rumores, tomavam decisões temerárias e entravam facilmente em conflitos e batalhas. Sobre esse traço destacamos a seguinte passagem (*BGall.*, VII, 42):

> *Dum haec ad Gergouiam geruntur, Haedui primis nuntiis ab Litauicco acceptis nullum sibi ad cognoscendum spatium relinquunt. Impellit alios auaritia, alios iracundia et temeritas, quae maxime illi hominum generi est*

[251] O papel do comércio foi grande para alterações culturais e políticas na Gália. De acordo com Riggsby (2006, p. 17), cerca de um século antes da conquista romana a Gália viu um movimento de reorganização política que abandonava os chefes e líderes das tribos, adotando um sistema baseado em cidades; essa mudança foi precipitada, dentre outras coisas, pelas trocas comerciais no Mediterrâneo (inclusive o vinho).

> *innata, ut leuem auditionem habeant pro re conperta. Bona ciuium romanorum diripiunt, caedes faciunt, in seruitutem abstrahunt. Adiuuat rem proclinatam Conuictolitauis plebemque ad furorem inpellit, ut facinore admisso ad sanitatem reuerti pudeat. M. Aristium, tribunum militum, iter ad legionem facientem fide data ex oppido Cauillono educunt: idem facere cogunt eos qui negotiandi causa ibi constiterant. Hos continuo in itinere adorti omnibus impedimentis exuunt; repugnantes diem noctemque obsident; multis utrimque interfectis maiorem multitudinem ad arma concitant.*
>
> Enquanto isso se fazia nas vizinhanças de Gergóvia, os éduos, tendo recebido os primeiros emissários de Litavico, *não deixaram passar o tempo para verificar os fatos*. A cobiça impele alguns; a outros, *a ira e a temeridade, que é especialmente inata nessa espécie de homens, de modo que consideram qualquer rumor como algo confirmado*. Roubam os bens dos cidadãos romanos, fazem massacres e levam-nos à escravidão. Convictolitave atiça a fogueira e impele a *plebe* ao furor, para que, cometido o crime, envergonhe-se de recobrar o juízo. *Põem para fora da cidade de Cabilono Marco Arístio, tribuno militar*, que se dirigia à sua legião, *tendo oferecido garantias*: *obrigam a fazer o mesmo aqueles que ali se estabeleceram para negociar. Logo os atacando no caminho, despojam-nos de todas as bagagens*; sitiam dia e noite os que resistem; havendo muitos mortos dos dois lados, incitam maior multidão às armas. (grifos nossos) [252]

Os éduos, logo que receberam as notícias, não "deixam passar o tempo para verificar os fatos" (*nullum sibi ad cognoscendum spatium relinquunt)*, e movidos por cobiça, ira e temeridade, já tomam um rumor por algo confirmado. Nota-se que César deixou claro que esse comportamento era parte da natureza dos gauleses, ao escrever que "a ira e a temeridade, que é especialmente inata nessa espécie de homens, de modo que consideram qualquer rumor como algo confirmado" (*iracundia et temeritas, quae maxime illi hominum generi est innata, ut leuem auditionem habeant pro re conperta*); por ser algo inerente à sua essência, essa tendência a acreditar em rumores era difícil de ser combatida pelos gauleses.[253] Outro clichê mencionado por César é o fato de os gauleses não serem confiáveis, já que desrespeitaram o tribuno Marco Arístio, que foi expulso de Cabilono, além dos gauleses serem desleais, já que atacaram os romanos, mesmo tendo oferecido garantias (*fide data*).[254] De acordo com Riggsby (2006, p. 62), a própria audiência de César esperava esses estereótipos dos inimigos de Roma, sendo

[252] A imagem do gaulês não confiável não é novidade em César; de fato, já apareceu em Políbio (cf. nota 89, p. 49).
[253] Nota-se essa dificuldade na própria narrativa do *De bello Gallico*, afinal, César disse que os gauleses tentaram coibir a crença em rumores, no livro VI, 20, e aqui essa descrição estereotipada de que os gauleses eram temerários está no livro VII.
[254] *Fides* também era um dos conceitos morais dos romanos; no período republicano, significava garantia (depois passou a ser identificada também como confiança). A *fides* era a fé e lealdade ao juramento, e devia ser respeitada e honrada por ambas as partes (PEREIRA, 1993, p. 320 e ss.). Percebemos que César utilizou o termo *fides* (*fide data*, ou seja, dada a garantia) para ressaltar a deslealdade dos gauleses em não manter a *fides* concedida.

que esses mesmos clichês de certa forma ajudavam os romanos a divisar os povos estrangeiros.

Por viverem nas fronteiras do mundo conhecido, os bárbaros representavam o caos que poderia derrubar o império e colocar um fim à identidade cultural dos romanos. César reconheceu esse perigo: os germanos, mais distantes do "centro" que os gauleses, e porque enfrentavam dificuldades várias (como guerras frequentes e clima hostil), eram considerados ainda mais bárbaros. César assim disse (*BGall.*, I, 33):

> *His rebus cognitis Caesar Gallorum animos uerbis confirmauit pollicitusque est sibi eam rem curae futuram: magnam se habere spem, et beneficio suo et auctoritate adductum Ariouistum finem iniuriis facturum. Hac oratione habita concilium dimisit. Et secundum ea multae res eum hortabantur quare sibi eam rem cogitandam et suscipiendam putaret, in primis quod Haeduos fratres consanguineosque saepe numero a senatu appellatos in seruitute atque in dicione uidebat Germanorum teneri eorumque obsides esse apud Ariouistum ac Sequanos intellegebat; quod in tanto imperio populi Romani turpissimum sibi et rei publicae esse arbitrabatur. Paulatim autem Germanos consuescere Rhenum transire et in Galliam magnam eorum multitudinem uenire populo Romano periculosum uidebat; neque sibi homines feros ac barbaros temperaturos existimabat quin, cum omnem Galliam occupauissent, ut ante Cimbri Teutonique fecissent, in prouinciam exirent atque inde in Italiam contenderent, praesertim cum Sequanos a prouincia nostra Rhodanus diuideret; quibus rebus quam maturrime occurrendum putabat. Ipse autem Ariouistus tantos sibi spiritus, tantam adrogantiam sumpserat, ut ferendus non uideretur.*
>
> Tendo conhecido essas coisas, César fortaleceu com palavras os ânimos dos gauleses e prometeu que esse assunto haveria de ser cuidado por si: "tinha grande esperança de que, movido tanto por seus benefícios quanto por sua autoridade, Ariovisto cessaria os abusos". Tendo proferido tal discurso, despediu o conselho. Em conformidade, muitas outras coisas o exortavam a considerar por qual razão esse assunto devia ser examinado e cuidado por si. Sobretudo, porque via os éduos – amiúde chamados pelo senado 'irmãos e consaguíneos' – serem mantidos sob a servidão e o controle dos germanos, e ele sabia que os reféns deles estavam em poder de Ariovisto e dos séquanos, o que considerava bastante vergonhoso para si e para a República, dada a grandeza do domínio do povo romano. Ele via, por outro lado, que era perigoso para o povo romano que os germanos aos poucos se acostumassem a atravessar o Reno, e uma grande multidão deles viesse à Gália. Pensava consigo que *tais homens ferozes e bárbaros* não haveriam de evitar, tendo ocupado a Gália inteira, como antes fizeram os cimbros e os teutões, que partissem para a província e de lá marchassem contra a Itália, sobretudo porque apenas o Ródano separava os séquanos de nossa província; César considerava que devia resolver esse inconveniente com a maior presteza. Por outro lado, o próprio Ariovisto se inflara de tamanha soberba e tamanha arrogância que parecia não dever ser suportado. (grifo nosso)

Também destacamos acima o trecho que César escreveu sobre os reféns em poder de Ariovisto, e que César devia resolver o impasse rapidamente, pois era algo "bastante vergonhoso para si e para a República, dada a grandeza do domínio do povo romano." É possível perceber como César se colocou como o instrumento do Estado

romano para intervir na Gália, e como tanto a sua honra pessoal quanto a honra de Roma estavam em risco. Além disso, ele justificou sua ação alegando que foram os gauleses que lhe procuraram pedindo proteção.[255] Destacamos acima o fato de César ter se referido aos germanos como homens ferozes e bárbaros (*homines feros ac barbaros*); Riggsby (2006, p. 151) ressalta que César usou o termo bárbaro de duas formas diferentes: ora negativa e ora neutra. Nesse trecho acima destacado percebemos que César se referiu aos germanos de modo negativo e até mesmo pejorativo, acentuando seu caráter perigoso.[256] Quanto à forma neutra do uso do termo "bárbaro", esse vocábulo poderia ser substituído por um mais genérico – com o inimigo – sem prejuízo do sentido (RIGGSBY, 2006, p. 151).[257]

Em sua obra, César também reconheceu as qualidades e a capacidade dos gauleses em combate, como no trecho do *De bello Gallico*, VII, 22, que já citamos nas páginas 22 e 23, no qual César elogiou a grande habilidade dos gauleses em "imitar e praticar as invenções alheias", além de rechaçar o avanço dos romanos.[258] Evidentemente que César ressaltou a habilidade guerreira dos gauleses, e também a grande *uirtus* dos germanos, como meio de reforçar seu próprio sucesso militar e, como Riggsby (2006, p. 83) destaca, essa habilidade de certa forma aumentava o perigo que os povos ditos bárbaros representavam para os romanos. Além disso, ao descrever a grande força combativa dos gauleses e germanos, César também de certa forma justificava as derrotas sofridas por ele ou seus lugares-tenentes.[259] Apesar das grandes dificuldades da conquista da Gália e da destreza dos povos que habitavam essa região, César foi mais engenhoso e conseguiu submetê-la ao domínio romano.

Contudo, César foi além de meras descrições de batalhas em seu relato, pois se preocupou não só em narrar suas vitórias, mas também em fazer um registro dos costumes e cultura de gauleses e germanos, dedicando a eles uma considerável

[255] Nota-se que os mesmos éduos desse trecho, chamados de "irmãos e consaguíneos" pelo senado romano, no livro VII atacam os romanos, baseados em boatos (cf. *BGall.*, I, 33, na p. 134, e as notas 252 e 253); essa seria mais uma construção retórica de César que ressalta o fato dos éduos (e dos gauleses em geral) terem dificuldades de combater essa tendência de tomar decisões importantes baseadas em rumores; pode-se pensar que civilizar um bárbaro era um processo lento e, por vezes, difícil.

[256] Veja-se também o modo como César descreveu os germanos e Ariovisto, no discurso de Divicíaco, entre as páginas 104-105.

[257] Riggsby (2006, p. 151) detalha mais essa questão do uso do termo *bárbaro* em César, inclusive com uma tabela com todas as passagens que esse étimo aparece no *De bello Gallico*, seja de forma pejorativa ou neutra. Percebe-se também que o termo latino *barbarus* (ao contrário do grego) designava mais um estado de comportamento do que uma categoria étnica, daí o fato de um gaulês (Divicíaco) se referir a um germano (Ariovisto) como bárbaro (RIGGSBY, 2006, p. 215).

[258] Sobre o avanço tecnológico dos gauleses, especialmente depois do contato direto com os romanos, cf. capítulo 3 "Technology, virtue, victory" de Riggsby (2006, p. 73 a 105).

[259] Como o próprio episódio que resultou na morte de Pisão Aquitano, descrito nas páginas 125 e ss.

passagem etnográfica no livro VI. A esse respeito afirma Gruen (2011a, p. 150): "Caesar's interest in the Gauls goes beyond depiction of the foe or shaping the 'Other'. And the ethnography, at best, takes second place. Caesar calls attention to contexts and characteristics whereby the societies shed light each on the other."[260] Assim César escreveu (*BGall.*, VI, 11):

> *Quoniam ad hunc locum peruentum est, non alienum esse uidetur de Galliae Germaniaeque moribus et quo differant hae nationes inter sese proponere. In Gallia non solum in omnibus ciuitatibus atque in omnibus pagis partibusque, sed paene etiam in singulis domibus factiones sunt, earumque factionum principes sunt qui summam auctoritatem eorum iudicio habere existimantur, quorum ad arbitrium iudiciumque summa omnium rerum consiliorumque redeat. Idque eius rei causa antiquitus institutum uidetur, ne quis ex plebe contra potentiorem auxilii egeret: suos enim quisque opprimi et circumueniri non patitur, neque, aliter si faciat, ullam inter suos habet auctoritatem. Haec eadem ratio est in summa totius Galliae; namque omnes ciuitates in partes diuisae sunt duas.*
>
> Já que chegamos a este ponto, não parece ser impróprio narrar sobre os costumes da Gália e da Germânia e expor em que estas nações diferem entre si. Na Gália não só em todas as comunidades, em todas as aldeias e em todas as regiões, mas também em quase todas as casas, existem dois partidos, e os líderes desses partidos são aqueles que são considerados, pelo juízo alheio, donos da maior autoridade, a cujo arbítrio e juízo se atribui o controle de todos os assuntos e deliberações. Isso parece ter sido instituído há muito tempo por esta razão, para que ninguém da plebe carecesse de auxílio contra um homem mais poderoso; na verdade, líder algum admite que os seus sejam oprimidos e atacados, nem, caso aja de outra maneira, tem qualquer autoridade entre os seus. Essa mesma disposição existe no governo da Gália inteira e, na verdade, todas as comunidades são divididas entre duas facções.

Como André (2001, p. 5) lembra, os relatos dos membros do Estado-maior de César eram bem sucintos e descreviam apenas acontecimentos relacionados às campanhas militares na Gália, até mesmo por serem extremamente resumidos de forma a informar o senado romano do que acontecia. Foi o próprio César que se encarregou da composição das passagens de cunho etnográfico. A esse respeito, Momigliano (1991, p. 68) afirma que César buscou essas informações etnográficas sobretudo em suas fontes – a saber, Posidônio, via Diodoro. Momigliano (1991, p. 69 e 70) afirma:

> Como César escreveu a sua etnografia perto do final da guerra, estava em condições de combinar as próprias observações com o que encontrou nas suas fontes. É inútil qualquer tentativa de separar o antigo do novo. Mas em linhas gerais a sua imagem da sociedade celta coincide com a de Posidônio (...),

[260] "O interesse de César nos gauleses vai além da representação do inimigo ou a modelagem do 'outro'. E a etnografia, no mínimo, ocupa o segundo lugar. César chama atenção para contextos e características pelas quais as sociedades ajudam a explicar uma à outra."

> César encontrou nele não só preciosas informações efetivas sobre lugares e instituições, mas uma animadora análise da fraqueza da sociedade celta.

De toda forma, como lembra Canfora (2002, p. 131), César fez uso de conhecimentos etnográficos atualizados de sua época e ele mesmo contribuiu, em certa medida, para aumentar esses conhecimentos, associando ciência e imperialismo. César, até pelo longo contato que teve com os gauleses, com seus líderes e legados, além de estar no próprio campo de batalha durante toda a guerra da Gália, teve um maior entendimento da sociedade celta do que os etnógrafos antecessores a ele que rapidamente passaram por ali; evidentemente, não é possível saber com certeza até que ponto o relato de César foi fiel ao que ele viu (e ao que aconteceu) na Gália mas, como destaca Gruen (2011a, p. 148), através do *De bello Gallico* podemos compreender um pouco a mentalidade do general e entender o sentido do retrato que ele buscou fazer da campanha gaulesa de acordo com seu público-alvo.[261] Evidentemente, como Rambaud destaca (2011, p. 324 e 325), César escreveu esse longo trecho etnográfico simplificando bastante ao falar dos gauleses e suas várias nações como se fossem todas dos mesmos costumes e hábitos. Ainda segundo Rambaud (2011, p. 328), essa descrição da sociedade gaulesa no livro VI se referia às nações dos éduos e dos séquanos. Lembramos que César fez isso pois queria que a Gália fosse vista como uma sociedade única; essa repetição sutil mais uma vez ajudava a gravar na cabeça do leitor esse conceito de unidade.[262]

Sobre os gauleses, César descreveu sua sociedade e organização, ressaltando que eles se dividiam em dois pólos (*BGall.*, VI, 13):

> *In omni Gallia eorum hominum qui aliquo sunt numero atque honore genera sunt duo. Nam plebes paene seruorum habetur loco, quae nihil audet per se, nullo adhibetur consilio. Plerique, cum aut aere alieno aut magnitudine tributorum aut iniuria potentiorum premuntur, sese in seruitutem dicant*

[261] Segundo Riggsby (2006, p. 48), provavelmente César e Posidônio foram os únicos autores que realmente tiveram uma experiência direta com os gauleses; assim, é possível que muitas das informações que apareceram em outros textos derivem de algumas poucas fontes, mas infelizmente não há muitos dados disponíveis para precisar melhor essa questão de origem das fontes. Mais uma vez, de acordo com Riggsby (2006, p. 68), ainda é importante ressaltar que César escreveu o *De bello Gallico* com um claro objetivo político, enquanto que Posidônio escreveu seu relato com fins etnográficos. Lembramos também que César esteve muito ocupado durante seu proconsulado na Gália, recebendo relatos de seus lugares-tenentes (como mencionamos na p. 119) e também de mercadores e outros informantes, como ele mesmo escreveu (cf. p.132). Também a esse respeito, como Nicolet (2011, p. 889) destaca, o *De bello Gallico* exprime precisamente as ideias que deviam tocar o público efetivo dos partidários italianos de César: a cuidadosa distinção, dentre os gauleses, daqueles tratados em pé de igualdade e que são da aliança romana e, evidentemente, do valor militar dos adversários e a crítica de seus defeitos "tradicionais".

[262] Já mencionamos essa questão de César tratar todas as nações gaulesas de forma uniformizante na p. 129-130

> *nobilibus; in hos eadem omnia sunt iura quae dominis in seruos. Sed de his duobus generibus alterum est druidum, alterum equitum. Illi rebus diuinis intersunt, sacrificia publica ac priuata procurant, religiones interpretantur: ad hos magnus adulescentium numerus disciplinae causa concurrit, magnoque hi sunt apud eos honore. Nam fere de omnibus controuersiis publicis priuatisque constituunt et, si quod est admissum facinus, si caedes facta, si de hereditate, de finibus controuersia est, idem decernunt, praemia poenasque constituunt; si qui aut priuatus aut populus eorum decreto non stetit, sacrificiis interdicunt. Haec poena apud eos est grauissima. Quibus ita est interdictum, hi numero impiorum ac sceleratorum habentur, his omnes decedunt, aditum sermonemque defugiunt, ne quid ex contagione incommodi accipiant, neque iis petentibus ius redditur neque honos ullus communicatur. His autem omnibus druidibus praeest unus, qui summam inter eos habet auctoritatem. Hoc mortuo aut, si qui ex reliquis excellit dignitate, succedit, aut, si sunt plures pares, suffragio druidum, non numquam etiam armis de principatu contendunt. Hi certo anni tempore in finibus Carnutum, quae regio totius Galliae media habetur, considunt in loco consecrato. Huc omnes undique qui controuersias habent conueniunt eorumque decretis iudiciisque parent. Disciplina in Britannia reperta atque inde in Galliam translata esse existimatur, et nunc qui diligentius eam rem cognoscere uolunt plerumque illo discendi causa proficiscuntur.*
>
> Em toda a Gália, existem duas espécies desses homens que são tidos em alguma conta e honradez. Na verdade, a *plebe* é quase tida em lugar servil, pois nada ousa por si nem é admitida em conselho algum. A maior parte dela, quando oprimida por dívidas, pela exorbitância dos tributos ou pela afronta dos poderosos, aos nobres se entregam em servidão; esses possuem todos os mesmos direitos que os senhores sobre os seus escravos. Todavia, quanto essas duas espécies, uma é a dos druidas, a outra a dos *cavaleiros*. Aqueles assistem o culto divino, presidem os sacrifícios públicos e privados e interpretam os ritos religiosos: um grande número de jovens acorre até eles para educar-se, e os druidas desfrutam de grande honradez junto deles. Na verdade, eles decidem sobre quase todas as disputas públicas ou privadas e, se algum crime foi cometido, se sucedeu alguma morte, se há conflito sobre herança ou sobre um território, eles mesmos julgam e instituem as recompensas e os castigos; se uma pessoa, ou privada ou pública, não se conforma à sua decisão, eles lhes vedavam os sacrifícios. Essa punição, entre eles, é a gravíssima. Aqueles aos quais assim se vedaram são tidos no número dos ímpios e criminosos; todos se afastam deles e evitam sua proximidade e palavras, para que desse contato não recebam dano algum; nem para esses, sob sua solicitação, é cumprida a justiça, nem lhes é concedido cargo honroso algum. Por outro lado, um único preside a todos estes druidas, o que tem a maior autoridade entre eles. No caso da sua morte, se alguém se sobressai em mérito aos restantes, sucede-lhe; ou, havendo muito iguais, decidem através do sufrágio dos druidas, e não raramente também com armas, disputam pela liderança. Eles, em certa época do ano, reúnem-se nos territórios dos carnutos, na região que é tida como o centro de toda a Gália, em um lugar consagrado. Para lá, de todas as partes, afluem todos aqueles que têm litígios, e eles acatam as decisões e as sentenças dos druidas. Considera-se que seu saber foi definido na Britânia e, de lá, levado para a Gália e agora, os que desejam conhecê-lo com mais cuidado, em geral, partem para lá para aprender. (grifos nossos)

De fato, como os gauleses se organizavam em duas facções, há um contraponto com os romanos mais bem organizados (SCHMIDT, 2004, p. 184). Além disso, ficava claro que os gauleses, embora fortes, não conseguiram se unir (nem com a liderança de Vercingetórige) para derrotar um inimigo comum, representado pelos romanos.

Também se pode notar, pelo trecho acima, que César usou alguns termos latinos mais uma vez para descrever a sociedade gaulesa: o povo era a plebe, e percebemos que César dedicou poucas palavras a seu respeito; acreditamos que César se concentrou mais na descrição da elite (e principalmente dos druidas) já que falar de aspectos da sociedade gaulesa que eram diferentes da dos romanos atraía a atenção de seu público. Na elite, tem-se os dois grupos: os druidas e o cavaleiros (*equites*); César reforçou o paralelo, uma vez que em Roma os *equites* eram da elite, situados abaixo apenas dos patrícios, que descendiam da nobreza. Percebemos que em César não há qualquer menção aos bardos ou advinhos; César queria manter a dualidade em vários aspectos da sociedade gaulesa e, por conseguinte, os druidas incorporaram o papel de detentores da cultura e da sabedoria (RIGGSBY, 2006, p. 63).[263] Ao não descrever bardos e advinhos (que apareceram em fontes gregas, como Posidônio e Diodoro), César queria priorizar o caráter político e de autopropaganda de sua obra ao invés de ter realmente uma preocupação de cunho etnográfico ou antropológico. Todavia, como visto em vários trechos citados ao longo deste trabalho, César não se desviou muito da tradição etnográfica antecessora a ele – de fato, os estereótipos serviam como marcos, que auxiliavam o público em Roma a se identificar com o texto de César e a reconhecer o tipo de inimigo que ele combatia.

Como Momigliano observa (1991, p. 69), César jamais mencionou os druidas a não ser na digressão etnográfica do livro VI; provavelmente ele não encontrou os druidas em suas campanhas, mas sim em suas fontes literárias. O próprio César escreveu que os druidas não participavam das guerras, além de outras informações sobre eles. Assim, temos no *De bello Gallico* (VI, 14):

> *Druides a bello abesse consuerunt neque tributa una cum reliquis pendunt, militiae uacationem omniumque rerum habent immunitatem. Tantis excitati praemiis et sua sponte multi in disciplinam conueniunt et a parentibus propinquisque mittuntur. Magnum ibi numerum uersuum ediscere dicuntur. Itaque annos non nulli XX in disciplina permanent. Neque fas esse existimant ea litteris mandare, cum in reliquis fere rebus, publicis priuatisque rationibus, graecis litteris utantur. Id mihi duabus de causis instituisse uidentur, quod neque in uulgum disciplinam efferri uelint, neque eos qui discunt litteris confisos minus memoriae studere; quod fere plerisque accidit, ut praesidio litterarum diligentiam in perdiscendo ac memoriam remittant. In primis hoc uolunt persuadere, non interire animas, sed ab aliis post mortem transire ad alios, atque hoc maxime ad uirtutem excitari putant, metu mortis*

[263] Posidônio definiu o lugar dos vates e bardos na sociedade gaulesa (cf. p. 66), e em Diodoro temos uma descrição mais profunda a respeito deles (cf. *Biblioteca*, V, 31, 2 a 4, p. 83-84 deste trabalho). César também citou o caráter dual da sociedade gaulesa, nas palavras de Divicíaco, em I, 31 (cf. p. 103-105), e também em VI, 11 (cf. p. 136).

> *neglecto. Multa praeterea de sideribus atque eorum motu, de mundi ac terrarum magnitudine, de rerum natura, de deorum immortalium ui ac potestate disputant et iuuentuti tradunt.*
>
> Os druidas costumam ficar afastados da guerra, e não pagam os tributos juntamente com os demais; eles têm dispensa do serviço militar e imunidade de todas as obrigações. Animados com tamanhos prêmios, não só muitos por sua espontânea vontade vêm a esse saber, mas também muitos são mandados pelos pais e parentes. Diz-se que, nisso, eles decoram um grande número de versos. Assim, alguns permanecem vinte anos educando-se. Eles não consideram lícito confiar tais preceitos à escrita – como, de ordinário, nos demais assuntos – e, nos registros públicos e privados, utilizam as letras gregas. Parecem-me tê-lo assim determinado isso por dois motivos: por não querer que seu saber passe ao vulgo, nem que aqueles que aprendem, confiando nas letras, se dediquem menos a memorizar; isso de ordinário sucede à maioria, de modo que, com o respaldo da escrita, afrouxem-se a dedicação e a memória no processo de aprendizado. Sobretudo querem persuadir de que *as almas não perecem*, mas sim passam de uns para outros após a morte, e por isso especialmente consideram que se incita ao valor, desprezado o temor da morte. Além disso, debatem e transmitem à juventude sobre muitas coisas, sobre os astros e seu movimento, sobre a grandeza do mundo e das terras, sobre a natureza das coisas e a força e o poder dos deuses imortais. [264]

Os druidas então se concentravam em se dedicar aos assuntos do mundo sobrenatural, além de serem mediadores entre os humanos e os deuses, já que nenhum sacrifício podia ser realizado sem a presença deles.[265] Além disso, eles tinham grande influência política, tanto na paz quanto na guerra (RANKIN, 1996, p.69). Acima podemos ver uma justificativa para a grande coragem e fúria dos gauleses na guerra, qual seja, o fato de que eles acreditvam que a alma era eterna.[266] Ainda sobre os druidas e os rituais religiosos dos gauleses, César (*BGall.*, VI, 16) escreveu:

> *Natio est omnis Gallorum admodum dedita religionibus, atque ob eam causam qui sunt affecti grauioribus morbis quique in proeliis periculisque uersantur, aut pro uictimis homines immolant aut se immolaturos uouent administrisque ad ea sacrificia druidibus utuntur, quod, pro uita hominis nisi hominis uita reddatur, non posse deorum immortalium numen placari arbitrantur, publiceque eiusdem generis habent instituta sacrificia. Alii immani magnitudine simulacra habent, quorum contexta uiminibus membra uiuis hominibus complent; quibus succensis circumuenti flamma exanimantur homines. Supplicia eorum qui in furto aut in latrocinio aut ex aliqua noxia sint comprehensi gratiora dis immortalibus esse arbitrantur; sed cum eius generis copia defecit, etiam ad innocentium supplicia descendunt.*

[264] De fato, Gruen (2011a, p. 155) lembra que César escreveu sobre a religião – e os druidas, provavelmente porque havia um interesse grande por parte do seu público leitor sobre esse tema. Os druidas sempre chamaram atenção dos autores antigos, e foram mencionados por Aristóteles, Posidônio, Diodoro Sículo, Estrabão, dentre outros. De acordo com Plínio, o Velho, foi durante o principado de Tibério que os druidas foram banidos, como veremos mais adiante neste trabalho.
[265] Cf. *BGall.*, VI, 13, nas páginas 137 e 138.
[266] Esse estereótipo já apareceu em Posidônio (Estrabão, IV, 197) e também em Diodoro Sículo (V, 28, 6).

> Toda a nação dos gauleses é muito dada aos escrúpulos religiosos e, por esse motivo, aqueles que são acometidos por doenças graves e os que se encontram em combates e perigos, ou imolam homens ao modo de vítimas, ou se comprometem haver de sacrificá-los, tomando para esses sacrifícios os druidas como agentes; na verdade, se a vida de um homem não for paga com a vida de outro homem, eles pensam que o poder dos deuses imortais não pode ser aplacado, e dispõem de sacrifícios do mesmo gênero, publicamente instituídos. Outros possuem efígies de enorme grandeza, cujos membros, entrelaçados com vimes, preenchem de homens vivos; incendiados esses membros, morrem os homens envoltos pelas chamas. Consideram serem mais agradáveis aos deuses imortais os suplícios daqueles que foram presos por causa do furto, latrocínio ou em outro delito; contudo, quando não há muita disponibilidade desses tipos, eles também recorrem ao suplício de inocentes.

Pelo relato acima, César não disse que os druidas praticavam magia e ele apenas descreveu os ritos de sacrifícios humanos, sem condenação ou julgamento de valor.[267] Percebe-se também que os gauleses possuíam uma justiça primitiva, ao condenar os criminosos aos sacrifícios humanos (RIGGSBY, 2006, p. 63). O trecho acima também se aproxima bastante do que Cícero escreveu sobre o fato dos gauleses praticarem sacrifícios humanos;[268] porém, se em Cícero os gauleses simplesmente sacrificam as vítimas indistintamente, em César os gauleses sacrificavam sobretudo os criminosos, apenas recorrendo ao suplício dos inocentes na falta desses (RAMBAUD, 2011, p. 330). Quanto ao outro pólo da sociedade gaulesa, César escreveu brevemente (*BGall.*, VI, 15):

> *Alterum genus est equitum. Hi, cum est usus atque aliquod bellum incidit (quod fere ante Caesaris aduentum quotannis accidere solebat, uti aut ipsi iniurias inferrent aut illatas propulsarent), omnes in bello uersantur, atque eorum ut quisque est genere copiisque amplissimus, ita plurimos circum se ambactos clientesque habet. Hanc unam gratiam potentiamque nouerunt.*
>
> A outra espécie é a dos cavaleiros. Esses, quando há necessidade e *se sobrevém alguma guerra* – o *que costumava acontecer quase todos os anos antes da chegada de César*, causando eles próprios prejuízos ou repelindo os recebidos – exercitam-se todos na guerra, e à medida que cada um deles é mais ilustre pela estirpe e pelas riquezas, tanto mais tem à sua volta

[267] Como Schmidt (2004, p. 185) pontua, é curioso notar que tanto Cícero quanto César insistiram em ressaltar o fato dos gauleses fazerem sacrifícios humanos, uma vez que em Roma os combates de gladiadores (herança etrusca) podiam ser considerados como verdadeiras imolações de vítimas inocentes, sem mencionar os diversos suplícios infligidos aos escravos revoltados ou ladrões, sendo o mais terrível a crucificação. Além disso, segundo Lívio (*Ab urbe cond.*, XXII, 57, 2-6), os próprios romanos chegaram a sacrificar humanos. Durante a segunda guerra púnica contra Aníbal os romanos, passando por dificuldades excepcionais, decidiram imolar um casal gaulês e um casal grego, de acordo com o oráculo de Delfos e os livros sibilinos, a fim de aplacar os deuses e conseguirem vencer os cartagineses.

[268] Cf. *Pro Fonteio*, 31, citado na p. 71 deste trabalho. Cícero, contudo, explorou ao máximo a falta de caráter dos gauleses e foi bastante veemente em condenar a prática dos sacrifícios humanos feitos por eles.

> numerosos servos e clientes; é a única forma de prestígio e poder que conhecem. (grifos nossos)

Destacamos acima como César habilmente ressaltou que trouxera paz à Gália, ao dizer que as guerras, antes de sua conquista, aconteciam *quase todos os anos*. César também descreveu certos costumes gauleses que diferiam dos costumes romanos (*BGall.*, VI, 18):

> *Galli se omnes ab Dite patre prognatos praedicant idque ab druidibus proditum dicunt. Ob eam causam spatia omnis temporis non numero dierum, sed noctium finiunt; dies natales et mensum et annorum initia sic obseruant, ut noctem dies subsequatur. In reliquis uitae institutis hoc fere ab reliquis differunt, quod suos liberos, nisi cum adoleuerunt, ut munus militiae sustinere possint, palam ad se adire non patiuntur filiumque puerili aetate in publico in conspectu patris adsistere turpe ducunt.*
>
> Todos os gauleses se gabam de serem descendentes do pai Dite e dizem que isso foi revelado pelos druidas. Por tal motivo, *delimitam as divisões de todo o tempo não pelo número de dias, mas sim pelo das noites*; de tal modo observam os dias de aniversário e os inícios dos meses e dos anos, de modo que o dia vem logo após a noite. Nos demais costumes de vida os gauleses diferem dos restantes, de ordinário, nisto: eles não admitem que os seus filhos venham até si em público exceto depois de crescidos, de modo a poderem assumir os deveres militares, e *consideram vergonhoso o filho que, em idade pueril, aparece publicamente à vista do pai*. (grifos nossos)

Gruen (2011a, p. 158) afirma que César não gostava de gastar muito tempo investigando as particularidades dos rituais gauleses ou as nuances de suas caracterizações dos deuses – como fica evidente pelo curto capítulo acima; mas o fato de ele ter escolhido descrever a religião gaulesa com vocabulário latino é significativo: César mais minimizou do que acentuou as diferenças de crença entre romanos e gauleses. César também escreveu que, quanto aos costumes, os gauleses apenas se diferenciavam dos demais no fato de contarem a passagem do tempo pelas noites (e não dias) e também por não permitirem que seus filhos aparecessem diante do pai em idade pueril.

Além disso, César também relatou que os gauleses dispunham de mecanismos legais, como por exemplo ao mencionar que eles deixavam herança, que ficava tanto para o marido ou para a esposa que sobrevivia ao cônjuge. Temos (*BGall.*,VI, 19):

> *Viri, quantas pecunias ab uxoribus dotis nomine acceperunt, tantas ex suis bonis aestimatione facta cum dotibus communicant. Huius omnis pecuniae coniunctim ratio habetur fructusque seruantur: uter eorum uita superarit, ad eum pars utriusque cum fructibus superiorum temporum peruenit. Viri in uxores sicuti in liberos uitae necisque habent potestatem; et cum pater*

> *familiae inlustriore loco natus decessit, eius propinqui conueniunt et, de morte si res in suspicionem uenit, de uxoribus in seruilem modum quaestionem habent et, si conpertum est, igni atque omnibus tormentis excruciatas interficiunt. Funera sunt pro cultu Gallorum magnifica et sumptuosa; omniaque quae uiuis cordi fuisse arbitrantur in ignem inferunt, etiam animalia, ac paulo supra hanc memoriam serui et clientes quos ab iis dilectos esse constabat iustis funeribus confectis una cremabantur.*
>
> Os maridos, quão grande soma receberam das esposas a título de dote, tanto reúnem de seus bens com os dotes, fazendo uma avaliação. Faz-se em conjunto um cálculo de todo esse dinheiro e guardam-se os rendimentos: qualquer um deles que sobreviva ao outro recebe a parte de ambos com os rendimentos do tempo precedente. Os maridos possuem direito de vida e morte tanto sobre as esposas quanto sobre os filhos; quando morre um *chefe da família* nascido em posição de nobreza, reúnem-se os parentes dele e, havendo alguma suspeita sobre a morte, sujeitam as esposas a um interrogatório ao modo servil; caso se tenha descoberto algo, eles as executam torturadas pelo fogo e com todos os tormentos. Os funerais, de acordo com o costume dos gauleses, são magníficos e suntuosos, e eles lançam ao fogo tudo o que consideram ter sido estimado em vida, inclusive os animais; e *até pouco antes de nossa época, os escravos* e *clientes* que era certo terem sido estimados por um homem, em finalizando-se corretamente os funerais, *eram cremados junto*. (grifos nossos)

Pelos trechos acima percebemos que, embora considerada bárbara, a sociedade gaulesa possuía várias características consideradas civilizadas, como a erudição dos druidas e o processo de se deixar herança – sendo permitido, inclusive às mulheres, disporem dos bens do marido. Destacamos também, no trecho acima, o fato de César ter se referido ao chefe de família gaulês como *pater familiae*: o *pater familiae*, em contexto romano, designava o chefe da família – inclusive os escravos. Ele era o sacerdote do culto doméstico e o único proprietário dos bens, além de ter autoridade de vida e morte sobre todos os outros membros da família.[269] Ao novamente usar termos latinos para descrever a sociedade gaulesa – como dizer que o *pater familiae* possuía servos e clientes, César destacou a semelhança entre essas duas culturas.[270] Por outro lado, embora em certos aspectos "civilizada", é possível notar que, no comentário de César, havia certa perversidade na sociedade gaulesa, uma vez que as mulheres poderiam ser torturadas caso houvesse dúvida sobre a morte do marido. Além disso, os gauleses queimavam os animais junto com os defuntos e, até pouco antes da guerra contra os romanos, colocavam na pira funerária os escravos e clientes; eles também sacrificavam vítimas inocentes, caso não houvesse criminosos disponíveis para os

[269] O *pater familiae* romano conservava seus direitos até à morte, ou caso emancipasse seus filhos; a partir do século I a.C. em diante, com o progresso da sociedade romana, os poderes do *pater* sofreram reduções. Para essas informações sobre o *pater familiae* utilizamos como referência Bornecque e Mornet (2002, p. 84).

[270] Cf. *BGall.*, VI, 13 (p. 137-138), em que César usou os termos *plebes* e *equites*, etc., e também VI,15 (p. 141-142).

sacrifícios humanos.[271] Todavia, é possível perceber em César uma evolução "civilizatória" dos gauleses, já que ele registrou que eles abandonaram o costume de cremar junto com o falecido os seus escravos e clientes que lhes eram queridos. A clientela era uma forma estrutural típica da sociedade romana; os clientes eram homens livres ligados às famílias patrícias, que lhes davam proteção; os laços de clientela eram passados de pai para filho e os clientes deviam completa obediência aos seus patronos.[272] Os gauleses, por essa razão, não possuíam clientes, já que não havia tal tipo de estrutura social em sua comunidade; César se utilizou do termo *cliente* para facilitar a compreensão da Gália por parte do seu público-alvo.

Quanto aos germanos, de acordo com César, eles eram ainda mais bárbaros que os gauleses, pelo fato de não terem cultos religiosos estabelecidos e de se dedicarem apenas a caçadas e exercícios bélicos. Assim temos (*BGall.*, VI, 21):

> *Germani multum ab hac consuetudine differunt. Nam neque druides habent qui rebus diuinis praesint, neque sacrificiis student. Deorum numero eos solos ducunt quos cernunt et quorum aperte opibus iuuantur, Solem et Vulcanum et Lunam, reliquos ne fama quidem acceperunt. Vita omnis in uenationibus atque in studiis rei militaris consistit: a paruis labori ac duritiae student. Qui diutissime impuberes permanserunt maximam inter suos ferunt laudem: hoc ali staturam, ali uires neruosque confirmari putant. Intra annum uero uicesimum feminae notitiam habuisse in turpissimis habent rebus; cuius rei nulla est occultatio, quod et promiscue in fluminibus perluuntur et pellibus aut paruis renonum tegimentis utuntur magna corporis parte nuda.*
>
> Os germanos diferem muito desses costumes. Na verdade, não possuem druidas que presidam os ritos religiosos, nem praticam sacrifícios. *Contam no número dos deuses apenas aqueles que divisam, e por cujos recursos abertamente são auxiliados: o Sol, Vulcano, e a Lua*, e nem ao menos admitiram outros deuses transmitidos pela fama. *Toda sua vida consiste em caçadas e exercícios de prática militar*: *desde pequenos se esforçam no labor e na severidade*. Aqueles que permaneceram castos por muito tempo desfrutam da maior honra entre os seus; por esse motivo julgam que a sua estatura seja alimentada, e as forças e os nervos sejam nutridos e fortalecidos. Na verdade, eles consideram entre as coisas mais vergonhosas alguém ter tido relações com uma mulher antes do vigésimo aniversário; não há mistério algum sobre essas coisas, pois eles misturados se banham nos rios e se cobrem com peles de renas ou de pequenas coberturas, mantendo nua uma grande parte do corpo. (grifo nosso)

Pelo trecho acima, vemos também um fator que caracterizava os germanos como um povo mais primitivo que o gaulês (e o romano): eles cultuavam apenas as forças da

[271] Cf. p. 104-141 (*BGall.*, VI, 16).
[272] Para mais detalhes sobre a clientela, cf. nota 168 na p. 93.

natureza, como o sol, Vulcano e a lua, e não deuses antropomorfos. Além disso, os germanos não praticavam a agricultura nem possuíam terras próprias (*BGall.*, VI, 22):

> *Agriculturae non student, maiorque pars eorum uictus in lacte, caseo, carne consistit. Neque quisquam agri modum certum aut fines habet proprios; sed magistratus ac principes in annos singulos gentibus cognationibusque hominum qui [cum] una coierunt, quantum et quo loco uisum est agri adtribuunt atque anno post alio transire cogunt. Eius rei multas adferunt causas: ne adsidua consuetudine capti studium belli gerendi agricultura commutent; ne latos fines parare studeant, potentioresque humiliores possessionibus expellant; ne accuratius ad frigora atque aestus uitandos aedificent; ne qua oriatur pecuniae cupiditas, qua ex re factiones dissensionesque nascuntur; ut animi aequitate plebem contineant, cum suas quisque opes cum potentissimis aequari uideat.*
>
> Os germanos não se dedicam à agricultura, e a maior parte de seu sustento consiste em leite, queijo e carne. Ninguém possui medida certa de terra ou limites próprios; contudo, os magistrados e os chefes a cada ano atribuem às famílias e parentelas dos homens, que juntos coabitam, quanto de terra e onde lhes pareceu bem, e após um ano obrigam-nos a mudar-se. Alegam várias razões para esse comportamento: para que, levados pela força do hábito, não troquem o interesse de fazer a guerra pela agricultura; para que não se esforcem em obter um grande limite, nem os mais poderosos expulsem os mais fracos das ocupações; *para que não construam com mais cuidado a fim de barrar o frio e o calor*; para que não surja cobiça alguma de riqueza, de que nascem as facções e discórdias; para que contenham a plebe pela moderação do espírito, vendo cada qual suas posses serem igualadas às dos mais poderosos. (grifo nosso)

Destacamos nos dois trechos acima que César disse que os germanos desde cedo dedicavam toda sua vida à arte da guerra e às caçadas ("toda sua vida consiste em caçadas e exercícios de prática militar: desde pequenos se esforçam no labor e na severidade") e que eles construíam casas simples, que mal barravam as intempéries naturais ("para que não construam com mais cuidado a fim de barrar o frio e o calor"). O fato de não praticarem a agricultura, ou sequer barrar as intempéries naturais em suas casas, servia para manter os germanos fortes e evitar a fraqueza advinda da sedentarização da sociedade. Riggsby (2006, p. 85) lembra que é justamente a partir desse código de vida rígido e da firmeza contra os fenômenos naturais, além de frequentes confrontos com outras nações, que os germanos exercitavam e aumentavam sua forte *uirtus*. Os romanos também obtinham sua *uirtus* da disciplina na guerra de forma parecida à dos germanos: a grande diferença é que os romanos faziam isso de forma coletiva, enquanto uma legião organizada; já os germanos o faziam de forma individual e sem um método sistematizado (RIGGSBY, 2006, p. 87).

Os germanos, embora considerados ainda mais bárbaros que os gauleses, no relato de César aparecem preocupados em manter uma certa equidade social entre todos,

sejam poderosos ou fracos: com isso os germanos evitariam os conflitos por ganância, e a sociedade se mantinha forte como um todo. Percebemos que mesmo entre um povo considerado extremamente feroz a estrutura social organizava-se de forma bastante inovadora.[273] Sobre a caracterização de gauleses e germanos, Gouvêa Júnior (2012, p. 12) afirma:

> separando-os com clareza, ele pode dispensar-lhes tratamentos diferentes, para incluir os gauleses e excluir os germânicos em seu projeto de ampliação das fronteiras políticas – pessoais e romanas. Para analisá-los, César assumiu a mesma posição de superioridade dos que julgam seus diferentes como pertencentes à barbárie. Então, conferiu uma condição mais favorável aos gauleses, salientando uma certa *humanitas barbara*, com a demonstração de respeito à lei e à justiça, de reverência aos costumes, aos deuses e aos mortos, de conhecimento do alfabeto grego; e, sobretudo, com a noção de desenvolvimento a partir do aprimoramento individual, como na formação dos druidas.

Quanto aos germanos, César foi mais crítico; os germanos, em suas palavras, não praticavam a agricultura, eram promíscuos, nômades etc. A diferença entre gauleses e germanos era o grau de *ferocitas*, e no *De bello Gallico* César apenas usou o termo *ferox* para designar os germanos e os belgas, que eram os mais valentes dentre os gauleses.[274] Percebemos que César, ao usar o vocabulário latino para designar características dos gauleses (como os deuses que cultuavam, etc.), salientou as semelhanças entre gauleses e romanos, o que possibilitava a romanização e mescla de culturas;[275] o mesmo não pode ser dito dos germanos, que mal praticavam a agricultura ou possuíam uma religião estabelecida.[276] Mais uma vez, percebe-se a dualidade representada pelos romanos (civilizados) e gauleses (em parte civilizados) frente aos germanos (bárbaros); de fato, como Hartog (1999, p. 289) destaca, o discurso da retórica da alteridade no mundo antigo é essencialmente um discurso de dualidade e

[273] André (2001, p. 2 e 3) aprofunda a forma como os germanos foram retratados em César, bem como as fontes usadas por ele para descrever os germanos. André (2001, nota 17, p. 8) também destaca que a virtude moral e a superioridade bárbara primitiva é um tópos que aparece no epicurismo (como no canto V de Lucrécio) e ainda no seio do cinismo e estoicismo.

[274] Cf. sobre os belgas o trecho II, 15 (p. 131), em que César escreveu que eles eram *homines feros magnaeque uirtutis* (homens ferozes de grande virtude). Quanto aos germanos, cf. o trecho I, 33, citado na p. 134, em que César se referiu a eles como *homines feros ac barbaros*: a partícula *ac* vai além da mera conjunção aditiva *e*, pois iguala os dois termos. Além disso, já abordamos o caráter pejorativo do termo "bárbaro" para se referir aos germanos (cf. p. 135).

[275] Ou seja, de acordo com Woolf (2003, p. 63), o gaulês devia exibir certa *humanitas*, já que apenas através da *humanitas* as relações sociais eram asseguradas.

[276] Cf. nota 159 na p. 86, sobre estereótipos dos bárbaros, e de como a falta de agricultura condenava os povos à barbárie e, por outro lado, como a proximidade com as cidades facilitava a civilização.

polaridade.[277] Dessa forma, na prática uma repartição tríplice não ocorre: se há dois tipos de barbarismo no discurso, um deles vai ser assimilado aos romanos.[278] Além disso César, ao dividir os gauleses e germanos em grupos distintos, nos quais os gauleses já se encontravam mais abertos à romanização (enquanto os germanos foram retratados como selvagens que não poderiam ser subjugados), definiu a sua área de ação; todavia, ambos os grupos representavam perigo a Roma. Os gauleses tinham uma tendência às guerras pelos motivos mais fúteis e eram volúveis e não confiáveis; quanto aos germanos, até mesmo pela sua natureza nômade, eles não respeitavam as fronteiras ou territórios, e nada os impediria de atacar as províncias romanas (RIGGSBY, 2006, p. 69). Dessa maneira, a justificativa para se agir contra gauleses e germanos consistia em "prevenir uma desgraça" e acabar com o "perigo" que essas nações representavam; Riggsby (2006, p. 180) define essa estratégia como "autodefesa" por parte dos romanos.

Em César, portanto, gauleses e germanos, embora representando certo perigo para Roma, não deixaram de possuir suas virtudes, como vimos anteriormente; seja a habilidade dos galos e a sua resistência frente aos romanos, seja os germanos e sua bravura e coragem inerentes. Além disso, apesar de os romanos terem colonizado povos diferentes, como os próprios gauleses, esse processo de conquistas não foi unilateral, já que os romanos adquiriram muitos dos hábitos estrangeiros. Assim, Roma transformou-se em um grande império multicultural. A Urbe, surgida de uma união de povos, sabia conviver com as diferenças e engenhosamente adotava a estratégia de concessão da cidadania, sendo essa tática eficaz para evitar a oposição dos inimigos e cooptar possíveis aliados.[279] De fato, Roma não se restringia apenas à cidade em si, mas passou a existir em todo o seu território.

[277] O próprio significado do termo *alter* em latim é "um de dois".
[278] Outro exemplo dessa dualidade, referente a gregos e romanos, encontra-se na página 37 deste trabalho.
[279] Para a abertura de Roma ao estrangeiro, cf. especialmente p. 97 e 98.

# Capítulo 3 – Retratos e relatos sobre os celtas

Neste capítulo estudaremos as outras fontes latinas – Tito Lívio e Plínio, o Velho – uma por vez. Vimos anteriormente que César desempenhou um papel fundamental na conquista definitiva da Europa Ocidental pelos romanos e também no esfacelamento da República. Esses dois fenômenos ocorreram com muita luta e conflitos. Sobre a origem do império, Florenzano (1994, p. 84) ressalta:

> A estrutura oligárquica de governo, estabelecida durante a República, mostrou-se – no séc. I – incapaz de integrar efetivamente o enorme território conquistado em toda a bacia do Mediterrâneo. A classe dirigente composta pelos senadores outorgava-se direitos exclusivos sobre a cidadania, a distribuição dos impostos e as decisões, excluindo assim do poder todo e qualquer segmento populacional das províncias. Estas sofriam os abusos de poder, as confiscações e extorsões dos arrecadadores de impostos e embaixadores do Senado romano. O comportamento extremamente conservador da classe senatorial mostrava-se incompatível com a necessidade de atender pelo menos às elites provinciais, tendo em vista manter unificado o território conquistado. Diante desta situação, os diferentes membros da oligarquia dominante propunham alternativas também diferentes como solução à crise, provocando, assim, entre os partidos e as facções políticas, lutas que se prolongaram por quase um século. O estabelecimento do Império, na verdade, foi a solução política encontrada para assegurar a estabilidade do poder e anular os conflitos existentes entre as várias facções.

Evidentemente, as causas que levaram ao fim da República foram bem complexas, e não nos aprofundaremos nessa discussão aqui, até porque existem obras específicas sobre o assunto. Dessa maneira, abordaremos o surgimento do império de forma mais geral, de modo que facilite a compreensão do contexto histórico em que se insere a obra de Tito Lívio.

## 3.1 – A ascensão de Otávio e o surgimento do império romano

Com o assassinato de César, os muitos opositores do ditador acreditavam que a República voltaria à sua antiga "normalidade". Todavia, Marco Antônio aproveitou-se do vácuo criado no poder e rapidamente assumiu o controle da Itália e de várias legiões. Nesse meio tempo, Cícero tentou colocar Otávio contra Marco Antônio e dividir os cesaristas, mas a estratégia não funcionou: em 43 a.C. Otávio, Antônio e Lépido (que

comandava as legiões na Gália) formaram o "segundo triunvirato".[280] Com o poder assim dividido, Lépido se incumbiu da Itália; Antônio e Otávio foram combater a última frente que lhes era contrária na Macedônia. Na batalha de Filipos (42 a.C.), Bruto e Cássio (dois dos principais senadores que articularam a morte de César) são derrotados.[281] Em 36 a.C., Sexto Pompeu (filho de Pompeu Magno) foi derrotado pelos triúnviros na Sicília e, com isso, as legiões de Lépido passaram a apoiar Otávio. Dessa forma, com apenas Antônio e Otávio no poder, uma segunda guerra civil delineou-se. Entre tantas batalhas, o confronto decisivo aconteceu em Ácio (31 a.C.), no Mar Jônico, em que a frota de Otávio aniquilou a esquadra de Antônio que, derrotado, suicidou-se logo depois. Finalmente, depois das turbulências e guerras civis que marcaram o século I a.C., a via do poder encontrava-se livre para um único governante.

Otávio inaugurou uma nova forma de governo na qual o comando centrava-se em um único indivíduo. Esse sistema político, conhecido na Roma antiga por principado, hoje em dia é popularmente chamado de império.[282] Todavia, Otávio comportou-se de maneira bem diferente de seu tio-avô César, pois sabia que para os romanos seria inaceitável um novo rei ou ditador perpétuo. Como Mendes (1988, p. 75 e 76) destaca, após vencer Antônio, Otávio percebeu que em sua ação política não poderia menosprezar os sentimentos da tradição republicana enraizados na sociedade romana, e deveria considerar que os que combateram ao seu lado desejavam, juntamente com a paz, a manutenção de suas prerrogativas e privilégios sócio-econômicos. Nas palavras do próprio Otávio (*R.G.*, V e VI):

> *Dictaturam et apsenti et praesenti mihi delatam et a populo et a senatu, M. Marcello et L. Arruntio consulibus non accepi. (...) Consulatum quoque tum annuum et perpetuum mihi delatum non recepi.Consulibus M. Vinicio et Q. Lucretio et postea P. Lentulo et Cn. Lentulo et tertium Paullo Fabio Maximo*

[280] Colocamos esses termos entre aspas já que o primeiro triunvirato não deveria ter recebido esse nome, já que foi estabelecido fora da lei romana (cf. p. 110). A aliança firmada em 43 a.C. foi aprovada pelo Senado, concedendo extraordinariamente a ditadura aos três cidadãos mencionados por cinco anos. No mesmo ano, Cícero viria a ser assassinado pelos homens de Antônio.

[281] Para esse resumo dos eventos entre a morte de César e a ascensão de Otávio, utilizamos como referência o capítulo "The founding of the Empire", de Stockton (in: BOARDMAN et al., 1986, p. 443 a 461).

[282] O *princeps* (príncipe) era o cidadão que tinha o direito de ser o primeiro a usar a palavra no Senado, e era também o primeiro a ser inscrito no álbum dos senadores. Na prática, não conferia poderes, mas sim prestígio. Augusto foi príncipe do senado durante quarenta anos (*Res Gestae*, I, 7) Já o termo imperador (*imperator*) era um título dado por aclamação popular (ou do Senado) ao general vitorioso, que obtinha o direito de celebrar o triunfo. Além disso, *imperator* designava o magistrado que era investido com o *imperium* (cf. nota 175). Com o tempo, o significado de imperador passou a ser o do líder único de Roma (suplantando o termo príncipe), e império passou a designar essa forma de governo. Daí vem também a confusão de se designar César como imperador, já que ele foi aclamado *imperator* pelos seus soldados, mas nunca chegou a ser *princeps*. Cf. Canfora (2002, p. 487 e 488) para mais detalhes sobre o *imperium*.

> *et Q. Tuberone senatu populoque Romano consentientibus ut curator legum et morum summa potestate solus crearer, nullum magistratum contra morem maiorum delatum recepi. Quae tum per me geri senatus uoluit, per tribuniciam potestatem perfeci, cuius potestatis conlegam et ipse ultro quinquiens a senatu depoposci et accepi.*
>
> Não aceitei a ditadura a mim, presente ou ausente, oferecida pelo povo e pelo senado, quando eram cônsules M. Marcelo e L. Arrúncio (...). Àquela mesma época não aceitei o consulado anual e vitalício a mim oferecido. No consulado de M. Vinício e Q. Lucrécio, depois no de P. Lêntulo e Cn. Lêntulo e, em terceiro lugar, no de Paulo Fábio Máximo e Q. Tuberão, havendo entre o senado e o povo romano consenso de que eu fosse escolhido para curador único das leis e costumes com o poder máximo, nenhum cargo concedido contrariamente ao costume dos antepassados eu aceitei.[283]

Otávio, assim, deixou claro nessas e em várias outras passagens registradas no monumento de Ancara que agiu sempre dentro da lei e do costume dos romanos, nunca aceitando as magistraturas extraordinárias, como a ditadura ou o consulado vitalício.[284] Embora na prática ele fosse o senhor absoluto de Roma, seus poderes eram "renovados" periodicamente pelo senado. Por conseguinte, ele criou um regime híbrido de governo: manteve as instituições republicanas e as antigas magistraturas (embora esvaziadas de poder político), mas o poder de fato encontrava-se nas mãos do *princeps*. Otávio mostrava-se como o restaurador da República e da paz após as sangrentas guerras civis, e fez questão de alardear isso na agenda da propaganda imperial.[285] Além disso, o *princeps* recebeu do povo e do senado a alcunha de Augusto,[286] em honra a tudo que ele fez por Roma, como ele mesmo registrou (*R.G.*, XXXIV):

> *In consulatu sexto et septimo, postquam bella ciuilia exstinxeram, per consensum uniuersorum potitus rerum omnium, rem publicam ex mea potestate in senatus populique Romani arbitrium transtuli. Quo pro merito meo senatus consulto Augustus appellatus sum et laureis postes aedium mearum uestiti publice coronaque ciuica super ianuam meam fixa est et clupeus aureus in curia Iulia positus, quem mihi senatum populumque Romanum dare uirtutis clementiaeque et iustitiae et pietatis caussa testatum est per eius clupei inscriptionem. Post id tempus auctoritate omnibus praestiti, potestatis autem nihilo amplius habui quam ceteri qui mihi quoque in magistratu conlegae fuerunt.*

[283] Utilizamos aqui a tradução feita por Trevizam e Rezende (SUETÔNIO; AUGUSTO, 2007, p. 128 e 129).
[284] Para aprofundamento sobre a *Res Gestae* e da postura política de Augusto, cf. o capítulo "Comentário sobre as *Res Gestae Divi Augusti*", de Corassin (In: JOLY, 2007, p. 97-118).
[285] Como o próprio Augusto alardeou o fato de ter fechado o templo de Jano (o que era um sinal de paz obtida por vitórias romanas, tanto em terra quanto no mar) por três vezes durante seu governo (*Res Gestae*, XIII); além dele e sua época terem sido exaltados em obras de vários autores do período, sobretudo Virgílio.
[286] Augusto significava o "venerável" e esse título (recebido em 27 a.C.) passou a fazer parte do nome de Otávio.

> Em meu sexto e sétimo consulados, depois de extinguir as guerras civis e, por consenso de todos, senhor de tudo, passei a república de meu poder para o arbítrio do senado e do povo romano. Por esse mérito pessoal fui chamado de "Augusto" por decreto do senado; os umbrais de minha casa foram publicamente cobertos com louros, uma coroa cívica foi afixada acima de minha porta e um escudo de ouro posto na cúria Júlia. Atestava a inscrição do escudo que o senado e o povo romano o davam a mim pelo *valor, pela clemência, pela justiça e pelo senso do dever*. Depois disso, *vi-me à frente de todos pela autoridade, mas nenhum poder tive a mais* que meus outros colegas também investidos de cargos. (grifos nossos) [287]

Pelo trecho acima, Otávio Augusto deixa claro que o escudo exaltava o seu valor (*uirtus*), clemência (*clementia*), justiça (*iustitia*) e senso do dever (*pietas*); além disso, ele também estava à frente dos outros pela autoridade (*auctoritas*) e não pelo poder (*potestas*), que era o mesmo para todos "os investidos de cargos".[288] Augusto habilmente definiu que sua superioridade sobre os outros cidadãos era devido ao fato de o senado e o povo romano lhe terem conferido a *auctoritas* e o honorífico título de Augusto por livre e espontânea vontade, já que ele mesmo devolveu o poder à república depois de terminadas as guerras civis. Evidentemente, depois de tantas convulsões internas em Roma, Augusto foi bastante astuto em sua carreira pública e tomou cuidado para não se indispor com o senado e o povo. Ele buscou manter a república, os costumes e as instituições tradicionais, sempre deixando claro que exercia o poder porque a urbe lhe pedia isso, e que esse mesmo poder vinha de Roma; não por coincidência, Augusto foi um dos governantes mais longevos, exercendo o poder de 27 a.C. até 14 d.C., quando veio a falecer com aproximadamente 76 anos de idade.

## 3.2 – A política externa durante o governo de Augusto e a situação da Gália

Após a conquista da Gália empreendida por César, os civis passaram a adaptar-se à nova situação política: os gauleses foram privados da sua liberdade, além da grande perda de pessoas e prejuízos materiais.[289] Do período entre 52 a.C. (que marcou o fim

[287] Novamente usamos a tradução de Trevizam e Rezende (2007, p. 137 e 138).

[288] Anteriormente já mencionamos a *uirtus* (cf. p. 124 e ss.), a *clementia* (p. 122 e ss.), a *iustitia* (de forma bem abrangente, no subcapítulo 2.1.2) e a *pietas* (cf. p. 126). A *auctoritas*, como definiu Pereira (1993, p. 351 e ss.), era um valor intrínseco que conferia maior peso a um indivíduo, ou seja, que lhe conferia autoridade. Esse valor, diretamente relacionado à *uirtus*, não se exercia pela função ou pela persuasão, mas sim pelo mérito da pessoa ou da corporação que toma uma decisão – nesse sentido, o Senado representava a *auctoritas* de Roma. A *potestas* consistia no poder político de um magistrado, intrinsecamente ligado ao cargo que ele ocupava.

[289] Quanto ao número de baixas militares, há muita discordância entre as fontes, como lembra Le Bohec (2009, p. 116): Veleio Patérculo (II, 47) falou em 400.000 mortos; quanto aos civis, Plutarco (*César*, XV, 3) citou 1.000.000 de falecidos, e Plínio, o Velho (VII, 92) estabeleceu o número de 1.192.000. Além

da guerra da Gália) a 31 a.C., não temos muitas informações sobre o que se passou nessa região, já que as fontes concentraram-se em narrar os desdobramentos das guerras civis de César contra Pompeu e, posteriormente, de Augusto contra Antônio. Desse espaço de tempo, temos a brusca mudança de sorte de Marselha. Durante os conflitos de na Gália, a cidade (que era cliente de César) enriqueceu ao fornecer equipamento militar aos legionários. Porém Marselha também tinha outro patrono, Pompeu. Como lembra Le Bohec (2009, p. 117), assim que estourou a guerra entre esses dois generais, Marselha manteve-se neutra, até que em 49 a.C., no auge da crise civil, a cidade passou a apoiar Pompeu. César não perdoou essa traição e, depois que sitiou e tomou a cidade, ele retirou uma grande parte do território marselhês e passou essas terras para as municípios vizinhos. Além desse ocorrido, há ainda relatos de que em 46 a.C. houve uma revolta dos belóvacos (nação gaulesa), mas não dispomos de detalhes sobre o ocorrido.

Quanto à urbanização, César assentou um grande número de veteranos nas colônias gaulesas, em data incerta – sendo que possivelmente algumas dessas eram anteriores a César. Dessa forma, Narbonne recebeu os soldados da X ª legião; Béziers, da VII ª; Fréjus, da VIII ª; Arles, da VI ª, e Orange da II ª. [290] *Lugudunum* (Lyon) e *Raurica* (Augst) foram fundadas em 43 a.C. por Lúcio Munátio Planco (LE BOHEC, 2009, p. 117).

Em 27 a.C. Augusto, com seu poder consolidado, dividiu todas as províncias romanas em dois grupos: as imperiais, sob a administração direta do príncipe – que eram aqueles territórios recém conquistados ou mal pacificados, que requeriam uma forte presença militar; e as senatoriais, confiadas ao Senado (GRIMAL, 2002, p. 212). Evidentemente Augusto, plenamente dotado do *imperium*, poderia intervir em todas as províncias, inclusive as senatoriais. Todo o território da Gália foi dividido em quatro províncias, todas imperiais, que eram a Narbonense, a Aquitânia, a Lugdunense (devido à capital, *Lugdunum*, hoje conhecida por Lyon) e a Bélgica. Em 22 a.C., a Narbonense foi doada ao povo romano, ou seja, passou para administração do Senado (LE BOHEC, 2009, p. 139). As cidades que surgiram a partir de então foram importantes na integração comercial e cultural entre Roma e as nações conquistadas, e muitas receberam seus nomes a partir da onomástica imperial. Como destaca Le Bohec (2009,

---

dessas perdas, também foi grande a parcela da população transformada em escrava (cf. p. 16 e 17), além do pesado tributo que deveria ser pago a Roma anualmente.

[290] Plínio, o Velho, menciona esses assentamentos em *HN.*, III, 32 e 36.

p. 140), temos a cidade de *Caesarodunum* (atualmente Tours), *Iuliobona* (Lillebonne), *Iuliomagus* (tanto Angers, na França, quanto Schleitheim, na atual Suíça), *Augustobona* (Troyes), dentre outras. Ainda segundo Le Bohec (2009, p. 140), nenhuma dessas cidades recebeu seu nome latino por pressão ou imposição de Roma, mas sim essa escolha foi feita pela aristocracia local, que desejava demonstrar seu reconhecimento ao imperador que, de certa forma, defendia os seus interesses.

De acordo com Guarinello (214, p. 293-295), foi durante o principado de Augusto que muitas das medidas externas de Roma foram definidas e, com a paz, as províncias passaram a se integrar cada vez mais ao modo de vida romano. Essa integração foi bastante impulsionada pela sedentarização e profissionalização do exército; evidentemente esse processo começara antes, com Mário, mas foi a partir de Augusto que as tropas foram claramente afirmadas e definitivamente integradas à vida militar e também à vida cotidiana nos assentamentos nas províncias (LE BOHEC, 2009, p. 154). Dessa maneira, a divisão entre Roma e as províncias deu lugar à divisão entre o império e os ditos bárbaros, que viviam além das fronteiras e não participavam do mundo considerado civilizado. Durante o principado de Augusto ocorreu a grande derrota romana perto da floresta de Teutoburgo (9 d.C.), quando o comandante Varro e suas três legiões foram emboscadas pelos germanos e inteiramente destruídas. Com esse grande revés, as fronteiras do império durante Augusto ficaram estabelecidas, na Europa ocidental, até os rios Reno e Danúbio; na parte oriental, até o império dos partas, reconhecidos pelos romanos como um povo autônomo (GRIMAL, 1993, p. 306 e 313).

## 3.3 – Breve biografia de Tito Lívio e descrição do *Ab urbe condita*

Lívio nasceu em *Patauium* (Pádua) em 59 a.C. e, pelo que se tem registrado nas fontes (como Sêneca, o Velho, e Quintiliano), não se dedicou à vida pública ou militar, mas sim à retórica, como professor e escritor. Por volta do ano 30 a.C., ele passou a se dedicar inteiramente à composição de sua monumental obra historiográfica – conhecida como *Ab urbe condita libri.*[291] Ogilvie (1965, p. 3) destaca que Lívio de forma alguma foi associado ao círculo de Mecenas ou a qualquer outro autor que fazia parte do meio literário augustano. Por isso, provavelmente Lívio começou a escrever sua história na obscuridade e, de alguma forma, esse fato chegou ao conhecimento de Augusto, que

[291] O título traduzido seria "Livros sobre a fundação da Cidade", mas essa obra também é conhecida simplesmente como "História romana".

certamente ficou interessado em apadrinhar um escritor de talento para promover a nova República. Porém Lívio, como veremos adiante, não exaltou as qualidades do novo regime em sua obra. O historiador alternou sua residência entre Roma e Pádua, onde veio a falecer em 17 d.C.; provavelmente ele empenhou-se na escrita de seu trabalho até o fim de sua vida.[292]

*Ab urbe condita*, a grande obra de Lívio, seria composta em 142 livros. Além do prefácio, nos chegaram apenas 35 desses livros, que são: Prefácio, I-X e XXI a XLV, tendo este último uma lacuna ao final.[293] Dos outros livros apenas temos inúmeros fragmentos. Assim, sobre o conteúdo dos livros, de I a V, temos a fundação lendária de Roma (753 a.C.), o período da monarquia, o princípio da República até o saque de Roma pelos gauleses em 390 a.C. Nos livros VI a XV, há os conflitos entre romanos e samnitas, antes das Guerras Púnicas (por volta de 387 a 264 a.C.) Já os livros XVI a XXX narrariam as duas primeiras Guerras Púnicas (entre 264 a 201 a.C.). Os livros XXXI a XLV seriam a respeito de guerras dos romanos contra os macedônios e outros povos do oriente (entre 201 a 167 a.C.). Os livros XLVI a LXX trariam os acontecimentos do período entre 167 até as Guerras Sociais, em 90 a.C. Os livros LXXI a XC, seriam referentes aos anos de 90 a.C. até a morte de Sila, em 78 a.C.; Nos livros XCI a CVIII, que seriam sobre os anos 78 a 50 a.C., temos os confrontos entre romanos e gauleses e a submissão da Gália por César; os livros CIX a CXVI narrariam sobre a guerra civil até a morte de César, em 44 a.C.; CXVII a CXXXIII abordaria o período posterior à morte de César até a morte de Marco Antônio, em 30 a.C.; por fim, os livros CXXXIV a CXLII seriam a respeito do principado de Augusto até sua morte, no ano 14 d.C. Os livros remanescentes também foram preservados por epítomes (resumos) chamados *Periochae*, provavelmente feitos para propósitos didáticos, como afirma Conte (1999, p. 374).

## 3.4 – Aspectos gerais de *Ab urbe condita*

Segundo Lintott (in: BOARDMAN et al., 1986, p. 644), Lívio é o primeiro escritor analítico do qual temos uma obra que sobreviveu em boa quantidade, e é através dele e dos elementos de escritos antigos percebidos em sua história que é possível

[292] Para essa biografia de Lívio, utilizamos como referência bibliográfica FORSYTHE (2005, p. 67).
[293] Desde Heródoto e Tucídides era comum o historiador escrever um proêmio antes de sua obra, com o escopo e propósito do seu trabalho. A partir de Isócrates, esses prefácios passaram a ter grande influência da retórica, e buscavam sobretudo captar a atenção e interesse do leitor para a narrativa, como algo útil e proveitoso (OGILVIE, 1965, p. 23).

formar julgamentos dos antigos anais da República.[294] A tendência romana de se escrever história em uma estrutura anual se justificava pela própria origem dos relatos dos fatos desde meados do século IV a.C.[295] Esse tipo de estrutura é marcante na literatura latina, e vai ser seguida por vários autores ao longo dos séculos posteriores. De acordo com Beck (in: MARINCOLA, 2007, v. 1, p. 265), a tendência de se fazer historiografia por meio da estrutura analítica assinalava continuidade, segurança, e estabilidade institucional desde os primórdios de Roma até o período contemporâneo.

Lívio retomou a estrutura analítica que caracterizou a antiga historiografia romana, rejeitando o estilo monográfico de Salústio.[296] Os livros de *Ab urbe condita*, que contavam desde os primórdios de Roma, se tornavam maiores à medida em que a narrativa se aproximava dos dias próximos ao autor.[297] Além disso, como destaca Marincola (2007, v.2, p. 172), o fato dos livros contemporâneos serem mais detalhados seguiam a tradição iniciada por Éforo (e adotada por muito autores que escreveram longas narrativas historiográficas). Esse fato justificava-se até mesmo pelo maior interesse do público em eventos recentes, como o próprio Lívio deixou claro no prefácio de sua história (§4): *(...) et legentium plerisque haud dubito quin primae origines proximaque originibus minus praebitura uoluptatis sint, festinantibus ad haec noua (...)* "(...) à maioria dos leitores não tenho dúvida de que as primeiras origens e as partes próximas às origens serão motivo de pouco deleite, apressados para atingir estes nossos tempos (...)".[298]

Outro aspecto que também contribuía para esse aumento dos livros mais próximos da época do autor era a maior quantidade disponível de fontes do que as do período mais antigo, envolto em lendas e narrativas míticas. Para a primeira década (livros I a X), Lívio usou como fontes historiográficas sobretudo Fábio Pictor, Valério Antias (cronista do século I a.C., do período posterior a Sila) e Licínio Macer

[294] De fato, como destaca Forsythe (2005, p. 59), apenas Lívio e Dionísio de Halicarnasso deixaram uma quantidade substancial de material sobre a primitiva Roma, e ambos escreveram nas últimas décadas do século I a.C. Todos os outros autores que escreveram sobre o período remoto da história romana nos chegaram muito fragmentados.
[295] Cf. p. 11 sobre as tábulas com os eventos listados pelo pontífice máximo.
[296] Levene (in: MARINCOLA, 2007, v. 1, p. 280) destaca que já na Antiguidade havia o reconhecimento de que Salústio e Lívio representavam o ponto alto na historiografia do período republicano, e sempre foram considerados duas figuras contrastantes (como escreveu o próprio Quintiliano, Inst., II, 5, 18). Quintiliano (Inst., X, 1, 101) igualmente comparou Salústio com Tucídides, e Lívio com Heródoto. Em contexto latino, Salústio era o pessimista, desiludido com a corrupta política romana; Lívio, por sua vez, era o otimista (ingênuo até), que celebrava a antiga virtude romana em uma grande escala analítica (LEVENE, In: MARINCOLA, 2007, v. 1, p. 280).
[297] Lívio, dessa forma, coloca sua obra dentro da tradição de *ktisis*, ou seja, de contar os fatos desde a fundação da Urbe (cf. p. 10 deste trabalho).
[298] Tradução de João Angelo Oliva Neto (In: MARTINS, 2009, p. 160).

(proeminente político contemporâneo de Cícero).[299] Para narrar a expansão de Roma no Mediterrâneo, Lívio usou especialmente Políbio, de quem, mais do que outras fontes, tomou a visão unificada do mundo mediterrâneo e as relações entre Roma e os reinos helenísticos, sobretudo nos livros finais de *Ab urbe condita* (CONTE, 1999, p. 369).[300] Apesar desse uso de Políbio como fonte, Lívio rejeitava a sua visão pragmática da história.[301] As descrições do estilo de vida dos gauleses feitas por Políbio (II, 17 e ss.) foram bastante úteis a Lívio (RANKIN, 1996, p. 72). Lívio preferia acentuar o aspecto trágico da narrativa, embelezando e variando os acontecimentos de acordo com a retórica historiográfica de Cícero ao invés de se comprometer com o apuro historiográfico.[302] Sobre esse aspecto mais literário do que historiográfico de Lívio, Conte (1999, p. 369) lembra:

> It has often been emphasized that Livy does not appear to carry out his historical work on the basis of a careful critical evaluation of his sources. (…) Furthermore, he conspicuously fails to fill the gaps in the historiographic tradition by having recourse to other kinds of documentation, which may have been readily accessible; thus Livy makes very scant use of the documentation to be found in manuscripts and ancient inscriptions or of the results obtained by the scrupulous research of antiquarians from the previous generation, such as Atticus and Varro. Consequently, he has frequently been seen as a mere *exornator rerum*, whose chief concern is to amplify and embellish what he found in his source by dramatizing it, by giving it variety and movement. [303]

Lívio, como dissemos, priorizava o aspecto dramático em sua obra, mas sem deixar que essa característica se sobrepusesse aos fatos (CONTE, 1999, p. 372). Assim, para ele a história era assunto não só de razão, mas também de emoção, e devia respeitar os acontecimentos e os embelezar com as cores do estilo, de acordo com o que pregava Cícero.[304] Assim, Conte (1999, p. 372) pontua:

---

[299] Para detalhes sobre esses e outros autores (como L. Cássio Hemina e Q. Cláudio Quadrigário) cf. FORSYTHE, 2005, p. 62 e ss.

[300] Como destaca Oliver (In: BUGH, 2006. p. 115), o trabalho de Políbio foi base para partes relevantes da história de Lívio (especialmente os livros XXXI a CXLV).

[301] Para aprofundamento sobre o método de trabalho de Lívio, bem como as fontes utilizadas por ele, cf. Ogilvie (1965, p. 5 e ss.) e também Luce (1977).

[302] Cf. a concepção historiográfica de Cícero na página 78 e ss.

[303] "Frequentemente foi enfatizado que Lívio não parece realizar seu trabalho histórico com base em uma cuidadosa avaliação crítica de suas fontes. (...) Além disso, ele evidentemente falha em preencher as lacunas na tradição historiográfica ao recorrer a outros tipos de documentação, que possivelmente estariam facilmente disponíveis; portanto Lívio faz um uso muito escasso da documentação a ser encontrada em manuscritos e antigas inscrições ou de resultados obtidos em escrupulosa pesquisa de antiquários de uma geração anterior, como Ático e Varrão. Consequentemente, ele frequentemente foi visto como um mero *exornator rerum*, cuja principal preocupação era amplificar e ornamentar o que ele encontrou em sua fonte ao dramatizá-la, dando-lhe variedade e movimento."

[304] No próximo subcapítulo aprofundaremos a influência de Cícero na concepção historiográfica de Lívio.

> Livy conceives history not as a political study that explains attitudes and events and takes into account strategies of parties and factions, ideologies and material interests, but rather as a narrative that is conducted in terms of human personalities and representative individuals. The moral passion that marks such a conception derives in part from the Hellenistic historiographic tradition. This was probably the manner of historical interpretation that characterized the works, now lost, of historians such as Ephorus.[305]

Por conseguinte, Lívio julgava sua história mais como uma rica atividade retórica do que uma investigação da verdade, como ele colocou no prefácio (§6) do *Ab urbe cond.*: *quae ante conditam condendamue urbem poeticis magis decora fabulis quam incorruptis rerum gestarum monumentis traduntur, ea nec adfirmare nec refellere in animo est* ("as tradições que, antes de fundada a cidade ou de pensar-se em fundá-la, nos chegam adornadas mais pelas efabulações dos poetas do que por provas autênticas das ações realizadas, essas tradições não tenho em mente nem confirmar nem refutar.")[306] O maior propósito do historiador era o de mostrar que as qualidades morais e intelectuais dos personagens da narrativa tinham impacto decisivo nos eventos. Lívio considerava que os sucessos (e fracassos) dos romanos eram fundamentalmente explicados pelos valores que os personagens desempenhavam na narrativa dramática, como veremos a seguir, no próximo subcapítulo.

### 3.4.1 – Lívio e a concepção historiográfica ciceroniana

Lívio, como citado antes, foi o primeiro historiador de que temos notícia que não pertenceu à aristocracia senatorial romana, nem sequer teve um cargo militar.[307] A maior ocupação de sua vida foi a redação de *Ab urbe condita*, escrita respeitando vários dos pressupostos metodológicos preconizados por Cícero. Um desses fundamentos era sobre a *historia ornata*, ou seja, a história embelezada.[308] Ainda sobre o rico estilo de Lívio, Lintott (in: BOARDMAN et al., 1986, p. 645) lembra:

---

[305] "Lívio concebe história não como um estudo político que explica atitudes e eventos e que leva em conta estratégias de partidos e facções, ideologias e interesses materiais, mas sim como uma narrativa que é conduzida em termos de personalidades humanas e indivíduos representativos. A paixão moral que marca tal concepção deriva, em parte, da tradição historiográfica helenística. Essa era provavelmente a maneira de interpretação histórica que caracterizava os trabalhos, agora perdidos, de historiadores como Éforo."

[306] Tradução de Oliva Neto (In: MARTINS, 2009, p. 160).

[307] Cícero considerava que o orador, encarregado de escrever história, também deveria ser um homem público (cf. p. 77 deste trabalho). Ao contrário de todos os historiadores até então, Lívio foi o primeiro cidadão particular a se dedicar à história.

[308] Cf. p. 79-80.

> His resources in language and deployment of his material were everything that Cicero himself could have wished. Avoiding Sallustian abruptness, he yet contrived a swift and varied narrative built from a rich vocabulary and an immense flexibility of construction.[309]

Como destaca Sebastiani (in: JOLY, 2007, p. 84), Cícero também preconizava que o historiador deveria se ater exclusivamente à composição da narrativa, não necessariamente embasando seu texto em uma experiência própria ou vivência dos fatos – como preconizava Heródoto e Tucídides – ou se preocupando com uma abordagem pragmática, como fizera Políbio. Lívio buscou centrar-se nas ações humanas e nas suas consequências. Além disso, uma característica marcante na historiografia latina, que também tem destaque em Lívio, era a preocupação em analisar os fatos sob o prisma das questões morais, bem como fornecer vários *exempla* de boas (e más) condutas.[310] O próprio Lívio assim escreveu no prefácio (§10):

> *Hoc illud est praecipue in cognitione rerum salubre ac frugiferum, omnis te exempli documenta in inlustri posita monumento intueri; inde tibi tuaeque rei publicae quod imitere capias, inde foedum inceptu foedum exitu quod uites.*
>
> Isto é o que há de mais salutar e fecundo no conhecimento dos feitos históricos: contemplar lições de todo tipo, postas numa obra esclarecedora; ali para ti e para tua cidade verás o que imitar, ali o que é desonroso por princípio ou em seus efeitos verás, para evitar.[311]

Também sobre o papel pedagógico da história, assim afirma Sebastiani (in: JOLY, 2007, p. 95): "Fruto da arte retórica, na concepção ciceroniana a história identifica a instrução do leitor e a preservação da memória como meio de entretenimento deleitoso."[312] Devemos lembrar que Lívio, ao contrário do que preconizava Cícero, não se preocupou em fornecer exemplos com finalidades políticas ou relacionados à vida pública. Sem dúvida, com o novo sistema de governo iniciado com Otávio Augusto, esse tipo de exemplificação perdeu o sentido de existir. Por conseguinte, o grande foco de *Ab urbe condita* era o de ajudar o cidadão comum a se desenvolver moralmente, ao acompanhar os antigos feitos e como as virtudes (e os vícios) influenciavam no rumo dos acontecimentos. O uso de *exempla* por parte de Lívio confirmava a grande capacidade retórica pela qual ele foi elogiado e, como

[309] "Seus recursos de linguagem e o desenvolvimento do seu material foram tudo o que o próprio Cícero poderia ter desejado. Evitando a brusquidão salustiana, ele, porém, efetuou uma narrativa rápida e variada construída a partir de um rico vocabulário e uma imensa flexibilidade de construção."
[310] Também segundo Cícero, esses exemplos serviriam como meio de os homens melhorarem sua própria conduta (cf. p. 78 e 79).
[311] Tradução de Oliva Neto (In: MARTINS, 2009, p. 160).
[312] Para o que o próprio Cícero escreveu sobre isso, cf. na p. 78 o trecho de *Orador*, cap. 120.

destaca Chaplin (2000, p. 72), era um ponto central em sua visão de história: a capacidade de manipular a percepção de uma audiência sobre o passado vem da oratória; Lívio, porém, transformou essa característica em uma ferramenta de interpretação histórica. Os personagens de dentro do texto ensinavam os romanos de fora a verdade simples e direta do que Lívio considerava como o verdadeiro valor da história: as lições deveriam ser lidas e, então, imitadas ou evitadas (CHAPLIN, 2000, p. 77).[313]

Lívio, ao escrever sua história levando em conta tanto o aspecto retórico de fornecer exemplos, quanto o aspecto de deleitar seu público com uma narrativa extremamente trabalhada e dramatizada, aparentemente alcançou enorme sucesso ainda em vida, caso possamos confiar nas fontes a esse respeito (embora posteriores ao autor).[314] *Ab urbe condita*, por todas as características mencionadas anteriormente, de certa forma virou uma espécie de "épica" nacional que eclipsou todos os anais anteriores, que descreviam os fatos ocorridos ano a ano (SEBASTIANI, In: JOLY, 2007, p. 88).

### 3.4.2 – A ideologia política em Lívio

O regime político de Augusto, aparentemente, não tentou controlar as obras historiográficas como fez com a poesia. Virgílio, Horário, entre outros, em seus versos celebravam a nova forma de governo como um renascimento moral romano (MARTIN; GAILLARD, 1981, p. 124). Lívio, porém, já no prefácio de sua obra, deixava entrever um pouco do seu pessimismo.[315] Temos um exemplo no prefácio (§4):

> *Res est praeterea et immensi operis, ut quae supra septingentesimum annum repetatur et quae ab exiguis profecta initiis eo creuerit ut iam magnitudine laboret sua; et legentium plerisque haud dubito quin primae origines proximaque originibus minus praebitura uoluptatis sint, festinantibus ad haec noua quibus iam pridem praeualentis populi uires se ipsae conficiunt.*
>
> A história de Roma é, além disso, digna de grande esforço já que remonta para mais de 700 anos, e porque a Cidade, partindo de exíguos inícios, a tal ponto cresceu, que já padece de sua própria grandeza; e à maioria dos leitores não tenho dúvida de que as primeiras origens e as partes próximas às origens

[313] Para discussão profunda sobre o papel dos *exempla* em Lívio recomendamos o livro de Chaplin (2000).
[314] Dentre autores da Antiguidade que elogiaram Lívio, temos Sêneca (*De ira*, I,20,6); Plínio, o Jovem (*Ep*., II,3,8), Tácito (*Ann*., IV,34,3) e Quintiliano (*Inst*., X, 1,101).
[315] Para maior aprofundamento sobre o pessimismo em Lívio e na historiografia latina, cf. MARTIN; GAILLARD, 1981, p. 123 a 125.

> serão motivo de pouco deleite, apressados para atingir estes nossos tempos, em que as forças de um povo antes altivo já se destroem a si mesmas.[316]

Acima Lívio deixou claro que Roma já estava em declínio durante a sua época, sofrendo com a própria grandeza. De fato, o historiador não chegou a ser opositor de Augusto, mas também não era um entusiasta do novo tipo de governo (CONTE, 1999, p. 369). Tácito (*Ann.*, IV, 34) contou que Augusto chegou a fazer um comentário jocoso sobre Lívio, chamando-o de pompeiano, pelo fato de o historiador ter certa nostalgia pelos ideais republicanos que foram, inclusive, refletidos em sua obra.[317] Contudo, como a parte de *Ab urbe condita* que narrava sobre a guerra civil entre Pompeu e César se perdeu, não é possível saber até que ponto Lívio defendeu os ideais republicanos.[318] Como Conte (1999, p. 370) ressalta, através do próprio Tácito ainda foi possível saber que Lívio elogiou Pompeu e foi respeitoso em relação aos oponentes de César, incluindo aí os seus assassinos Bruto e Cássio. Tal fato não era assim tão temerário, pois Augusto – especialmente após a reforma constitucional de 27 a.C. – gostaria de ser visto pelo povo mais como o restaurador da antiga república do que como herdeiro de César. Também era um ponto a favor de Lívio o fato de ele ter se preocupado em narrar fatos entremeados de exemplos morais para os cidadãos, o que ia ao encontro da política de Augusto de restabelecer os tradicionais valores morais e religiosos dos romanos. Todavia, Lívio deixa claro que o novo regime instaurado com Augusto não era uma volta à era de ouro, tão alardeada por Virgílio. Um exemplo disso encontra-se no prefácio de *Ab urbe condita* (§9):

> *ad illa mihi pro se quisque acriter intendat animum, quae uita, qui mores fuerint, per quos uiros quibusque artibus domi militiaeque et partum et auctum imperium sit; labente deinde paulatim disciplina uelut desidentes primo mores sequatur animo, deinde ut magis magisque lapsi sint, tum ire coeperint praecipites, donec ad haec tempora quibus nec uitia nostra nec remedia pati possumus peruentum est.*
>
> Cada um deve, ao meu ver, com o máximo de si, dirigir vivamente a atenção a outros assuntos: que vida e que costumes tiveram os antigos romanos, por meio de que homens e com que meios, na paz e na guerra, o império surgiu e cresceu; em seguida, fraquejando aos poucos a disciplina, dever-se-ia rastrear

[316] Tradução de Oliva Neto (In: MARTINS, 2009, p. 160).

[317] Tácito narrou esse episódio no contexto da defesa de Cremúcio Cordo, então acusado de crime contra o governo por ter publicado uma obra historiográfica na qual elogiava Bruto e Cássio. Cremúcio então discursou, falando assim: "(...) Dizem que elogiei a Bruto e Cássio, cujos feitos já muitos memoraram, ninguém sem louvores. Tito Lívio, entre os mais assinalados por sua eloquência e lealdade, com tanto calor exaltou Cn. Pompeu que Augusto lhe chamou pompeano, e isto não prejudicou a sua recíproca amizade. (...)" Para esse trecho, utilizamos a tradução feita por Pereira (TÁCITO, 1964, p. 163).

[318] Martin (2000, p. 112-124), analisando os resumos das *Periochae*, faz uma interessante discussão sobre Lívio como cesariano ou pompeiano.

> como os costumes, de início, soltos, por assim dizer, depois cada vez mais relaxaram e então começaram a ir por terra, até chegar-se a estes tempos, em que não podemos suportar nem nossos vícios nem seus remédios.[319]

Nota-se pelo trecho acima que Lívio percebia que a antiga virtude dos romanos foi, com o tempo, sendo perdida, até chegar à sua fase, na qual não podiam ser suportados nem "os vícios nem seus remédios". Para ele, a crise das recentes guerras civis não tinha sido solucionada de forma completamente satisfatória, e nem o principado era a solução milagrosa que salvaria Roma de seu declínio (CONTE, 1999, p. 370 e 371). Além disso, Lívio deixou claro que queria falar de assuntos relacionados à vida e costumes dos romanos, rejeitando o caráter pragmático da história.

Outro trecho que sintetiza o que discutimos acima está também no prefácio (§11):

> *Ceterum aut me amor negotii suscepti fallit, aut nulla unquam res publica nec maior nec sanctior nec bonis exemplis ditior fuit, nec in quam [ciuitatem] tam serae auaritia luxuriaque immigrauerint, nec ubi tantus ac tam diu paupertati ac parsimoniae honos fuerit.*
>
> De resto, ou o amor do empreendimento me engana ou nunca Estado algum houve nem maior nem mais íntegro, nem mais rico de bons exemplos, nem cidade à qual imigraram tão tardios a ganância e o excesso, e onde se prestou tão grande honra e por tanto tempo à frugalidade e parcimônia.[320]

Embora deixasse claro o seu desencanto com o principado, Lívio, contudo, apoiava a supremacia romana e o seu domínio sobre os outros povos. No prefácio, temos (§7):

> *Datur haec uenia antiquitati ut miscendo humana diuinis primordia urbium augustiora faciat; et si cui populo licere oportet consecrare origines suas et ad deos referre auctores, ea belli gloria est populo Romano ut cum suum conditorisque sui parentem Martem potissimum ferat, tam et hoc gentes humanae patiantur aequo animo quam imperium patiuntur.*
>
> É dada esta vênia aos antigos, para que, reunindo ações humanas às divinas, tornem mais venerável o primórdio das cidades, e se a algum povo se deve permitir consagrar suas origens e os deuses referir como fundadores, a glória do povo romano é tal que, quando apontam o poderosíssimo Marte como pai e pai de seu fundador, os povos não só aceitam isso de bom grado, como também aceitam o império.[321]

[319] Novamente recorremos à tradução de Oliva Neto (In: MARTINS, 2009, p. 160). Lívio também deixa entrever seu desgosto com a época em que vivia no Prefácio, § 4, 11 e 12.
[320] Tradução de Oliva Neto (In: MARTINS, 2009, p. 160).
[321] Tradução de Oliva Neto (In: MARTINS, 2009, p. 160).

Lívio legitimou a soberania romana afirmando que a origem da urbe era a mais venerável e, por conseguinte, o povo era o mais glorioso. Nota-se uma grande mudança de mentalidade sobre a motivação imperialista do período republicano (e que perdurou até Cícero) para a fase do principado. Se antes o domínio era legitimado pela honestidade com que Roma exercia sua autoridade, e até por uma "guerra justa" contra os inimigos, em Lívio percebemos que essa legitimação se devia à glória romana e também às suas origens eminentes e divinas. O povo romano estaria "destinado" a imperar porque era o melhor, e as próprias nações subjugadas, reconhecendo esse "direito", de bom grado aceitariam o império.[322] Nos trechos que restaram de sua obra é possível identificar passagens que justificavam isso, sobretudo da forte cooperação entre a *Fortuna* (em sua essência, a divina providência) e a *uirtus* do povo romano; nenhum povo poderia fazer frente ao romano, já que nenhum povo poderia dispor de uma força moral comparável à autoridade em que Roma fora fundada (CONTE, 1999, p. 371).[323]

## 3.5 – Estudo de trechos selecionados do *Ab urbe condita*

Tito Lívio retratou os celtas de forma bem diferente do que fizera César. Ele foi bastante enfático em ressaltar toda a barbárie e selvageria desse povo (e também de qualquer outra nação rival de Roma), e isso se justificava pelo caráter majoritariamente moralista e nacionalista de sua obra. Evidentemente, os gauleses também tinham sua ferocidade exacerbada, bem como estereótipos de comportamentos bélicos, como uma forma de abrilhantar as vitórias romanas. Assim, Lívio buscou sempre enfatizar o caráter inferior tanto da cultura quanto da moral dos inimigos e passou longe de uma generosa descrição (ou isenta até de julgamento) como o fizera César no *De bello Gallico*.

Para ilustrar o que descrevemos acima, vamos começar analisando o livro V de *Ab urbe condita*, que fala dos acontecimentos que vão da migração dos gauleses para a Itália até o saque de Roma. Assim, temos (*Ab urbe cond.*, V, 34):

[322] No subcapítulo 2.1.2 (o romano como o povo-rei e a justificativa ideológica da expansão imperialista) levantamos essa discussão sobre os motivos que os romanos usavam para legitimar a conquista sobre outros povos. Conferir especialmente p. 95-96.
[323] De acordo com o §4 do prefácio, Lívio deixou claro que o único que poderia derrotar o romano era o próprio romano (cf. p. 155).

*De transitu in Italiam Gallorum haec accepimus: Prisco Tarquinio Romae regnante, Celtarum, quae pars Galliae tertia est, penes Bituriges summa imperii fuit: ii regem Celtico dabant. Ambigatus is fuit, uirtute fortunaque cum sua tum publica praepollens, quod in imperio eius Gallia adeo frugum hominumque fertilis fuit ut abundans multitudo uix regi uideretur posse. Hic, magno natu ipse, iam exonerare praegrauante turba regnum cupiens, Bellouesum ac Segouesum sororis filios impigros iuuenes missurum se esse in quas di dedissent auguriis sedes ostendit; quantum ipsi uellent numerum hominum excirent ne qua gens arcere aduenientes posset. Tum Segoueso sortibus dati Hercynei saltus; Belloueso haud paulo laetiorem in Italiam uiam di dabant. Is quod eius ex populis abundabat, Bituriges, Aruernos, Senones, Haeduos, Ambarros, Carnutes, Aulercos exciuit. Profectus ingentibus peditum equitumque copiis in Tricastinos uenit. Alpes inde oppositae erant; quas inexsuperabiles uisas haud equidem miror, nulladum uia, quod quidem continens memoria sit, nisi de Hercule fabulis credere libet, superatas. Ibi cum uelut saeptos montium altitudo teneret Gallos, circumspectarentque quanam per iuncta caelo iuga in alium orbem terrarum transirent, religio etiam tenuit, quod allatum est aduenas quaerentes agrum ab Saluum gente oppugnari. Massilienses erant ii, nauibus a Phocaea profecti. Id Galli fortunae suae omen rati, adiuuere ut quem primum in terram egressi occupauerant locum patientibus Saluis communirent. Ipsi per Taurinos saltus quiete Alpis transcenderunt; fusisque acie Tuscis haud procul Ticino flumine, cum in quo consederant agrum Insubrium appellari audissent cognominem Insubribus pago Haeduorum, ibi omen sequentes loci condidere urbem; Mediolanium appellarunt.*

Sobre a vinda dos gauleses para a Itália, conhecemos isto: *enquanto Tarquínio Prisco era rei em Roma*, estiveram os maiores domínios dos celtas em poder dos bitúriges (que compõem a terça parte da Gália), e foram esses que deram um rei ao povo céltico. Foi ele Ambigato, então muito poderoso pela virtude e fortuna sua e do seu povo; no governo dele, *a Gália até então fora tão fértil em cereais e homens que com custo tamanha multidão pareceria ser governada*. Ele, estando idoso e já desejando livrar o reino de uma desordem generalizada, anunciou haver de enviar Beloveso e Segoveso, filhos da sua irmã e jovens diligentes, para as moradas que os deuses lhes mostrariam por meio de augúrios. Eles mesmos deveriam chamar o número de homens que quisessem, de modo que nenhuma nação pudesse repelir a sua chegada. Assim, a Segoveso foi dada pelos oráculos a *floresta Hercínia*; a Beloveso, os deuses concederam um *caminho mais favorável para a Itália*. Beloveso chamou o excedente dos seus povos: bitúriges, arvernos, sênones, éduos, ambarros, carnutos e aulercos. Partindo com grandes tropas de soldados e cavaleiros, chegou até aos tricastinos.[324] Nesse lugar estavam opostos os Alpes; sem dúvida não me espanto que eles pareçam insuperáveis, já que por nenhuma estrada foram cortados – como certamente temos na memória – a não ser que se acredite nas narrativas sobre Hércules. Nesse local, como a altura das montanhas mantivesse os gauleses retidos, eles examinavam os arredores por onde haveriam de passar, através de cimos quase unidos ao céu, para outro mundo de terras. Também a religião os retinha, pois lhes fora anunciado que estrangeiros desejosos de terra eram atacados pelo povo salúvio.[325] Esses estrangeiros eram os marselheses, que vieram da Foceia em navios. Os gauleses, considerando isso o presságio de sua sorte, os ajudaram a fortificar o primeiro local que ocuparam ao chegar a essa terra, sendo os salúvios suportados. Eles mesmos atravessaram

[324] Povo da Gália Narbonense.

[325] Ogilvie (1965, p. 711) diz que o termo correto em latim para os salvos era *salluvii* (salúvios), povo que vivia entre o Ródano e os Alpes marítimos. A confusão de salúvios por salvos se justifica pela influência grega, já que nessa língua essa nação era conhecida como Σάλλυες. Mantivemos a tradução como salúvio em todas as passagens em que Lívio menciona essa tribo.

> tranquilamente os Alpes através do desfiladeiro taurino;[326] tendo expulsado os etruscos em uma batalha não muito longe do rio Ticino, ouviram que eles se encontravam naquele local que era chamado campo dos ínsubres, o nome da povoação dos ínsubres e dos éduos. Nesse lugar, seguindo eles o presságio, fundaram uma cidade que chamaram de Mediolano.[327] (grifos nossos)

A migração dos gauleses, segundo Lívio, fora motivada pela grande multidão de pessoas, o que levaria a uma superpopulação e também ao caos. O trecho acima menciona que a Gália era muito fértil em terras e homens; somente Lívio citou essa motivação única e inacreditável de campo fecundo para uma migração; as outras fontes, como o próprio César, apontaram que o motivo foi a escassez de território.[328] Possivelmente Lívio se confundiu e acabou falando em fertilidade de terra e de homens, quando o mais provável seria apenas fertilidade de homens (OGILVIE, 1965, p. 708). Lívio situou esse acontecimento no reinado de Tarquínio Prisco, ou seja, por volta de 600 a.C. Os bitúriges eram considerados por Lívio como os líderes dos celtas, que compunham a terceira parte da Gália, o que imediatamente remete ao famoso proêmio do *De bello Gallico*. Como Ogilvie (1965, p. 707) pontua, apenas César e Lívio consideravam os celtas como sendo aqueles que habitavam a área central da Gália, entre os rios Garona e Marne. Em todos os outros que escreveram a esse respeito, os termos gaulês e celta eram usados indistintamente para todo o conjunto étnico das nações da Gália. Lívio também destacou que uma parte desses celtas se estabeleceram nas proximidades da floresta Hercínia. César também mencionou o fato de gauleses, motivados pela grande população e escassez de terra, terem estabelecido colônias próximas à floresta Hercínia.[329] Lívio ainda ressaltou que o oráculo, indicando o caminho da Itália, foi mais favorável a Beloveso do que a Segoveso. De fato, a floresta Hercínia, próxima do Reno, estava bastante perto dos germanos e, por isso, era uma localidade menos agradável tanto pela própria ferocidade dos germanos quanto pelo clima adverso. Ogilvie (1965, p. 713) detalha sobre esses povos citados nesse trecho (éduos, sênones, arvernos, etc.); o conflito entre etruscos e gauleses na última metade do século V a.C. foi confirmado por meio de estelas funerárias de Bolonha.

Destacamos também o seguinte trecho (V, 35):

[326] Esse desfiladeiro taurino estaria próximo de onde hoje é a cidade de Turim (Ogilvie, 1965, p. 712)
[327] Atual Milão.
[328] Cf. *BGall.*, VI, 24, na p. 128.
[329] Cf. novamente o *BGall.*, VI, 24.

> *Alia subinde manus Cenomanorum Etitouio duce uestigia priorum secuta eodem saltu fauente Belloueso cum transcendisset Alpes, ubi nunc Brixia ac Verona urbes sunt locos tenuere. Libui considunt post hos Salluuiique, prope antiquam gentem Laeuos Ligures incolentes circa Ticinum amnem. Poeninum deinde Boii Lingonesque transgressi, cum iam inter Padum atque Alpes omnia tenerentur, Pado ratibus traiecto non Etruscos modo sed etiam Vmbros agro pellunt; intra Appenninum tamen sese tenuere. Tum Senones, recentissimi aduenarum, ab Vtente flumine usque ad Aesim fines habuere. Hanc gentem Clusium Romamque inde uenisse comperio; id parum certum est, solamne an ab omnibus Cisalpinorum Gallorum populis adiutam. Clusini nouo bello exterriti, cum multitudinem, cum formas hominum inuisitatas cernerent et genus armorum, audirentque saepe ab iis cis Padum ultraque legiones Etruscorum fusas, quamquam aduersus Romanos nullum eis ius societatis amicitiaeue erat, nisi quod Veientes consanguineos aduersus populum Romanum non defendissent, legatos Romam qui auxilium ab senatu peterent misere. De auxilio nihil impetratum; legati tres M. Fabi Ambusti filii missi, qui senatus populique Romani nomine agerent cum Gallis, 'ne, a quibus nullam iniuriam accepissent, socios populi Romani atque amicos oppugnarent. Romanis eos bello quoque, si res cogat, tuendos esse; sed melius uisum bellum ipsum amoueri, si posset, et Gallos nouam gentem pace potius cognosci quam armis'.*
>
> Logo depois outro grupo de cenomanos, tendo por líder Etitovio, seguiu os passos dos precedentes e, com a ajuda de Beloveso, atravessou os Alpes pelo mesmo desfiladeiro; esse grupo ocupou os lugares onde hoje estão as cidades de Bríxia e Verona. Os líbuos se estabeleceram depois desses, e também os salúvios, perto da antiga tribo dos levos lígures que habitavam próximo ao rio Ticino.[330] Em seguida, tendo os boios e os língones atravessado os Apeninos, como já estivessem ocupadas todas as terras entre o rio Pó e os Alpes, com barcos atravessaram o Pó e expulsaram da terra não só os etruscos mas também os umbros; contudo, eles se estabeleceram nos limites dos Apeninos. Então os sênones, que vieram por último, tomaram o território do rio Utente até o rio Ésis. Eu soube que foi essa a tribo que veio até Clúsio e de lá para Roma; o que parece pouco certo é se eles contaram ou não com o apoio de todos os povos da Gália Cisalpina. Os clusinos, aterrorizados com essa guerra singular, ao ver a multidão de figuras desconhecidas tanto de homens quanto de tipo de armas, e ouvindo que por várias vezes as tropas dos etruscos foram dispersadas do lado de cá e do lado de lá do Pó, enviaram emissários a Roma para que pedissem auxílio ao senado, embora não tivessem com os romanos nenhum direito de aliança ou amizade – com exceção do fato de eles não terem defendido os seus parentes de Veios contra o povo romano. Sobre o auxílio, nada foi obtido; porém, foram enviados três legados, filhos de Marco Fábio Ambusto, para que em nome do senado e do povo romano tivessem com os gauleses, "para que não lutassem contra os aliados e amigos do povo romano, pois não tinham recebido deles nenhuma injúria. Pelos romanos eles seriam defendidos através da guerra, se algo se sucedesse; mas parecia melhor a própria guerra ser evitada, se pudesse, e que os gauleses, uma gente recém conhecida, fossem conhecidos mais pela paz do que pelas armas".

Lívio mencionou essas sucessivas levas migratórias dos gauleses (cenomanos, líbuos, boios, língones e os sênones) de forma condensada; de acordo com Ogilvie (1965, p. 713), esses deslocamentos ocorreram num intervalo temporal de 200 anos. Lívio para esse trecho usou como fonte Políbio (II, 17), com algumas poucas

[330] Os líbuos eram uma tribo gaulesa, e os levos era uma nação lígure; ambos viviam onde hoje está a riviera francesa e italiana (OGILVIE, 1965, p. 714).

modificações. No capítulo acima, começa a se desenrolar a ação que vai culminar na derrota dos romanos por parte dos gauleses. Abaixo, a sequência dos eventos (V, 36):

> *Mitis legatio, ni praeferoces legatos Gallisque magis quam Romanis similes habuisset. Quibus postquam mandata ediderunt in concilio Gallorum datur responsum, 'etsi nouum nomen audiant Romanorum, tamen credere uiros fortes esse quorum auxilium a Clusinis in re trepida sit imploratum; et quoniam legatione aduersus se maluerint quam armis tueri socios, ne se quidem pacem quam illi adferant aspernari, si Gallis egentibus agro, quem latius possideant quam colant Clusini, partem finium concedant: aliter pacem impetrari non posse. Et responsum coram Romanis accipere uelle et, si negetur ager, coram iisdem Romanis dimicaturos, ut nuntiare domum possent quantum Galli uirtute ceteros mortales praestarent'. 'Quodnam id ius esset agrum a possessoribus petere aut minari arma' Romanis quaerentibus 'et quid in Etruria rei Gallis esset', cum illi 'se in armis ius ferre et omnia fortium uirorum esse' ferociter dicerent, accensis utrimque animis, ad arma discurritur et proelium conseritur. Ibi, iam urgentibus Romanam urbem fatis, legati contra ius gentium arma capiunt. Nec id clam esse potuit, cum ante signa Etruscorum tres nobilissimi fortissimique Romanae iuuentutis pugnarent: tantum eminebat peregrina uirtus. Quin etiam Q. Fabius, euectus extra aciem equo, ducem Gallorum, ferociter in ipsa signa Etruscorum incursantem, per latus transfixum hasta occidit; spoliaque eius legentem Galli agnouere, perque totam aciem Romanum legatum esse signum datum est. Omissa inde in Clusinos ira, receptui canunt minantes Romanis. Erant qui extemplo Romam eundum censerent; uicere seniores, ut legati prius mitterentur questum iniurias postulatumque ut pro iure gentium uiolato Fabii dederentur. Legati Gallorum cum ea sicut erant mandata exposuissent, senatui nec factum placebat Fabiorum et ius postulare barbari uidebantur; sed ne id quod placebat decerneret in tantae nobilitatis uiris ambitio obstabat. Itaque, ne penes ipsos culpa esset [cladis forte Gallico bello acceptae], cognitionem de postulatis Gallorum ad populum reiciunt: ubi tanto plus gratia atque opes ualuere ut, quorum de poena agebatur, tribuni militum consulari potestate in insequentem annum crearentur. Quo facto haud secus quam dignum erat infensi Galli, bellum propalam minantes, ad suos redeunt. Tribuni militum cum tribus Fabiis creati Q. Sulpicius Longus Q. Seruilius quartum P. Cornelius Maluginensis.*

> A delegação seria pacífica, se não fossem *os emissários tão violentos que mais parecessem gauleses do que romanos*. A eles, depois que anunciaram os assuntos ordenados no conselho dos gauleses, foi dada a seguinte resposta: "ainda que escutassem pela primeira vez o nome dos romanos, contudo acreditavam que eles eram os homens fortes aos quais pelos clusinos tenha sido implorado o auxílio em uma ocasião alarmante; como eles preferiram defender os aliados mais com uma embaixada do que com armas, na verdade eles não haveriam de recusar a paz se, *aos gauleses necessitados de terra, os clusinos concedessem uma parte do território, já que eles possuíam mais terra*; de outra maneira, a paz não poderia ser obtida. Desejavam receber a resposta diante dos romanos e, se a terra fosse negada, diante dos mesmos romanos eles haveriam de combater, de modo que eles pudessem anunciar à sua pátria o quanto *os gauleses ultrapassavam os outros mortais em valor*." Os romanos perguntaram: "que interesse tinham os gauleses na Etrúria?" *Como eles respondessem ferozmente* que "*tinham o direito através das armas, e tudo pertencia aos homens mais fortes*", dessa forma os ânimos de um e outro lado se inflamaram. Eles correram para as armas e travaram combate. Então, já *estando a urbe romana próxima ao seu destino funesto, os emissários, contra o direito das nações, empunharam as armas*. Isso não pôde ser feito às escondidas, já que os três homens nobres e fortíssimos da juventude romana lutavam diante dos estandartes dos etruscos, e muito se

> elevava o valor estrangeiro. Ainda mais que Quinto Fábio, levado com o cavalo para além da batalha, matou o líder dos gauleses que ferozmente se lançava contra os estandartes dos etruscos, transpassando-lhe o flanco com uma lança. Os gauleses o reconheceram pegando os despojos, e por toda a batalha foi dada a notícia de ele ser o emissário dos romanos. Então a ira contra os clusinos foi deixada de lado, e eles se afastaram gritando ameaças contra os romanos. Eles estavam decididos a partir imediatamente para Roma; porém venceram os anciões, para *que antes fossem enviados emissários para reclamar das injúrias* e requerer que os Fábios lhes fossem entregues, devido ao direito violado das nações. Os emissários dos gauleses comunicaram esses assuntos conforme o ordenado; ao senado não agradou a ação dos Fábios, e *eles reconheceram como sendo justo o pedido dos bárbaros*. Contudo, a condescendência por homens de tamanha nobreza fazia oposição para que não fosse decidido o que agradava ao senado. Assim, para que a culpa não caísse sobre o mesmo (caso uma guerra gaulesa causasse destruição), o senado passou para o povo a decisão sobre os pedidos dos gauleses. Como a influência e o recurso valessem mais do que o que fora discutido sobre a sua punição, eles foram eleitos tribunos militares, com poder consular, para o ano seguinte. Irritados com esse fato indigno, os gauleses, ameaçando abertamente uma guerra, voltaram para os seus. Foram eleitos tribunos militares, junto com os três Fábios, Quinto Sulpício Longo, Quinto Servílio (pela quarta vez) e Públio Cornélio Maluginense. (grifos nossos)

No começo desse capítulo Lívio já deixou claro o desprezo com que considerava os celtas, dizendo que os emissários eram tão violentos que mais pareciam gauleses do que romanos (*Gallis magis quam Romanis similes*). Podemos também ver que Lívio, ao fazer esse comentário logo no início, de certa forma já adianta o (péssimo) rumo que a situação vai tomar. A resposta dada pelos celtas para justificar o assédio a Clúsio vai de acordo com a justificativa da questão do desejo pela terra: *aos gauleses necessitados de terra, os clusinos concedessem uma parte do território, já que eles possuíam mais terra*. Essa era a explicação mais comum para as suas migrações. Os gauleses também afirmam que *ultrapassavam os outros mortais em valor* (*uirtus*). Já sabendo de antemão que logo em seguida eles saqueariam Roma, podemos estabelecer uma relação com César, que dissera que os gauleses há muito tempo superavam os germanos em bravura, mas que na sua época eles tinham perdido sua *uirtus*.[331] Temos um novo reforço da ideia da barbárie gaulesa, pois eles apelam para a violência, ao responder *ferozmente* (*ferociter dicerent*) que *tinham o direito através das armas, e tudo pertencia aos homens mais fortes* (*se in armis ius ferre et omnia fortium uirorum esse*). Nesse ponto Lívio já deixa entrever o futuro nefasto de Roma, dizendo que a urbe ficou perto do seu *destino funesto* (*iam urgentibus Romanam urbem fatis*), a partir do momento em que os

[331] Cf. *De bello Gallico* (VI, 24), p. 128. Lívio, narrando fatos muito recuados no tempo, escreveu que os gauleses excediam em virtude, até para justificar a derrota romana sofrida em 390 a.C. Em César, que escreveu os acontecimentos que lhe eram contemporâneos, o novo modelo de *uirtus* primitiva se encontrava nos germanos, e não mais nos gauleses (cf. p. 129).

*emissários, contra o direito das nações, empunharam as armas* (*legati contra ius gentium arma capiunt*). Aqui também temos um exemplo da trágica inevitabilidade no rumo dos acontecimentos, pois fica claro que, nesse caso, os celtas tinham o direito e a legalidade do lado deles. Curioso notar que, embora os gauleses sejam retratados como bárbaros, eles decidem primeiramente enviar uma embaixada a Roma (como era costume das nações ditas civilizadas), refreando o impulso de imediatamente rumar para atacar os romanos, mesmo com o grave desrespeito cometido pelos emissários. O próprio senado de Roma não gostou da ação dos Fábios, e considerou justa a queixa dos gauleses. Todavia, eles se abstiveram de assumir a responsabilidade, passando essa decisão para o povo. Os Fábios, além de não serem penalizados, ainda por cima receberam a honra de serem eleitos tribunos militares e isso irritou ainda mais os gauleses.

Lívio então continua a narração dos acontecimentos (V, 37):

> *Cum tanta moles mali instaret – adeo occaecat animos Fortuna, ubi uim suam ingruentem refringi non uolt – ciuitas quae aduersus Fidenatem ac Veientem hostem aliosque finitimos populos ultima experiens auxilia dictatorem multis tempestatibus dixisset, ea tunc, inuisitato atque inaudito hoste ab Oceano terrarumque ultimis oris bellum ciente, nihil extraordinarii imperii aut auxilii quaesiuit. Tribuni quorum temeritate bellum contractum erat summae rerum praeerant, dilectumque nihilo accuratiorem quam ad media bella haberi solitus erat, extenuantes etiam famam belli, habebant. Interim Galli, postquam accepere ultro honorem habitum uiolatoribus iuris humani elusamque legationem suam esse, flagrantes ira cuius impotens est gens, confestim signis conuolsis citato agmine iter ingrediuntur. Ad quorum praetereuntium raptim tumultum cum exterritae urbes ad arma concurrerent fugaque agrestium fieret, 'Romam se ire' magno clamore significabant quacumque ibant, equis uirisque longe ac late fuso agmine immensum obtinentes loci. Sed antecedente fama nuntiisque Clusinorum, deinceps inde aliorum populorum, plurimum terroris Romam celeritas hostium tulit, quippe quibus uelut tumultuario exercitu raptim ducto aegre ad undecimum lapidem occursum est, qua flumen Allia, Crustuminis montibus praealto defluens alueo, haud multum infra uiam Tiberino amni miscetur. Iam omnia contra circaque hostium plena erant et nata in uanos tumultus gens truci cantu clamoribusque uariis horrendo cuncta compleuerant sono.*
>
> Como tamanho mal estivesse iminente – de tal forma a *Fortuna cega os ânimos, quando ela não quer que a sua vontade de agir seja reprimida* – a cidade, que outrora contra os inimigos de Fidena e de Veios, e contra outros povos vizinhos, experimentando muitas calamidades, recorreu a um ditador para supremos auxílios, dessa vez a cidade, diante de um inimigo novo e estranho, que buscava a guerra vindo do oceano e dos últimos recantos das terras, não recorreu a nenhum poder extraordinário ou auxílio. Os *tribunos, cuja temeridade provocou a guerra, estavam à frente do supremo comando e, considerando nada mais cuidadosamente do que já fosse o usual para as guerras comuns, menosprezaram ainda o perigo da guerra*. Nesse meio tempo os gauleses, quando souberam que fora concedida tal honra aos violadores do direito das nações e, além disso, que tinha sido frustrada a sua embaixada, inflamados pela *ira (que esse povo é incapaz de controlar)*,

> imediatamente tomaram os estandartes e marcharam pelo caminho com fileira apressada. Como *ao tumulto deles que passavam* precipitadamente, as *comunidades aterrorizadas* corriam às armas e os camponeses buscavam a fuga, com *grande clamor* eles anunciavam "vamos a Roma". Por onde quer que passassem, com a fileira ocupavam imenso lugar, com os cavalos e tropas se espalhando em comprimento e largura. Mas mesmo antes do rumor e dos mensageiros dos clusinos, e também dos mensageiros dos outros povos, foi a rapidez dos inimigos que trouxera o terror a Roma; certamente porque o seu exército fora recrutado às pressas e, mesmo rapidamente conduzido, com dificuldade ele avançou onze milhas, até onde o rio Ália, descendo dos montes crustúmios por um canal muito profundo, se unia à corrente tiberina não muito abaixo do curso. *Já todos os locais em frente e ao redor estavam repletos de inimigos e esse povo, dado a tumultos vãos, com canto cruel e vários gritos preenchiam tudo com horrendo clamor*. (grifos nossos)

Mais uma vez a sorte desempenha papel importante no desenrolar da ação; é ela que justifica as mudanças repentinas nas situações narradas (favorecendo um ou outro lado) e é um fator imponderável, ou seja, que está além das habilidades do homem de prever e de racionalizar algum acontecimento.[332] Nesse trecho, então, é a *fortuna cega* que explica o fato dos romanos, mesmo diante de grande perigo, não recorrerem a um ditador ou outras medidas emergenciais.[333] Lívio também atribuiu a culpa de tal calamidade aos próprios Fábios, *cuja temeridade provocou a guerra*, já que eles não só empunharam armas quando eram emissários (indo contra o que era de direito) mas também fizeram uma péssima avaliação da situação, pois consideraram essa como sendo uma guerra banal, e *menosprezaram ainda o perigo da guerra*. Podemos relacionar também esse trecho ao que apareceu no capítulo 36, no qual os Fábios, por causa da sua violência, se pareciam mais com gauleses do que com romanos.[334] Aqui, podemos citar que a falta de discernimento dos Fábios frente a tamanho perigo lembra o estereótipo do gaulês que não raciocina direito.[335] Lívio usou o próprio termo *temeritas* (relacionado aos gauleses) para descrever a postura dos tribunos. Quanto à caracterização do gaulês, um *tópos* que Lívio citou no trecho foi o da ira, que o gaulês é *incapaz de controlar*, e que apareceu também em César.[336] A carga dramática se acentua na descrição da marcha dos celtas, em que Lívio enfatizou o alvoroço provocado por eles (*ao tumulto deles que passavam*), bem como o terror que causavam pelo seu caminho. Temos repetição do adjetivo *exterritus*, usado no trecho acima para descrever as comunidades aterrorizadas (*exterritae urbes*) e que também apareceu para

[332] Falamos do papel da fortuna na historiografia latina também na p. 121 e 122.
[333] Esse trecho ecoa o destino funesto a que Roma se dirigia, citado em V, 36 (cf. p. 166 e 167).
[334] Cf. p. 166.
[335] Era bastante comum o *tópos* do gaulês leviano e de volúvel decisão; cf. *BGall.*, IV, 5, p. 132.
[336] César escreveu que *a ira e temeridade eram especialmente inatas nessa espécie de homens* (*BGall.*, VII, 42), cf. p. 133. Políbio (II, 35,3) também falou sobre a ira dos gauleses.

descrever os clusinos aterrorizados (*Clusini exterriti*).[337] O capítulo termina em um suspense dramático, com vários *tópoi* relacionados aos gauleses, com a repetição dos tumultos que causavam, seu *canto cruel* (*truci cantu*) e seus vários gritos que *preenchiam tudo com horrendo clamor* (*clamoribusque uariis horrendo cuncta compleuerant sono*).[338]

Continuamos então a narrativa (V, 38):

> *Ibi tribuni militum, non loco castris ante capto, non praemunito uallo quo receptus esset, non deorum saltem si non hominum memores, nec auspicato nec litato, instruunt aciem diductam in cornua ne circumueniri multitudine hostium possent; nec tamen aequari frontes poterant, cum extenuando infirmam et uix cohaerentem mediam aciem haberent. Paulum erat ab dextera editi loci quem subsidiariis repleri placuit, eaque res ut initium pauoris ac fugae, sic una salus fugientibus fuit. Nam Brennus regulus Gallorum in paucitate hostium artem maxime timens, ratus ad id captum superiorem locum ut, ubi Galli cum acie legionum recta fronte concucurrissent, subsidia in auersos transuersosque impetum darent, ad subsidiarios signa conuertit, si eos loco depulisset haud dubius facilem in aequo campi tantum superanti multitudini uictoriam fore. Adeo non fortuna modo, sed ratio etiam cum barbaris stabat. In altera acie nihil simile Romanis, non apud duces, non apud milites erat. Pauor fugaque occupauerat animos, et tanta omnium obliuio ut multo maior pars Veios in hostium urbem, cum Tiberis arceret, quam recto itinere Romam ad coniuges ac liberos fugerent. Parumper subsidiarios tutatus est locus; in reliqua acie simul est clamor proximis ab latere ultimis ab tergo auditus, ignotum hostem prius paene quam uiderent, non modo non temptato certamine sed ne clamore quidem reddito, integri intactique fugerunt; nec ulla caedes pugnantium fuit: terga caesa suomet ipsorum certamine in turba impedientium fugam. Circa ripam Tiberis, quo armis abiectis totum sinistrum cornu defugit, magna strages facta est; multosque imperitos nandi aut inualidos, graues loricis aliisque tegminibus, hausere gurgites; maxima tamen pars incolumis Veios perfugit, unde non modo praesidii quicquam sed ne nuntius quidem cladis Romam est missus. Ab dextro cornu, quod procul a flumine et magis sub monte steterat, Romam omnes petiere et, ne clausis quidem portis urbis, in arcem confugerunt.*
>
> Então os tribunos militares, *sem escolher um lugar para o acampamento ou fortificar uma trincheira* que serviria de refúgio, e nem ao menos se lembrando dos deuses ou dos homens, ao *não tomar os auspícios ou oferecer os sacrifícios*, colocaram em linha de batalha o exército alinhado em alas, de modo que a multidão dos inimigos não o cercassem. Contudo, não puderam igualar as alas já que, com essa disposição, a linha do meio ficou fraca e com custo se mantinha unida. Havia uma pequena elevação pelo lado direito, que os tribunos decidiram ocupar com as tropas de reserva; essa manobra, que marcou o início do pavor e da fuga, também serviu como o único meio de salvação aos desertores que debandavam. De fato Breno, comandante dos gauleses, especialmente receando um engodo devido ao pequeno número de inimigos – e avaliando que essa elevação tinha sido ocupada de modo que, no momento em que os gauleses atacassem de frente a linha reta das legiões, essas tropas reservas fizessem um ataque pelos lados e por trás – virou as suas tropas contra essas de reserva. Se os expulsasse daquele lugar, sem dúvida a vitória em um terreno plano seria fácil, já que os gauleses os

[337] Cf. V, 35, na p. 165.
[338] Esse canto cruel dos gauleses também foi mencionado por Políbio (II, 29,5) e César (V, 37).

> superavam pela maior quantidade de homens. *Até esse ponto não apenas a sorte, mas também a inteligência, estava com os bárbaros*. *No exército contrário, não havia nada que se assemelhasse aos romanos, nem junto aos comandantes, nem junto aos soldados. O pavor e a fuga tomaram os ânimos*, de tal forma que tamanho esquecimento de tudo fez com que *a maior parte deles fugisse para a inimiga cidade de Veios* (ainda que o Tibre os retivesse) e não em direção *ao reto caminho para Roma*, para as suas esposas e filhos. Por pouco tempo esse local protegeu as tropas reservas; na outra linha de batalha, ao mesmo tempo *foi ouvido um clamor* vindo pelo lado, aos que estavam próximos, e por trás, aos que estavam distantes, a tal ponto que, *sem nem ao menos ver o inimigo desconhecido, de forma alguma tentaram um combate ou sequer responderam o grito*. Eles, *intactos e ilesos, fugiram*, e *ninguém morreu lutando*: na verdade eles, *feridos pelas costas*, eram impedidos de fugir devido à própria briga da multidão. Em volta da margem do Tibre fugiu toda a ala esquerda, tendo atirado no rio as armas. *Fez-se uma grande carnificina e muitos, incapazes de nadar pelo peso das couraças e outras proteções, ou sendo feridos, foram engolidos pelos turbilhões das águas*. Todavia, a maior parte deles fugiu incólume para Veios, de onde *nenhum socorro ou sequer um mensageiro da derrota foi enviado a Roma*. Da ala direita, que estivera mais longe do rio e mais perto do pé do monte, todos fugiram para Roma e, *nem ao menos fechando as portas da cidade*, se refugiaram na cidadela. (grifos nossos)

Mais uma vez Lívio ressaltou a desobediência dos Fábios ao modo tradicional dos romanos fazerem guerra, dizendo que eles foram para a batalha *sem escolher um lugar para o acampamento ou fortificar uma trincheira,* e não tomando *os auspícios ou oferecendo os sacrifícios* (*non loco castris ante capto, non praemunito uallo, nec auspicato nec litato*).[339] Breno se mostrou um grande estrategista, avaliando corretamente os planos dos romanos, e Lívio, reconhecendo o mérito da vitória deles, escreveu que os bárbaros, além de sorte, tiveram com eles a inteligência (*adeo non fortuna modo, sed ratio etiam cum barbaris stabat*). Como Rankin (1996, p. 105) pontua, a derrota terrível dos romanos foi tanto pela arrogância e descuido dos Fábios, quanto pela habilidade dos gauleses, que tinham melhor comandante. Em seguida, temos a informação de que *no exército contrário, não havia nada que se assemelhasse aos romanos* (*in altera acie nihil simile Romanis*). De novo Lívio ressaltou que os romanos não se comportavam como romanos. Esse conceito, que antes fora usado para descrever os Fábios (que pareciam mais gauleses que romanos) foi alargado para descrever todos os que estavam em Ália, fossem eles líderes ou soldados (*non apud duces, non apud milites*). Lívio, sempre preocupado em ressaltar a superioridade moral e a nobreza de espírito do povo romano em sua obra, dessa forma frisou ainda mais o

[339] Os Fábios já tinham violado o direito das nações em V, 36 quando, na condição de emissários, pegaram em armas. A nova violação cometida nesse capítulo apenas reforça a causa para a derrota romana. Como destaca Ogilvie (1965, p. 716), aquela embaixada dos Fábios foi mais um pretexto psicológico e moral para justificar o desastre de Ália. A ênfase de dizer que os Fábios se comportavam mais como gauleses do que como romanos também justifica esse acontecimento catastrófico.

comportamento desonroso da deserção dos combatentes. Temos então várias passagens que enfatizam esse fato: o *pavor e a fuga tomaram os ânimos* (*pauor fugaque occupauerat animos*) de tal forma que os romanos fugiram *para a inimiga cidade de Veios*, ao invés de pegarem o *reto caminho para Roma*. Novamente temos a referência ao pânico causado pelo grito dos gauleses: *foi ouvido um clamor* (*est clamor auditus*). Os romanos se acovardaram a tal ponto que, *sem nem ao menos ver o inimigo desconhecido, de forma alguma tentaram um combate ou sequer responderam o grito*. O desespero de correr foi tamanho que *ninguém morreu lutando*, mas sim na confusão da multidão que ansiava em partir, sendo *feridos pelas costas* – o que era extremamente vergonhoso para o povo romano. A outra parte do exército, que ficara junto ao Tibre, foi massacrada (f*ez-se uma grande carnificina*) e muitos também morreram afogados, *incapazes de nadar pelo peso das couraças e outras proteções, ou sendo feridos, foram engolidos pelos turbilhões das águas*. Por conseguinte, como muitas dessas baixas foram causadas pela briga da multidão que fugia, e também pela malsucedida passagem do Tibre, percebemos que a terrível derrota romana foi causada mais por essa debandada desordenada do que pelo próprio confronto direto com os celtas. Lívio escreveu que *nenhum socorro ou sequer um mensageiro da derrota foi enviado a Roma*, o que foi mais uma funesta consequência do pânico generalizado, também salientado pelo fato de que uma parte dos fugitivos, ao chegarem em Roma, sequer fechou as portas da cidade (*ne clausis quidem portis urbis*). Toda essa descrição foi permeada de imagens fortes e grande carga patética, um traço marcante de *Ab urbe condita*. Para Lívio a história era assunto não só de razão, mas também de emoção.

Os gauleses vencedores se dirigem a Roma, como temos em V, 39:

> *Gallos quoque uelut obstupefactos miraculum uictoriae tam repentinae tenuit, et ipsi pauore defixi primum steterunt, uelut ignari quid accidisset; deinde insidias uereri; postremo caesorum spolia legere armorumque cumulos, ut mos eis est, coaceruare; tum demum, postquam nihil usquam hostile cernebatur, uiam ingressi, haud multo ante solis occasum ad urbem Romam perueniunt. Ubi cum praegressi equites non portas clausas, non stationem pro portis excubare, non armatos esse in muris rettulissent, aliud priori simile miraculum eos sustinuit; noctemque ueriti et ignotae situm urbis, inter Romam atque Anienem consedere, exploratoribus missis circa moenia aliasque portas quaenam hostibus in perdita re consilia essent. Romani, cum pars maior ex acie Veios petisset quam Romam, nemo superesse quemquam praeter eos qui Romam refugerant crederet, complorati omnes pariter uiui mortuique totam prope urbem lamentis impleuerunt. Priuatos deinde luctus stupefecit publicus pauor, postquam hostes adesse nuntiatum est; mox ululatus cantusque dissonos, uagantibus circa moenia turmatim barbaris, audiebant. Omne inde tempus suspensos ita tenuit animos usque ad lucem alteram ut identidem iam in urbem futurus uideretur impetus:*

*primo aduentu, quia accesserant ad urbem, —'mansuros enim ad Alliam fuisse nisi hoc consilii foret',— deinde sub occasum solis, quia haud multum diei supererat, — 'ante noctem satius inuasuros';— tum 'in noctem dilatum consilium esse, quo plus pauoris inferrent'; postremo lux appropinquans exanimare, timorique perpetuo ipsum malum continens fuit, cum signa infesta portis sunt inlata. Nequaquam tamen ea nocte neque insequenti die similis illi quae ad Alliam tam pauide fugerat ciuitas fuit. Nam, cum defendi urbem posse tam parua relicta manu spes nulla esset, placuit cum coniugibus ac liberis iuuentutem militarem senatusque robur in arcem Capitoliumque concedere, armisque et frumento conlato ex loco inde munito deos hominesque et Romanum nomen defendere; flaminem sacerdotesque Vestales sacra publica a caede, ab incendiis procul auferre, nec ante deseri cultum eorum quam non superessent qui colerent: 'si arx Capitoliumque, sedes deorum, si senatus, caput publici consilii, si militaris iuuentus superfuerit imminenti ruinae urbis, facilem iacturam esse seniorum relictae in urbe utique perituraе turbae'. Et quo id aequiore animo de plebe multitudo ferret, senes triumphales consularesque 'simul se cum illis' palam dicere 'obituros, nec his corporibus, quibus non arma ferre, non tueri patriam possent, onerаturos inopiam armatorum'.*

O prodígio de uma vitória tão repentina deixou os gauleses de tal maneira estupefatos que, *em um primeiro momento, eles mesmos ficaram imóveis* de espanto, como se não entendessem o que tinha acontecido; *depois, temeram uma armadilha*. *Por fim, recolheram os despojos dos mortos* e os amontoaram em pilhas de armas, de acordo com o costume deles.[340] *Depois que notaram que não havia nada de hostil, avançaram pela estrada e chegaram a Roma, não muito antes do pôr do sol*. Quando os cavaleiros batedores retornaram e informaram que não viram as portas fechadas, nem sentinela vigiando as entradas, e nenhum soldado a postos nas muralhas, outro prodígio (semelhante ao anterior) os conteve. *Receando a noite e o abandono da desconhecida cidade, eles acamparam entre Roma e o Ânio,*[341] *depois de enviar batedores ao redor das muralhas e das outras portas para saber quais planos tinham os inimigos* em uma situação tão desesperadora. Quanto aos romanos, a maior parte da tropa tinha fugido para Veios ao invés de Roma; ninguém acreditava que havia mais sobreviventes do que aqueles que tinham se refugiado em Roma; todos, ao mesmo tempo lastimando os vivos e os mortos, encheram toda a cidade com seus lamentos. Em seguida, *o pavor generalizado se sobrepôs aos gemidos pessoais, assim que foi anunciado que os inimigos estavam por perto*; logo *eles ouviram os gritos e uivos dissonantes dos bárbaros*, que em bandos perambulavam em volta das muralhas. A partir de então, e por todo o tempo até o dia seguinte, os ânimos se mantiveram inquietos a tal ponto que continuamente parecia que ia acontecer o ataque à cidade; primeiro, na chegada, pois eles já tinham se aproximado da cidade, – "de fato teriam permanecido em Ália, se isso não fosse de seu consenso". Depois, acharam que o ataque ia ser realizado ao pôr do sol, pois já não havia muita claridade, e "invadiriam melhor antes do cair da noite". Em seguida, consideraram que "o ataque tinha sido adiado para a noite, para causar mais pavor". Por fim, próximo ao amanhecer, ao temor geral se juntou o próprio perigo, quando as tropas hostis adentraram pelas portas. Contudo, *de forma alguma durante aquela noite nem durante o dia seguinte os cidadãos se comportaram como aqueles que com tamanho pavor tinham fugido para Ália*. De fato, como *não havia esperança de que a cidade pudesse ser defendida pelas poucas tropas que restavam*, decidiu-se então que, *junto com as esposas e os filhos, a juventude militar e os senadores vigorosos se refugiariam na cidadela do Capitólio*. Com armas e provisões estocadas, *desse lugar fortificado eles defenderiam os deuses, os homens e o nome romano*. *O flâmine e as sacerdotisas vestais manteriam os ritos*

[340] César (*BGall*., VI, 17) já descrevera esse costume de se empilhar os despojos.
[341] Afluente do Tibre.

> sagrados do povo protegidos do massacre e dos incêndios, *e não abandonariam o seu culto*, a não ser que não existisse mais ninguém que o venerasse: "se *a cidadela do Capitólio, sede dos deuses; o senado, fonte da deliberação pública*; e os jovens soldados resistissem à iminente ruína da cidade, seria aceitável o sacrifício dos anciãos já que essa multidão, que fora deixada na cidade, haveria de morrer de qualquer forma". Assim, para que a multidão da plebe suportasse isso de ânimo mais calmo, *os anciãos* que já tinham obtido triunfos e consulados *declararam publicamente que "juntamente com eles haveriam de morrer, não agravando a falta de soldados com esses corpos que não podem carregar armas e nem defender a pátria*." (grifos nossos)

Os gauleses demoraram a perceber que venceram os romanos e a partir para a urbe. O seu lento e cuidadoso avanço (*em um primeiro momento, eles mesmos ficaram imóveis; depois, temeram uma armadilha; por fim, recolheram os despojos dos mortos; depois que notaram que não havia nada de hostil, avançaram pela estrada e chegaram a Roma, não muito antes do pôr do sol*) contrasta com o o pânico desordenado dos romanos, que enchiam *toda a cidade com seus lamentos*. Além disso, na narrativa, os celtas levaram apenas um dia para alcançar Roma; de acordo com Ogilvie (1965, p. 720), isso é uma ênfase dramática de Lívio, já que outras fontes, como Políbio (II, 18) e Diodoro (XIV, 115), disseram que eles demoraram três dias nessa jornada. Mais uma vez fica claro que os gauleses planejaram com cuidado o que haveriam de fazer já que, *receando a noite e o abandono da desconhecida cidade, eles acamparam entre Roma e o Ânio, depois de enviar batedores ao redor das muralhas e das outras portas para saber quais planos tinham os inimigos*.

Temos nova descrição de um pânico descontrolado, assim que os romanos souberam *que os inimigos estavam por perto,* e temos mais uma referência aos gritos e uivos dissonantes dos gauleses (*ululatus cantusque dissonos*). A partir dessa chegada dos gauleses, Lívio desenvolveu cada episódio como sendo uma etapa na restauração da moral romana, com exemplos de coragem e respeito aos deuses (OGILVIE, 1965, p. 720). Assim, ele escreveu que *de forma alguma durante aquela noite nem durante o dia seguinte os cidadãos se comportaram como aqueles que com tamanho pavor tinham fugido para Ália*. O povo sabia que *não havia esperança de que a cidade pudesse ser defendida pelas poucas tropas que restavam*, e aceitou esse fato com determinação, já que se decidiu que, *junto com as esposas e os filhos, a juventude militar e os senadores vigorosos se refugiariam na cidadela do Capitólio*. Ficou clara a importância dessa decisão, pois *desse lugar fortificado eles defenderiam os deuses, os homens e o nome romano. O flâmine e as sacerdotisas vestais manteriam os ritos (...) e não abandonariam o seu culto*. Vemos que há uma grande preocupação em proteger os

deuses, outrora desrespeitados pelos Fábios, e também a defesa do *nome romano*.[342] Assim, os cidadãos passaram a se comportar de forma digna, a tal ponto que poderiam retomar a designação de romanos, que eles não honraram no fracasso em Ália. Tudo que era mais valioso para a urbe se encontrava no Capitólio, que era a *sede dos deuses*: o *senado, fonte da deliberação pública*; os sacerdotes e a juventude militar. Por fim, os anciões dão o exemplo supremo de honradez, aceitando morrer com a plebe, de modo a não atrapalhar a defesa da cidade.

Seguindo a narrativa, temos (V, 41):

> *Romae interim satis iam omnibus, ut in tali re, ad tuendam arcem compositis, turba seniorum domos regressi aduentum hostium obstinato ad mortem animo exspectabant. Qui eorum curules gesserant magistratus, ut in fortunae pristinae honorumque aut uirtutis insignibus morerentur, quae augustissima uestis est tensas ducentibus triumphantibusue, ea uestiti, medio aedium eburneis sellis sedere. Sunt qui, M. Folio pontifice maximo praefante carmen, deuouisse eos se pro patria Quiritibusque Romanis tradant. Galli, et quia interposita nocte a contentione pugnae remiserant animos et quod nec in acie ancipiti usquam certauerant proelio nec tum impetu aut ui capiebant urbem, sine ira, sine ardore animorum ingressi postero die urbem patente Collina porta in forum perueniunt, circumferentes oculos ad templa deum arcemque, solam belli speciem tenentem. Inde, modico relicto praesidio ne quis in dissipatos ex arce aut Capitolio impetus fieret, dilapsi ad praedam uacuis occursu hominum uiis, pars in proxima quaeque tectorum agmine ruunt, pars ultima, uelut ea demum intacta et referta praeda, petunt; inde rursus ipsa solitudine absterriti, ne qua fraus hostilis uagos exciperet, in forum ac propinqua foro loca conglobati redibant; ubi eos, plebis aedificiis obseratis, patentibus atriis principum, maior prope cunctatio tenebat aperta quam clausa inuadendi: adeo haud secus quam uenerabundi intuebantur in aedium uestibulis sedentes uiros, praeter ornatum habitumque humano augustiorem, maiestate etiam quam uoltus grauitasque oris prae se ferebat simillimos dis. Ad eos uelut simulacra uersi cum starent, M. Papirius, unus ex iis, dicitur Gallo barbam suam, ut tum omnibus promissa erat, permulcenti scipione eburneo in caput incusso iram mouisse, atque ab eo initium caedis ortum, ceteros in sedibus suis trucidatos; post principium caedem nulli deinde mortalium parci, diripi tecta, exhaustis inici ignes.*
>
> Enquanto isso, em Roma, já estava tudo preparado para tamanha emergência e defesa da cidadela*; então, a multidão dos anciãos regressou às casas para esperar a chegada dos inimigos, com ânimo firme para a morte*. Os que exerceram magistraturas curuis,[343] a fim de morrer *com as distinções de sua antiga condição, de seus cargos ou pela virtude*, trajaram a augustíssima veste que era concedida aos que foram comandantes ou que obtiveram um triunfo, e se sentaram em cadeiras de marfim no meio das casas. Conta-se que, estando à frente Marco Dólio, pontífice máximo, eles recitaram um canto e *ofereceram a si mesmos a favor da pátria e dos cidadãos romanos. Os gauleses, devido à passagem da noite, abrandaram seus ânimos da tensão da luta* e, como de modo algum tivessem combatido em uma luta incerta,

[342] Como discutido algumas vezes ao longo deste trabalho, o nome *romano* representava, em Lívio, elevação moral e personificação da *uirtus*. Para discussão profunda sobre o que era ser romano, cf. o subcapítulo de Oakley, "like a Roman" (In: MINEO, 2015, p. 235-237).

[343] Durante essa época, as magistraturas curuis eram exercidas pelo ditador, mestre da cavalaria, cônsules e censores, que eram dotados de *imperium*.

> ocupavam a cidade sem grande ímpeto ou força. *Sem ira e sem ardor dos ânimos, no dia seguinte eles ingressaram na cidade pela porta Colina, que estava aberta, e chegaram ao fórum, movendo os olhos ao redor para os templos dos deuses e a cidadela, que era a única que tinha um aspecto de combate*. Daquele lugar então, sendo deixada uma pequena guarda para que nenhum ataque se fizesse contra os que estavam espalhados da cidadela ou do Capitólio, eles se dispersaram pelas ruas vazias em busca da pilhagem, sem encontrar ninguém. Uma parte deles correu em bando até algumas casas próximas; outra parte se dirigiu para as distantes, como se somente essas, intocadas, estivessem cheias de despojos. Então, de novo amedrontados por esse mesmo abandono, e para que aqueles que perambulavam não fossem surpreendidos por uma armadilha inimiga, eles voltaram, reunidos, para o fórum e os lugares próximos. Nesse lugar, estando as casas da plebe fechadas e as da nobreza abertas, eles hesitavam mais em invadir as casas abertas do que as trancadas. *Bastante respeitosos, ele observaram atentamente os homens sentados nos vestíbulos* das casas, com ornamento e *aspecto mais divino do que humano*, e também muito semelhantes aos deuses pela majestade do seu semblante e a dignidade que se mostrava de sua aparência. Diante deles, como se fossem estátuas, eles ficaram parados; conta-se que um deles, *Marco Papírio, com um bastão de marfim bateu na cabeça de um gaulês que lhe acariciava a sua longa barba* (como outrora era costume de todos), *tendo provocado a sua ira*. Com ele o massacre começou e os outros, em seus assentos, foram trucidados; *depois que se iniciou a carnificina nenhum dos mortais foi poupado e, após esvaziarem as casas saqueadas, lhes atearam fogo*. (grifos nossos)

Ogilvie (1965, p. 725) aprofunda a discussão sobre a questão ritualística dos velhos magistrados que se ofereciam em sacrifício pela cidade: *a multidão dos anciãos regressou às casas para esperar a chegada dos inimigos, com ânimo firme para a morte*. Segundo o pesquisador, esse era provavelmente um antigo ato religioso de *devotio* (devoção). No latim, temos: *deuouisse eos se pro patria Quiritibusque Romanis tradant* (*ofereceram a si mesmos a favor da pátria e dos cidadãos romanos*). Lívio minimizou esse elemento sacro e, no lugar, desenvolveu um quadro secular no qual os anciãos estoicamente esperam pelo seu fim; com isso, evidenciou-se a *uirtus* romana (OGILVIE, 1965, p. 725). No trecho acima foi escrito que os idosos magistrados haveriam de morrer com *as distinções de sua antiga condição, de seus cargos ou pela virtude* (*uirtus*). É interessante notar que os gauleses, *devido à passagem da noite, abrandaram seus ânimos da tensão da luta*, e entraram na cidade s*em ira e sem ardor dos ânimos*. Ora, esse tipo de atitude era bastante incomum para o que se acontecia na Antiguidade quando um povo hostil invadia uma cidade. De forma tranquila (*sine ira, sine ardore animorum*), os gauleses *ingressaram na cidade pela porta Colina, que estava aberta, e chegaram ao fórum*. Lívio sublinhou a curiosidade dos gauleses, que moviam *os olhos ao redor para os templos dos deuses e a cidadela, que era a única que tinha um aspecto de combate*. Dando sequência à postura interessada dos celtas, temos o fato de que eles, *bastante respeitosos, observaram atentamente os homens sentados nos*

*vestíbulos*, que tinham *aspecto mais divino do que humano*. A peripécia acontece quando um gaulês, que acariciava a barba de Marco Papírio, recebeu um golpe de bastão na cabeça. A partir desse ato os gauleses se comportaram como os selvagens que eram (pelo menos, na visão de Lívio): irados, iniciaram a carnificina sem poupar nenhum dos mortais e, *após esvaziarem as casas saqueadas, lhes atearam fogo*.

Depois, temos (V, 42):

> *Ceterum, seu non omnibus delendi urbem libido erat, seu ita placuerat principibus Gallorum et ostentari quaedam incendia terroris causa, si compelli ad deditionem caritate sedum suarum obsessi possent, et non omnia concremari tecta, ut, quodcumque superesset urbis, id pignus ad flectendos hostium animos haberent, nequaquam perinde atque in capta urbe primo die aut passim aut late uagatus est ignis. Romani ex arce plenam hostium urbem cernentes uagosque per uias omnes cursus, cum alia atque alia parte noua aliqua clades oreretur, non mentibus solum concipere, sed ne auribus quidem atque oculis satis constare poterant. Quocumque clamor hostium, mulierum puerorumque ploratus, sonitus flammae et fragor ruentium tectorum auertisset, pauentes ad omnia animos oraque et oculos flectebant, uelut ad spectaculum a Fortuna positi occidentis patriae nec ullius rerum suarum relicti praeterquam corporum uindices, tanto ante alios miserandi magis qui unquam obsessi sunt quod interclusi a patria obsidebantur, omnia sua cernentes in hostium potestate. Nec tranquillior nox diem tam foede actum excepit; lux deinde noctem inquieta insecuta est, nec ullum erat tempus quod a nouae semper cladis alicuius spectaculo cessaret. Nihil tamen tot onerati atque obruti malis flexerunt animos quin, etsi omnia flammis ac ruinis aequata uidissent, quamuis inopem paruumque quem tenebant collem liberati relictum uirtute defenderent; et iam cum eadem cottidie acciderent, uelut adsueti malis abalienauerant ab sensu rerum suarum animos, arma tantum ferrumque in dextris uelut solas reliquias spei suae intuentes.*

> Aliás, *ou nem todos tinham o desejo de destruir a cidade, ou agradava aos líderes dos gauleses* o seguinte: *por um lado, ao se exibir alguns incêndios como a causa do terror, eles poderiam forçar os sitiados à rendição devido ao amor pelas suas habitações; por outro lado, ao não queimarem todas as casas, eles teriam como garantia que o que quer que restasse da cidade serviria para dobrar os ânimos dos inimigos*. De forma alguma, no primeiro dia, o fogo se espalhou em desordem e amplamente, como aconteceria em uma cidade tomada. Os romanos, da cidadela, observavam a cidade repleta de inimigos que corriam por todas as ruas; como em uma e outra parte surgia algum novo desastre, não só não entenderam com as mentes, mas também sequer puderam confiar em seus ouvidos e olhos. Por onde quer que *o clamor dos inimigos, o choro das mulheres e crianças, o som das chamas, e o estrondo das casas que ruíam* desviavam-lhes a atenção, eles, assustados, para tudo viravam os ânimos, rostos e olhos, *como se a fortuna os tivesse posicionado para assistir ao espetáculo da queda da pátria*. Não lhes restava nada de suas posses para defenderem, exceto seus próprios corpos; eles eram muito mais miseráveis do que os outros que outrora foram atacados pois, sendo privados da pátria, viam todas as suas posses em poder dos inimigos. Não mais tranquila foi a noite que sucedeu um dia tão horrível; depois dela, seguiu-se um dia turbulento, e não houve um momento em que parou de surgir algum espetáculo de um novo massacre. Por outro lado, oprimidos e subjugados por tantos males, por nada eles mudaram os ânimos, ainda que vissem todas as coisas serem atingidas pelas chamas e ruínas. Sem dúvida eles haveriam de defender a colina fraca e pequena que ocupavam, que pela virtude lhes restava liberada. Como esses mesmos acontecimentos se

> repetiam todos os dias, eles ficaram acostumados com o mal e, afastando da mente os pensamentos de suas posses, *consideravam as armas e o ferro nas destras como os únicos meios para sua esperança*. (grifos nossos)

Os gauleses, embora irados, continuaram tendo um comportamento calculado, já que não queimaram tudo, ou porque não queriam destruir a cidade (uma possibilidade que soa bastante improvável), ou porque queriam deixar alguma coisa de pé, de modo a forçar uma rendição romana (o que era mais factível). O barulho, ferramenta comum para causar terror, também foi amplificado; certamente, além *do clamor dos inimigos, o choro das mulheres e crianças, o som das chamas, e o estrondo das casas que ruíam* serviram para apavorar os que se encontravam na cidadela do Capitólio. Temos nova menção ao papel da sorte, já que Lívio disse que os romanos viam tudo *como se a fortuna os tivesse posicionado para assistir ao espetáculo da queda da pátria*. Assim, fecha-se o ciclo de destruição que começou com a violação dos Fábios e culminou na destruição de Roma, e que já fora profetizado no capítulo 36, que dizia que *a urbe romana ficou próxima ao seu destino funesto*.[344] Pode-se perceber ainda uma mudança de postura dos romanos a partir do capítulo 39,[345] no qual eles de forma alguma haveriam de se comportar como os soldados em Ália, mas sim suportariam tudo o que estava para acontecer com coragem e bravura. Antes, no capítulo 38, os romanos violaram não só os costumes, mas também os ritos, pois os tribunos militares foram para a guerra *sem escolher um lugar para o acampamento ou fortificar uma trincheira*, e nem tomaram os auspícios ou ofereceram os sacrifícios.[346] No capítulo 39, fica clara a alteração de conduta: os romanos, no Capitólio, defenderiam os deuses, os homens e o seu próprio nome.[347] Igualmente os sacerdotes e vestais protegeriam os cultos e não os abandonariam jamais.[348] Para enfatizar essa atitude resoluta, no capítulo 41 há o sacrifício dos anciãos, que ofereceram suas próprias vidas pelos cidadãos e pela

[344] Cf. p. 166.
[345] Cf. p. 172 a 174.
[346] Cf. p. 170.
[347] Marques, em seu artigo "O Capitólio como representação de Roma em Tito Lívio e Tácito" aprofunda a discussão sobre o papel do Capitólio como representação primordial do poder de Roma, e a relação dele com a construção da imagem de Roma como sendo *caput mundi*. De acordo com Marques (2005, p. 96), essa colina representava a ideia do destino de Roma como cidade guerreira, expansionista e conquistadora. Por esse motivo, em Lívio, essa foi a única parte da cidade que não foi invadida pelos gauleses.
[348] Lívio usou o termo *fortuna* no sentido da boa sorte concedida por uma divindade ou providência protetora a Estados ou indivíduos, geralmente em retribuição à *pietas* (OGILVIE, 1965, p. 708).

pátria.[349] Todos esses fatos, então, gradativamente serviram para que os romanos recuperassem a sua *uirtus* e também a *pietas*.[350]

Para encerrar esse episódio do saque de Roma, temos (V, 48):

> *Sed ante omnia obsidionis bellique mala fames utrimque exercitum urgebat, Gallos pestilentia etiam, cum loco iacente inter tumulos castra habentes, tum ab incendiis torrido et uaporis pleno cineremque non puluerem modo ferente cum quid uenti motum esset. Quorum intolerantissima gens umorique ac frigori adsueta cum aestu et angore uexati uolgatis uelut in pecua morbis morerentur, iam pigritia singulos sepeliendi promisce aceruatos cumulos hominum urebant, bustorumque inde Gallicorum nomine insignem locum fecere. Indutiae deinde cum Romanis factae et conloquia permissu imperatorum habita. In quibus cum identidem Galli famem obicerent eaque necessitate ad deditionem uocarent, dicitur auertendae eius opinionis causa multis locis panis de Capitolio iactatus esse in hostium stationes. Sed iam neque dissimulari neque ferri ultra fames poterat. Itaque, dum dictator dilectum per se Ardeae habet, magistrum equitum L. Valerium a Veiis adducere exercitum iubet, parat instruitque quibus haud impar adoriatur hostes, interim Capitolinus exercitus, stationibus uigiliis fessus, superatis tamen humanis omnibus malis cum famem unam natura uinci non sineret, diem de die prospectans ecquod auxilium ab dictatore appareret, postremo spe quoque, iam non solum cibo deficiente, et cum stationes procederent prope obruentibus infirmum corpus armis, uel dedi uel redimi se quacumque pactione possint iussit, iactantibus non obscure Gallis haud magna mercede se adduci posse ut obsidionem relinquant. Tum senatus habitus tribunisque militum negotium datum ut paciscerentur. Inde inter Q. Sulpicium tribunum militum et Brennum regulum Gallorum conloquio transacta res est, et mille pondo auri pretium populi gentibus mox imperaturi factum. Rei foedissimae per se adiecta indignitas est: pondera ab Gallis allata iniqua, et tribuno recusante additus ab insolente Gallo ponderi gladius, auditaque intoleranda Romanis uox, "uae uictis [esse]".*
>
> *Por outro lado, a fome, mais do que todos os males do cerco e da guerra, afligia ambos os exércitos*; *também a peste atormentava os gauleses*, pois eles fizeram seu acampamento em um lugar rebaixado que estava entre as colinas; esse lugar era muito quente por causa dos incêndios, e cheio de vapor; também a cinza e o pó, com qualquer movimento do vento, se levantavam. Esse povo era muito intolerante a isso, pois estava acostumado à umidade e ao frio; abalados por esse calor e tormento, eles morriam como gado, quando se espalhavam as doenças. Por causa da lentidão de se sepultar um por um, eles cremavam indistintamente pilhas e montes de homens e, por isso, esse lugar se tornou conhecido pelo nome de piras gaulesas. Então, foi feita uma trégua com os romanos, e conversas foram mantidas com a permissão dos chefes. Nesses diálogos, como os gauleses continuamente reclamassem da fome e, por essa necessidade, incitassem os romanos à rendição, conta-se que, para tirar deles essa ideia, de muitos lugares do Capitólio eles lançaram pão em direção às guarnições dos inimigos. Contudo, a fome já não podia mais ser dissimulada ou suportada. Assim o ditador,[351] enquanto pessoalmente recrutava em Árdea, ordenou que o comandante da cavalaria, L. Valério, trouxesse o exército de Veios; ele preparou e dispôs daqueles para atacar os inimigos de forma mais equilibrada. Nesse ínterim, a guarnição que estava no Capitólio, cansada pelas vigílias insones, mesmo superando todos os males humanos, tinha um único mal, a fome, que pela

[349] Cf. p. 175.
[350] Falamos mais detalhadamente da *pietas* na p. 126.
[351] Trata-se de Camilo, que, banido para Veios, ao saber do ocorrido em Roma, partiu para a cidade e liderou a vitória dos romanos contra os gauleses.

> natureza não podia ser vencida; dia após dia eles observavam se vinha algum auxílio do ditador. *Por fim, como já faltava não só a esperança, mas também o alimento; e como as tropas não avançariam mais pois, por causa dos sofrimentos,* o corpo ficara fraco para as armas, *decidiu-se que poderiam ou se render ou se submeter a qualquer acordo* que fosse; *parecia claramente que eles poderiam dar aos altivos gauleses uma pequena recompensa*, de modo que abandonassem o cerco. Então o senado se reuniu e ordenou que os tribunos militares fizessem um tratado. Logo, na conferência *entre Q. Sulpício, tribuno militar, e Breno, líder dos gauleses, arranjou-se um acordo; foi decidido o preço de mil libras de ouro ao povo que em breve haveria de governar as nações*. Uma indignidade foi acrescida a essa determinação bastante vergonhosa, pois *a balança que os gauleses trouxeram era injusta*. Como o tribuno recusasse isso, o *gaulês insolente adicionou a espada ao peso,* e *ouviu-se a intolerável voz para os romanos dizer*: "ai dos vencidos". (grifos nossos)

Nesse capítulo, após sitiarem Roma por muito tempo, os gauleses, do mesmo modo que os romanos, padecem; eles ainda sofrem por causa da peste, já que acampavam em um lugar insalubre. Com esse impasse, ambos os lados fazem uma trégua e passam a conversar, buscando uma saída para o conflito. Os romanos, que até então resistiram bravamente (e continuamente esperavam a ajuda do ditador) finalmente são vencidos, não diretamente pelos gauleses, mas sim porque lhes faltava *a esperança, e também o alimento; e que por esse motivo as tropas, fracas, não avançariam mais*. Eles decidiram que poderiam ou se render ou se submeter a qualquer acordo, mas subestimaram o valor do pagamento aos gauleses (*parecia claramente que eles poderiam dar aos altivos gauleses uma pequena recompensa*). Depois da reunião do senado temos a conferência entre Sulpício e Breno, que fazem um acordo: o povo romano, que em breve haveria de governar as nações, deveria pagar mil libras em ouro aos gauleses.[352] Lívio destaca a falta de dignidade dos celtas que, para trapacear e conseguir mais ouro, trouxeram uma balança injusta. Além disso, o gaulês, caracterizado como insolente, acrescentou a espada ao peso, e com voz intolerável disse aos romanos "ai dos vencidos".[353] Ogilvie (1965, p. 737) destaca que essa *voz intolerável* marca uma peripécia a favor dos romanos. Na sequência, Camilo aparece e derrota os gauleses. Os romanos, como recuperaram sua *pietas*, por essa razão mereceram essa vitória. Curioso notar que nenhuma das fontes para esse período, como Políbio ou Diodoro, menciona Camilo. Evidentemente, Lívio se aproveitou da lendária história desse personagem para transformar essa vergonhosa derrota em sucesso, já que

[352] Lívio demonstra mais uma vez que apoiava o imperialismo romano, como antes escrevera no prefácio de *Ab urbe condita* (§7) e também desse "direito" quase divino de Roma governar outros povos (cf. p. 161).

[353] Os gauleses já tinham afirmado antes que "tinham o direito através das armas, e tudo pertencia aos homens mais fortes", no capítulo 36 (cf. p. 166).

sua história tinha um profundo caráter nacionalista e laudatório da *uirtus* romana. Com esse capítulo, encerramos a análise dos trechos do livro V de *Ab urbe condita*.

Passamos agora às passagens do livro VII. Nesse livro, a partir do capítulo 9, temos a narração dos fatos que aconteceram em 361 a.C. O contexto era o de uma nova guerra entre romanos e gauleses. Com o comando do ditador Tito Quíncio Peno, os romanos se posicionaram nas margens do rio Ânio. Como eles disputassem pelo controle da ponte com os gauleses, e com forças parecidas nem um ou outro exército conseguisse vencer, temos então o episódio do duelo entre um gaulês e um romano. Assim, temos (VII, 9):

> *Tum eximia corporis magnitudine in uacuum pontem Gallus processit et quantum maxima uoce potuit: "Quem nunc", inquit, "Roma uirum fortissimum habet, procedat agedum ad pugnam, ut noster duorum euentus ostendat utra gens bello sit melior."*
>
> Então um gaulês, *de notável grandeza corporal*, avançou até a ponte vazia e, com a *voz mais forte que pode*, disse: "agora, que o homem mais valoroso de que Roma dispõe avance para o combate, de modo que esse resultado entre ambos mostre qual dos dois povos é melhor na guerra". (grifos nossos)

Lívio recorreu ao estereótipo do gaulês *de notável grandeza corporal* (*eximia corporis magnitudine*), e que chamou um inimigo para o confronto individual com a *voz mais forte que pode*.[354] Nesse trecho vemos também o antigo costume indo-europeu de decidir uma batalha em um confronto entre dois guerreiros, tido como os melhores de suas tropas. Essa tradição, que depois foi desaparecendo entre gregos e romanos a partir do século IV a.C., ainda era praticada pelos celtas desse período. Em sua comunidade, era aceitável que toda a questão da vitória (ou derrota) de um exército poderia ser decidida nesses torneios (RANKIN, 1996, p. 63 e 64). Eles, inclusive, adotavam esse costume em conflitos contra povos não célticos, como vimos acima, em que o gaulês

[354] De acordo com Rankin (1996, p. 68), um guerreiro gaulês, com toda sua estatura e fúria, deveria ser aterrorizante. Em vários autores eles foram descritos fisicamente como altos e loiros, com vozes profundas e guturais, além de terem um comportamento ameaçador e dramático. Falamos desses *tópoi* em Políbio (II, 15, 7), na p. 49 deste trabalho; também em Diodoro (V, 28, 1), na p. 81-82; e em Estrabão (IV, 4, 2), na p. 85. Sherwin-White (1967, p. 58) pontua que, após os contatos que os romanos tiveram com germanos e bretões no século I a.C., esse estereótipo da enorme altura gaulesa foi transferido para eles. Um exemplo disso pode ser encontrado em César, que disse que a antiga virtude dos celtas passou aos germanos (cf. *BGall*., VI, 24, p. 128). No seu comentário, ele em momento algum descreveu os gauleses como altos, mas sim os germanos (cf. *BGall*., VI, 21, p. 144), quando César disse que essa grande estatura germânica se devia à sua abstinência sexual) ou os belgas (que embora habitantes da Gália, na verdade seriam descendentes dos germanos, como temos no livro II, 4, cf. p. 131).

chamou um romano para o combate.[355] Em seguida, temos a narrativa do duelo (VII, 10):

> *Diu inter primores iuuenum Romanorum silentium fuit, cum et abnuere certamen uererentur et praecipuam sortem periculi petere nollent. Tum T. Manlius L. filius, qui patrem a uexatione tribunicia uindicauerat, ex statione ad dictatorem pergit: "Iniussu tuo inquit, imperator, extra ordinem nunquam pugnauerim, non si certam uictoriam uideam: si tu permittis, uolo ego illi beluae ostendere, quando adeo ferox praesultat hostium signis, me ex ea familia ortum quae Gallorum agmen ex rupe Tarpeia deiecit." Tum dictator: "Macte uirtute, inquit, ac pietate in patrem patriamque, T. Manli, esto. Perge et nomen Romanum inuictum iuuantibus dis praesta." Armant inde iuuenem aequales: pedestre scutum capit, hispano cingitur gladio ad propiorem habili pugnam. Armatum adornatumque aduersus Gallum stolide laetum et – quoniam id quoque memoria dignum antiquis uisum est – linguam etiam ab inrisu exserentem producunt. Recipiunt inde se ad stationem; et duo in medio armati spectaculi magis more quam lege belli destituuntur, nequaquam uisu ac specie aestimantibus pares. Corpus alteri magnitudine eximium, uersicolori ueste pictisque et auro caelatis refulgens armis; media in altero militaris statura modicaque in armis habilibus magis quam decoris species; non cantus, non exsultatio armorumque agitatio uana, sed pectus animorum iraeque tacitae plenum: omnem ferociam in discrimen ipsum certaminis distulerat. Vbi constitere inter duas acies tot circa mortalium animis spe metuque pendentibus, Gallus uelut moles superne imminens proiecto laeua scuto in aduenientis arma hostis uanum caesim cum ingenti sonitu ensem deiecit; Romanus mucrone subrecto, cum scuto scutum imum perculisset totoque corpore interior periculo uolneris factus insinuasset se inter corpus armaque, uno alteroque subinde ictu uentrem atque inguina hausit et in spatium ingens ruentem porrexit hostem. Iacentis inde corpus ab omni alia uexatione intactum uno torque spoliauit, quem respersum cruore collo circumdedit suo. Defixerat pauor cum admiratione Gallos; Romani, alacres ab statione obuiam militi suo progressi, gratulantes laudantesque ad dictatorem perducunt. Inter carminum prope modo incondita quaedam militariter ioculantes, Torquati cognomen auditum; celebratum deinde posteris etiam [familiae] honori fuit. Dictator coronam auream addidit donum mirisque pro contione eam pugnam laudibus tulit.*
>
> Durante muito tempo houve um silêncio entre os nobres jovens romanos, já que por um lado, eles receavam recusar o combate e, por outro, não queriam se dirigir primeiro para essa sorte de perigo. Então *Tito Mânlio*, filho de Lúcio, que tinha livrado o pai da perseguição do tribuno, *avançou do seu lugar até o ditador e disse*: "*sem a tua ordem, general, eu nunca lutaria fora da linha de batalha, nem mesmo se visse que a vitória era certa*; se tu permitires, quero eu mesmo mostrar àquele *animal, visto que ele saltita feroz diante dos estandartes dos inimigos*, que sou oriundo daquela família que

[355] Esses torneios marcavam o valoroso ritual dos celtas, cuja maior motivação era a honra guerreira. Diodoro Sículo (V, 29, 2-3) escreveu sobre esse costume de um celta chamar um rival para uma disputa individual, brandindo suas armas e fazendo bastante barulho para inspirar medo no adversário. Também de acordo com Rankin (1996, p. 67), os gregos e os romanos viam no celta a sobrevivência do antigo código de vida heróico. Nas estátuas do gaulês moribundo, estava expressa a rígida determinação de um guerreiro que escolhia a morte por sua própria mão, a viver uma vida em desonra (RANKIN, 1996, p. 67). Essa característica lembra também o episódio do aquitano Pisão, que salvara seu irmão da batalha: o irmão, por sua vez vendo que Pisão morrera em combate, voltou para a luta e foi morto pelos inimigos (cf. p. 125 e ss.). Se para os gauleses era mais importante ter uma morte gloriosa do que uma sobrevivência humilhada, para os romanos a circunstância era diferente. Hope (apud BROWN, 2014, p. 393) lembra que nas campanhas militares romanas o ideal era combater, vencer e sobreviver; a ênfase estava toda na vitória, e não nas vítimas que tombaram para criar esse sucesso.

derrubou uma multidão de gauleses da rocha Tarpeia".[356] O ditador assim respondeu: "*Tens a honrada virtude*, Tito Mânlio, *e a piedade para com o pai e a pátria*. Avança tu e, *com o auxílio dos deuses, defende o invencível nome romano*".[357] Em seguida os companheiros armaram o jovem: ele tomou o escudo de um soldado e cingiu-se com uma espada hispana, conveniente para a luta corpo a corpo.[358] Eles o conduziram, armado e equipado, até o *gaulês insensatamente feliz e* – porque aos antigos parecesse esse ser um fato digno de nota – *que mostrava a língua em escárnio*. Os jovens, então, se retiraram para sua posição. No centro *os dois, armados, foram deixados, mais à maneira de espetáculo do que de guerra*. De forma alguma eram parecidos, considerando-se seu aspecto e tipo. *O corpo de um deles era notável pelo tamanho, resplandecente em uma veste multicolorida* de vários tons, e *com armas ornadas de ouro. O outro tinha a estatura mediana e modesta de um soldado, e armas mais úteis do que ornamentais*; *ele não produziu nenhum canto, nenhuma exultação ou agitação inútil das armas, mas o seu peito estava cheio de coragem e ira silenciosa, e guardava toda sua ferocidade para o momento da própria luta*. Quando eles se postaram entre as duas linhas de batalha, todos os que estavam à sua volta ficaram com os ânimos suspensos pela esperança e pelo medo. O gaulês, que por cima se aproximava devido ao seu grande tamanho, lançou o escudo contra as armas adversas do inimigo que se aproximava, e projetou a espada com grande ruído, mas esse golpe foi inútil. *O romano*, com a ponta da espada erguida, com seu próprio escudo bateu no escudo inimigo pela parte inferior e, *comprimindo-se todo entre o corpo e as armas do inimigo, aproximou-se ainda mais do perigo do ataque; com um golpe e depois outro ele feriu-lhe o ventre e a virilha*, e jogou o adversário, derrubado, em um espaço enorme. Então do corpo abatido, intocado por nenhuma outra indignidade, *ele tirou somente o colar que, manchado de sangue, colocou em volta do seu próprio pescoço*. *O pavor, junto com a admiração, paralisou os gauleses*; os romanos, entusiasmados, avançaram de sua posição até o seu soldado e, louvando-o e agradecendo-o, conduziram-no até o ditador. Entre o canto militar e os gracejos desordenados que eles diziam, *ouvia-se o nome Torquato*, que depois foi celebrado pelos seus descendentes e tornou-se ainda a honorífica alcunha da família. O ditador acrescentou uma coroa de ouro ao prêmio e, com admiráveis elogios, narrou essa luta em um discurso.[359]

[356] Oakley (1998, p. 132) sublinha que era algo comum a todas as sociedades antigas os filhos desejarem emular as conquistas de seus ancestrais; em Roma, isso era bastante comum em famílias aristocráticas, que herdavam prestígio ao longo de gerações (fato citado ao final desse capítulo, em que os descendentes de Mânlio herdam o nome Torquato). Os romanos, assim motivados, buscavam alcançar façanhas similares às dos seus ascendentes. Assim Tito Mânlio demonstra sua vontade de lutar com o gaulês como forma de rivalizar o feito do seu pai que, derrubando os gauleses da rocha Tarpeia, ficou conhecido como Tito Mânlio Capitolino (*Ab urbe cond.*, VI, 17).

[357] Gilmartin (1975, apud PHILLIPS, 1982, p. 1045) sugere que essa segunda pessoa do singular usada por Lívio geralmente aparecia em contextos que estimulavam seus leitores a terem uma reação (seja de admiração ou vergonha), dando mais ênfase no impacto que os exemplos criariam em seu público, do que em fazer uma simples descrição dos acontecimentos.

[358] Na época em que esse confronto aconteceu (361 a.C.) os romanos ainda não tinham conquistado a Hispânia; trata-se, então, de um anacronismo de Lívio. A espada (*gladius*) de Mânlio, mais curta que a do gaulês (*ensis*), era ideal para confrontos muito próximos. Era bastante comum em Lívio esse fato do gaulês ser prejudicado em um duelo por causa de uma espada muito longa. Para discussão mais detalhada sobre as formas de combate com espada curta e longa, cf. Oakley (1998, p. 134-136).

[359] A coroa de ouro era um prêmio recorrente durante a Repúlica. De acordo com Oakley (1998, p. 148), no período final da República passou a ser comum conceder coroas específicas, como a *corona ciuica*, *muralis*, etc. Augusto (*R.G.*, XXXIV, p. 150) mencionou que ganhou uma coroa cívica e um escudo de ouro.

No capítulo 9 o gaulês por conta própria decidira avançar e propor uma luta individual. Tito Mânlio, antes de aceitar esse desafio, primeiro pediu a autorização ao ditador, dizendo: *sem a tua ordem, general, eu nunca lutaria fora da linha de batalha, nem mesmo se visse que a vitória era certa*.[360] Podemos perceber a assimetria entre a *uirtus* bárbara e a disciplina contida do romano; de fato a visão romana considerava que a *uirtus* era alcançada coletivamente, e não individualmente (RIGGSBY, 2006, p. 90 e 91).[361] Os pronomes *tu* e *ego*, na fala de Mânlio, chamam atenção para a forma com a qual ele subordina seu próprio desejo de glória à autoridade do seu general (OAKLEY, 1998, p. 131). Lívio igualmente sublinhou a primitividade do gaulês através das palavras de Mânlio, que a ele se referiu como sendo um animal, *visto que ele saltita feroz diante dos estandartes dos inimigos* (*illi beluae ostendere, quando adeo ferox praesultat hostium signis*). Em contraste a essa característica selvagem do celta, temos a oposição representada pela civilidade romana; de fato o ditador, em resposta, diz que Mânlio tem *a honrada virtude e a piedade para com o pai e a pátria (macte uirtute ac pietate in patrem patriamque esto*) e que, com o auxílio dos deuses, o herói haveria de defender o *invencível nome romano* (*nomen Romanum inuictum iuuantibus dis praesta*).[362] Em seguida, Lívio segue com a descrição clichê do gaulês *insensatamente feliz e que mostrava a língua em escárnio*.[363] Os combatentes, armados, foram deixados no centro, *mais à maneira de espetáculo do que de guerra*. Como Riggsby (2006, p. 90 e 91) lembra, para os romanos o valor de um cidadão dependia do julgamento da comunidade, mais do que de padrões absolutos, pois para os romanos era marcante essa noção de coletividade; por conseguinte, isso encorajava a visão de que a atividade romana se desenrolava como se fosse em um palco, com a audiência desempenhando o papel de juíza. Isso é um padrão constante no *Ab urbe condita*, em que batalhas e duelos comumente são descritos como espetáculos de forma a deixar a narrativa mais vívida. Dando continuidade à descrição estereotipada do celta (e também do romano), temos que o gaulês era *notável pelo tamanho, resplandecente em uma veste multicolorida com*

[360] Oakley (1998, p.131) destaca que nenhum soldado romano podia sair do seu posto por nenhum motivo, a não ser por ordem do seu comandante.
[361] Já falamos a esse respeito na p. 145, em que César também afirmara algo semelhante sobre a *uirtus* dos germanos e a disciplina romana.
[362] Conforme discutimos em várias passagens do livro V, aqui também o romano, imbuído da *uirtus* e da *pietas*, contava com o auxílio da divina providência (a boa fortuna) e, por isso, defenderia o nome romano, sinônimo de honra e dignidade.
[363] Sobre o comportamento ameaçador e dramático que os gauleses tinham em batalha, cf. nota 354. Além disso, Cícero também fez uma descrição bastante hostil dos gauleses, dizendo que "eles vagam desordenadamente por todo o foro, felizes e arrogantes, com várias ameaças e com o terror bárbaro e desumano da sua língua" (cf. *Pro Fonteio*, 33, p. 72).

*armas ornadas de ouro*.[364] O romano, pelo contrário, *tinha a estatura mediana e modesta de um soldado, e armas mais úteis do que ornamentais*. Em oposição à postura teatral do gaulês que saltitava e mostrava a língua, Mânlio *não produziu nenhum canto, nenhuma exultação ou agitação inútil das armas* (*non cantus, non exsultatio armorumque agitatio uana*).[365] Na verdade o romano, embora impassível, tinha o peito *cheio de coragem e ira silenciosa, e guardava toda sua ferocidade para o momento da própria luta* (*sed pectus animorum iraeque tacitae plenum omnem ferociam in discrimen ipsum certaminis distulerat*). Mais do que ficar desempenhando o papel do guerreiro típico, Mânlio se preocupou em guardar sua energia feroz para o combate em si. Podemos pensar que, embora Lívio tenha usado os termos *ira* e *ferocia* – comumente empregados na historiografia latina para a descrição das nações consideradas bárbaras – para referir-se a um romano, contudo Mânlio possuía a disciplina, a *uirtus* e a *pietas*; assim, a ira e a ferocidade, devidamente controladas, serviram como importantes ferramentas para sua vitória.[366] Mânlio, aproveitando-se do fato de ser menor que o gaulês, comprimiu-se *todo entre o corpo e as armas do inimigo* e, com apenas dois golpes, *feriu-lhe o ventre e a virilha* e venceu. De todos os ricos ornamentos, Mânlio tomou como butim *somente o colar que, manchado de sangue, colocou em volta do seu próprio pescoço* (*uno torque spoliauit, quem respersum cruore collo circumdedit suo*). Mais uma vez temos a imagem dos gauleses paralisados, por causa do pavor e da admiração (*defixerat pauor cum admiratione Gallos*).[367] Por ter se apoderado do colar (*torquis*), Mânlio passou a ser reconhecido pelo nome *Torquato*.

Também no livro VII, destacamos a seguinte passagem que se passa em 348 a.C., na qual o impasse da guerra é decidido em um novo duelo entre um gaulês e um romano (VII, 26):

> *Vbi cum stationibus quieti tempus tererent, Gallus processit magnitudine atque armis insignis; quatiensque scutum hasta cum silentium fecisset, prouocat per interpretem unum ex Romanis qui secum ferro decernat. M.*

[364] Diodoro Sículo (V, 29, 3) fala do costume dos gauleses, tanto homens quanto mulheres, usarem vários adereços em ouro. Diodoro também fala do costume dos guerreiros gauleses usarem vestes multicoloridas em V, 30, 1.
[365] Cf. p. 169, em que essa conduta já fora descrita com vocabulário similar em V, 37: *Já todos os locais em frente e ao redor estavam repletos de inimigos e esse povo, dado a tumultos vãos, com canto feroz e vários gritos preenchiam tudo com horrendo clamor* (*iam omnia contra circaque hostium plena erant et nata in uanos tumultus gens truci cantu clamoribusque uariis horrendo cuncta compleuerant sono*).
[366] Por conseguinte, nota-se mais uma vez essa oposição entre o romano astuto e o gaulês que possuía essa ira inata e incontrolável (cf. *BGall.*, VII, 42, p. 133 e *Ab urbe cond.*,V, 37, p. 169). Evidentemente na historiografia latina o romano, sendo superior em inteligência e virtude, sempre vencia seus inimigos.
[367] Cf. V, 39 (p. 172 e 173), em que os gauleses, ao vencerem em Ália, ficaram imóveis de espanto.

*erat Valerius tribunus militum adulescens, qui haud indigniorem eo decore se quam T. Manlium ratus, prius sciscitatus consulis uoluntatem, in medium armatus processit. Minus insigne certamen humanum numine interposito deorum factum. Namque conserenti iam manum Romano coruus repente in galea consedit, in hostem uersus. Quod primo ut augurium caelo missum laetus accepit tribunus, precatus deinde, 'si diuus, si diua esset, qui sibi praepetem misisset, uolens propitius adesset'. Dictu mirabile, tenuit non solum ales captam semel sedem, sed, quotienscumque certamen initum est, leuans se alis os oculosque hostis rostro et unguibus appetit, donec territum prodigii talis uisu oculisque simul ac mente turbatum Valerius obtruncat; coruus ex conspectu elatus orientem petit. Hactenus quietae utrimque stationes fuere; postquam spoliare corpus caesi hostis tribunus coepit, nec Galli se statione tenuerunt et Romanorum cursus ad uictorem etiam ocior fuit. Ibi circa iacentis Galli corpus contracto certamine, pugna atrox concitatur. Iam non manipulis proximarum stationum, sed legionibus utrimque effusis res geritur. Camillus laetum militem uictoria tribuni, laetum tam praesentibus ac secundis dis, ire in proelium iubet; ostentansque insignem spoliis tribunum, "Hunc imitare, miles, aiebat, et circa iacentem ducem sterne Gallorum cateruas." Di hominesque illi adfuere pugnae depugnatumque haudquaquam certamine ambiguo cum Gallis est: adeo duorum militum euentum, inter quos pugnatum erat, utraque acies animis praeceperat. Inter primos, quorum concursus alios exciuerat, atrox proelium fuit; alia multitudo, priusquam ad coniectum teli ueniret, terga uertit. Primo per Volscos Falernumque agrum dissipati sunt; inde Apuliam ac mare inferum petierunt. (...)* [368]

Como os romanos estivessem quietos e passassem o tempo em guarda, um *gaulês avançou, com tamanho e armas notáveis*; ele fez silêncio, batendo no escudo com a lança e, por meio de um intérprete, chamou um dos romanos, para que lutasse consigo através do ferro. Havia um jovem tribuno militar, Marco Valério, que não se considerava menos digno daquela honra do que Tito Mânlio. *Ele, tendo antes se informado da vontade do cônsul, avançou*, armado, até o centro. Menos ilustre se mostrou o combate humano, já que *interferiram os poderes dos deuses*. De fato, enquanto o romano se dirigia para a luta, um corvo de repente pousou no seu capacete, virado para o inimigo. Feliz, primeiramente o tribuno aceitou isso como um presságio vindo do céu, e depois suplicou: "caso fosse um deus, ou deusa, que a ele enviou o pássaro, que o voo propício lhe favorecesse". Ocorreu algo maravilhoso de se contar: *a ave* não se contentou apenas em ficar no lugar mas, todas as vezes que a luta começava, com as asas ela levantou-se, e *atacou o rosto e os olhos do inimigo com o bico e as garras*. Por fim o gaulês, aterrorizado pela visão de tamanho prodígio e ao mesmo tempo ferido nos olhos e na mente, foi morto por Valério; o nobre corvo, saindo de vista, dirigiu-se para o oriente. Até então as tropas dos dois lados estiveram paradas. *Assim que o tribuno começou a despojar o corpo do inimigo morto, os gauleses não se mantiveram mais em posição*, e a corrida dos romanos até o vencedor foi ainda mais rápida. Ali, travando um acirrado combate ao redor do corpo do gaulês derrubado, *houve uma luta atroz*. A batalha já não era mais travada pelos manípulos nas posições próximas, mas sim pelas legiões dispersas pelos dois lados. Camilo ordenou ir para o combate os soldados, que estavam felizes tanto com a vitória do tribuno quanto pela presença dos deuses favoráveis; mostrando-lhes o tribuno reluzente com os despojos, disse-lhes: "*imitai-o, soldados* e, ao redor do líder derrubado, derrotai as multidões dos gauleses". Deuses e homens tomaram parte nessa luta e *de forma alguma foi duvidoso o combate contra os gauleses*: uma e outra parte já compreendera nos ânimos o resultado do combate que fora travado pelos dois soldados. Entre os que avançaram primeiro, e cuja luta inflamara os

[368] Encerramos a tradução desse capítulo aqui; após esse trecho, Lívio muda de assunto e passa a narrrar o conflito entre romanos e gregos na Sicília.

> outros, o embate foi atroz; *o resto da multidão*, antes que pudesse lançar os dardos, *virou as costas*. Primeiro, eles se dispersaram pela área dos volscos e pelo território de falerno; de lá se dirigiram para a Apúlia e o mar inferior. (...) (grifos nossos)

Esse capítulo guarda muitas semelhanças com a narrativa da vitória de Tito Mânlio: mais uma vez um enorme gaulês toma a frente e chama um romano para um duelo. Valério se oferece para lutar, *tendo antes se informado da vontade do cônsul*. Mesmo com alguns anos de intervalo entre Mânlio e Valério (de 361 a.C. a 348 a.C.), a disciplina romana continua exatamente a mesma.[369] Uma diferença que temos é o fato de, ao contrário do que ocorrera com Mânlio, nesse confronto *interferiram os poderes dos deuses*. Fica evidente o papel da divina providência atuando em favor dos romanos. Um corvo, que pousara no capacete de Valério, *atacou o rosto e os olhos do inimigo com o bico e as garras*. Rankin (1996, p. 109) destaca que para os romanos o corvo era uma ave sagrada; para os gauleses ele era uma representação comum da deusa celta da guerra. Ao dizer que o corvo ajudou um guerreiro romano, Lívio destacou ainda mais a vitória desse contra o gaulês, já que, esse que seria um presságio favorável ao gaulês, no fim das contas mostrou-se auspicioso para Valério. Outro acontecimento que difere do duelo de Mânlio foi o fato de que assim que Valério *começou a despojar o corpo do inimigo morto, os gauleses não se mantiveram mais em posição*. Antes, ao verem a vitória de Mânlio, os gauleses ficaram paralisados por medo e admiração, mas se resignaram com o resultado. Já nesse capítulo, os gauleses não só não ficaram estáticos, mas também partiram para cima dos romanos, e *houve uma luta atroz*. Temos nas palavras de Camilo, então, um exemplo de comportamento valoroso na guerra, uma vez que ele pede aos soldados que imitem a atitude de Valério frente ao inimigo.[370] Mesmo com essa acirrada batalha, Lívio, ao dizer que *de forma alguma foi duvidoso o combate contra os gauleses* salientou que os romanos venceriam de qualquer jeito, pois eles contavam com o auxílio dos deuses.

Passamos agora ao livro XXIII, em que temos o contexto histórico da Segunda Guerra Púnica. Preocupados em derrotar Aníbal, os romanos sofrem uma terrível derrota na Gália. Assim, temos (*Ab urbe cond.*, XXIII, 24):

[369] Nenhum soldado romano se prontificava a lutar sem antes ter a autorização expressa de seu general (cf. VII, 10, p. 182).
[370] Valério imitou o exemplo de Mânlio ao confrontar um gaulês; por sua vez Lívio exorta seu público-alvo a imitar Valério. Falamos do importante papel dos *exempla* no *Ab urbe condita* nas páginas 158 e 159.

*(...) Cum eae res maxime agerentur, noua clades nuntiata aliam super aliam cumulante in eum annum fortuna, L. Postumium consulem designatum in Gallia ipsum atque exercitum deletos. Silua erat uasta – Litanam Galli uocabant – qua exercitum traducturus erat. Eius siluae dextra laeuaque circa uiam Galli arbores ita inciderunt ut immotae starent, momento leui impulsae occiderent. Legiones duas Romanas habebat Postumius, sociumque ab supero mari tantum conscripserat ut uiginti quinque milia armatorum in agros hostium induxerit. Galli oram extremae siluae cum circumsedissent, ubi intrauit agmen saltum, tum extremas arborum succisarum impellunt; quae alia in aliam, instabilem per se ac male haerentem, incidentes ancipiti strage arma, uiros, equos obruerunt, ut uix decem homines effugerent. Nam cum exanimati plerique essent arborum truncis fragmentisque ramorum, ceteram multitudinem inopinato malo trepidam Galli saltum omnem armati circumsedentes interfecerunt paucis e tanto numero captis, qui pontem fluminis petentes obsesso ante ab hostibus ponte interclusi sunt. Ibi Postumius omni ui ne caperetur dimicans occubuit. Spolia corporis caputque praecisum ducis Boii ouantes templo quod sanctissimum est apud eos intulere. Purgato inde capite, ut mos iis est, caluam auro caelauere, idque sacrum uas iis erat quo sollemnibus libarent poculumque idem sacerdoti esset ac templi antistitibus. Praeda quoque haud minor Gallis quam uictoria fuit; nam etsi magna pars animalium strage siluae oppressa erat, tamen ceterae res, quia nihil dissipatum fuga est, stratae per omnem iacentis agminis ordinem inuentae sunt.*

(...) Enquanto essas coisas aconteciam, soube-se de *uma nova catástrofe, pois que naquele ano a fortuna as acumulava uma sobre a outra*. L. Postúmio, designado cônsul, foi massacrado na Gália junto com seu exército. *A floresta, pela qual ele deveria conduzir a tropa, era vasta – os gauleses a chamavam de Litana*.[371] Ao longo do caminho, pela direita e pela esquerda, *os gauleses cortaram as árvores; assim elas pareceriam de pé, mas, com um leve movimento, elas cairiam*. Postúmio tinha duas legiões romanas e, como tinha recrutado muitos aliados do mar superior,[372] *ele conduzia vinte e cinco mil soldados para os territórios dos inimigos*. Os gauleses ficaram ao longo da borda da floresta; no momento em que a fileira entrou no mato, eles logo empurraram árvores cortadas que estavam mais externas. Elas caíram, umas sobre as outras, instáveis e mal estabilizadas; com esse desabamento, elas destruíram *as armas, os homens e os cavalos*, de tal forma que *apenas dez indivíduos escaparam* com muita dificuldade. De fato, muitos foram sufocados pelos troncos das árvores e pedaços de galhos. Os gauleses, armados, rodeando toda a floresta, mataram a outra parte deles, que estava atemorizada por esse repentino mal. *De um número tão grande poucos foram capturados, já que eles foram impedidos de alcançar a ponte do rio que fora bloqueada pelos inimigos*. Foi ali que Postúmio, lutando com toda a força para não ser apanhado, morreu. *Os boios, exultantes, levaram até o templo*, que era muito sagrado entre eles, *os despojos do corpo e a cabeça decepada do general. Então, após limparem a cabeça, como era o costume deles, ornaram o crânio com ouro, que para eles passou a ser um recipiente sagrado. Com ele fariam as libações nas solenidades e o mesmo serviria de copo para os sacerdotes do templo*.[373] Para os gauleses o butim foi tão grande

[371] Essa floresta, no território da nação celta dos boios, era ao sudeste da atual cidade de Módena.

[372] Hoje conhecido por mar Adriático.

[373] Posidônio (via Estrabão, IV, 4, 5, cf. p. 85 e 86) afirmara que os gauleses (assim como várias outras tribos do norte) tinham o exótico e bárbaro hábito de exibirem as cabeças dos inimigos, como prêmios, na entrada de suas casas. Diodoro Sículo (V, 29, 4) escreveu que os galos levavam os crânios como butim, mantendo-os em casa como troféus. As cabeças dos inimigos mais ilustres eram embalsamadas com óleo de cedro e guardadas em urnas, e eles não as vendiam por quantia nenhuma de ouro. Lívio, aqui, descreveu esse costume de forma um pouco diferente, dizendo que os crânios eram levados ao sagrado templo e usados como recipiente para as libações e como copo para os sacerdotes. Assim, o uso das cabeças, outrora mantidas em contexto privado, passam a ser um prêmio público, ao serem usadas nos

> quanto a vitória; de fato, embora grande parte dos animais pereceu com a queda das árvores, todavia os demais objetos – já que nada se perdeu na fuga – foram encontrados caídos por toda a fileira do exército derrubado. (grifos nossos)

Lívio escreveu que, enquanto os romanos se ocupavam da guerra contra Aníbal, houve uma nova catástrofe, pois que *naquele ano a fortuna as acumulava uma sobre a outra*. O autor mais uma vez deixou explícito o papel da fortuna nesse episódio, como forma de justificar os vários desastres sofridos por Roma nesse período. O incidente dessa emboscada na floresta Litana imediatamente nos faz lembrar do massacre sofrido por Varro em Teutoburgo.[374] Lembrando do papel dos *exempla* no *Ab urbe condita*, esse seria justamente um aviso estratégico aos romanos: pelo próprio *modus operandi* de uma legião, eles deviam evitar confrontos em florestas densas.[375] Vemos que os gauleses foram muito espertos, já que eles cortaram as árvores de modo que elas parecessem de pé mas que, com um leve movimento, elas caíssem sobre os inimigos. Lívio disse que Postúmio *conduzia vinte e cinco mil soldados para os territórios dos inimigos*, um número bem elevado, que ressalta ainda mais o contraste com o número de sobreviventes: entre armas, homens e animais perdidos, *apenas dez indivíduos escaparam*. Além disso, a menção *de que um número tão grande poucos foram capturados, já que eles foram impedidos de alcançar a ponte do rio que fora bloqueada pelos inimigos*, aumentou ainda mais a expressividade dramática de tamanha derrota. Postúmio, sendo corajoso e lutando até o fim, acabou perecendo e seu corpo foi despojado pelos boios.

Por fim, chegamos ao último trecho de Lívio (XXXVIII, 17) a ser analisado neste trabalho. Nesse episódio temos o contexto da batalha dos romanos contra os gálatas (ou galo-gregos) no Monte Olimpo, em 189 a.C. Antes da luta, Mânlio faz um significativo discurso para as tropas. Assim, temos (XXXVIII, 17):

> *Cum hoc hoste tam terribili omnibus regionis eius quia bellum gerendum erat, pro contione milites in hunc maxime modum adlocutus est consul: "non me praeterit, milites, omnium quae Asiam colunt gentium Gallos fama belli praestare. Inter mitissimum genus hominum ferox natio peruagata bello prope orbem terrarum sedem cepit. Procera corpora, promissae et rutilatae*

---

rituais religiosos e solenes. Lívio, com isso, provavelmente queria ressaltar o caráter bárbaro desse hábito. Por outro lado César em momento algum do *De bello Gallico* citou esse costume. Isso se justificava pelo fato do general ter retratado os gauleses mais próximos culturalmente aos romanos, já que a finalidade de sua obra era política, e não meramente etnográfica (cf. p. 139).

[374] Cf. p. 153.

[375] As legiões eram muito eficazes em terrenos abertos, mas, pelo fracasso na floresta Litana e também em Teutoburgo, fica claro que elas ficavam em desvantagem em áreas de mata fechada.

*comae, uasta scuta, praelongi gladii, ad hoc cantus inchoantium proelium et ululatus et tripudia, et quatientium scuta in patrium quemdam modum horrendus armorum crepitus, omnia de industria composita ad terrorem. Sed haec, quibus insolita atque insueta sunt, Graeci et Phryges et Cares timeant; Romanis Gallici tumultus adsueti, etiam uanitates notae sunt. Semel, primo congressu, ad Alliam olim fuderunt maiores nostros. Ex eo tempore, per ducentos iam annos, pecorum in modum consternatos caedunt fugantque, et plures prope de Gallis triumphi quam de toto orbe terrarum acti sunt. Iam usu hoc cognitum est: si primum impetum, quem feruido ingenio et caeca ira effundunt, sustinueris, fluunt sudore et lassitudine membra, labant arma; mollia corpora, molles, ubi ira consedit, animos, sol puluis sitis, ut ferrum non admoueas, prosternunt. Non legionibus legiones eorum solum experti sumus, sed uir unus cum uiro congrediendo: T. Manlius M. Valerius quantum Gallicam rabiem uinceret Romana uirtus docuerunt; iam M. Manlius unus agmine scandentes in Capitolium Gallos detrusit. Et illis maioribus nostris cum haud dubiis Gallis, in sua terra genitis, res erat; hi iam degeneres sunt, mixti, et Gallograeci uere, quod appellantur; sicut in frugibus pecudibusque non tantum semina ad seruandam indolem ualent quantum terrae proprietas caelique sub quo aluntur mutat: Macedones, qui Alexandriam in Aegypto, qui Seleuciam ac Babyloniam, quique alias sparsas per orbem terrarum colonias habent, in Syros Parthos Aegyptios degenerarunt; Massilia, inter Gallos sita, traxit aliquantum ab accolis animorum; Tarentinis quid ex Spartana dura illa et horrida disciplina mansit? Generosius in sua quidquid sede gignitur; insitum alienae terrae, in id quo alitur, natura uertente se, degenerat. Phrygas igitur Gallicis oneratos armis, sicut in acie Antiochi cecidistis, uictos uictores caedetis. Magis uereor ne parum inde gloriae quam ne nimium belli sit. Attalus eos rex saepe fudit fugauitque. Nolite existimare beluas tantum, recens captas, feritatem illam siluestrem primo seruare, dein, cum diu manibus humanis alantur, mitescere, in hominum feritate mulcenda non eamdem naturam esse; eosdemne hos creditis esse qui patres eorum auique fuerunt? Extorres inopia agrorum, profecti domo per asperrimam Illyrici oram, Paeoniam inde et Thraeciam pugnando cum ferocissimis gentibus emensi, has terras ceperunt. Duratos eos tot malis exasperatosque accepit terra quae copia rerum omnium saginaret. Vberrimo agro, mitissimo caelo, clementibus accolarum ingeniis, omnis illa cum qua uenerant mansuefacta est feritas. Vobis mehercule, Martiis uiris, cauenda ac fugienda quam primum amoenitas est Asiae: tantum hae peregrinae uoluptates ad extinguendum uigorem animorum possunt, quantum contagio disciplinae morisque accolarum ualet. Hoc tamen feliciter euenit quod, sicut uim aduersus uos nequaquam, ita famam apud Graecos parem illi antiquae obtinent cum qua uenerunt, bellique gloriam uictores eandem inter socios habebitis quam si seruantes antiquum specimen animorum Gallos uicissetis."*

Como eles devessem empreender a guerra contra esse inimigo, que era o mais terrível de todos dessa região, o cônsul reuniu os combatentes e proferiu o seguinte discurso: "não me escapa, soldados, que *de todos os povos que habitam a Ásia, os gauleses são superiores pela sua fama na guerra*. *Essa feroz nação*, depois que percorreu quase todos os lugares fazendo guerra, *por fim tomou lugar entre esse povo muito pacífico*. *Eles possuem corpos enormes, cabelos longos e ruivos, grandes escudos e espadas muito longas. Junto a isso também o canto, os gritos e as danças dos que começam um combate, e o horrendo barulho que fazem ao bater as armas nos escudos, de acordo com o seu costume, é deliberadamente preparado para causar terror. Os gregos, os frígios e o cários, como não estão acostumados a essas coisas estranhas e incomuns, sentem medo*. Por outro lado *nós, romanos, estamos familiarizados com esses tumultos gálicos e também já conhecemos as inconstâncias deles*. *Apenas uma vez*, no primeiro encontro, os *nossos antepassados fugiram para Ália*.[376] *Desde então, e já ao longo de duzentos*

[376] Cf. V, 38, p. 170 e 171.

> *anos, eles são mortos ou fogem, atemorizados, como se fossem gado*.[377] Celebramos vários triunfos muito mais sobre os gauleses do que sobre o resto do mundo. Já aprendemos esse costume: *se resistirmos ao primeiro ataque que eles lançam com violento ânimo e cega ira, logo os braços deles se enfraquecem e as armas caem, devido ao suor e à fadiga*. No momento em que a ira deles se acalma, *por causa do sol, da poeira e da sede,* eles derrubam seus corpos moles e ânimos; por isso, não precisamos mover o ferro. *Não somos experientes apenas nos combates entre nossos exércitos contra os exércitos deles, mas também em luta de um só homem contra outro.* De fato, Tito Mânlio e Marco Valério mostraram o quanto a virtude romana se sobressaía à fúria gaulesa, e outrora Marco Mânlio, sozinho, derrubou os gauleses que em coluna escalavam o Capitólio.[378] *Nessa época os nossos ancestrais tiveram contato com gauleses de verdade, nascidos em sua terra; esses de agora estão degenerados, miscigenados, e por isso são chamados de galo-gregos*. No caso dos grãos ou dos animais, as sementes não podem conservar sua índole quando muda a propriedade da terra e do céu sob o qual se desenvolvem. Do mesmo modo *os macedônios, que antes possuíram Alexandria no Egito, Selêucia, Babilônia, e outras colônias espalhadas por todo o mundo, se degeneraram em sírios, partos e egípcios. Marselha, situada entre os gauleses, tomou muitos dos traços dos vizinhos. Quanto aos tarentinos, o que restou daquela dura e temível disciplina espartana?* Tudo o que é produzido em seu lugar de origem é mais digno; quando introduzido em outra terra da qual se nutre, ele transforma sua natureza e se degenera. Portanto, assim como vós matastes na fileira de Antíoco, agora matareis os frígios que portam armas gaulesas, vós vencedores, e eles, os vencidos. *Receio mais que disso resulte uma glória escassa do que bastante luta. O rei Átalo muitas vezes os derrotou e os afugentou*. Não acreditais que apenas as feras, quando capturadas, primeiro mantêm aquela sua ferocidade selvagem e, em seguida, domesticam-se, quando por muito tempo são alimentadas por mãos humanas. O mesmo ocorre com a natureza dos homens quando sua ferocidade se acalma; ou acreditais esses serem iguais aos que foram seus pais e antepassados? *Eles deixaram a pátria por causa da falta de terras*, avançaram pela duríssima região da Ilíria, depois percorreram a Peônia e a Trácia e, tendo lutado contra povos ferocíssimos, tomaram essas paragens. Essa terra, que produz uma fartura de todas as coisas, acolheu esses homens endurecidos e exasperados por tantos males. *Em um campo tão fértil, com céu muito ameno, e com vizinhos pacíficos, toda aquela rudeza que tinham quando chegaram se abrandou*. Por Hércules! Vós, homens de Marte,[379] deveis o quanto antes evitar e fugir da amenidade da Ásia. *Esses prazeres estrangeiros tanto podem extinguir o vigor dos ânimos, quanto o mesmo pode ocorrer através do contato com os hábitos e costumes dos vizinhos*. Felizmente acontece que, *embora os gauleses de forma alguma sejam fortes perante vós, todavia entre os gregos eles ainda possuem aquela mesma fama com a qual chegaram outrora*. *Vós, vencedores, tereis entre os aliados a mesma glória da guerra, como se tivésseis vencido os gauleses dotados de sua antiga disposição de ânimos*". (grifos nossos)

Sobre a migração gaulesa para a Ásia Menor, sem dúvida Lívio usou Políbio como fonte (BRISCOE, 2008, p. 71). Todavia, esse discurso de Mânlio sem dúvida foi

[377] Mais uma vez Lívio se referiu aos gauleses como "gado"; cf. V, 48, p. 179, em que eles morriam *como gado*.

[378] Sobre a vitória de Mânlio, cf. VII, 10, p. 182 e 183. Para a luta de Valério, cf. VII, 26, p. 185 a 187. Esse episódio em que Marco Mânlio derrubou os gauleses do Capitólio se encontra em *Ab Urb. Cond*., V, 47.

[379] Os romanos ligavam sua origem mítica a Marte, pois consideravam que o deus da guerra era o pai dos gêmeos Rômulo e Remo. Lívio usou essa designação para acentuar ainda mais o caráter belicoso das legiões.

uma criação própria de Lívio, já que Políbio não fez menção a essa fala (LUCE, 1977, p. 90). Na historiografia antiga, as passagens com discursos eram uma importante ferramenta que servia como meio de expressão para descrever o estado da mente dos personagens ou povos retratados. Em Lívio esses discursos, fundamentalmente trabalhados na arte retórica, iam além no seu propósito. Na verdade, muito além de delinear os pensamentos dos indivíduos para a audiência que se encontrava *dentro da narrativa*, o foco principal de Lívio era endereçar esses discursos aos romanos *de fora da narrativa*, já que o historiador, acima de tudo, buscava transmitir ao seu público-alvo *exempla* de virtudes e comportamentos a serem imitados (ou evitados). Lívio geralmente preferia usar o discurso direto ao indireto, de modo a não interromper a expressão dos pensamentos e sentimentos da pessoa envolvida. Seguindo seu preceito de que a história servia mais para comover do que para ser um relato pragmático dos acontecimentos, Lívio então buscou dar mais ênfase ao caráter dramático dos discursos do que utilizá-los como um meio de explicar uma situação ou contexto histórico. Lambert (1946 apud AILI, 1982, p. 1133) diz que em César acontecia o contrário; a preferência pelo discurso indireto estava diretamente ligada à questão formal do comentário. Por isso, o discurso era introduzido de forma abrupta justamente para interromper a narrativa, de modo a explicar uma situação ou ajudar a caracterizar um povo ou personagem.[380]

Mânlio, no capítulo acima, começou seu discurso dizendo que os gauleses, *de todos os povos que habitam a Ásia*, eram *superiores pela sua fama na guerra*, e os chamou de *feroz nação* (*ferox natio*).[381] Notamos certa depreciação nesse "elogio" à fama bélica dos gauleses entre os povos da Ásia, já que eles tomaram lugar entre *esse povo muito pacífico* (*inter mitissimum genus hominum*). Ora, entre populações bastante pacatas qualquer fama guerreira, por menor que fosse, se sobressairia. Em seguida temos uma lista de vários *tópoi* da representação dos galos: e*les possuem corpos enormes* (*procera corpora*), *cabelos longos e ruivos* (*promissae et rutilatae comae*), *grandes escudos* (*uasta scuta*) *e espadas muito longas* (*praelongi gladii*). Depois Lívio descreveu o modo de agir deles antes de um confronto: *junto a isso também o canto, os gritos e as danças dos que começam um combate, e o horrendo barulho que fazem ao bater as armas nos escudos, de acordo com o seu costume, é deliberadamente*

[380] Sobre o papel dos discursos não só na historiografia antiga, mas também especificamente em César, cf. p. 116 e 117. Quanto à preocupação de Lívio em transmitir *exempla* à sua audiência, cf. p. 158 e 159.
[381] A *ferocitas* era o traço essencial do bárbaro; a esse respeito, cf. p. 40 e 41 deste trabalho.

*preparado para causar terror.*[382] Segundo Riggsby (2006, p. 48), os relatos antigos costumavam focar bastante no que parecia pitoresco ou exótico, pois isso tinha um grande apelo em uma audiência greco-romana, e aqui isso não seria diferente.

Continuando a narrativa, Lívio, através de Mânlio, disse que os gregos, frígios e cários sentiam medo com esse espetáculo exótico. Os romanos, como já travaram contato com os gauleses muito antes dessa migração para a Ásia Menor, já estavam familiarizados não só com esse costume, mas também com a inconstância deles (*Romanis Gallici tumultus adsueti, etiam uanitates notae sunt*). Lívio escreveu que os romanos se apavoraram apenas uma vez, no desastre junto ao Ália, apenas porque era a primeira vez que eles se encontraram frente a frente com os gauleses. Depois disso, e *já ao longo de duzentos anos, eles são mortos ou fogem*, e os romanos triunfaram mais sobre os galos do que qualquer outro povo. Evidentemente, em um discurso para encorajar as tropas, a terrível derrota de Postúmio e as legiões emboscadas na floresta Litana foram esquecidas. De novo temos o reforço da inconstância dos galos; se os romanos resistirem *ao primeiro ataque que eles lançam com violento ânimo e cega ira, logo os braços deles se enfraquecem e as armas caem, devido ao suor e à fadiga*.[383] Assim, por esse motivo, e como igualmente os gauleses se enfraqueciam rapidamente *pelo sol, poeira e sede*, os romanos nem precisavam empunhar as armas. Então Camilo reafirmou a superioridade romana, dizendo: *não somos experientes apenas nos combates entre nossos exércitos contra os exércitos deles, mas também em luta de um só homem contra outro.* A seguir ele mencionou os sucessos de Tito Mânlio, Marco Valério e Marco Mânlio. Esses exemplos da virtude bélica serviam de inspiração não só para as tropas que escutavam Mânlio, mas também para os romanos que tinham contato com a *Ab urbe condita*. Os feitos desses heróis foram ainda significativos, pois, nessa época, eles *tiveram contato com gauleses de verdade, nascidos em sua terra; esses de agora estão degenerados, miscigenados, e por isso são chamados de galo-gregos*. Lívio relacionou essa perda da primitiva *uirtus* gaulesa com a migração deles e o contato que tiveram com os gregos: com isso, os gauleses a que se refere Mânlio nesse discurso são mera sombra dos celtas de outrora.[384] Lívio então citou outros exemplos de como a miscigenação enfraqueceu as nações, dizendo que os macedônios, que antes possuíram

[382] Lívio fez uma descrição dos gauleses bem parecida à de Diodoro Sículo (V, capítulos 29 e 30).
[383] Já apareceram ao longo deste tabalho vários exemplos sobre a inconstância dos volúveis gauleses. Cf. especialmente p. 121, em que César narrou esse arrefecimento do ímpeto guerreiro do gaulês, que se apavorou frente aos germanos.
[384] Não deixa de ser irônico o fato de que César escreveu que os gauleses perderam sua *uirtus* justamente pelo contato com os romanos (cf. p. 130).

um vasto império, se degeneraram em sírios, partos e egípcios. O mesmo aconteceu com Marselha que, próxima aos celtas, *tomou muitos dos traços dos vizinhos*. E quanto aos tarentinos, nada restou *daquela dura e temível disciplina espartana*. Mânlio, com todos esses argumentos, deixou claro para as tropas que, ao lutarem com um inimigo tão enfraquecido, eles teriam uma *glória escassa* e, para reforçar essa ideia, ele disse que o rei Átalo *muitas vezes os derrotou e os afugentou*. Se um rei helenístico conseguia vencer por várias vezes esses gauleses degenerados, para os romanos então essa tarefa seria bem tranquila, pois há tempos estavam acostumados com galos de verdade.

Na sequência temos mais detalhes sobre a emigração dos gauleses e a falta de terra como sendo a motivação principal desse ocorrido. Ao chegarem a uma nova região com *um campo tão fértil* (*uberrimo agro*), *com céu muito ameno* (*mitissimo caelo*), *e com vizinhos pacíficos*, eles perderam *toda aquela rudeza que tinham quando chegaram*. Nota-se o uso dos superlativos *uberrimo agro* e *mitissimo caelo* para salientar ainda mais as benesses dessa área. Por conseguinte, foram essas favoráveis características geográficas e climáticas que acalmaram os gauleses. Além disso, esse enfraquecimento também podia ocorrer *através do contato com os hábitos e costumes dos vizinhos*. Temos um novo alerta para os soldados: da mesma forma que as amenidades da Ásia e o convívio com vizinhos pacíficos degeneraram os galos, o mesmo poderia acontecer com os romanos. Por fim, o discurso se encerra com mais um exemplo, dessa vez endereçado aos aliados: os romanos, superando os gauleses, teriam *entre os aliados a mesma glória da guerra*. Essa luta, mais do que mero sucesso militar, serviria também como ferramenta importante para granjear o respeito das outras nações.

## 3.6 – Plínio, o Velho

### 3.6.1 – Biografia e breve resumo da *Historia naturalis*

O nome completo de Plínio era Caio Plínio Segundo – o título de "Velho" (ou "Ancião") foi adotado depois para distingui-lo do seu sobrinho, Plínio, o Jovem. Plínio nasceu em Como por volta do ano 23 d.C., membro de uma abastada família da ordem equestre. Em sua juventude, começou sua carreira militar na Germânia, entre os anos de 46 e 58 d.C. Segundo Conte (1999, p. 497), a atividade nessa região deu a Plínio a ideia de compor uma obra histórica em vinte livros, a *Bella Germaniae*, que gozou de certo sucesso e teria sido usada por Tácito como fonte para sua *Germania*. Após a morte do imperador Cláudio, Plínio retirou-se da vida pública, devido ao conturbado período de Nero; com a estabilidade política do governo de Vespasiano, Plínio voltou a ter intensa carreira como procurador imperial entre os anos de 70 e 76 d.C. e, posteriormente, tornou-se conselheiro de Vespasiano e Tito (MURPHY, 2004, p. 4). Apesar de se manter bastante ocupado com a administração do império, Plínio dedicou-se a escrever vários trabalhos literários, como a biografia de seu patrono Pompônio Segundo, um livro de técnica de combate de cavalaria (*De iaculatione equestri*), um tratado sobre a língua latina (*De dubio sermone*), sobre a educação do orador (*Studiosi*), e uma história romana do governo Júlio-Cláudio (*A fine Aufidi Bassi*). Infelizmente nenhuma dessas obras citadas nos chegou; apenas sobreviveu a *Historia naturalis*, escrita entre 77 e 78 d.C., e dedicada ao novo imperador Tito. Plínio faleceu em 79 d.C. na erupção do Vesúvio, que arrasou Pompeia e Herculano.[385]

De todos os trabalhos de Plínio, apenas a *Historia naturalis* nos chegou de forma satisfatória. Composta em trinta e sete livros, Plínio escreveu uma obra que, por abordar vários temas diferentes, geralmente foi classificada como enciclopédia. Temos, no livro I, a exposição de Plínio sobre os objetivos de sua obra. No livro II ele falou dos astros e dos elementos da natureza. Nos quatro livros seguintes (III-VI), de caráter geográfico, Plínio descreveu a paisagem de várias regiões, como a Europa, o mundo helênico, o oriente próximo e o extremo oriente. O livro VII, de caráter etnográfico, foi consagrado

[385] Retiramos as informações biográficas de Plínio do livro de Conte (1999, p. 497 e 498). Para as informações sobre as obras perdidas de Plínio, usamos como referência Murphy (2004, p. 17). Para mais informações sobre a vida de Plínio e suas obras sob o prisma de Plínio, o Jovem, cf. o artigo de Henderson (2002). Quanto à morte do erudito, Plínio, o Jovem, narrou esse acontecimento em duas cartas endereçadas a Tácito (*Ep.*, VI, 16 e VI, 20).

ao estudo das características do ser humano, contendo várias narrativas fantásticas de humanos que possuíam corpos totalmente fora do natural. Os quatro livros seguintes (VIII-XI) foram dedicados à descrição dos animais; dezesseis livros (XII-XXVII), à descrição dos vegetais, principalmente das plantas medicinais; cinco livros (XXVIII-XXXII) dedicados ao estudo dos medicamentos não vegetais; e os dois últimos livros são sobre as rochas e pedras preciosas (XXXVI-XXXVII).

O título da *Historia naturalis* deveria ser traduzido mais como *Conhecimento da Natureza*, devido ao próprio sentido do termo *historia* em grego. O relato da morte de Plínio – narrado por Tácito em duas cartas (VI, 16 e 20) – contribuiu para a fama de cientista exemplar, já que ele perdeu a vida tentando observar o fenômeno natural da erupção do Vesúvio. Contudo, Conte (1999, p. 499) salienta:

> It should be said, however, that Pliny's conception of science has little of experimental or empiric and that, according to the account of the Younger, Pliny exposed himself to danger in order to bring aid to some citizens threatened by the eruption. The virtue that emerges from this noble death is thus philanthropy and the spirit of service rather than thirst for knowledge, just the virtue that drove Pliny to the immense undertaking of the *Naturalis Historia*, a work intended in its entirely to be of service to mankind.[386]

Conte (1999, p. 500 e 501) considera que a *Historia naturalis*, com sua vasta apresentação de vários temas, representa a completa realização da tendência cultural romana de tratados – longos ou curtos – que sintetizavam várias abordagens, como as obras de Varrão, Vitrúvio, Columela e, posteriormente a Plínio, Quintiliano.

### 3.6.2 – A enciclopédia como gênero literário e instrumento de poder

A enciclopédia, como o conjunto de conhecimento compilado em uma só obra e com a finalidade de ser consultada de forma independente, foi uma inovação romana. Embora os gregos tivessem escrito obras de *encyclios paideia* (daí o termo português *enciclopédia*), na verdade esse tipo de composição era mais dedicado a abarcar assuntos de um mesmo tema, como a retórica, a medicina, etc.[387] Os gregos jamais buscaram confinar todo o conhecimento em apenas um livro ou obra: esse tipo de composição

[386] "Deve-se dizer, contudo, que a concepção de ciência de Plínio era pouco experimental ou empírica e que, de acordo com o relato do Jovem, Plínio expôs a si mesmo ao perigo de modo a ajudar alguns cidadãos ameaçados pela erupção. A virtude que emerge dessa nobre morte é, portanto, a filantropia e o espírito de serviço, muito mais do que a sede de conhecimento; foi essa virtude que levou Plínio a imensa tarefa da *História natural*, um trabalho feito inteiramente a serviço da humanidade."
[387] O termo em grego, *encyclios paideia*, significava "educação geral".

floresceu em Roma e se justificou pela consolidação do próprio império, que cobria um vasto território e abarcava várias nações e culturas; foi a ambição de alcançar esses horizontes que tornou possível esse tipo de narrativa (MURPHY, 2004, p. 195). As enciclopédias anteriores a Plínio de que temos notícia foram as *Disciplinae* (*Disciplinas*), escritas por Marco Terêncio Varrão no final da república romana; e também as *Artes*, de A. Cornélio Celso, datadas do principado de Tibério; de ambas temos apenas poucos fragmentos.[388]

Contudo, temos diferenças entre o que se pode entender por enciclopédia na Antiguidade e atualmente. No caso da *Historia naturalis*, desde a sua concepção o propósito dessa obra foi o de servir como um material de consulta; isso justifica o grande tamanho do texto e a sua divisão em temas (geografia, botânica, etc.). Conte (1999, p. 502) lembra que, até a criação das enciclopédias modernas (com seu conteúdo dividido por ordem alfabética e instruções para facilitar o acesso à informação), a *Historia naturalis* foi um dos trabalhos mais bem organizados no sentido de facilitar essa consulta. Entretanto, há uma discussão acerca de se a *Historia naturalis* deve ou não ser classificada como enciclopédia, já que esse termo soa anacrônico por causa do uso atual que fazemos desse tipo de produção. De fato, a enciclopédia é uma obra autônoma que encapsula (ou busca encapsular) o total do conhecimento universal, organizando-o de forma a preservar esse conhecimento e o fazer acessível a uma grande audiência. Uma observação geral nos faz perceber que a *Historia naturalis* é bastante diferente em termos de organização, taxonomias e referenciais teóricos do que hoje entendemos por enciclopédia.[389] Assim, neste trabalho preferimos considerar a obra de Plínio como erudição. Embora a *Historia naturalis*, assim como uma enciclopédia atual, busque preservar e abarcar o corpo do saber, utilizando uma sistematização do conhecimento, todavia ela não foi feita para ser simplesmente lida de forma universal. Como Murphy (2004, p. 12) destaca, essa composição foi elaborada para a leitura de um público específico, e sua forma foi feita de modo a ajudar o leitor a ter uma visão de um assunto e de isolá-lo de outros objetos. Além disso, o aspecto científico da *Historia naturalis* é muito mais produto de uma tradição literária do que observação direta de

[388] Murphy (2004, p. 196) fornece mais detalhes sobre essas enciclopédias de Varrão e Celso.
[389] Murphy (2004, p. 12 e ss.) discute melhor o conceito de enciclopédia (*encyclios paideia*) em contexto latino e grego, sendo que esse último era bastante diferente da concepção de enciclopédia que temos hoje em dia.

Plínio. Ao invés de experimentar ou analisar o que estava ao seu alcance, Plínio preferiu recolher e citar descrições de inúmeros autores anteriores (MURPHY, 2004, p. 5).[390]

As enciclopédias, tanto as atuais quanto as antigas, mais do que depositários do saber, serviam também como importantes ferramentas para se perceber como a cultura de um povo transparecia. Como Murphy (2004, p. 1) define, a estrutura de uma enciclopédia e suas estratégias práticas para classificar o conhecimento deixam entrever as concepções da cultura a que pertence o autor desse trabalho. Pelo simples fato de incluir ou excluir uma informação podemos perceber o que era considerado importante ou não, ou o que era de conhecimento óbvio para a audiência dessas composições. Também é possível notar que a enciclopédia (e a erudição) tinha uma função política e cultural: ao se repetir e apresentar informações fundamentais de uma sociedade, temos necessariamente a existência de uma comunidade de leitores que partilhavam de uma mesma identidade, unida pela aceitação de certos conceitos elementares de valor cultural (MURPHY, 2004, p. 16). Assim, a função da enciclopédia era estabelecer a identidade de seus leitores como participantes de uma mesma cultura. No caso da *Historia naturalis*, mais do que o conhecimento fornecido, podemos entrever como os romanos do século I d.C. percebiam o mundo.[391]

Por conseguinte, além de estabelecer uma identidade cultural com seu público, notamos que o caráter político nas obras de Plínio era muito forte, devido às próprias funções administrativas exercidas por ele tanto em Roma, junto aos imperadores, quanto nos confins das províncias. Como lembra Murphy (2004, p. 5), Plínio observou de perto como o governo central se organizava e se transmitia em vastas distâncias; ele também viu como o conhecimento da periferia era usado localmente e também como esse se relacionava com Roma. A *Historia naturalis*, portanto, refletiu como o domínio romano uniu o mundo e tornou possível a sua observação. A respeito do tratamento dos povos estrangeiros na *Historia naturalis*, temos várias passagens etnográficas, mas elas não possuem uma sequência particular ou conexões lógicas entre si; são trechos pontuais

[390] Murphy (2004, p. 6 e 11) detalha quais foram as inúmeras fontes de Plínio e faz uma discussão sobre como esses autores afetaram o trabalho do autor latino.

[391] A discussão aqui se aprofunda, no sentido de que falamos de uma obra escrita e dirigida a uma pequena elite letrada. Devemos lembrar também que o próprio Plínio foi um autor do centro do poder romano e que exerceu vários cargos públicos tanto na Urbe quanto nas províncias, e isso teve impacto em sua composição erudita. Por fim, pontuamos que Plínio utilizou várias fontes gregas e latinas para a sua *História natural* e, por isso, mais do que a percepção de mundo dos romanos do século I d.C., podemos notar ainda como as fontes – ou, de forma geral, a literatura clássica – percebiam esse mesmo mundo. Por essas rápidas questões levantadas, nos concentraremos aqui em perceber como essas percepções foram consolidadas a respeito dos gauleses, que é o cerne deste trabalho.

que aparecem ao longo de toda a obra (MURPHY, 2004, P. 87). O próprio estilo da enciclopédia não idealiza muito o estrangeiro, e a *Historia naturalis* também não faz isso. De fato, segundo Murphy (2004, p. 194), a *Historia naturalis* era um instrumento de comunicação de poder; o objetivo de elencar o conhecimento de todos os campos da dominação romana e apresentar o conteúdo para ser apreciado por uma elite letrada, tudo isso servia como o respaldo textual de um vasto império conhecido e governado. É interessante perceber como Plínio, ao se empenhar em deixar registrados em sua obra inúmeros saberes, fez exatamente o oposto dos gauleses, que de forma alguma confiavam seus importantes preceitos à escrita, por medo de que eles ficassem acessíveis a qualquer um. César, sobre esse comportamento do gaulês, registrou *(BGall.*, VI, 14):

> *Magnum ibi numerum uersuum ediscere dicuntur. Itaque annos non nulli XX in disciplina permanent. Neque fas esse existimant ea litteris mandare, cum in reliquis fere rebus, publicis priuatisque rationibus, graecis litteris utantur. Id mihi duabus de causis instituisse uidentur, quod neque in uulgum disciplinam efferri uelint, neque eos qui discunt litteris confisos minus memoriae studere; quod fere plerisque accidit, ut praesidio litterarum diligentiam in perdiscendo ac memoriam remittant.*
>
> Eles não consideram lícito confiar tais preceitos à escrita – como geralmente, nos demais assuntos – e, quanto aos registros públicos e privados, utilizam-se das letras gregas. Parecem-me tê-lo assim determinado por dois motivos: por não querer que seu saber passe ao vulgo, nem que aqueles que aprendem, confiando nas letras, se dediquem menos a memorizar; isso de ordinário sucede à maioria, de modo que, com o respaldo da escrita, afrouxem-se a dedicação e a memória no processo de aprendizado.

A *Historia naturalis*, portanto, não tinha apenas o objetivo de instruir ou informar, mas também o de colocar o mundo natural ao alcance do leitor, demonstrando e demarcando as fronteiras do conhecimento desse mundo conhecido (MURPHY, 2004, p. 211). Ela também não tinha propósito didático, nem visava a ser um guia para uma ação concreta – fosse ela militar, diplomática, ou administrativa (MURPHY, 2004, p. 213).

### 3.6.3 – Aspectos gerais e análise de trechos da *Historia naturalis*

Todas as etnografias que aparecem na *Historia naturalis* podem ser resumidas nas seguintes categorias: descrição dos limites do conhecimento geográfico, descrição dos extremos do corpo humano, ilustração da interação do homem com os produtos da

natureza e comportamentos econômicos não romanos que, por contraste, definem o comportamento romano (MURPHY, 2004, p. 213). Plínio não se propõe a narrar os costumes, hábitos e cultura de outros povos, como veremos mais adiante.[392] As nações escolhidas por Plínio para essas passagens etnográficas geralmente eram as que habitavam nos limites do mundo conhecido e que despertavam a curiosidade da audiência, como os etíopes e os indianos, mas mesmo essas passagens se limitavam a descrições exageradas dos corpos humanos dessas nações ou a outros aspectos maravilhosos e exóticos. Segundo Yasmin Syed (In: HARRISON, 2005, p. 363), essa passagem da etnografia indiana servia mais para Plínio marcar os limites entre os humanos normais (que habitavam o mundo conhecido e governado por Roma) e as raças consideradas monstruosas, deformadas ou com características sobrehumanas que estavam além desse mundo. No caso dos gauleses, Plínio fez poucas considerações sobre eles, já que na segunda metade do século I d.C., as províncias dessa região se encontravam estabelecidas e inseridas na cultura romana e, portanto, eles não eram mais alvo do interesse do público.

Os livros III e IV da *Historia naturalis* são dedicados a narrar a geografia do mundo conhecido, desde as colunas de Hércules (estreito de Gibraltar), passando pela Europa mediterrânea, fornecendo detalhes do relevo e das cidades da Gália, Hispânia e outras dessas áreas. O primeiro trecho que destacamos aqui é o III, 5 (4):

> **V (4) – 31** *Narbonensis prouincia appellatur pars Galliarum quae interno mari adluitur, Bracata antea dicta, amne Varo ab Italia discreta Alpiumque uel saluberrimis Romano imperio iugis, a reliqua uero Gallia latere septentrionali montibus Cebenna et Iuribus, agrorum cultu, uirorum morumque dignatione, amplitudine opum nulli prouinciarum postferenda breuiterque Italia uerius quam prouincia.* **32** *In ora regio Sordonum intusque Consuaranorum, flumina Tecum, Vernodubrum, oppida Illiberis, magnae quondam urbis tenue uestigium, Ruscino Latinorum, flumen Atax, e Pyrenaeo Rubrensem permeans lacum, Narbo Martius Decumanorum colonia XII p. a mari distans, flumina Araris, Liria. Oppida de cetero rara praeiacentibus stagnis:* **33** *Agatha quondam Massiliensium et regio Volcarum Tectosagum atque ubi Rhoda Rhodiorum fuit, unde dictus multo Galliarum fertilissimus Rhodanus amnis, ex Alpibus se rapiens per Lemannum lacum segnemque deferens Ararim nec minus se ipso torrentes Isaram et Druentiam. Libica appellantur duo eius ora modica, ex his alterum Hispaniense, alterum Metapinum, tertium idemque amplissimum Massalioticum. Sunt auctores et Heracleam oppidum in ostio Rhodani fuisse.* **34** *Vltra fossae ex Rhodano, C. Mari opere et nomine insignes, stagnum Mastromela, oppidum Maritima Auaticorum, superque Campi Lapidei, Herculis proeliorum memoria, regio Anatiliorum et intus Dexiuatium Cauarumque; rursus a mari Tricorium et intus Tritollorum Vocontiorumque et Segouellaunorum, mox Allobrogum. At in ora Massilia Graecorum Phocaeensium foederata, promunturium Zao, Citharista portus, regio Camactulicorum, dein Suelteri supraque Verucini.*

[392] Abordaremos sobre esse aspecto na análise do trecho da *HN*., III, 6 (5), na p. 204-205.

**35** *In ora autem Athenopolis Massiliensium, Forum Iuli Octauanorum colonia, quae Pacensis appellatur et Classica, amnis nomine Argenteus, regio Oxubiorum Ligaunorumque, super quos Suebri, Quariates, Adunicates. At in ora oppidum Latinum Antipolis, regio Deciatium, amnis Varus, ex Alpium monte Caenia profusus.* **36** *In mediterraneo coloniae Arelate Sextanorum, Baeterrae Septimanorum, Arausio Secundanorum, in agro Cauarum Valentia, Vienna Allobrogum. Oppida Latina Aquae Sextiae Salluuiorum, Auennio Cauarum, Apta Iulia Vulgientium, Alebaece Reiorum Apollinarium, Alba Heluorum, Augusta Tricastinorum, Anatilia, Aerea, Bormani, Comani, Cabellio, Carcasum Volcarum Tectosagum, Cessero, Carbantorate Meminorum, Caenicenses, Cambolectri qui Atlantici cognominantur,* ***37*** *Forum Voconi, Glanum, Libii, Luteuani qui et Foroneronienses, Nemausum Arecomicorum, Piscinae, Ruteni, Samnagenses, Tolosani Tectosagum Aquitaniae contermini, Tasgoduni, Tarusconienses, Vmbranici, Vocontiorum ciuitatis foederatae duo capita Vasio et Lucus Augusti, oppida uero ignobilia XVIIII, sicut XXIIII Nemausiensibus adtributa. Adiecit formulae Galba Imperator ex Inalpinis Auanticos atque Bodionticos, quorum oppidum Dinia. Longitudinem prouinciae Narbonensis CCCLXX p. Agrippa tradit, latitudinem CCXLVIII.*

**V (4) – 31** É chamada de província Narbonense a região das Gálias que é banhada pelo mar interno,[393] antes conhecida por "Gália de calças".[394] Ela está separada da Itália pelo rio Var e pelos cumes dos Alpes – que têm sido muitíssimo vantajosos para o império romano. Pelo lado setentrional ela se divide do resto da Gália pelos montes das Cevenas e do Jura.[395] *Devido à cultura dos seus campos, a reputação dos homens e costumes, e pela amplitude de recursos, a Narbonense de forma alguma deve ser considerada província; na verdade, ela é mais Itália que província.* **32** Pelos litorais há a região dos sordones[396] e mais adentro o domínio dos consuaranos,[397] os rios Tech e Verdouble, as povoações dos iliberris[398] – um pequeno vestígio do que um dia fora uma grande cidade – e Ruscino[399] dos latinos; o rio Aude, que desce dos Pirineus e atravessa o lago Rubrense;[400] Narbo Márcio[401] – colônia da décima legião,[402] distante doze milhas do mar; os rios Árar[403] e Liria.[404] De resto, as cidades são raras devido aos pântanos que se situam próximos. **33** Há a cidade de Ágata,[405] que um dia foi dos marselheses, o território dos volcos tectósagos,[406] e ainda o local onde existiu a colônia Roda dos ródios – de onde vem o nome do rio Ródano, de longe o mais copioso

[393] Outra denominação do mar Mediterrâneo.
[394] Cícero se referiu pejorativamente aos gauleses dizendo que eles usavam saiotes e calças (cf. p. 72).
[395] Plínio citou muitas localidades, rios e montanhas na *História Natural*, e isso acarreta uma dificuldade para a tradução dessas citações. Por isso, sempre que possível manteremos o nome português (ou no caso, francês) dessas paragens e colocaremos em nota de rodapé o nome atual, de modo que fique mais fácil ao leitor deste trabalho localizar essas localidades em um mapa. O mesmo também será feito sobre as nações mencionadas. No caso de lugares (ou nações) em que não há um consenso ou que não é possível saber a atual correspondência, faremos somente a transliteração do nome latino para o português. Para essas notas utilizamos como referência a tradução da *História natural* publicada pela Gredos e o site "Digital Atlas of the Roman empire", elaborado pelo departamento de arqueologia e história antiga da Universidade Lund (Suécia), disponível em < http://dare.ht.lu.se/ >.
[396] Eles habitavam o Roussillon perto dos Pirineus, na atual França.
[397] Conserans, no oeste do Département de l' Arriége, também na França.
[398] atual Elne.
[399] Château-Roussillon.
[400] Etangs de Bages et de Sigean.
[401] Narbonne.
[402] Plínio aqui seguiu a divisão das colônias militares estabelecidas por César; cf. p. 152.
[403] Rio Hérault.
[404] Lez.
[405] Agde.
[406] Citados por César no *BGall*., VI, 24 (p. 128).

das Gálias. É esse rio que, desde os Alpes, passa com força pelo lago Lemano e se mistura ao vagaroso Árar e às torrentes dos rios Isara[407] e Druência,[408] não menos impetuosas que ele mesmo. As suas duas embocaduras menores são chamadas de "líbicas", sendo uma delas hispaniense, e a outra metapina; a terceira embocadura, que é a maior, é chamada de massaliota. Há autores que dizem ter existido uma cidade chamada Heracleia na foz do Ródano.[409] **34** Mais além estão os canais que saem do Ródano, obra de Caio Mário e conhecidos pelo seu nome; o lago Mastromela; a cidade Marítima dos aváticos e, acima, as Planícies Pedregosas, uma lembrança dos combates de Hércules. Tem-se a região dos anatílios e no interior a região dos dexivates e dos cavaros; de novo, junto ao mar, a área dos tricórios e no interior estão os tritolos, os vocôncios e os segovelaunos, depois desses os alóbroges.[410] No litoral há Marselha, dos gregos fócios e nossa aliada;[411] o cabo Zao; o porto de Citarista; a região dos camactúlicos; depois estão os suelteros e acima os verucinos. **35** Ainda no litoral há Atenópolis, dos marselheses; o Fórum de Júlio, colônia da oitava legião, que também é chamada de "Pacense" e "Clássica";[412] há um rio de nome Argênteo;[413] a região dos oxúbios e dos ligaunos e, acima desses, os suebros, os quariates e os adunicates. No litoral há a cidade latina[414] de Antípolis,[415] a região dos deciatos e o rio Var, que desce do monte Cenia dos Alpes.[416] **36** No interior há as colônias de Arelate,[417] da sexta legião; Beterras,[418] da sétima; e Aráusio,[419] da segunda.[420] No território cavaro está Valencia,[421] e no território dos alóbroges, Viena.[422] Depois, as cidades latinas de Água Sexta,[423] (no território) dos salúvios;[424] Avênio,[425] dos cavaros; Apta Júlia,[426] dos vulgientes; Alebece,[427] dos reios apolinários; Alba, dos hélvios; Augusta, dos tricastinos; Anatília; Aerea;[428] e ainda os bormanos, os comanos; a povoação de Cabélio,[429] Carcaso[430] dos

[407] Isère.
[408] Durance.
[409] Segundo o dicionário de Ernesto Faria, *Heracleia* era o nome dado às cidades fundadas por Héracles; contudo, essa cidade mencionada na França não apareceu em nenhum outro autor da antiguidade, e o próprio Plínio duvida de sua existência.
[410] Os alóbroges já apareceram algumas vezes ao longo desta pesquisa. Foi essa nação que acusou Fonteio de má gestão no governo da Gália e representada de forma tão desrespeitosa no *Pro Fonteio* de Cícero (cf. p. 68 e ss.). Os mesmos alóbroges vão ser elogiados por Cícero, já que denunciaram a conjuração de Catilina (cf. p. 75).
[411] Nota-se que na época de Plínio Marselha voltou a ser aliada dos romanos; César tinha rebaixado o status da cidade durante a guerra civil com Pompeu (cf. p. 152).
[412] *Forum Iulii* é a atual Fréjus; o nome *Pacensis* deve ter sido dado por causa de algum tratado de paz feita com os habitantes locais. Já o termo *Classica* se justifica pelo fato de uma frota naval que ficou estacionada por lá a mando de Augusto.
[413] Argens.
[414] Ou seja, possuidora de direito latino.
[415] Antibes.
[416] Monte Cemelione.
[417] Arles.
[418] Beziers.
[419] Orange.
[420] Cf. p. 152 sobre essas colônias militares.
[421] Valence.
[422] Vienne.
[423] Aix.
[424] Foi essa nação que Lívio erroneamente chamou de sálvios (cf. nota 325, p. 163).
[425] Avignon.
[426] Apt.
[427] Riez.
[428] Érea.
[429] Cavaillon.
[430] Carcassone.

> volcos tectósagos; Cessero; Carbantorate,[431] dos meminos; os cenicenses; os cambolectros, que são chamados de "atlânticos". **37** Fórum Vocono; Glano; os líbios; os lutevanos,[432] também conhecidos como foroneronienses; Nemauso,[433] dos arecômicos; Piscinas;[434] os rutenos; os samnagenses; os tolosanos tectósagos vizinhos à Aquitânia; os tasgodunos; os tarusconienses; os umbrânicos; as duas capitais do domínio aliado dos vocôncios: Vásio[435] e Luco de Augusto. Na verdade há também dezenove cidades de pouca importância, assim como outras vinte e quatro pertencentes aos nemáusios. O imperador Galba acrescentou a essa categoria, dentre os habitantes dos Alpes, os avânticos e os bodiônticos, cuja cidade é Dínia.[436] Segundo Agripa, a província Narbonense tem trezentas e setenta milhas de comprimento e duzentas e quarenta e oito milhas de largura. (grifos nossos)

Nesse capítulo temos a descrição da província da Gália Narbonense. Plínio escreveu que "devido à cultura dos seus campos, a reputação dos homens e costumes, e pela amplitude de recursos, a Narbonense de forma alguma deve ser considerada província; na verdade, ela é mais Itália que província" (*Italia uerius quam prouincia)*. Um pouco mais à frente, em III, 5, 32 temos que Narbo Márcio foi colônia da décima legião. Se na época de César essa cidade ficou conhecida por ser o local escolhido para abrigar esse destacamento militar, na época de Plínio vemos que Narbonne já gozava de um status ímpar, sendo considerada por um autor latino como sendo parte da própria Itália. De fato Narbonne, influenciada pela Grécia desde os seus primórdios, possuidora de um clima parecido com o da Itália e devido a sua aliança antiga com Roma, tornou possível esse elogio.

Como Carey (2003, p. 34) lembra, dentro dessas listas de cidades e nações tudo é definido de acordo com o relacionamento desses pontos com Roma. Assim, no §35, a cidade de Antípolis é mencionada como possuidora do direito latino. Especialmente no §36, temos as menções às cidades de Arelate (colônia da sexta legião); Beterras (da sétima); e Aráusio (da segunda). Ainda segundo Carey (2003, p. 34), taxonomia e império, portanto, se tornam uma coisa só no relato de Plínio, e o próprio processo de listar é igual à conquista. Isso também justifica o fato de Plínio ter escrito no §37 que há "também dezenove cidades de pouca importância, assim como outras vinte e quatro pertencentes aos nemáusios"; ou seja, cidades de pouca importância para Roma e que não se enquadram na catalogação da administração imperial.[437]

[431] Carpentras.
[432] Da atual Lodève.
[433] Nîmes.
[434] Pézenas.
[435] Vaison.
[436] Digne.
[437] Carey (2003, p. 34-36) aprofunda essa discussão sobre a questão do que era incluído (ou excluído) desses catálogos, e como isso se relacionava à política de conquista romana durante a época de Plínio.

Em obras de caráter enciclopédico, como a própria *Historia naturalis* ou a *Geografia* de Estrabão, é possível ver como o avanço do império romano levou a uma espécie de "inventário" do mundo, dos seus povos e costumes; assim, "conhecer o mundo habitado era uma condição para dominá-lo e vice versa" (GUARINELLO, 2014, p. 307). Nos livros III a VI da *Historia naturalis* o objetivo de Plínio foi o de fazer uma pesquisa sobre o *orbis terrarum* (o mundo conhecido), e temos a completa enumeração das suas partes (MURPHY, 2004, P. 129).[438] Essas catalogações de uma região visavam a dar ao leitor um panorama geral da área em questão; isso ocorria muito em obras de retórica e historiografia antiga, e tais descrições geográficas tinham implicações políticas, sobretudo em termos de estabelecimento de império e identidade cultural.

Nos capítulos iniciais do livro III Plínio descreveu a Europa desde o oceano Atlântico (III, 2), passando pela Bética (III, 3), Hispânia Citerior (III, 4) e a Narbonense (III, 5), citada no trecho acima. Notamos que Plínio foi aproximando sua descrição geográfica até o que ele considerava como o centro do continente europeu – de fato, após a descrição da Gália Narbonense temos a exposição da própria Itália. Assim, temos na *Historia naturalis* a passagem de III, 6 (5):

> **VI (5)** – **38** *Italia dehinc primique eius Ligures, mox Etruria, Vmbria, Latium, ibi Tiberina ostia et Roma, terrarum caput, XVI p. interuallo a mari. Volscum postea litus et Campaniae, Picentinum inde ac Lucanum Bruttiumque, quo longissime in meridiem ab Alpium paene lunatis iugis in maria excurrit Italia. Ab eo Graeciae ora, mox Salentini, Poeduculi, Apuli, Peligni, Frentani, Marrucini, Vestini, Sabini, Picentes, Galli, Vmbri, Tusci, Veneti, Carni, Iapudes, Histri, Liburni.* **39** *Nec ignoro ingrati ac segnis animi existimari posse merito, si obiter atque in transcursu ad hunc modum dicatur terra omnium terrarum alumna eadem et parens, numine deum electa quae caelum ipsum clarius faceret, sparsa congregaret imperia ritusque molliret et tot populorum discordes ferasque linguas sermonis commercio contraheret ad conloquia et humanitatem homini daret breuiterque una cunctarum gentium in toto orbe patria fieret.* **40** *Sed quid agam? Tanta nobilitas omnium locorum, quos quis attigerit, tanta rerum singularum populorumque claritas tenet. Vrbs Roma uel sola in ea et digna iam tam festa ceruice facies, quo tandem narrari debet opere? Qualiter Campaniae ora per se felixque illa ac beata amoenitas, ut palam sit uno in loco gaudentis opus esse naturae?* **41** *Iam uero tota ea uitalis ac perennis salubritas, talis caeli temperies, tam fertiles campi, tam aprici colles, tam innoxii saltus, tam opaca nemora, tam munifica siluarum genera, tot montium adflatus, tanta frugum uitiumque et olearum fertilitas, tam nobilia pecudi uellera, tam opima tauris colla, tot lacus, tot amnium fontiumque ubertas totam eam perfundens, tot maria, portus, gremiumque terrarum commercio patens undique et tamquam iuuandos ad mortales ipsa auide in maria procurrens!* **42** *Neque ingenia*

[438] Murphy (2004, p. 131) explica que geralmente essa geografia conceitual se dava em cinco modelos imaginativos: descrever a região como um itinerário de uma jornada de mar a mar; imaginar a vista de um ponto alto; enumerar zonas definidas por seu clima e solo típico; elencar dos lugares mais próximos aos mais distantes dos romanos e, por fim, a realização de um esquema geométrico descrevendo simetrias e formatos de terras ou rios.

*ritusque ac uiros et lingua manuque superatas commemoro gentes. Ipsi de ea iudicauere Grai, genus in gloriam sui effusissimum, quotam partem ex ea appellando Graeciam Magnam! Nimirum id, quod in caeli mentione fecimus, hac quoque in parte faciendum est, ut notas quasdam et pauca sidera attingamus. Legentes tantum quaeso meminerint ad singula toto orbe edissertanda festinari. (...)* [439]

VI – **38** Em seguida há a Itália, e os primeiros dela são os lígures; depois há a Etrúria, a Úmbria, o Lácio e, nesse lugar, a foz do Tibre e *Roma, capital do mundo*, distante dezesseis milhas do mar. Depois há os litorais dos volscos e da Campânia, o litoral de Piceno e, mais adiante, as costas da Lucânia[440] e de Brútio;[441] a partir da cadeia de montanhas dos Alpes em forma de meia lua, esse é o lugar mais ao sul no qual a Itália se estende até os mares. Desse ponto há os litorais da Magna Grécia, depois os salentinos, os pedículos, os ápulos, os pelígnos, os frentanos, os marrucinos, os vestinos, os sabinos, os picenos, os gauleses, os úmbrios, os etruscos, os vênetos, os carnos, os iápides, os istros e os liburnos.[442] **39** Não ignoro que eu possa ser acusado de conduta negligente e de espírito fraco devido a essa maneira de descrever rápida e resumidamente essa mesma terra que é filha e mãe de todas as terras, *escolhida pela vontade dos deuses para tornar o próprio céu mais glorioso, reunir os impérios dispersos, abrandar os costumes, juntar as línguas diferentes e selvagens de tantos povos em um idioma comum para os diálogos, conceder humanidade ao homem e, em suma, ser no mundo todo a única pátria de todos os povos.* **40** Mas como a descreverei? *Quem poderia enumerar a enorme nobreza de todos os lugares e a grande fama de cada uma dessas partes e povos?* A cidade de Roma mesmo, sozinha, tem uma cabeça digna de tão ilustre pescoço; com que esforço então deve ser narrada? Também o litoral da Campânia, por si mesmo fértil e de rica amenidade, que claramente em um só lugar está tudo o que é necessário para uma natureza exuberante! **41** *De fato, toda essa terra possui salubridade vital e perene, grande equilíbrio do clima, campos muito férteis, colinas bastante ensolaradas, bosques bastante intactos, muitas florestas sombreadas, inúmeros tipos generosos de matas, vários ventos dos montes, enorme fertilidade de frutos das videiras e das oliveiras, tão nobres velos dos animais, muitas nucas gordas de touros, tantos lagos, tamanha abundância de rios e fontes que vertem por toda a Itália, tantos mares, portos e o seio das terras que se abre ao comércio por todos os lados e que avança de tal forma que auxilia os ávidos mortais aos próprios mares!* **42** *Não falarei sobre os engenhos, costumes, homens e povos vencidos pela língua e pela luta.* Os próprios gregos – um povo muito dissipado em sua glória – assim o fizeram, ao chamar uma pequena parte da Itália de Magna Grécia! Certamente isso também deve ser feito nessa parte – como já fizemos na descrição do céu – de modo que atinjamos certos indícios e poucos astros. Peço aos leitores que se recordem que acelerei *as descrições de cada coisa sobre todo o mundo*. (grifos nossos)

Plínio começou esse capítulo enumerando as regiões da Itália, considerada o centro da Europa, e Roma, o centro do mundo (*terrarum caput*). A partir do §39 ele passa a elogiar a Itália. Plínio, da mesma forma que Lívio, também usa a justificativa

[439] A partir desse ponto Plínio faz apenas descrições de caráter geográfico da Itália, dos seus rios e suas cidades mais importantes.
[440] Atual Basilicata.
[441] Calábria.
[442] Temos a enumeração das regiões seguindo a partir da costa do mar Tirreno no sentido Norte-Sul e a partir de então no sentido Sul-Norte seguindo a costa do mar Adriático. Vemos que a descrição da Itália é ampla, abarcando regiões que vão até a bacia do rio Pó, os Alpes e a península da Ístria. Esse tipo de descrição, como se fosse "sobrevoando" a região, era chamada de *periplum* (périplo).

divina para explicar o domínio romano, dizendo que essa terra foi "escolhida pela vontade dos deuses para tornar o próprio céu mais glorioso" (*numine deum electa quae caelum ipsum clarius faceret*).[443] Temos na sequência o papel moral do povo romano de "reunir os impérios dispersos, abrandar os costumes, juntar as línguas diferentes e selvagens de tantos povos em um idioma comum para os diálogos". Podemos considerar como o trecho mais significativo a passagem em que Plínio disse que o romano deveria "conceder humanidade ao homem e, em suma, ser no mundo todo a única pátria de todos os povos" (*humanitatem homini daret breuiterque una cunctarum gentium in toto orbe patria fieret*). Como mencionamos antes a respeito de Lívio, percebemos a significativa mudança da mentalidade imperialista romana. Se até o século I a.C. o imperialismo e a conquista se justificavam pela legitimidade e honestidade do povo romano, a partir do final da República esse pensamento passa a ser fundamentado no direito divino.[444] Notamos ainda que em Plínio o romano passa a ter também a obrigação de "civilizar" os povos conquistados, ao dizer que Roma deveria abrandar os costumes de todos os povos, juntar as línguas selvagens, conceder humanidade (*humanitas*) ao homem e ser "a única pátria de todos os povos".[445] Em seguida Plínio questiona: "quem poderia enumerar a enorme nobreza de todos os lugares e a grande fama de cada uma dessas partes e povos? A cidade de Roma mesmo, sozinha, tem uma cabeça digna de tão ilustre pescoço; com que esforço então deve ser narrada?" Esse é mais um ponto que justifica o imperialismo romano: além da vontade divina, os italianos possuíam enorme nobreza de todos os lugares e a fama dos povos.

No §41 Plínio enumera todas as riquezas naturais devidas ao clima ameno da Itália, a fertilidade dos campos, os rebanhos saudáveis e a abundância de água, tudo de acordo com a teoria hipocrática.[446] No §42 Plínio deixa claro que não se ocupará de etnografia, dizendo: "não falarei sobre os engenhos, costumes, homens e povos vencidos pela língua e pela luta"; como ele deixa claro no final dessa passagem, sua preocupação é, sobretudo, as descrições de cada coisa sobre todo o mundo (*ad singula*

[443] Cf. p. 161 e nota 322 deste trabalho.
[444] A esse respeito, cf. o subcapítulo 2.1.2 (o romano como o povo-rei e a justificativa ideológica da expansão imperialista), especialmente p. 96.
[445] Carey (2003, p. 35 e 36) aprofunda essa análise do elogio da Itália e suas implicações em termos políticos e imperialistas.
[446] Cf. p. 32 e 33. Segundo Hipócrates, as regiões mais distantes do "centro" do mundo (que, para ele, era a Grécia) possuíam climas ou severos demais (que tornavam os habitantes dessas áreas mais brutos e fortes) ou suaves em demasia (o que deixava os indivíduos moles e fracos). No centro do mundo, que em contexto latino passou a ser Roma, o clima era temperado entre estações severas e amenas; por conseguinte, as pessoas também possuíam compleições físicas e morais moderadas: eram fortes, sem serem estúpidas, e suaves, sem serem frágeis.

*toto orbe edissertanda festinari*). Veremos mais adiante que Plínio cumpre esse propósito. Ao falar das Gálias, ele apenas mencionou a geografia, rios, cidades e nações dessas regiões; de fato, há pouquíssimas passagens de cunho etnográfico. Assim, temos o seguinte trecho no livro IV, 17 (31):

> **XVII (31) – 105** *Gallia omnis Comata uno nomine appellata in tria populorum genera diuiditur, amnibus maxime distincta. A Scalde ad Sequanam Belgica, ab eo ad Garunnam Celtica eademque Lugdunensis, inde ad Pyrenaei montis excursum Aquitanica, Aremorica antea dicta. Vniversam oram XVIIL Agrippa, Galliarum inter Rhenum et Pyrenaeum atque oceanum ac montes Cebennam et Iures, quibus Narbonensem Galliam excludit, longitudinem CCCCXX, latitudinem CCCXVIII computauit.* **106** *A Scaldi incolunt extera Texuandri pluribus nominibus, dein Menapi, Morini ora Marsacis iuncti pago qui Gesoriacus uocatur, Britanni, Ambiani, Bellouaci, Bassi. Introrsus Catoslugi, Atrebates, Nerui liberi, Veromandui, Suaeuconi, Suessiones liberi, Vlmanectes liberi, Tungri, Sunuci, Frisiauones, Baetasi, Leuci liberi, Treueri liberi antea et Lingones foederati, Remi foederati, Mediomatrici, Sequani, Raurici, Helueti, coloniae Equestris et Raurica. Rhenum autem accolentes Germaniae gentium in eadem prouincia Nemetes, Triboci, Vangiones, in Vbis colonia Agrippinensis, Guberni, Bataui et quos in insulis diximus Rheni.*
>
> **XVII (31) – 105** Toda a Gália que é chamada pelo único nome de *Cabeluda* se divide em três raças de povos, *separadas sobretudo por meio de rios*.[447] Do rio Escalda até o Sena há a Gália Bélgica; do Sena até o Garona, a Gália Céltica ou Lugdunense; de lá até o promontório dos montes Pireneus há a Gália Aquitânia, antes chamada de Armórica.[448] Agripa calculou toda a costa das Gálias em mil setecentas e cinquenta milhas; entre o Reno e os Pireneus e entre o oceano e os montes das Cevenas e do Jura, dos quais *se exclui a Gália Narbonense*, há uma extensão de quatrocentas e vinte milhas e uma largura de trezentas e dezoito milhas. **106** Ao exterior do Escalda habitam os toxandros de muitos nomes, depois há os menápios; na praia há os mórinos, que são próximos aos marsácios por um povoado que é chamado de Gesoriaco,[449] os britanos, os ambianos, os belóvacos e os bassos. No interior estão os catoslugos, os atrébates, os livres nérvios, os veromânduos, os suaeuconos, os suessiões livres, os ulmanectes livres, os tungros, os sunucos, os frisiabões, os betasos, os livres leucos, os tréveros outrora livres, os aliados língones, os remos aliados, os mediomátricos, os séquanos, os ráuricos, os helvécios, e as colônias Equestre e Ráurica. Há ainda os habitantes dos povos da Germânia que estão próximos ao Reno; nessa mesma província estão os nêmetes, os tribocos e os vangíones; dentre os úbios há a colônia de Agripina,[450] os gubernos, os batavos e os que já mencionamos sobre as ilhas do Reno. (grifos nossos)

Nesse trecho notamos que os rios desempenham duas funções: a primeira e principal delas era servir de linhas que dividem e marcam fronteiras, separando um

[447] Plínio fez uma descrição que, obviamente, ressoa o famosíssimo proêmio do *BGall.* de César (cf. p.129).
[448] Armórica, do céltico *Ar mor*, significava *junto ao mar*. Sobre o estabelecimento dessas quatro províncias gaulesas por Augusto, cf. p. 152.
[449] Atual Boulogne-sur-Mer.
[450] Colônia, na atual Alemanha.

espaço do outro; a segunda era ajudar na feitura de mapas (MURPHY, 2004, p. 142).[451] Plínio, no começo desse trecho, falou em Gália cabeluda (*Gallia comata*) mas esse epíteto, assim como a designação Gália de calças (*Gallia bracata*), não era mais usado em sua época (SHERWIN-WHITE, 1967, p. 59). No tempo de Plínio, as províncias gaulesas já estavam bastante inseridas na cultura romana, e a elite dessas regiões há muito já não usavam mais calças ou cabelos longos.[452] A Gália Transalpina outrora era conhecida por Gália cabeluda devido ao costume das pessoas terem cabelos compridos (*coma*, em latim). A Narbonense era a Gália de calças; no trecho acima Plínio registrou que Agripa exluiu a Narbonense da Gália. De fato, como já apareceu em III, 31, a Narbonense na opinião de Plínio era mais Itália do que província.[453] Por fim, temos o catálogo das nações da Gália e as divisões geográficas marcadas por rios e montes, como as Cevenas e o Jura.

Seguindo a descrição da Gália Lugdunense, temos em IV, 18 (32):

> **XVIII (32) – 107** *Lugdunensis Gallia habet Lexouios, Veliocasses, Caletos, Venetos, Abrincatuos, Ossismos, flumen clarum Ligerem, sed paeninsulam spectatiorem excurrentem in oceanum a fine Ossismorum circuitu DCXXV, ceruice in latitudinem CXXV. Vltra eum Namnetes, intus autem Aedui foederati, Carnuteni foederati, Boi, Senones, Aulerci qui cognominantur Eburouices et qui Cenomani, Meldi liberi, Parisi, Tricasses, Andecaui, Viducasses, Bodiocasses, Venelli, Coriosuelites, Diablinti, Riedones, Turones, Atesui, Segusiaui liberi, in quorum agro colonia Lugudunum.*
>
> **XVIII (32) – 107** A Gália Lugdunense engloba os lexóvios,[454] os veliocassos,[455] os caletos,[456] os vênetos,[457] os abrincâtuos,[458] os ossismos,[459] o famoso rio Líger,[460] e uma península muito notável que avança para o oceano a partir da fronteira dos ossismos, em um contorno de seiscentas e vinte e cinco milhas e, no estreito, com uma largura de cento e vinte e cinco milhas.[461] Do outro lado estão os namnetes e,[462] no interior, os éduos aliados,[463] os carnutos também aliados,[464] os boios,[465] os sênones,[466] os

[451] Murphy (2004, p. 142-148) detalha mais o papel dos rios como marcos fronteiriços na literatura latina. O próprio César (*BGall.*, I, 1) utilizou os rios Garona, Marne e Sena para separar as três principais nações célticas (cf. p. 129).
[452] Estrabão cita as calças e cabelos longos dos belgas em IV,4,3. Tácito usou o termo *comata* apenas uma vez, quando disse que os gauleses, introduzidos no senado por Cláudio, passaram a adotar a toga romana como vestimenta (*Anais*, XI, 23,1).
[453] Cf. p. 200 e 201.
[454] Habitavam nas proximidades da atual Lisieux.
[455] Estavam nas proximidades da atual Rouen.
[456] Vizinhos da atual Lillebonne.
[457] Daí o nome da atual Vannes.
[458] Perto da atual Avranches, no departamento de La Manche.
[459] Habitavam o noroeste da Bretanha, perto da atual Carhaix-Plougher.
[460] O rio Loire.
[461] Atual Bretanha.
[462] Habitantes do atual Loire inferior; a cidade principal da região é Nantes.
[463] Essa grande nação habitava os atuais departamentos do Saône e do Loire, as principais cidades atuais são Autun e Chalonssur-Marne.

> aulercos que são chamados tanto de eburovices[467] quanto os que são chamados de cenomanos,[468] os livres meldos,[469] os parísios,[470] os tricasses,[471] os andecavos,[472] os viducassos,[473] os bodiocassos,[474] os venelos,[475] os coriosvelites,[476] os diablintos, os riédones,[477] os turões,[478] os atésuos e os livres segusiavos, em cujo território está a colônia de Lugduno.[479]

Sobre esse recurso das descrições em narrativas geográficas, Hartog (1999, p. 263) afirma que isso está relacionado à taxionomia; de fato, a descrição é ver e fazer ver, é a espacialização de um saber. Por conseguinte, ela "também vem a ser também saber e fazer saber (esse *fazer* constituindo precisamente a *mise en scène* do taxionômico)" (HARTOG, 1999, p. 263). Ao pormenorizar aspectos geográficos da Gália, Plínio, portanto, vê e faz seu público ver, e conhece e faz conhecer, essa região pertencente ao domínio romano.

Em seguida segue a descrição da Gália Aquitânia, em IV, 19 (33):

> **XIX (33) – 108** *Aquitanicae sunt Ambilatri, Anagnutes, Pictones, Santoni liberi, Bituriges liberi cognomine Viuisci, Aquitani, unde nomen prouinciae, Sedibouiates. Mox in oppidum contributi Conuenae, Begerri, Tarbelli Quattuorsignani, Cocosates Sexsignani, Venami, Onobrisates, Belendi, saltus Pyrenaeus infraque Monesi, Oscidates Montani, Sybillates, Camponi, Bercorcates, Pinpedunni, Lassunni, Vellates, Toruates, Consoranni, Ausci, Elusates, Sottiates, Oscidates Campestres, Succasses, Latusates, Basaboiates, Vassei, Sennates, Cambolectri Agessinates.* **109** *Pictonibus iuncti autem Bituriges liberi qui Cubi appellantur, dein Lemouices, Aruerni liberi, Vellaui liberi, Gabales. Rursus Narbonensi prouinciae contermini Ruteni, Cadurci, Nitiobroges Tarneque amne discreti a Tolosanis Petrocori. Maria circa oram ad Rhenum septentrionalis oceanus, inter Rhenum et Sequanam Britannicus, inter id et Pyrenaeum Gallicus. Insulae conplures Venestorum et quae Veneticae appellantur et in Aquitanico sinu Vliaros.*
>
> **XIX (33) – 108** Na Aquitânia estão os ambilatros, os anagnutos, os píctones,[480] os santões livres,[481] os bitúriges livres de cognome viviscos,[482] os

---

[464] Viviam entre o Sena e o Loire, perto das atuais Orléans e Chartres.
[465] Perto da atual Moulins.
[466] No atual departamento do Yonne.
[467] Perto da atual Passy-sur-Eure.
[468] Habitavam as vizinhanças da atual Le Mans.
[469] Perto da atual Meaux.
[470] Onde hoje está Paris.
[471] Habitantes próximos à atual Troyes.
[472] Na região atual de Anjou.
[473] Próximos à atual Vieux.
[474] Perto da atual Bayeux.
[475] Nas vizinhanças da atual Carentan.
[476] Próximo à Corseul.
[477] Perto da atual Rennes.
[478] Nas cercanias da atual Tours.
[479] Hoje a cidade de Lyon.
[480] Na atual região de Poitou, na França.
[481] Perto da atual Saintes.

> aquitanos[483] – daí o nome da província – e os sediboviatos. Depois, unidos em uma cidade, estão os convenos,[484] os begerros,[485] os tarbelos de quatro ensígnias,[486] os cocosates de seis ensígnias,[487] os venamos, os onobrisates, os belendos,[488] os montes Pireneus e, abaixo, os monesos,[489] os oscidates montanheses,[490] os sibilates,[491] os camponos, os bercorcates, os pimpedunos, os lassunos, os velates, os torvates, os consoranos, os auscos,[492] os elusates,[493] os sotiatos, os oscidates das planícies, os sucasses, os latusates, os basaboiates, os vasseus, os senates, os cambolectros agessinates.[494] **109** Por outro lado, junto aos píctones, estão os livres bitúriges que são chamados de cubos;[495] depois os lemovices,[496] os livres arvernos,[497] os livres velavos e os gábalos. Novamente, vizinhos à província Narbonense, estão os rutenos, os cadurcos, os nitióbriges e, separados dos tolosanos pelo rio Tarne,[498] os petrocoros. Os mares que rodeiam a costa são o oceano setentrional,[499] que vai até o Reno; entre o Reno e o Sena, o oceano Britânico;[500] entre esse e os Pireneus, o oceano Gálico.[501] Há várias ilhas dos vênetos que são chamadas de Vênetas[502] e, no golfo aquitânio, há a ilha de Uliaros.[503]

Ponderamos que Plínio escreveu essas detalhadas descrições geográficas visando a um ponto mais além do que inventariar o mundo conhecido ou fornecer um panorama geral com finalidades políticas.[504] Na verdade, se considerarmos a definição de Martins (2013, p. 35) sobre a écfrase (ἔκφρασις) como sendo um procedimento descritivo vívido e claro, podemos entender que Plínio, de certa forma, desenvolveu uma écfrase geográfica na *Historia naturalis*. Tomemos como exemplo as três Gálias descritas

---

[482] Os bitúriges possuíam grande importância e habitavam nas proximidades da atual Bourges; os viviscos viviam perto da foz do rio Garona, nas proximidades da atual Bordeaux. Lívio citou os bitúriges em *Ab urbe cond.*, V, 34 (cf. p. 163 e 164), dizendo que foi essa nação que liderou a migração gaulesa para a Itália por volta de 600 a.C.

[483] Viviam entre os Pirineus, o rio Garona e o Atlântico.

[484] Pompeu fundou a povoação de *Lugdunum Conuenarum* (atual Bagnères-de-Bigorre) de onde foram trazidos os locais que apoiaram Sertório. O nome deriva do verbo latino *conuenire* (reunir).

[485] César (*BGall*., III, 27) chamou-os de bigerriões.

[486] ao dizer quatro signos, Plínio parece fazer referência a quatro manípulos de soldados que guarneciam o lugar, cada um com um *signum* (insígnia ou estandarte). Essa nação habitava próximo da atual cidade de Dax.

[487] Próximos da atual Sescouze e Maresin. As seis ensígnas dão a entender que eles eram guarnecidos por seis manípulos de soldados.

[488] Nos arredores da atual Belin-sur-la-Leyre.

[489] Nas vizinhanças da atual Luchon.

[490] Nos atuais vales do Aspe e Ossau.

[491] No vale do atual Soule.

[492] Perto da atual Auch.

[493] Perto da atual Eauze.

[494] Na região de Aizenay.

[495] Os cubos tinham sua capital em *Auaricum*, atual Bourges.

[496] Perto da atual Limoges.

[497] Habitavam próximo à atual Clermont-Ferrand; Vercingetórige era dessa nação.

[498] Atual Tarn.

[499] Ou mar do Norte.

[500] Atual canal da Mancha.

[501] Onde o Atlântico banha a região oeste da França.

[502] Hoje as ilhas de Belle-Isle, Houat, e outras que existem na foz do Loire.

[503] Atual ilha de Oleron.

[504] Como falamos na p. 203 e 204.

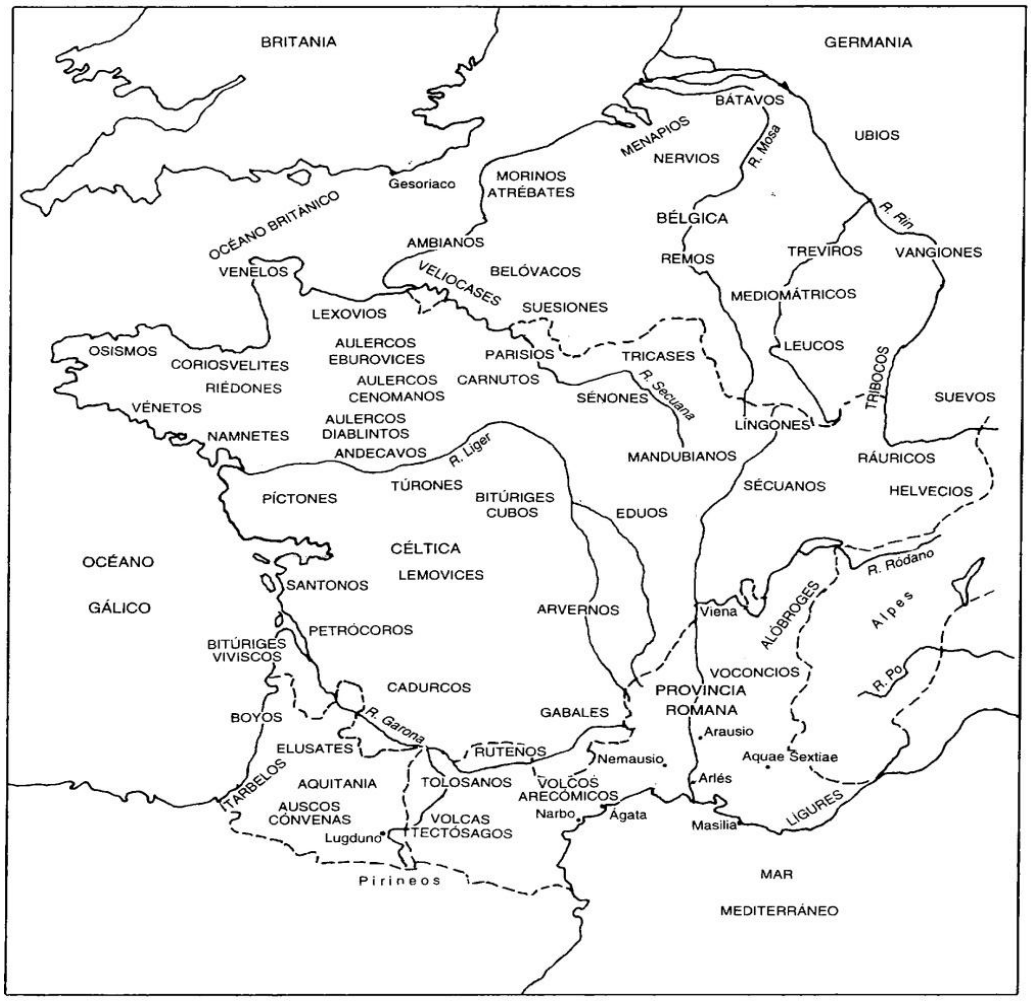
anteriormente, cuja primeira área pormenorizada foi a Gália "Cabeluda".[505] Percebe-se que Plínio adotou uma descrição como se fosse um panorama, como podemos ver no mapa na próxima página (considerando as principais nações mencionadas na *Historia naturalis*).

Plínio começou seu "inventário" da Gália "Cabeluda" ao nordeste do mapa, partindo da Germânia e seguindo pelo norte em direção ao oceano Atlântico, citando os atrébates, os nérvios, os suessiões, além de outras nações, até chegar novamente ao interior do território e à fronteira com a Germânia; o erudito então retomou os povos que habitavam a Gália Bélgica; temos então os remos, os séquanos, os ráuricos e os helvécios. Por fim, Plínio mencionou as nações germânicas dos úbios e dos batavos. Murphy preconizou que essa visão panorâmica da geografia se dava em cinco modelos imaginativos.[506] Pelo modelo proposto por Plínio, percebemos que ele adotou um esquema misto, pois ao seguirmos a ordem das nações citadas, percebemos que há um vaivém imaginário no mapa, seguindo o referencial do rio Escalda;[507] Plínio considerou os povos que viviam nas margens exteriores do rio (ou seja, que estavam próximos à costa marítima) e os que se encontravam ao interior e também aqueles que eram vizinhos ao Reno.

Após essa passagem, temos a Gália Lugdunense;[508] dessa vez, o rio que serve como eixo para guiar essa "viagem" foi o Líger.[509] Plínio também falou dos povos que viviam próximo ao Atlântico (no mapa acima, o mar Gálico), enumerando os lexóvios, os veliocassos, os vênetos, os ossismos e, do outro lado da península que hoje chamamos de Bretanha, localizou os namnetes e, ao interior da região, os éduos, os carnutos, os sênones, os aulercos, e, dentre outros, os turões. Por fim, há a Gália Aquitânia.[510] Aí foram citados os píctones, os santões, os bitúriges viviscos e os próprios aquitanos; nessa parte Plínio fez uma linha descritiva vertical no sentido norte-sul (dos píctones aos aquitanos). Em seguida há a menção aos Pirineus e voltamos ao centro, novamente seguindo o Líger e, em seguida, a província Narbonense. Por último, Plínio adotou o esquema de descrição "mar a mar", mencionando o oceano setentrional, que vai do norte da Germânia até o Reno; o oceano Britânico, que engloba do Reno ao Sena; e, finalmente, o oceano Gálico, entre o Sena e os Pireneus.

---

[505] Em *HN.*, IV, 17 (31), cf. p. 207.
[506] Cf. nota 442, na p. 205.
[507] Cujo nome francês é Escaut.
[508] *HN.*, IV, 18 (32), p. 208 e 209.
[509] Rio Loire.
[510] CF. *HN.*, IV, 19 (33), p. 209 e 210.




Mapa retirado de (PLINIO EL VIEJO, 1998, p. 161)

Em se tratando de uma obra de erudição como a *Historia naturalis*, não podemos concordar com Martins (2013, p. 76), que considera que a écfrase "é uma narrativa ficcional à serviço da argumentação", pois que Plínio faz descrições de áreas que já eram províncias romanas e amplamente conhecidas pelos seus contemporâneos. Por outro lado, a écfrase geográfica, mesmo não sendo ficcional, funciona como uma ferramenta não só de narração, mas ainda de embelezamento e enriquecimento textual; nesse sentido, ela pode ser inserida na descrição de écfrase preconizada por Martins (2013, p. 76 e 77), entendida como "uma descrição vívida que traz o objeto diante dos nossos olhos (...)".[511] Dessa maneira, Plínio fez um pormenorizado mapeamento por meio de palavras que nos possibilita "viajar" pelas três províncias gaulesas e localizar as

[511] Martins (2013, p. 77) faz uma importante distinção entre a digressão (que seria uma narração) e a écfrase (que se localiza entre a narração e a descrição); para maior aprofundamento sobre o papel da écfrase na retórica, e da sua função de deleitar e ornar o discurso, cf. especialmente p. 72-78.

suas inúmeras nações. Com isso, encerra-se essa passagem de descrição administrativa das Gálias.

Seguindo o *corpus* separado para análise neste trabalho, passemos agora ao livro VIII, dedicado aos animais terrestes. Plínio fala das ovelhas (VIII, 72) e, em seguida, da lã e seu processo de feitura. Temos então o trecho em VIII, 73 (48):

> **LXXIII (48) – 190** *Lana autem laudatissima Apula, et quae in Italia Graeci pecoris appellatur, alibi Italica; tertium locum Milesiae oues obtinent. Apulae breues uillo nec nisi paenulis celebres; circa Tarentum Canusiumque summam nobilitatem habent; in Asia uero eodem genere Laudiceae. Alba Circumpadanis nulla praefertur, nec libra centenos nummos ad hoc aeui excessit ulla.* (...) *Histriae Liburniaeque pilo propior quam lanae, pexis aliena uestibus et quam Salacia scutulato textu commendat in Lusitania. Similis circa Piscinas prouinciae Narbonensis, similis et in Aegypto, ex qua uestis detrita usu pingitur rursusque aeuo durat. Est et hirtae pilo crasso in tapetis antiquissima gratia; iam certe his usos Homerus auctor est. Aliter haec Galli pingunt, aliter Parthorum gentes.* **192** *Lanae et per se coactae uestem faciunt, et si addatur acetum, etiam ferro resistunt, immo uero etiam ignibus nouissimo sui purgamento. Quippe aenis polientium extracta in tomenti usum ueniunt, Galliarum, ut arbitror, inuento; certe Gallicis hodie nominibus discernitur.* **193** *Nec facile dixerim qua id aetate coeperit; antiquis enim torus e stramento erat, qualiter et iam nunc in castris.*
>
> **LXXIII (48) – 190** De fato, *a lã mais famosa é a da Apúlia*; em seguida, a lã que na Itália é chamada de grega, e que em outros lugares é chamada de itálica; ocupam o terceiro lugar as lãs milésias. A lã da Apúlia é curta no pelo e famosa apenas para fazer capas; a lã que vem das redondezas de Tarento e Canúsio tem maior renome; na verdade na Ásia há a lã do mesmo tipo de Laodiceia. *Nenhuma lã branca é superior à lã das vizinhanças do Pó*, e nunca nenhuma lã excedeu o valor de cem sestércios por libra. (...) A lã da Ístria e da Libúrnia é mais parecida com cabelo do que com lã e é imprópria para vestes de pelos; é essa a que Salácia, na Lusitânia, utiliza para tecidos xadrez. É semelhante à lã das redondezas de Piscinas,[512] na província Narbonense, e semelhante também a que tem no Egito, com a qual se remenda um traje gasto pelo uso e que de novo dura muito tempo. Também é antiquíssima a popularidade da lã dura de pelo grosso para tapetes; certamente Homero já atestou esses usos. *Os gauleses trabalham a lã de uma forma*; de outra forma o fazem os povos partos. **192** *As lãs condensadas formam uma veste que, caso se lhes adicione vinagre, elas resistem ao ferro e, ainda mais, resistem ao fogo, depois de uma nova purificação.[513] Na verdade os restos que ficam nos caldeirões, depois de trabalhados, são utilizados como enchimento de colchões,[514] que eu considero como um invento das Gálias; certamente hoje os distinguimos através dos nomes gauleses.* **193** Eu não poderia dizer facilmente em que época esse uso começou; de fato, *nossos ancestrais usavam cordas de palha como colchão, como ainda agora se faz nos acampamentos*. (grifos nossos)

Plínio, evidentemente, citou a lã da Apúlia (uma região da Itália) como sendo a mais famosa. Mais à frente, ele diz que "nenhuma lã branca é superior à lã das

[512] Atual Pézenas, já mencionada por Plínio na descrição geográfica da Narbonense (cf. p. 203).
[513] Esse tecido é o feltro (informação retirada de PLINIO EL VIEJO, 2003, p. 202).
[514] Traduzimos o termo *tomentum* por *colchão*, embora soe anacrônico, por falta de um étimo melhor em português que se aproxime do sentido latino, que significa "enchimento" ou "estofamento".

vizinhanças do Pó" – esse rio era o antigo marco divisório entre a Itália e a Gália Cisalpina. De fato essa região foi a primeira província a receber de forma coletiva o direito de cidadania romana.[515] Plínio então fala sobre a lã de Piscinas, na Narbonense, parecida com a lã de Salácia, na Lusitânia. O ponto que mais nos chama a atenção se encontra no §192: Plínio explica o processo de feitura do feltro e como o resto desse produto era usado como enchimento de colchão. Plínio diz que considera esse "um invento das Gálias" e corrobora essa informação dizendo que os colchões recebiam o nome de gauleses e há muito tempo eram utilizados como tais pelos romanos. Ele ainda cita o fato dos seus ancestrais usarem "cordas de palha como colchão", mas essa forma de leito, na sua época, era utilizada apenas em acampamentos militares. Esse tipo de informação curiosa é importante como registro de objetos de uso cotidiano (como vestimentas, colchões, etc.) e é raro na literatura clássica, já que a maioria das obras foram escritas visando a abordagem de temas mais literários, retóricos ou historiográficos e que pouco mencionavam aspectos do dia a dia desse tempo.

Passemos agora ao livro XXX, no qual Plínio disserta sobre magia e remédios. Temos o seguinte trecho 4 (13):

> **IV – 13** *Gallias utique possedit, et quidem ad nostram memoriam. Namque Tiberii Caesaris principatus sustulit Druidas eorum et hoc genus uatum medicorumque. Sed quid ego haec commemorem in arte Oceanum quoque transgressa et ad naturae inane peruecta? Britannia hodieque eam attonita celebrat tantis caerimoniis, ut dedisse Persis uideri possit. Adeo ista toto mundo consensere, quamquam discordi et sibi ignoto, nec satis aestimari potest quantum Romanis debeatur qui sustulere monstra in quibus hominem occidere religiosissimum erat, mandi uero etiam saluberrimum.*
>
> **IV – 13** Em todo caso a magia se apoderou das Gálias e certamente até a nossa época. O fato é que o principado de Tibério César aboliu os druidas e esse tipo de adivinhos e médicos deles. Mas porque eu mesmo recordaria isso, sobre uma arte que já transpôs o Oceano e penetrou no vazio da natureza? Ainda hoje a aturdida Britânia celebra essa arte com muitos ritos, de modo que possa parecer que isso foi passado aos persas. Daí parece que os povos em todo o mundo, ainda que entre si fossem diferentes e desconhecidos, por fim entraram em acordo sobre isso, e não se pode avaliar suficientemente o quanto se deve aos romanos que suprimiram essas monstruosidades, para as quais era muito religioso sacrificar um homem e o fato de devorá-lo era considerado salutar.

Nessa passagem temos a menção de Plínio sobre os aspectos mágicos das Gálias. O aspecto histórico mais importante desse trecho foi o banimento dos druidas no principado de Tibério. Gruen (2011a, p. 156) destaca que Augusto já probira os

[515] Isso se deu na época de César; cf. p. 111 para mais detalhes.

cidadãos romanos de adotarem essa religião; Tibério baniu os druidas mas, como Plínio deixou claro, eles ainda se dedicavam à magia "certamente até a nossa época". Depois de Tibério, foi Cláudio o governante que voltou a agir no sentido de coibir a magia na Gália, condenando o rito do sacrifício como horrível e desumano. De fato, os romanos baniram a prática de sacrifícios humanos na Gália e na África.[516] Como destaca Le Bohec (2009, p. 31), um dos fatores que levou à abolição dessa prática foi a evolução da mentalidade da época, que finalmente passou a considerar os sacrifícios como atos inúteis e cruéis, dignos de povos selvagens. Quanto aos druidas a questão fica mais complexa devido à imprecisão das fontes, mas há pelo menos o consenso de que eles representavam para os romanos um problema mais político do que religioso (LE BOHEC, 2009, p. 31). A política romana era a de destruir complexos religiosos antigos ou aristocráticos cuja influência poderia servir como centros de resistência contra a Urbe e, ao mesmo tempo, criar laços para unir Roma às várias classes sociais das nações conquistadas (RANKIN, 1996, p. 262). A elite das nações conquistadas ou aliadas a Roma, recebendo a cidadania e desejando fazer parte do *modus uiuendi* romano, passou a adotar a educação clássica para seus filhos, e isso contribuiu para diminuir o papel dos druidas como educadores.[517] Assim, percebemos a mudança ocorrida do século I a.C. até a segunda metade do século I d.C. no modo de se referir aos druidas. Diodoro, assim como César, se referiu aos druidas chamando-os de filósofos e teólogos de honras extraordinárias.[518] Cícero mencionou sua amizade com o druida Divicíaco, falando a seu respeito no *De diuinatione*.[519] Plínio, como notamos, referiu-se aos druidas e às práticas mágicas dos gauleses de forma pejorativa, dizendo que no seu tempo a "aturdida Britânia celebra essa arte com muitos ritos" e não temos nenhuma menção à honradez deles.[520] Como Rankin (1996, p. 291) destaca, Plínio foi procurador na Gália Narbonense e na Gália Bélgica, e possivelmente teve conhecimento pessoal do druidismo; Plínio foi negativo em suas descrições porque provavelmente teve contato

[516] A conquista romana aparentemente acabou com a prática dos sacrifícios humanos, embora em áreas remotas da Gália (e de outros confins do império) eles continuassem acontecendo (RANKIN, 1996, p. 288). De modo geral, os romanos tinham profundo desgosto por exclusividade religiosa e associavam esse tipo de coisa a subversão política; por isso as perseguições aos druidas, cristãos, judeus, etc. (RANKIN, 1996, p. 288).
[517] Estrabão já mencionou esse fato em IV, 1, 5 (cf. p. 87); César (*BGall.*, VI, 13) também disse que os druidas desfrutavam de grande honradez entre os gauleses e que um grande número de jovens acorria até eles para educar-se (cf. p. 137 e 138).
[518] *Biblioteca*, V, 31, 2-4; cf. p. 83-84.
[519] Cf. p. 76.
[520] Para maior profundidade sobre esse tema recomendamos o capítulo "Religion and the druids", de Rankin (1996, p. 259-294).

com essa forma marginalizada de druidismo, comum em sua época. Outro fator que contribuiu para o gradual declínio dos druidas era o fato de que os ensinamentos deles, embora prestigiosos, tinham pouco apelo popular, pois eram muito complexos.[521]

Finalmente chegamos ao último trecho de Plínio a ser analisado, retirado do livro XXXIII, em que ele trata dos metais e seus usos. Assim, destacamos na *HN*., XXXIII, 5 (14):

> **V – 14** *Romae ne fuit quidem aurum nisi admodum exiguum longo tempore. Certe cum a Gallis capta urbe pax emeretur, non plus quam mille pondo effici potuere. Nec ignoro MM pondo auri perisse Pompeii III consulatu e Capitolini Iovis solio a Camillo ibi condita, et ideo a plerisque existimari MM pondo collata. Sed quod accessit, ex Gallorum praeda fuit detractumque ab iis in parte captae urbis delubris.* **15** *Gallos cum auro pugnare solitos Torquatus indicio est. – Apparet ergo Gallorum templorumque tantundem nec amplius fuisse; quod quidem in augurio intellectum est, cum Capitolinus duplum reddidisset. Illud quoque obiter indicari conuenit – etiam de anulis sermonem repetiuimus –, aedituum custodiae eius conprehensum fracta in ore anuli gemma statim expirasse et indicium ita extinctum.* **16** *Ergo ut maxime MM tantum pondo, cum capta est Roma, anno CCCLXIIII fuere, cum iam capitum liberorum censa essent CLII DLXXIII. In eadem post annos CCCVII, quod ex Capitolinae aedis incendio ceterisque omnibus delubris C. Marius filius Praeneste detulerat, XIII pondo, quae sub eo titulo in triumpho transtulit Sulla et argenti VI. Idem ex reliqua omni uictoria pridie transtulerat auri pondo XV, argenti p. CXV.*
>
> **V – 14** Na verdade em Roma por muito tempo não houve ouro, exceto em diminuta quantidade. De fato, quando a cidade foi tomada pelos gauleses e a paz seria estabelecida, eles não puderam juntar mais do que mil libras. Não ignoro que duas mil libras de ouro se perderam do trono de Júpiter Capitolino – aí colocadas por Camilo – durante o terceiro consulado de Pompeu; por isso muitos consideram que na verdade foram juntadas duas mil libras de ouro. Mas o que acresceu a isso foram o butim e a pilhagem daqueles templos que os gauleses fizeram na parte da cidade que foi tomada. **15** Como indica a história de Torquato, os gauleses estavam habituados a lutar usando ouro. Assim, parece evidente tal quantidade de ouro não ser maior que aquela que tinham os gauleses ou os templos; na verdade o que se percebeu foi que Júpiter Capitolino, em uma profecia, retornaria o dobro. Já que recordamos o assunto sobre os anéis, também convém mencionar o episódio em que o guarda do templo de Júpiter Capitolino, ao ser surpreendido, quebrou a gema do seu anel na boca e imediatamente morreu; dessa forma o indício do ladrão desapareceu. **16** Portanto, na ocasião do ano 364 da cidade, quando Roma foi tomada, havia no máximo duas mil libras de ouro e, como constava no censo, 152.573 homens livres. Após 307 anos, o ouro da cidade – que Caio Mário Filho levara a Preneste após o incêndio do templo Capitolino e de todos os outros santuários – totalizava treze mil libras; Sila transcreveu esse número em uma inscrição durante um triunfo, assim como seis mil libras de prata. Ele também trouxera, no triunfo da véspera, quinze mil libras de ouro e cento e quinze mil libras de prata obtidas em todas as outras vitórias.

Plínio fala da quantidade de ouro disponível em Roma durante o saque da cidade pelos gauleses. Para ele, a cidade dispunha de pouquíssima reserva do metal e diz que

[521] César (*BGall.*,VI, 14) citou o fato dessa educação chegar a durar vinte anos (cf. p. 140).

houve alguma confusão entre o montante de ouro que havia no templo de Júpiter Capitolino. No §15 Plínio fala de Torquato e o fato dos gauleses combaterem usando jóias de ouro.[522] Outro ponto de interesse pode ser percebido no fato de que mais de trezentos anos depois Caio Mário Filho levou de Roma para Preneste treze mil libras de ouro; Sila, celebrando seus triunfos, exibiu em um dia treze mil libras de ouro e seis mil libras de prata, e no outro quinze mil libras de ouro e cento e quinze mil libras de prata, "obtidas em todas as outras vitórias". Percebemos mais uma vez como Plínio menciona as coisas sempre as relacionando a Roma. Fica evidente como a cidade, que na época do saque tinha apenas mil libras de ouro, prosperou com sua política imperialista e, já durante a época de Sila, acumulou enorme fortuna não só de ouro, mas também de prata.

Tanto Lívio quanto Plínio abordaram certos fatos dos primórdios de Roma, como o episódio do saque da cidade e a menção a Torquato e o colar de ouro. Outro aspecto em comum é o fato de ambos os autores ressaltarem o dever do romano de conquistar novos povos e regiões, usando como justificativa a vontade divina.[523] Esse é um ponto que não apareceu em César; o general alegou que a guerra foi motivada por questão de segurança, uma vez que as migrações dos germanos até a Gália representavam uma iminente ameaça a Roma.[524] Em Lívio, como vimos, os galos foram representados como os inimigos de Roma, e geralmente caracterizados como bárbaros e exemplos de comportamento a serem evitados – na história liviana, esse era o maior papel a ser desempenhado pelos adversários do império. Plínio, pela própria natureza erudita de sua obra, foi além nos seus retratos dos galos; ele se preocupou em descrever geograficamente as províncias com riquezas de detalhes, bem como trouxe informações não usuais na literatura latina, como o processo de feitura da lã. Por conseguinte, Lívio, ao fazer relatos de antigos acontecimentos de Roma e tratando dos gauleses dessa época, e Plínio, ao trazer informações tão diversas como a geografia e os costumes dos galos, enriquecem a nossa pesquisa do *corpus*, iniciada com César e o seu relato *in loco* da conquista da Gália.

[522] Lívio (VII, 10) narrou o episódio que justificou o apelido de Torquato adotado por Tito Mânlio, já que ele tomou o colar de ouro do gaulês que ele venceu (cf. p. 182-183).
[523] Cf. Plinio III, 6 (5), p. 204 e 205, p. 206 e nota 444 deste trabalho. Quanto a Lívio e o direito divino do romano governar outros povos, cf. §11 e §7 (p. 161).
[524] Cf. *BGall.*, I, 33, p. 134.

# Capítulo 4 – "Nós e os outros": a retórica de representação do celta

Neste capítulo faremos a análise entre o *De bello Gallico*, *Ab urbe condita* e a *Historia naturalis*, visando ao estudo de como se opera a retórica de representação do gaulês entre os gêneros de composição do comentário (César), história (Lívio) e erudição (Plínio). Além disso, pretendemos analisar o tipo de vocabulário e figuras de linguagem empregados pelos autores latinos supracitados para essas representações, e observar como cada um deles faz um retrato muito peculiar dos gauleses: César, com seu relato distante e às vezes respeitoso, às vezes hostil; Lívio e a figura do gaulês como o exemplo máximo de inimigo durante o período arcaico de Roma; e Plínio, com um enfoque de informar sobre a geografia e costumes dos gauleses, de forma puramente instrutiva. Primeiramente, falaremos sobre como surgiram as imagens recorrentes sobre os galos; a seguir, abordaremos a questão da retórica de modo abrangente e, em seguida, passaremos às análises dos elementos textuais.

## 4.1 – As fontes: de onde vieram as imagens dos gauleses?

Vimos ao longo dessa pesquisa os termos e estereótipos que apareceram nos textos de César, Lívio e Plínio, o Velho para a caracterização dos gauleses, bem como os mesmos *tópoi* recorrentes nas fontes citadas (como Políbio, Catão, o Censor, etc.). Nesse momento, então, analisaremos como possivelmente surgiu esses clichês de representação dos galos na percepção greco-romana.

Como destaca Vasaly (1993, p. 245), no começo do século III a.C. autores romanos já buscavam na literatura grega técnicas retóricas para embelezar os rascunhos de informação sobre Roma que eles recebiam das gerações que lhes eram anteriores;[525] por conseguinte, ao recorrerem a padrões de narrativas que lhes eram familiares e reconhecíveis, eles transformaram simples nomes e escassos registros relacionados aos primórdios da Cidade em uma rica tapeçaria, ilustrando o triunfo da virtude romana sobre os desafios enfrentados dentro e fora de Roma. De maneira semelhante, também podemos entender que a respeito dos gauleses os romanos buscaram nos gregos as primeiras representações dessa nação, e depois as adaptaram e remodelaram de acordo com sua própria experiência de vida e a realidade da época em que viviam.

[525] Falamos desses registros rudimentares, registrados em anais pelo pontífice máximo, na p. 11 deste trabalho.

A respeito dos gauleses retratados como sendo fortes, altos e aterrorizantes, essa imagem se justificava através dos primeiros contatos que os romanos (e outras nações itálicas) tiveram com os povos de além dos Alpes no começo do século III a.C., contatos esses que eram especialmente violentos e que resultavam em guerras e saques. Foram muito marcantes também a própria invasão a Roma, bem como as migrações dos celtas para a Ásia Menor e o saque de Delfos, em 278 a.C.[526] Com esses acontecimentos emblemáticos, fixou-se na cabeça de gregos, romanos e outros povos itálicos a ideia do gaulês feroz e beligerante. Nos principais autores do século II a.C. cujos textos nos chegaram com certa substância material, como Políbio e Catão, vemos novos relatos sobre as populações da Gália. Em ambos apareceu com destaque o caráter belicoso dos galos.[527] Políbio e Catão em suas obras já estavam selecionando elementos de uma literatura em grego preexistente e que mencionava os celtas; essa literatura antecessora não era inteiramente devotada às características materiais dos galos, mas também continham informações de natureza geográfica e etnográfica.[528] Relatos escritos depois de Políbio e Catão, como o de Posidônio (do começo do século I a.C.) e César, com suas longas digressões etnográficas, haveriam de introduzir (ou reintroduzir) na literatura antiga informações sobre os celtas e seus exóticos costumes, dieta, comportamentos sociais, crenças, etc. (WOOLF, 2011, p. 22).

No período do século I a.C., então, circulavam várias imagens de representação dos galos na literatura greco-latina, como vimos alguns dos maiores exemplos em Diodoro Sículo, Cícero e Estrabão, citados no capítulo 1.[529] Essas várias representações dos gauleses de todo tipo (como ferozes, religiosos, volúveis, etc.) eram utilizadas pelo escritor de acordo com o gênero de composição que adotava e o tipo de mensagem que ele queria passar, fosse ela de cunho político, moralizante, nacionalista, etc. É o que

[526] Cf. p. 102 para esses acontecimentos. Na p. 102 e ss. falamos dos vários conflitos entre romanos e aliados contra os celtas ao longo dos séculos II e I a.C., até a ascensão de César.
[527] Cf. Políbio (*Histórias*, II, 17, 9 a 12), na p. 48, e II, 15, 7, na p. 49. Sobre Catão, cf. fragmento 34 na p. 62.
[528] De fato, os registros mais remotos sobre os celtas que temos são do século IV a.C. e, infelizmente, nos chegaram bastante fragmentados. Já mencionamos alguns dos autores dessa época, como Éforo e Timeu (cf. p. 44 e ss.). Também há outros que não citamos ou falamos de forma muito rápida, como Teopompo e Pítias de Marselha; sobre esses e outros nomes do século IV a.C., recomendamos o capítulo "Notices in some fourth century BC authors" (in: RANKIN, 1996, p. 45-48). Também Platão (Leis, 637 d-e) retratou os gauleses (junto com citas, persas, ibérios, trácios e cartagineses) como beberrões e belicosos. Aristóteles (em uma obra perdida sobre costumes dos bárbaros), na *Política* e no *De gener. anim.*, similarmente falou sobre os galos (cf. p. 45).
[529] Sem contar os relatos dos celtas que não registramos aqui e que são de outros gêneros de composição, como a épica, a poesia e o teatro (cf. p. 21), ou os autores que abordamos de forma bem rápida, como Dionísio de Halicarnasso e os mencionados na nota acima.

Woolf chama de "molduras interpretativas", que eram os *tópoi* disponíveis para os autores da etnografia antiga (e outros gêneros) para serem escolhidos e selecionados de acordo com os seus propósitos de composição literária (WOOLF, 2011, p. 54). Woolf (2011, p. 62) chega à conclusão de que a maioria das narrativas sobre os bárbaros (e ele fala de vários povos que eram considerados alheios aos romanos) se originou no meio do século I a.C., ocorrendo ao mesmo tempo com a rápida expansão territorial romana, cujas conquistas de César, Pompeu e Augusto aceleraram ainda mais o processo de contato com outras nações. Esse fato também coincidiu com o final das guerras Mitridáticas e a chegada a Roma de vários autores gregos que escreviam sob o patronato dos membros da elite da Urbe. No caso dos gauleses, acreditamos que essas imagens, cujos registros passaram a ser substanciais a partir do século IV a.C.,[530] foram sendo apropriadas e reelaboradas ao longo do tempo pelos autores que vieram depois. Com isso, fica difícil separar ou distinguir quando exatamente essas imagens surgiram ou desapareceram, especialmente após a unificação do mundo mediterrâneo sob o comando de Roma (WOOLF, 2011, p. 62). Um exemplo que encontramos, e que mostra como uma dessas imagens sobre os galos surgiu (e depois caiu em desuso), pode ser encontrado em Plínio, o Velho. O erudito, em *Historia naturalis*, V, IV, 31, chamou a Gália Narbonense de "Gália de calças",[531] e a Transalpina como "Gália Cabeluda".[532] Esse estereótipo do galo em trajar calças e possuir cabelo comprido era comum no século I a.C. e, em contexto romano, Cícero já usara essa mesma imagem para depreciar os galos (*Pro Fonteio*, 33): "Assim considerais esses aqui, trajados com saiotes e calças, com postura tímida e humilde, como fazem aqueles que, oprimidos por injúrias, recorrem ao poder dos juízes, súplices e submissos? Nada é menos verdadeiro." Na época de Plínio esses clichês já estavam em desuso, pois as províncias gaulesas já estavam avançadas em termos de romanização (SHERWIN-WHITE, 1967, p. 59). Além disso, a elite dessas regiões já abandonara completamente o hábito de usar calças, saiotes ou cabelos longos; na verdade, adotava-se o modo de vestir (e o penteado) dos romanos.

Podemos notar através das fontes que nos restaram que os relatos etnográficos da Europa ocidental, evidentemente por causa da consolidação das províncias nessa área, simplesmente foram sumindo ao longo do século I d.C. O público-alvo de César

[530] Como falamos na nota 528.
[531] Cf. trecho completo na p. 200 a 203.
[532] *HN.*, XVII (31), 105, p. 207.

era diferente do público de Lívio ou Plínio, mais de um século depois. Os nomes que escreveram sobre os gauleses, com material substancial de etnografia, pararam em Estrabão. Aos romanos a partir de Augusto não mais interessavam os "bárbaros" galos, já que eles foram "civilizados" e, com o tempo, bastante integrados ao *modus uiuendi* da Urbe. O interesse dos romanos, por conseguinte, passou a se voltar para os povos que habitavam nas fronteiras do mundo. Quanto mais distantes esses povos, maior a curiosidade; por essa razão, mais eles eram retratados como exóticos, bizarros ou maravilhosos, especialmente nas regiões que o império não alcançou, como a Índia, a Etiópia, a Cítia e a Germânia. Esse tipo de interesse é próprio da natureza humana em querer conhecer o que lhe é alheio e excêntrico, e até hoje podemos perceber como culturas que nos são exóticas ainda possuem um grande apelo e atiçam a curiosidade da população.

## 4.2 – Mecanismos retóricos

Ao pensarmos na clássica divisão aristotélica da retórica (*Retórica*, 1358b) em três gêneros discursivos (deliberativo, jurídico e o próprio epidíctico) julgamos que as obras de César, Lívio e Plínio inserem-se no gênero epidíctico, pois a caracterização de gauleses e romanos nessas narrativas possui ora a função de elogio, ora de censura; como composições literárias, esse discurso de representação do outro e de si sofre várias mudanças. Como pontua Sebastiani (In: Joly, 2007, p. 81), "a experiência pessoal direta fica em segundo plano quando a história passa a ser tratada como gênero literário" – ao contrário do que pregavam Heródoto e Tucídides, que diziam que se devia escrever sobre o que se viu e se presenciou. A historiografia antiga, portanto, não tinha a preocupação em estabelecer uma verdade que correspondia exatamente aos fatos, mas sim visava a uma construção retórica em que esses fatos eram recriados artisticamente, com um propósito pragmático – fosse ele moralista, ou que visava ao estabelecimento de uma identidade coletiva, por exemplo.[533] Temos alguns exemplos de elementos retóricos que ilustram essa imprecisão na historiografia, especialmente no que concerne a acontecimentos muito recuados no tempo e praticamente impossíveis de se comprovar. Dessa maneira, César (*BGall.*, VI, 24) escreveu que "houve antes um tempo

[533] Já aprofundamos essa questão nas páginas 9 e 11 deste trabalho.

em que os gauleses superavam os germanos em virtude".[534] No *BGall.*, VI, 19, também tem-se: "até pouco antes de nossa época, os escravos e clientes que era certo terem sido estimados por um homem, em finalizando-se corretamente os funerais, eram cremados junto."[535] Em Lívio, também é possível encontrar esse tipo de argumentação, especialmente em *Ab urbe cond.*, V, 34, no trecho que trata da passagem dos gauleses pelos Alpes: "nesse lugar estavam opostos os Alpes; sem dúvida não me espanto que eles pareçam insuperáveis, já que por nenhuma estrada foram cortados – como certamente temos na memória – a não ser que se acredite nas narrativas (*fabulis*) sobre Hércules".[536] Do mesmo modo, lê-se em *Ab urbe cond.*, V, 35: "Eu soube que foi essa a tribo que veio até Clúsio e de lá para Roma; o que parece pouco certo é se eles contaram ou não com o apoio de todos os povos da Gália Cisalpina.".[537] Como pontua Phillips (1982, p. 1001 e 1002), Lívio, ao tratar dos acontecimentos da primeira década da sua história, considerava desnecessário passar julgamento de verdade nas *fabulae*, pois, verdadeiras ou não, elas serviam essencialmente como *exempla* para fins didáticos e simbólicos. Em Plínio encontramos vocabulário similar: na *HN.*, V (4), 33 ele disse que "há autores que dizem ter existido uma cidade chamada Heracleia na foz do Ródano."[538] Igualmente em *HN.*, XXXIII, 5 (14), sobre o resgate que os romanos pagaram aos gauleses, tem-se: "muitos consideram que na verdade foram juntadas duas mil libras de ouro".[539] Sobre essas formas de enunciação "eu ouvi" ou "dizem que", Hartog (1999, p. 281) pontua:

> Depois da *ópsis* vem a *akoé*: não mais *eu vi*, mas *eu ouvi*. Eis um segundo modo de intervenção do narrador na narrativa, uma outra espécie de marca de enunciação. O *eu ouvi* reveza com o *eu vi*, quando este último não é mais possível. (...) Sua marca de enunciação é, se posso dizer assim, menos forte. O narrador engaja-se menos, mantendo-se a alguma distância de sua narrativa, deixando, em conseqüência, mais espaço para o ouvinte modular sua crença. Em resumo, afrouxam-se suas rédeas. (grifos do autor)

Igualmente, o "conta-se" ou "muitos acreditam que", e outros enunciados do tipo, também corroboram essa imprecisão do discurso, ao sinalizar para o público-alvo que tal passagem é vaga, já que não se pode definir com exatidão quando, como, ou por

[534] P. 128.
[535] Cf. p. 143.
[536] P. 163.
[537] Trecho mencionado na p. 165. Cf. também *Ab urbe cond.*, V, 41 (p. 175): "Conta-se que, estando à frente Marco Dólio, pontífice máximo, eles recitaram um canto (...).".
[538] P. 202.
[539] Cf. p. 216.

quem tal narrativa foi produzida, ou sequer para quem foi produzida (HARTOG, 1999, p. 282).

Ao considerarmos a definição aristotélica da retórica como sendo a faculdade de teorizar sobre o que é adequado em cada caso para convencer (*Retórica*, 1355b), pretendemos, nos próximos subcapítulos, analisar os discursos de César, Lívio e Plínio em seus objetivos de se construir e propagar uma imagem representativa do povo gaulês. A *elocutio* (enunciação) do gênero epidíctico se operava, sobretudo, através da criação e manutenção de paradigmas (especialmente políticos, militares ou éticos) dirigidos especificamente a um público-alvo. Como lembra Sebastiani (In: Joly, 2007, p. 81), essa construção retórica situava a verdade no plano da plausibilidade que o leitor encontra no relato, e não necessariamente na exata correspondência entre realidade e discurso. A retórica, portanto, também servia para instruir a audiência para os limites do próprio texto; de fato, ao estabelecer as regras para a produção textual, independentemente do gênero escolhido, mais do que o conteúdo em si, o que era bastante esperado pelo público-alvo era a capacidade compositiva do autor e a sua habilidade em compor sua obra respeitando essas normas reguladoras do gênero textual (TRINGALI, 1988, p. 31).

Dessa maneira, percebemos que um texto da Antiguidade, qualquer que fosse ele, estava profundamente imbuído de uma finalidade específica, e tudo no discurso era voltado para um propósito ou objetivo do autor; nesse sentido, o texto possui camadas de significados, elaboradas especialmente para um público-alvo capaz de identificar e reconhecer esses elementos. No próximo item, aprofundaremos sobre as representações dos gauleses, detalhando os mecanismos retóricos que identificamos nos textos de César, Lívio e Plínio, o Velho.

### 4.2.1 – Mecanismo retórico 1: assimilação x alienação

Em se tratando das obras que compõem o nosso *corpus*, os autores utilizavam, sobretudo, duas formas de abordar o gaulês. Eram elas a alienação, que focava no que o outro tinha de diferente, e a assimilação (ou analogia), que enfatizava as semelhanças entre o povo retratado e a própria cultura do emissor do discurso.[540] Como falamos antes sobre esse mecanismo (especialmente no subcapítulo 2.4), apenas retomaremos

[540] Cf. p. 37-40 e p. 57-58 sobre processos de alienação e assimilação dos romanos feitos pelos gregos.

aqui alguns aspectos de forma pontual, de modo a obter uma visualização abrangente do *corpus*.

O primeiro autor que vimos neste trabalho foi César. De todas as passagens já citadas, relembraremos algumas delas nas quais percebemos esse mecanismo de alienação e assimilação de gauleses por parte dos romanos.[541] O primeiro (e significativo) trecho que temos é a narração da morte de Pisão Aquitano, o gaulês que lutou nas fileiras de César e se sacrificou pelo irmão. Nesse episódio Pisão, e os gauleses, de modo geral, foram retratados no *BGall.* (IV, 12) mais próximos aos romanos. César, simultaneamente, ressaltou a alienação dos germanos, acentuando o caráter desonesto deles ao desrespeitarem a trégua, como temos:

> Os inimigos, logo ao verem nossos cavaleiros, cujo número era de cinco mil (não dispondo eles mesmos de mais de oitocentos cavaleiros, pois os que atravessaram o Mosa para adquirir trigo ainda não tinham retornado), em nada temendo os nossos, porque os embaixadores deles, pouco antes, tinham-se despedido de César e aquele era o dia de trégua solicitado por eles, rapidamente nos desordenaram com um ataque.[542]

Por outro lado, é no livro VI, na famosa passagem etnográfica sobre gauleses e germanos, que César acentuou essa assimilação dos gauleses (e a alienação dos germanos) frente aos romanos. Como o próprio general escreveu, "já que chegamos a este ponto, não parece ser impróprio narrar sobre os costumes da Gália e da Germânia e expor em que estas nações diferem entre si."[543] Embora existissem várias nações na Gália, César escreveu de forma uniforme sobre os seus costumes e hábitos; de fato, as nações que serviram de base para essas descrições foram a dos éduos e a dos séquanos, aliadas dos romanos e com as quais César teve mais contato. O motivo de o general romano ter feito essa uniformização da Gália servia ao seu propósito de retratar todo esse território como sendo único, facilitando o entendimento do seu público-alvo para essa campanha de conquista. O autor já deixou claro esse objetivo de tratar a Gália como uma unidade territorial no próprio proêmio do *BGall.*, I, 1: "Toda a Gália é dividida em três partes, das quais os belgas habitam uma, os aquitanos a outra, e a

[541] Para evitar a repetição desnecessária do que já foi discutido antes, citaremos essas passagens mais sucintamente no corpo do texto, para rememorar os termos e figuras citados; contudo, sempre colocaremos em notas a localização dos trechos completos.
[542] Cf. excerto completo na p. 125.
[543] *BGall.*, VI, 11, cf. p. 136.

terceira habitam aqueles que, em sua própria língua, são chamados ‘celtas’, na nossa ‘gauleses’”.[544]

Outro exemplo do mecanismo de alienação entre romanos e gauleses é encontrado no trecho em que César descreveu os druidas, em *BGall.*, VI, 14. Os galos, ao contrário dos romanos, não confiavam assuntos importantes à escrita: “eles não consideram lícito confiar tais preceitos à escrita – como, de ordinário, nos demais assuntos – e, nos registros públicos e privados, utilizam as letras gregas”; mais adiante, na mesma passagem, tem-se a menção de que eles acreditavam em vida após a morte: “sobretudo querem persuadir de que as almas não perecem, mas sim passam de uns para outros após a morte, e por isso especialmente consideram que se incita ao valor, desprezado o temor da morte.”[545] Ora, os romanos não consideravam essencial morrer gloriosamente em batalha, mas sim guerrear, vencer e sobreviver a inúmeros combates.[546] Também os celtas diferiam dos romanos no costume de considerar a divisão do tempo não pelos dias, mas sim pelas noites, e ainda no fato de eles não admitirem que os filhos aparecessem em público diante de si até que se tornassem adultos, como vemos em *BGall.*, VI, 14:

> Eles delimitam as divisões de todo o tempo não pelo número de dias, mas sim pelo das noites (...). Nos demais costumes de vida os gauleses diferem dos restantes, de ordinário, nisto: eles não admitem que os seus filhos venham até si em público exceto depois de crescidos, de modo a poderem assumir os deveres militares, e consideram vergonhoso o filho que, em idade pueril aparece publicamente à vista do pai.

De maneira geral, César mais acentuou as semelhanças do que as diferenças entre gauleses e romanos. No trecho VI, 13, percebemos que os gauleses, embora considerados muitas vezes como primitivos no *De bello Gallico*, já possuíam várias características consideradas civilizadas para os romanos, como o fato de eles possuírem uma erudição: “um grande número de jovens acorre até eles para educar-se, e os druidas desfrutam de grande honradez junto deles”.[547] Também há certo fundamento civilizatório na menção à herança para maridos e esposas, como se lê em *BGall.*,VI, 19:

> Os maridos, quão grande soma receberam das esposas a título de dote, tanto reúnem de seus bens com os dotes, fazendo uma avaliação. Faz-se em

[544] Cf. p. 129.
[545] Cf. p. 140.
[546] Detalhamos esse tema na nota 355, p. 182.
[547] P. 137 e 138.

> conjunto um cálculo de todo esse dinheiro e guardam-se os rendimentos: qualquer um deles que sobreviva ao outro recebe a parte de ambos com os rendimentos do tempo precedente.

E, por fim, a autoridade do pai perante os outros membros da família: "os maridos possuem direito de vida e morte tanto sobre as esposas quanto sobre os filhos".[548] Mesmo assim, nessa mesma passagem, o caráter bárbaro do gaulês pode ser encontrado no fato de que César escreveu que as mulheres poderiam ser torturadas, caso a morte dos seus maridos fosse suspeita: "quando morre um *chefe da família* nascido em posição de nobreza, reúnem-se os parentes dele e, havendo alguma suspeita sobre a morte, sujeitam as esposas a um interrogatório ao modo servil; caso se tenha descoberto algo, eles as executam torturadas pelo fogo e com todos os tormentos."[549] Igualmente, até pouco antes da chegada de César, "os escravos e clientes que era certo terem sido estimados por um homem, em finalizando-se corretamente os funerais, eram cremados junto".[550]

Podemos também acrescentar que, ao utilizar termos e conceitos da sociedade romana (como *chefe de família*, *cliente*, etc.) para descrever os galos, César optou por fazer uma comparação que foi além do mero "*a* é como *b*". Como Hartog (1999, p. 241) esclarece, além desse tipo de comparação elementar *a* é como *b* (sendo *a* e *b* diretamente comparáveis), existem outras formas de comparações mais sutis, em que há uma mudança de registro; assim, quando essa comparação não é possível porque *a* e *b* não podem ser considerados equivalentes, deve-se então fazer uma transposição. Na *Retórica a Herênio* (IV, 45, 59) o autor deixou claro que a comparação serve para embelezar, provar, explicar ou tornar algo manifesto. A seguir, ele fez uma explicação detalhada das quatro maneiras em que é possível efetuar essa comparação (*similitudo*, em latim); são elas: contraste, negação, paralelismo ou comparação abreviada.[551] Dessas quatro maneiras, a que nos interessa aqui é a comparação por paralelismo – que foi descrito pelo autor da *Retórica a Herênio* (IV, 47, 60) como sendo uma maneira de colocar algo diante dos olhos. No caso de César, ao não conseguir efetuar a comparação da sociedade gaulesa como sendo parecida com a romana, ele optou pelo paralelismo: os galos possuem instituições que podem ser comparáveis às romanas, e o uso do vocabulário latino por parte de César facilitou esse paralelismo, como no exemplo do

[548] *BGall.*, VI, 19 (p. 143).
[549] Mesmo trecho da nota acima.
[550] P. 143.
[551] Para o detalhamento de cada tipo de comparação, cf. *Retória a Herênio*, IV, 46-48.

*pater familias* (chefe de família) citado acima. Evidentemente, os gauleses não possuíam tal conceito do chefe de família; o paralelismo funcionou aqui de forma a facilitar o entendimento do público-alvo de César em compreender como se organizava a estrutura familiar dos galos. Ainda de acordo com Hartog (1999, p. 245), essa "ficção narrativa" visa a convencer o destinatário do seu argumento; de fato, trata-se de "uma diferença assinalável e mensurável, o que significa que é dominável". Por conseguinte César, ao fazer com que romanos e gauleses fossem assimilados (e alienando os germanos), deixou claro que o primeiro grupo poderia ser abarcado por Roma, enquanto que o segundo seria simplesmente deixado de lado.

Voltando agora à questão sobre o que era considerado um comportamento bárbaro (na opinião de gregos e romanos), temos o fato dos gauleses praticarem sacrifícios humanos (VI, 16):

> Toda a nação dos gauleses é muito dada aos escrúpulos religiosos e, por esse motivo, aqueles que são acometidos por doenças graves e os que se encontram em combates e perigos, ou imolam homens ao modo de vítimas, ou se comprometem haver de sacrificá-los, tomando para esses sacrifícios os druidas como agentes; na verdade, se a vida de um homem não for paga com a vida de outro homem, eles pensam que o poder dos deuses imortais não pode ser aplacado, e dispõem de sacrifícios do mesmo gênero, publicamente instituídos. Outros possuem efígies de enorme grandeza, cujos membros, entrelaçados com vimes, preenchem de homens vivos; incendiados esses membros, morrem os homens envoltos pelas chamas. Consideram serem mais agradáveis aos deuses imortais os suplícios daqueles que foram presos por causa do furto, latrocínio ou em outro delito; contudo, quando não há muita disponibilidade desses tipos, eles também recorrem ao suplício de inocentes.

César, mesmo evitando emitir julgamento de valor no fato dos gauleses terem esse costume de imolar seres humanos, citou esse estereótipo, que considero o mais comum na Antiguidade (e até os dias de hoje) para caracterizar alguma nação como bárbara.[552] Quanto a essa forma "neutra" de se referir ao comportamento da imolação de homens, Hartog (1999, p. 268) lembra que, ao se optar por descrever práticas abomináveis (abomináveis do ponto de vista de quem narra) de um modo completamente isento de opinião, esse tipo de narrativa produz um maior efeito de alteridade; para tanto, geralmente o autor emprega um vocabulário técnico, "como se se tratasse das práticas mais simples e corriqueiras do mundo". Ainda segundo Hartog (1999, p. 269):

[552] Contemporâneo a César, Diodoro escreveu sobre sacrifícios humanos praticados por gauleses em *Biblioteca*, V, 31, 2 a 4.

> A ausência de marcas de enunciação ou seu apagamento é, pois, uma das técnicas empregadas pelo narrador para aumentar o peso da alteridade de sua narrativa. Ele dá a impressão de transmitir ao destinatário a alteridade em "estado bruto" ou "selvagem". Todavia, os vestígios enunciativos que pontuam a descrição dirigem-se ao saber implícito do destinatário e orientam a maneira como este a recebe.

Plínio, por sua vez, fez uma descrição crítica desse costume, ressaltando que os gauleses praticavam monstruosidades, como vimos em *Historia naturalis*, XXX, IV (13):

> Em todo caso a magia se apoderou das Gálias e certamente até a nossa época. O fato é que o principado de Tibério César aboliu os druidas e esse tipo de adivinhos e médicos deles. Mas porque eu mesmo recordaria isso, sobre uma arte que já transpôs o Oceano e penetrou no vazio da natureza? Ainda hoje a aturdida Britânia celebra essa arte com muitos ritos, de modo que possa parecer que isso foi passado aos persas. Daí parece que os povos em todo o mundo, ainda que entre si fossem diferentes e desconhecidos, por fim entraram em acordo sobre isso, e não se pode avaliar suficientemente o quanto se deve aos romanos que suprimiram essas monstruosidades, para as quais era muito religioso sacrificar um homem e o fato de devorá-lo era considerado salutar.

Pelo trecho acima Plínio deixou claro que essa monstruosidade consistia no consumo de carne humana. A esse respeito Aristóteles deixou claro que o canibalismo era o ponto mais baixo do comportamento bárbaro. Assim temos na Ética Nicomaqueia (1148b):

> λέγω δὲ τὰς θηριώδεις, οἷον τὴν ἄνθρωπον ἣν λέγουσι τὰς κυούσας ἀνασχίζουσαν τὰ παιδία κατεσθίειν, ἢ οἵοις χαίρειν φασὶν ἐνίους τῶν ἀπηγριωμένων περὶ τὸν Πόντον, τοὺς μὲν ὠμοῖς τοὺς δὲ ἀνθρώπων κρέασιν, τοὺς δὲ τὰ παιδία δανείζειν ἀλλήλοις εἰς εὐωχίαν, ἢ τὸ περὶ Φάλαριν λεγόμενον.
>
> Considero, por ejemblo, brutales, disposiciones como la de la mujer de quien se dice que hiende a las preñadas para comerse a los niños, o aquéllas como las de algunos pueblos salvajes del Ponto que se complacen en comer carne cruda, o carne humana, o se entregan unos a outros los niños para los banquetes, o lo que se cuenta de Fálaris.[553]

Todavia César buscou mais assimilar os galos aos romanos, já que ele se preocupava em estabelecer uma relação profunda entre Roma e essas nações através de uma ocupação militar. Dessa maneira, o autor deixou claro o propósito político de sua

[553] "Considero, por exemplo, brutais as disposições, como a da mulher da qual se diz que ela corta as grávidas para comer as crianças, ou aquelas como as de alguns povos selvagens do Ponto, que se comprazem em comer carne crua, ou carne humana, ou se entregam uns aos outros as crianças para os banqueletes, ou o que se conta de Fálaris". Essa citação de Aristóteles foi retirada da tradução feita por Bonet (ARISTÓTELES, 1998, p. 303).

obra: os gauleses (em parte civilizados e assimilados) seriam abarcados no processo de conquista; já os germanos, exemplos máximos de bárbaros, não entrariam nesse plano de subjugação.[554] Por isso, ainda no livro VI, César aprofundou as diferenças entre romanos (e gauleses) frente aos germanos. Os germanos seriam mais bárbaros pelo fato de que, ao contrário dos gauleses, eles não possuírem "druidas que presidam os ritos religiosos, nem praticam sacrifícios" e "toda sua vida consiste em caçadas e exercícios de prática militar:"[555] Além disso, eles "não praticavam a agricultura nem possuíam terras próprias".[556]

Passando agora a Lívio, no *Ab urbe condita* o autor usou apenas a ferramenta da alienação – mesmo descrevendo diferentes nações. Isso se justifica pelo fato de que ele buscou enfatizar que todos os outros povos seriam inimigos de Roma. Evidentemente, em uma obra com forte propósito nacionalista, era isso que o público esperava encontrar nesse tipo de narrativa. Na verdade, Lívio não teve um interesse em se aprofundar na etnografia ou em explicar as características político-culturais desses povos; pela forte característica moralista do historiador, os inimigos de Roma sobretudo representavam arquétipos de vícios a serem evitados pelos cidadãos da Urbe.[557] Lívio, por conseguinte, deixou claro que o que era mais importante em sua obra era analisar os feitos históricos e aconselhou:

> Isto é o que há de mais salutar e fecundo no conhecimento dos feitos históricos: contemplar lições de todo tipo, postas numa obra esclarecedora; ali para ti e para tua cidade verás o que imitar, ali o que é desonroso por princípio ou em seus efeitos verás, para evitar.[558]

Sobre Plínio, em suas análises sobre os gauleses ele não se preocupou muito em assimilar ou alienar esse povo, e mais adiante veremos alguns exemplos disso. De fato, ele mesmo disse em *Historia naturalis* que não falaria sobre "os engenhos, costumes, homens e povos vencidos pela língua e pela luta".[559] Plínio se concentrou mais em legitimar o imperialismo romano e criar uma identidade cultural que abarcasse a todos os povos que faziam parte desse império. Outro fator que corrobora esse aspecto era

[554] Para discussão aprofundada sobre esse assunto, cf. p. 147.
[555] *BGall.*, VI, 21, p. 144.
[556] *BGall*., VI, 22, p. 145. Sobre a falta de agricultura como sinal de barbárie, ver também a nota 159 na p. 86.
[557] Cf. p. 158 e 159 sobre o papel moralizante da *Ab urbe cond.* Quanto ao (mau) retrato que Lívio fez dos gauleses, já mencionamos esses estereótipos ao longo de todas as passagens já citadas no subcapítulo 3.5. Por tal motivo, não repetiremos aqui esses trechos.
[558] Cf. §10, p. 158, em tradução de Oliva Neto.
[559] Ver *HN*., III, VI, 42, na p. 204 e 205.

porque em sua época as obras de etnografia eram de fácil acesso, por isso ele não visou a reescrever sobre esse tema.[560]

### 4.2.2 – Mecanismo retórico 2: o papel da genealogia

Nos trechos do *corpus* analisado encontramos alguns exemplos sobre como a genealogia servia de ferramenta para a assimilação (ou alienação) dos celtas por parte dos romanos. Além disso, como destaca Woolf (2011, p. 41), mitos genealógicos serviam como um instrumento versátil para relacionar grupos étnicos, bem como para estabelecer uma certa hierarquia temporal entre eles. Além disso, a genealogia era usada para relacionar esses grupos a histórias de migração em consideráveis distâncias. Com essas considerações em mente, destacamos as seguintes passagens.

César (*BGall*, II, 4) deixou claro que os belgas eram fortes porque descendiam dos germanos:

> a maior parte dos belgas descendia dos germanos; eles há muito tempo atravessaram o Reno por causa da fertilidade do lugar e ali se estabeleceram, tendo expulsado os Gauleses que habitavam tais paragens. Eram os únicos que, pela lembrança dos nossos pais, dilapidando-se toda a Gália, impediram os teutões e os cimbros de adentrar em seu território.

Vê-se acima que os belgas foram os únicos que conseguiram impedir a invasão dos cimbros e teutões às suas terras. Outra passagem emblemática sobre a importância da genealogia – e que mais uma vez destacamos – é o trecho sobre Pisão Aquitano (*BGall*., IV, 12). César justificou o fato de o gaulês ser aliado dos romanos ao escrever que "Pisão Aquitano era nascido de importantíssima família, cujo avô obtivera o comando em sua cidade e que fora chamado 'amigo' por nosso senado".[561] O avô de Pisão, muito provavelmente, fora cidadão romano ele próprio, pois recebeu essa alcunha de "amigo" pelo senado da Urbe. Ainda é digno de nota o próprio nome Pisão, de origem latina, usado para designar esse indivíduo: muitas vezes os clientes e aliados dos romanos adotavam o nome das famílias que lhes favoreciam (BORNECQUE; MORNET, 2002, p. 84).

Em Lívio, salientamos a genealogia de Beloveso e Segoveso, sobrinhos do rei Ambigato, que foram enviados pelo tio para conquistar novos territórios para os celtas, no episódio em que Lívio escreveu sobre as migrações dos galos para a Itália. Em *Ab*

[560] Sobre o papel político e cultural da erudição, cf. p. 198 e 199.
[561] Cf. p. 125.

*urbe cond.*, V, 34, temos que Ambigato, "estando idoso e já desejando livrar o reino de uma desordem generalizada, anunciou haver de enviar Beloveso e Segoveso, filhos da sua irmã e jovens diligentes, para as moradas que os deuses lhes mostrariam por meio de augúrios".[562] Como pontua Woolf (2011, p. 10), essa narrativa buscou conectar as populações da Gália, do norte da Itália e o Danúbio, em uma época em que os antigos estudiosos concluíram que celtas, galos e gálatas eram essencialmente povos com uma mesma origem territorial ancestral.[563] Cícero, no *Pro Fonteio* (30), já fizera essa ligação dos gálatas (e os que saquearam Roma) como tendo sua origem na Gália:

> Essas são as nações que outrora partiram tão ao longe de suas moradas até Delfos, para atacar e pilhar Apolo Pítio e o oráculo de toda a terra. Por essas mesmas naçõezinhas, santas e pias em testemunho, foi sitiado o Capitólio e aquele Júpiter, que através do seu nome os maiores dos nossos quiseram ter a boa-fé dos testemunhos.

Dessa maneira, o recurso da genealogia podia ser usado de forma versátil para explicar e relacionar grupos étnicos da Gália; dentre alguns exemplos, os próprios gregos consideravam que os galos eram descendentes de um gigante chamado Keltos; outra variável atestava que esse povo teve sua origem com Héracles, na época em que ele passou por essa região e se relacionou com a princesa de nome Celta.[564]

### 4.2.3 – Mecanismo retórico 3: a geografia

Na Antiguidade a geografia desempenhava um importante papel para a construção das imagens físicas e morais dos povos descritos por gregos e romanos.[565] Foi a partir do texto *Ares, águas e lugares*, atribuído a Hipócrates (século V a.C.), que se fundamentou em detalhes a teoria de que as condições climáticas e naturais de uma região determinavam o caráter e compleição física dos seus habitantes. De acordo com esse pensamento, quanto mais ameno o clima (como na Ásia), mais fraco e tranquilo o povo; se as circunstâncias do ambiente fossem severas (como em certas áreas da Europa), consequentemente os indivíduos seriam mais fortes e corajosos. Como lembra Gruen (In: BUGH, 2006, p. 295 e 296), para os antigos gregos o clima, sozinho, era capaz de produzir diferenças essenciais entre os próprios gregos, os europeus, os citas,

[562] Cf. p. 163.
[563] Cf. nota 84 sobre a explicação dos gregos para o surgimento dos galos.
[564] Cf. nota 84.
[565] Cf. também p. 32 e 33 deste trabalho.

os asiáticos e outros povos.[566] O próprio Hipócrates (*Aer.*, XII, 2 e 6) a respeito dos asiáticos, registrou:

> Afirmo que a Ásia difere mais da Europa no que concerne às naturezas de todas as coisas que brotam da terra e dos homens. Pois na Ásia, tudo é muito mais belo e maior; essa região é mais dócil e os caracteres dos homens mais amenos e mais afáveis. A causa disso é a mistura das estações, porque a Ásia fica em meio aos levantes do Sol, voltada para a aurora, e mais além do frio. (...) É normal que essa região esteja muito próxima da primavera, conforme a natureza e moderação das estações. Não seria possível que a virilidade, a vivacidade, o gosto pelo esforço e o caráter resoluto estivessem contidos em tal natureza.[567]

Quanto aos europeus, temos (*Aer.*, XXIII, 1-3):

> A outra estirpe, a que se situa na Europa, é muito diversificada entre si, tanto no que concerne à estatura quanto no que diz respeito à compleição. Isso por causa das mudanças das estações, que são grandes e frequentes, do forte calor do sol, além dos invernos rigorosos, das chuvas abundantes e, de forma inversa, das estiagens prolongadas e dos ventos – nos quais as mudanças são numerosas e diversificadas. (...) O mesmo raciocínio se aplica aos caracteres. O caráter selvagem, indócil e indomável existe numa natureza como essa. Pois os golpes frequentes no espírito implantam a selvageria e destroem a docilidade e a amenidade. Por isso, considero que os habitantes da Europa são mais animosos do que os da Ásia; pois, em climas quase iguais, há indolência; em climas que se modificam, há a vivacidade no corpo e na alma, e, a partir da tranquilidade e da indolência, aumenta a covardia; a partir da vivacidade e dos esforços aumenta a virilidade.[568]

Considerando os dois excertos acima de Hipócrates, remetemos a Tito Lívio, que usou esses mesmos argumentos para caracterizar (e depreciar) os galos. Em *Ab urbe cond.*, V, 48, o autor disse:

> (...) também a peste atormentava os gauleses, pois eles fizeram seu acampamento em um lugar rebaixado que estava entre as colinas; esse lugar era muito quente por causa dos incêndios, e cheio de vapor; também a cinza e o pó, com qualquer movimento do vento, se levantavam. Esse povo era muito intolerante a isso, pois estava acostumado à umidade e ao frio; abalados por esse calor e tormento, eles morriam como gado, quando se espalhavam as doenças.

Do mesmo modo, encontramos na geografia a justificativa que Lívio usou para explicar por que os gálatas eram mais fracos que os galos, já que eles emigraram para a

[566] Além de Gruen, Borca (p. 42 e ss.) fala bastante sobre como os gregos compreendiam o mundo, e explica detalhadamente a teoria hipocrática em relação aos modos e caráter dos indivíduos que habitavam áreas específicas do mundo então conhecido.
[567] Utilizamos aqui a tradução de Cairus (In: HIPÓCRATES, 2005, p. 103-104).
[568] Tradução de Cairus (In: HIPÓCRATES, 2005, p. 110-111).

Ásia Menor. Assim ele escreveu: "nessa época os nossos ancestrais tiveram contato com gauleses de verdade, nascidos em sua terra; esses de agora estão degenerados, miscigenados, e por isso são chamados de galo-gregos."[569] No mesmo trecho, Lívio afirmou que os gauleses amoleceram ao se estabelecerem em um território tão propício, e assim descreveu essa região: "essa terra, que produz uma fartura de todas as coisas, acolheu esses homens endurecidos e exasperados por tantos males. Em um campo tão fértil, com céu muito ameno, e com vizinhos pacíficos, toda aquela rudeza que tinham quando chegaram se abrandou." Por fim, ainda nesse capítulo Lívio deixou registrado o alerta: "esses prazeres estrangeiros tanto podem extinguir o vigor dos ânimos, quanto o mesmo pode ocorrer através do contato com os hábitos e costumes dos vizinhos."

Sobre essa teoria da geografia influir na constituição física e moral de um grupo de indivíduos, o ponto de vista de Lívio a esse respeito era muito estrito: ele, como historiador que visava exaltar Roma, apenas considerava a influência do meio geográfico em termos de consequências morais que essencialmente determinavam o valor guerreiro (no caso, o dos romanos, objeto de sua glorificação) ou a falta de coragem de um grupo, que em *Ab urbe Condita* pode ser resumido a todos os que não eram romanos (GIROD, 1982, p. 1223).

Embora a teoria geográfica tenha entrado em voga no século V a.C., ela passou a ter contornos políticos mais nítidos com Aristóteles. Na *Política* (1327b), o Estagirita especifica que os gregos, beneficiários de um clima equilibrado entre estações amenas e duras, eram superiores aos outros povos da Europa, que, mesmo sendo fortes para suportar climas desfavoráveis, eram estúpidos e incapazes de governarem a si mesmos. Dessa maneira, Aristóteles justificava o domínio dos gregos sobre as outras nações alegando que eles eram os mais capacitados para governar. Posteriormente, os romanos, pelo menos nos textos literários, utilizaram-se desse argumento para justificar sua postura imperialista. Nesse contexto, selecionamos certos trechos de César que consideram o gaulês por esse prisma. O autor justificou o fato de que belgas eram os mais corajosos da Gália, pois, além de estarem mais distantes de Roma, eles se encontravam mais próximos aos germanos, com os quais lutavam constantemente, em I, 1:

[569] *Ab urbe cond.*, XXXVIII, 17, cf. Trecho completo na p. 189 a 191. Vê-se também certo aspecto genealógico, pois os galos se enfraqueceram também pela miscigenação com os gregos.

> de todos esses, os mais corajosos são os belgas, pois estão muito distantes da civilização e urbanidade da província, raramente os mercadores vão até eles e importam aquelas coisas que servem para enfraquecer os espíritos, e porque estão próximos dos germanos, que habitam o outro lado do Reno, e com esses travam guerra constantemente.

Pela mesma razão, os helvécios se destacavam em termos de bravura: "os helvécios também superam os gauleses restantes em coragem, já que lutam em combates quase diários contra os germanos – quer quando os afastam de suas fronteiras, quer quando levam por si a guerra aos territórios daqueles." (*BGall.*, I, 1). Outro fator geográfico que serviu para enfraquecer os gauleses foi a proximidade com a província da Gália Cisalpina e a influência da *humanitas*, como visto no trecho acima e que também aparece novamente em *BGall.*, VI, 24:

> a proximidade das províncias e o conhecimento dos itens de além mar propiciam aos gauleses muitos meios para a fartura e a comodidade e, aos poucos acostumados a serem superados e vencidos em muitos combates, sequer se comparam eles próprios aos germanos em bravura.

Pelos excertos acima percebemos que em César a superioridade de uma nação sobre a outra (ou o seu enfraquecimento) se dava por questões geográficas semelhantes aos argumentos defendidos por Aristóteles e mencionados no parágrafo anterior. Nos exemplos acima, os belgas foram descritos como superiores aos outros galos porque viviam mais perto das fronteiras da Germânia e do seu clima (e povo) hostil. Curioso notar que Lívio considerava a proximidade com os povos da Ásia Menor como fator de enfraquecimento dos galos, pois a Ásia era muito agradável em termos climáticos; César, ao contrário, fazia uma afirmação bem diferente e que pode nos soar contraditória; para o general, os gauleses se amoleciam devido à sua proximidade com Roma, como mencionamos acima.

Quanto a Plínio, ainda sobre o quesito da boa reputação de um lugar e seus habitantes como sendo diretamente proporcional às benesses geográficas e climáticas, ele escreveu que a Narbonense na verdade deveria ser considerada como parte da própria Itália: "devido à cultura dos seus campos, a reputação dos homens e costumes, e pela amplitude de recursos, a Narbonense de forma alguma deve ser considerada província; na verdade, ela é mais Itália que província."[570] O elogio à Itália em *Historia*

[570] *HN.*, III, 5, 31, p. 201. Outro fator que explica o por quê de Plínio ter escrito isso foi o fato de ele mesmo ter nascido em Como, que antes estava localizada na Gália Cisalpina, e só recebeu a cidadania romana no século I a.C.

*naturalis*, pelo mesmo motivo, também é muito significativo; os romanos se sobressaíam aos outros povos pois, segundo Plínio, eles habitavam no melhor lugar do mundo conhecido até então (*HN.*, III, VI, 41):

> De fato, toda essa terra possui salubridade vital e perene, grande equilíbrio do clima, campos muito férteis, colinas bastante ensolaradas, bosques bastante intactos, muitas florestas sombreadas, inúmeros tipos generosos de matas, vários ventos dos montes, enorme fertilidade de frutos das videiras e das oliveiras, tão nobres velos dos animais, muitas nucas gordas de touros, tantos lagos, tamanha abundância de rios e fontes que vertem por toda a Itália, tantos mares, portos e o seio das terras que se abre ao comércio por todos os lados e que avança de tal forma que auxilia os ávidos mortais aos próprios mares!

Plínio não se preocupou tanto com a etnografia; de fato, em obras do gênero enciclopédico (assim como a *Biblioteca* de Diodoro), a geografia se sobrepunha à investigação etnográfica. Por esse motivo, era comum o esquema organizacional de descrições geográficas como *periplum*,[571] uma vez que isso minimizava as mudanças de ordem cultural ou políticas; tudo estava subordinado à geografia, inclusive a própria etnografia (WOOLF, 2011, p. 11). Por essa razão encontramos mais exemplos da geografia relacionados à etnografia em César e Lívio do que em Plínio.

## 4.3 – Os *tópoi* retóricos da alteridade

Dando sequência às nossas análises retóricas, passaremos ao último tópico instrumental da construção da imagem do gaulês no *corpus* escolhido, que se deu através de vocabulário e figuras de linguagem recorrentes.

### 4.3.1 – Considerações sobre vocabulário

Ao longo deste trabalho estudamos alguns termos muito usados pelos romanos para se referirem aos gauleses. Veremos, então, como eles aparecem nos textos de César, Lívio e Plínio, e como estão de acordo com as normas dos gêneros de composição de cada uma dessas narrativas.

Os étimos mais significativos que surgiram foram *bárbaro* e *feroz*. Em César, esses vocábulos apareceram para dois tipos de designações. Sobre os germanos, o

[571] Sobre o *periplum*, cf. nota 442.

general se referiu a eles como sendo "bárbaros e ferozes", para acentuar que essa nação era mais selvagem do que os galos.[572] No outros excertos estudados de César a respeito dos povos da Gália, o *bárbaro* não foi utilizado, mas *feroz* sim. Esse termo apareceu exclusivamente para denominar os belgas, não sendo usado para nenhuma outra nação da Gália. Vimos que em *BGall*., II, 15, o autor se referiu aos nérvios (uma nação belga) como sendo "homens ferozes e de grande virtude, que censuravam e acusavam os belgas restantes, que tinham se rendido ao povo romano e abandonado os valores pátrios".[573] Essa denominação se justificava em César porque, de acordo com ele, os belgas seriam descendentes dos germanos; além disso, eles estavam mais distantes da província e da influência civilizatória de Roma.[574] No caso dos nérvios, eles consideravam que as outras nações da Bélgica tinham se rendido aos romanos e perdido seus valores pátrios, como citado acima. Os belgas, contudo, não foram chamados de *bárbaros* por César, pois ele queria deixar clara a diferenciação dos graus de barbárie entre galos e germanos; mesmo sendo os mais corajosos da Gália, os belgas também seriam submetidos a Roma. Já os germanos, exemplo de *ferocitas* primitiva em César, não estavam nos planos de conquista do general.[575] Mais uma vez fica evidente o caráter político do *De bello Gallico*.

Nas passagens estudadas de Lívio, o termo *bárbaro* apareceu apenas para designar os galos no sentido de povo estrangeiro, substituindo o próprio étimo gaulês. Um exemplo disso está em *Ab urbe cond.*, V, 36, no episódio em que os galos se queixam do comportamento desrespeitoso dos Fábios que, mesmo no papel de emissários, mataram o líder dos gauleses. Assim lemos: "os emissários dos gauleses comunicaram esses assuntos conforme o ordenado; ao senado não agradou a ação dos Fábios, e eles reconheceram como sendo justo o pedido dos bárbaros."[576] O próprio senado considerou que a postura dos Fábios foi indigna.

De modo semelhante em V, 38 (no qual há a narração da vitória dos galos sobre os romanos próximo ao Ália), Lívio escreveu que "até esse ponto não apenas a sorte, mas também a inteligência, estava com os bárbaros".[577] Em V, 39, que trata do cerco a

[572] Cf. *BGall*., I,31 (p. 103-105) e *BGall*., I,33 (p. 134).
[573] Cf. p. 131.
[574] Cf. *BGall*., I, 1, em que César afirmou que os belgas eram os mais corajosos dentre os gauleses (p. 129 e também p. 234). Sobre a ferocidade de germanos e gauleses, ver p. 143-145.
[575] Cf. p. 228 e 229.
[576] Ver p. 167.
[577] Cf. p. 171.

Roma, os habitantes da Urbe "logo ouviram os gritos e uivos dissonantes dos bárbaros, que em bandos perambulavam em volta das muralhas."[578]

Já o termo feroz, em *Ab urbe condita*, possui um emprego diferente; mais do que mera denominação para os gauleses, esse vocábulo foi usado especialmente com o sentido adverbial, para ressaltar o mau comportamento dos galos.[579] Assim, no episódio (V, 36) em que os Fábios perguntaram aos galos qual interesse que eles tinham na Etrúria, eles responderam "ferozmente que tinham o direito através das armas, e tudo pertencia aos homens mais fortes"; na sequência do mesmo trecho, Lívio escreveu que Quinto Fábio matou o líder dos gauleses que "ferozmente se lançava contra os estandartes dos etruscos".[580] Já em V, 37, Lívio descreveu a marcha dos gauleses até Roma dizendo: "já todos os locais em frente e ao redor estavam repletos de inimigos e esse povo, dado a tumultos vãos, com canto feroz e vários gritos preenchiam tudo com horrendo clamor."[581] No trecho de *Ab urbe cond.*, VII, 10, que descreveu o episódio da vitória de Mânlio em um combate individual, Lívio escreveu que o gaulês saltitava feroz "diante dos estandartes dos inimigos".[582] Apenas em XXXVIII, 17, através do discurso de Mânlio para os romanos, Lívio se referiu aos galos como "essa feroz nação", para acentuar que os gauleses, outrora selvagens, perderam muito do seu valor em guerra ao emigrarem para a Ásia Menor, miscigenando-se com os gregos e amolecendo os ânimos devido ao clima ameno e vizinhos pacíficos.[583] Por conseguinte, com esse uso do vocabulário Lívio buscou ressaltar o povo gaulês como inimigo de Roma.

Sobre esses termos recorrentes para descreverem uma nação (como *bárbaro*, *feroz*, dentre outros),[584] percebemos que eles funcionavam como marcos colocados na narrativa, de modo que o público imediatamente reconhecesse e identificasse o povo descrito pelo autor do texto. Como Rankin (1996, p. 127) pontua, esses termos-chave usados repetidamente funcionavam na prosa quase como os epítetos empregados na épica.[585] Em César, um exemplo do uso de vocabulário que se aproximou da épica pode ser encontrado na caracterização de Pisão Aquitano.[586] Em Lívio, não só o uso de

[578] P. 173.
[579] De fato, o termo *feroz*, em latim, relacionava-se a *fera*; ou seja, era um étimo que designava um comportamento primitivo, não-civilizado, selvagem. Cf. também p. 40 para mais detalhes.
[580] Ver p. 167.
[581] p. 169.
[582] Cf. p. 182.
[583] p.189-191.
[584] Aprofundaremos o estudo sobre os gauleses descritos como volúveis, altos (dentre outros estereótipos), no próximo subcapítulo que fala das figuras de linguagem.
[585] Sobre epítetos e sua função na épica, cf. Almeida (2012, p. 48 e ss.).
[586] Ver p. 125.

vocabulário, mas toda a *Ab urbe condita* de modo geral, pode ser entendida como uma espécie de épica nacional.[587]

A respeito de Plínio, ele não empregou os termos *bárbaro* ou *feroz* para os gauleses; isso se justificava pelo fato de que, em sua época, a Gália já era uma província romana estabelecida e pacificada. Não fazia sentido Plínio reescrever sobre a barbárie dos antigos galos, já que as fontes sobre esse tema eram acessíveis ao público de seu tempo. O seu interesse etnográfico, por isso, concentrou-se nos povos mais distantes e que habitavam as fronteiras do mundo conhecido, como por exemplo os indianos e os etíopes, grandes exemplos de exotismo.[588]

### 4.3.2 – Considerações sobre figuras de linguagem

Após a análise do vocabulário, passaremos agora ao estudo das imagens cristalizadas dos gauleses que foram mais recorrentes nos trechos do *corpus* deste trabalho; para tanto, utilizamos como referência algumas das imagens citadas na *Retórica a Herênio*.[589] Mais do que análise dessas figuras, também levaremos em conta outros fatores textuais utilizados por César, Lívio e Plínio para a caracterização dos galos, como os argumentos e imagens empregados, que podem ser inseridos na *inuentio* (invenção) retórica. A primeira imagem que destacamos é a do gaulês retratado como covarde e que facilmente fugia quando percebia que estava em desvantagem. César, no episódio da morte de Pisão Aquitano, disse que os germanos aterrorizaram os gauleses a tal ponto que "eles não cessaram de fugir até virem à presença de nossa tropa".[590] Lívio escreveu algo parecido, no capítulo da descrição da luta entre Valério e um gaulês. Após o confronto individual, romanos e galos se enfrentaram; mesmo com um ímpeto inicial de ataque, os galos rapidamente desistiram do combate. Assim, temos: "entre os que avançaram primeiro, e cuja luta inflamara os outros, o embate foi atroz; o resto da multidão, antes que pudesse lançar os dardos, virou as costas."[591]

Fica evidente na perspectiva analisada que os celtas, embora movidos por uma ira inicial, facilmente abandonavam essa bravura. Outro exemplo disso está também no discurso de Mânlio aos romanos, em que ele diz que "se resistirmos ao primeiro ataque

[587] Cf. p. 158 e159.
[588] Cf. p. 199 e 200.
[589] Para todas as figuras de linguagem descritas nesse tratado, cf. IV, 19 e ss.
[590] *BGall.*, IV, 12, p. 125.
[591] VII, 26, p. 186 e 187.

que eles lançam com violento ânimo e cega ira, logo os braços deles se enfraquecem e as armas caem, devido ao suor e à fadiga."[592] Ainda achamos outro exemplo dessa inconstância dos gauleses também citada por Mânlio nesse mesmo discurso; ele disse que os romanos já estavam "familiarizados com esses tumultos gálicos" e que também conheciam "as inconstâncias (*uanitates*) deles".[593] Lívio adotou bastante essa imagem do gaulês desordeiro e barulhento ao longo do *Ab urbe condita*. De fato, esse povo demonstrava na narrativa um comportamento cênico na forma de agir para causar ainda mais terror nos inimigos.[594] Encontramos exemplo disso em *Ab urbe cond.*,V, 37:

> Como ao tumulto deles que passavam precipitadamente, as comunidades aterrorizadas corriam às armas e os camponeses buscavam a fuga, com grande clamor eles anunciavam "vamos a Roma". Por onde quer que passassem, com a fileira ocupavam imenso lugar, com os cavalos e tropas se espalhando em comprimento e largura. (...) Já todos os locais em frente e ao redor estavam repletos de inimigos e esse povo, dado a tumultos vãos, com canto feroz e vários gritos preenchiam tudo com horrendo clamor.

No trecho acima, percebemos a figura de linguaguem da acumulação – no caso, das ações que vão se sucedendo: os celtas ocuparam enorme lugar com a sua fileira e, depois que preencheram todos os locais pela frente e pelos lados, passaram a gritar para aumentar o terror. Igualmente em *Ab urbe cond.*, V, 38, Lívio narrou o terror por parte dos romanos:

> No exército contrário, não havia nada que se assemelhasse aos romanos, nem junto aos comandantes, nem junto aos soldados. O pavor e a fuga tomaram os ânimos, de tal forma que tamanho esquecimento de tudo fez com que a maior parte deles fugisse para a inimiga cidade de Veios (ainda que o Tibre os retivesse) e não em direção ao reto caminho para Roma, para as suas esposas e filhos. Por pouco tempo esse local protegeu as tropas reservas; na outra linha de batalha, ao mesmo tempo foi ouvido um clamor vindo pelo lado, aos que estavam próximos, e por trás, aos que estavam distantes, a tal ponto que, sem nem ao menos ver o inimigo desconhecido, de forma alguma tentaram um combate ou sequer responderam o grito. Eles, intactos e ilesos, fugiram, e ninguém morreu lutando: na verdade eles, feridos pelas costas, eram impedidos de fugir devido à própria briga da multidão.

Na passagem anterior há a figura da gradação de ideias que transmitem ao público-alvo como o pavor dos romanos na batalha foi paulatinamente aumentando: primeiro Lívio escreveu que os romanos não pareciam com os próprios romanos; em

[592] XXXVIII, 17, p. 191.
[593] Mesma passagem da nota acima.
[594] Diodoro Sículo também falou sobre esse tumulto causado pelos gauleses (*Bibl.*, V, 30, 3).

seguida, uma parte dos soldados, apavorada, fugiu e tomou o caminho errado que levava a Veios (e não a Roma). Depois, a tropa reserva por pouco tempo conseguiu resistir, mas, ao ouvir o grito dos gauleses, e sem sequer ver os inimigos de fato, também debandou. O ápice dessa gradação está ao final, no qual temos que os romanos morreram não pelo combate em si, mas sim pela bagunça desordenada e pela briga da própria multidão dos soldados no desespero da fuga. Por fim, citamos *Ab urbe cond.*, XXXVIII, 17, um exemplo de como os galos provocavam terror:

> Eles possuem corpos enormes, cabelos longos e ruivos, grandes escudos e espadas muito longas. Junto a isso também o canto, os gritos e as danças dos que começam um combate, e o horrendo barulho que fazem ao bater as armas nos escudos, de acordo com o seu costume, é deliberadamente preparado para causar terror. [595]

Acima um outro exemplo de acumulação: além de sua imponente forma física, os gauleses também causavam pânico pelo seu modo de agir, cantando, gritando e fazendo barulho com as armas.

Outro elemento que comumente caracterizava o gaulês no *corpus* analisado era sua leviandade. César escreveu que eles eram volúveis e tomavam decisões baseados em rumores, em IV, 5:

> César, informado sobre tais assuntos e receando a leviandade dos gauleses, que são volúveis para decidir e muitas vezes se interessam por sedições, considerou que nada devia ser confiado a eles. De fato, isto é do costume gaulês, não só obrigar constrangidos viajantes a parar, mas também procurar saber aquilo que cada um deles ouviu ou soube sobre cada coisa, e o povo nas cidades, rodear os mercadores e forçá-los a falar de quais regiões provêm e o que ali conheceram; movidos por tais feitos e boatos, muitas vezes os gauleses tomam decisões sobre os mais importantes assuntos, das quais é forçoso que logo se arrependam, pois confiam em rumores incertos e a maior parte mente ao responder, segundo a vontade deles.

Em outra passagem, César afirmou que os gauleses não eram confiáveis, mas sim gananciosos e levianos; por causa dessa ganância, eles inclusive desrespeitaram a garantia dada ao tribuno Marco Arístio e atacaram os cidadãos romanos, como se lê em *BGall.*, VII, 42:

> Enquanto isso se fazia nas vizinhanças de Gergóvia, os éduos, tendo recebido os primeiros emissários de Litavico, não deixaram passar o tempo para verificar os fatos. A cobiça impele alguns; a outros, a ira e a temeridade, que é especialmente inata nessa espécie de homens, de modo que consideram

[595] Essa imagem do gaulês aterrorizante apareceu em Diodoro (*Bibl.*, V, 31, 1).

> qualquer rumor como algo confirmado. Roubam os bens dos cidadãos romanos, fazem massacres e levam-nos à escravidão. Convictolitave atiça a fogueira e impele a plebe ao furor, para que, cometido o crime, envergonhe-se de recobrar o juízo. Põem para fora da cidade de Cabilono Marco Arístio, tribuno militar, que se dirigia à sua legião, tendo oferecido garantias: obrigam a fazer o mesmo aqueles que ali se estabeleceram para negociar. Logo os atacando no caminho, despojam-nos de todas as bagagens; sitiam dia e noite os que resistem; havendo muitos mortos dos dois lados, incitam maior multidão às armas.

Um outro exemplo dessa ganância dos galos pode ser também encontrado em Lívio, no episódio em que os gauleses, ao receberem o butim dos romanos após o saque da Urbe, trouxeram uma balança injusta. Em *Ab urbe condita*, V, 48, temos:

> Logo, na conferência entre Q. Sulpício, tribuno militar, e Breno, líder dos gauleses, arranjou-se um acordo; foi decidido o preço de mil libras de ouro ao povo que em breve haveria de governar as nações. Uma indignidade foi acrescida a essa determinação bastante vergonhosa, pois a balança que os gauleses trouxeram era injusta. Como o tribuno recusasse isso, o gaulês insolente adicionou a espada ao peso, e ouviu-se a intolerável voz para os romanos dizer: "ai dos vencidos".

O comportamento do gaulês contra Tito Mânlio, no confronto narrado em *Ab urbe cond.*, VII, 10, também foi insensato, já que o oponente de Mânlio, antes de lutar, saltitava feroz diante dos estandartes, estava insensatamente feliz e mostrava a língua em escárnio, demonstrando um comportamento temerário de quem já tinha vencido a luta;[596] apesar de tudo isso, ele foi rapidamente derrotado pelo romano.[597] Em Lívio, essa ferocidade cega e inútil do gaulês se contrapunha à astúcia e sangue-frio do romano; como disse Mânlio no discurso aos romanos, "de fato, Tito Mânlio e Marco Valério mostraram o quanto a virtude romana (*Romana uirtus*) se sobressaía à fúria gaulesa (*Gallicam rabiem*).[598]

Nos escritos de César e Lívio notamos que algumas vezes os galos eram movidos por certas más tendências natas e, por isso, difíceis de serem dominadas. No *BGall.*, VII, 42, lemos: "a cobiça (*auaritia*) impele alguns; a outros, a ira (*iracundia*) e a temeridade (*temeritas*), que é especialmente inata nessa espécie de homens.".[599] Já Lívio disse que os galos, "quando souberam que fora concedida tal honra aos violadores do direito das nações e, além disso, ter sido frustrada a sua embaixada, inflamados pela ira

[596] Em Diodoro (*Biblioteca*, V, 29, 2 e 3) o apareceu o caráter fanfarrão dos gauleses, bem como o hábito de um deles se adiantar para propor um confronto individual com o inimigo.
[597] Cf. p. 182 e 183.
[598] XXXVIII, 17, p. 189 e 191.
[599] Cf. trecho completo a partir da página anterior.

(que esse povo é incapaz de controlar), imediatamente tomaram os estandartes e marcharam pelo caminho com fileira apressada."[600]

Outro exemplo de comportamento considerado bárbaro dos galos está em Lívio, que disse em XXXIII, 24:

> Os boios, exultantes, levaram até o templo, que era muito sagrado entre eles, os despojos do corpo e a cabeça decepada do general. Então, após limparem a cabeça, como era o costume deles, ornaram o crânio com ouro, que para eles passou a ser um recipiente sagrado. Com ele fariam as libações nas solenidades e o mesmo serviria de copo para os sacerdotes do templo. [601]

Os gauleses igualmente eram preocupados com sua religião. César (*BGall.*, VI, 16) disse: "toda a nação dos gauleses é muito dada aos escrúpulos religiosos".[602] Lívio, no episódio em que conta a travessia dos Alpes feita pelos galos (*Ab urbe cond.*, V, 34), escreveu que não só a altura das montanhas os retinha, mas também a religião; na verdade, eles ajudaram os marselheses contra os sálvios e igualmente fundaram Milão seguindo presságios.[603]

A respeito da aparência física dos gauleses, era comum eles serem descritos como enormes e fortes. Essas descrições dos galos se encaixam na figura da hipérbole; de fato, as características físicas (e até comportamentais) dos galos são bastante exageradas a fim de enfatizar esse caráter bárbaro e que inspirava terror nos outros. Por isso eles eram comumente descritos como possuidores de corpos imensos, de grande estatura, etc.[604] Lívio (VII, 10), ao contar o confronto entre Mânlio e um galo, descreveu esse último como possuidor de um corpo "notável pelo tamanho, resplandecente em uma veste multicolorida de vários tons, e com armas ornadas de ouro."[605] Era recorrente a representação de os gauleses lutarem usando ornamentos de ouro e vestes coloridas e chamativas.[606] Outra passagem que destacamos a esse respeito está também no *Ab urbe cond.* XXXVIII, 17, em que os gauleses foram descritos por Lívio como tendo "corpos

[600] *Ab urbe cond.*, V, 37, p. 169.
[601] Capítulo completo na p. 188 e 189. Sobre o costume de se guardar cabeças como troféus, cf. Diodoro (*Bibl.*, V, 29, 5); e Estrabão (parafraseando Posidônio), em *Geog.*, IV, 4, 5 (p. 85 e 86 desse trabalho).
[602] P. 141.
[603] p. 163 e 164.
[604] Esse estereótipo do gaulês de grande estatura também apareceu em Políbio (*Histórias*, II, 15, 7, na p. 49); Diodoro (*Biblioteca*, V, 28, 1, na p. 82), e Estrabão (*Geog.*, IV, 4, 2, na p. 85).
[605] Cf. p. 183.
[606] Estrabão (*Geografia*, IV, 4, 5) falou não só do fato de os gauleses gostarem de andar cobertos de ouro, mas ainda sobre seu caráter fanfarrão.

enormes, cabelos longos e ruivos, grandes escudos e espadas muito longas."[607] Plínio, utilizando-se do relato de Lívio sobre a luta de Torquato (que recebeu esse nome ao pegar o colar de ouro do gaulês derrotado), afirmou (*HN*., XXXIII, V, 14): "como indica a história de Torquato, os gauleses estavam habituados a lutar usando ouro."

## 4.4 – Os antigos celtas: o que a arqueologia diz

Falaremos agora da arqueologia enquanto elemento paratextual desta pesquisa. O recorte temporal será o mesmo adotado até aqui; isto é, de meados do século II a.C. (quando temos relatos mais consistentes sobre as nações da Gália) ao século I d.C. Como pontua Dyson (In: ERSKINE, 2009, p. 61), a arqueologia é a ferramenta central nos estudos da Antiguidade, que possibilita ampliar, confirmar ou refutar informações fornecidas por fontes textuais limitadas ou cuja veracidade era muito discutida. Dessa maneira, nos será possível então vislumbrar como se organizava a Gália e entender o que a arqueologia traz que complementa as discussões textuais e literárias que realizamos ao longo desta tese.[608]

O conceito de celta era bastante abrangente; servia para designar os habitantes da Gália, os da Britânia (atual Inglaterra), da atual Irlanda, bem como englobava os que viviam na Ibéria (os celtiberos), e ainda os gálatas na Ásia Menor (também chamados de galo-gregos). Pelas várias regiões acima, percebemos que os limites geográficos dos celtas eram fluidos, heterogêneos e em constantes mudanças; além das áreas supracitadas, os celtas chegaram a habitar desde a antiga Hispânia até o atual norte da Itália. As fronteiras ao norte são ainda mais incertas, chegando às atuais Alemanha e Holanda e, possivelmente, além (WITT, IN: ERSKINE, 2009, p. 287). Neste trabalho,

[607] P. 184 e 185. Sobre gauleses com cabelos longos, ver Diodoro (*Bibl*., V, 28, 1), na p. 82 deste trabalho, e Estrabão (*Geog*., IV, 4, 3).

[608] Aqui, consideramos como Gália o território que compreende a atual França, Bélgica e Suíça, até as fronteiras do rio Reno, que desde César era o marco do limite do território romano. Para estudo mais profundo e abrangente sobre os povos da Europa ocidental, recomendamos o livro de Wells, *The Barbarians speak* (1999). Nessa obra, o pesquisador tem por objetivo abordar os povos nativos da Europa de clima temperado e as suas experiências, indo do final da Idade do Bronze (cerca de 1200 a.C.) e se concentrando, especialmente, durante as conquistas romanas e os séculos de dominação imperial. Ao analisar restos arqueológicos, é possível entender como essas comunidades lidaram com as incursões romanas e como elas mesmas se acomodaram em novas estruturas sociais, políticas e culturais a partir do novo domínio.

quanto à geografia, concentramos nossos estudos nos celtas da Gália, devido ao material que vimos nas fontes clássicas e no *corpus* aqui analisado.[609]

Em termos temporais, os primórdios da história dos celtas remontam à Idade do Ferro. O período mais antigo, chamado pelos estudiosos de *Hallstatt*, compreende o intervalo entre os séculos VII a meados do século V a.C. O termo *Hallstatt* serve igualmente para designar o estilo artístico e a cultura étnica, arqueológica e social dessa época. O período seguinte, após cerca de 450 a.C. até a conquista romana, é chamado de *La Tène*, e também serve para nomear o estilo de arte e a cultura dessa fase.[610] O período final do *La Tène* coincide com os relatos do século II a.C. (como Políbio e Catão, o Censor). Dessa maneira, já em meados do século II a.C. a arqueologia revela habitações em fazendas, vilas, centros de comércio, complexos de mineração, e os *oppida*.[611] Esses *oppida* (assim nomeados por César) consistiam em cidades fortificadas com muralhas, e são considerados os primeiros assentamentos urbanos do *La Tène*; situavam-se no topo de colinas e, além disso, eram centros de comércio. Os *oppida* podem ser encontrados no território da atual França central até o Danúbio, no oeste da Eslováquia; alguns exemplos de *oppida* da antiga Gália, citados em César, são Avárico, Alésia, Lutécia e Bibracte (WELLS, 1999, p. 50).[612]

As sociedades do tardio período *La Tène* na Gália praticavam agricultura e pastoreio, além de já adquirirem bens oriundos das regiões Mediterrâneas, seja por via do comércio, seja por via de invasões. Há registros de vasos de bronze, coral tirreno, âmbar báltico, marfim da África, corantes do Oriente próximo, além de achados da Cítia e da Trácia; em troca os celtas forneciam sal, carne seca, peles, têxteis, madeira, mel, e escravos (WITT, IN: ERSKINE, 2009, p. 293). Sobre a produção têxtil, muitos assentamentos têm evidências de tecelagem sofisticada; trajes de lã e linho foram encontrados em vários sítios (no norte da Alemanha, Dinamarca, assentamentos perto

[609] Sobre todo o conjunto das nações célticas acima citadas, faz-se necessário citar a monumental obra *The Celtic world* (2007), editada em 4 volumes por Karl e Stifter, que trata dos celtas desde os seus primórdios na Idade do Ferro até o período medieval. Assim, cada volume é dedicado a um ramo específico de estudo, como a teoria dos estudos célticos, a arqueologia, a história e a linguística.

[610] O nome *Hallstatt* se deve a uma cidade homônima na Áustria, onde se encontram dois sítios arqueológicos importantes: uma mina de sal e um cemitério da época da virada da Idade do Bronze para a do Ferro. O *Hallstatt*, enquanto estilo, englobava então o território onde hoje estão a Áustria, a Alemanha, a França, o norte da Itália, Suíça, até o Danúbio, na Hungria. Já o período conhecido por *La Tène* tem esse nome por causa de um sítio homônimo às margens do lago Neuchâtel, na Suíça. O estilo *La Tène* desenvolveu-se a partir do *Hallstatt* (abrangendo as mesmas áreas), com influência da cultura mediterrânea, devido aos primeiros contatos que os povos dessas regiões tiveram com os gregos no século V a.C. Para mais detalhes dessas divisões, cf. Witt (IN: ERSKINE, 2009, p. 287-292).

[611] Do latim *oppidum* (*oppida* no neutro plural), significava cidade fortificada ou fortaleza; como esse termo é usado até hoje para designar essas cidades, preferimos não traduzir esse vocábulo.

[612] Para maior aprofundamento sobre os *oppida*, cf. Wells (1999, p. 49-53) e Woolf (2003, p. 107-112).

de lagos na Suíça, em países que circundam os Alpes, nas minas de sal de Hallstatt e Hallein, na Áustria), onde condições químicas não usuais resultaram na preservação das fibras orgânicas, que se mantiveram em ótimas condições de preservação (WELLS, 1999, p. 58 e 59). Ao ler essa informação, nos vem na lembrança o comentário sobre a lã feito por Plínio, que disse que na Gália havia um processo próprio de trabalhar a lã, além de mencionar como era feito o resistente feltro e o fato de os restos da lã serem usados como enchimento de colchões (*HN*., VIII, 192).[613] Quanto ao comércio com o Mediterrâneo, o vinho já era comercializado na Gália antes do domínio romano – desde o começo do século II a.C., especialmente com as cidades helênicas e, posteriormente, a partir das províncias romanas ao norte da Itália (WOOLF, 203, p. 175-179). Outros achados foram a cerâmica da Campânia e artigos de mesa feitos em bronze. Após a conquista romana, passaram a ser encontradas ânforas de azeite e molho da Hispânia, e percebe-se que a produção de vinho na própria Gália (e da Hispânia também) tem mais circulação do que os vinhos que antes vinham da Itália.[614]

Em termos de organização social, as primeiras comunidades celtas eram entendidas como "domínios dos chefes", ou seja, análogas aos *basileis* de Homero ou ao feudalismo medieval. Não há dúvida de que essas sociedades eram extremamente hierarquizadas, mas a simples oposição entre elite e povo não era assim tão simplista, e variavam muito de acordo com o tempo e as regiões dentro da Gália. Quando os romanos invadiram a Gália em 58 a.C., sob a liderança de César, as comunidades que eles encontraram eram dinâmicas, abertas, e já estavam passando por grandes mudanças culturais e políticas. Nações de várias partes da Europa ocidental já tinham contato com o mundo romano mais de um século antes da conquista, em interações comerciais; havia assentamentos urbanos (*oppida*) e a escrita começava a ser usada por algumas comunidades (WELLS, 1999, p. 32 e 33). Sobre a escrita, Woolf (2003, p. 92) destaca que grupos que estavam a leste do Ródano adaptaram caracteres gregos dos marselheses em uma linguagem céltica usada em inscrições, chamada de galo-grega; todavia, várias nações dessa região não adotavam a escrita.[615] A arqueologia desde o período final da Idade do ferro e começo do *La Tène* mostra que os povos não eram muito bem divididos em tribos, como parecia evidente em autores gregos e romanos que mencionaram

[613] Cf. p. 213.
[614] Para mais detalhes sobre trocas comerciais entre Gália e Roma, cf. o capítulo "Consuming Rome", de Woolf (2003, p. 169-205).
[615] Para aprofundamento sobre questões de língua e escrita na Gália antes e durante a conquista romana, cf. o capítulo "Mapping cultural change", de Woolf (2003, p. 77-105).

organizações tribais bem distintas, como os éduos, os helvécios, os boios, etc. Segundo Wells (1999, p. 57), as evidências arqueológicas discordam dessa afirmação de uma sociedade altamente dividida, mas sim demonstram que havia um grande espectro de variações sem distinções expressivas em termos de riqueza ou status. As tribos que César e outros autores descreveram poderiam ter sido recentemente formadas em resposta ao próprio avanço romano (e também em resposta às migrações dos cimbros e teutões, algumas décadas antes da Guerra da Gália). As comunidades celtas, vendo-se ameaçadas por incursões de inimigos, passaram a se juntar em grupos maiores e a escolher um líder (chefe ou rei) para se organizarem contra os adversários.[616] De fato, antes dessas invasões os povos da Europa temperada se organizavam em grupos diminutos e familiares, e viviam em aldeias e territórios pequenos. Isso também corrobora a evidência arqueológica de que não existia uma estrutura hierárquica além da comunidade local (WELLS, 1999, p. 57). O próprio conhecimento que se tem dessas hierarquias foi bastante afetado pela conquista romana. O mesmo César, no *De bello Gallico*, simplesmente resumiu essa questão dizendo que existiam "duas espécies desses homens que são tidos em alguma conta e honradez".[617] Nas palavras dele nesse mesmo trecho, o povo (*plebe*) quase não tinha direitos; a elite era composta pelos druidas e pelos cavaleiros (*equites*). O uso de termos latinos para descrever aspectos da sociedade celta também afetou esse conhecimento nas fontes. Devemos lembrar que César simplificou a hierarquia social dos gauleses em dois pólos por questões específicas de política e autopropaganda.[618] Por outro lado, vimos em outras fontes outros papeis sociais importantes além dos druidas e os cavaleiros, como os bardos e os vates.[619] Com a conquista definitiva da Gália e, especialmente após o estabelecimento das províncias gaulesas por Augusto, as cidades começaram a florescer.[620] As estradas abertas também facilitaram a urbanização e a circulação de mercadorias na Gália continental.

Sobre a organização militar dos celtas e seu caráter guerreiro, têm-se vários indícios interessantes. Na Romênia, foi encontrada uma tumba do século III a.C. contendo vários aparatos bélicos. O que destacamos desse achado é um capacete em ferro, coroado com uma figura em bronze de uma ave de rapina; o curioso é que as asas

[616] César (*BGall.*, VII, 4) escreveu que várias nações gaulesas (como os sênones, os parísios, os aulercos, etc.) uniram-se sob a liderança de Vercingetórige (aclamado rei pelos seus, da nação arverna), em uma derradeira tentativa de derrotar os romanos.
[617] *BGall.*, VI, 13, p. 137 e 138.
[618] Cf. p. 139.
[619] Sobre o que Posidônio disse a respeito, cf. p. 66; quanto a Diodoro, cf. p. 83.
[620] Cf. p. 153. Para mais detalhes sobre urbanização e cidades na Gália, cf. Woolf (2003, p. 112-125).

se moviam de modo que, quando o guerreiro corria ou se lançava até o inimigo, seu capacete produzia um barulho estrondoso e aterrorizante (WITT, IN: ERSKINE, 2009, p. 294). Abaixo, uma foto do artefato:[621]

Esse capacete nos traz à memória o comentário de Lívio, que disse a respeito dos gauleses se comportarem deliberadamente para infligir terror aos seus inimigos.[622]

Já no final da Pré-história (até o período final da Idade do Ferro) foram encontradas várias tumbas de guerreiros ricamente equipados, contendo vários objetos como longas espadas de ferro, com bainhas decoradas com ornamentos elaborados; escudos com um centro ovalado de metal, e esporas enfeitadas.[623] Esses objetos extremamente adornados denotavam o status dos guerreiros e cavaleiros, que gozavam de grande fama na arte da equitação (WELLS, 1999, p. 62).[624]

Quanto às crenças religiosas, é muito difícil reconstruir os fatos a partir dos achados arqueológicos. Há indícios de rituais e sacrifícios de animais, mas não se sabe muito sobre os atributos dos deuses célticos e germânicos; Wells (1999, p. 59) destaca que, ironicamente, o que se sabe dos nomes e atributos das divindades veio das fontes greco-romanas, e não se sabe o quanto essas concepções já tinham mudado na época dos romanos; além disso, não há evidência arqueológica clara sobre os druidas.

[621] Imagem retirada de Koch (2006, p. 448); o capacete é conhecido como Ciumeşti, por ter sido encontrado na homônima cidade de Ciumeşti, na Romênia.
[622] Cf. *Ab urbe cond.*, XXXVIII, 17, na p. 240, em que Lívio disse: "o horrendo barulho que fazem ao bater as armas nos escudos, de acordo com o seu costume, é deliberadamente preparado para causar terror."
[623] Percebemos que as fontes antigas corroboram o fato dos guerreiros possuírem vestimentas ricamente elaboradas e enfeitadas (cf. p. 242 para essas imagens recorrentes).
[624] César falou do alto *status* social de que gozavam os cavaleiros gauleses, como mencionamos na p. 246. Ainda sobre os cavaleiros, os romanos passaram a adotar grandes contingentes de cavalaria gaulesa em suas fileiras desde César, indo ao longo de toda a sua história posterior. Cf. o episódio do ataque a Pisão Aquitano e à cavalaria gaulesa, em *BGall.*, IV, 12, p. 125. Já no século III a.C., os gálatas eram contratados como mercenários por reinos helenísticos; Aníbal também utilizou mercenários gauleses durante a Segunda Guerra Púnica.

Também há poucos indícios arqueológicos de sacrifícios humanos. A respeito dos relatos greco-romanos que mencionavam essa prática, deve-se ter em mente que os autores dessa época, muitas vezes, não hesitavam em retratar os bárbaros com cores selvagens, acentuando comportamentos negativos ou bizarros. Outro fato que possivelmente corrobora isso é o de que, no tempo do contato com o mundo clássico greco-romano, as sociedades autóctones da Europa passavam por situações extremas, e possivelmente devem ter recorrido a essa prática dos sacrifícios humanos; isso poderia ter coincidido com os relatos escutados por autores como Posidônio, Diodoro e César. (WELLS, 1999, p. 59 e 60).[625]

Vimos, ao longo deste trabalho, como as representações do gaulês foram se transformando desde os primeiros contatos entre esse povo e os gregos e romanos, e essa transformação se dá até os dias de hoje. A retomada do estudo sobre os gauleses se deu principalmente na França a partir do século XVIII, com obras historiográficas que passaram a tratar a história desse país levando em consideração o seu passado céltico (antes, as obras se concentravam apenas nos romanos e fatos posteriores). Dentre tantos exemplos a partir desse século, citamos aqui alguns, como a obra *Antiquité des Celtes*, de Dom Paul Pezron (de 1703), e *Histoire des Gaules*, de Dom Jacques Martin (1752).[626] A partir de Napoleão III a França passou a buscar nos gauleses a figura de um herói nacional, especialmente na pessoa de Vercingetórige, que apareceu em pinturas e esculturas de artistas como Aimé Millet (*Vercingétorix d'Alésia*), Emmanuel Frémiet (*Le chef gaulois*) e Auguste Barholdi (*Monument à vercingétorix*, em Clermont-Ferrand). Já do século XX de nossa era, não podemos deixar de citar a célebre *Histoire de la Gaule*, de Camille Jullian (publicada de 1903 a 1926). Com tanto material sobre os galos, facilmente percebemos que eles até hoje despertam a curiosidade das pessoas e aparecerem em vários tipos de obras artísticas e culturais: nas histórias em quadrinhos escritas por Goscinny e Uderzo sobre Astérix e Obélix (que, inclusive, possuem um parque temático exclusivo na França); em documentários vários veiculados em canais de televisão como History Channel e Discovery Civilization; e em exposições de arte, como a de tema "Gaulomania", que ocorreu em Paris em 1996, no Musée National des Arts et Traditions Populaires. Igualmente os galos são retratados em reconstituições de música e língua celta em festivais populares, como o Montelago Celtic Festival, que

[625] Os próprios romanos, em períodos críticos de sua história, chegaram a praticar o sacrifício de dois gauleses e dois gregos, como forma de aplacar os deuses (WOOLF, 2003, p. 61).
[626] Cf. Thill (1998) para mais exemplos de obras que trazem os gauleses como personagens de destaque, desde o século XVIII até os dias atuais.

ocorre anualmente na Itália. Mesmo que atualmente os celtas existam em imagens que, muitas vezes, guardam pouca semelhança com os indivíduos reais que viveram entre a Pré-história e Antiguidade, de certa forma esses seres, descritos com figuras de imagens e vocabulário próprios na literatura greco-latina, se eternizaram no imaginário popular.

## Considerações finais

Desde a Antiguidade, as imagens dos galos sofreram várias transformações que se perpetuam até os dias atuais.[627] Percebemos que nas fontes greco-romanas citadas e no *corpus* analisado (César, Lívio, e Plínio, o Velho) como a retórica, além de definir o lugar do outro, também serviu para definir o lugar de si. Ao se tratar do outro (no caso, o galo), vimos que gregos e romanos nem sempre se mostraram apenas como superiores. Como Veyne (1992, p. 284) destaca, os gregos e romanos, quando não satisfeitos consigo mesmos, pensavam se os bárbaros não eram os únicos a conservarem a pureza e o vigor primitivos e inerentes à raça humana. Mais do que isso, percebemos que havia muitas e variadas imagens dos galos, e que cada autor utilizou uma (ou várias) dessas "molduras" de acordo com a mensagem que queria passar em sua obra.

Ao estudar o gaulês, pudemos igualmente entender o que era ser romano e como Roma evoluiu de uma pequena cidade para um império vasto e multicultural, aberto a todos que estivessem dispostos a participar dele. Por esse motivo, não deixa de ser curioso sublinhar que muitos dos autores citados ao longo deste trabalho não eram romanos de nascimento.[628] Lívio nasceu em Pádua (em 59 a.C.), na Gália Cisalpina, e essa província recebeu a cidadania romana apenas em 49 a.C. Para Ratti (2009, p. 128), esse fato ajudava a explicar o grande fervor patriótico do historiador.[629] Gruen (2011a, p. 344 e 345) lembra que os romanos não tinham tradições que preconizavam uma pureza de linhagem, e sequer possuíam um termo para designar o não romano – na verdade, os romanos buscaram no grego a noção de estrangeiro inserida no termo *bárbaro*. A identidade grega se definia em fundamentos étnicos, culturais e genealógicos; a identidade romana, por sua vez, se estabelecia especialmente em pressupostos culturais e políticos. O que de fato era relevante para o mundo romano era a cidadania – cidadania essa que poderia ser obtida, via de regra, por qualquer um; esse fato, desde a Antiguidade, era tido como um dos sucessos do imperialismo romano (HERRING, In: ERSKINE, 2009, p. 131). Desde que não fossem contra o *status quo*, os

[627] Thill (1998), fala rapidamente de como a imagem dessa nação se transformou ao longo da história da França (especialmente a partir do século XIX e da III República) e de como os franceses se apropriaram desses estereótipos para justificarem fatos de sua própria história e os seus símbolos nacionais (o galo, Vercingetórige retratado como herói, etc.).

[628] Como Catão, o Censor (de Túsculo); Cícero (de Arpino); e os próprios Lívio e Plínio, o Velho (da Gália Cisalpina). Emblemático também o caso de Terêncio, cartaginês levado a Roma como cativo de guerra e que, posteriormente, se dedicou a escrever comédias.

[629] De fato, Usher (2001, p. 165) considera que nenhum outro texto da literatura latina possui um patriotismo mais exaltado do que o *Ab urbe condita*.

territórios conquistados eram livres para manterem suas instituições políticas, cultura, costumes e língua; através desse sistema de conquista Roma poderia facilmente dominar as regiões a ela submetidas.

O termo *bárbaro*, cujo primeiro significado era para designar aquele que não falava grego, passou a ter a acepção de nomear os que viviam fora do território romano. Por conseguinte, quem se encontrava dentro do império era civilizado, os que habitavam além dos limites eram bárbaros, selvagens que viviam em lugares inóspitos. Nas palavras de Herring (In: ERSKINE, 2009, p. 131), "at the edges of the world, where the environment and climate were untamed and harsh, lived savage men shaped by that world. Such peoples needed to be either conquered and brought into the civilized world or shut out from it by strongly defended borders."[630]

Na Antiguidade os contatos entre os povos ditos civilizados e os bárbaros ocorriam principalmente nas zonas contíguas ou fronteiriças, e esses contatos eram motivados por comércio, conquistas, guerras ou falta de terras (migrações e colonizações). Como lembra Murphy (2004, P. 78), os gregos e os romanos, desde o período arcaico de suas histórias até o fim dos seus impérios, sempre se mostraram curiosos e interessados nos povos que habitavam as periferias de suas civilizações. Por isso, podemos encontrar narrativas de cunho etnográfico em praticamente todos os gêneros, como a épica, a poesia didática, a lírica, a elegia, a tragédia, a filosofia, etc. Foi no gênero da historiografia, contudo, que a etnografia foi mais utilizada e apareceu com maior relevância documental, já que eram parte essencial desse gênero as descrições e explicações do mundo registrado do ponto de vista do autor. Todavia, a etnografia em si diferia muito pouco em seu conteúdo, pois, como gênero literário, estava condicionada a certas regras, convenções e expectativas de uma audiência específica. A importância da tradição literária na Antiguidade era tão grande que, de certa forma, explicava o porquê de vários autores que escreveram etnografia sequer terem viajado ou conhecido *in loco* os locais que descreveram; eles buscaram nas fontes as informações necessárias.[631]

Além disso, a informação já consagrada de um povo raramente era suplantada ou atualizada, por mais enganosa que fosse; nesse tempo o mais comum era que as observações que se ajustassem para as teorias, e não o contrário (MURPHY, 2004, P.

[630] "Nos limites do mundo, onde o ambiente e o clima eram indomáveis e severos, viviam homens selvagens moldados por tal mundo. Tais povos precisavam ou ser conquistados e trazidos para o mundo civilizado, ou mantidos separados dele por fronteiras fortemente defendidas."

[631] De fato, dos gregos que mencionamos no cap. 1, apenas Políbio e Posidônio de fato estiveram na Gália. Já Diodoro e Estrabão não conheceram pessoalmente a Gália (WOOLF, 2011, p. 21).

82). Por essa razão, era comum que autores posteriores recorressem a autores anteriores para passagens etnográficas, tanto para descrições dos mesmos povos e lugares, como também a adoção de *tópoi* e clichês iguais de outras descrições aplicados a novas nações e regiões.[632] A precisão desse tipo de narrativa consista então na repetição de elementos dessa tradição literária e de certas variantes, como o destaque de características maravilhosas ou bizarras de povos diferentes (SYED, In: HARRISON, 2005, p. 362). Como pontua Hartog (199, p. 246), os aspectos maravilhosos e curiosos (thôma, em grego) deveriam figurar no elenco dos procedimentos da retórica da alteridade; certamente, esses fatos maravilhosos produziam um efeito de credibilidade e, além disso, o autor não poderia os suprimir da sua narrativa, uma vez que o público esperava esse tipo de conteúdo nas obras de cunho etnográfico.

Considerado o que foi dito acima, notamos então que o antagonismo entre os estrangeiros e os nativos só se operava em um contexto de mão dupla; "nós x eles", em que um grupo se reconhecia como civilizado frente a outro, bárbaro. Reconhecer o outro que lhe era alheio implicava em reconhecer a si mesmo. Na concepção de Murphy (2004, p. 94), os estrangeiros não eram estrangeiros absolutos, mas sim estrangeiros de Roma, e as culturas diferentes só poderiam ser expressas nas palavras da Urbe, em categorias e valores relacionados a si própria. Ser bárbaro implicava em ausência: ausência de estabilidade, de instituições, em suma, ausência de *humanitas*; é justamente disso que resulta a força e poder do bárbaro; eles estão entre a ordem e o caos, entre o humano e o animal (MURPHY, 2004, P. 165).

No caso das representações latinas de outros povos e nações, essas narrativas servem mais para compreender o que os romanos pensavam desses últimos do que, de fato, em obter um conhecimento sobre os não-romanos. Todavia, como pontua Sayed (In: HARRISON, 2005, p. 360), a tentação de se buscar informações sobre os não-romanos na literatura greco-romana sempre foi grande, e isso até recentemente acontecia bastante. Se antes a tendência de pesquisa dos Estudos Clássicos era mais no sentido de identificar o que era real ou verdadeiro nas etnografias antigas, hoje os estudos se concentram mais em perceber como gregos e romanos entendiam o mundo a partir dos antigos estereótipos.

[632] Como discutimos no cap. 1 deste trabalho, os romanos primeiramente buscaram nos gregos (sendo Políbio o maior nome nesse contexto) as narrativas etnográficas, até que eles mesmos, a partir do século III a.C., passaram a ser autores desse gênero.

Ao estudar os relatos da Antiguidade, percebemos que essas narrativas seguiam uma longa tradição literária e retórica; por conseguinte, é uma tarefa impossível tentar filtrar o que elas possuíam de verdade ou de criação – embora muitos estudiosos tenham buscado identificar o que havia de conteúdo factual nesses relatos.[633] Não cremos ser possível encerrar essa questão de forma definitiva. O que identificamos neste trabalho de forma nítida foi a evolução no conceito de gaulês e também o próprio desenvolvimento de Roma como um império. No *corpus* escolhido aqui, percebemos que César ressaltou a virtude guerreira dos galos, mas, como tinha fins de conquista, os assimilou e os inseriu no contexto da civilização romana. As passagens que analisamos de *Ab urbe condita*, localizadas distantes no tempo (no recorte que fizemos, analisamos trechos contemporâneos ao saque de Roma e a guerra entre romanos e gálatas, em 189 a.C.), se perdem na bruma do mito; por isso, Lívio simplesmente preocupou-se em retratar os gauleses como meros inimigos, descrevendo-os nos mesmos moldes usados para todos os opositores de Roma que apareceram ao longo de sua obra. Ora, o propósito de Lívio era o de moralizar e entreter, sempre ressaltando a virtude romana, e não descrever profundamente os costumes dos outros povos, sua cultura, etc. Com Plínio, o Velho, o império (enquanto territórios submetidos a Roma) já estava estabelecido há bastante tempo e, por isso, ele não se concentrou muito na etnografia da Europa ocidental ou os gauleses em si, mas sim buscou enfocar em seus estudos assuntos específicos, como o fiar da lã. Ao descrever a geografia das regiões até então submetidas a Roma, Plínio se preocupava mais em delimitar os limites do império e estabelecer as fronteiras do mundo conhecido e civilizado (*oikumene*).

Ao chegarmos ao final desta pesquisa, fica clara para nós a imensa força de certos estereótipos dos gauleses, que parecem indeléveis. Surgidos na Antiguidade e reelaborados por autores como Políbio, Posidônio, Estrabão, Diodoro, Cícero, César, Lívio, Plínio, o Velho, dentre tantos outros, esses clichês foram e estão sendo retomados desde aqueles tempos e ao longo de todos esses séculos.

Em pleno século XXI, ao se falar em "gaulês" ou "celta", nos vem logo à memória indivíduos muito altos, fortes, com vistosos bigodes, imprevisíveis e corajosos; seja na figura dos simpáticos Astérix e Obélix, seja na imponente imagem de Vergingetórige, politicamente recuperada no século XIX e transformada em herói nacional da França. A força do líder arverno simbolizava a resistência de todos os galos

[633] Marincola (In: ERSKINE, 2009, p. 15 e ss.) levanta uma interessante discussão a esse respeito.

frente a um inimigo comum; hoje, Vercingetórige tornou-se o arquétipo da firmeza política não só dos gauleses, mas também de todos os franceses contemporâneos diante de adversários comuns. Não por acaso podemos encontrar estátuas de Vercingetórige em vários locais franceses, bem como o fato de antigas cidades celtas serem nomes de ruas, como a própria rue Vercingétorix, rue Gergovie e rue d'Alésia, todas em Paris.

# Referências bibliográficas

## Edições e traduções de textos antigos


ARISTOTLE. *Aristotle's Ethica Nicomachea*. Edited by J. Bywater. Oxford: Clarendon Press, 1894. Disponível em: Perseus digital library <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/> Acesso em 23 mai. 2018.

ARISTÓTELES. *Etica Nicomáquea, Ética Eudemia*. Introducción por Emilio Lledó Íñigo, traducción y notas por Julio Pallí Bonet. Madrid: Gredos, 1998.

_____. *Política*. Introducción, traducción y notas de Manuela García Valdés. Madrid: Gredos, 1988.

_____. *Poética*. Edición trilingue por Valentín García Yebra. Madrid: Gredos, 1999.

_____. *Retórica*. Introducción, traducción y notas por Quintín Racionero. Madrid: Gredos, 1994.

CATO, M. Porcius. Origines. In: PETER, H. (ed.) *Historicorum Romanorum Reliquiae*. Leipzig : [s.e.], 1914, v.1.

CATÃO. *Da agricultura*. Tradução, apresentação e notas de Matheus Trevizam. Campinas: Unicamp, 2016.

CÉSAR. *La Guerre des Gaules*. Texte établi et traduit par L. A. Constans. Paris: Les Belles Lettres, 1947-1972, tomes I et II.

_____. *Comentários de César sobre a guerra gaulesa*. Tradução de Nicolau Firmino. Porto: Livraria Simões Lopes, 1946.

CÍCERO. *As Catilinárias*. Introdução, tradução do latim e notas de Sebastião Tavares de Pinho. Lisboa: Edições 70, 1990.

CICÉRON, M. T. *De la divination*. Introduction de Amin Maalouf, traduit par Gérard Freyburger e John Scheid. Paris: Les Belles Lettres, 1992.

_____. *Discours*: Catilinaires. Texte établi par H. Bornecque et traduit par E. Bailly. Paris: Les Belles Lettres, 1926, tome X.

_____. *Discours:* pour M. Fonteio , pour A. Cécina , sur les pouvoirs de Pompée. Texte établi et traduit par André Boulanger. Paris: Les Belles Lettres, 1961, tome VII.

_____. *Discours*: Seconde action contre Verrès, livre II: La Préture de Sicile. Texte établi et traduit par H. de La Ville de Mirmont. Paris: Les Belles Lettres, 1936, tome III.

_____. *Discursos*: En defensa de Sexto Roscio Amerino; En defesa de la ley Manilia; En defensa de Aulo Cluencio; Catilinarias; En defensa de Lucio Murena. Traducciones, introducciones y notas de Jesús Aspa Cereza. Madrid: Gredos, 1995.

_____. *Discursos*: Verrinas. Traducción y notas de José María Requejo Prieto. Madrid: Gredos, 1990, 2 v.

_____. *Les devoirs*. Texte établi par Maurice Testard. Introduction, nouvelle traduction et notes par Stéphane Mercier. Paris: Les Belles Lettres, 2014.

_____. *L'orateur, et du meilleur genre d'orateurs*. Texte établi et traduit par Albert Yon. Paris: Les Belles Lettres, 1964.

_____. *Sobre la advinación; Sobre el destino; Timeo*. Introducción, traducción y notas de Ángel Escobar. Madrid: Gredos, 1999.

DIODORO DE SICILIA. *Biblioteca histórica*: libros I a III. Introducción, traducción y notas de Francisco Parreu Alasà. Madrid: Gredos, 2001.

_____. *Biblioteca histórica*: libros IV a VIII. Traducción y notas de Juan José Torres Esbarranch. Madrid: Gredos, 2004.

DIODORUS OF SICILY. *Library of History*. With an English translation by C. H. Oldfather. Cambridge: Harvard University Press, 1952, v.3.

DIONYSIUS OF HALICARNASSUS. *The Roman antiquities.* With an English translation by Earnest Cary. Cambridge: Harvard University Press, 1937-1950, v.1.

DIODORUS SICULUS. *Diodori Bibliotheca Historica.* Edited by Immanel Bekker, Ludwig Dindorf, Friedrich Vogel. Leipzig: Teubner, 1888-1890, 2v. Disponível em: Perseus digital library <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/> Acesso em 23 mai. 2018.

ESTRABÓN. *Geografía*: libros I-II. Introducción general de J. García Blaco; Traducción y notas de J. L. García Ramón y J. García Blanco. Madrid: Gredos, 1991.

_____ . *Geografía*: libros III-IV. Traducciones, introducciones y notas de Maria José Meana y Félix Piñero. Madrid: Gredos, 1992.

HERODOTE. *Histoires*. Texte établi et traduit par Phillippe Ernest Legrand. Paris: Les Belles Lettres, 1939-1954.

HESÍODO. *Teogonia*: a origem dos deuses. Estudo e tradução de Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 2003.

HIPÓCRATES. Ares, Águas e Lugares. In: CAIRUS, Henrique F.; RIBEIRO JR., Wilson A. *Textos hipocráticos*: o doente, o médico e a doença. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005, p. 91-129.

HOMER. *Homeri Opera in five volumes*. Oxford: Oxford University Press, 1920. Disponível em: Perseus digital library <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/> Acesso em 23 mai. 2018.

HOMERO. *Ilíada*. Tradução de Frederico Lourenço. Lisboa: Cotovia, 2005.

ISÓCRATES. *Discursos*. Introducción, traducción y notas de Juan Manuel Guzmán Hermida. Madrid: Gredos, 1979, v. 1.

ISOCRATES. *Isocrates with an English translation in three volumes*. Translated by George Norlin. Cambridge: Harvard University Press, 1980. Disponível em: Perseus digital library <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/> Acesso em 23 mai. 2018.

KIDD, I.G. *Posidonius*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999, v. III.

NOVAK, Maria da Gloria; NERI, Maria Luiza; PETERLINI, Ariovaldo Augusto (org.). *Historiadores latinos*: antologia bilíngue. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PLATÓN. *Diálogos*: Leyes (libros I-VI). Introducción, traducción y notas de Francisco Lisi. Madrid: Gredos, 1999.

PLINE L'ANCIEN. *Histoire naturelle*: livre III. Texte établi, traduit et commenté par Hubert Zehnacker. Paris: Les Belles Lettres, 2004.

_____. *Histoire naturelle*: livre IV. Texte établi, traduit et commenté par Hubert Zehnacker et Alain Silberman. Paris: Les Belles Lettres, 2015.

_____. *Histoire naturelle*: livre VIII. Texte établi, traduit et commenté par Alfred Ernout. Paris: Les Belles Lettres, 1952.

_____. *Histoire naturelle*: livre XXX. Texte établi, traduit et commenté par Alfred Ernout. Paris: Les Belles Lettres, 1963.

_____. *Histoire naturelle*: livre XXXIII. Texte établi, traduit et commenté par Hubert Zehnacker. Paris: Les Belles Lettres, 1983.

PLINIO EL VIEJO. *Historia natural*: libros III-VI. Traducción y notas de Antonio Fontán, Ignacio García Arribas, Encarnación del Barrio, Maria Luisa Arribas. Madrid: Gredos, 1998.

_____. *Historia natural*: libros VII-XI. Traducción y notas de Encarnación del Barrio Sanz, Ignacio García Arribas, A. M. Moure Casas, L. A. Hernández Miguel y Maria Luisa Arribas Hernáez. Madrid: Gredos, 2003.

PLUTARCO. *Vidas paralelas*. Introducción, traducción y notas por Aurelio Pérez Jiménez. Madrid: Gredos, 2008, tomo II.

POLIBIO. *Historias*. Traducción y notas de Manuel Balasch Recort. Madrid: Gredos, 1981.

POLYBE. *Histoires*: livre II. Texte établi et traduit par Paul Pédech. Paris: Les Belles Lettres, 1970.

POLYBIUS. *The Histories*. Translated by W. R. Paton. Cambridge: Harvard University Press, 2010.

_____. *Historiae*. Theodorus Büttner-Wobst after L. Dindorf. Leipzig: Teubner, 1893. Disponível em: Perseus digital library <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/> Acesso em 23 mai. 2018.

RETÓRICA a Herenio. Introducción, traducción y notas de Salvador Núñes. Madrid: Gredos, 1997.

STRABO. The *Geography*. Translated by Horace Leonard Jones. Cambridge: Harvard University Press, 1954, v.2 e v.3.

_____. *Geographica*. Edited by A. Meineke. Leipzig: Teubner, 1877. Disponível em: Perseus digital library <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/> Acesso em 23 mai. 2018.

SUETÔNIO; AUGUSTO. *A vida e os feitos do divino Augusto*. Tradução de Matheus Trevizam, Paulo Sérgio Vasconcellos e Antônio Martinez de Rezende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

TÁCITO, C. *Anais*. Tradução de Leopoldo Pereira. Rio de Janeiro : [s.e.], 1964.

TITE LIVE. *Histoire romaine*: livre V. Texte établi par Jean Bayet et traduit par Gaston Baillet. Paris: Les Belles Lettres, 1954, tome V.

_____. *Histoire romaine*: livre VII. Texte établi par Jean Bayet et traduit par Raymond Bloch. Paris: Les Belles Lettres, 1968, tome VII.

_____. *Histoire romaine*: livre XXIII. Texte établi et traduit par Paul Jal. Paris: Les Belles Lettres, 2001, tome XIII.

_____. *Histoire romaine*: livre XXXVIII. Texte établi et traduit par Richard Adam. Paris: Les Belles Lettres, 1982, tome XXVIII.

TITO LÍVIO. *História de Roma*: livro I – a monarquia. Tradução de Mônica Costa Vitorino; introdução e notas de Júlio César Vitorino. Belo Horizonte: Crisálida, 2008.

VARRÓN. *La lengua latina*: libros V-VI. Introducción, traducción y notas de Luis Alfonso Hernández Miguel. Madrid: Gredos, 1998.

VARRON. *La langue latine*: livre V. Texte établi et traduit par Jean Collart. Paris: Les Belles Lettres, 1954, tome I.
VEGÉCIO. *Compêndio da arte militar*. Tradução de João Gouveia Monteiro e José Eduardo Braga. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009.
TUCÍDIDES. *Historia de la guerra del Peloponeso*: libros I-II. Traducción y notas de Juan José Torres Esbarranch. Madrid: Gredos, 1990.

Dicionários

ALMOYNA, Julio Martinez. *Dicionário de espanhol-português*. 2 ed. Porto: Porto ed., 1999.
BEEKES, Robert. *Etymological Dictionary of Greek*. Leiden: Brill, 2010, v. 1.
BENEDETTI, Ivone Castilho. *Dicionário Martins Fontes italiano-português*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
CARVALHO, Olívio. *Dicionário de francês-português*. 2 ed. Porto: Porto ed., 1997.
CHANTRAINE, Pierre. *Dictionnaire étymologique de la langue grecque*. Paris: Éditions Klincksieck, 1968.
FARIA, Ernesto. *Dicionário latino – português*. Belo Horizonte: Garnier, 2003.
FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. Curitiba: Ed. Positivo, 2004.
GAFFIOT, Felix. *Dictionnaire illustre latin français.* Paris: Hachette, 1957.
GLARE, P.G.W.(ed.). *Oxford Latin dictionary*. Oxford: Claredon Press, 1982.
HARVEY, Paul. *Dicionário Oxford de literatura clássica grega e latina*. Tradução de Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
HOUAISS, Antonio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
LIDDEL, Henry George; SCOTT, Robert; JONES, Henry Stuart. *A Greek-English Lexicon*. Oxford: Clarendon Press, 1996.
REZENDE, Antônio Martinez; BIANCHET, Sandra Braga. *Dicionário do latim essencial*. Belo Horizonte: Tessitura, 2005.
SARAIVA, F.R. dos Santos; QUICHERAT, L. *Novíssimo dicionário latino-português*. Rio de Janeiro: Garnier, 2003.

SUMMERS, Della. *Longman dictionary of contemporary English*. 3 ed. Bungay: Longman Dictonaries, 1995.
TORRINHA, Francisco. *Dicionário latino português*. Porto: Edições e execução de gráficos reunidos Ltda., 2001.
VAAN, Michiel. *Etymological Dictionary of Latin and the other Italic Languages*. Leiden: Brill, 2008.

Bibliografia geral

ADLER, Erich. *Valorizing the Barbarians*: enemy speeches in Roman historiography. Austin: Texas University Press, 2011.
ALMEIDA, Priscilla A. F. *Ilíada Latina*: tradução e estudo literário da adaptação da *Ilíada* de Homero na Antiguidade latina. 2012. 166 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Clássicos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2012.
ANDERSON, Perry. *Passagens da Antiguidade ao Feudalismo*. 2ª ed. Porto: Afrontamento, 1982.
ANDRÉ, Jean-Marie; HUS, Alain. *L'Histoire à Rome*: historiens et biographes dans la littérature latine. [s.l.]: Presses Universitaires de France, 1974.
ANDRÉ, Jean-Marie. Ethongraphie et sociologie "barbare" chez César. *Vita Latina*, Montpellier, n.162, p. 2-10, 2001.
AILI, Hans. Livy's language: a critical survey of research. In: HAASE, Wolfgang (ed.). *Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt* (ANRW). Berlin: Walter de Gruyter, 1982, band II, 30.2, p. 1122-1147.
ASTIN, Alan E. *Cato the Censor*. Oxford: Claredon Press, 1978.
AUSTIN, Michel. *The Hellenistic world from Alexander to the Roman conquest*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
BADIAN, E. *Roman imperialism in the late Republic*. Oxford: Basil Blackwell, 1968.
BARONOWSKI, Donald Walter. *Polybius and Roman imperialism*. London: Bristol Classical Press, 2011.
BASSETTO, Bruno Fregni. *Elementos de filologia românica*. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

BECK, Françoise; CHEW, Hélène. *Quand les Gaulois étaient romains*. Paris: Découvertes Gallimard/Réunion des musées nationaux, 2008.

BECK, Hans. The early Roman tradition. In: MARINCOLA, John (ed.). *A companion to Greek and Roman historiography*. Oxford: Blackwell Companions to the Ancient World, 2007, v. 1, p. 259-265.

BLOCH, Raymond; COUSIN, Jean. *Roma e o seu destino*. Lisboa: Edições Cosmos, 1964.

BOARDMAN, John; GRIFFIN, Jasper; MURRAY, Oswyn (eds.). *The Oxford History of the Classical World*. Oxford: Oxford University Press, 1986.

BORCA, Federico. *Luoghi, corpi, costumi: determinismo ambientale ed etnografia antica*. Roma: Edizione di Storia e Letteratura, 2003.

BORNECQUE, H.; MORNET, D. *Roma e os romanos*. São Paulo: EPU, Editora da Universidade de São Paulo, 2002. Reimpressão.

BRANDÃO, Jacyntho Lins. *A invenção do romance*. Brasília: Editora UnB, 2005.

BRANDÃO, José Luís. Do "1º triunvirato" aos idos de março. In: BRANDÃO, José Luís; OLIVEIRA, Francisco (coord.). *História de Roma*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015, v.1, p. 389-427.

BRINGMANN, Klaus. Poseidonius and Athenion: a study in Hellenistic historiography. In: CARTLEDGE, Paul; GARNSEY, Peter; GRUEN, Erich (ed.). *Hellenistic constructs*: essays in culture, history and historiography. Los Angeles: University of California Press, 1997, p. 145-158.

BRISCOE, John. *A commentary on Livy*: books 38-40.Oxford: Oxford University Press, 2008.

BROSMAN, Catharine Savage. The functions of war literature. *South Cetral Review*, Baltimore, v.9, n. 1, p. 85-98, 1992.

BROWN, A. Civilized Gaul: Caesar's portrait of Piso Aquitanus (De bello Gallico 4.12.4-6). *Mnemosyne*: a journal of Classical Studies, Amsterdam, v. 67, f. 3, p. 391-404, 2014.

BRUNAUX, Jean-Louis. *Nos ancêtres les Gaulois*. Paris: Éditions du Seuil, 2008.

_____ . *Alésia*. Paris: Gallimard, 2012.

_____. *Les Gaulois*. Paris: Les Belles Lettres, 2005.

_____. *Voyage en Gaule*. Paris: Éditions du Seuil, 2011.

BRUNT, P.A. *Studies in Greek History and Thought*. Oxford: Claredon Press, 1993.

BUGH, Glenn R. (ed.). *The Cambridge Companion to the Hellenistic world*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

CANFORA, Luciano. *Júlio César:* o ditador democrático. Trad. Antonio da Silveira Mendonça. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

CAREY, Sorcha. *Pliny's catalogue of culture*: art and empire in the Natural History. Oxford: Oxford University Press, 2003.

CHAMPION, Craige. Romans as Bapbapoi: three Polybian speeches and the politics of cultural indeterminacy. *Classical Philology*, Chicago, v. 95, n. 4, p. 425-444, 2000.

_____. *Cultural politcs in Polybius' Histories*. Los Angeles: University of California Press, 2004.

CHAPLIN, Jane D. *Livy's exemplary history*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

CODOÑER, Carmen (org.). *Historia de la Literatura Latina*. Madrid: Cátedra, 2007.

COLLARES, M.A. *Representações do senado romano na Ab Urbe Condita Libri de Tito Lívio*. São Paulo: Editora UNESP/Cultura Acadêmica, 2010.

CONTE, Gian Biagio. *Latin Literature:* a history. Trad. Joseph B. Solodow. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1999.

CORASSIN, Maria Luiza. Comentário sobre as Res Gestae Divi Augusti. In: JOLY, Fábio Duarte (org.). *História e retórica*: ensaios sobre historiografia antiga. São Paulo: Alameda, 2007, p. 97-118.

DAUGE, Y.A. *Le Barbare, recherches sur la conception romaine de la barbarie et de la civilisation*. Bruxelles: Éditions Latomus, 1981.

DEJARDIN, Isabel. *Visages antiques de la barbarie*: enquête sur l'emergence d'une notion. Paris: Editions Bouchene, 2010.

DELAPLACE, Christine; FRANCE, Jérôme. *Histoire des Gaules*. Paris: Armand Colin, 2011.

DUBUISSON, Michel. *Le latin de Polybe*: les implications historiques d'un cas de bilinguisme. Paris: Klincksieck, 1985.

DUFF, John Wight. *A Literary History of Rome: From Tiberius to Hadrian*. 3 ed. London: Benn, 1964.

DYSON, Stephen L. Archaeology and Ancient History. In: ERSKINE, Andrew (ed.). *A companion to Ancient History*. Oxford: Blackwell companions to the ancient world, 2009, p. 59-66.

EASTERLING, P.E.; KNOX, B.M.W. (eds.) *Historia de la literatura clásica*. (Cambridge University) Madrid: Gredos, 1990. v. 1. (Literatura griega)

ECKSTEIN, Arthur M. *Moral vision in The Histories of Polybius*. Berkeley: University of California Press, 1995.

_____. Physis and Nomos: Polybius, the Romans, and Cato the Elder. In: CARTLEDGE, Paul; GARNSEY, Peter; GRUEN, Erich (ed.). *Hellenistic constructs*: essays in culture, history and historiography. Los Angeles: University of California Press, 1997, p. 175-198.

ERDKAMP, Paul. (ed.). *A companion to the Roman army*. Oxford: Blackwell Publishing, 2007.

_____. *The Cambridge companion to Ancient Rome*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

ERSKINE, Andrew (ed.). *A companion to Ancient History*. Oxford: Blackwell companions to the ancient world, 2009.

FAVERSANI, Fábio; JOLY, Fábio D. Da Liga Latina ao saque de Roma. In: BRANDÃO, José Luís; OLIVEIRA, Francisco (coord.). *História de Roma*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015, v.1, p. 103-125.

FISHER, Nick. Citizens, foreigners and slaves in Greek society. In: KINZL, Konrad H. (ed.). *A companion to the Classical Greek world*. Oxford: Blackwell Publishing, 2006, p. 327-349.

FLORENZANO, Maria Beatriz B. *O mundo antigo*: economia e sociedade. 13 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

FORNARA, Charles. *The nature of history in ancient Greece and Rome*. University of California Press, 1983.

FORSYTHE, Gary. *A critical history of early Rome*: from prehistory to the first Punic War. Berkeley: University of California Press, 2005.

FUNARI, Pedro Paulo A. *Antiguidade Clássica*: a História e a cultura a partir dos documentos. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

_____; GARRAFFONI, Renata Senna. *Historiografia*: Salústio, Tito Lívio e Tácito. Campinas: Editora Unicamp, 2016.

GABBA, Emilio. Aspetti culturali dell`imperialismo romano. *Athenaeum*, Pavia, n.55, p. 49-74, 1977.

_____. *Roma arcaica*: storia e storiografia. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 2000.

GAUTHIER, Philippe. Notes sur l`étranger et l`hospitalité en Grèce et à Rome. *Ancient Society*, n. 4, p. 1-22, 1973.

GIARDINA, Andrea (ed.). *O homem romano*. Lisboa: Editorial Presença, 1992.

GIROD, M. R. La géographie de Tite-Live. In: HAASE, Wolfgang (ed.). *Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt* (ANRW). Berlin: Walter de Gruyter, 1982, band II, 30.2, p. 1190-1229.

GOUDINEAU, Christian. *Regard sur la Gaule*. Paris: Babel, 2007.

GOUVÊA JÚNIOR, Márcio Meirelles. Roma et barbaries: a evolução do conceito de barbárie na antiga Roma. *Phaos: revista de estudos clássicos*. Campinas, n.12, p. 5-27, 2012.

_____. *Variae Medeae*: a recepção da fabula de Medeia pela literatura latina. 2013. 292 f. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2013.

GRIMAL, Pierre. *A civilização romana*. Lisboa: Edições 70, 1993.

_____. *La formación del imperio romano*: el mundo mediterráneo em la Edad Antigua. Madrid: Siglo XXI, 2002.

GRUEN, Erich S. *Culture and national identity in Republican Rome*. Ithaca: Cornell University Press, 1992.

_____. Greeks and non-Greeks. In: BUGH, Glenn R. (ed.). *The Cambridge Companion to the Hellenistic world*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006, p. 295-314.

_____. *Rethinking the other in Antiquity*. Oxford: Princeton University Press, 2011a.

_____. (ed.) *Cultural identity in the ancient Mediterranean*. Los Angeles: Getty Research Institute, 2011b.

GUARINELLO, Norberto Luiz. *Ensaios sobre História Antiga*. 2014. 330 f. Tese (livre-docência). Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

GUILLAUMIN, J. Y. César. In : RATTI, Stéphane. *Écrire l`Histoire à Rome*. Paris: Les Belles Lettres, 2009, p. 11-29.

HABINEK, Thomas. *The politcs of Latin literature*: writing, identity and empire in ancient Rome. Princeton: Princeton University Press, 1998.

HAHM, David E. Posidonius' theory of historical causation. In: HAASE, Wolfgang (ed.). *Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt* (ANRW). Berlin: Walter de Gruyter, 1989, band II, 36.3, p. 1325-1361.

HALL, Jonathan M. *Ethnic identity in Greek antiquity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

HARRIS, William V. *War and imperialism in Republican Rome*: 327-70 B.C. Oxford: Oxford University Press, 1979.

HARRISON, Thomas. The Greeks. In: ERSKINE, Andrew (ed.). *A companion to Ancient History*. Oxford: Blackwell Companions to the Ancient World, 2009, p. 213-221.

HARTOG, François. *O espelho de Heródoto*: ensaio sobre a representação do outro. Tradução de Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

_____. *Memória de Ulisses*: narrativas sobre a fronteira na Grécia antiga. Tradução de Jacyntho Lins Brandão. 2 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

HENDERSON, John. Knowing someone through their books: Pliny on uncle Pliny (Epistles 3.5). *Classical Philology*, Chicago, n. 97, p. 256-254, 2002.

HERRING, Edward. Ethnicity and culture. In: ERSKINE, Andrew (ed.). *A companion to Ancient History*. Oxford: Blackwell Companions to the Ancient World, 2009, p. 123-133.

HINGLEY, Richard. *Globalizing Roman culture*: unity, diversity and empire. London: Routledge, 2005.

JAEGER, Werner. *Paideia*: a formação do homem grego. Trad. Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

JARDÉ, A. *A Grécia antiga e a vida grega*. São Paulo: EPU, 1977.

JOLY, Fábio Duarte (org.). *História e retórica*: ensaios sobre historiografia antiga. São Paulo: Alameda, 2007.

JULLIAN, Camille. *La Gaule avant César*. Paris: Editions du Trident, 1993.

_____ . *Vercingétorix*. Paris: Tallandier, 2012.

KARL, Raimund; STIFTER, David. *The Celtic world*. New York: Routledge, 2007, v.1-4.

KENNEY, E. J.; CLAUSEN, W.V. (eds.). *Historia de la literatura clásica*. (Cambridge University) Madrid: Gredos, 1989, v. 2 (Literatura latina).

KOCH, John T. (ed.). *Celtic culture*: a historical encyclopedia. Santa Barbara: ABC Clio, 2006, v. 1.

KONSTAN, David. Clemency as a virtue. *Classical Philology*, Chicago, v. 100, n. 4, p. 337-349, october 2005.

LAPLANTINE, François; NOUSS, Alexis. *Métissages*: de Arcimboldo à Zombi. Paris: Pauvert, 2001.

LEÃO, Delfim; BRANDÃO, José Luís. As origens da urbe e o período da monarquia. In: BRANDÃO, José Luís; OLIVEIRA, Francisco (coord.). *História de Roma*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015, v.1, p. 27-51.

LE BOHEC, Yann. *Rome et les provinces de l`Europe occidentale jusqu`à la fin du principat*. Paris: Editions du Temps, 2009.

LESKY, Albin. *História da literatura grega*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995.

LEVENE, D.S. Roman historiography in the late Republic. In: MARINCOLA, John (ed.). *A companion to Greek and Roman historiography*. Oxford: Blackwell Companions to the Ancient World, 2007, v. 1, p. 275-289.

LINTOTT, Andrew W. Roman historians. In: BOARDMAN, John; GRIFFIN, Jasper; MURRAY, Oswyn (eds.). *The Oxford History of the Classical World*. Oxford: Oxford University Press, 1986, p. 529-539.

_____. *The Romans in the age of Augustus*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2010.

LUCE, T. J. *Livy*: the composition of his history. Princeton: Princeton University Press, 1977.

MAFRA, Johnny José. *Cultura clássica grega e latina.* Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2010.

MARINCOLA, John. Universal History from Ephorus to Diodorus. In: _____. *A companion to Greek and Roman historiography*. Oxford: Blackwell Companions to the Ancient World, 2007, v.1, p. 171-179.

_____. Historiography. In: ERSKINE, Andrew (ed.). *A companion to Ancient History*. Oxford: Blackwell Companions to the Ancient World, 2009, p. 13-22.

MARQUES, Juliana Bastos. *Tradição e renovações da identidade romana em Tito Lívio e Tácito*. 2007. 250 f. Tese (Doutorado em História Social) - Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

_____. Políbio. In: JOLY, Fábio Duarte (org.). *História e retórica*: ensaios sobre historiografia antiga. São Paulo: Alameda, 2007, p. 45-64.

_____. O Capitólio como representação de Roma em Tito Lívio e Tácito. *Calíope: presença clássica*. Rio de Janeiro, n. 13, p. 94-409, 2005.

MARTIN, René; GAILLARD, Jacques. *Les genres littéraires à Rome*. Paris: Nathan/ Scodel, 1981.

MARTIN, Paul M. *La Guerre des Gaules, la Guerre Civile*. Paris: Ellipses, 2000.

MARTINS, Paulo. *Literatura latina*. Curitiba: IESDE Brasil, 2009.

_____. *Pictura Loquens, Poesis Tacens:* limites da representação. 2013. 348 f. Tese (livre-docência). Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

MATHISEN, Ralph W. Peregrini, Barbari and Cives Romani: concepts of citizenship and the legal identity of Barbarians in the Later Roman Empire. *The American Historical Review*, v. 111, n. 4, p. 1011-1040, 2006.

MENDES, Norma Musco. *Roma republicana*. São Paulo: Ática, 1988.

_____. Império e romanização: "estratégias", dominação e colapso. *Brathair*, Rio de Janeiro, v.1, p. 25-48, 2007.

MOMIGLIANO, Arnaldo. *Os limites da helenização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

MOREL, (W.); BUCHNER, (K.); BLANSDORF, (Jürgen) (eds.). *Fragmenta poetarum latinorum epicorum et lyricorum: praeter Enni Annales et Ciceronis Germanicique aratea*. 4 ed. Berlin: De Gruyter, 2011.

MURPHY, Trevor. *Pliny the Elder's Natural History*. Oxford: Oxford University Press, 2004.

NICOLAI, Roberto. The place of History in the Ancient world. In: MARINCOLA, John (ed.). *A companion to Greek and Roman historiography*. Oxford: Blackwell Companions to the Ancient World, 2007, v.1, p. 13-26.

NICOLET, Claude. *Rome et la conquête du monde méditerranéen*. 6 ed. Paris: Presses Universitaires de France, 2011, v. 2 (Genèse d`um empire).

OGILVIE, R. M. *A commentary on Livy*: books 1-5. Oxford: Claredon Press, 1965.

O'GORMAN, Ellen. No place like Rome: identity and difference in the Germania of Tacitus. In: ASH, Rhiannon (ed.). *Oxford Readings in Classical Studies*: Tacitus. Oxford: Oxford University Press, 2012, p. 95-118.

OAKLEY, Stephen P. *A commentary on Livy*: books VI-X. Oxford: Claredon Press, 1998, v.II.

_____. Reading Livy's Book 5. In: MINEO, Bernard (ed.). *A companion to Livy*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2015, p. 230-241.

OLIVER, Graham J. History and rhetoric. In: BUGH, Glenn R. (ed.). *The Cambridge Companion to the Hellenistic world*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006, p. 113-135.

OLIVEIRA, Diego Verissimo. *O perfil de Vercingetórige no De bello Gallico de César*. 2008. 65 f. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

OLIVEIRA, Francisco. Consequências da expansão romana. In: BRANDÃO, José Luís; OLIVEIRA, Francisco (coord.). *História de Roma*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015, v.1, p. 233-311.

OLIVIERI, Filippo Lourenço. *Os druidas*. São Paulo: Perspectiva, 2014.

PARATORE, Ettore. *História da literatura latina*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.

PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de história da cultura classica.* 7. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993, v.2.

PERNOT, Laurent. *Rhetoric in antiquity*. Tradução de W.E. Higgins. Washington: The Catholic University of America Press, 2005.

PHILLIPS, Jane E. Current research in Livy`s first decade: 1959-1979. In: HAASE, Wolfgang (ed.). *Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt* (ANRW). Berlin: Walter de Gruyter, 1982, band II, 30.2, p. 998-1051.

PIMENTEL, Cristina de Sousa. *Catão censor*. Lisboa: Editoral Inquérito, 1997.

POTTER, David. *A companion to the Roman Empire*. Oxford: Blackwell Companions to the Ancient World, 2006.

RAMBAUD, Michel. *L`art de la déformation historique dans les Commentaires de César*. 2 ed. Paris: Les Belles Lettres, 2011.

RANKIN, David. *Celts and the classical world*. London: Routledge, 1996.

RATTI, Stéphane. Tite-Live. In: _____. *Écrire l`Histoire à Rome*. Paris: Les Belles Lettres, 2009, p. 127-173.

RAWSON, Elizabeth. The expansion of Rome. In: BOARDMAN, John; GRIFFIN, Jasper; MURRAY, Oswyn (eds.). *The Oxford History of the Classical World*. Oxford: Oxford University Press, 1986, p. 343-364.

REVELL, Louise. *Roman imperialism and local identities*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

REZENDE, Antonio Martinez. *Rompendo o Silêncio*: a construção do discurso oratório em Quintiliano. 2009. 280 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2009.

RIGGSBY, Andrew. M. *Caesar in Gaul and Rome*: war in words. Austin: University of Texas Press, 2006.

_____. Memoir and autobiography in Republican Rome. In: MARINCOLA, John (ed.). *A companion to Greek and Roman historiography*. Oxford: Blackwell Companions to the Ancient World, 2007, v. 1, p. 226-274.

ROCHETTE, Bruno. Grecs, Romains et Barbares: a la recherche de l'identité ethnique et linguistique des Grecs et des Romains. *Revue belge de philologie et d'histoire*. Bruxelles, tome 75, fasc. 1, p. 37-57, 1997.

RÓNAI, Paulo. *A tradução vivida*. 2ª edição ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

RUSSEL, D.A.; WILSON, N.G. (eds.). *Menander rhetor*. Oxford: Claredon Press, 1981.

SACKS, Kenneth. *Diodorus Siculus and the first century*. Princeton: Princeton University Press, 1990.

SANTINI, André. *La Gaule racontée aux gaulois*. Paris: Editions 1 Société, 1999.

SCHMIDT, Joël. *Les Gaulois contre les Romains*. Paris: Perrin, 2010.

SEBASTIANI, Breno. A política como objeto de estudo: Tito Lívio e o pensamento historiográfico romano do século I a.C. In: JOLY, Fábio Duarte (org.). *História e retórica*: ensaios sobre historiografia antiga. São Paulo: Alameda, 2007, p. 77-96.

SHERWIN-WHITE, Adrian N. *Racial prejudice in imperial Rome*. Cambridge: Cambridge University Press, 1967.

_____. Rome the agressor? Review of War and imperialism in Republican Rome by William V. Harris. *The Journal of Roman Studies*, Cambridge, v. 70, p. 177-181, 1980.

STOCKTON, David. The founding of the Empire. In: BOARDMAN, John; GRIFFIN, Jasper; MURRAY, Oswyn (eds.). *The Oxford History of the Classical World*. Oxford: Oxford University Press, 1986, p. 443-461.

STRASBURGER, Hermann. Poseidonios on problems of the Roman Empire. *The Journal of Roman Studies*, Cambridge, v. 55, n. 1/2, p. 40-53, 1965.

SYED, Yasmin. Romans and others. In: HARRISON, Stephen (ed.). *A companion to Latin literature*. Oxford: Blackwell Companions to the Ancient World, 2005, p. 360-371.

TAPLIN, Oliver (ed.). *Literature in the Greek and Roman worlds*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

THILL, André. "Gaulomania": une exposition de la bibliothèque du MNATP. *Ethnologie française*, nouvelle serie, Paris, tome 28, n. 3, p. 312-316, 1998.

TRINGALI, Dante. *Introdução à retórica*. São Paulo: Duas Cidades, 1988.

USHER, Stephen. *The historians of Greece and Rome*. London: Bristol Classical, 2001. Reimpressão.

VASALY, Ann. *Representations*: images of the world in Ciceronian oratory. Los Angeles: University of California Press, 1993.

VEYNE, Paul. Y a-t-il eu un impérialisme romain? *Antiquité*, Paris, v. 87, n. 2, p. 793-855, 1975.

_____. Humanitas: romanos e não romanos. In: GIARDINA, Andrea (ed.). *O homem romano*. Lisboa: Editorial Presença, 1992, p. 283-302.

_____. *Como se escreve a história*. Tradução de Alda Baltazar e Maria Auxiliadora Kneipp. 4 edição. Brasília: Editora UnB, 1998.

VIEIRA, Ana Thereza Basilio. O conceito de natureza em Plínio o Velho. *Anais de Filosofia Clássica*, Rio de Janeiro, v. IV, n. 8, p. 60-69, 2010.

WALBANK, Frank. W. *Polybius, Rome and the Hellenistic world*: essays and reflections. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

WALLACE-HADRILL, Andrew. *Rome's cultural revolution*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

WELLS, Peter S. *The Barbarians speak*: how the conquered peoples shaped Roman Europe. Princeton: Princeton University Press, 1999.

WOOLF, Greg. *Becoming Roman*: the origins of provincial civilization in Gaul. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

_____. *Tales of the Barbarians*: ethnography and empire in the Roman West. Oxford: Blackwell Publishing, 2011.

YAVETZ, Zvi. *César et son image*. Paris: Les Belles Lettres, 2004.

# Anexo – antologia de autores

## 1 – César

*Sobre a guerra da Gália* - Livro I

*1 – Gallia est omnis diuisa in partes tres, quarum unam incolunt Belgae, aliam Aquitani, tertiam qui ipsorum lingua Celtae, nostra Galli appellantur. Hi omnes lingua, intitutis, legibus inter se differunt. Gallos ab Aquitanis Garumna flumen, a Belgis Matrona et Sequana diuidit. Horum omnium fortissimi sunt Belgae, propterea quod a cultu atque humanitate prouinciae longissime absunt, minimeque ad eos mercatores saepe commeant atque ea quae ad effeminandos animos pertinent inportant, proximique sunt Germanis, qui trans Rhenum incolunt, quibuscum continenter bellum gerunt. Qua de causa Heluetii quoque reliquos Gallos uirtute praecedunt, quod fere cotidianis proeliis cum Germanis contendunt, cum aut suis finibus eos prohibent, aut ipsi in eorum finibus bellum gerunt. Eorum uma pars, quam Gallos optinere dictum est, initium capit a flumine Rhodano, continetur Garumna flumine, Oceano, finibus Belgarum, attingit etiam ab Sequanis et Heluetiis flumen Rhenum, uergit ad septentriones. Belgae ab extremis Galliae finibus oriuntur, pertinent ad inferiorem partem fluminis Rheni, spectant in septentrionem et orientem solem. Aquitania a Garumna flumine ad Pyrenaeos montes et eam partem Oceani quae est ad Hispaniam pertinet; spectat inter occasum solis et septentriones.*

1 – Toda a Gália é dividida em três partes, das quais os belgas habitam uma, os aquitanos a outra, e a terceira habitam aqueles que, em sua própria língua, são chamados "celtas", na nossa "gauleses". Todos esses diferem entre si pela língua, pelos costumes e pelas leis. O rio Garona separa os gauleses dos aquitanos; dos belgas, os rios Marne e Sena. De todos esses, os mais corajosos são os belgas, pois estão muito distantes da civilização e urbanidade da província, raramente os mercadores vão até eles e importam aquelas coisas que servem para enfraquecer os espíritos, e porque estão próximos dos germanos, que habitam o outro lado do Reno, e com esses travam guerra constantemente. Pelo mesmo motivo, os helvécios também superam os gauleses restantes em coragem, já que lutam em combates quase diários contra os germanos – quer quando os afastam de suas fronteiras, quer quando levam por si a guerra aos

territórios daqueles. Uma parte dessas terras – que foi dito antes os gauleses ocuparem – tem início ao lado do rio Ródano, é limitada pelo rio Garona, pelo Oceano, e pelo território dos belgas; ela se estende também até o rio Reno pelo lado dos séquanos e dos helvécios, inclinando-se para o norte. Os belgas são oriundos do território longínquo da Gália, estendem-se até a parte inferior do rio Reno e veem o sol ao norte e a leste. A Aquitânia estende-se do rio Garona aos montes Pirineus e àquela parte do Oceano que está junto à Hispânia, fitando entre o por do sol e o norte.

*31 – Eo concilio dimisso idem principes ciuitatum qui ante fuerant ad Caesarem reuerterunt petieruntque uti sibi secreto in occulto de sua omniumque salute cum eo agere liceret. Ea re impetrata sese omnes flentes Caesari ad pedes proiecerunt: non minus se id contendere et laborare, ne ea quae dixissent enuntiarentur, quam uti ea quae uellent impetrarent, propterea quod, si enuntiatum esset, summum in cruciatum se uenturos uiderent. Locutus est pro his Diuiciacus Haeduus: Galliae totius factiones esse duas: harum alterius principatum tenere Haeduos, alterius Aruernos. Hi cum tantopere de potentatu inter se multos annos contenderent, factum esse uti ab Aruernis Sequanisque Germani mercede arcesserentur. Horum primo circiter milia XV Rhenum transisse; posteaquam agros et cultum et copias Gallorum homines feri ac barbari adamassent, traductos plures: nunc esse in Gallia ad centum et XX milium numerum. Cum his Haeduos eorumque clientes semel atque iterum armis contendisse; magnam calamitatem pulsos accepisse, omnem nobilitatem, omnem senatum, omnem equitatum amisisse. Quibus proeliis calamitatibusque fractos, qui et sua uirtute et populi Romani hospitio atque amicitia plurimum ante in Gallia potuissent, coactos esse Sequanis obsides dare nobilissimos ciuitatis et iure iurando ciuitatem obstringere, sese neque obsides repetituros neque auxilium a populo Romano inploraturos neque recusaturos quo minus perpetuo sub illorum dicione atque imperio essent. Unum se esse ex omni ciuitate Haeduorum qui adduci non potuerit ut iuraret aut liberos suos obsides daret. Ob eam rem se ex ciuitate profugisse et Romam ad senatum uenisse auxilium postulatum, quod solus neque iure iurando neque obsidibus teneretur. Sed peius uictoribus Sequanis quam Haeduis uictis accidisse, propterea quod Ariouistus, rex Germanorum, in eorum finibus consedisset tertiamque partem agri Sequani, qui esset optimus totius Galliae, occupauisset et nunc de altera parte tertia Sequanos decedere iuberet, propterea quod paucis mensibus ante Harudum milia hominum XXIV ad eum*

*uenissent, quibus locus ac sedes pararentur. Futurum esse paucis annis uti omnes ex Galliae finibus pellerentur atque omnes Germani Rhenum transirent; neque enim conferendum esse gallicum cum Germanorum agro, neque hanc consuetudinem uictus cum illa comparandam. Ariouistum autem, ut semel Gallorum copias proelio uicerit, quod proelium factum sit Admagetobrigae, superbe et crudeliter imperare, obsides nobilissimi cuiusque liberos poscere et in eos omnia exempla cruciatusque edere, si qua res non ad nutum aut ad uoluntatem eius facta sit. Hominem esse barbarum, iracundum, temerarium; non posse eius imperia diutius sustinere. Nisi si quid in Caesare populoque Romano sit auxilii, omnibus Gallis idem esse faciendum quod Heluetii fecerint, ut domo emigrent, aliud domicilium, alias sedes, remotas a Germanis, petant fortunamque, quaecumque accidat, experiantur. Haec si enuntiata Ariouisto sint, non dubitare quin de omnibus obsidibus qui apud eum sint grauissimum supplicium sumat. Caesarem uel auctoritate sua atque exercitus uel recenti uictoria uel nomine populi Romani deterrere posse ne maior multitudo Germanorum Rhenum traducatur, Galliamque omnem ab Ariouisti iniuria posse defendere.*

31 – Despedido esse conselho, os mesmos chefes das comunidades, que anteriormente foram até César, retornaram e pediram-lhe que lhes fosse permitido dirigir-se a ele em um lugar reservado e sem testemunhas a respeito da sua salvação e da salvação de todos. Obtida a permissão, todos se lançaram chorosos aos pés de César: igualmente pretendiam e diligenciavam não se divulgar aquilo que disseram e concretizar o seu desejo, pois, caso algo se divulgasse, haveriam de incorrer nos piores suplícios. O éduo Divicíaco falou por eles: "Em toda a Gália existiam duas facções: os éduos tinham a liderança de uma delas, e os arvernos da outra. Como eles duramente lutassem entre si por causa do poder, durante muitos anos, aconteceu que pelos arvernos e pelos séquanos mercenários germanos fossem chamados. Primeiramente cerca de quinze mil deles atravessaram o Reno: como tais homens ferozes e bárbaros começassem a gostar das terras, do modo de vida e das riquezas dos gauleses, muitos mais atravessaram: agora, estavam na Gália aproximadamente cento e vinte mil. Contra esses, os éduos e os seus clientes simultaneamente opuseram as armas uma ou duas vezes; sendo eles batidos, sofreram grande calamidade, perderam toda a nobreza, todo o senado e toda a cavalaria. Alquebrados por tais combates e calamidades, eles, que anteriormente tiveram enorme poder na Gália, tanto por sua virtude quanto pela hospitalidade e amizade dos romanos, foram coagidos a entregar aos séquanos, como reféns, os mais nobres de seu povo, e a

comprometê-lo por meio de um juramento de que não os pediriam de volta, não implorariam socorro aos romanos nem recusariam estar para sempre sob o mando e o poder dos séquanos. Ele, Divicíaco, era o único de toda a comunidade dos éduos que não pudera ser levado a jurar ou a dar seus filhos como reféns. Por tal motivo, fugira da comunidade e viera a Roma, ao senado, pedir auxílio, pois apenas ele não era impedido nem por um juramento nem por reféns. Contudo, sucedera algo pior aos séquanos vencedores do que aos éduos vencidos, porque Ariovisto, rei dos germanos, tinha-se estabelecido no território daqueles e ocupara um terço das terras séquanas, as melhores de toda a Gália. Agora, Ariovisto ordenava que os séquanos se retirassem da outra terça parte, pois, poucos meses antes, juntaram-se a ele vinte e quatro mil homens dos harudos, para os quais território e morada eram providenciados. Sucederia, em poucos anos, que todos fossem expulsos do território da Gália e todos os germanos atravessassem o Reno, não, com efeito, eram as terras dos germanos comparáveis às terras gaulesas, nem aquele modo de vida podia ser cotejado com este. Por outro lado, como Ariovisto vencera uma vez em combate as tropas dos gauleses – combate este que se travou em Admagetóbriga – comandava com soberba e crueldade, exigia como reféns os filhos de cada um dos mais nobres gauleses e a eles infligia todas as torturas, a título de exemplo, se algo não fosse feito ao primeiro aceno ou vontade sua. Ele era um homem bárbaro, irascível e temerário; eles não podiam suportar por mais tempo seu comando. A não ser que houvesse algum auxílio em César e no povo romano, o mesmo que os helvécios fizeram deveria ser feito por todos os gauleses: sair da pátria e procurar outro domicílio, outras moradas, distantes dos germanos, e por à prova a fortuna, qualquer que fosse. Se essas coisas fossem divulgadas a Ariovisto, não duvidava que ele infligiria o mais duro suplício a todos os reféns que estavam sob seu poder. Que César, quer por sua autoridade e pela do exército, quer pela recente vitória, ou quer pelo nome do povo romano, podia impedir que maior multidão de germanos atravessasse o Reno, e poderia defender a Gália inteira dos abusos de Ariovisto.

*33 – His rebus cognitis Caesar Gallorum animos uerbis confirmauit pollicitusque est sibi eam rem curae futuram: magnam se habere spem, et beneficio suo et auctoritate adductum Ariouistum finem iniuriis facturum. Hac oratione habita concilium dimisit. Et secundum ea multae res eum hortabantur quare sibi eam rem cogitandam et suscipiendam putaret, in primis quod Haeduos fratres consanguineosque saepe numero a senatu appellatos in seruitute atque in dicione uidebat Germanorum teneri eorumque*

*obsides esse apud Ariouistum ac Sequanos intellegebat; quod in tanto imperio populi Romani turpissimum sibi et rei publicae esse arbitrabatur. Paulatim autem Germanos consuescere Rhenum transire et in Galliam magnam eorum multitudinem uenire populo Romano periculosum uidebat; neque sibi homines feros ac barbaros temperaturos existimabat quin, cum omnem Galliam occupauissent, ut ante Cimbri Teutonique fecissent, in prouinciam exirent atque inde in Italiam contenderent, praesertim cum Sequanos a prouincia nostra Rhodanus diuideret; quibus rebus quam maturrime occurrendum putabat. Ipse autem Ariouistus tantos sibi spiritus, tantam adrogantiam sumpserat, ut ferendus non uideretur.*

33 – Tendo conhecido essas coisas, César fortaleceu com palavras os ânimos dos gauleses e prometeu que esse assunto haveria de ser cuidado por si: "tinha grande esperança de que, movido tanto por seus benefícios quanto por sua autoridade, Ariovisto cessaria os abusos". Tendo proferido tal discurso, despediu o conselho. Em conformidade, muitas outras coisas o exortavam a considerar por qual razão esse assunto devia ser examinado e cuidado por si. Sobretudo, porque via os éduos – amiúde chamados pelo senado 'irmãos e consaguíneos' – serem mantidos sob a servidão e o controle dos germanos, e ele sabia que os reféns deles estavam em poder de Ariovisto e dos séquanos, o que considerava bastante vergonhoso para si e para a República, dada a grandeza do domínio do povo romano. Ele via, por outro lado, que era perigoso para o povo romano que os germanos aos poucos se acostumassem a atravessar o Reno, e uma grande multidão deles viesse à Gália. Pensava consigo que tais homens ferozes e bárbaros não haveriam de evitar, tendo ocupado a Gália inteira, como antes fizeram os cimbros e os teutões, que partissem para a província e de lá marchassem contra a Itália, sobretudo porque apenas o Ródano separava os séquanos de nossa província; César considerava que devia resolver esse inconveniente com a maior presteza. Por outro lado, o próprio Ariovisto se inflara de tamanha soberba e tamanha arrogância que parecia não dever ser suportado.

Livro II

*4 – Cum ab his quaereret quae ciuitates quantaeque in armis essent et quid in bello possent, sic reperiebat: plerosque Belgas esse ortos ab Germanis Rhenumque antiquitus traductos propter loci fertilitatem ibi consedisse Gallosque qui ea loca*

*incolerent expulisse, solosque esse qui patrum nostrorum memoria omni Gallia uexata Teutonos Cimbrosque intra fines suos ingredi prohibuerint; qua ex re fieri uti earum rerum memoria magnam sibi auctoritatem magnosque spiritus in re militari sumerent. De numero eorum omnia se habere explorata Remi dicebant, propterea quod propinquitatibus adfinitatibusque coniuncti quantam quisque multitudinem in communi Belgarum concilio ad id bellum pollicitus sit cognouerint. Plurimum inter eos Bellouacos et uirtute et auctoritate et hominum numero ualere: hos posse conficere armata milia centum; pollicitos ex eo numero electa sexaginta, totiusque belli imperium sibi postulare. Suessiones suos esse finitimos; fines latissimos feracissimosque agros possidere. Apud eos fuisse regem nostra etiam memoria Diuiciacum, totius Galliae potentissimum, qui cum magnae partis harum regionum, tum etiam Britanniae imperium optinuerit; nunc esse regem Galbam: ad hunc propter iustitiam prudentiamque summam totius belli omnium uoluntate deferri; oppida habere numero XII, polliceri milia armata quinquaginta; totidem Neruios, qui maxime feri inter ipsos habeantur longissimeque absint; quindecim milia Atrebates, Ambianos decem milia, Morinos XXV milia, Menapios VII milia, Caletos X milia, Veliocasses et Viromanduos totidem, Atuatucos XVIIII milia; Condrusos, Eburones, Caeroesos, Paemanos, qui uno nomine Germani appellantur, arbitrari ad XL milia.*

4 – Como César lhes perguntasse quais comunidades e de qual tamanho pegaram em armas, bem como seu poder na guerra, descobria isto: a maior parte dos belgas descendia dos germanos; eles há muito tempo atravessaram o Reno por causa da fertilidade do lugar e ali se estabeleceram, tendo expulsado os Gauleses que habitavam tais paragens. Eram os únicos que, pela lembrança dos nossos pais, dilapidando-se toda a Gália, impediram os teutões e os cimbros de adentrar em seu território; disso resultava que, pela lembrança de tais feitos, atribuíssem para si grande autoridade e grande confiança na arte militar. Os Remos diziam tudo ter conhecido acerca dos efetivos deles, visto que, ligados pelo parentesco e alianças, souberam quão grandes tropas cada qual prometera para esta guerra, no conselho comum dos belgas. Os belóvacos muito sobressaíam entre eles, tanto por seu valor e autoridade quanto pelo número de homens: eles podiam reunir cem mil homens armados e, nesse número, prometeram sessenta mil excelentes, exigindo para si o comando de toda a guerra. Os suessiões eram seus vizinhos, possuindo vastíssimo território e terras muito férteis. Foi seu rei, até há pouco, Divicíaco, o mais poderoso de toda a Gália, que obtivera o comando não só de grande

parte destas regiões, mas também da Britânia; agora Galba era rei: por sua justiça e prudência, era-lhe confiado o comando de toda a guerra, com o consenso de todos; tinha doze cidades fortificadas e prometia cinquenta mil homens armados; outros tantos prometeram os nérvios, que eram tidos como os mais ferozes entre eles próprios, e habitavam muito longe; os atrébates prometiam quinze mil; os ambianos, dez mil; os morinos, vinte e cinco mil; os menápios, sete mil; os caletos, dez mil; os veliocassos e os veromânduos outros tantos; os aduáticos, dezenove mil; os condrusos, eburões, ceresos e pemanos, que por um só nome são chamados 'germanos', pensavam em cerca de quarenta mil homens.

*15 – Caesar honoris Diuiciaci atque Haeduorum causa sese eos in fidem recepturum et conseruaturum dixit; quod erat ciuitas magna inter Belgas auctoritate atque hominum multitudine praestabat, sexcentos obsides poposcit. His traditis omnibusque armis ex oppido conlatis ab eo loco in fines Ambianorum peruenit, qui se suaque omnia sine mora dediderunt. Eorum fines Neruii attingebant; quorum de natura moribusque Caesar cum quaereret, sic reperiebat: Nullum aditum esse ad eos mercatoribus; nihil pati uini reliquarumque rerum ad luxuriam pertinentium inferri, quod iis rebus relanguescere animos eorum et remitti uirtutem existimarent: esse homines feros magnaque uirtutis, increpitare atque incusare reliquos Belgas, qui se populo Romano dedidissent patriamque uirtutem proiecissent; confirmare sese neque legatos missuros neque ullam condicionem pacis accepturos.*

15 – César, por acato a Divicíaco e aos éduos, disse que ele os haveria de receber e conservar em segurança; como a comunidade tinha grande autoridade entre os belgas e destacava-se devido à multidão de homens, César exigiu seiscentos reféns. Sendo esses entregues e todas as armas da fortaleza fornecidas, ele partiu daquele lugar para o território dos ambianos, os quais entregaram a si mesmos e a todas as suas coisas sem demora. Os nérvios confinavam com seu território. Como César indagasse a respeito da natureza e dos costumes deles, descobriu isto: que os mercadores não tinham acesso algum até eles; não permitiam que se importasse nada de vinho e dos demais itens de luxo, porque consideravam, com tais coisas, que se enfraqueciam seus espíritos e minguava seu valor; eram homens ferozes e de grande virtude, censuravam e acusavam os belgas restantes, que se tinham rendido ao povo romano e abandonado os valores

pátrios; e afirmavam que não haveriam de enviar embaixadores nem de aceitar condição de paz alguma.

Livro IV

*5 – His de rebus Caesar certior factus et infirmitatem Gallorum ueritus, quod sunt in consiliis capiendis mobiles et nouis plerumque rebus student, nihil his committendum existimauit. Est enim hoc Gallicae consuetudinis, uti et uiatores etiam inuitos consistere cogant et quid quisque eorum de quaque re audierit aut cognouerit quaerant et mercatores in oppidis uulgus circumsistat quibusque ex regionibus ueniant quasque ibi res cognouerint pronuntiare cogat; his rebus atque auditionibus permoti de summis saepe rebus consilia ieunt, quorum eos in uestigio paenitere necesse est, cum incertis rumoribus seruiant et plerique ad uoluntatem eorum ficta respondeant.*

5 – César, informado sobre tais assuntos e receando a leviandade dos gauleses, que são volúveis para decidir e muitas vezes se interessam por sedições, considerou que nada devia ser confiado a eles. De fato, isto é do costume gaulês, não só obrigar constrangidos viajantes a parar, mas também procurar saber aquilo que cada um deles ouviu ou soube sobre cada coisa, e o povo nas cidades, rodear os mercadores e forçá-los a falar de quais regiões provêm e o que ali conheceram; movidos por tais feitos e boatos, muitas vezes os gauleses tomam decisões sobre os mais importantes assuntos, das quais é forçoso que logo se arrependam, pois confiam em rumores incertos e a maior parte mente ao responder, segundo a vontade deles.

*12 – At hostes ubi primum nostros equites conspexerunt, quorum erat V milium numerus, cum ipsi non amplius octingentos equites haberent, quod ii qui frumentandi causa ierant trans Mosam nondum redierant, nihil timentibus nostris, quod legati eorum paulo ante a Caesare discesserant atque is dies indutiis erat ab his petitus, impetu facto celeriter nostros perturbauerunt; rursus his resistentibus consuetudine sua ad pedes desiluerunt, subfossis equis conpluribusque nostris deiectis reliquos in fugam coniecerunt atque ita perterritos egerunt, ut non prius fuga desisterent quam in conspectum agminis nostri uenissent. In eo proelio ex equitibus nostris interficiuntur quattuor et septuaginta, in his uir fortissimus, Piso Aquitanus, amplissimo genere natus,*

*cuius auus in ciuitate sua regnum obtinuerat amicus ab senatu nostro appellatus. Hic cum fratri intercluso ab hostibus auxilium ferret, illum ex periculo eripuit, ipse equo uulnerato deiectus quoad potuit fortissime restitit: cum circumuentus multis uulneribus acceptis cecidisset atque id frater, qui iam proelio excesserat, procul animaduertisset, incitato equo se hostibus obtulit atque interfectus est.*

12 – Os inimigos, logo ao verem nossos cavaleiros, cujo número era de cinco mil (não dispondo eles mesmos de mais de oitocentos cavaleiros, pois os que atravessaram o Mosa para adquirir trigo ainda não tinham retornado), em nada temendo os nossos, porque os embaixadores deles, pouco antes, tinham-se despedido de César e aquele era o dia de trégua solicitado por eles, rapidamente nos desordenaram com um ataque. Novamente resistindo os nossos, saltaram eles de pé conforme seu costume, matando os cavalos montados e derrubando, em maior número, os nossos; puseram em fuga os restantes e de tal modo os aterrorizaram que eles não cessaram de fugir até virem à presença de nossa tropa. Nesse combate são mortos setenta e quatro dos nossos cavaleiros, entre eles um homem fortíssimo, Pisão Aquitano, nascido de importantíssima família, cujo avô obtivera o comando em sua cidade e que fora chamado 'amigo' por nosso senado. Levando ele auxílio ao irmão, cercado por inimigos, livrou-o do perigo; ele mesmo, derrubado de seu cavalo ferido, resistiu muito bravamente enquanto pode; rodeado, tombou ao receber vários ferimentos. Notando-o de longe o irmão, que já deixara a batalha, esporeou seu cavalo, lançou-se contra os inimigos e foi morto.

2 – Tito Lívio

*Da fundação da Cidade* - Livro V

*34 – De transitu in Italiam Gallorum haec accepimus: Prisco Tarquinio Romae regnante, Celtarum, quae pars Galliae tertia est, penes Bituriges summa imperii fuit: ii regem Celtico dabant. Ambigatus is fuit, uirtute fortunaque cum sua tum publica praepollens, quod in imperio eius Gallia adeo frugum hominumque fertilis fuit ut abundans multitudo uix regi uideretur posse. Hic, magno natu ipse, iam exonerare praegrauante turba regnum cupiens, Bellouesum ac Segouesum sororis filios impigros iuuenes missurum se esse in quas di dedissent auguriis sedes ostendit; quantum ipsi uellent numerum hominum excirent ne qua gens arcere aduenientes posset. Tum Segoueso sortibus dati Hercynei saltus; Belloueso haud paulo laetiorem in Italiam uiam di dabant. Is quod eius ex populis abundabat, Bituriges, Aruernos, Senones, Haeduos, Ambarros, Carnutes, Aulercos exciuit. Profectus ingentibus peditum equitumque copiis in Tricastinos uenit. Alpes inde oppositae erant; quas inexsuperabiles uisas haud equidem miror, nulladum uia, quod quidem continens memoria sit, nisi de Hercule fabulis credere libet, superatas. Ibi cum uelut saeptos montium altitudo teneret Gallos, circumspectarentque quanam per iuncta caelo iuga in alium orbem terrarum transirent, religio etiam tenuit, quod allatum est aduenas quaerentes agrum ab Saluum gente oppugnari. Massilienses erant ii, nauibus a Phocaea profecti. Id Galli fortunae suae omen rati, adiuuere ut quem primum in terram egressi occupauerant locum patientibus Saluis communirent. Ipsi per Taurinos saltus quiete Alpis transcenderunt; fusisque acie Tuscis haud procul Ticino flumine, cum in quo consederant agrum Insubrium appellari audissent cognominem Insubribus pago Haeduorum, ibi omen sequentes loci condidere urbem; Mediolanium appellarunt.*

34 – Sobre a vinda dos gauleses para a Itália, conhecemos isto: enquanto Tarquínio Prisco era rei em Roma, estiveram os maiores domínios dos celtas em poder dos bitúriges (que compõem a terça parte da Gália), e foram esses que deram um rei ao povo céltico. Foi ele Ambigato, então muito poderoso pela virtude e fortuna sua e do seu povo; no governo dele, a Gália até então fora tão fértil em cereais e homens que com custo tamanha multidão pareceria ser governada. Ele, estando idoso e já desejando livrar o reino de uma desordem generalizada, anunciou haver de enviar Beloveso e Segoveso, filhos da sua irmã e jovens diligentes, para as moradas que os deuses lhes mostrariam

por meio de augúrios. Eles mesmos deveriam chamar o número de homens que quisessem, de modo que nenhuma nação pudesse repelir a sua chegada. Assim, a Segoveso foi dada pelos oráculos a floresta Hercínia; a Beloveso, os deuses concederam um caminho mais favorável para a Itália. Beloveso chamou o excedente dos seus povos: bitúriges, arvernos, sênones, éduos, ambarros, carnutos e aulercos. Partindo com grandes tropas de soldados e cavaleiros, chegou até aos tricastinos. Nesse lugar estavam opostos os Alpes; sem dúvida não me espanto que eles pareçam insuperáveis, já que por nenhuma estrada foram cortados – como certamente temos na memória – a não ser que se acredite nas narrativas sobre Hércules. Nesse local, como a altura das montanhas mantivesse os gauleses retidos, eles examinavam os arredores por onde haveriam de passar, através de cimos quase unidos ao céu, para outro mundo de terras. Também a religião os retinha, pois lhes fora anunciado que estrangeiros desejosos de terra eram atacados pelo povo salúvio. Esses estrangeiros eram os marselheses, que vieram da Foceia em navios. Os gauleses, considerando isso o presságio de sua sorte, os ajudaram a fortificar o primeiro local que ocuparam ao chegar a essa terra, sendo os salúvios suportados. Eles mesmos atravessaram tranquilamente os Alpes através do desfiladeiro taurino; tendo expulsado os etruscos em uma batalha não muito longe do rio Ticino, ouviram que eles se encontravam naquele local que era chamado campo dos ínsubres, o nome da povoação dos ínsubres e dos éduos. Nesse lugar, seguindo eles o presságio, fundaram uma cidade que chamaram de Mediolano.[634]

*35 – Alia subinde manus Cenomanorum Etitouio duce uestigia priorum secuta eodem saltu fauente Belloueso cum transcendisset Alpes, ubi nunc Brixia ac Verona urbes sunt locos tenuere. Libui considunt post hos Salluuiique, prope antiquam gentem Laeuos Ligures incolentes circa Ticinum amnem. Poeninum deinde Boii Lingonesque transgressi, cum iam inter Padum atque Alpes omnia tenerentur, Pado ratibus traiecto non Etruscos modo sed etiam Vmbros agro pellunt; intra Appenninum tamen sese tenuere. Tum Senones, recentissimi aduenarum, ab Vtente flumine usque ad Aesim fines habuere. Hanc gentem Clusium Romamque inde uenisse comperio; id parum certum est, solamne an ab omnibus Cisalpinorum Gallorum populis adiutam. Clusini nouo bello exterriti, cum multitudinem, cum formas hominum inuisitatas cernerent et genus armorum, audirentque saepe ab iis cis Padum ultraque legiones Etruscorum fusas, quamquam aduersus Romanos nullum eis ius societatis amicitiaeue erat, nisi quod*

[634] Atual Milão.

*Veientes consanguineos aduersus populum Romanum non defendissent, legatos Romam qui auxilium ab senatu peterent misere. De auxilio nihil impetratum; legati tres M. Fabi Ambusti filii missi, qui senatus populique Romani nomine agerent cum Gallis, 'ne, a quibus nullam iniuriam accepissent, socios populi Romani atque amicos oppugnarent. Romanis eos bello quoque, si res cogat, tuendos esse; sed melius uisum bellum ipsum amoueri, si posset, et Gallos nouam gentem pace potius cognosci quam armis'.*

35 – Logo depois outro grupo de cenomanos, tendo por líder Etitovio, seguiu os passos dos precedentes e, com a ajuda de Beloveso, atravessou os Alpes pelo mesmo desfiladeiro; esse grupo ocupou os lugares onde hoje estão as cidades de Bríxia[635] e Verona. Os líbuos se estabeleceram depois desses, e também os salúvios, perto da antiga tribo dos levos lígures que habitavam próximo ao rio Ticino. Em seguida, tendo os boios e os língones atravessado os Apeninos, como já estivessem ocupadas todas as terras entre o rio Pó e os Alpes, com barcos atravessaram o Pó e expulsaram da terra não só os etruscos mas também os umbros; contudo, eles se estabeleceram nos limites dos Apeninos. Então os sênones, que vieram por último, tomaram o território do rio Utente até o rio Ésis. Eu soube que foi essa a tribo que veio até Clúsio e de lá para Roma; o que parece pouco certo é se eles contaram ou não com o apoio de todos os povos da Gália Cisalpina. Os clusinos, aterrorizados com essa guerra singular, ao ver a multidão de figuras desconhecidas tanto de homens quanto de tipo de armas, e ouvindo que por várias vezes as tropas dos etruscos foram dispersadas do lado de cá e do lado de lá do Pó, enviaram emissários a Roma para que pedissem auxílio ao senado, embora não tivessem com os romanos nenhum direito de aliança ou amizade – com exceção do fato de eles não terem defendido os seus parentes de Veios contra o povo romano. Sobre o auxílio, nada foi obtido; porém, foram enviados três legados, filhos de Marco Fábio Ambusto, para que em nome do senado e do povo romano tivessem com os gauleses, "para que não lutassem contra os aliados e amigos do povo romano, pois não tinham recebido deles nenhuma injúria. Pelos romanos eles seriam defendidos através da guerra, se algo se sucedesse; mas parecia melhor a própria guerra ser evitada, se pudesse, e que os gauleses, uma gente recém conhecida, fossem conhecidos mais pela paz do que pelas armas".

[635] Atual Bréscia.

*36 – Mitis legatio, ni praeferoces legatos Gallisque magis quam Romanis similes habuisset. Quibus postquam mandata ediderunt in concilio Gallorum datur responsum, 'etsi nouum nomen audiant Romanorum, tamen credere uiros fortes esse quorum auxilium a Clusinis in re trepida sit imploratum; et quoniam legatione aduersus se maluerint quam armis tueri socios, ne se quidem pacem quam illi adferant aspernari, si Gallis egentibus agro, quem latius possideant quam colant Clusini, partem finium concedant: aliter pacem impetrari non posse. Et responsum coram Romanis accipere uelle et, si negetur ager, coram iisdem Romanis dimicaturos, ut nuntiare domum possent quantum Galli uirtute ceteros mortales praestarent'. 'Quodnam id ius esset agrum a possessoribus petere aut minari arma' Romanis quaerentibus 'et quid in Etruria rei Gallis esset', cum illi 'se in armis ius ferre et omnia fortium uirorum esse' ferociter dicerent, accensis utrimque animis, ad arma discurritur et proelium conseritur. Ibi, iam urgentibus Romanam urbem fatis, legati contra ius gentium arma capiunt. Nec id clam esse potuit, cum ante signa Etruscorum tres nobilissimi fortissimique Romanae iuuentutis pugnarent: tantum eminebat peregrina uirtus. Quin etiam Q. Fabius, euectus extra aciem equo, ducem Gallorum, ferociter in ipsa signa Etruscorum incursantem, per latus transfixum hasta occidit; spoliaque eius legentem Galli agnouere, perque totam aciem Romanum legatum esse signum datum est. Omissa inde in Clusinos ira, receptui canunt minantes Romanis. Erant qui extemplo Romam eundum censerent; uicere seniores, ut legati prius mitterentur questum iniurias postulatumque ut pro iure gentium uiolato Fabii dederentur. Legati Gallorum cum ea sicut erant mandata exposuissent, senatui nec factum placebat Fabiorum et ius postulare barbari uidebantur; sed ne id quod placebat decerneret in tantae nobilitatis uiris ambitio obstabat. Itaque, ne penes ipsos culpa esset [cladis forte Gallico bello acceptae], cognitionem de postulatis Gallorum ad populum reiciunt: ubi tanto plus gratia atque opes ualuere ut, quorum de poena agebatur, tribuni militum consulari potestate in insequentem annum crearentur. Quo facto haud secus quam dignum erat infensi Galli, bellum propalam minantes, ad suos redeunt. Tribuni militum cum tribus Fabiis creati Q. Sulpicius Longus Q. Seruilius quartum P. Cornelius Maluginensis.*

36 – A delegação seria pacífica, se não fossem os emissários tão violentos que mais parecessem gauleses do que romanos. A eles, depois que anunciaram os assuntos ordenados no conselho dos gauleses, foi dada a seguinte resposta: "ainda que escutassem pela primeira vez o nome dos romanos, contudo acreditavam que eles eram

os homens fortes aos quais pelos clusinos tenha sido implorado o auxílio em uma ocasião alarmante; como eles preferiram defender os aliados mais com uma embaixada do que com armas, na verdade eles não haveriam de recusar a paz se, aos gauleses necessitados de terra, os clusinos concedessem uma parte do território, já que eles possuíam mais terra; de outra maneira, a paz não poderia ser obtida. Desejavam receber a resposta diante dos romanos e, se a terra fosse negada, diante dos mesmos romanos eles haveriam de combater, de modo que eles pudessem anunciar à sua pátria o quanto os gauleses ultrapassavam os outros mortais em valor." Os romanos perguntaram: "que interesse tinham os gauleses na Etrúria?" Como eles respondessem ferozmente que "tinham o direito através das armas, e tudo pertencia aos homens mais fortes", dessa forma os ânimos de um e outro lado se inflamaram. Eles correram para as armas e travaram combate. Então, já estando a urbe romana próxima ao seu destino funesto, os emissários, contra o direito das nações, empunharam as armas. Isso não pôde ser feito às escondidas, já que os três homens nobres e fortíssimos da juventude romana lutavam diante dos estandartes dos etruscos, e muito se elevava o valor estrangeiro. Ainda mais que Quinto Fábio, levado com o cavalo para além da batalha, matou o líder dos gauleses que ferozmente se lançava contra os estandartes dos etruscos, transpassando-lhe o flanco com uma lança. Os gauleses o reconheceram pegando os despojos, e por toda a batalha foi dada a notícia de ele ser o emissário dos romanos. Então a ira contra os clusinos foi deixada de lado, e eles se afastaram gritando ameaças contra os romanos. Eles estavam decididos a partir imediatamente para Roma; porém venceram os anciões, para que antes fossem enviados emissários para reclamar das injúrias e requerer que os Fábios lhes fossem entregues, devido ao direito violado das nações. Os emissários dos gauleses comunicaram esses assuntos conforme o ordenado; ao senado não agradou a ação dos Fábios, e eles reconheceram como sendo justo o pedido dos bárbaros. Contudo, a condescendência por homens de tamanha nobreza fazia oposição para que não fosse decidido o que agradava ao senado. Assim, para que a culpa não caísse sobre o mesmo (caso uma guerra gaulesa causasse destruição), o senado passou para o povo a decisão sobre os pedidos dos gauleses. Como a influência e o recurso valessem mais do que o que fora discutido sobre a sua punição, eles foram eleitos tribunos militares, com poder consular, para o ano seguinte. Irritados com esse fato indigno, os gauleses, ameaçando abertamente uma guerra, voltaram para os seus. Foram eleitos tribunos militares, junto com os três Fábios, Quinto Sulpício Longo, Quinto Servílio (pela quarta vez) e Públio Cornélio Maluginense.

*37 – Cum tanta moles mali instaret – adeo occaecat animos Fortuna, ubi uim suam ingruentem refringi non uolt – ciuitas quae aduersus Fidenatem ac Veientem hostem aliosque finitimos populos ultima experiens auxilia dictatorem multis tempestatibus dixisset, ea tunc, inuisitato atque inaudito hoste ab Oceano terrarumque ultimis oris bellum ciente, nihil extraordinarii imperii aut auxilii quaesiuit. Tribuni quorum temeritate bellum contractum erat summae rerum praeerant, dilectumque nihilo accuratiorem quam ad media bella haberi solitus erat, extenuantes etiam famam belli, habebant. Interim Galli, postquam accepere ultro honorem habitum uiolatoribus iuris humani elusamque legationem suam esse, flagrantes ira cuius impotens est gens, confestim signis conuolsis citato agmine iter ingrediuntur. Ad quorum praetereuntium raptim tumultum cum exterritae urbes ad arma concurrerent fugaque agrestium fieret, 'Romam se ire' magno clamore significabant quacumque ibant, equis uirisque longe ac late fuso agmine immensum obtinentes loci. Sed antecedente fama nuntiisque Clusinorum, deinceps inde aliorum populorum, plurimum terroris Romam celeritas hostium tulit, quippe quibus uelut tumultuario exercitu raptim ducto aegre ad undecimum lapidem occursum est, qua flumen Allia, Crustuminis montibus praealto defluens alueo, haud multum infra uiam Tiberino amni miscetur. Iam omnia contra circaque hostium plena erant et nata in uanos tumultus gens truci cantu clamoribusque uariis horrendo cuncta compleuerant sono.*

37 – Como tamanho mal estivesse iminente – de tal forma a Fortuna cega os ânimos, quando ela não quer que a sua vontade de agir seja reprimida – a cidade, que contra os inimigos de Fidena e de Veios, e contra outros povos vizinhos, experimentando muitas calamidades, recorreu a um ditador para supremos auxílios. Essa cidade então, diante de um inimigo novo e estranho, que buscava a guerra vindo do oceano e dos últimos recantos das terras, não recorreu a nenhum poder extraordinário ou auxílio. Os tribunos, cuja temeridade provocou a guerra, estavam à frente do supremo comando e, considerando nada mais cuidadosamente do que já fosse o usual para as guerras comuns, menosprezaram ainda o perigo da guerra. Nesse meio tempo os gauleses, quando souberam que fora concedida tal honra aos violadores do direito das nações e, além disso, que tinha sido frustrada a sua embaixada, inflamados pela ira (que esse povo é incapaz de controlar), imediatamente tomaram os estandartes e marcharam pelo caminho com fileira apressada. Como ao tumulto deles que passavam precipitadamente, as comunidades aterrorizadas corriam às armas e os camponeses buscavam a fuga, com

grande clamor eles anunciavam “vamos a Roma”. Por onde quer que passassem, com a fileira ocupavam imenso lugar, com os cavalos e tropas se espalhando em comprimento e largura. Mas mesmo antes do rumor e dos mensageiros dos clusinos, e também dos mensageiros dos outros povos, foi a rapidez dos inimigos que trouxe o terror a Roma; certamente porque o seu exército fora recrutado às pressas e, mesmo rapidamente conduzido, com dificuldade ele avançou onze milhas, até onde o rio Ália, descendo dos montes crustúmios por um canal muito profundo, se unia à corrente tiberina não muito abaixo do curso. Já todos os locais em frente e ao redor estavam repletos de inimigos e esse povo, dado a tumultos vãos, com canto cruel e vários gritos preenchiam tudo com horrendo clamor.

*38 – Ibi tribuni militum, non loco castris ante capto, non praemunito uallo quo receptus esset, non deorum saltem si non hominum memores, nec auspicato nec litato, instruunt aciem diductam in cornua ne circumueniri multitudine hostium possent; nec tamen aequari frontes poterant, cum extenuando infirmam et uix cohaerentem mediam aciem haberent. Paulum erat ab dextera editi loci quem subsidiariis repleri placuit, eaque res ut initium pauoris ac fugae, sic una salus fugientibus fuit. Nam Brennus regulus Gallorum in paucitate hostium artem maxime timens, ratus ad id captum superiorem locum ut, ubi Galli cum acie legionum recta fronte concucurrissent, subsidia in auersos transuersosque impetum darent, ad subsidiarios signa conuertit, si eos loco depulisset haud dubius facilem in aequo campi tantum superanti multitudini uictoriam fore. Adeo non fortuna modo, sed ratio etiam cum barbaris stabat. In altera acie nihil simile Romanis, non apud duces, non apud milites erat. Pauor fugaque occupauerat animos, et tanta omnium obliuio ut multo maior pars Veios in hostium urbem, cum Tiberis arceret, quam recto itinere Romam ad coniuges ac liberos fugerent. Parumper subsidiarios tutatus est locus; in reliqua acie simul est clamor proximis ab latere ultimis ab tergo auditus, ignotum hostem prius paene quam uiderent, non modo non temptato certamine sed ne clamore quidem reddito, integri intactique fugerunt; nec ulla caedes pugnantium fuit: terga caesa suomet ipsorum certamine in turba impedientium fugam. Circa ripam Tiberis, quo armis abiectis totum sinistrum cornu defugit, magna strages facta est; multosque imperitos nandi aut inualidos, graues loricis aliisque tegminibus, hausere gurgites; maxima tamen pars incolumis Veios perfugit, unde non modo praesidii quicquam sed ne nuntius quidem cladis Romam est missus. Ab dextro cornu, quod*

*procul a flumine et magis sub monte steterat, Romam omnes petiere et, ne clausis quidem portis urbis, in arcem confugerunt.*

38 – Então os tribunos militares, sem escolher um lugar para o acampamento ou fortificar uma trincheira que serviria de refúgio, e nem ao menos se lembrando dos deuses ou dos homens, ao não tomar os auspícios ou oferecer os sacrifícios, postaram em linha de batalha o exército alinhado em alas, de modo que a multidão dos inimigos não o cercassem. Contudo, não puderam igualar as alas já que, com essa disposição, a linha do meio ficou fraca e com custo se mantinha unida. Havia uma pequena elevação pelo lado direito, que os tribunos decidiram ocupar com as tropas de reserva; essa manobra, que marcou o início do pavor e da fuga, também serviu como o único meio de salvação aos desertores que debandavam. De fato Breno, comandante dos gauleses, especialmente receando um engodo devido ao pequeno número de inimigos – e avaliando que essa elevação tinha sido ocupada de modo que, no momento em que os gauleses atacassem de frente a linha reta das legiões, essas tropas reservas fizessem um ataque pelos lados e por trás – virou as suas tropas contra essas de reserva. Se os expulsasse daquele lugar, sem dúvida a vitória em um terreno plano seria fácil, já que os gauleses os superavam pela maior quantidade de homens. Até esse ponto não apenas a sorte, mas também a inteligência, estava com os bárbaros. No exército contrário, não havia nada que se assemelhasse aos romanos, nem junto aos comandantes, nem junto aos soldados. O pavor e a fuga tomaram os ânimos, de tal forma que tamanho esquecimento de tudo fez com que a maior parte deles fugisse para a inimiga cidade de Veios (ainda que o Tibre os retivesse) e não em direção ao reto caminho para Roma, para as suas esposas e filhos. Por pouco tempo esse local protegeu as tropas reservas; na outra linha de batalha, ao mesmo tempo foi ouvido um clamor vindo pelo lado, aos que estavam próximos, e por trás, aos que estavam distantes, a tal ponto que, sem nem ao menos ver o inimigo desconhecido, de forma alguma tentaram um combate ou sequer responderam o grito. Eles, intactos e ilesos, fugiram, e ninguém morreu lutando: na verdade eles, feridos pelas costas, eram impedidos de fugir devido à própria briga da multidão. Em volta da margem do Tibre fugiu toda a ala esquerda, tendo atirado no rio as armas. Fez-se uma grande carnificina e muitos, incapazes de nadar pelo peso das couraças e outras proteções, ou sendo feridos, foram engolidos pelos turbilhões das águas. Todavia, a maior parte deles fugiu incólume para Veios, de onde nenhum socorro ou sequer um mensageiro da derrota foi enviado a Roma. Da ala direita, que estivera

mais longe do rio e mais perto do pé do monte, todos fugiram para Roma e, nem ao menos fechando as portas da cidade, se refugiaram na cidadela.

*39 – Gallos quoque uelut obstupefactos miraculum uictoriae tam repentinae tenuit, et ipsi pauore defixi primum steterunt, uelut ignari quid accidisset; deinde insidias uereri; postremo caesorum spolia legere armorumque cumulos, ut mos eis est, coaceruare; tum demum, postquam nihil usquam hostile cernebatur, uiam ingressi, haud multo ante solis occasum ad urbem Romam perueniunt. Ubi cum praegressi equites non portas clausas, non stationem pro portis excubare, non armatos esse in muris rettulissent, aliud priori simile miraculum eos sustinuit; noctemque ueriti et ignotae situm urbis, inter Romam atque Anienem consedere, exploratoribus missis circa moenia aliasque portas quaenam hostibus in perdita re consilia essent. Romani, cum pars maior ex acie Veios petisset quam Romam, nemo superesse quemquam praeter eos qui Romam refugerant crederet, complorati omnes pariter uiui mortuique totam prope urbem lamentis impleuerunt. Priuatos deinde luctus stupefecit publicus pauor, postquam hostes adesse nuntiatum est; mox ululatus cantusque dissonos, uagantibus circa moenia turmatim barbaris, audiebant. Omne inde tempus suspensos ita tenuit animos usque ad lucem alteram ut identidem iam in urbem futurus uideretur impetus: primo aduentu, quia accesserant ad urbem, —'mansuros enim ad Alliam fuisse nisi hoc consilii foret',— deinde sub occasum solis, quia haud multum diei supererat, — 'ante noctem satius inuasuros';— tum 'in noctem dilatum consilium esse, quo plus pauoris inferrent'; postremo lux appropinquans exanimare, timorique perpetuo ipsum malum continens fuit, cum signa infesta portis sunt inlata. Nequaquam tamen ea nocte neque insequenti die similis illi quae ad Alliam tam pauide fugerat ciuitas fuit. Nam, cum defendi urbem posse tam parua relicta manu spes nulla esset, placuit cum coniugibus ac liberis iuuentutem militarem senatusque robur in arcem Capitoliumque concedere, armisque et frumento conlato ex loco inde munito deos hominesque et Romanum nomen defendere; flaminem sacerdotesque Vestales sacra publica a caede, ab incendiis procul auferre, nec ante deseri cultum eorum quam non superessent qui colerent: 'si arx Capitoliumque, sedes deorum, si senatus, caput publici consilii, si militaris iuuentus superfuerit imminenti ruinae urbis, facilem iacturam esse seniorum relictae in urbe utique perituraе turbae'. Et quo id aequiore animo de plebe multitudo ferret, senes triumphales consularesque 'simul se cum illis' palam dicere 'obituros, nec his corporibus, quibus non arma ferre, non tueri patriam possent, oneraturos inopiam armatorum'.*

39 – O prodígio de uma vitória tão repentina deixou os gauleses de tal maneira estupefatos que, em um primeiro momento, eles mesmos ficaram imóveis de espanto, como se não entendessem o que tinha acontecido; depois, temeram uma armadilha. Por fim, recolheram os despojos dos mortos e os amontoaram em pilhas de armas, de acordo com o costume deles. Depois que notaram que não havia nada de hostil, avançaram pela estrada e chegaram a Roma, não muito antes do pôr do sol. Quando os cavaleiros batedores retornaram e informaram que não viram as portas fechadas, nem sentinela vigiando as entradas, e nenhum soldado a postos nas muralhas, outro prodígio (semelhante ao anterior) os conteve. Receando a noite e o abandono da desconhecida cidade, eles acamparam entre Roma e o Ânio, depois de enviar batedores ao redor das muralhas e das outras portas para saber quais planos tinham os inimigos em uma situação tão desesperadora. Quanto aos romanos, a maior parte da tropa tinha fugido para Veios ao invés de Roma; ninguém acreditava que havia mais sobreviventes do que aqueles que tinham se refugiado em Roma; todos, ao mesmo tempo lastimando os vivos e os mortos, encheram toda a cidade com seus lamentos. Em seguida, o pavor generalizado se sobrepôs aos gemidos pessoais, assim que foi anunciado que os inimigos estavam por perto; logo eles ouviram os gritos e uivos dissonantes dos bárbaros, que em bandos perambulavam em volta das muralhas. A partir de então, e por todo o tempo até o dia seguinte, os ânimos se mantiveram inquietos a tal ponto que continuamente parecia que ia acontecer o ataque à cidade; primeiro, na chegada, pois eles já tinham se aproximado da cidade, – "de fato teriam permanecido em Ália, se isso não fosse de seu consenso". Depois, acharam que o ataque ia ser realizado ao pôr do sol, pois já não havia muita claridade, e "invadiriam melhor antes do cair da noite". Em seguida, consideraram que "o ataque tinha sido adiado para a noite, para causar mais pavor". Por fim, próximo ao amanhecer, ao temor geral se juntou o próprio perigo, quando as tropas hostis adentraram pelas portas. Contudo, de forma alguma durante aquela noite nem durante o dia seguinte os cidadãos se comportaram como aqueles que com tamanho pavor tinham fugido para Ália. De fato, como não havia esperança de que a cidade pudesse ser defendida pelas poucas tropas que restavam, decidiu-se então que, junto com as esposas e os filhos, a juventude militar e os senadores vigorosos se refugiariam na cidadela do Capitólio. Com armas e provisões estocadas, desse lugar fortificado eles defenderiam os deuses, os homens e o nome romano. O flâmine e as sacerdotisas vestais manteriam os ritos sagrados do povo protegidos do massacre e dos

incêndios, e não abandonariam o seu culto, a não ser que não existisse mais ninguém que o venerasse: "se a cidadela do Capitólio, sede dos deuses; o senado, fonte da deliberação pública; e os jovens soldados resistissem à iminente ruína da cidade, seria aceitável o sacrifício dos anciãos já que essa multidão, que fora deixada na cidade, haveria de morrer de qualquer forma". Assim, para que a multidão da plebe suportasse isso de ânimo mais calmo, os anciãos que já tinham obtido triunfos e consulados declararam publicamente que "juntamente com eles haveriam de morrer, não agravando a falta de soldados com esses corpos que não podem carregar armas e nem defender a pátria."

*41 – Romae interim satis iam omnibus, ut in tali re, ad tuendam arcem compositis, turba seniorum domos regressi aduentum hostium obstinato ad mortem animo exspectabant. Qui eorum curules gesserant magistratus, ut in fortunae pristinae honorumque aut uirtutis insignibus morerentur, quae augustissima uestis est tensas ducentibus triumphantibusue, ea uestiti, medio aedium eburneis sellis sedere. Sunt qui, M. Folio pontifice maximo praefante carmen, deuouisse eos se pro patria Quiritibusque Romanis tradant. Galli, et quia interposita nocte a contentione pugnae remiserant animos et quod nec in acie ancipiti usquam certauerant proelio nec tum impetu aut ui capiebant urbem, sine ira, sine ardore animorum ingressi postero die urbem patente Collina porta in forum perueniunt, circumferentes oculos ad templa deum arcemque, solam belli speciem tenentem. Inde, modico relicto praesidio ne quis in dissipatos ex arce aut Capitolio impetus fieret, dilapsi ad praedam uacuis occursu hominum uiis, pars in proxima quaeque tectorum agmine ruunt, pars ultima, uelut ea demum intacta et referta praeda, petunt; inde rursus ipsa solitudine absterriti, ne qua fraus hostilis uagos exciperet, in forum ac propinqua foro loca conglobati redibant; ubi eos, plebis aedificiis obseratis, patentibus atriis principum, maior prope cunctatio tenebat aperta quam clausa inuadendi: adeo haud secus quam uenerabundi intuebantur in aedium uestibulis sedentes uiros, praeter ornatum habitumque humano augustiorem, maiestate etiam quam uoltus grauitasque oris prae se ferebat simillimos dis. Ad eos uelut simulacra uersi cum starent, M. Papirius, unus ex iis, dicitur Gallo barbam suam, ut tum omnibus promissa erat, permulcenti scipione eburneo in caput incusso iram mouisse, atque ab eo initium caedis ortum, ceteros in sedibus suis trucidatos; post principium caedem nulli deinde mortalium parci, diripi tecta, exhaustis inici ignes.*

41 – Enquanto isso, em Roma, já estava tudo preparado para tamanha emergência e defesa da cidadela; então, a multidão dos anciãos regressou às casas para esperar a chegada dos inimigos, com ânimo firme para a morte. Os que exerceram magistraturas curuis, a fim de morrer com as distinções de sua antiga condição, de seus cargos ou pela virtude, trajaram a augustíssima veste que era concedida aos que foram comandantes ou que obtiveram um triunfo, e se sentaram em cadeiras de marfim no meio das casas. Conta-se que, estando à frente Marco Dólio, pontífice máximo, eles recitaram um canto e ofereceram a si mesmos a favor da pátria e dos cidadãos romanos. Os gauleses, devido à passagem da noite, abrandaram seus ânimos da tensão da luta e, como de modo algum tivessem combatido em uma luta incerta, ocupavam a cidade sem grande ímpeto ou força. Sem ira e sem ardor dos ânimos, no dia seguinte eles ingressaram na cidade pela porta Colina, que estava aberta, e chegaram ao fórum, movendo os olhos ao redor para os templos dos deuses e a cidadela, que era a única que tinha um aspecto de combate. Daquele lugar então, sendo deixada uma pequena guarda para que nenhum ataque se fizesse contra os que estavam espalhados da cidadela ou do Capitólio, eles se dispersaram pelas ruas vazias em busca da pilhagem, sem encontrar ninguém. Uma parte deles correu em bando até algumas casas próximas; outra parte se dirigiu para as distantes, como se somente essas, intocadas, estivessem cheias de despojos. Então, de novo amedrontados por esse mesmo abandono, e para que aqueles que perambulavam não fossem surpreendidos por uma armadilha inimiga, eles voltaram, reunidos, para o fórum e os lugares próximos. Nesse lugar, estando as casas da plebe fechadas e as da nobreza abertas, eles hesitavam mais em invadir as casas abertas do que as trancadas. Bastante respeitosos, ele observaram atentamente os homens sentados nos vestíbulos das casas, com ornamento e aspecto mais divino do que humano, e também muito semelhantes aos deuses pela majestade do seu semblante e a dignidade que se mostrava de sua aparência. Diante deles, como se fossem estátuas, eles ficaram parados; conta-se que um deles, Marco Papírio, com um bastão de marfim bateu na cabeça de um gaulês que lhe acariciava a sua longa barba (como outrora era costume de todos), tendo provocado a sua ira. Com ele o massacre começou e os outros, em seus assentos, foram trucidados; depois que se iniciou a carnificina nenhum dos mortais foi poupado e, após esvaziarem as casas saqueadas, lhes atearam fogo.

*42 – Ceterum, seu non omnibus delendi urbem libido erat, seu ita placuerat principibus Gallorum et ostentari quaedam incendia terroris causa, si compelli ad deditionem*

*caritate sedum suarum obsessi possent, et non omnia concremari tecta, ut, quodcumque superesset urbis, id pignus ad flectendos hostium animos haberent, nequaquam perinde atque in capta urbe primo die aut passim aut late uagatus est ignis. Romani ex arce plenam hostium urbem cernentes uagosque per uias omnes cursus, cum alia atque alia parte noua aliqua clades oreretur, non mentibus solum concipere, sed ne auribus quidem atque oculis satis constare poterant. Quocumque clamor hostium, mulierum puerorumque ploratus, sonitus flammae et fragor ruentium tectorum auertisset, pauentes ad omnia animos oraque et oculos flectebant, uelut ad spectaculum a Fortuna positi occidentis patriae nec ullius rerum suarum relicti praeterquam corporum uindices, tanto ante alios miserandi magis qui unquam obsessi sunt quod interclusi a patria obsidebantur, omnia sua cernentes in hostium potestate. Nec tranquillior nox diem tam foede actum excepit; lux deinde noctem inquieta insecuta est, nec ullum erat tempus quod a nouae semper cladis alicuius spectaculo cessaret. Nihil tamen tot onerati atque obruti malis flexerunt animos quin, etsi omnia flammis ac ruinis aequata uidissent, quamuis inopem paruumque quem tenebant collem liberati relictum uirtute defenderent; et iam cum eadem cottidie acciderent, uelut adsueti malis abalienauerant ab sensu rerum suarum animos, arma tantum ferrumque in dextris uelut solas reliquias spei suae intuentes.*

42 – Aliás, ou nem todos tinham o desejo de destruir a cidade, ou agradava aos líderes dos gauleses o seguinte: por um lado, ao se exibir alguns incêndios como a causa do terror, eles poderiam forçar os sitiados à rendição devido ao amor pelas suas habitações; por outro lado, ao não queimarem todas as casas, eles teriam como garantia que o que quer que restasse da cidade serviria para dobrar os ânimos dos inimigos. De forma alguma, no primeiro dia, o fogo se espalhou em desordem e amplamente, como aconteceria em uma cidade tomada. Os romanos, da cidadela, observavam a cidade repleta de inimigos que corriam por todas as ruas; como em uma e outra parte surgia algum novo desastre, não só não entenderam com as mentes, mas também sequer puderam confiar em seus ouvidos e olhos. Por onde quer que o clamor dos inimigos, o choro das mulheres e crianças, o som das chamas, e o estrondo das casas que ruíam desviavam-lhes a atenção, eles, assustados, para tudo viravam os ânimos, rostos e olhos, como se a fortuna os tivesse posicionado para assistir ao espetáculo da queda da pátria. Não lhes restava nada de suas posses para defenderem, exceto seus próprios corpos; eles eram muito mais miseráveis do que os outros que outrora foram atacados pois, sendo

privados da pátria, viam todas as suas posses em poder dos inimigos. Não mais tranquila foi a noite que sucedeu um dia tão horrível; depois dela, seguiu-se um dia turbulento, e não houve um momento em que parou de surgir algum espetáculo de um novo massacre. Por outro lado, oprimidos e subjugados por tantos males, por nada eles mudaram os ânimos, ainda que vissem todas as coisas serem atingidas pelas chamas e ruínas. Sem dúvida eles haveriam de defender a colina fraca e pequena que ocupavam, que pela virtude lhes restava liberada. Como esses mesmos acontecimentos se repetiam todos os dias, eles ficaram acostumados com o mal e, afastando da mente os pensamentos de suas posses, consideravam as armas e o ferro nas destras como os únicos meios para sua esperança.

*48 – Sed ante omnia obsidionis bellique mala fames utrimque exercitum urgebat, Gallos pestilentia etiam, cum loco iacente inter tumulos castra habentes, tum ab incendiis torrido et uaporis pleno cineremque non puluerem modo ferente cum quid uenti motum esset. Quorum intolerantissima gens umorique ac frigori adsueta cum aestu et angore uexati uolgatis uelut in pecua morbis morerentur, iam pigritia singulos sepeliendi promisce aceruatos cumulos hominum urebant, bustorumque inde Gallicorum nomine insignem locum fecere. Indutiae deinde cum Romanis factae et conloquia permissu imperatorum habita. In quibus cum identidem Galli famem obicerent eaque necessitate ad deditionem uocarent, dicitur auertendae eius opinionis causa multis locis panis de Capitolio iactatus esse in hostium stationes. Sed iam neque dissimulari neque ferri ultra fames poterat. Itaque, dum dictator dilectum per se Ardeae habet, magistrum equitum L. Valerium a Veiis adducere exercitum iubet, parat instruitque quibus haud impar adoriatur hostes, interim Capitolinus exercitus, stationibus uigiliis fessus, superatis tamen humanis omnibus malis cum famem unam natura uinci non sineret, diem de die prospectans ecquod auxilium ab dictatore appareret, postremo spe quoque, iam non solum cibo deficiente, et cum stationes procederent prope obruentibus infirmum corpus armis, uel dedi uel redimi se quacumque pactione possint iussit, iactantibus non obscure Gallis haud magna mercede se adduci posse ut obsidionem relinquant. Tum senatus habitus tribunisque militum negotium datum ut paciscerentur. Inde inter Q. Sulpicium tribunum militum et Brennum regulum Gallorum conloquio transacta res est, et mille pondo auri pretium populi gentibus mox imperaturi factum. Rei foedissimae per se adiecta indignitas est: pondera ab Gallis allata iniqua, et tribuno recusante additus*

*ab insolente Gallo ponderi gladius, auditaque intoleranda Romanis uox, "uae uictis [esse]".*

48 – Por outro lado, a fome, mais do que todos os males do cerco e da guerra, afligia ambos os exércitos; também a peste atormentava os gauleses, pois eles fizeram seu acampamento em um lugar rebaixado que estava entre as colinas; esse lugar era muito quente por causa dos incêndios, e cheio de vapor; também a cinza e o pó, com qualquer movimento do vento, se levantavam. Esse povo era muito intolerante a isso, pois estava acostumado à umidade e ao frio; abalados por esse calor e tormento, eles morriam como gado, quando se espalhavam as doenças. Por causa da lentidão de se sepultar um por um, eles cremavam indistintamente pilhas e montes de homens e, por isso, esse lugar se tornou conhecido pelo nome de piras gaulesas. Então, foi feita uma trégua com os romanos, e conversas foram mantidas com a permissão dos chefes. Nesses diálogos, como os gauleses continuamente reclamassem da fome e, por essa necessidade, incitassem os romanos à rendição, conta-se que, para tirar deles essa ideia, de muitos lugares do Capitólio eles lançaram pão em direção às guarnições dos inimigos. Contudo, a fome já não podia mais ser dissimulada ou suportada. Assim o ditador, enquanto pessoalmente recrutava em Árdea, ordenou que o comandante da cavalaria, L. Valério, trouxesse o exército de Veios; ele preparou e dispôs daqueles para atacar os inimigos de forma mais equilibrada. Nesse ínterim, a guarnição que estava no Capitólio, cansada pelas vigílias insones, mesmo superando todos os males humanos, tinha um único mal, a fome, que pela natureza não podia ser vencida; dia após dia eles observavam se vinha algum auxílio do ditador. Por fim, como já faltava não só a esperança, mas também o alimento; e como as tropas não avançariam mais pois, por causa dos sofrimentos, o corpo ficara fraco para as armas, decidiu-se que poderiam ou se render ou se submeter a qualquer acordo que fosse; parecia claramente que eles poderiam dar aos altivos gauleses uma pequena recompensa, de modo que abandonassem o cerco. Então o senado se reuniu e ordenou que os tribunos militares fizessem um tratado. Logo, na conferência entre Q. Sulpício, tribuno militar, e Breno, líder dos gauleses, arranjou-se um acordo; foi decidido o preço de mil libras de ouro ao povo que em breve haveria de governar as nações. Uma indignidade foi acrescida a essa determinação bastante vergonhosa, pois a balança que os gauleses trouxeram era injusta. Como o tribuno recusasse isso, o gaulês insolente adicionou a espada ao peso, e ouviu-se a intolerável voz para os romanos dizer: "ai dos vencidos".

*10 – Diu inter primores iuuenum Romanorum silentium fuit, cum et abnuere certamen uererentur et praecipuam sortem periculi petere nollent. Tum T. Manlius L. filius, qui patrem a uexatione tribunicia uindicauerat, ex statione ad dictatorem pergit: "Iniussu tuo inquit, imperator, extra ordinem nunquam pugnauerim, non si certam uictoriam uideam: si tu permittis, uolo ego illi beluae ostendere, quando adeo ferox praesultat hostium signis, me ex ea familia ortum quae Gallorum agmen ex rupe Tarpeia deiecit." Tum dictator: "Macte uirtute, inquit, ac pietate in patrem patriamque, T. Manli, esto. Perge et nomen Romanum inuictum iuuantibus dis praesta." Armant inde iuuenem aequales: pedestre scutum capit, hispano cingitur gladio ad propiorem habili pugnam. Armatum adornatumque aduersus Gallum stolide laetum et – quoniam id quoque memoria dignum antiquis uisum est – linguam etiam ab inrisu exserentem producunt. Recipiunt inde se ad stationem; et duo in medio armati spectaculi magis more quam lege belli destituuntur, nequaquam uisu ac specie aestimantibus pares. Corpus alteri magnitudine eximium, uersicolori ueste pictisque et auro caelatis refulgens armis; media in altero militaris statura modicaque in armis habilibus magis quam decoris species; non cantus, non exsultatio armorumque agitatio uana, sed pectus animorum iraeque tacitae plenum: omnem ferociam in discrimen ipsum certaminis distulerat. Vbi constitere inter duas acies tot circa mortalium animis spe metuque pendentibus, Gallus uelut moles superne imminens proiecto laeua scuto in aduenientis arma hostis uanum caesim cum ingenti sonitu ensem deiecit; Romanus mucrone subrecto, cum scuto scutum imum perculisset totoque corpore interior periculo uolneris factus insinuasset se inter corpus armaque, uno alteroque subinde ictu uentrem atque inguina hausit et in spatium ingens ruentem porrexit hostem. Iacentis inde corpus ab omni alia uexatione intactum uno torque spoliauit, quem respersum cruore collo circumdedit suo. Defixerat pauor cum admiratione Gallos; Romani, alacres ab statione obuiam militi suo progressi, gratulantes laudantesque ad dictatorem perducunt. Inter carminum prope modo incondita quaedam militariter ioculantes, Torquati cognomen auditum; celebratum deinde posteris etiam [familiae] honori fuit. Dictator coronam auream addidit donum mirisque pro contione eam pugnam laudibus tulit.*

10 – Durante muito tempo houve um silêncio entre os nobres jovens romanos, já que por um lado, eles receavam recusar o combate e, por outro, não queriam se dirigir

primeiro para essa sorte de perigo. Então Tito Mânlio, filho de Lúcio, que tinha livrado o pai da perseguição do tribuno, avançou do seu lugar até o ditador e disse: “sem a tua ordem, general, eu nunca lutaria fora da linha de batalha, nem mesmo se visse que a vitória era certa; se tu permitires, quero eu mesmo mostrar àquele animal, visto que ele saltita feroz diante dos estandartes dos inimigos, que sou oriundo daquela família que derrubou uma multidão de gauleses da rocha Tarpeia”. O ditador assim respondeu: “Tens a honrada virtude, Tito Mânlio, e a piedade para com o pai e a pátria. Avança tu e, com o auxílio dos deuses, defende o invencível nome romano”. Em seguida os companheiros armaram o jovem: ele tomou o escudo de um soldado e cingiu-se com uma espada hispana, conveniente para a luta corpo a corpo. Eles o conduziram, armado e equipado, até o gaulês insensatamente feliz e – porque aos antigos parecesse esse ser um fato digno de nota – que mostrava a língua em escárnio. Os jovens, então, se retiraram para sua posição. No centro os dois, armados, foram deixados, mais à maneira de espetáculo do que de guerra. De forma alguma eram parecidos, considerando-se seu aspecto e tipo. O corpo de um deles era notável pelo tamanho, resplandecente em uma veste multicolorida de vários tons, e com armas ornadas de ouro. O outro tinha a estatura mediana e modesta de um soldado, e armas mais úteis do que ornamentais; ele não produziu nenhum canto, nenhuma exultação ou agitação inútil das armas, mas o seu peito estava cheio de coragem e ira silenciosa, e guardava toda sua ferocidade para o momento da própria luta. Quando eles se postaram entre as duas linhas de batalha, todos os que estavam à sua volta ficaram com os ânimos suspensos pela esperança e pelo medo. O gaulês, que por cima se aproximava devido ao seu grande tamanho, lançou o escudo contra as armas adversas do inimigo que se aproximava, e projetou a espada com grande ruído, mas esse golpe foi inútil. O romano, com a ponta da espada erguida, com seu próprio escudo bateu no escudo inimigo pela parte inferior e, comprimindo-se todo entre o corpo e as armas do inimigo, aproximou-se ainda mais do perigo do ataque; com um golpe e depois outro ele feriu-lhe o ventre e a virilha, e jogou o adversário, derrubado, em um espaço enorme. Então do corpo abatido, intocado por nenhuma outra indignidade, ele tirou somente o colar que, manchado de sangue, colocou em volta do seu próprio pescoço. O pavor, junto com a admiração, paralisou os gauleses; os romanos, entusiasmados, avançaram de sua posição até o seu soldado e, louvando-o e agradecendo-o, conduziram-no até o ditador. Entre o canto militar e os gracejos desordenados que eles diziam, ouvia-se o nome Torquato, que depois foi celebrado pelos seus descendentes e tornou-se ainda a honorífica alcunha da família. O ditador

acrescentou uma coroa de ouro ao prêmio e, com admiráveis elogios, narrou essa luta em um discurso.

*26 – Vbi cum stationibus quieti tempus tererent, Gallus processit magnitudine atque armis insignis; quatiensque scutum hasta cum silentium fecisset, prouocat per interpretem unum ex Romanis qui secum ferro decernat. M. erat Valerius tribunus militum adulescens, qui haud indigniorem eo decore se quam T. Manlium ratus, prius sciscitatus consulis uoluntatem, in medium armatus processit. Minus insigne certamen humanum numine interposito deorum factum. Namque conserenti iam manum Romano coruus repente in galea consedit, in hostem uersus. Quod primo ut augurium caelo missum laetus accepit tribunus, precatus deinde, 'si diuus, si diua esset, qui sibi praepetem misisset, uolens propitius adesset'. Dictu mirabile, tenuit non solum ales captam semel sedem, sed, quotienscumque certamen initum est, leuans se alis os oculosque hostis rostro et unguibus appetit, donec territum prodigii talis uisu oculisque simul ac mente turbatum Valerius obtruncat; coruus ex conspectu elatus orientem petit. Hactenus quietae utrimque stationes fuere; postquam spoliare corpus caesi hostis tribunus coepit, nec Galli se statione tenuerunt et Romanorum cursus ad uictorem etiam ocior fuit. Ibi circa iacentis Galli corpus contracto certamine, pugna atrox concitatur. Iam non manipulis proximarum stationum, sed legionibus utrimque effusis res geritur. Camillus laetum militem uictoria tribuni, laetum tam praesentibus ac secundis dis, ire in proelium iubet; ostentansque insignem spoliis tribunum, "Hunc imitare, miles, aiebat, et circa iacentem ducem sterne Gallorum cateruas." Di hominesque illi adfuere pugnae depugnatumque haudquaquam certamine ambiguo cum Gallis est: adeo duorum militum euentum, inter quos pugnatum erat, utraque acies animis praeceperat. Inter primos, quorum concursus alios exciuerat, atrox proelium fuit; alia multitudo, priusquam ad coniectum teli ueniret, terga uertit. Primo per Volscos Falernumque agrum dissipati sunt; inde Apuliam ac mare inferum petierunt. (...)*

26 – Como os romanos estivessem quietos e passassem o tempo em guarda, um gaulês avançou, com tamanho e armas notáveis; ele fez silêncio, batendo no escudo com a lança e, por meio de um intérprete, chamou um dos romanos, para que lutasse consigo através do ferro. Havia um jovem tribuno militar, Marco Valério, que não se considerava menos digno daquela honra do que Tito Mânlio. Ele, tendo antes se informado da vontade do cônsul, avançou, armado, até o centro. Menos ilustre se

mostrou o combate humano, já que interferiram os poderes dos deuses. De fato, enquanto o romano se dirigia para a luta, um corvo de repente pousou no seu capacete, virado para o inimigo. Feliz, primeiramente o tribuno aceitou isso como um presságio vindo do céu, e depois suplicou: "caso fosse um deus, ou deusa, que a ele enviou o pássaro, que o voo propício lhe favorecesse". Ocorreu algo maravilhoso de se contar: a ave não se contentou apenas em ficar no lugar mas, todas as vezes que a luta começava, com as asas ela levantou-se, e atacou o rosto e os olhos do inimigo com o bico e as garras. Por fim o gaulês, aterrorizado pela visão de tamanho prodígio e ao mesmo tempo ferido nos olhos e na mente, foi morto por Valério; o nobre corvo, saindo de vista, dirigiu-se para o oriente. Até então as tropas dos dois lados estiveram paradas. Assim que o tribuno começou a despojar o corpo do inimigo morto, os gauleses não se mantiveram mais em posição, e a corrida dos romanos até o vencedor foi ainda mais rápida. Ali, travando um acirrado combate ao redor do corpo do gaulês derrubado, houve uma luta atroz. A batalha já não era mais travada pelos manípulos nas posições próximas, mas sim pelas legiões dispersas pelos dois lados. Camilo ordenou ir para o combate os soldados, que estavam felizes tanto com a vitória do tribuno quanto pela presença dos deuses favoráveis; mostrando-lhes o tribuno reluzente com os despojos, disse-lhes: "imitai-o, soldados e, ao redor do líder derrubado, derrotai as multidões dos gauleses". Deuses e homens tomaram parte nessa luta e de forma alguma foi duvidoso o combate contra os gauleses: uma e outra parte já compreendera nos ânimos o resultado do combate que fora travado pelos dois soldados. Entre os que avançaram primeiro, e cuja luta inflamara os outros, o embate foi atroz; o resto da multidão, antes que pudesse lançar os dardos, virou as costas. Primeiro, eles se dispersaram pela área dos volscos e pelo território de falerno; de lá se dirigiram para a Apúlia e o mar inferior.

Livro XXIII

*24 – (...) Cum eae res maxime agerentur, noua clades nuntiata aliam super aliam cumulante in eum annum fortuna, L. Postumium consulem designatum in Gallia ipsum atque exercitum deletos. Silua erat uasta – Litanam Galli uocabant – qua exercitum traducturus erat. Eius siluae dextra laeuaque circa uiam Galli arbores ita inciderunt ut immotae starent, momento leui impulsae occiderent. Legiones duas Romanas habebat Postumius, sociumque ab supero mari tantum conscripserat ut uiginti quinque milia armatorum in agros hostium induxerit. Galli oram extremae siluae cum*

*circumsedissent, ubi intrauit agmen saltum, tum extremas arborum succisarum impellunt; quae alia in aliam, instabilem per se ac male haerentem, incidentes ancipiti strage arma, uiros, equos obruerunt, ut uix decem homines effugerent. Nam cum exanimati plerique essent arborum truncis fragmentisque ramorum, ceteram multitudinem inopinato malo trepidam Galli saltum omnem armati circumsedentes interfecerunt paucis e tanto numero captis, qui pontem fluminis petentes obsesso ante ab hostibus ponte interclusi sunt. Ibi Postumius omni ui ne caperetur dimicans occubuit. Spolia corporis caputque praecisum ducis Boii ouantes templo quod sanctissimum est apud eos intulere. Purgato inde capite, ut mos iis est, caluam auro caelauere, idque sacrum uas iis erat quo sollemnibus libarent poculumque idem sacerdoti esset ac templi antistitibus. Praeda quoque haud minor Gallis quam uictoria fuit; nam etsi magna pars animalium strage siluae oppressa erat, tamen ceterae res, quia nihil dissipatum fuga est, stratae per omnem iacentis agminis ordinem inuentae sunt.*

24 – (...) Enquanto essas coisas aconteciam, soube-se de uma nova catástrofe, pois que naquele ano a fortuna as acumulava uma sobre a outra. L. Postúmio, designado cônsul, foi massacrado na Gália junto com seu exército. A floresta, pela qual ele deveria conduzir a tropa, era vasta – os gauleses a chamavam de Litana. Ao longo do caminho, pela direita e pela esquerda, os gauleses cortaram as árvores; assim elas pareceriam de pé, mas, com um leve movimento, elas cairiam. Postúmio tinha duas legiões romanas e, como tinha recrutado muitos aliados do mar superior, ele conduzia vinte e cinco mil soldados para os territórios dos inimigos. Os gauleses ficaram ao longo da borda da floresta; no momento em que a fileira entrou no mato, eles logo empurraram árvores cortadas que estavam mais externas. Elas caíram, umas sobre as outras, instáveis e mal estabilizadas; com esse desabamento, elas destruíram as armas, os homens e os cavalos, de tal forma que apenas dez indivíduos escaparam com muita dificuldade. De fato, muitos foram sufocados pelos troncos das árvores e pedaços de galhos. Os gauleses, armados, rodeando toda a floresta, mataram a outra parte deles, que estava atemorizada por esse repentino mal. De um número tão grande poucos foram capturados, já que eles foram impedidos de alcançar a ponte do rio que fora bloqueada pelos inimigos. Foi ali que Postúmio, lutando com toda a força para não ser apanhado, morreu. Os boios, exultantes, levaram até o templo, que era muito sagrado entre eles, os despojos do corpo e a cabeça decepada do general. Então, após limparem a cabeça, como era o costume

deles, ornaram o crânio com ouro, que para eles passou a ser um recipiente sagrado. Com ele fariam as libações nas solenidades e o mesmo serviria de copo para os sacerdotes do templo. Para os gauleses o butim foi tão grande quanto a vitória; de fato, embora grande parte dos animais pereceu com a queda das árvores, todavia os demais objetos – já que nada se perdeu na fuga – foram encontrados caídos por toda a fileira do exército derrubado.

Livro XXXVIII

*17 – Cum hoc hoste tam terribili omnibus regionis eius quia bellum gerendum erat, pro contione milites in hunc maxime modum adlocutus est consul: "non me praeterit, milites, omnium quae Asiam colunt gentium Gallos fama belli praestare. Inter mitissimum genus hominum ferox natio peruagata bello prope orbem terrarum sedem cepit. Procera corpora, promissae et rutilatae comae, uasta scuta, praelongi gladii, ad hoc cantus inchoantium proelium et ululatus et tripudia, et quatientium scuta in patrium quemdam modum horrendus armorum crepitus, omnia de industria composita ad terrorem. Sed haec, quibus insolita atque insueta sunt, Graeci et Phryges et Cares timeant; Romanis Gallici tumultus adsueti, etiam uanitates notae sunt. Semel, primo congressu, ad Alliam olim fuderunt maiores nostros. Ex eo tempore, per ducentos iam annos, pecorum in modum consternatos caedunt fugantque, et plures prope de Gallis triumphi quam de toto orbe terrarum acti sunt. Iam usu hoc cognitum est: si primum impetum, quem feruido ingenio et caeca ira effundunt, sustinueris, fluunt sudore et lassitudine membra, labant arma; mollia corpora, molles, ubi ira consedit, animos, sol puluis sitis, ut ferrum non admoueas, prosternunt. Non legionibus legiones eorum solum experti sumus, sed uir unus cum uiro congrediendo: T. Manlius M. Valerius quantum Gallicam rabiem uinceret Romana uirtus docuerunt; iam M. Manlius unus agmine scandentes in Capitolium Gallos detrusit. Et illis maioribus nostris cum haud dubiis Gallis, in sua terra genitis, res erat; hi iam degeneres sunt, mixti, et Gallograeci uere, quod appellantur; sicut in frugibus pecudibusque non tantum semina ad seruandam indolem ualent quantum terrae proprietas caelique sub quo aluntur mutat: Macedones, qui Alexandriam in Aegypto, qui Seleuciam ac Babyloniam, quique alias sparsas per orbem terrarum colonias habent, in Syros Parthos Aegyptios degenerarunt; Massilia, inter Gallos sita, traxit aliquantum ab accolis animorum; Tarentinis quid ex Spartana dura illa et horrida disciplina mansit? Generosius in sua quidquid sede gignitur;*

*insitum alienae terrae, in id quo alitur, natura uertente se, degenerat. Phrygas igitur Gallicis oneratos armis, sicut in acie Antiochi cecidistis, uictos uictores caedetis. Magis uereor ne parum inde gloriae quam ne nimium belli sit. Attalus eos rex saepe fudit fugauitque. Nolite existimare beluas tantum, recens captas, feritatem illam siluestrem primo seruare, dein, cum diu manibus humanis alantur, mitescere, in hominum feritate mulcenda non eamdem naturam esse; eosdemne hos creditis esse qui patres eorum auique fuerunt? Extorres inopia agrorum, profecti domo per asperrimam Illyrici oram, Paeoniam inde et Thraeciam pugnando cum ferocissimis gentibus emensi, has terras ceperunt. Duratos eos tot malis exasperatosque accepit terra quae copia rerum omnium saginaret. Vberrimo agro, mitissimo caelo, clementibus accolarum ingeniis, omnis illa cum qua uenerant mansuefacta est feritas. Vobis mehercule, Martiis uiris, cauenda ac fugienda quam primum amoenitas est Asiae: tantum hae peregrinae uoluptates ad extinguendum uigorem animorum possunt, quantum contagio disciplinae morisque accolarum ualet. Hoc tamen feliciter euenit quod, sicut uim aduersus uos nequaquam, ita famam apud Graecos parem illi antiquae obtinent cum qua uenerunt, bellique gloriam uictores eandem inter socios habebitis quam si seruantes antiquum specimen animorum Gallos uicissetis."*

17 – Como eles devessem empreender a guerra contra esse inimigo, que era o mais terrível de todos dessa região, o cônsul reuniu os combatentes e proferiu o seguinte discurso: "não me escapa, soldados, que de todos os povos que habitam a Ásia, os gauleses são superiores pela sua fama na guerra. Essa feroz nação, depois que percorreu quase todos os lugares fazendo guerra, por fim tomou lugar entre esse povo muito pacífico. Eles possuem corpos enormes, cabelos longos e ruivos, grandes escudos e espadas muito longas. Junto a isso também o canto, os gritos e as danças dos que começam um combate, e o horrendo barulho que fazem ao bater as armas nos escudos, de acordo com o seu costume, é deliberadamente preparado para causar terror. Os gregos, os frígios e o cários, como não estão acostumados a essas coisas estranhas e incomuns, sentem medo. Por outro lado nós, romanos, estamos familiarizados com esses tumultos gálicos e também já conhecemos as inconstâncias deles. Apenas uma vez, no primeiro encontro, os nossos antepassados fugiram para Ália. Desde então, e já ao longo de duzentos anos, eles são mortos ou fogem, atemorizados, como se fossem gado. Celebramos vários triunfos muito mais sobre os gauleses do que sobre o resto do mundo. Já aprendemos esse costume: se resistirmos ao primeiro ataque que eles lançam

com violento ânimo e cega ira, logo os braços deles se enfraquecem e as armas caem, devido ao suor e à fadiga. No momento em que a ira deles se acalma, por causa do sol, da poeira e da sede, eles derrubam seus corpos moles e ânimos; por isso, não precisamos mover o ferro. Não somos experientes apenas nos combates entre nossos exércitos contra os exércitos deles, mas também em luta de um só homem contra outro. De fato, Tito Mânlio e Marco Valério mostraram o quanto a virtude romana se sobressaía à fúria gaulesa, e outrora Marco Mânlio, sozinho, derrubou os gauleses que em coluna escalavam o Capitólio. Nessa época os nossos ancestrais tiveram contato com gauleses de verdade, nascidos em sua terra; esses de agora estão degenerados, miscigenados, e por isso são chamados de galo-gregos. No caso dos grãos ou dos animais, as sementes não podem conservar sua índole quando muda a propriedade da terra e do céu sob o qual se desenvolvem. Do mesmo modo os macedônios, que antes possuíram Alexandria no Egito, Selêucia, Babilônia, e outras colônias espalhadas por todo o mundo, se degeneraram em sírios, partos e egípcios. Marselha, situada entre os gauleses, tomou muitos dos traços dos vizinhos. Quanto aos tarentinos, o que restou daquela dura e temível disciplina espartana? Tudo o que é produzido em seu lugar de origem é mais digno; quando introduzido em outra terra da qual se nutre, ele transforma sua natureza e se degenera. Portanto, assim como vós matastes na fileira de Antíoco, agora matareis os frígios que portam armas gaulesas, vós vencedores, e eles, os vencidos. Receio mais que disso resulte uma glória escassa do que bastante luta. O rei Átalo muitas vezes os derrotou e os afugentou. Não acreditais que apenas as feras, quando capturadas, primeiro mantêm aquela sua ferocidade selvagem e, em seguida, domesticam-se, quando por muito tempo são alimentadas por mãos humanas. O mesmo ocorre com a natureza dos homens quando sua ferocidade se acalma; ou acreditais esses serem iguais aos que foram seus pais e antepassados? Eles deixaram a pátria por causa da falta de terras, avançaram pela duríssima região da Ilíria, depois percorreram a Peônia e a Trácia e, tendo lutado contra povos ferocíssimos, tomaram essas paragens. Essa terra, que produz uma fartura de todas as coisas, acolheu esses homens endurecidos e exasperados por tantos males. Em um campo tão fértil, com céu muito ameno, e com vizinhos pacíficos, toda aquela rudeza que tinham quando chegaram se abrandou. Por Hércules! Vós, homens de Marte, deveis o quanto antes evitar e fugir da amenidade da Ásia. Esses prazeres estrangeiros tanto podem extinguir o vigor dos ânimos, quanto o mesmo pode ocorrer através do contato com os hábitos e costumes dos vizinhos. Felizmente acontece que, embora os gauleses de forma alguma sejam fortes

perante vós, todavia entre os gregos eles ainda possuem aquela mesma fama com a qual chegaram outrora. Vós, vencedores, tereis entre os aliados a mesma glória da guerra, como se tivésseis vencido os gauleses dotados de sua antiga disposição de ânimos".

3 – Plínio, o Velho

*História natural* - Livro III

**V (4) – 31** *Narbonensis prouincia appellatur pars Galliarum quae interno mari adluitur, Bracata antea dicta, amne Varo ab Italia discreta Alpiumque uel saluberrimis Romano imperio iugis, a reliqua uero Gallia latere septentrionali montibus Cebenna et Iuribus, agrorum cultu, uirorum morumque dignatione, amplitudine opum nulli prouinciarum postferenda breuiterque Italia uerius quam prouincia.* **32** *In ora regio Sordonum intusque Consuaranorum, flumina Tecum, Vernodubrum, oppida Illiberis, magnae quondam urbis tenue uestigium, Ruscino Latinorum, flumen Atax, e Pyrenaeo Rubrensem permeans lacum, Narbo Martius Decumanorum colonia XII p. a mari distans, flumina Araris, Liria. Oppida de cetero rara praeiacentibus stagnis:* **33** *Agatha quondam Massiliensium et regio Volcarum Tectosagum atque ubi Rhoda Rhodiorum fuit, unde dictus multo Galliarum fertilissimus Rhodanus amnis, ex Alpibus se rapiens per Lemannum lacum segnemque deferens Ararim nec minus se ipso torrentes Isaram et Druentiam. Libica appellantur duo eius ora modica, ex his alterum Hispaniense, alterum Metapinum, tertium idemque amplissimum Massalioticum. Sunt auctores et Heracleam oppidum in ostio Rhodani fuisse.* **34** *Vltra fossae ex Rhodano, C. Mari opere et nomine insignes, stagnum Mastromela, oppidum Maritima Auaticorum, superque Campi Lapidei, Herculis proeliorum memoria, regio Anatiliorum et intus Dexiuatium Cauarumque; rursus a mari Tricorium et intus Tritollorum Vocontiorumque et Segouellaunorum, mox Allobrogum. At in ora Massilia Graecorum Phocaeensium foederata, promunturium Zao, Citharista portus, regio Camactulicorum, dein Suelteri supraque Verucini.* **35** *In ora autem Athenopolis Massiliensium, Forum Iuli Octauanorum colonia, quae Pacensis appellatur et Classica, amnis nomine Argenteus, regio Oxubiorum Ligaunorumque, super quos Suebri, Quariates, Adunicates. At in ora oppidum Latinum Antipolis, regio Deciatium, amnis Varus, ex Alpium monte Caenia profusus.* **36** *In mediterraneo coloniae Arelate Sextanorum, Baeterrae Septimanorum, Arausio Secundanorum, in agro Cauarum Valentia, Vienna Allobrogum. Oppida Latina Aquae Sextiae Salluuiorum, Auennio Cauarum, Apta Iulia Vulgientium, Alebaece Reiorum Apollinarium, Alba Heluorum, Augusta Tricastinorum, Anatilia, Aerea, Bormani, Comani, Cabellio, Carcasum Volcarum Tectosagum, Cessero, Carbantorate Meminorum, Caenicenses, Cambolectri qui Atlantici cognominantur,* **37** *Forum Voconi,*

*Glanum, Libii, Luteuani qui et Foroneronienses, Nemausum Arecomicorum, Piscinae, Ruteni, Samnagenses, Tolosani Tectosagum Aquitaniae contermini, Tasgoduni, Tarusconienses, Vmbranici, Vocontiorum ciuitatis foederatae duo capita Vasio et Lucus Augusti, oppida uero ignobilia XVIIII, sicut XXIIII Nemausiensibus adtributa. Adiecit formulae Galba Imperator ex Inalpinis Auanticos atque Bodionticos, quorum oppidum Dinia. Longitudinem prouinciae Narbonensis CCCLXX p. Agrippa tradit, latitudinem CCXLVIII.*

**V (4) – 31** É chamada de província Narbonense a região das Gálias que é banhada pelo mar interno, antes conhecida por "Gália de calças". Ela está separada da Itália pelo rio Var e pelos cumes dos Alpes – que têm sido muitíssimo vantajosos para o império romano. Pelo lado setentrional ela se divide do resto da Gália pelos montes das Cevenas e do Jura. Devido à cultura dos seus campos, a reputação dos homens e costumes, e pela amplitude de recursos, a Narbonense de forma alguma deve ser considerada província; na verdade, ela é mais Itália que província. **32** Pelos litorais há a região dos sordones e mais adentro o domínio dos consuaranos, os rios Tech e Verdouble, as povoações dos iliberris – um pequeno vestígio do que um dia fora uma grande cidade – e Ruscino dos latinos; o rio Aude, que desce dos Pirineus e atravessa o lago Rubrense; Narbo Márcio – colônia da décima legião, distante doze milhas do mar; os rios Árar e Liria. De resto, as cidades são raras devido aos pântanos que se situam próximos. **33** Há a cidade de Ágata, que um dia foi dos marselheses, o território dos volcos tectósagos, e ainda o local onde existiu a colônia Roda dos ródios – de onde vem o nome do rio Ródano, de longe o mais copioso das Gálias. É esse rio que, desde os Alpes, passa com força pelo lago Lemano e se mistura ao vagaroso Árar e às torrentes dos rios Isara e Druência, não menos impetuosas que ele mesmo. As suas duas embocaduras menores são chamadas de "líbicas", sendo uma delas hispaniense, e a outra metapina; a terceira embocadura, que é a maior, é chamada de massaliota. Há autores que dizem ter existido uma cidade chamada Heracleia na foz do Ródano. **34** Mais além estão os canais que saem do Ródano, obra de Caio Mário e conhecidos pelo seu nome; o lago Mastromela; a cidade Marítima dos aváticos e, acima, as Planícies Pedregosas, uma lembrança dos combates de Hércules. Tem-se a região dos anatílios e no interior a região dos dexivates e dos cavaros; de novo, junto ao mar, a área dos tricórios e no interior estão os tritolos, os vocôncios e os segovelaunos, depois desses os alóbroges. No litoral há Marselha, dos gregos fócios e nossa aliada; o cabo Zao; o porto de Citarista; a região dos

camactúlicos; depois estão os suelteros e acima os verucinos. **35** Ainda no litoral há Atenópolis, dos marselheses; o Fórum de Júlio, colônia da oitava legião, que também é chamada de "Pacense" e "clássica"; há um rio de nome Argênteo; a região dos oxúbios e dos ligaunos e, acima desses, os suebros, os quariates e os adunicates. No litoral há a cidade latina de Antípolis, a região dos deciatos e o rio Var, que desce do monte Cenia dos Alpes. **36** No interior há as colônias de Arelate, da sexta legião; Beterras, da sétima; e Aráusio da segunda. No território cavaro está Valencia, e no território dos alóbroges, Viena. Depois, as cidades latinas de Água Sexta, (no território) dos salúvios; Avênio, dos cavaros; Apta Júlia, dos vulgientes; Alebece, dos reios apolinários; Alba, dos hélvios; Augusta, dos tricastinos; Anatília; Aerea; e ainda os bormanos, os comanos; a povoação de Cabélio, Carcaso dos volcos tectósagos; Cessero; Carbantorate, dos meminos; os cenicenses; os cambolectros, que são chamados de "atlânticos". **37** Fórum Vocono; Glano; os líbios; os lutevanos, também conhecidos como foroneronienses; Nemauso, dos arecômicos; Piscinas; os rutenos; os samnagenses; os tolosanos tectósagos vizinhos à Aquitânia; os tasgodunos; os tarusconienses; os umbrânicos; as duas capitais do domínio aliado dos vocôncios: Vásio e Luco de Augusto. Na verdade há também dezenove cidades de pouca importância, assim como outras vinte e quatro pertencentes aos nemáusios. O imperador Galba acrescentou a essa categoria, dentre os habitantes dos Alpes, os avânticos e os bodiônticos, cuja cidade é Dínia. Segundo Agripa, a província Narbonense tem trezentas e setenta milhas de comprimento e duzentas e quarenta e oito milhas de largura.

**VI (5)** – **38** *Italia dehinc primique eius Ligures, mox Etruria, Vmbria, Latium, ibi Tiberina ostia et Roma, terrarum caput, XVI p. interuallo a mari. Volscum postea litus et Campaniae, Picentinum inde ac Lucanum Bruttiumque, quo longissime in meridiem ab Alpium paene lunatis iugis in maria excurrit Italia. Ab eo Graeciae ora, mox Salentini, Poeduculi, Apuli, Peligni, Frentani, Marrucini, Vestini, Sabini, Picentes, Galli, Vmbri, Tusci, Veneti, Carni, Iapudes, Histri, Liburni.* **39** *Nec ignoro ingrati ac segnis animi existimari posse merito, si obiter atque in transcursu ad hunc modum dicatur terra omnium terrarum alumna eadem et parens, numine deum electa quae caelum ipsum clarius faceret, sparsa congregaret imperia ritusque molliret et tot populorum discordes ferasque linguas sermonis commercio contraheret ad conloquia et humanitatem homini daret breuiterque una cunctarum gentium in toto orbe patria fieret.* **40** *Sed quid agam? Tanta nobilitas omnium locorum, quos quis attigerit, tanta*

*rerum singularum populorumque claritas tenet. Vrbs Roma uel sola in ea et digna iam tam festa ceruice facies, quo tandem narrari debet opere? Qualiter Campaniae ora per se felixque illa ac beata amoenitas, ut palam sit uno in loco gaudentis opus esse naturae?* **41** *Iam uero tota ea uitalis ac perennis salubritas, talis caeli temperies, tam fertiles campi, tam aprici colles, tam innoxii saltus, tam opaca nemora, tam munifica siluarum genera, tot montium adflatus, tanta frugum uitiumque et olearum fertilitas, tam nobilia pecudi uellera, tam opima tauris colla, tot lacus, tot amnium fontiumque ubertas totam eam perfundens, tot maria, portus, gremiumque terrarum commercio patens undique et tamquam iuuandos ad mortales ipsa auide in maria procurrens!* **42** *Neque ingenia ritusque ac uiros et lingua manuque superatas commemoro gentes. Ipsi de ea iudicauere Grai, genus in gloriam sui effusissimum, quotam partem ex ea appellando Graeciam Magnam! Nimirum id, quod in caeli mentione fecimus, hac quoque in parte faciendum est, ut notas quasdam et pauca sidera attingamus. Legentes tantum quaeso meminerint ad singula toto orbe edissertanda festinari.*

VI – **38** Em seguida há a Itália, e os primeiros dela são os lígures; depois há a Etrúria, a Úmbria, o Lácio e, nesse lugar, a foz do Tibre e Roma, capital do mundo, distante dezesseis milhas do mar. Depois há os litorais dos volscos e da Campânia, o litoral de Piceno e, mais adiante, as costas da Lucânia e de Brútio; a partir da cadeia de montanhas dos Alpes em forma de meia lua, esse é o lugar mais ao sul no qual a Itália se estende até os mares. Desse ponto há os litorais da Magna Grécia, depois os salentinos, os pedículos, os ápulos, os pelígnos, os frentanos, os marrucinos, os vestinos, os sabinos, os picenos, os gauleses, os úmbrios, os etruscos, os vênetos, os carnos, os iápides, os istros e os liburnos. **39** Não ignoro que eu possa ser acusado de conduta negligente e de espírito fraco devido essa maneira de descrever rápida e resumidamente essa mesma terra que é filha e mãe de todas as terras, escolhida pela vontade dos deuses para tornar o próprio céu mais glorioso, reunir os impérios dispersos, abrandar os costumes, juntar as línguas diferentes e selvagens de tantos povos em um idioma comum para os diálogos, conceder humanidade ao homem e, em suma, ser no mundo todo a única pátria de todos os povos. **40** Mas como a descreverei? Quem poderia enumerar a enorme nobreza de todos os lugares e a grande fama de cada uma dessas partes e povos? A cidade de Roma mesmo, sozinha, tem uma cabeça digna de tão ilustre pescoço; com que esforço então deve ser narrada? Também o litoral da Campânia, por si mesmo fértil e de rica amenidade, que claramente em um só lugar está tudo o que é

necessário para uma natureza exuberante! **41** De fato, toda essa terra possui salubridade vital e perene, grande equilíbrio do clima, campos muito férteis, colinas bastante ensolaradas, bosques bastante intactos, muitas florestas sombreadas, inúmeros tipos generosos de matas, vários ventos dos montes, enorme fertilidade de frutos das videiras e das oliveiras, tão nobres velos dos animais, muitas nucas gordas de touros, tantos lagos, tamanha abundância de rios e fontes que vertem por toda a Itália, tantos mares, portos e o seio das terras que se abre ao comércio por todos os lados e que avança de tal forma que auxilia os ávidos mortais aos próprios mares! **42** Não falarei sobre os engenhos, costumes, homens e povos vencidos pela língua e pela luta. Os próprios gregos – um povo muito dissipado em sua glória – assim o fizeram, ao chamar uma pequena parte da Itália de Magna Grécia! Certamente isso também deve ser feito nessa parte – como já fizemos na descrição do céu – de modo que atinjamos certos indícios e poucos astros. Peço aos leitores que se recordem que acelerei as descrições de cada coisa sobre todo o mundo.

Livro IV

**XVII (31) – 105** *Gallia omnis Comata uno nomine appellata in tria populorum genera diuiditur, amnibus maxime distincta. A Scalde ad Sequanam Belgica, ab eo ad Garunnam Celtica eademque Lugdunensis, inde ad Pyrenaei montis excursum Aquitanica, Aremorica antea dicta. Vniversam oram XVIIL Agrippa, Galliarum inter Rhenum et Pyrenaeum atque oceanum ac montes Cebennam et Iures, quibus Narbonensem Galliam excludit, longitudinem CCCCXX, latitudinem CCCXVIII computauit.* **106** *A Scaldi incolunt extera Texuandri pluribus nominibus, dein Menapi, Morini ora Marsacis iuncti pago qui Gesoriacus uocatur, Britanni, Ambiani, Bellouaci, Bassi. Introrsus Catoslugi, Atrebates, Nerui liberi, Veromandui, Suaeuconi, Suessiones liberi, Vlmanectes liberi, Tungri, Sunuci, Frisiauones, Baetasi, Leuci liberi, Treueri liberi antea et Lingones foederati, Remi foederati, Mediomatrici, Sequani, Raurici, Helueti, coloniae Equestris et Raurica. Rhenum autem accolentes Germaniae gentium in eadem prouincia Nemetes, Triboci, Vangiones, in Vbis colonia Agrippinensis, Guberni, Bataui et quos in insulis diximus Rheni.*

**XVII (31) – 105** Toda a Gália que é chamada pelo único nome de Cabeluda se divide em três raças de povos, separadas sobretudo por meio de rios. Do rio Escalda até o Sena há a Gália Bélgica; do Sena até o Garona, a Gália Céltica ou Lugdunense; de lá até o promontório dos montes Pireneus há a Gália Aquitânia, antes chamada de Armórica. Agripa calculou toda a costa das Gálias em mil setecentas e cinquenta milhas; entre o Reno e os Pireneus e entre o oceano e os montes das Cevenas e do Jura, dos quais se exclui a Gália Narbonense, há uma extensão de quatrocentas e vinte milhas e uma largura de trezentas e dezoito milhas. **106** Ao exterior do Escalda habitam os toxandros de muitos nomes, depois há os menápios; na praia há os mórinos, que são próximos aos marsácios por um povoado que é chamado de Gesoriaco, os britanos, os ambianos, os belóvacos e os bassos. No interior estão os catoslugos, os atrébates, os livres nérvios, os veromânduos, os suaeuconos, os suessiões livres, os ulmanectes livres, os tungros, os sunucos, os frisiabões, os betasos, os livres leucos, os tréveros outrora livres, os aliados língones, os remos aliados, os mediomátricos, os séquanos, os ráuricos, os helvécios, e as colônias Equestre e Ráurica. Há ainda os habitantes dos povos da Germânia que estão próximos ao Reno; nessa mesma província estão os nêmetes, os tribocos e os vangíones; dentre os úbios há a colônia de Agripina, os gubernos, os batavos e os que já mencionamos sobre as ilhas do Reno.

**XVIII (32) – 107** *Lugdunensis Gallia habet Lexouios, Veliocasses, Caletos, Venetos, Abrincatuos, Ossismos, flumen clarum Ligerem, sed paeninsulam spectatiorem excurrentem in oceanum a fine Ossismorum circuitu DCXXV, ceruice in latitudinem CXXV. Vltra eum Namnetes, intus autem Aedui foederati, Carnuteni foederati, Boi, Senones, Aulerci qui cognominantur Eburouices et qui Cenomani, Meldi liberi, Parisi, Tricasses, Andecaui, Viducasses, Bodiocasses, Venelli, Coriosuelites, Diablinti, Riedones, Turones, Atesui, Segusiaui liberi, in quorum agro colonia Lugudunum.*

**XVIII (32) – 107** A Gália Lugdunense engloba os lexóvios, os veliocassos, os caletos, os vênetos, os abrincâtuos, os ossismos, o famoso rio Líger, e uma península muito notável que avança para o oceano a partir da fronteira dos ossismos, em um contorno de seiscentas e vinte e cinco milhas e, no estreito, com uma largura de cento e vinte e cinco milhas. Do outro lado estão os namnetes e, no interior, os éduos aliados, os carnutos também aliados, os boios, os sênones, os aulercos que são chamados tanto de eburovices quanto os que são chamados de cenomanos, os livres meldos, os parísios, os tricasses,

os andecavos, os viducassos, os bodiocassos, os venelos, os coriosvelites, os diablintos, os riédones, os turões, os atésuos e os livres segusiavos, em cujo território está a colônia de Lugduno.

**XIX (33) – 108** *Aquitanicae sunt Ambilatri, Anagnutes, Pictones, Santoni liberi, Bituriges liberi cognomine Viuisci, Aquitani, unde nomen prouinciae, Sedibouiates. Mox in oppidum contributi Conuenae, Begerri, Tarbelli Quattuorsignani, Cocosates Sexsignani, Venami, Onobrisates, Belendi, saltus Pyrenaeus infraque Monesi, Oscidates Montani, Sybillates, Camponi, Bercorcates, Pinpedunni, Lassunni, Vellates, Toruates, Consoranni, Ausci, Elusates, Sottiates, Oscidates Campestres, Succasses, Latusates, Basaboiates, Vassei, Sennates, Cambolectri Agessinates.* **109** *Pictonibus iuncti autem Bituriges liberi qui Cubi appellantur, dein Lemouices, Aruerni liberi, Vellaui liberi, Gabales. Rursus Narbonensi prouinciae contermini Ruteni, Cadurci, Nitiobroges Tarneque amne discreti a Tolosanis Petrocori. Maria circa oram ad Rhenum septentrionalis oceanus, inter Rhenum et Sequanam Britannicus, inter id et Pyrenaeum Gallicus. Insulae conplures Venestorum et quae Veneticae appellantur et in Aquitanico sinu Vliaros.*

**XIX (33) – 108** Na Aquitânia estão os ambilatros, os anagnutos, os píctones, os santões livres, os bitúriges livres de cognome viviscos, os aquitanos – daí o nome da província – e os sediboviatos. Depois, unidos em uma cidade, estão os convenos, os begerros, os tarbelos de quatro ensígnias, os cocosates de seis ensígnias, os venamos, os onobrisates, os belendos, os montes Pireneus e, abaixo, os monesos, os oscidates montanheses, os sibilates, os camponos, os bercorcates, os pimpedunos, os lassunos, os velates, os torvates, os consoranos, os auscos, os elusates, os sotiatos, os oscidates das planícies, os sucasses, os latusates, os basaboiates, os vasseus, os senates, os cambolectros agessinates. **109** Por outro lado, junto aos píctones, estão os livres bitúriges que são chamados de cubos; depois os lemovices, os livres arvernos, os livres velavos e os gábalos. Novamente, vizinhos à província Narbonense, estão os rutenos, os cadurcos, os nitióbriges e, separados dos tolosanos pelo rio Tarne, os petrocoros. Os mares que rodeiam a costa são o oceano setentrional, que vai até o Reno; entre o Reno e o Sena, o oceano Britânico; entre esse e os Pireneus, o oceano Gálico. Há várias ilhas dos vênetos que são chamadas de Vênetas e, no golfo aquitânio, há a ilha de Uliaros.

**LXXIII (48) – 190** *Lana autem laudatissima Apula, et quae in Italia Graeci pecoris appellatur, alibi Italica; tertium locum Milesiae oues obtinent. Apulae breues uillo nec nisi paenulis celebres; circa Tarentum Canusiumque summam nobilitatem habent; in Asia uero eodem genere Laudiceae. Alba Circumpadanis nulla praefertur, nec libra centenos nummos ad hoc aeui excessit ulla.* **191** *Oues non ubique tondentur; durat quibusdam in locis uellendi mos. Colorum plura genera, quippe cum desint etiam nomina iis quas natiuas appellant aliquot modis: Hispania nigri uelleris praecipuas habet, Pollentia iuxta Alpes cani, Asia rutili, quas Erythraeas uocant, item Baetica, Canusium fului, Tarentum et suae pulliginis. Sucidis omnibus medicata uis. Histriae Liburniaeque pilo propior quam lanae, pexis aliena uestibus et quam Salacia scutulato textu commendat in Lusitania. Similis circa Piscinas prouinciae Narbonensis, similis et in Aegypto, ex qua uestis detrita usu pingitur rursusque aeuo durat. Est et hirtae pilo crasso in tapetis antiquissima gratia; iam certe his usos Homerus auctor est. Aliter haec Galli pingunt, aliter Parthorum gentes.* **192** *Lanae et per se coactae uestem faciunt, et si addatur acetum, etiam ferro resistunt, immo uero etiam ignibus nouissimo sui purgamento. Quippe aenis polientium extracta in tomenti usum ueniunt, Galliarum, ut arbitror, inuento; certe Gallicis hodie nominibus discernitur.* **193** *Nec facile dixerim qua id aetate coeperit; antiquis enim torus e stramento erat, qualiter et iam nunc in castris. Gausapae patris mei memoria coepere, amphimalla nostra, sicut uillosa etiam uentralia. Nam tunica lati claui in modum gausapae texi nunc primum incipit. Lanarum nigrae nullum colorem bibunt. De reliquarum infectu suis locis dicemus in conchyliis maris aut herbarum natura.*

**LXXIII (48) – 190** De fato, a lã mais famosa é a da Apúlia; em seguida, a lã que na Itália é chamada de grega, e que em outros lugares é chamada de itálica; ocupam o terceiro lugar as lãs milésias. A lã da Apúlia é curta no pelo e famosa apenas para fazer capas; a lã que vem das redondezas de Tarento e Canúsio tem maior renome; na verdade na Ásia há a lã do mesmo tipo de Laodiceia. Nenhuma lã branca é superior à lã das vizinhanças do Pó, e nunca nenhuma lã excedeu o valor de cem sestércios por libra. **191** Não são em todas as partes que as ovelhas são tosquiadas; em certos locais ainda existe o costume de arrancar a lã. Há muitos tons de cores de lã a ponto de faltarem nomes

para essas que de qualquer forma se chamam de naturais; a Hispânia tem excelentes velos negros; Polência, perto dos Alpes, tem a lã branca; a Ásia, a lã vermelha que chamam de eritreia, igual a lã da Bética; Canúsio, a lã amarelo-acastanhada; Tarento tem uma lã própria de cor escura. Todas as lãs que ainda estão engorduradas possuem propriedade medicinal. A lã da Ístria e da Libúrnia é mais parecida com cabelo do que com lã e é imprópria para vestes de pelos; é essa a que Salácia, na Lusitânia, utiliza para tecidos xadrez. É semelhante à lã das redondezas de Piscinas, na província Narbonense, e semelhante também a que tem no Egito, com a qual se remenda um traje gasto pelo uso e que de novo dura muito tempo. Também é antiquíssima a popularidade da lã dura de pelo grosso para tapetes; certamente Homero já atestou esses usos. Os gauleses trabalham a lã de uma forma; de outra forma o fazem os povos partos. **192** As lãs condensadas formam uma veste que, caso se lhes adicione vinagre, elas resistem ao ferro e, ainda mais, resistem ao fogo, depois de uma nova purificação. Na verdade os restos que ficam nos caldeirões, depois de trabalhados, são utilizados como enchimento de colchões, que eu considero como um invento das Gálias; certamente hoje os distinguimos através dos nomes gauleses. **193** Eu não poderia dizer facilmente em que época esse uso começou; de fato, nossos ancestrais usavam cordas de palha como colchão, como ainda agora se faz nos acampamentos. As gausapas começaram a ser usadas na época do meu pai;[636] a baeta, em nossa época, assim como também os aventais felpudos. De fato agora, pela primeira vez, a túnica laticlava começou a ser tecida à maneira de gausapa. As lãs negras não absorvem nenhuma cor. Sobre o tingimento das outras lãs, falaremos a esse respeito nas passagens sobre as conchas do mar e sobre a natureza das plantas.

Livro XXX

**IV – 13** *Gallias utique possedit, et quidem ad nostram memoriam. Namque Tiberii Caesaris principatus sustulit Druidas eorum et hoc genus uatum medicorumque. Sed quid ego haec commemorem in arte Oceanum quoque transgressa et ad naturae inane peruecta? Britannia hodieque eam attonita celebrat tantis caerimoniis, ut dedisse Persis uideri possit. Adeo ista toto mundo consensere, quamquam discordi et sibi*

[636] Aportuguesamos o termo latino *gausapa*, que designava um tecido grosso de lã.

*ignoto, nec satis aestimari potest quantum Romanis debeatur qui sustulere monstra in quibus hominem occidere religiosissimum erat, mandi uero etiam saluberrimum.*

**IV – 13** Em todo caso a magia se apoderou das Gálias e certamente até a nossa época. O fato é que o principado de Tibério César aboliu os druidas e esse tipo de adivinhos e médicos deles. Mas porque eu mesmo recordaria isso, sobre uma arte que já transpôs o Oceano e penetrou no vazio da natureza? Ainda hoje a aturdida Britânia celebra essa arte com muitos ritos, de modo que possa parecer que isso foi passado aos persas. Daí parece que os povos em todo o mundo, ainda que entre si fossem diferentes e desconhecidos, por fim entraram em acordo sobre isso, e não se pode avaliar suficientemente o quanto se deve aos romanos que suprimiram essas monstruosidades, para as quais era muito religioso sacrificar um homem e o fato de devorá-lo era considerado salutar.

Livro XXXIII

**V – 14** *Romae ne fuit quidem aurum nisi admodum exiguum longo tempore. Certe cum a Gallis capta urbe pax emeretur, non plus quam mille pondo effici potuere. Nec ignoro MM pondo auri perisse Pompeii III consulatu e Capitolini Iovis solio a Camillo ibi condita, et ideo a plerisque existimari MM pondo collata. Sed quod accessit, ex Gallorum praeda fuit detractumque ab iis in parte captae urbis delubris.* **15** *Gallos cum auro pugnare solitos Torquatus indicio est. – Apparet ergo Gallorum templorumque tantundem nec amplius fuisse; quod quidem in augurio intellectum est, cum Capitolinus duplum reddidisset. Illud quoque obiter indicari conuenit – etiam de anulis sermonem repetiuimus –, aedituum custodiae eius conprehensum fracta in ore anuli gemma statim expirasse et indicium ita extinctum.* **16** *Ergo ut maxime MM tantum pondo, cum capta est Roma, anno CCCLXIIII fuere, cum iam capitum liberorum censa essent CLII DLXXIII. In eadem post annos CCCVII, quod ex Capitolinae aedis incendio ceterisque omnibus delubris C. Marius filius Praeneste detulerat, XIII pondo, quae sub eo titulo in triumpho transtulit Sulla et argenti VI. Idem ex reliqua omni uictoria pridie transtulerat auri pondo XV, argenti p. CXV.*

**V – 14** Na verdade em Roma por muito tempo não houve ouro, exceto em diminuta quantidade. De fato, quando a cidade foi tomada pelos gauleses e a paz seria estabelecida, eles não puderam juntar mais do que mil libras. Não ignoro que duas mil libras de ouro se perderam do trono de Júpiter Capitolino – aí colocadas por Camilo – durante o terceiro consulado de Pompeu; por isso muitos consideram que na verdade foram juntadas duas mil libras de ouro. Mas o que acresceu a isso foram o butim e a pilhagem daqueles templos que os gauleses fizeram na parte da cidade que foi tomada. **15** Como indica a história de Torquato, os gauleses estavam habituados a lutar usando ouro. Assim, parece evidente tal quantidade de ouro não ser maior que aquela que tinham os gauleses ou os templos; na verdade o que se percebeu foi que Júpiter Capitolino, em uma profecia, retornaria o dobro. Já que recordamos o assunto sobre os anéis, também convém mencionar o episódio em que o guarda do templo de Júpiter Capitolino, ao ser surpreendido, quebrou a gema do seu anel na boca e imediatamente morreu; dessa forma o indício do ladrão desapareceu. **16** Portanto, na ocasião do ano 364 da cidade, quando Roma foi tomada, havia no máximo duas mil libras de ouro e, como constava no censo, 152.573 homens livres. Após 307 anos, o ouro da cidade – que Caio Mário Filho levara a Preneste após o incêndio do templo Capitolino e de todos os outros santuários – totalizava treze mil libras; Sila transcreveu esse número em uma inscrição durante um triunfo, assim como seis mil libras de prata. Ele também trouxera, no triunfo da véspera, quinze mil libras de ouro e cento e quinze mil libras de prata obtidas em todas as outras vitórias.